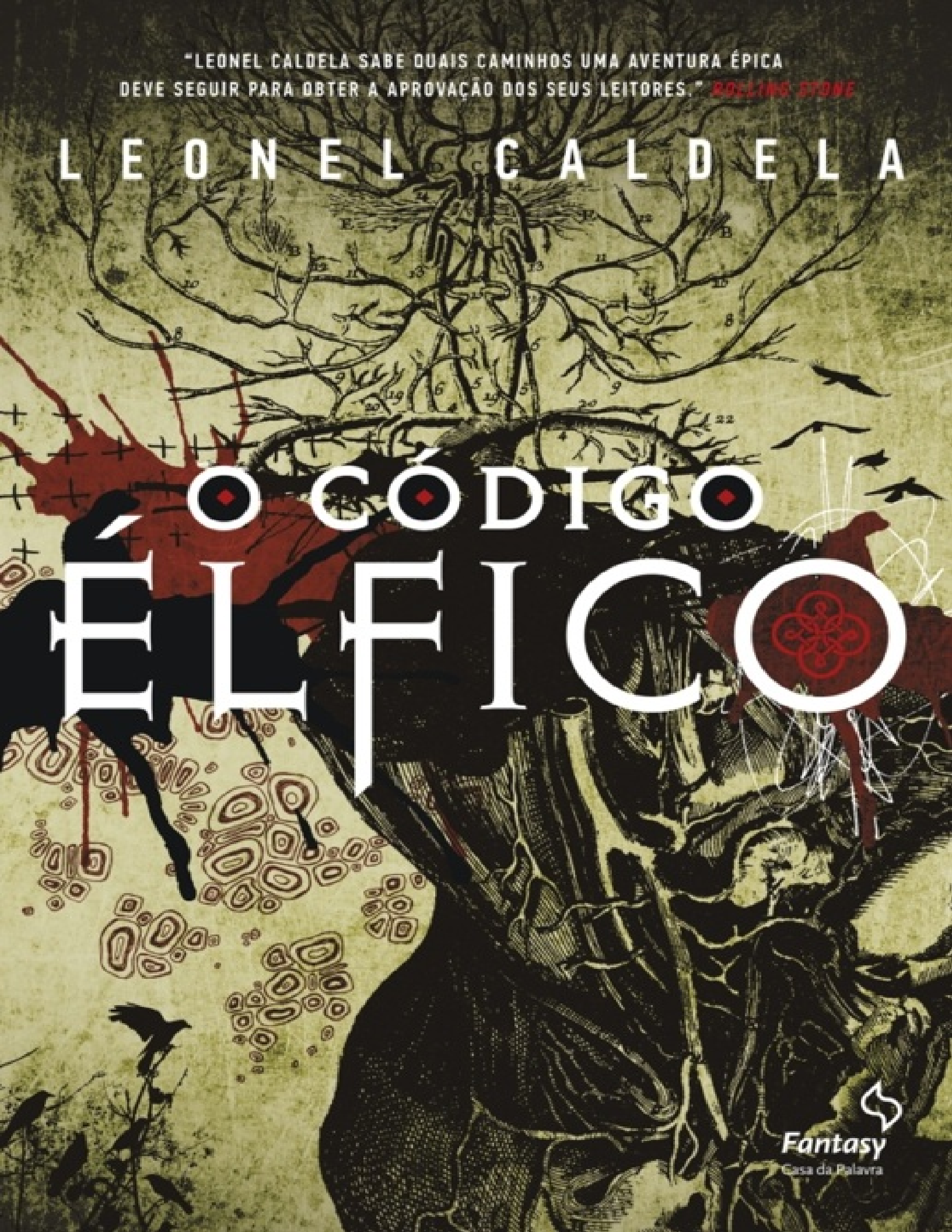
"LEONEL CALDELA SABE QUAIS CAMINHOS UMA AVENTURA ÉPICA DEVE SEGUIR PARA OBTER A APROVAÇÃO DOS SEUS LEITORES." ROLLING STONE

LEONEL CALDELA

O CÓDIGO ÉLFICO



Fantasy
Casa da Palavra

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Info*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.



Ficha Técnica

Copyright © 2013 Leonel Caldela
Copyright © 2013 Casa da Palavra
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.
Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direção editorial
Martha Ribas
Ana Cecilia Impellizieri Martins
Coordenador do selo Fantasy
Raphael Draccon
Editora
Fernanda Cardoso Zimmerhansl
Editora assistente
Beatriz Sarlo
Copidesque
Mariana Oliveira
Revisão
Tiago Ramos
Capa
Babilonia Editorial – Rafael Nobre
CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
C151c
Caldela, Leonel
O código élfico / Leonel Caldela - Rio de Janeiro : Casa da Palavra, 2013.

ISBN 9788577343584
1. Ficção brasileira. I Título.
13-0402. CDD: 869.93
CDU: 821.134.3(81)-3
18.01.13 22.01.13 042260
casa da palavra produção editorial
Av. Calógeras, 6, 1001, Centro
Rio de Janeiro RJ 20030-070
21.2222-3167 21.2224-7461
divulga@casadapalavra.com.br
www.casadapalavra.com.br

Dedicado aos meus mestres

A flecha eterna

A CORDA SE ESTENDEU ATÉ o arco atingir a envergadura perfeita. No mesmo gesto, os braços abaixaram-no, mantendo a posição. A flecha ficou quase à altura dos olhos. Os dedos de Nicole já estavam calejados, experientes em segurar a corda e a flecha encaixada. Ela estava acostumada à tensão máxima sem esforço, com total tranquilidade naquele mundo fora do mundo. No tempo fora do tempo.

Ela não pensava. Mal notava o elfo a poucos metros de distância. Percebia os arredores através da mente, num estado de concentração perfeita em que unia sua vontade com a do universo, e transformava a mira em realidade.

Os dedos se moveram, sem que ela desse o comando. A corda foi solta. A energia acumulada naquela postura ancestral liberou-se de uma vez só, impulsionando a flecha rumo ao alvo.

Assim como o arqueiro, a flecha não hesitava.

Assim como o arqueiro, a flecha não errava.

Nicole Manzini era humana. Mas, depois de tanto treinamento, a arquearia élfica tornara-se tão natural quanto respirar. O elfo sempre lhe dizia: para o guerreiro, o tiro era natural como a respiração. Fazia parte do mundo e, assim como o vento, as montanhas ou a neve, nunca estaria errado.

A flecha voava certeira rumo ao alvo, e Nicole piscou, por um instante confusa.

– Que lugar é este? – disse.

Olhou o homem estranho, também portando um arco, observando seu progresso. Ele não era humano. As longas orelhas, o físico delgado, o ar de segurança e majestade com que se portava não deixavam dúvida de que fosse um elfo.

A flecha continuava em seu voo sem fim – o tempo não fazia sentido.

– Quem é você? – insistiu Nicole.

Ele era seu mestre. Seu amigo. A pessoa com quem convivera durante semanas, meses ou anos – era difícil ter certeza. Ela o conhecia tão bem quanto a si mesma; podia ler cada movimento seu, cada intenção, cada olhar. Observara-o

puxar o arco incontáveis vezes, estudara seus gestos, tentara reproduzi-los até que os músculos ardessem, os braços não respondessem mais aos comandos e as pernas fraquejassem de tanto sustentar a postura correta. Os dois – mestre e discípula – existiam sozinhos naquele mundo fora do mundo desde que ela conseguia lembrar, mas de súbito não o reconhecia mais.

E a flecha continuava em seu caminho infinito.

– Isto ainda não aconteceu, Nicole – disse o elfo.

– Estou sonhando? – ela desfez a posição do arqueiro, voltando à postura mundana a que estava acostumada na vida normal: braços caídos, costas levemente curvadas para a frente. – Botaram alguma coisa no meu café? Estou sendo abduzida de novo?

– Não. – Ele chegou mais perto.

A flecha cravou-se no alvo, com um ruído quase imperceptível.

Todas as memórias voltaram.

Nicole levou a mão à cabeça.

– Já estou melhor – ela disse. – Não sei o que houve comigo, Astarte. De repente tudo parecia... estranho. Desconhecido.

– É porque isto ainda não aconteceu – ele sorriu.

Astarte, o elfo, inspirou fundo, e ela acompanhou sua respiração. Ambos ajoelharam-se sobre a relva, sentados nos próprios calcanhares, recuperando a calma que o treinamento exigia.

– Às vezes também fico confuso – disse Astarte. – Não estamos na Terra ou em Arcádia. Não estamos no presente, mas também não no passado ou no futuro. Acho que a confusão é inevitável. Tudo é muito complicado.

– Na verdade, tudo aqui é simples – ela esboçou um sorriso leve.

No lugar que não era lugar, no tempo fora do tempo, não havia cultistas. Não havia porões, manicômios ou laboratórios. Não havia uma deusa profana salivando sobre suas cabeças. Não havia mercenários caçando-os ou um homem manipulador controlando tudo, oculto atrás de sua máscara de ouro. Só havia a planície e as montanhas. O céu azul, a brisa suave. A floresta, a chuva e o sol.

Os arcos, as flechas e os alvos.

Nicole e Astarte.

Não havia memórias, não havia urgência. Não havia a corrida contra o tempo, antes que o ritual se completasse e tudo estivesse perdido.

Se não houvesse Arcádia ou a Terra, se não houvesse passado ou futuro, tudo seria perfeito. Tudo seria como naquele mundo fora do mundo, naquele tempo fora do tempo.

– O tiro foi certeiro – disse Astarte.

– O arqueiro não comemora o acerto, assim como não lamenta o erro – Nicole recitou, repetindo as palavras que tantas vezes ouvira dele.

O elfo deu uma risada fácil, solta. Em seguida, tornou-se sério.

– Você sabe o que isso significa, Nicole. Está pronta.

Ela apertou os lábios. Assim que estivesse pronta, teria de voltar. Para cumprir o dever que havia imposto a si mesma.

– Mas, se isto ainda não aconteceu – ela retrucou –, então ainda temos muito tempo.

Astarte sentiu-se tonto. A visão encheu-se de pequenas manchas luminosas, o sangue pareceu esvair da cabeça. Foi sua vez de experimentar a desorientação. Estava em Arcádia. Não conhecia nenhum humano, jamais pisara na Terra. Sequer *sabia* que existia um mundo dos humanos. Como, então, podia ter passado semanas, meses, anos com uma humana, compartilhando tudo com ela? Se não conhecia nenhum humano, como podia conhecê-la mais do que a si mesmo? Como podia tê-la instruído na disciplina da arquearia élfica?

– Calma, Astarte! – Nicole tocou seu rosto. – Você mesmo falou. Isto ainda não aconteceu. Nós ainda não nos conhecemos. Ainda falta muito para que...

Não completou a frase.

Ainda não conhecia aquele homem. Ainda não dividira com ele uma vida inteira de reclusão e aperfeiçoamento. Então por que lhe doía tanto conhecer a razão de treinar?

Os dois se olharam, muito conscientes da própria tontura. Sabiam que aquilo ainda não havia acontecido, mas não sabiam explicar como. Dividiam as mesmas dúvidas, e a única certeza era que estavam ali. Juntos. Com um mesmo propósito, há uma vida inteira.

Os dois aproximaram os rostos simultaneamente, como se obedecessem a um comando. No tempo fora do tempo, foi um instante enlouquecedor, antes de os lábios se tocarem. A proximidade deixava-os sentir o calor um do outro, notar o que o olfato só percebia quando muito perto, e tornava possível entreouvir as batidas do coração de outra pessoa. Uma entrega que abria mão de todas as defesas, todas as máscaras. O efeito era de uma eletricidade estática.

– Nicole! – disse Astarte, de repente.

Então os dois saltaram, no momento em que uma explosão surgia no lugar onde haviam estado. O estrondo da granada reverberou por toda a planície, e os soldados vestidos de preto avançaram de assalto, disparando seus fuzis.



– Como eles vieram parar aqui? – gritou Nicole.

Astarte não respondeu; rolou no chão, para trás, ajoelhando-se e puxando a corda do arco. Mirou e disparou. A flecha alojou-se na cabeça de um dos mercenários, quebrando o visor do capacete, que recobria seu rosto inteiro. O impacto fez com que o pescoço do inimigo se movesse violentamente para trás, e a rajada de seu fuzil varou o ar, inofensiva. Mas o soldado continuou correndo, como se a flecha cravada não lhe causasse nenhum incômodo.

Não conseguiam descobrir de onde os soldados surgiam; apenas que estavam lá, de alguma forma. Talvez fosse obra de um ritual inimigo ou um sinal da aproximação dos mundos, o fato era que os agentes trajados de negro estavam invadindo o que Astarte e Nicole tinham julgado ser um refúgio inexpugnável. Alguns saíam das sombras da floresta, onde haviam permanecido ocultos em meio às árvores. Dois emergiram de um lago próximo, sem a necessidade de respirar e portando armas que resistiam à água. Outros cinco correram de trás de uma colina, cercando o elfo e a humana, disparando de forma a encurralá-los.

Os pesados coturnos negros pisoteavam o lugar que era feito só dos dois, como uma invasão militar no inconsciente.

Nicole correu em zigue-zague pela relva, evitando os tiros, vendo o chão eclodir em pequenos estouros onde as balas atingiam. Puxou uma flecha da aljava e deteve-se por uma fração de segundo, em meio à corrida. Não parou para mirar o alvo, deixou que os instintos de arqueira guiassem a flecha, e continuou a correr antes de voltar-se para ver o resultado do tiro. Um dos mercenários foi atingido no joelho, desabando. Mas, assim como os outros, ele não sentia dor, e ergueu-se de novo para continuar atirando.

A presença daqueles homens ali era desconcertante. Conspurcava o local de treinamento. Forçava os uniformes negros, os fuzis e escopetas na mente e na vontade da humana e do elfo. Nicole embrenhou-se na floresta, sem saber onde Astarte estava. Sentia-se sufocada, sua concentração perturbada e ameaçada por aquela incursão inexplicável.

– Isto ainda não aconteceu – repetiu para si mesma. – Não estou aqui.

Ouviu um ruído em meio às árvores; deu um salto silencioso, segurando-se em um galho e escondendo-se em meio a uma copa folhosa. Mesmo sob a luz do sol, a floresta era sombria e cheia de segredos. De alguma forma, a presença dos mercenários tornava-a ainda mais escura. Mas Nicole aprendera a se esconder,

assim como aprendera a atirar com o arco e a canalizar o poder de Arcádia, então a escuridão também trabalhava a seu favor.

Dois soldados andavam em meio aos troncos grossos, apontando os fuzis para todos os lados, procurando por ela. Os tiros e explosões ressoavam – ao longe, muito perto – e não havia como saber o que se passava com o elfo. Contudo, ali estava o perigo imediato, dois ou três metros abaixo, na forma de homens que não morriam e não desistiam, com trajes blindados e capacetes fechados.

Nicole respirou sem fazer barulho. Encaixou duas flechas na corda do arco. Puxou a corda e fechou os olhos, confiando na concentração e na vontade acima dos sentidos mundanos.

Saltou da árvore enquanto disparava.

As duas flechas foram certeiras: uma se alojou no pescoço de um dos soldados, a outra perfurou as mãos do segundo. Embora nenhum dos dois tiros fosse fatal, ambos seriam um incômodo. Enquanto o primeiro inimigo apertava o gatilho e disparava em retaliação, o segundo tentava livrar as mãos da flecha, para fazer o mesmo. Nicole aterrissou entre os dois, deu um salto felino para trás do segundo mercenário, largou seu arco e agarrou as mãos presas do homem, abraçando-o. Então puxou o gatilho do fuzil e direcionou a rajada para o primeiro, atingindo suas mãos, pés e tronco.

– Reforços! – comunicou o mercenário, pelo rádio. Ainda estava ativo apesar de tudo.

Nicole apanhou o arco no chão e correu, desviando-se das árvores, fazendo um caminho sinuoso, enquanto a floresta era tomada de inimigos. Alcançou a encosta de uma colina, um paredão quase vertical, e saltou. O corpo, quase horizontal, correu pela superfície inclinada acima da copa das árvores, desafiando a gravidade por alguns instantes. Avistou dois pequenos objetos negros se aproximando e, num mergulho em direção ao solo, transpôs grande distância até aterrissar em terreno aberto, em meio à relva, enquanto as duas granadas explodiam.

Ergueu-se ao lado de Astarte. Ficaram de pé, um de costas para o outro, enquanto os mercenários vinham de todos os lados. A relva ao redor do elfo estava atapetada de corpos crivados por flechas, que ainda se moviam.

– Qual é o plano? – gritou Nicole.

– Eles vão dominar o lugar! – respondeu Astarte. – Você precisa voltar!

– Seu plano é uma porcaria. Como vamos vencê-los?

Estavam cercados pelos homens de preto, que disparavam rajadas intermitentes. Astarte sacava flechas da aljava e as atirava com o arco repetidas

vezes, em uma velocidade inumana, a mão e o braço transformados em um borrão de movimento. Uma flecha perfurou o estômago de um dos mercenários – um ferimento insignificante, se não tivesse rompido sua espinha e derrubado-o. Outra alojou-se no cano de um fuzil, inutilizando a arma. Uma terceira cravou o peito do inimigo, tirando-lhe o controle dos braços. Um mercenário correu para o lado, sob a cobertura de fogo de seus companheiros, e arremessou uma granada. Astarte sacou uma flecha e disparou, acertando o objeto num ângulo perfeito para jogá-lo de volta aos inimigos. A granada explodiu, destroçando três soldados.

E, costas com costas, Astarte e Nicole giravam, protegendo um ao outro. Esquivavam-se e dançavam pela relva, evitando as balas sem nunca se separar, como se aquela fosse uma coreografia ensaiada.

– Você precisa voltar! – repetiu o elfo.

– Isso vai aumentar o domínio deles!

– *Não importa, Nicole. Saia daqui.*

– Me obrigue!

Dois soldados avançaram lado a lado – um deles disparando uma escopeta, o outro segurando um grande escudo típico da polícia de choque, protegendo ambos. Nicole pulou para cima, quando o chão sob seus pés estourou com a munição .12. Jogou-se para trás e, deitada de costas, disparou, varando os tornozelos do inimigo que carregava o escudo. Ele caiu, batendo no companheiro e desequilibrando-o. Num movimento contínuo, ela se agachou e deixou voar mais uma flecha, dessa vez partindo o fêmur do homem com a escopeta.

Eles não morriam, não paravam. Mas podiam ser desabilitados por um ferimento grave.

– Vá embora, Nicole! – Astarte gritou. – Ou você nunca mais vai sair daqui!

– Quem disse que *quero* sair daqui?

– *Por favor*... – Mas foi interrompido.

O mundo fora do mundo, o tempo fora do tempo, de repente foi tomado por uma presença avassaladora. Astarte viu-se incapaz de falar. Como se todos os sentidos fossem sobrecarregados: ofuscação, ruído ensurdecedor, agonia paralisante.

Mas não havia tanto estímulo. Apenas a chegada de um homem.

O Dragão.

– Olá, Alteza.



Ele surgiu sem explicação, assim como seus soldados. Vestia o impecável terno, que parecia reluzir com escamas douradas. Era elegante, alto e belo, o porte físico ideal de um humano. Seu rosto oculto pela máscara de ouro. Na mão direita, a magnífica espada, com sua lâmina fina e recurvada de um único gume.

Astarte e Nicole sentiram o Dragão tomando o controle do refúgio com sua vontade titânica.

O inimigo deu um salto impossível. Metros acima, parado no ar, corpo contra o sol, de forma que não se podia distinguir seus movimentos. Segurou o cabo da espada com as duas mãos e desceu sobre Astarte, desferindo um golpe perfeito. O elfo não teve tempo de esquivar-se; num reflexo, usou o arco para aparar, e a madeira se partiu ante o metal. O Dragão pousou, e seu segundo golpe atingiu Astarte na coxa, arrancando um esguicho de sangue e fazendo-o curvar-se.

– Ambos estão aqui – disse o Dragão, em sua voz controlada. Não transparecia nenhuma sugestão de esforço. Não estava ofegante, mantinha a tranquilidade perfeita. – Isto facilita tudo.

– Não! – Astarte gritou, sacando sua própria lâmina.

No mesmo movimento, desferiu um golpe veloz, capaz de decapitar qualquer guerreiro comum. Mas o Dragão não era comum – sem que o elfo enxergasse, a espada inimiga estava em seu caminho, bloqueando o ataque. O clangor de metal contra metal reverberou na planície.

Uma flecha voou certeira contra as costas do recém-chegado. Ele virou-se num relâmpago e partiu-a ao meio com a espada.

– Você foi treinada por uma razão, Nicole – a voz de Astarte continha súplica. – Se ele capturá-la agora, tudo vai estar perdido! Por favor, saia daqui!

Os mercenários aglomeravam-se ao redor dela. Com a presença do Dragão, era mais difícil fazer mira, mais difícil esquivar-se. Ela aos poucos se convencia da própria derrota, e sabia que Astarte experimentava o mesmo. Era o poder da vontade monumental do inimigo.

Não estavam na Terra ou em Arcádia. Não estavam no presente, no passado ou no futuro. Ela não sabia como eles haviam chegado até lá, mas aquele mundo fora do mundo estava sendo dominado, assim como Arcádia já fora e a Terra seria.

O Dragão segurou a espada com ambas as mãos e ergueu-a. Desferiu um golpe com a velocidade do pensamento, a ponta da arma indo de encontro ao rosto de

Astarte.

– Isto ainda não aconteceu, Nicole! Você não está aqui!



– Nicole? – disse o professor.

Ela piscou.

Quase caiu da cadeira, demorou para perceber que estava na sala de aula. Tinha certeza de que não estivera dormindo, mas ausentara-se por completo. Podia ter sido um minuto ou meia hora. Mal se lembrava do punhado de colegas e do orientador esclarecendo as últimas dúvidas. Seus cadernos e livros foram ao chão, enquanto ela se atrapalhava para voltar à realidade.

– Você está bem? – disse alguém.

– Ótima – gaguejou.

Mas achava que não.

Ao contrário das outras vezes, não se lembrava de coisa alguma. Não fazia ideia do que se passara enquanto estivera "ausente". Uma vaga impressão de um lugar etéreo, em que passado, presente e futuro se confundiam, mas só isso. Não tinha qualquer memória de experimentos ou exames, dos captores ou da enfermaria macabra. Mesmo sem nenhuma pista sobre o que lhe acontecera, presumiu que só poderia ter sido abduzida mais uma vez. Afinal, não havia outra explicação para que apagasse sem dormir e voltasse tempo depois, sem que ninguém parecesse notar sua ausência física.

Era isso, ou estava ficando louca. O que, em seu caso, seria até mais reconfortante.

Murmurando qualquer coisa sobre estafa e estresse, Nicole Manzini recolheu seus cadernos e livros e retomou sua rotina de estudante de mestrado. Nunca vira um arco ou uma flecha de perto, jamais lutara com ninguém e odiava armas. Procurava manter distância de qualquer esquisitice – e não lembrar o que se passara naquele lapso em plena universidade era um bom começo.

Se ela se lembrasse do Dragão, da espada e da máscara de ouro, poderia estar preparada. Se recordasse a razão do treinamento que ainda não acontecera, saberia que a deusa se aproximava, e que tudo que ela procurava deixar para trás estava voltando, pior do que nunca.

Mas talvez fosse impossível, mesmo para Nicole Manzini, estar pronta para o horror.

PARTE I
A cela e a sombra

Capítulo 1

O Dragão e o girassol

ELA ERA PERFEITA.

Naquela época do ano, anoitecia cedo em Santo Ossário. Quando o ônibus chegou à plataforma, um breu sem lua já dominava o céu, e as portas das lojas estavam trancadas. Alguém dissera a ela que, na cidade, não teria problema, tudo ficava aberto noite e dia, a iluminação pública criava um ar festivo. Ela sabia que Santo Ossário era uma cidade ínfima, perdida no meio daquele interior nebuloso – mas menos perdida que a casa de onde viera.

Para visitar os vizinhos, precisava que seu pai a levasse, quase uma hora de carro. A tevê pegava inúmeros canais por satélite, mas dependiam de uma antena temperamental, que resolvia não funcionar na hora da novela. Não tinham internet, porque o pai não via necessidade. No sítio, era ela, o pai e a mãe, mais um capataz de cabeça lerda. Na casa mesmo só os três. Uma casa órfã, longe de tudo. Ela só via as amigas quando podia sair a uma feira agrícola qualquer. Sentia-se meio alienígena, uma estranha para si mesma.

Naquela existência solitária, Santo Ossário parecia mesmo uma metrópole, e era seu objetivo. A capital ficava distante demais, era muito perigosa. O resto do país era outro mundo, um lugar quase fictício, onde as pessoas falavam com sotaque e namoravam atores. Quando ela e as amigas eram crianças, imitavam as pessoas das novelas e filmes dublados, atentas ao linguajar estudado e neutro, e riam por horas. Assim era o mundo lá fora – coisa de brinquedos infantis. Mas Santo Ossário estava ao alcance de um ônibus e de um sonho.

Assim, ela saíra como planejado. A mãe fora cúmplice, dera-lhe dinheiro para passar alguns dias numa pensão. Tudo escondido do pai, é claro. Muitas vezes já haviam digladiado, e ele sempre dizia que morar na cidade era bobagem. Mas, com 18 anos e o ensino médio completo, o que ele esperava que ela fizesse? Casasse com o capataz? A mãe, nas conversas secretas da cozinha, repetia que o velho estava sendo turrão, embora nem fosse tão velho. Queria proteger a filha, mas de quê? Então, um dia, num pavilhão de feira, ela usou um computador para

marcar uma entrevista de emprego na Strauss S.A. Usando um conhecimento intuitivo que não sabia ter, comprou a passagem de ônibus também pela internet. Recebeu da mãe um maço de notas economizadas clandestinamente, mais um embrulho de comida, e seguiu à parada no meio da estrada, certa tarde quando o pai estava ausente. Esperou sozinha durante 45 minutos, o coração batendo rápido, até o ônibus surgir exibindo uma placa no para-brisa que dizia Santo Ossário e mais uma porção de cidades. A porta abriu, ela entrou.

E agora ela chegava, perfeita, carregando uma mala e um farnel meio constrangedor embrulhado em pano de prato. Encontrava Santo Ossário escura, desligada. Já no primeiro minuto descobria uma ilusão: nada de ar festivo na cidade, nada de iluminação pública tornando a noite brilhante como um dia amarelado. Tudo fechado.

Com ela, desceram apenas mais dois, que encontraram conhecidos esperando na rodoviária e saíram rápido, conversando qualquer coisa. O ônibus não demorou a fechar as portas e dar marcha a ré, então manobrar e desaparecer de vista. Mais nenhum outro chegando. Ela olhou em volta, com um ar meio bobo, e notou o guichê de passagens fechado, a lanchonete fechada, a lojinha de presentes fechada. Esta pelo menos tinha uma luz acesa, e ela parou na vitrine um minuto, examinando as bugigangas. Chaveiros, canecas, ímãs de geladeira. Exibiam fotos das famosas ruínas de Santo Ossário, onde batalhas históricas haviam sido travadas entre índios e colonizadores. Mas principalmente exibiam alusões ao Festival de Cinema.

Riu sozinha. Secretamente, ali estava a razão de escolher aquela cidade. O emprego ao qual se candidatara era uma simples posição de recepcionista, mas no fundo ansiava por conhecer uma das estrelas que se instalavam na cidade de dois em dois anos. Alguém de alguma outra parte do país, ou até um estrangeiro. Por que não? Ela falava um pouco de alemão, herança da avó. Era bonita, todos diziam. Cabelos loiros finos, que se assentavam quase sem precisar de pente. Pele rósea como se já nascesse maquiada, altura correta e corpo de curvas naturais.

Santo Ossário era um sonho possível. Tinha uma vaga de recepcionista na Strauss S.A. e um Festival Internacional de Cinema. Santo Ossário era perfeita.

E ela também.



Vagou por mais de meia hora. A mão esquerda já ardia por segurar firme a alça

da mala – apesar de tudo, temia que, se levasse a bagagem sobre as rodinhas, alguém poderia roubá-la. O braço direito incomodava. Agora já começava a estremecer, não suportando mais ficar dobrado sustentando o prato duralex envolto em tecido. O cheiro da comida embrulhada já saturara suas narinas, começava a ficar enjoativo, mas o estômago roncava. Ela havia conseguido um mapa turístico no balcão de informações da rodoviária (fechado, mas oferecendo os panfletos a quem quisesse), e tentava olhar as ruas desenhadas enquanto percorria as da realidade. Os dedos segurando o mapa dobrado forçavam a mão direita a uma posição ainda mais desconfortável, os tendões gritavam pelo esforço. Os olhos lacrimejavam ante o vento frio. Ela não era estranha ao frio nem à escuridão, mas aquele era o frio de outra cidade, uma escuridão que impedia que discernisse os nomes das ruas nas placas. Desorientava, fazia com que ela andasse a esmo.

No impresso, estavam destacados os pontos turísticos: o museu dos Monges, a Fortaleza da Memória, os três cemitérios principais. Também o grande teatro Ada Strauss, onde os principais filmes do festival eram exibidos, e o hotel das Hortênsias. Nenhuma pensão. O Hotel das Hortênsias devia ser caro, mas àquela altura ela estava disposta a gastar tudo que tinha por um teto onde pudesse passar a noite e encontrar alguém que lhe desse alguma informação. Pensou em telefonar para casa, mas empederniu-se. O celular permanecia desligado, para que ela não ouvisse recriminações – e, de qualquer forma, queria provar ao pai e a si mesma que era capaz de arranjar as coisas sozinha.

Dobrou mais uma esquina e viu-se de novo numa rua escura, desconhecida. À vista, só casas fechadas, com luz escapando pelas frestas das venezianas. Poderia bater numa porta e perguntar por orientações... ou pedir para descansar um pouco.

Como uma mendiga?

A esse pensamento, agarrou forte a alça da mala e saiu a passos firmes numa direção aleatória.

Já quase engolia o orgulho quando o acaso trouxe-a de volta à rodoviária. Apressou-se para lá, só porque era um lugar conhecido. Postou-se sob uma luz ainda acesa, pela crença inconsciente e infantil de que estaria mais segura. Tremeu por uns minutos, suspirou ao admitir o que precisaria fazer. Sentou-se em um banco. Pousou o farnel no colo, desembrulhou-o. Franziu o nariz para o cheiro, mas precisava comer. Dormiria ali mesmo, usando a mala como travesseiro. Enfiou a mão na comida caseira fria, dizendo a si mesma que tudo ficaria melhor de manhã.

– Alice?

Ouvir seu nome assim, no meio do nada, fez com que desse um pulo. Quando ergueu os olhos e viu-se diante de um homem, deu outro salto, não havia notado quando ele se aproximara.

Ele estava de pé, alto e sorridente, com a mão estendida em cumprimento. De repente, uma luz zumbiu e se acendeu sobre ele, como se fosse um filme. Ela ia apertar sua mão, mas se lembrou dos dedos sujos de molho. Ele fez surgir um lenço e ofereceu-lhe, ela se limpou de olhos baixos, sentindo as bochechas arderem.

– Se não falar nada, vou ter que continuar a chamá-la de Alice. Ou prefere que adivinhe seu nome? Cecília? Giselda? Tonha?

Ela riu, boba como uma menina. Devolveu o lenço, disse num fiapo de voz que era mesmo Alice.

– E o senhor...? – Um medo súbito da mítica fauna predatória das cidades lhe acometeu.

– Emanuel. Emanuel Montague.

Agora, sim, deu-lhe a mão. Ele cumprimentou-a num aperto firme, caloroso e macio, que dizia “tudo está bem”.

– Desculpe a péssima recepção que teve em nossa cidade. Não somos assim, acredite.

– Como... – começou Alice.

– Você tem uma entrevista marcada, não?

Ela assentiu, atônita. O farnel ainda desembrulhado no colo.

– Então você é minha responsabilidade. Afinal, vamos trabalhar juntos.

Ele trabalhava para a Strauss? Seria seu chefe? E o que significava aquilo? A vaga já era sua?

– O senhor vem receber todos?

– Só alguns. – Deu um sorriso.

Ela chegou a raciocinar que não avisara a ninguém sobre o horário de sua chegada, mas o pensamento perdeu-se na conversa do homem.

– É que você é perfeita.



Emanuel apresentou-lhe a suíte de hóspedes e deixou-a sozinha, sentindo o calor do ambiente climatizado. Ela não era burra: ligou o celular. Afinal, estava na casa de um homem desconhecido.

Apenas quando Alice desviou o olhar e guardou o aparelho no bolso as barras de sinal sumiram.

Examinou o quarto. Esticou-se, espreguiçou-se, notou o quanto estivera tensa. Os músculos relaxaram-se, provocando uma sensação deliciosa; ela não conteve um suspiro. Sentiu vontade de tomar banho (havia uma banheira enorme, como só vira em filmes), mas a ideia de estar nua na casa de Emanuel deixava-a desconfortável. E, mesmo pensando nisso, lembrou-se do sorriso dele, do rosto anguloso e belo, do braço que erguera sua mala sem esforço, da voz grave e musical, e sentiu um formigamento na pélvis.

Trancou a porta, tirou a roupa e entrou na banheira.

Saiu do quarto vestindo roupa limpa. O estômago roncou ante um aroma conhecido e inesperado. Emanuel pousava o prato fumegante na mesa de jantar, dois lugares estavam postos.

– Não resisti – disse ele, num sorriso. – Aqueci o que você trouxe. Parecia gostoso demais.

O cheiro era de casa, a comida de sua mãe enchia o ar de conforto. Ela sentou-se e se serviu. Sentiu as papilas inundadas pelo sabor, ainda mais intenso do que ela se lembrava. Estava pronta para recusar álcool, mas Emanuel ofereceu suco de uva. O azedume era quase imperceptível por baixo da doçura natural da fruta, o suco descia pela garganta como uma carícia. Alice achou que parecia intoxicada, todos os sentidos aguçados e ao mesmo tempo confusos. A textura áspera da toalha de mesa era interessante e agradável. A fofura do estofado da cadeira. Os quadros nas paredes.

O rosto de Emanuel, os ombros largos que de alguma forma lembravam o pai – mas uma versão ainda melhor.

– Você acredita em sincronicidade, Alice?

Ela disse que não sabia, rindo. Surpreendeu-se ao ver que não estava constrangida. Serviu-se de mais comida, mais suco. Apetite, leveza.

– Você sabe. Sincronicidade. Alguns podem chamar de sincronia, mas acho uma palavra barata demais para um conceito tão bonito.

– Não sei.

– Claro que sabe. Todo mundo sabe. Sincronicidade é quando uma garota perfeita preenche um formulário na internet, exatamente quando estou pedindo uma garota perfeita.

– Pedindo?

– Sincronicidade é quando nos encontramos na rodoviária de Santo Ossário, sem haver combinação prévia. A lanchonete fechada, o guichê fechado, para que

ninguém pudesse roubar nosso momento.

– Não acredito que comi tanto.

– Espero que possa comer mais, porque fiz arroz doce.

Quando ela se deu conta, já havia uma tigela cheia da sobremesa à sua frente, salpicada com a quantidade certa de canela em pó. Igual à da mãe. O estômago estava repleto, mas cada colherada apenas trazia mais prazer gustativo, não forçava a saciedade além do confortável.

– É meu preferido.

– Sincronicidade é um estranho fazer seu doce preferido no dia em que você chega, Alice. Sincronicidade é não estarmos procurando um ao outro, mas nossos propósitos na vida nos juntarem.

– Propósitos?

– Depois. Os ignorantes chamam sincronicidade de coincidência, mas devemos reverenciar o grande plano do universo, a direção à qual rumamos inexoravelmente. Venha, três tigelas de arroz doce são suficientes.

Pegou-a pela mão, ela flutuou até a sala. Havia uma tevê enorme. Prateleiras com caixas coloridas, exibindo os títulos de suas séries e filmes favoritos.

– Uma mente pequena pensaria que isto é algum tipo de sonho ou ilusão – continuou Emanuel Montague. – Que investiguei sobre você. Por favor, não pense isso, Alice! Seria blasfemar contra o momento sublime, a perfeição sincrônica que está acontecendo.

Ela tocou seu ombro, ousada. O corpo inteiro formigava. O coração acelerado, um arrepio na espinha. Lembrou-se de quando sentira algo parecido, com os garotos na escola. Tudo empalidecia. Estava em Santo Ossário, onde as coisas eram perfeitas.

– Sinta a sincronicidade. Você já quase *existe*.

Enlaçou-a pela cintura com o braço esquerdo. A mão direita sumiu no paletó.

Voltou com uma faca.

Alice gritou.

– *Sinta o instante sublime, Alice*.

A lâmina enterrou-se em seu flanco. O sangue transbordou, como se estivesse aguardando a permissão e oportunidade de se libertar do corpo. Alice tremia, inspirava aos solavancos.

– Por quê?

– Porque você é perfeita.

O segundo corte fez o vestido cair no ângulo exato, o sangue escorreu na configuração desejada. Os pingos no carpete foram perfeitos, marcando vértices

em um diagrama subentendido.

– Sua perfeição faz parte da sincronicidade, Alice. Veja como é perfeita! – agarrou seu rosto e virou-a a um espelho. – Fui fiel à Rainha, pratiquei todos os rituais, e ela me recompensou. Recompensou-me com a chance de adorá-la. Mas mesmo isso é só o começo. Sinta o que está chegando. Sinta-se existir.

– Faço o que você quiser – choramingou a moça.

– Não se subestime – disse Emanuel. – Desde que nasceu, você fez o que *preciso*.

– Por favor, não fiz nada para você.

– Não, não. – O fio da lâmina encostado. – Isto não é vingança. Isto não é ódio.

Pressionou a faca, produzindo outra linha vermelha.

– Não existimos um sem o outro, Alice. Por isso nos encontramos. O que é o assassino, sem a vítima? O que é a vítima, sem o assassino? Não existimos um sem o outro. Não *somos*, um sem o outro. Está sentindo, Alice? Você está prestes a existir.

Ela berrou. Não conseguia deixar de olhar-se no espelho pendurado na parede ao lado.

– Não planejamos nos encontrar, mas precisávamos nos encontrar, porque só então seríamos assassino e vítima. A água flui pelo rio, Alice, dobra-se ante as pedras, obedece às margens, sem desafiá-las, pois sabe que no fim chegará ao mar. Apenas o homem é tolo o bastante para tentar dominar tudo isso. Devemos ser como a água, Alice, curvar-nos ao caminho que nos foi destinado, sem resistir, sem intenções, porque sabemos que irá nos levar ao momento de existência. Ao momento em que fazemos sentido.

Deixou-a desabar. Ajoelhou-se sobre ela, montando em seu estômago. Mudou a empunhadura da faca, usando-a como se fosse um pincel.

– Você nunca serviria se não fosse perfeita. Não lhe tenho amor, porque isso também é intenção. O que temos é maior! Não *sou* sem você, e você não *é* sem mim. A carne, sem a faca, é apenas um amontoado de células, um punhado de tecidos sofrendo processos químicos. A faca, sem a carne, é apenas um pedaço de metal. Inveje-as *agora* – mais um corte – porque agora elas existem.

E Alice teve a impressão de não estar mais na sala, cercada pela tevê e pelas prateleiras coloridas. Ao seu lado, parecia haver uma mulher – a mulher mais bela que ela já vira – e uma arquitetura complexa, que desafiava a lógica. Como um imenso quebra-cabeças.

– Minha Rainha, ofereço-lhe esta beleza perfeita.

Emanuel usou a faca, desfazendo a beleza de Alice.

– Sinta. *Sinta*. Entregue-se. Não pense. *Seja*.

Então cortou a garganta da garota.

– O momento sublime, Alice – disse Emanuel, com os olhos fechados, a boca semiaberta. – Sou o assassino, você é a vítima.

O perfume de flores tomou conta do ambiente. Ele ficou assim por alguns instantes, reverente como em reza, até sentir a pulsação deixar o corpo da vítima.

Respirou, abriu as pálpebras.

Era de novo apenas um homem; ela era apenas um cadáver. Puxou a faca. Por um instante, o cabo e a lâmina cresceram em sua mão, até transformar-se em uma espada. Mas então a realidade mundana voltou a se assentar.

– Agradeça-me, Alice – ele disse para a morta. – A maioria das pessoas nunca realiza seu potencial, nunca se completa. Pense em quantas jovens lindas nunca irão morrer pela minha faca! Apiede-se delas, Alice. Você experimentou a plenitude.

Examinou os respingos vermelhos, traçados pela sala seguindo um padrão ritualístico – a vontade da Rainha fora satisfeita. Obra do acaso, para a mente tacanha.

Para ele, sincronicidade.



Emanuel estava à frente do Conselho Administrativo da companhia. Todos os membros apresentavam a semelhança familiar, em maior ou menor grau: os olhos claros e a testa alta dos Strauss. Cinco eram irmãos ou primos, outros quatro mais velhos – tios e pais, os veteranos do Conselho. Todos sentados, só ele de pé. Na sala de espera, do outro lado da porta, sua equipe de especialistas estrangeiros aguardava para entrar no momento apropriado.

– Senhores, venho lhes apresentar nosso mais arrojado projeto até agora.

A Strauss S.A. lidava com metais, supermercados, mídia, calçados. Pesquisa genética. Emanuel fora contratado para o setor de marketing, há muito tempo, mas seu talento e ambição logo o haviam catapultado a diretor de operações, liderando as mais diversas áreas. Ainda respondia ao Conselho Administrativo, mas não tinha pressa. Deixava que seu caminho fosse guiado como a água rumo ao mar.

– Vamos impulsionar a empresa e a família rumo ao futuro, redescobrindo nosso passado. Senhores, conheçam o Projeto Adônis. – Abriu a porta para sua

equipe de especialistas.

A Rainha fora agradada na noite anterior. Ele estava mais sedutor do que nunca. Liderou a apresentação do projeto com facilidade. Foi aplaudido de pé.

Capítulo 2

A Princesa das Conspirações

AS COISAS COMEÇARAM A DAR errado quando ela perguntou:

– Por quê?

Se fosse supersticiosa, Nicole acharia que aquele questionamento implodira sua vida. Estava estudando em uma universidade na Europa. A existência que ela construíra para si mesma naquele lugar era um castelo de cartas, e aquela pergunta simples parecia ter assoprado a base da construção, fazendo tudo desmoronar. Mas é claro que perguntar por que não provocara nada daquilo. Fora só a última discussão que ela tivera em sala de aula antes de ser obrigada a voltar ao Brasil.

O professor olhou para ela com uma sobrancelha erguida, meio superioridade, meio incompreensão. Era uma pergunta de estudantes de primeiro período inconformados. Mais ainda: talvez pertencesse a outra área acadêmica, não tinha qualquer relação aparente com a pesquisa de Nicole até o momento, não levava a nenhum dado ou conjectura relevante. Não tinha lugar ali, num dos últimos encontros antes que aqueles estudantes entregassem suas dissertações de mestrado em filosofia. Uma aluna brilhante como Nicole Manzini poderia perseguir qualquer interesse, mas os prazos e compromissos eram mais urgentes.

– Não sei se entendi o que quis dizer.

– Por quê? – ela repetiu. – Os mesmos mitos e arquétipos se repetem em quase todas as culturas. Deve haver uma razão.

O professor suspirou.

– Você devia ter feito essa pergunta alguns anos atrás, Nicole. Não é o tipo de desvio que aconselho a tomar à beira de concluir seu mestrado.

– Mas existe quem explore isso. Mesmo hoje em dia.

Os colegas olhavam-na com tédio, alternando entre seu rosto e os relógios. Todos tinham mais ou menos a mesma idade: na casa dos 20 anos. Vários estrangeiros, assim como ela. Estavam no final daquela fase de sua educação, preocupados com posições de docência, doutorados, casamentos. Não importava

que se especializassem em filosofia numa instituição de séculos de idade, nem que tivessem as mais variadas experiências cosmopolitas. Sentados frente a um professor, eram como crianças esperando a hora do recreio, e aquela brasileira estava inventando bobagens.

Debateram por um tempo – Platão sugerira a existência de um Mundo das Ideias, repleto de conceitos puros e perfeitos, do qual só enxergaríamos reflexos em nosso mundo físico. Seria essa a origem de lendas e histórias comuns a muitas culturas? Havia pesquisa sobre isso atualmente. Mas o que significava aquilo? Por que desviar-se daquela forma?

– Porque é interessante – disse Nicole.

– Você é jovem demais – disse o professor, e todos deram um risinho, mas não havia maldade.

– E se *houver* um mundo de conceitos ideais?

– Então você terá de procurar outro orientador, porque não posso ajudá-la.

Nicole olhou as horas no celular e começou a recolher suas coisas. O professor alinhavava as dúvidas de outros. Todos derramaram-se para fora da sala.

– Digamos que todas as ideias venham de um mesmo mundo – disse Nicole, perseguindo o orientador pelo corredor.

– Isso soa perigosamente parecido com certos desenhos animados.

– Ideias são sinapses, certo? – ela insistiu. – Se todas as ideias vierem de um mesmo mundo, por que apenas essas sinapses viriam de lá? Por que não – raciocinou – uma mesa ideal?

– Mesa ideal?

– Ou outra coisa. Um objeto qualquer, perfeito, diretamente do Mundo das Ideias?

– Fume menos, Nicole.

– Eu não fumo.

– É o que me preocupa.

O professor entrou em sua sala. Não disse nada tão condescendente quanto "você precisa de um namorado", mas recomendou que ela se concentrasse na dissertação. O prazo estava acabando, e especulações metafísicas àquela altura eram sinais do demônio da procrastinação, que desde o início dos tempos assombrava os estudantes. Fechou a porta na cara de Nicole, com a intimidade dos bons mentores.

Ela balançou a cabeça. Talvez realmente fosse a maldição da idade – a terra de ninguém entre os vinte e os trinta enchendo-a de questionamentos inúteis. Ela estava acabando o mestrado num país estrangeiro e considerando viajar de novo.

Aprofundar-se ainda mais na carreira acadêmica, fazer qualquer outra coisa. Pensando nisso, deixou os prédios ancestrais que, ao longo dos séculos, haviam abrigado alunos e professores em situações extremamente parecidas com a dela. Com um café na mão e alternando entre achar-se tola e injustiçada, seguiu para o apartamento. Terceiro andar, perto do campus, dividido com uma garota também estrangeira. Ostentava a combinação frívola/espartana das habitações de solteiros.

E, no apartamento, sentiu cheiro de fumaça.

Chegou a tempo de encontrar seu quarto em labaredas. O computador já derretido, os livros em cinzas. Os bombeiros apagaram o incêndio, enquanto ela achava uma carta e recebia uma mensagem de texto no celular. A mensagem era de sua colega de apartamento. Pedia desculpas, mas recebera notícia de algum caso de doença na família, estava voltando a seu país natal. Não poderia pagar o aluguel do mês. Já estava embarcando no avião, desejava felicidades à amiga. Nicole ligou, mas só caía na caixa de mensagens. Não quis deixar nada gravado.

A carta era da universidade.

Houvera um problema com sua bolsa de estudos. “Problema” era um eufemismo: houvera um belo e completo desastre. A quantia que Nicole recebia mensalmente e o subsídio aos estudos haviam sido revogados. Ela não só não receberia a partir daquele mês, mas também deveria pagar pelos três últimos meses. Uma situação burocrática lamentável, mas que seria contornada, garantia a carta. Tudo ficaria bem.

Por sorte, havia duas blusas e uma calça jeans no cesto de roupa suja, no banheiro do apartamento. O resto de suas roupas estivera no quarto, e queimara.

No dia seguinte, cheirando a carvão, ela foi à administração da universidade e descobriu que havia uma grave irregularidade na matrícula daquele semestre. Falha humana ou nos computadores, triste coincidência. Nicole Manzini estava desvinculada da instituição, não poderia concluir o mestrado ou continuar usufruindo das instalações até que aquele mal-entendido se resolvesse. Mas sua situação poderia ser regularizada, assim que as pendências financeiras fossem acertadas – o sistema não permitia matricular inadimplentes. Apressou-se pelos jardins, em meio aos austeros prédios escuros, em busca de seu orientador. Um amigo com uma posição importante na universidade ajudaria.

O corpo docente reunia-se no escritório do professor, alguns choravam. Ele fora atropelado enquanto voltava para casa no dia anterior. Haveria um serviço fúnebre naquela tarde.

E isso foi antes que seu visto expirasse.

Nicole nunca tivera quaisquer problemas com a imigração. Quando ela lhes informou que o visto havia expirado, em busca de orientação sobre que prodecimento deveria tomar, os funcionários foram atenciosos e delicados. Disseram que Nicole podia permanecer naquele país que não era o seu, era bem-vinda. Afinal, tinha vínculos universitários, não? Tinha onde morar, não? Ela soltou um palavrão em português, mas seu interlocutor entendeu perfeitamente.

Tudo dava errado ao mesmo tempo. Nicole sentia uma urgência vinda de lugar algum, como se estivesse sendo perseguida por uma força invisível. De repente, estava na Europa sem visto, sem residência, sem trabalho e sem vínculo universitário. As pessoas mais próximas a ela estavam se mudando ou morrendo, e uma certeza fria de que o efeito iria se expandir ainda mais começou a dominá-la. Não era algo inédito. Hesitava em pedir ajuda, iria espalhar o que ela mesma chamava de "maldição Manzini" a ainda mais gente.

Pelo menos, pensou, *aqui não sou ninguém*.

Estava sentada no ambiente decorado e climatizado de uma franquia internacional, com suas roupas fedorentas, engolindo milhares de calorias e cafeína dentro de um copo plástico. Pensou que ali não era ninguém, e sentiu algum alívio. Mesmo com incêndios, falhas burocráticas, dívidas e atropelamentos, era reconfortante constatar que, ali, era anônima. Mesmo com a maldição Manzini, naquele país era uma garota comum, sem qualquer notoriedade.

Então um flash disparou.

Dois rapazes de 20 ou 21 anos tentavam se esconder atrás do telefone com que haviam acabado de tirar uma foto. Nicole estremeceu de raiva. Foi até a mesa dos dois, arrancou o aparelho de suas mãos e abriu o navegador. Viu o último endereço visitado: freakroyalty.org, um velho conhecido. Não era um site exclusivo sobre ela, mas a maior seção intitulava-se *Manzini*. Tinha fotos suas desde os 4 anos, e de seu pai no auge da carreira.

– É você? – gaguejou o garoto.

Ela suspirou.

– E se eu disser que sim?

Ele engoliu.

– Pode nos dar um autógrafo?

Ela foi embora ouvindo os garotos dizerem "Somos seus fãs!", sem nem ao menos ter terminado o café. O último refúgio fora destruído; mesmo naquele país europeu conheciam seu histórico e já a haviam identificado. Nicole há muito aprendera que não podia confiar em se perder na multidão. Uma vez que

chamasse a atenção de um “admirador”, sua fama duvidosa espalhava-se como um vírus. Em breve haveria curiosos, perseguidores, repórteres de tabloides, listagens de “avistamentos” em grandes sites na internet. Anos atrás, tivera um grupo de malucos revirando seu lixo. A fotografia no café era o sinal de que aquela fase da vida estava mesmo encerrada. Deixaria a universidade para trás sem defender a dissertação, sairia do país antes que fosse considerada ilegal.

Tirou todo o dinheiro do banco. Bem pensado – no dia seguinte, uma perigosa gangue de golpistas obteve acesso a sua senha e tentou roubar tudo que ela não tinha mais. Assim, comprou a passagem de volta ao Brasil em dinheiro vivo. Sentou-se na poltrona do avião e sentiu o passado sufocando-a mais e mais a cada hora da viagem de volta. Parecia estar sendo observada – pelo pai, pelos jornalistas, pelos cultistas, pela polícia. O trem de pouso da aeronave tocou o solo, e ela estava no Brasil.

Não apenas no Brasil.

Estava na metade do caminho para Santo Ossário.

Havia muitas cidades menores, mais pobres, *piores*. Mas Santo Ossário tinha uma peculiaridade: ninguém fugia de lá por muito tempo.

Ela alugou um carro e seguiu viagem.



Sozinha no carro alugado.

– Certo, Nicole – disse em voz alta, para a estrada noturna, reta, vazia. – Por que está fazendo isso?

Fazer troça de si mesma era um bom jeito de fingir ter algum controle da situação. Como se dissesse: “*Eu* sei muito bem o que faço; o problema é essa idiota que mora dentro da minha cabeça.”

– Ora, Nicole, é óbvio – falou, balançando-se de um lado para o outro e afetando uma voz imbecil. – Porque, talvez você se lembre, não temos onde morar. A não ser o velho casarão em Santo Ossário.

Ajustou os óculos. Os olhos começavam a arder, a armação grossa pesava sobre seu nariz, fincando vincos gêmeos. Fazia muitas horas que estava dirigindo. Desde o anoitecer, prometera a si mesma que pararia no próximo hotel de beira de estrada. Conhecendo sua sorte e a maré atual de eventos, evitou o “motel Norman”, e raciocinou que devia haver algum outro antes da cidade.

Claro que não.

Azar, dirigiria até Santo Ossário sem parar, se fosse preciso. Acharia a maldita

casa e então dormiria por dois ou três anos.

– Mas, Nicole – recomeçou a discussão consigo mesma –, quem lhe garante que a casa ainda existe? Que não demoliram tudo para construir um jardim de hortênsias ou um açougue de carne de unicórnio ou qualquer porcaria apreciada em Santo Ossário?

– Confie na *sorte*, Nicole! – falou a voz idiota.

– Oh, a sorte! Como sou inteligente. É mesmo uma ideia brilhante voltar à cidade em que *todos* me conhecem, onde vou morar a poucos quilômetros do meu querido papai!

– Mas não foi por isso que voltou também, sua peralta?

Nicole fez um rugido impotente, bateu com o punho fechado no volante.

Estava voltando a Santo Ossário porque não tinha mais onde ficar, certo. Porque precisava estar no Brasil, e o único lugar onde podia morar até reconstruir a vida era o antigo casarão dos Manzini. Mas também pela sensação de que não conseguiria mais fugir. A confluência de desgraças sinalizava – por mais que ela negasse, por mais que aplicasse sua racionalidade e lógica – que o passado a alcançara.

Que agora era preciso enfrentá-lo.

Mal se lembrava de Santo Ossário. Nova demais quando saíra. Tinha memórias vívidas de alguns dos assassinatos e de toda a operação policial, mas não conhecia mais nada na cidade. Durante a adolescência num excelente colégio interno europeu, nem sequer pensava em seus primeiros anos de vida. Mais tarde, percebera a necessidade de vagar como cigana, mudando de cidade ou país quando os teóricos da conspiração descobriam seu paradeiro. Quando as coincidências e tragédias sinalizavam um novo ataque da maldição Manzini, ela fazia as malas e ia embora. Mas nunca fora acossada de forma tão direta e violenta. Nunca fora lançada de volta ao início. Apesar de tudo, pensara ter se livrado do casarão.

Contudo, sempre restava uma dúvida, um incômodo:

– Você achava *mesmo* que estaria livre para sempre? – disse em voz alta.

No fundo, não achava. E agora voltava, para abrir todos os armários, desenterrar todas as sujeiras, mergulhar de volta no que acontecera há mais de vinte anos.

E depois?

– Depois... – falou para si mesma. – Veremos.

Temia nunca mais sair de Santo Ossário. Ninguém fugia de lá por muito tempo. Será que ficaria na cidadezinha, na casa, no velho quarto de infância?

Será que iria se apaixonar, casar com um Strauss ricaço, construir família?

Luz.

– Ah, não.

O clarão anunciava algo conhecido. Algo que ela já devia estar esperando, mas nunca estava.

Sentiu-se paralisada. O ronco do motor ainda sob o assento, mas a estrada não se movia mais. Então a perspectiva mudou. As árvores que ladeavam a estrada começaram a se afastar, e Nicole sentia-se cada vez mais leve. O carro subia, ela já quase flutuava, sem peso algum. Tentou agarrar-se ao cinto de segurança, mas não conseguia mexer os braços.

As mãos esqueléticas vieram de cima. Não haviam aberto o teto do carro, e nem a retirado de lá. Como sempre, chegavam de lugar algum, do lugar de onde vinham desde que ela era criança. Ela atravessou o cinto de segurança, insubstancial. Sentiu os dedos compridos segurando seus braços, seu queixo, puxando seus pés e seus ombros. Logo estava sobre a mesa fria, o cheiro de desinfetante queimando nas narinas. As criaturas magras de olhos enormes observavam-na com interesse. Suas máquinas complexas estavam à toda volta. Parecia uma sala de cirurgia – quando criança, ela os havia chamado de "médicos esqueletos".

Cutucaram seu esterno. A pressão cada vez maior, até que os dedos entraram por sua pele, sem rompê-la, sem derramar uma gota de sangue. A dor era horrenda, como se cada superfície em seu corpo fosse coberta de uma imensa quantidade de nervos. Remexeram lá dentro, como sempre faziam. Viraram-na de bruços. O segundo médico esqueleto enfiou o dedo em sua nuca, alcançou algo específico lá dentro.

– Ela está pronta.

Despertou.

Sol alto. De pé no acostamento, Nicole não avistava o carro em parte alguma. Puxou o celular para localizar-se no tempo. Perdera sete ou oito horas. Já fora bem pior – certa vez, ainda adolescente, dois dias haviam se passado entre o rapto e a devolução.

Deixou o celular cair; as mãos tremiam. Ela estava no acostamento da estrada. Uma placa informava: SANTO OSSÁRIO 250 KM. Respirou fundo e tranquilizou-se.

– Obrigado pela carona, seus desgraçados – disse em sua voz rouca para o céu azul vazio, dirigindo-se aos médicos esqueletos.

Era só mais uma abdução. Nicole ajustou os óculos de armação grossa, retangular e negra. Passou a mão pelos cabelos também negros, lisos, na altura

da nuca. Vestia um casaco pesado, abrigando-se contra o improvável inverno rigoroso daquela terra, uma peça comprada em brechó, originária do exército soviético e vendida ilegalmente. Por baixo do casaco, uma camiseta estampada com o nome de uma banda de que ninguém em Santo Ossário jamais ouvira falar. Calça jeans e uma bota surrada, perfeitamente moldada a seus pés.

Depois ela procuraria o carro alugado – ou não. Por enquanto, viu com satisfação uma caminhonete negra se aproximando e estendeu o polegar.

– Vocês acham que *isso* vai me meter medo?

Era só mais uma abdução. Assim como tantas outras, como talvez havia sido a perda de memória em plena universidade, meses antes. Era uma droga, mas quase rotina para a pessoa mais abduzida do mundo. A filha do Estripador das Hortênsias, a musa das lendas urbanas, garota da capa dos tabloides sensacionalistas, celebrada nos principais sites sobre assassinatos ritualísticos.

Nicole Manzini, a Princesa das Conspirações.

Capítulo 3
O Adormecido

ERA A ÚLTIMA VEZ EM que o chamava de mestre. Astarte o havia igualado.

O mentor não demonstrava qualquer satisfação; não demonstrava nada. Era pura serenidade, rosto sem expressão, sentado sobre os calcanhares na relva úmida de orvalho. O arco ao lado, junto com três flechas compridas. Não se tratava de esconder o sucesso do aluno, mas de concentração total. Naquela hora, um arqueiro não deveria ter desejos, anseios, felicidade ou amargura. Devia apenas seguir os movimentos do ritual, deixar o potencial do arco e a intenção da flecha guiarem seu corpo, até o instante de conexão com o alvo.

Astarte sabia disso, e fez o que havia aprendido para matar os pensamentos intrusos, transformar-se em ferramenta. Frente ao sol jovem do amanhecer, fechou os olhos. A escuridão avermelhada do interior das pálpebras limitou seu mundo, e no mesmo instante os outros sentidos pareceram aflorar. Sentiu o cheiro das árvores mais agudo, a mistura de doce e ácido, terra e água e insetos. Ouviu com clareza o riacho distante, seus ouvidos capturando o murmúrio da correnteza e os sons da existência simples e perfeita dos peixes. Respirando fundo, deixou o olfato saturar-se até perder o significado. Parou de notar os aromas. Expandiu a audição, concentrando-se no farfalhar das folhas, na respiração minúscula de uma lebre, em todos os ruídos ao mesmo tempo, até que se tornasse uma sinfonia, e então cacofonia. Inundado, deixou tudo virar ruído branco, e então parou de notá-lo – silêncio. O gosto limpo da própria boca foi esquecido. Na imobilidade, o corpo parecia dormente. Não havia prazer nem dor, apenas o nada.

O estado de consciência máxima. Abriu os olhos e viu seu arco.

Não pensou quando se abaixou, agarrou a haste de madeira levemente curvada, encostou-a numa árvore, usou o peso do corpo para fazê-la ceder. Segurando a corda com a outra mão, prendeu a ponta na haste, e então o arco estava encordoado. Pronto, tenso, pleno de possibilidade. Astarte ajoelhou-se com lentidão, numa dança vagarosa, deliberada. Cada movimento com seu

significado. A posição dos pés a cada instante, a curvatura certa dos joelhos, o ângulo do pescoço, a pressão exata dos dedos sobre os objetos. Escolheu uma de suas flechas – na verdade, a flecha escolheu-o, apresentou-se de forma muda e estática como a opção óbvia. Cada aspecto do mundo era voluntário, fazia sentido se o arqueiro deixasse sua consciência percebê-lo. Erguendo-se devagar, Astarte encaixou a flecha na corda do arco.

A arma era quase tão alta quanto ele mesmo. Em seus braços treinados, parecia leve e flexível, mas ele praticara desde sempre para alcançar aquela facilidade. Tinha a impressão de que praticava desde antes de nascer. Ereto, separou bem os pés, numa base sólida, respeitosa para com a arma. Girou o tronco, mantendo-o quase num ângulo reto em relação às pernas, então ergueu o arco e a flecha acima da cabeça.

A respiração era fundamental naquele estágio, mas há muito ele respirava sem pensar. O ar e a energia mesclados ao ato de preparar-se, ao arco e à flecha, num todo que não exigia controle, apenas fluidez. Inspirando, desceu o arco, abrindo os braços, retesando a corda e deixando a flecha quase à altura dos olhos. Ficou assim por um longo tempo, por tempo algum. Na plenitude da respiração, tensão, relaxamento.

Corpo, arco, flecha, mente e mundo como um só.

O tempo não existia.

No início, fora a parte mais difícil – superar a vontade de disparar, impedir que fossem *seus* dedos, *seus* músculos, *suas* intenções que soltassem a corda. Astarte sabia: o verdadeiro tiro não vinha do arqueiro, vinha do alvo. O arqueiro era apenas o condutor do futuro, quando flecha e alvo estariam unidos através do arco.

Então Astarte não disparou.

Algo disparou.

Não sentiu quando largou a corda, não quis que a flecha voasse. A realização plena do arqueiro não era sentida por ele mesmo. Era um momento de ausência, em que os participantes não faziam nada: apenas *eram*.

A flecha zuniu e atingiu seu objetivo.

Astarte saudou o alvo, saudou o mundo, curvando-se e erguendo o braço esquerdo ao lado do corpo, num gesto que imitava uma onda. Recolheu o braço junto ao estômago, recuou três passos, voltou a ajoelhar-se ao lado do mestre. Com a mão direita, pousou o arco à sua frente. Nenhuma folha de grama fora perturbada além daquelas necessárias. Nenhuma gota de orvalho, nenhuma partícula do ar.

– Onde está sua flecha, Astarte?

– No alvo, mestre.

Dessa vez, o homem mais velho permitiu-se sorrir.

– E onde está o alvo, Astarte?

– O alvo está com a flecha.

– Se você me respondesse dessa forma nos primeiros anos de seu treinamento, seria punido. Por que me satisfaço com essas respostas que parecem evasivas?

– Porque agora é verdade. Não pus a flecha em lugar algum; apenas permiti que ela encontrasse o alvo. Os dois agora formam outra coisa, o que era a intenção do mundo. Não faz mais sentido falar em flecha e alvo, mestre. Os dois não mais *estão*, não mais *são*.

– Traga-me o que você criou, Astarte.

Ele levantou-se. Não era mais uma dança estudada, apenas os movimentos leves e casuais, seu modo fluido e sereno de guerreiro. Astarte não deixou de ser invadido por certa tristeza quando notou que mais uma vez *sentia*. A concentração do tiro não podia ser mantida o tempo todo – o arqueiro ainda precisava de intenção para seu cotidiano, para sua vida. Apenas os maiores mestres conseguiam eternizar o estado da mente vazia. Existiam lendas a respeito daqueles guerreiros, ninguém sabia o que acontecia com eles.

De qualquer forma, a consciência era esforço, e não deixava de ser uma violência contra o mundo, mas também era saborosa. Astarte sabia que não devia sentir felicidade ao encontrar a flecha firmemente cravada em uma pinha, a cento e cinquenta metros de distância. Mas não era perfeito, e experimentou alegria e orgulho. A pinha estivera presa a uma árvore, e fora a intenção do mundo que se desgrudasse e se juntasse à flecha. Astarte fora a ferramenta dessa vontade, e por isso sentia-se realizado.

– Aqui está, mestre.

O homem examinou a combinação, descobrindo beleza nos padrões aparentemente aleatórios das rachaduras, do buraco, dos registros do encontro entre os dois ex-objetos. Astarte de novo ajoelhou-se ao lado dele. Era uma posição cerimonial, e era confortável. O modo fácil e acolhedor como dois amigos postavam-se um em relação ao outro, na atividade que amavam compartilhar.

O vento soprou mais forte. Os cabelos longos de Astarte acariciaram seu rosto, obscurecendo os traços precisos com fios dourados. Suas longas orelhas oscilaram sob a brisa. O mestre prendia seu próprio cabelo em um padrão elaborado de tranças, que não se abalou. Ele não parecia notar quando o vento

empurrava suas orelhas pontudas ou puxava seus mantos.

– O que você foi quando fez isso? – disse o mestre.

– Fui um arqueiro.

– Agora – pausa –, seja um matador.

Um instante se passou após a frase ser concluída. Então Astarte saltou da posição em que estava, o arco já nas mãos em um movimento quase invisível. Todos os seus sentidos foram anulados em sincronia com o salto, na mesma velocidade. A postura sólida, a respiração, o arco acima da cabeça e a mira, antes que seu coração batesse duas vezes. Então a flecha zuniu pelo ar, sem que ele mesmo disparasse. Transformara-se de pessoa em ferramenta, instantaneamente.

Sentiu a mão esquerda recuando, impulsionada pela força liberada pela flecha e a corda do arco. A mão direita avançando um pouco, cedendo aos impulsos ao seu redor.

– Traga-me sua vítima, Astarte.

Ele andou quase duzentos metros. Apanhou a borboleta partida em duas. Restavam apenas as asas coloridas, o corpo fora destroçado pela ponta da flecha. Como o mestre nada mencionou, deixou a munição onde estava.

Apresentou o pequeno cadáver, como um gato que traz a caça ao dono.

– Por que não trouxe a flecha?

– Porque a flecha não faz parte da vítima. Porque não criei nada, como fiz com a pinha e a flecha. Apenas destruí.

O mestre assentiu em silêncio.

– Por que demorou tanto para disparar, Astarte?

– Porque não devo ferir nada que não seja minha vítima. Quando você me deu a ordem, uma mosca passava em meu caminho. Ela não cedeu à minha vontade, então esperei que saísse da frente.

– E se a vítima não fosse uma borboleta? E se fosse um inimigo, com flecha ou lança apontada para você?

– Nesse caso, provavelmente eu morreria.

– Sacrificaria sua vida pela mosca?

– Não existe sacrifício, mestre. Se a mosca estava no caminho da minha flecha, é porque minha vontade não foi forte o bastante. Não era a intenção do mundo que o disparo ocorresse. Eu teria sido derrotado, e de nada adiantaria pensar em sacrifício ou arrependimento.

Há muito Astarte conhecia os caminhos do arqueiro: criação e destruição, vida e morte. O arqueiro anulava a si mesmo, deixando o mundo agir por ele. Ele próprio era uma ferramenta de criação. Pouco se podia criar com as armas,

exceto em certas modalidades esportivas. Quando o objetivo era a criação, o mais comum era aplicar a sabedoria e o caminho do arqueiro em outras disciplinas, como a música, a pintura, o arranjo floral.

Seguindo a direção oposta, o arqueiro impunha sua vontade ao mundo. Transformava a vontade do mundo na sua própria, e assim tornava-se uma ferramenta de destruição.

Existiam atiradores eficientes que apenas faziam mira e deixavam a flecha voar, mas a verdadeira arte do arqueiro élfico era muito mais mortal. Dobrando o mundo à sua mente, o arqueiro fazia com que tudo conspirasse para o acerto. Então usava os mesmos princípios da criação – anulação dos sentidos, submissão ao tiro ditado por *algo* exterior – para cumprir o que ele mesmo queria. Se houvesse obstáculos, a falha era da vontade do arqueiro, nunca do mundo. O arqueiro não culpava as circunstâncias.

– De qualquer forma – disse Astarte, deixando um sorriso se insinuar em seus lábios – foi um acerto! Você está mesmo desesperado em busca de algo a criticar.

– Moleque convencido.

Os dois riram com satisfação.

Nada era mais importante e solene que a relação entre mestre e discípulo. Justamente por isso, nada era mais íntimo. O discípulo avançado não desafiava o mestre, mas sabia o que falar e quando falar.

– O que mais farei hoje, mestre?

– Hoje? – O homem fungou, cheirando o ar. – Não sei. Encontre algo para fazer.

Astarte começou a se virar lentamente para ele, erguendo as sobrancelhas.

– E não me chame mais de mestre.

Astarte prostrou-se de imediato, testa tocando o chão.

– Falhei! – apavorou-se. – Se foi minha insolência, eu...

– Cale-se, garoto – interrompeu-o o mestre.

– Mestre, prometo...

– Não sou mais seu mestre, Astarte! Agora o mestre é você.

Ele ergueu o rosto, como se tivesse levado um choque. Os olhos do homem mais velho estavam marejados de lágrimas.

– Há quanto tempo seus tiros são perfeitos? Há quanto tempo o mundo e você são uma coisa só no momento do disparo?

– Ainda tenho tanto a aprender!

– É claro que tem. Mas eu não posso ensinar. O mundo nunca conversou comigo da forma como conversa com você. Nunca tive a união com o todo que

você tem. Você já me superou, Alteza, e seria traição mantê-lo praticando. Este súdito deseja apenas tentar alcançá-lo.

Silêncio.

– Serei sempre seu discípulo – disse Astarte. – Você é a Primeira Flecha de Arcádia.

– Não.

Um sorriso contido de emoção.

– Vossa Alteza é Astarte. Filho de Sua Majestade, Titânia, a Rainha da Beleza. Príncipe dos elfos. A Primeira Flecha de Arcádia.

Prostrou-se em respeito. Astarte se ergueu.

– Então agora poderei obter respostas, Harallad? Conhecerei o palácio? Conhecerei minha mãe?

– Em breve, Alteza, conhecerá seu verdadeiro destino.

– Os sonhos?

Harallad, o ex-mestre, ergueu-se, apanhou seu arco e suas flechas. Fez uma mesura e aguardou ordens de seu príncipe. Seu silêncio fazia Astarte sentir-se ainda um discípulo.



Semicírculos de metal afundaram no líquido espesso e translúcido, guiados por longas hastes metálicas. Eram como coleiras rijas e abertas. Encaixaram-se sob as axilas de Astarte. Os homens que manipulavam os instrumentos acionaram algum mecanismo que fez as coleiras se fecharem, prendendo o corpo inerte pelos dois braços. Então ambos desceram um degrau e, com um movimento de alavanca, começaram a erguê-lo do tanque.

– Cuidado! – alertou o supervisor, a voz chiando no rádio do traje de risco biológico. – Com cuidado...

Ambos murmuraram um “sim, senhor”, mas estavam acostumados, e a cobrança daquela visita apenas deixava todos mais tensos. Os dois encarregados de tirar o elfo do tanque também usavam os trajes contra contaminação. Realizavam aquelas tarefas com a desenvoltura da prática.

Um dos cientistas-chefes postou-se ao lado do supervisor. Tinha um tablet nas mãos e usava um dispositivo semelhante a uma caneta para tomar nota de dados.

– Eles sabem o que estão fazendo, senhor.

– Todos ficam descuidados com o tempo. Não faz mal lembrar o quanto ele é importante.

Com grande esforço, ergueram Astarte do tanque; de sua forma inerte pingava fluido pegajoso. Outros vieram ajudá-los, amparando o corpo. Um deles escorregou na gosma.

– *Cuidado!*

Logo se recompôs e juntou-se aos outros para pousar o elfo na maca acolchoada.

– Limpem-no! – ordenou o supervisor. – Liguem os instrumentos. Vamos, sem demora!

O pesquisador ao seu lado controlou um suspiro. Pelo menos o traje anticontaminação escondia a maior parte de suas expressões. Todos ali usavam o traje.

– Toda essa segurança não é necessária – argumentou, mais uma vez. – Eles se atrapalham com essa roupa.

– Não têm o direito de se atrapalharem – disse o supervisor, com frieza. – A falha não é uma opção.

O outro se calou.

Haviam limpado a maior parte do muco do corpo de Astarte. Agora grudavam eletrodos em seu peito, grampos ligados a aparelhos eletrônicos em seus dedos, toda sorte de instrumentos em sua testa. Um respirador sobre o nariz e a boca.

– Como ele está? – O cientista-chefe aproximou-se dos demais, fazendo marcações em sua prancheta digital.

– Todos os sinais perfeitos – respondeu alguém, por trás do visor de acrílico. Fez um sinal de positivo com o polegar sob as luvas grossas.

O supervisor estava sobre eles, examinando de perto o elfo. Tomou o tablet do outro, leu o que havia na tela. Pareceu satisfeito e devolveu o aparelho. A equipe começou o processo de retirada, empurrando a maca, mas:

– Ainda não. Precisamos conversar.

Todos pararam.

– E é bom que falemos na presença *dele* – o supervisor indicou Astarte, que respirava lentamente, de olhos fechados. – Às vezes acho que vocês se esquecem de quem ele é.

A sala pareceu ficar mais fria. Dois deles arriscaram lançar uma rápida olhadela para o elfo, com uma postura um tanto reverente.

– Estão frustrados porque fazem trabalho braçal – disse o supervisor. – Entendo isso. Pensavam que seus dias de assistentes haviam acabado. Todos aqui abandonaram altas posições acadêmicas. Liderança de equipes nos maiores laboratórios do mundo. Pesquisa de armas biológicas de ponta, de cura para as

maiores doenças de nossos tempos. Cargos de confiança em governos, nas Nações Unidas. E agora executam esse tipo de trabalho, porque proibi que *ele* fosse manipulado por máquinas. – Abriu os braços, as mãos espalmadas para a frente. – Estão frustrados, estão insatisfeitos.

Eram onze ao todo. Postavam-se ao redor da maca, alternando a atenção entre o supervisor e o paciente desacordado. O ambiente era dominado pelo grande tanque de muco translúcido, uma espécie de cilindro de vidro reforçado por metal, sobre alguma espécie de maquinário. A sala era asséptica, toda feita de alumínio e plástico. Se não estivessem vestindo os trajes, sentiriam cheiro de desinfetante – cheiro de hospital. Inúmeros monitores revestiam as paredes, mostrando dados e estatísticas. Alguns também exibiam sequências de números e letras sem significado aparente. Outros mostravam símbolos complexos, em alguma ordem intrincada. Em algum lugar entre tudo isso, uma letra S envolta em um ovoide, com uma espécie de labirinto atrás. O logotipo da Strauss S.A.

– E ficam mais frustrados ainda quando é sua vez na limpeza – continuou o supervisor. – Temos entre nós o herdeiro de uma das maiores fortunas do mundo! Será que já haviam usado desinfetante e esponja *alguma vez na vida*?

A equipe olhava seu supervisor atentamente. Alguns sentiam as faces ruborizarem. Pés arrastavam-se pelo chão, em constrangimento desconfortável. Porque aquele homem falava apenas a verdade; descrevia com precisão seus sentimentos.

– Acham que não tenho empatia? Leiam minha identificação – apontou para o próprio peito.

"Montague."

– Neste projeto, também sou faxineiro! Lá fora, a Strauss depende de minhas decisões. Um Boeing com nosso logotipo está pronto para me levar a Zurique. Há uma ala inteira com meu nome em um hospital no Haiti. Em Dubai, esperam por minha assinatura para iniciar a construção de um hotel. Aqui dentro? – Fechou o punho. – Aqui dentro sou um faxineiro. – E completou: – E tenho mais orgulho de um só minuto como faxineiro aqui do que de tudo que faço lá fora.

O sentimento projetava-se; o peito de cada membro da equipe inflava. Eles eram invadidos pela importância de seu trabalho, sua missão.

– O mundo lá fora não importa, senhores. Através de nosso projeto, abriremos o caminho para um mundo melhor. Se estiverem frustrados, apenas virem seus rostos – fez um gesto para Astarte – e contemplem sua criação. *Nossa* criação.

Como crianças, eles obedeceram sem notar. Vislumbraram a face forte e delicada do elfo. Seus músculos rijos, seu físico delgado. Seu potencial

ilimitado.

– Astarte *não existia* um ano atrás, senhores! Maravilhem-se consigo mesmos, com sua genialidade! A Rainha está satisfeita conosco, e ficará ainda mais satisfeita quando tudo for cumprido. Tudo que vocês fizeram antes foi apenas ambição, apenas trabalho, apenas a *vida*. Isto é mais.

A maca era o centro do mundo.

– Isto é devoção.

Emanuel Montague deu tapas calorosos nas costas de alguns membros de sua equipe. Eles sentiam-se revigorados, inspirados. Estavam envolvidos na criação da verdadeira beleza, na libertação da *realidade* para a Terra. Digitando extensos códigos em um teclado na parede, fizeram com que a porta abrisse. Levaram Astarte para seu aposento. Sempre monitorado, sempre observado.

Emanuel segurou o braço do cientista-chefe, fez com que ficasse alguns passos para trás, junto com ele mesmo.

– Tudo tão perfeito quanto parece?

O outro assentiu.

– Há dois meses estamos apenas repetindo testes que já foram feitos. Garantindo precauções.

Falavam baixo. Emanuel sabia que, mesmo entre sua equipe, as pessoas verdadeiramente dignas de toda a confiança eram poucas. Ele não revelava mais do que o necessário a ninguém. Nem mesmo uma conversa tranquilizadora deveria ser ouvida por terceiros.

– Tudo *já* estava seguro dois meses atrás, senhor Montague – disse o cientista-chefe. – O príncipe não recebe mais nenhum nutriente da seiva sanguínea. Seu corpo já tem todas as funcionalidades e defesas.

– Não quero nenhum incidente como os primeiros.

– Não acontecerá, senhor Montague. Nossa compreensão das fórmulas era incompleta na época, mas o senhor não pode questionar nossa devoção. Nunca arriscaríamos a segurança do príncipe por preguiça ou arrogância.

– Mesmo assim, esperaremos mais um mês até iniciar a próxima fase.

– Não é necessário. Nem os trajes são necessários atualmente.

Mesmo através do visor de acrílico, era possível ver os olhos do pesquisador brilharem. Ao falar sobre Astarte, ele adquiria um tom beatífico.

– Podemos contaminá-lo – insistiu Emanuel Montague.

– *Não* podemos. O senhor subestima o príncipe. Ele é simplesmente... *Melhor* que a humanidade. Não está incompleto, não possui nenhuma falha. Seu sistema imunológico nem notaria nossas doenças.

Emanuel olhou para o chão. Preferia ser obedecido em tudo, mas escolhera sua equipe por boas razões. Tinha de dar ouvidos a eles.

– Podemos... – Emanuel procurou a palavra. – *Maculá-lo.*

Os dois se olharam por uns segundos.

– O senhor teme pela segurança dele. É a devoção.

– Ele é a chave de tudo.

– Não se preocupe, irmão Emanuel. – O tratamento era reservado a cerimônias, momentos sagrados. Aquele era um desses momentos. Uma decisão importante estava prestes a ser tomada. – Nossa poluição, nossas máculas, nossa fraqueza não podem tocar Astarte. Ele já está acima disso tudo. Essas leituras – indicou números e estatísticas no tablet, nos monitores – são mais que sinais de que tudo corre bem. São *poesia*. São...

Não completou, e nem precisava. Emanuel Montague entendia.

Números, estatísticas, leituras de sinais vitais podiam ser encantamentos. "Palavras mágicas", no linguajar mais rasteiro. Podiam ser sequências ritualísticas, assim como as frases arcanas que eles entoavam nas cerimônias, assim como os quebra-cabeças, assim como os sacrifícios. Ele se maravilhava com a forma como sua deusa se manifestava em tudo. Talvez *todo* ato humano possuísse uma forma ritualística. Talvez cada faceta do mundo pudesse ser um enigma capaz de abrir uma pequena passagem.

Astarte era o maior dos enigmas, e não abriria uma pequena passagem. Abriria a passagem definitiva. A beleza podia estar em tudo.

Depois de Astarte, estaria.

Emanuel Montague decidiu que faria um sacrifício à Rainha aquela noite, para agradecer por sua benevolência.



– Há quanto tempo treinamos, Harallad?

– Muito tempo, Alteza.

Os dois escalavam uma montanha. Haviam atingido uma parte de menor inclinação, onde podiam progredir aos saltos e corridas, não precisavam das mãos. Àquela altura, o vento era selvagem, castigava-os e ameaçava puxá-los, arremessá-los à morte lá embaixo. Mas ambos tinham a agilidade e a leveza dos guerreiros, eram mestres da natureza assim como da flecha. Levavam os arcos às costas, desencordoados e envoltos em couro e tecido oleado, como simples varas de madeira meio torta. Cada um também carregava uma aljava com dez ou doze

flechas escolhidas – se precisassem de mais do que isso, era sinal de incompetência e desarmonia. Mais nada. Confiavam em encontrar sustento na montanha, caçando ou colhendo.

Astarte deteve-se um momento, para que Harallad alcançasse-o. Não estava muito para trás, mas não mantinha o mesmo ritmo do príncipe. Harallad, apesar de ser seu mentor mais próximo, fora apenas professor de arco e flecha. Astarte educara-se nos caminhos da montanha com o maior montanhista de Arcádia; aprendera a orientar-se nos ermos com o maior dos caçadores; treinara furtividade com o melhor dos espiões reais. Dominava, enfim, todas as disciplinas élficas, da esgrima à música, da forja à doma de cavalos. Embora Harallad fosse o mestre mais querido e habilidoso, seu domínio era apenas o tiro. Ele era *quase* um especialista em todos os outros, e a sua disciplina era considerada a mais importante, mais inerentemente *élfica*.

Mas ele era apenas Harallad.

Astarte era Astarte.

Era apenas um conde; Astarte era o príncipe. Então Harallad ficava alguns passos para trás na montanha. Ambos suavam, ambos ofegavam de leve, ambos sorriam pelo desafio já conquistado e o que ainda restava.

A maior montanha das terras conhecidas oferecia uma esplêndida visão do mar. Suas ondas eram escuras, pois um cobertor de tempestade ocupava o céu a partir da água. Sobre a própria montanha, ainda havia um domo azul e sol brilhante, mas ele não demoraria a se pôr. Irritado, o oceano esbofeteava e lambia as rochas da montanha, numa demonstração de força, persistência e maleabilidade. O mar era poderoso, era incansável e paciente, mas sabia se dobrar à rigidez da rocha. Um elfo devia ser como o mar, Astarte raciocinou.

– Foi hipnotizado por uma bruxa, garoto?

O príncipe riu.

– Estava prestes a cometer uma poesia, Harallad.

– Então vamos nos apressar! Se a montanha está inspirando poemas em vez de deixá-lo exausto, está se esforçando pouco.

Saltaram ambos a um parapeito, forçaram um ritmo ainda mais intenso.

– Poesia – grunhiu Harallad, com um desprezo bem-humorado. Depois, com voz mais suave: – Achei que estivesse dormindo.

“Dormindo.”

Os dedos de Astarte se abriram, moles. Escorregaram da rocha.

Dormindo numa maca.

– Alteza! – a mão do ex-mestre se fechou em seu pulso, detendo a queda.

Astarte piscou.

– O que houve? – disse Harallad.

– Não sei.

As narinas do príncipe foram invadidas por uma espécie de cheiro asséptico, vindo de lugar algum. Mas o vento da montanha logo o dissipou.



No topo.

– Se isso era um teste, devo ter passado – disse Astarte, quando Harallad chegou. Ajudou-o nos últimos passos.

– Teste nenhum, Alteza.

Recuperou o fôlego. Empertigou-se como se fosse dizer algo importante. O príncipe notou e ficou mais tenso, involuntariamente.

– Aqui começa seu destino.

A seriedade era palpável, não admitia pilhérias. Ele falava sobre a vida.

E a morte.

– Ser um mestre não é nada, Astarte. Sendo um mestre no arco, você começará seu verdadeiro aprendizado. Será um guerreiro.

Harallad falou sobre a presa. Astarte lutaria sozinho. Sua primeira morte significativa. Seu primeiro inimigo.

– Então verei o palácio? – disse o príncipe. – Minha mãe?

– O conhecimento não pode ser presenteado, Astarte. Deve ser merecido. Cumprindo a tarefa, você embarcará no verdadeiro caminho. Não fraqueje, não hesite, e estará pronto.

Ele conhecia a presa, sabia a direção. Buscaria a caverna na outra face da montanha. Mataria e começaria a verdadeira jornada.

Por que escalar a montanha, só para depois descê-la? Por que não subir pela face onde estava o inimigo? Devia ser mesmo um teste, ou algum tipo de preparação cerimonial.

Súbito percebeu: do topo da montanha, talvez conseguisse enxergar o palácio.

– *Vá, arqueiro!*

E Astarte obedeceu. As nuvens avançaram sobre a montanha. Despejaram sua chuva, deixando as pedras lisas e escorregadias. Muito mais tarde, ele notou que, em toda a escalada, nunca olhara na direção do palácio. Quando pensara em procurá-lo, fora distraído.

Quando poderia ver aquele lugar? Quando poderia conhecer a Rainha?

Ansiava pelo que era seu de direito. Harallad afirmava, desde que o príncipe era um menino, que um dia ele poderia saber de tudo. Veria toda Arcádia, veria o palácio, veria pelo menos um de seus súditos.

Não era estranho que nunca houvesse avistado um plebeu?

A rocha molhada era traiçoeira, e exigiu a totalidade de sua atenção.

Capítulo 4

Lá e de volta outra vez

EM POUCO MAIS DE DUAS horas de conversa amena, eles cruzaram o pórtico florido com os dizeres: BEM-VINDO A SANTO OSSÁRIO – A CIDADE PARA ONDE TODOS VOLTAM. Ela teve um calafrio ao perceber como se lembrava daquilo: a memória estivera enterrada, e o pórtico fora reformado e aprimorado desde que o vira pela última vez, mas completou o slogan na cabeça antes de ler tudo. Santo Ossário fazia parte dela.

– Você não disse seu nome – falou o motorista.

– Maria – respondeu Nicole.

Ele olhou-a de esguelha, mas deu de ombros e pareceu aceitar a resposta. Tinha seus 45 anos. Era um homem grandalhão com cabelos e bigode ruivos, olhos verdes fininhos, mãos abrutalhadas, braços e pescoço como toras. Amigável o bastante, fez as perguntas normais que se espera de um estranho polido (família, estudos), além de comentários sobre o clima. Não fora intrometido demais. Não tentara matá-la, o que de certa forma já era lucro.

– O meu é Felix.

– Hã?

Ele deu um sorriso largo, mal olhando o caminho.

– Meu nome. Felix Kowalski. Prazer.

– Ah. Muito prazer, senhor Felix, e obrigada pela carona.

– Onde quer que eu a deixe?

– Qualquer lugar.

Ele deu de ombros de novo. Parou em uma esquina aleatória. Nicole abriu a porta, saltou da caminhonete alta. Antes de se despedir, sentiu uma ponta de remorso. Não faria mal demonstrar algum interesse agora que já estava se desvencilhando da conversa.

– Por que o senhor está na cidade?

– Vim atrás de uns colegas.

Não havia muito aonde ir depois disso. Disse tchau, fechou a porta e olhou em

volta. Hortênsias, ar frio, cachorros nas coleiras. A caminhonete roncou para longe, e ela estava em Santo Ossário.



As pernas levaram-na automaticamente aonde desejava ir. A cidade estava maior, é claro. O Festival de Cinema crescera, já havia prédios de vários andares. Mas o âmago continuava o mesmo: ruas largas, as faixas divididas por canteiros cheios das indefectíveis hortênsias. Poucos carros, que paravam sem hesitação ante a mera sugestão de um pedestre. Lojas de suvenires e de chocolates, malharias e negócios com nomes de famílias, passados de geração em geração. Ali ela não encontraria o café padronizado e internacional ao qual se acostumara, então sentou em um estabelecimento minúsculo, contou os trocados e pediu uma xícara. Sorveu o primeiro gole e teve de admitir: os desgraçados sabiam o que estavam fazendo. Nenhum xarope distribuído em grandes tonéis equiparava-se ao sabor ingênuo de um artesão que vivia para moldar cada bebida como se fosse única. Quase recuperada e sentindo a euforia química, Nicole achou a imobiliária, onde obteve as chaves do casarão. Para isso, é claro, teve de dizer seu nome verdadeiro, e dar adeus ao anonimato.

– *A* Nicole Manzini? – surpreendeu-se o homem atrás do balcão.

Ela pensou em dar-lhe uma resposta desaforada. Por acaso entregavam as chaves de uma casa a qualquer um que tivesse o mesmo nome do dono? Mas aquele homem não era seu pai, não merecia sarcasmo, não tinha culpa de ter nascido na cidade. Era só um sujeito alto e bem-intencionado, careca e dotado de olhos azuis esbugalhados. Thales era o dono da imobiliária Veracruz, e também juiz de paz, além de casamenteiro nas horas vagas. Botava as pessoas dentro de suas habitações e garantia que se juntassem da forma que ele considerava apropriada. Mais de uma vez já se recusara a vender ou alugar um imóvel porque claramente o freguês deveria ir morar com sua alma gêmea – outro cliente solteiro que acabara de se mudar.

– Como é bom vê-la de novo, Nicole! Veio para ficar?

Ela não soube o que dizer.

– O senhor acha que devo?

– Ninguém fica muito tempo longe de Santo Ossário.

Um arrepio ao ouvir aquela certeza.

– Aqui está sua chave. Não se preocupe, logo a casa estará cheia, com um bom rapaz e muitas crianças. Passe aqui mais tarde; tomaremos um chocolate quente

e posso contar a você sobre os melhores partidos da sua idade.

Ela se forçou a agradecer.

Nisso, já se fora a maior parte do dia. Nicole procurou um lugar onde comer, sabendo que nunca encontraria uma lanchonete originária de outro país, estado ou cidade. Apenas negócios locais, onde as pessoas se reuniam e as garçonetes perguntavam sobre novos e velhos familiares. Escolheu um aleatório, sentou-se. Atraiu olhares, algumas pessoas foram falar com ela. Começou a enfiar sua delicada empada cada vez mais rápido na boca. Devorou o salgado antes de ser obrigada a suportar mais olhares curiosos e estranhos puxando conversa. Saiu.

Quando achou o casarão dos Manzini, já quase anoitecia de novo.

A casa tinha dois andares, espalhava-se por grande extensão, cercada por um jardim mal cuidado. Na verdade, não – estava em condições notáveis para algo que fora abandonado havia mais de vinte anos. A vizinhança ou a prefeitura devia ter se mobilizado para impedir que a área se tornasse uma selva em miniatura. Mesmo assim, a grama era alta, selvagem. Árvores nasciam desencontradas aqui e ali. Flores resistentes brotavam com exuberância. Ervas daninhas dominavam o resto. O sombreado desse matagal aumentava a impressão soturna da própria casa. Fora construída com madeira escura, quase negra, e decorada com pedras da mesma cor. As venezianas pareciam olhos fechados, unindo-se ao tom das paredes. Alguns vidros estavam quebrados, vítimas de pedradas de crianças ou só do passar do tempo. De qualquer forma, todas as janelas tinham sido fechadas com tábuas cruzadas. Manchas cinzentas de liquens e de um apodrecimento sutil marcavam a madeira em alguns lugares. O telhado exibia um ângulo agudo, como era costume na cidade. A chaminé projetava-se entre as telhas, e dela brotava ainda mais mato – a vida encontrando um jeito quando não havia limpeza por uma ou duas décadas.

Nicole abriu o portão de ferro fundido, quando sentiu tocarem-lhe o ombro. Deu um pulo, num reflexo, e protegeu a mochila com o corpo.

– Desculpe? – disse o estranho.

Era um cego. Munido de óculos escuros e bengala branca exploratória. Parecia bem mais confuso que ela mesma. Tinha um envelope na mão, enquanto tentava tatear para certificar-se de que Nicole continuava lá.

– Pode me ajudar? Estou com pressa e há tempos não encontro ninguém.

Porque não havia ninguém a ser encontrado. A vizinhança estava deserta, as casas ao redor da propriedade dos Manzini, todas fechadas. Algumas claramente visitadas de tempos em tempos: deviam pertencer a algum turista que aparecia no Natal ou durante o Festival de Cinema. Outras ostentando placas de VENDE-

SE, seus jardins quase tão abandonados e selvagens quanto o do casarão Manzini. Não havia vivalma para ajudar um cego nos arredores. Mesmo depois de todo aquele tempo, era um local agourento.

– Pode me ajudar?

– Claro – ela gaguejou. – Aonde quer chegar?

– Só preciso que alguém entregue este bilhete para um amigo meu. Não tenho seu telefone, me perdi tentando chegar lá.

Ela leu o endereço no envelope. Era bem longe dali.

– Eu adoraria, mas...

– Por favor. Meu ônibus sai daqui a pouco. Ainda preciso chegar até a rodoviária.

Ela se compadecia de alguém prestes a ir embora. Pegou o envelope, enfiou no bolso do casaco, prometeu ajudar. Ele despediu-se, desejou felicidades e foi embora. A cidade até agora não fora hostil com Nicole; ela não conseguia ser fria.

Abriu o portão e atravessou o caminho pelo jardim. Procurou a chave certa, enfiou na fechadura, abriu a porta.

Estava em casa.



Como era de se esperar, o interior cheirava a algo trancado há anos. Ela tossiu ao respirar a poeira onipresente, ouviu as patinhas de ratos fugindo com pressa. Remexeu a mochila, tirou uma lanterna, fez um facho de luz cortar a sala.

Como um soco, deparou-se com a imagem preservada, marcada em sua mente. Ali estava a prateleira de livros, cobertos de teias de aranha e devorados por traças, mas com lombadas familiares. Ali estava a enorme poltrona onde seu pai sentara-se como um monarca; agora com buracos no estofamento, de onde brotava espuma. Ali estavam os incontáveis vasos de flores, hoje em dia viveiros de espécies suspeitas. Os inúmeros adornos artesanais pendendo do teto, dos batentes. Bugigangas pretensamente espirituais, destinadas a trazer energias positivas para a casa. O sofá largo, onde a mãe se espichava, olhando marido e filha com languidez dopada. A ausência de televisão, porque quem precisava daquele lixo? O imenso retrato da família, pintado num estilo realista e brega, cores berrantes e três pessoas sorrindo para sempre com olhos vazios. Nicole sentiu certa alegria ao ver que o rosto do pai fora parcialmente devorado por traças.

Não, lembrou. Aquilo não fora feito por traças.

Era um buraco de bala.

Fuzil de assalto da polícia ou revólver de algum dos cultistas. E havia outros buracos semelhantes, ela lembrou num turbilhão. Por um instante, reviveu a cena.

Tiro *ali* – um amigo da família morto.

Ali – um policial sangrando.

Ali – um dos auxiliares do pai caindo, ainda tentando atirar e morrendo sem se render.

Quando dois asseclas de seu pai haviam emergido de um corredor e abalroado um dos policiais, uma rajada de fuzil perfurara o teto – ela achou a trajetória contínua num instante. Aquela gente de colete à prova de balas, sigla estampada em letras garrafais no peito, máscaras de gás, escudos. Escopetas, balas de borracha, balas de verdade.

Uma enorme mancha de sangue no piso de tabuão, que nunca fora limpa por completo. Era onde morrera sua mãe.

Um dos agentes tinha o pai de Nicole na mira. Ele era o líder da seita, o principal alvo. Estava com sua enorme faca, o que era justificativa suficiente para o outro disparar. Sua mãe pulara na frente, usando o próprio corpo para proteger o marido. O policial tirara o dedo do gatilho, mas a mulher havia se colocado próxima a uma janela destroçada. Um franco-atirador do lado de fora atingira-a na cabeça, liberando o caminho para o tiro do colega, mas àquela altura o alvo já fugira, subindo as escadas.

– Por quê?

A lanterna de Nicole deixou a mancha de sangue. Deteve-se nas paredes. As fotos amareladas, ampliadas e enquadradas sob vidro. Nicole aos 3, 4, 5, 6 anos. Sorridente, usando maquiagem pesada, parecendo uma boneca ou uma bizarra adulta em miniatura. Atravessada em seu peito, uma faixa: “Miss Beleza Mirim”. Um buquê de flores em seus braços. Para tudo havia um limite; essas fotos Nicole fez questão de jogar no lixo.

Explorou o banheiro, a cozinha. Tudo no mesmo estado deplorável. Subiu as escadas que rangiam, adentrou o quarto de casal onde seu pai fora enfim rendido. Os policiais o haviam encontrado na cama, deitado e refestelado. A sala de meditação. O quarto dos brinquedos, ainda repleto de animais, bebês e minúsculos adultos, todos feitos de plástico. Mas nenhum tipo de arma de brinquedo, pois isso era violento demais. Uma luxuosa casa de bonecas partida em duas por tiros.

Por último, seu próprio quarto. Deteve-se na porta, de onde ainda pendia uma tabuleta com PRINCESA NICOLE entalhado em madeira, cada letra pintada de uma cor diferente. A maçaneta pendia, deslocada por um poderoso chute de coturno.

A pequena cama de criança estava lá, coberta por uma colcha de retalhos coloridos. Os pôsteres de super-heroínas, fadas, pôneis. Franquias americanas e obras de artistas locais retratando os mesmos temas. O enorme closet, quase um quarto por si só, repleto de vestidos. A prateleira de troféus, com os muitos títulos que sua beleza havia conquistado. Um único buraco de bala, desfigurando um urso de desenho animado pintado na parede. Foi o último tiro. Naquele momento, seu pai já se entregara e estava sendo levado com algemas. Ele e a filha eram os únicos sobreviventes.

Não era surpresa que a casa nunca tivesse sido vendida.

Os guardiões do patrimônio dos Manzini haviam feito tudo em seu poder. O preço fora abaixado ao limite. Haviam considerado demolir o lugar, mas obscuras leis de preservação histórica impediam – afinal, o que era Santo Ossário sem seus prédios históricos? Assim que Nicole atingira a idade mínima para tanto, emancipara-se das figuras de autoridade que substituíam seus pais. Preferia confiar em si mesma. Assim, por vontade própria, esqueceu a venda da casa e o dinheiro que poderia lhe render. Também não quis recolher nenhuma de suas posses por direito, nem o que fora usado como provas pela polícia. Sua única vontade era manter a distância, e conseguiu – até agora.

Desceu as escadas. Voltou à cozinha, notou que se esquecera de examinar a área de serviço. Procurou a chave, abriu a porta, investigou a decomposição esperada. A última porta abria-se para o pátio dos fundos. Nicole destrancou-a e deu um grito.

– Olá – disse Felix Kowalski.

O ruivo enorme estava ali parado em meio ao capim, do outro lado da porta dos fundos. Vestia a mesma roupa: jaqueta preta pesada, calças surradas, botas velhas de trabalhador. Sorria sob o bigode.

– O que você está fazendo? – ela recuava, procurava o celular às cegas.

– Esperando você.

– Todo mundo sabe que estou aqui. E contei sobre você para a cidade inteira. Se eu sumir, qualquer um poderá identificar o culpado, todos me conhecem.

– Imagino. A famosíssima Maria.

Ela mordeu o lábio. Com o celular na mão, começou a teclar freneticamente.

– Espere! Não vou lhe fazer mal, Nicole.

Ela se deteve um momento.

– Então sabe o meu nome.

– Sou seu fã – proclamou.

– Você é um maluco?

– Segundo alguns.

– É um maníaco?

– Só nas horas certas.

– Isso realmente não tem graça.

– Desculpe, sou péssimo piadista. Não acompanho os programas de humor atuais, não conheço nenhum bordão.

– O que você quer, Felix, ou seja qual for seu nome?

– Felix – disse com alegria.

– Se vai me matar, chega de corpo mole. Estou muito cansada e sem paciência alguma.

– Não vou matá-la. Sou um carpinteiro.

Ergueu uma grande caixa de ferramentas. Sob a tampa transparente de plástico, podia-se ver um enorme alicate, chaves dos mais diversos tipos, pregos, coisas cujo nome ela não conhecia.

– Carpinteiro?

– Também encanador, eletricista, pintor em caso de emergência. Perdão pela franqueza, mas sua casa está em péssimo estado. Você vai precisar de um faz-tudo.

Se ele era um assassino, aquele era um jeito bem peculiar de matá-la.

– Felix, acabei de voltar a esta cidade, e nada faz sentido. O dono da imobiliária quer me arranjar casamento, e os ratos são maioria absoluta aqui. Por favor, vá embora. Preciso de um pouco de normalidade.

– O que é mais normal e ordinário que um carpinteiro? Sou jardineiro também, embora não tão bom. Por outro lado, sou muito barato.

– Não posso lhe pagar. Não posso pagar nada.

– Que tal um autógrafo? Escreva “Para meu amigo Felix, um abraço, Nicole”.

– Você veio a Santo Ossário atrás de mim?

– Não; vim atrás de alguns colegas, como já disse. Mas admito que não resisti ao vê-la pedindo carona.

– Vá embora, Felix, por favor.

– Tudo bem. Mas fique com meu cartão.

Estendeu-lhe um pequeno retângulo de papel onde se lia “Felix Kowalski, serviços gerais”.

– Boa noite – disse ele. Ela não respondeu.

Nicole ia dando as costas, quando o caminho do bigodudo foi interrompido por um rato em disparada.

– Também sou exterminador!

– Boa noite, Felix.

Por via das dúvidas, trancou todas as portas.



Olhou as horas (21h30) e o celular morreu. Começou a procurar o carregador por instinto, antes de lembrar que não havia energia elétrica. Deixou-se desabar no sofá, bufando. Desligou a lanterna antes que as pilhas também acabassem e ficou um tempo parada no escuro. Meteu as mãos nos bolsos do casaco e sentiu o envelope.

– Esqueci o cego – disse para si mesma.

Então ouviu o barulho de um rato.

– *Aaaah!*

O animalzinho saiu correndo, confuso e amedrontado. Nicole, sentindo certa empatia por estar igualmente atrapalhada, deu por si quando já estava do lado de fora do portão.

– Se minha casa está cheia de poeira e ratos, pelo menos posso fazer um favor a um cego.

A rua vazia não respondeu. Ela olhou de novo o endereço no envelope sob a luz da lanterna. Montou um mapa dos arredores na cabeça e começou a andar. Ao mesmo tempo aliviada e detestando-se por lembrar-se de tanta coisa. Saíra da cidade tão nova; os nomes daquelas ruas, os rostos daquelas pessoas e a reconstituição da operação policial deviam estar ocupando preciosos gigabytes em seu cérebro.

Levou quarenta minutos até o lugar indicado no envelope. Sentiu a brisa bem gelada no rosto, os olhos protegidos pelas lentes dos óculos. Quando as orelhas começaram a doer de frio, ela ergueu a gola do casaco. Então chegou ao endereço.

Aquela rua tinha aparência diferente, era uma parte menos pomposa e mais pitoresca de Santo Ossário. O endereço era o de uma casa, mas não era grande ou espaçosa como a que abrigara a família Manzini. Pelo contrário: era colada às casas vizinhas, a porta da frente dava direto para a rua. Estilo português, ou quase. Devia ter um pátio nos fundos, mas o que se via era apenas um retângulo adornado, com uma porta e uma janela.

Tocou a campainha.

Ninguém na rua. Mas não se sentia ameaçada; os perigos de Santo Ossário não incluíam assaltos oportunos, a cidade era mais refinada em sua violência. Qualidade, não quantidade, ela pensou quase rindo. Nenhuma luz acesa nos vizinhos; ou estavam fora, ou eram aposentados que planejavam acordar antes da entrega do jornal. Tocou de novo. Preparava-se para enfiar o bilhete por baixo da porta, quando enfim ouviu passos. Alguém testou duas chaves, do outro lado, então acertou e abriu.

– Ah, não – disse Nicole.

Felix postava-se enorme e sorridente, ocupando o vão inteiro. Um segundo, e ela notou que seu rosto estava respingado de vermelho.

– Fique longe! – ela deu um passo para trás.

– Não é o que você está pensando – disse Felix.

E então ela viu a escopeta de cano serrado em sua mão esquerda.

Nicole deu um grito, que se uniu em harmonia a um outro, vindo de dentro da casa. Felix deu meia-volta, apoiando a coronha da arma no ombro, um gesto fluido, ligeiro, treinado. Quem vinha do outro lado berrava, a boca muito aberta, um avental imundo de sangue cobrindo o torso. Brandia um cutelo.

– Tape os ouvidos! – avisou Felix.

Então um estouro súbito enviou cheiro de pólvora queimada para todo lado. O tronco do homem do cutelo se esfacelou com o tiro à curta distância, ele voou uns metros para dentro da casa e caiu flácido.

O bigodudo se voltou a Nicole.

– *Não chegue perto de mim!*

– Leia o bilhete, menina!

– Largue essa arma!

– Esta arma acabou de...

– *Largue!*

Ele obedeceu, depositando a escopeta no chão.

Os dois ofegavam.

O estrondo do tiro ainda parecia ocupar o silêncio da rua deserta, mas ninguém vinha olhar.

– Ninguém escutou, Nicole. Estão todos mortos. Leia o bilhete.

– Você...

– Leia o bilhete.

Ela retirou o envelope do bolso. Com mãos trêmulas, abriu-o. Continha uma folha de caderno recortada, escrita a caneta esferográfica azul:

“Esta é a última que estou mandando para vocês.”

– O que significa isso?

– Venha, eu lhe mostro.

– “Última que estou”...

– Você. Você era a última que ele estava mandando.

Silêncio.

– Venha comigo – disse Felix. – Acabei de salvar sua vida, quero mostrar-lhe o que estava lhe esperando.

– Gente morta?

– Você é Nicole Manzini. Deve ter estômago forte.

– Deixe a arma.

– Certo, certo. A arma fica.

Ela entrou na casa. Felix fechou a porta, deixou a escopeta no chão. Eles atravessaram uma sala de jantar onde dois outros corpos jaziam. Um esparramado sobre um tapete, com um tiro na cabeça. Outro com um rombo no peito, ainda sentado à mesa. O prato principal estava em uma travessa à sua frente. Carne assada.

– Isso é... – começou Nicole.

– Venha.

Seguiram aos fundos. Chegaram a uma sala fechada por uma porta metálica pesada. Felix abriu-a: era um frigorífico. Lá dentro, pendendo do teto, várias carcaças, vários cortes limpos de carne.

Humana.

– Canibais?

– Também – esclareceu Felix. – Mas principalmente comerciantes. Tinham aqui um próspero açougue. Já haviam devorado a vizinhança há muito tempo.

– Como descobriu?

– Seu amigo cego – ele riu.

Fechou o frigorífico, abriu a porta de um quarto, onde o homem com quem Nicole falara estava amarrado e amordaçado. A bengala e os óculos escuros estavam no chão, ao seu lado. Ao enxergar a dupla, o falso cego começou a se debater. O resto do quarto era ocupado por aparatos diversos, destinados à fabricação de linguiças caseiras.

– Isso *sempre* acontece comigo – disse Nicole.

– Eu sei.



Uma raridade: um lugar que estava aberto depois das 22h30, e não tinha mais de 20 anos. Nicole não o conhecia. Era uma lanchonete com ambiente que imitava filmes americanos, dividida em décadas emblemáticas da música e da cultura popular. Pôsteres enquadrados de bandas, filmes e cantores arquetípicos. O cozinheiro exibia cabelo armado e comprido, maquiagem nos olhos, colete de couro e calças justas de rockstar da década de 80. Quatro ou cinco fregueses sentavam-se no balcão ou em mesas bem-arrumadas. Ela e Felix escolheram um nicho dividido dos demais, com um pequeno sofá de cada lado, a mesa fixa entre os dois. Debruçavam-se sobre os cardápios coloridos e plastificados. Acima deles, um letreiro em neon comemorava um álbum musical mais velho que ela mesma.

– Chega de enrolar – disse Nicole. – Explique-se.

Felix franzia o cenho para o cardápio.

– Não prefere antes...

– Agora, Felix.

Ele sorriu.

– Ok, admito. Eu segui você.

– Isso é *bastante* perturbador. Por que diabos fez isso?

– Porque você é Nicole Manzini.

– E você é meu fã.

– Um admirador, mas isso não tem importância. Segui você porque sabia que não tem amigos aqui. Pode me chamar de frouxo, mas não acho certo abandonar uma pessoa num lugar hostil quando podemos fazer algo para ajudar.

– Sempre salva donzelas em apuros?

– Você não é donzela, muito menos em apuros. Já salvei mais homens do que mulheres, se é isso que está insinuando. Enfim, depois que você falou com o cego, resolvi ir atrás dele.

– Como descobriu que não era cego?

– Dei-lhe um murro – como se fosse uma obviedade.

Ela piscou.

– E o açougue?

– Quando roubei seu envelope...

– Você *roubou* o envelope?

– E botei de volta no seu bolso. Enquanto você estava distraída com a caixa de

ferramentas. – Ele deu de ombros, ela segurou as têmporas. – Li o endereço, resolvi investigar.

– Leu o bilhete também?

– Não tive tempo. Sou rápido, não mágico.

– Então como sabia o que estava escrito?

Felix sorriu.

– É um clássico – disse. – Fico surpreso por você não conhecer. O primeiro registro de que tenho notícia é em Berlim, 1946. Exatamente a mesma coisa: um cego, um bilhete, um açougue de carne humana. Desde então o boato surge de tempos em tempos em vários lugares do mundo.

– Uma lenda urbana.

– E quem é a musa das lendas urbanas?

– Eu – em voz baixa.

A garçonete apresentou-se. Na verdade era a dona do lugar, uma mulher na casa dos 40, com um absurdo penteado bufante, parecido com um grande cupinzeiro equilibrado em sua cabeça. Rijo de laquê. Seus óculos e seu vestido rosa-claro complementavam aquela imitação do visual dos anos 1950 – ou pelo menos uma bela tentativa.

– Já sabem o que vão querer?

– Não entendi o cardápio – confessou Felix.

– O que é um Sundae Bloody Sundae? – perguntou Nicole.

– Sorvete com calda de morango.

Os dois se entreolharam.

– Alguém aqui tem muito tempo livre – murmurou Felix.

– Perdão?

– Nada. Um café, por favor.

Nicole pediu I Wanna Be Your Dog (cachorro-quente) e um refrigerante que felizmente não possuía um nome engraçadinho.

– Não tenho como pagar – disse ela.

– Eu pago, é claro.

– Obrigada. Você não vai ser procurado por assassinato?

– Minha arma não existe legalmente, tampouco as balas. Plantei algumas impressões digitais do seu amigo cego, por precaução. Limpei o que precisava ser limpo. Felizmente, os açougueiros criaram um ambiente bem isolado, onde podiam matar em paz. Sou muito bom em matar sem deixar pistas, menina.

Ela ficou quieta.

– Desculpe, às vezes esqueço que nem todo mundo...

– É que eu odeio armas, sabe? – interrompeu Nicole. – Odeio mesmo.

Silêncio.

– Está acostumado com esquisitices? – disse a garota.

Felix assentiu.

– Não tanto quanto você. E também não sou perseguido; costumo ir atrás.

– E agora?

– Como assim?

– O que vai fazer agora? – Nicole perguntou.

– O que *você* vai fazer? – o ruivo devolveu.

– Tentar limpar o casarão, acho. Descobrir por que a minha vida desmoronou. Enfrentar o meu pai.

– Ele ainda está vivo.

– Claro que está. Não passa um mês sem que alguém descubra meu e-mail e me escreva, pedindo para falar com ele.

– E você não o vê desde o massacre?

Ela fez que não. Era um alívio; Felix chamava de *massacre*. Durante toda a sua vida, Nicole ouvira as pessoas chamarem aquela noite de "o incidente", "a tragédia", "o ocorrido". Ou mesmo de "aquela noite". Felix era o primeiro a chamar do que era: o massacre dos cultistas em Santo Ossário. De onde só duas pessoas haviam saído vivas – Salomão Manzini e sua filha, Nicole.

– E você? – ela voltou a perguntar.

– O que mais poderia fazer? Vou ajudá-la, é claro!

– Já conheci gente assim. Chama a si mesmo de "investigador"? "Pesquisador do oculto"? Uma vez já encontrei um que se intitulava "caça-fantasmas".

– Nada tão excêntrico. Sou um soldado.

Ela ergueu uma sobrancelha.

– Não no exército, claro. Mercenário – com naturalidade. – Paga melhor e há muito mais diversão. Teorias da conspiração são só um hobby.

– Então *está* aqui por minha causa.

– Não, não. Acho que alguns de meus colegas mortos estão sendo reanimados por magia negra, e minha investigação me trouxe até aqui.

Nicole ergueu a mão para a garçonete. No lugar do refrigerante, precisaria de alguma coisa mais forte.

Capítulo 5

O professor oculto

A NOITE E A TEMPESTADE já haviam transformado tudo num breu quando ele achou a entrada. Era pouco mais que uma rachadura, um vão na face da montanha, facilmente ignorado mesmo pelos melhores caçadores.

Astarte era melhor que os melhores.

Aquele trecho da montanha era uma superfície regular e completamente vertical, oferecia poucos apoios para mãos e pés. O vão estava camuflado entre outras rachaduras que não levavam a lugar algum. Escondido por vegetação teimosa, empedernida, que brotava de espaços exíguos entre as rochas, com troncos finos, curtos e retorcidos, folhas desesperadas tentando alcançar a luz do sol.

Mas agora não havia sol; havia noite e chuva. O príncipe não notara quando sua visão modificara-se, assumindo o modo que lhe permitia enxergar no escuro sem esforço consciente. Os olhos de Astarte eram mais aguçados que o normal, mas aquela característica era comum a toda a sua raça. Elfos, em sintonia com seu mundo, adaptavam-se às condições que ele oferecia.

Astarte ergueu-se pelos braços longilíneos e poderosos, subindo à caverna, vigiando os pés para não escorregar. O parapeito que se projetava da face da montanha não passava de alguns centímetros, ele equilibrou seu peso para que a superfície o sustentasse. Então espremeu-se pelo vão. Não forçou-se contra o espaço apertado; sentiu os desejos da rocha e procurou moldar o corpo à sua forma, esvaziando os pulmões para tornar-se mais esguio, inspirando quando a forma da pedra permitia. Sem pressa, cruzou vários metros de corredor claustrofóbico, até que emergiu em um largo salão natural. Agradeceu à montanha por tê-lo deixado passar, examinou os novos arredores. A água da tempestade lá fora empoçava-se no chão. Estalactites pendiam do teto, pingando, cada gota fazendo um eco amplificado. Estalagmites correspondentes emergiam da água. O salão era vasto; mais de dez metros de diâmetro, e havia uma abertura do outro lado. Muito maior que aquela por onde ele entrara, um

verdadeiro corredor natural, prometendo levar ao inimigo.

Encordoou o arco e ajustou a aljava, deixando as flechas à mão. Soltou sua faca longa na bainha, ensaiou o movimento de sacá-la para uma defesa rápida.

Progrediu, em silêncio, afundando as botas na água empoçada. Suas roupas eram couro de animais que ele mesmo caçara, sedas, tecidos feitos de plantas vivas. Estavam encharcadas, mas ele não ressentia-se do desconforto. Abraçava e aproveitava o gelado de encontro ao corpo como mais uma sensação bem-vinda. Avançou até o corredor do outro lado, arco em punho, vigilante.

Aos poucos, notou os arredores se apagarem. Mais fundo na caverna, não havia qualquer luz a ser amplificada, nem mesmo a visão no escuro funcionava. Piscou algumas vezes, enquanto os olhos se acostumavam a um terceiro modo. Agora enxergava tênues variações na temperatura das paredes, do limo. Percebia o calor de uma forma imprecisa; a visão de manchas marcando certas superfícies combinada com o olfato era o recurso de que dispunha para esboçar um mapa. Mas tinha a vantagem de poder perceber o calor através dos obstáculos. Ele via as auras de temperatura do outro lado das paredes, muito mais longe que seus olhos poderiam notar normalmente.

Então, uma aura muito mais forte, destacando-se como uma chama em meio ao frio da caverna: uma pessoa.

A silhueta era vaga, mas não deixava dúvidas. Dois braços, duas pernas, andando ereto, de um lado para o outro. Astarte julgou que havia diversas paredes separando-os. Mas chegava mais perto – a aura ficava mais forte, mais nítida. Pela postura de quem quer que fosse, carregava algum tipo de arma branca. Em silêncio, ao longo de uma hora, o príncipe dos elfos atravessou o túnel até sua primeira vítima.

Já conseguia enxergar a silhueta claramente. A presa estava a poucos metros, depois de uma curva, quando o viu ocupar-se de alguma coisa no chão. Então a visão de calor inundou-se com um clarão repentino. Astarte ficou ofuscado, fechou os olhos e levou o antebraço ao rosto, para se proteger da sobrecarga nos sentidos. A pele notou a mudança de temperatura um instante depois: o inimigo acendera uma chama.

Ainda cego, Astarte ouviu o rangido suave de couro macio contra o chão de pedra, adivinhou uma mudança no ar alguns metros à frente, saltou para o lado – *um ataque*. Sentiu o deslocamento de ar e o frio momentâneo quando uma lâmina foi arremessada e errou por centímetros. Ouviu o metal tilintar na pedra. Correu para frente, às cegas, fez a curva que levava ao inimigo e ao salão natural onde ele estava. Jogou-se num salto, evitando um ataque corporal. Deu três

cambalhotas para trás, esquivando-se de golpes que não conseguia ver, escutando uma lâmina comprida cortando o ar.

Por fim, suas costas tocaram a parede de pedra. Ele apontou o arco para a direção na qual julgava que sua presa estaria. Piscou; já começava a enxergar de novo.

– Então será esta noite – disse a voz suave e melodiosa do inimigo. – É uma honra, Alteza.

A visão enfim desanuviou-se. Astarte conseguiu ver o outro com clareza.

Um elfo de porte digno, postura orgulhosa, pescoço longo e queixo erguido. Bem mais baixo que o príncipe, ou mesmo que Harallad. Seus cabelos tinham cor de prata, longos, presos em um nó sobre a cabeça. Vestia mantos elegantes, fluidos, que pareciam pesados mas facilitavam o movimento. Trazia nas mãos uma espada longa e curva, bem polida, mas de cabo tosco, sem adornos.

A flecha de Astarte estava apontada para sua garganta, mas o homem não parecia se abalar. Tinha guarda baixa, braços abertos, lâmina apontando para o chão.

– Pelo menos diga-me que você *sabe* que eu também podia enxergá-lo – falou o adversário. – Diga que pelo menos me respeitaram, mandando um príncipe adulto. Alguém que conhece as capacidades de sua própria raça sabe que a infravisão é um dom de todos.

– Sou Astarte, a Primeira Flecha de Arcádia. Alegre-se, pois você tem a honra de ser minha primeira vítima fatal.

O outro sorriu.

– Já? A Primeira Flecha... – Por um instante, seus olhos perderam-se num ponto indefinido, alguma divagação interna. – Bem, faz sentido. É claro que eu seria seu teste de sangue. É claro que minha morte vai transformá-lo num guerreiro.

– E alegre-se porque responderei à sua pergunta. Sei que todos possuímos a infravisão, a percepção da natureza. Quando o caçador se esgueira para perto do gamo, não é porque o gamo é cego. É porque o caçador está invisível.

O inimigo sorriu.

– Aprendeu com Yaslar, não? “Nunca conte com um gamo cego.” Ele adorava repetir isso.

Astarte ficou mudo.

– Conheço seu mestre de caçada, Alteza. Assim como conheço Harallad, Rhaewodd, Vyslanna e todos os outros. Quando sair daqui, diga-lhes que Seandros sente saudade, pensa neles todos os dias. E lamenta por serem todos

fracos e traidores.

Astarte puxou a corda do arco, por instinto.

– Vai matar por raiva?

– Nunca.

Seandros meneou a cabeça com aprovação.

– Seu nome é Seandros? – disse Astarte.

O outro não respondeu, mas o silêncio era resposta suficiente.

– Sua armadilha falhou, Seandros. Mesmo cego, pude me esquivar de seus golpes. E agora minha flecha anseia por sua garganta, sua vida anseia por tornar-se morte. Fui treinado por Rhaewodd, a Faca no Escuro. Sua espada nunca será mais rápida do que minha mão, esteja ela no arco ou na adaga.

– Não foi uma armadilha, príncipe – Seandros deu de ombros. – Apenas desejava ver seu rosto com clareza. Ver como cresceu.

Fez um gesto para o salão todo.

– E achei que nosso confronto merecia um ambiente adequado.

O salão natural fora alterado ao longo de anos, isso era claro. A parede onde Astarte encostava-se era lisa, trabalhada. Outras superfícies haviam sido moldadas em colunas, nichos. E havia confortos simples: uma prateleira de madeira viva, um espelho de prata, uma cama de folhas secas. Dois grandes braseiros de metal, como caldeirões cheios de incandescência – haviam produzido o calor que cegara o príncipe. Uma estante em forma de colmeia, cada "favo" contendo um ou dois pergaminhos enrolados. Num canto, uma espécie de grande tigela de pedra, sobre um pedestal alto. Estava repleta de água escura, até a borda. O salão era um pouco mais elevado que o túnel que levara até ele; isso mantinha a chuva do lado de fora, impedindo que se empoçasse no chão. Uma moradia simples, mas adequada.

– Não haverá confronto, Seandros. Apenas sua morte. Mas antes permitirei que peça perdão à Rainha.

Ao ouvir isso, Seandros não conteve uma careta de nojo. Cuspiu no chão.

– Que a Rainha morra mil mortes indignas.

O ódio aflorou, mais ardente que as brasas. Astarte deixou a flecha voar rumo à garganta do inimigo. Seandros saltou, usou sua espada para partir a seta ao meio, rolou no chão de forma desajeitada. Astarte já tinha outra flecha preparada, mas sentia o coração bater mais forte. Quase medo.

– *Não, Astarte, não!* – vociferou Seandros. – Mate-me com elegância, pelo menos! Se já conhece a Rainha, então já é um deles. Mas não seja um fraco!

– Eu não... – deteve-se.

Seandros arregalou os olhos. Então começou a rir. Ergueu-se do chão, gargalhando, acompanhado pela mira do príncipe.

– Não conhece a Rainha! Claro que não! Defendeu a honra dela *apenas porque ela é a Rainha!* Eles são mesmo bons, Astarte, tenho que admitir. O arranjo que fizeram é *perfeito*.

– Cale-se.

– Não! – gritou. Fez um gesto brusco com as mãos, brandindo a espada.

Subitamente, a montanha rugiu. O chão aos pés de Astarte corcoveou, como um terremoto concentrado; a parede atrás dele convulsionou e expeliu tentáculos de rocha. O príncipe saltou para longe, evitando ser agarrado pela pedra em movimento. Seandros gesticulou de novo: o piso explodiu, enviando estilhaços na direção de seu algoz. Astarte, mal tocando o chão após o salto, impulsionou-se de novo, contorceu-se para evitar os fragmentos, sentiu dois deles rasgarem-lhe a coxa e a face, arrancarem sangue.

Astarte ainda estava no ar, Seandros girou e apontou-lhe a espada. Da ponta da lâmina, desprendeu-se um relâmpago. O príncipe deixou-se cair deitado, rente ao chão, evitando a descarga elétrica. Então impulsionou-se para trás, num salto acrobático, encostou a sola dos dois pés na parede. Um instante, e um dos braseiros cuspiu uma coluna de chamas. Astarte fez força com as pernas contra a superfície vertical, mergulhou para Seandros. Acertou-lhe com o antebraço no pescoço, sacou a faca longa com a outra mão, num gesto fluido que se juntou a um golpe. Abriu o ventre e o peito do inimigo num corte raso, comprido. Seandros caiu para trás. Astarte deu uma cambalhota sobre ele, pousou virado para sua presa, faca na mão. Deixara o arco cair no chão, bem ao seu lado, pronto para ser apanhado. Ofegava de leve.

As brasas se espalhavam no chão, soltando fumaça. Um rombo no piso. A parede que se movera estava em repouso. Sangrando, o inimigo ergueu-se.

– Você é bom – disse.

– Desista! – ordenou Astarte. – Você não pode me vencer. Fui treinado em todas as artes élficas.

– Todas?

O príncipe hesitou.

– Se conhece *todas* as artes élficas, por que não revidou na mesma moeda, Alteza?

– Você é...

– Um mago. E você não.

Silêncio. Ficaram mirando-se alguns instantes. Astarte tentando adivinhar de

onde poderia vir um novo ataque mágico. Seandros vigiando as armas do adversário.

– Não cabe a um guerreiro o caminho da magia – disse Astarte, quebrando a tensão.

– Foi *isso* que lhe disseram? – Seandros gargalhou novamente. Jogou a cabeça para trás, olhos fechados.

Astarte pensou em matá-lo naquela hora. Mas na verdade sentiu-se constrangido.

– Como acha que cortei sua flecha, Astarte? Nem mesmo Rhaewodd faria isso, e ele foi seu mestre de esgrima! Como acha que arremessei uma lâmina ao longo de uma curva no corredor? Que meu assassino não seja estúpido!

Ainda em posição de ataque, segurando a faca, o príncipe manteve-se em silêncio.

– O guerreiro elfo *é* um mago! Ou pelo menos deveria ser.

– O quê...?

– Não tivemos todos os anos que deveríamos, então terei de instruí-lo nesses minutos que me restam. O que é a lâmina, senão metal, Astarte? E o que é metal, senão parte da terra?

Fez um gesto amplo, e todo o salão estremeceu. Não uma convulsão violenta, como antes, mas uma vibração baixa, grave e contínua, que causava cócegas no interior do corpo, parecia balançar os ossos. Aos poucos, brilhos começaram a surgir da pedra. Logo revelaram-se como metal. Metal fluido, brotando da montanha para dentro da caverna. Vindos de todos os lados, fios finos e prateados, reluzindo com os braseiros. Uma verdadeira rede, como as veias de um homem, que confluiu para Seandros. Os fios uniram-se, moldaram-se sobre a palma de sua mão estendida. Trançaram-se, como se uma forja invisível e um ferreiro de delicadeza suprema fizessem o trabalho de dias em questão de instantes. Adquiriram uma forma comprida, esguia, pontiaguda. Com plumas metálicas delicadíssimas num extremo, e uma ponta afiada no outro.

Era uma flecha.

Seandros fez um movimento suave, e a flecha flutuou até Astarte. Pousou à sua frente, como um servo pronto para cumprir a vontade de seu senhor.

– Isso é magia, Alteza. Parece-lhe algo que não serve a um guerreiro?

– Não – respondeu Astarte, que já não sabia mais como agir, a não ser responder-lhe com sinceridade.

– Use esta flecha para me matar.

Ele apanhou o arco, encaixou a nova flecha na corda. Era perfeita, tinha a

leveza e resistência da melhor seta de madeira.

– Você não teme que seja um ardil? – disse Seandros.

– Não.

Astarte levantou-se, postou-se em posição de tiro.

– Por quê, Alteza? Por que não acha que possa ser uma armadilha?

Sem resposta.

– Porque você tem uma ligação com a magia que eu mesmo nunca poderei ter – o próprio Seandros respondeu, como um professor. – Não que me reste muito tempo, é verdade. "Nunca" adquire um novo significado quando se está prestes a morrer.

– Não sou um mago – falou Astarte, ignorando o resto da tagarelice.

– Não, não é. Mas poderia ser. O que é a magia, Astarte?

Silêncio.

– A magia é o poder da terra – explicou o mago. – A terra *é* a magia. Magia é a realidade; a terra é como a interpretamos.

Astarte ficou calado, como um aluno atento.

– E você, é claro, possui a maior conexão com a terra. É o príncipe, afinal! Poderia ser o maior mago que já houve, se sua mãe e os outros não tivessem medo.

– Não fale...

– Da Rainha? Ou o quê? Irá me matar? – Deu uma risada solta.

– A magia vem de Arcádia?

– Você não estava escutando, garoto! Arcádia *é* a magia. Aliás, Arcádia é só parte de um todo maior. Parte da realidade. A realidade é a magia. E esse poder seria seu, se eles não tivessem medo.

– Não sou garoto.

– Não, não é mais. Mas, quando o conheci, nem mesmo garoto era. Um mero bebê.

Astarte ficou quieto.

– Sou Seandros, o Moldador de Enigmas! – ergueu a voz, orgulhoso. – Seria seu mestre de magia, príncipe, mas eles tiveram medo.

– Medo de quê?

– Da verdade.

– Fale com clareza!

A fúria do príncipe fez Seandros mudar sua postura. Seu ar de superioridade desapareceu por um instante e o mago passou a encarar o elfo com mais respeito.

– Como conseguiu esquivar-se de minha magia, Astarte? Como conseguiu

escapar quase ileso quando a própria montanha se voltava contra você? Foi capaz de fazer isso porque *já possui* conhecimento mágico. Eles apenas têm medo de que você perceba. O que acha que é seu domínio do arco? Sua esgrima perfeita? Como uma só pessoa pode ser superior a seus mestres em *tudo*?

– Não sou superior a eles em tudo.

– Não suje minha morte com modéstia. Por que enviaram justamente *você* para me matar, mesmo arriscando que aprendesse o que não deve? – Seandros rilhou os dentes. – *Porque nenhum dos outros conseguiria*. Eu mataria todos! Apenas você possui tanta magia, Astarte.

A flecha apontada para a garganta, os braços na posição tensa mas firme, sem dor, sem esforço.

– O tiro com arco é o poder da terra fluindo por você! A esgrima é Arcádia se manifestando em sua lâmina! Imagino que você chegue perto dos enigmas, Astarte, *tão perto*. Especialmente quando pratica o arranjo floral. A caligrafia. O combate desarmado. Vyslanna ensinou-lhe as Formas Sublimes, não?

Ele não respondia, ouvia o falatório como algo distante. Transformara-se em uma extensão do arco, um instrumento da flecha, concentrado e impondo sua vontade ao mundo.

– O que acha que são aqueles movimentos, Astarte? Para que servem? São enigmas! Fórmulas! Quebra-cabeças!

No fundo da mente, Astarte percebia que algumas coisas que aquele mago dizia faziam sentido.

– Por que o ritual antes do tiro? Por que os movimentos precisos, a posição exata de cada mão e pé? São fórmulas. Trazem o poder para você. Seus mestres lhe ensinaram tudo isso, mas não querem que compreenda, apenas repita. Não querem que obtenha verdadeira *sabedoria*, porque ainda não está domado. Se soubesse demais, poderia usar a magia para adentrar o outro mundo, antes de ser doutrinado no palácio.

O palácio.

O outro mundo.

A concentração de Astarte fraquejou.

As coisas entendidas pela metade, captadas pelo inconsciente, vieram à tona, fazendo rachaduras no estado perfeito de mente vazia arqueira. Tudo embaralhou-se, e o que saiu da boca de Astarte foi:

– Quebra-cabeças?

– A melhor forma de acessar a magia, o poder de Arcádia. Quebra-cabeças complexos, enigmas, labirintos. Por isso seu mestre de magia é o Moldador de

Enigmas, embora esse seja um título inexato e pomposo. Na verdade sou um *decifrador* de enigmas, pois Arcádia inteira é um enigma, um quebra-cabeças, e seu poder é nosso ao decifrá-lo.

Astarte projetou sua vontade de novo, expandiu seus sentidos, avassalando-os e anulando-os. Mas tinha uma nova percepção do que era cada movimento, cada etapa, cada posição para o tiro perfeito. Sentia-se percorrendo um labirinto, montando um quebra-cabeças, decifrando um enigma, recitando uma fórmula.

– Sou a vítima, e você é o assassino – disse Seandros.

– Guerreiro – corrigiu o príncipe.

– *Assassino.* Uma borboleta, um gamo ou um humano não conseguiriam sentir sua vontade dominando-os, mas sou um mago. Sinto seu poder me sobrepujando, fico cada vez mais conformado com meu destino e secretamente desejo ser derrotado. No último instante, tomarei a decisão do fracasso, pois sua vontade é superior. Você é a Primeira Flecha de Arcádia, e está me transformando num alvo.

Humano.

– Humano?

Seandros riu com esforço.

– Você consegue falar, mesmo em seu estado de concentração. Harallad nunca conseguiu fazer isso. Aproveitávamos para fazer troça dele e dançar ao seu redor. Éramos jovens, Astarte, Arcádia não era tão velha. E os humanos eram jovens, tinham acabado de ser criados. Você conhece os humanos, não? De onde acha que eles vêm?

– Chega de palavras.

– Chega, é verdade. Só mais *uma*.

Seandros de repente fez um gesto complexo, uma combinação estonteante de posições com os dedos e as mãos. Emitiu uma palavra ininteligível, um ajuntamento de sílabas pronunciadas com rapidez e precisão, numa língua que Astarte jamais ouvira – não soava como uma língua, mas como uma fórmula. Surgiu um brilho no canto do salão, e então os dedos de Astarte se abriram, soltaram a corda, a flecha voou. Ele não atirara.

Algo atirara.

A seta cruzou a distância num instante, obedecendo à intenção do mundo; Seandros ficou parado, também obedecendo. A ponta metálica perfurou sua garganta, ele gorgolejou sangue e tombou.

Morto.

Astarte emergiu da consciência suprema, da não consciência do arqueiro.

Olhou seu primeiro cadáver. Desencordoou o arco, para que a madeira não se deformasse.

O brilho continuava no canto do salão. Astarte foi até lá. Era a bacia de pedra cheia d'água. A água reluzia, como se refletisse luz em seu interior. A superfície parecia agitar-se, mas estava plana como um lago congelado. Eram imagens que se formavam na água. O olhar do elfo foi atraído.

Você conhece os humanos, não? De onde acha que eles vêm?

Astarte viu um lugar feio.

Pensou que deviam ser terras de trolls ou orcs, alguma nação bárbara que desafiava a Rainha. Um inimigo para os exércitos élficos, talvez algo que ele mesmo enfrentaria?

Mas não. Não eram trolls, não eram orcs.

Eram humanos.

A terra feia estava povoada por eles. Sujeira por todos os lados; subprodutos de uma inventividade assombrosa e resíduos simplesmente feitos de propósito. Um mundo sem brilho, de formas indistintas, como se fossem vistas por um olhar míope. Um lugar que era *menor*; parecia menos real, mais rudimentar.

Assim como os próprios humanos.

Ele nunca vira humanos de perto, assim como nunca vira plebeus. Mas já vira representações deles, desenhos e descrições. Sabia que viviam nos arrabaldes de Arcádia, ou então no palácio, em alguns lugares de honra, quando tinham sorte.

De onde acha que eles vêm?

Humanos vinham daquele lugar? Onde ficava aquilo?

Por que era tão mal-acabado, tosco, impreciso?

A superfície da água mostrava uma noite, uma estrada. Uma humana dentro de um engenho daquelas criaturas, um tipo de veículo metálico movido por fogo e explosões. Então, sobre a pequena carruagem, surgiu um brilho multicolorido. Cores precisas, exatas, *verdadeiras*. Um contraste acentuado com a precariedade da terra dos humanos – eram, sem dúvida, cores de Arcádia.

Um disco ficou visível entre as cores, uma espécie de pequena enfermaria élfica. O veículo humano deteve-se, congelado no tempo. A humana em seu interior foi erguida pela luz, flutuando inerte, atravessando o teto de metal da carruagem e adentrando a enfermaria. Cruzava o espaço como se ele não estivesse lá. Como se ela mesma pertencesse a outra vibração, outra dimensão – como se, subitamente, o mundo dos humanos fosse imaterial demais para contê-la.

A humana foi colocada sobre uma maca na enfermaria élfica. Então Astarte

viu seres estranhos aproximando-se dela.

Olhos grandes em cabeças igualmente enormes. Braços finos, dedos longos, pele acinzentada. Eram duendes.

Eram plebeus. Seus súditos.

Os duendes examinaram a humana, enfiaram seus dedos na carne dela, sem romper sua pele, sem fazê-la sangrar. Trocaram impressões entre si. A humana parecia aterrorizada, mas incapaz de se mover.

Então devolveram-na a seu mundo. O tempo e o espaço não estavam sincronizados, e ela foi depositada bem longe de seu veículo, quando o sol imperfeito naquele céu de azul mortiço já brilhava alto.

E Astarte viu outras cenas como aquela. Outras épocas, outros lugares. Humanos sendo levados e examinados. Humanos que não tiveram tanta sorte, e foram dissecados. Plantações sendo marcadas por estranhos e enormes símbolos. Bebês humanos sendo raptados e jamais devolvidos – trocados por duendes em forma humana, que então eram criados por famílias humanas.

Cenas da primeira humana surgiam de tempos em tempos. Ela sendo levada por plebeus, observada, examinada. Em diferentes fases de sua vida. Astarte viu a humana crescer em cenas aleatórias, fora de ordem: raptada e estudada pelos duendes. Ela parecia o tema que unia todas as visões – como um refrão que se repetia depois de cada estrofe de uma canção. Humanos de todas as formas sendo raptados, e então aquela garota, mais uma vez, sofrendo mais do que todos.

Sempre eram plebeus entrando naquela terra, nunca elfos nobres como ele mesmo. Sempre em número reduzido – um ou dois, levando um ou dois humanos. Sempre com grande esforço.

Mas entrando e saindo de um outro mundo. Do mundo dos humanos.

A última visão mostrou a primeira humana dormindo em sua cama, pequena como uma boneca. Então tentando gritar, quando os duendes surgiram para levá-la.

Dormindo.

Humanos eram mesmo criaturas engraçadas, Astarte pensou de repente. Precisavam dormir várias horas por dia, como os animais.

A água tremeluziu e agitou-se, as imagens desapareceram.

Dormindo numa maca.

Ele parecia estar se lembrando de já ter dormido numa maca.

Ele? Um *elfo*?

Quando? Apenas imaginara aquilo? Então como sabia descrever o estado de

torpor profundo a que se entregavam humanos e animais?

Um elfo dormindo?

Perguntaria a Harallad. Não estranhou estar concentrado naquilo, quase se esquecendo de todo o resto: sua primeira morte, as informações sobre a magia, tudo que Seandros lhe dissera. Plebeus e humanos e raptos, e aquela humana raptada com frequência alarmante.

Capítulo 6

O elfo de Santo Ossário

OS TRABALHOS EM SANTO OSSÁRIO estavam divididos em algumas categorias.

Você poderia ter nascido em uma família que já possuía um negócio, pelo menos desde os tempos de seu avô. Então estaria destinado a tocar adiante o empreendimento, provavelmente um restaurante, malharia ou loja de chocolates. Você contaria com amigos e fregueses, com um futuro garantido e com poucas surpresas. Pelo lado bom, nunca passaria fome. Pelo lado ruim, uma vez que nascesse na família errada, não teria muitas oportunidades de obter essa posição. O epítome do negócio familiar, o topo dessa carreira que começava no parto, era a família Strauss.

Você poderia empregar-se num desses estabelecimentos familiares. A maior parte contratava um ou dois funcionários – em geral filhos e netos dos empregados anteriores. As dinastias assim perpetuavam-se, numa espécie de feudalismo de chocolate. Pelo lado bom, você sempre teria alguém que cuidasse de você, um chefe que garantiria seu sustento apenas pela virtude dos sobrenomes de ambos. Pelo lado ruim, mais uma vez nascer do jeito adequado era fator determinante na análise do seu currículo. "Forasteiros" eram aceitos como empregados – mas não poderiam reclamar quando seu salário fosse menor. O epítome da servidão dinástica era trabalhar para os Strauss. Ninguém em Santo Ossário podia imaginar a vida sem o logotipo com a letra S em supermercados, hotéis, linhas de ônibus, fábricas de móveis, farmácias, laboratórios.

Você poderia trabalhar para a prefeitura – o que não era *exatamente* a mesma coisa que trabalhar para os Strauss, apesar da boataria. Caso servisse ao poder público de Santo Ossário, você cuidaria dos canteiros de hortênsias, limparia os parques, auxiliaria o prefeito, lecionaria na Escola Municipal Zelda Strauss. Caso fosse um policial, sua principal atribuição seria orientar turistas – não havia crime em Santo Ossário desde o incidente com Salomão Manzini. O epítome do trabalho para a prefeitura era servir de guia turístico durante o Festival de

Cinema – ou principalmente nas ruínas.

As ruínas de Santo Ossário geravam emprego a um sem-número de jovens todos os anos. Uma legião de recém-formados no ensino médio estava a postos no que sobrara do colégio missionário e da fortaleza, prontos a recitar fatos para visitantes armados de câmeras. Os guias discorriam sobre como a cidade fora fundada ao redor desses locais onde indígenas e monges europeus conviviam em paz, até que um agressor estrangeiro dizimara a utopia. A identidade dos estrangeiros malignos era desconhecida – mas às vezes os guias inseriam um pouco de ficção, identificando-os como uma nacionalidade rival dos próprios turistas. A plausibilidade não importava muito. Todos os guias também carregavam, penduradas aos pescoços, "relíquias" que haviam sido "encontradas por acaso no porão lá de casa". Relíquias *eram* encontradas ocasionalmente em Santo Ossário, e nenhum turista sairia satisfeito sem conhecer um guia que possuísse uma história sobre esses fragmentos do passado. Os guias esforçavam-se em sua teatralidade em troca de um salário que quase era capaz de pagar uma ou duas contas por mês.

Além dessas opções, você poderia casar com alguém, de preferência um Strauss. Cada geração da família era aguardada com ansiedade, e todos desejavam que houvesse muitos filhos levando o sobrenome de herança, para que as vagas para posições de esposas e maridos também fossem abundantes.

Por último, era possível empregar-se no manicômio.

– Mas acho que isso você não vai querer – disse Felix.

Nicole fez que não com a cabeça. Estava quase sem dinheiro, e as perspectivas não eram animadoras.

O ruivo guardou a foto que examinava furtivamente.

– O que é essa foto que você vive olhando?

– Amigos.

Felix voltou a enfiar a cara na parede aberta, fios encapados emergindo como as veias da casa.

– Os amigos que você veio procurar?

– Pare de me distrair, Nicole – desconversou. – Você não quer um velho eletrocutado na sua sala de estar.

A casa da família Manzini continuava cheirando a mofo, continuava coberta de poeira em vários lugares. Mas Nicole havia dado um jeito em uma pequena parte, com água sanitária e um esfregão. Tornara alguns cômodos habitáveis, ou pelo menos garantira que respiraria uma quantidade menor de esporos. Durante aqueles dias, Felix havia ficado ao seu lado. Dormia numa pousada – oferecera

pagar um quarto para Nicole, mas ela recusara.

– Calculei o que posso fazer com o dinheiro que ainda tenho – disse a garota, sentada de pernas cruzadas no chão, notas e moedas à sua frente. – Ir ao cinema quatro vezes, se conseguir pagar meia em uma sessão. Ou comer quatro hambúrgueres e tomar quatro refrigerantes. Ou um mês de sanduíches de mortadela e água. Ou higiene básica por bastante tempo.

– Deixe de falar bobagens, garota – disse Felix, de costas para ela, mexendo na fiação. – Você está comigo.

– Desculpe se hesito em aceitar ser sustentada por homens mais velhos que falam sobre magia negra.

– Além do mais, você se esqueceu da margarina – disse Felix. – Esse seu sanduíche vai ficar horrível.

Um zumbido súbito, um pequeno estouro, e as luzes se acenderam.

– Está viva! – riu Felix.

Nenhuma das lâmpadas de vinte e poucos anos atrás funcionava, é claro; eles haviam comprado novas. Mas a sala do casarão já estava iluminada, além de algumas outras peças.

– Eletricidade pronta – Felix bateu poeira das mãos. – E agora? Encanamento?

– Como você conseguiu energia elétrica?

– Roubando, é claro.

Ele sorria largo.

– Quando você se ofereceu para pagar por tudo de que eu preciso, estava falando em roubar?

– Se você quiser, podemos fazer tudo do jeito certo e legal. Mas, de alguma forma, não imagino que você queira a cidade inteira sabendo que o casarão está ocupado, e vindo bisbilhotar.

As janelas, ainda quebradas e barradas por tábuas, eram um bom indicativo de que Nicole não planejava receber muitos visitantes.

– Bisbilhoteiros não faltam – disse Felix, reunindo suas ferramentas. – Costumavam fazer um “tour do massacre”. Passavam pelas casas das vítimas, dos cultistas e terminavam aqui mesmo, na porta do casarão. Pensei em vir uma vez, mas acabei tendo de cancelar.

– Por quê?

– Fui mandado para o Afeganistão.

Depois de fechar a caixa de ferramentas, ele jogou-se no sofá bolorento. Nicole de início não desconfiara do grandalhão: tivera *certeza* de que ele era mais um maníaco, ou no mínimo um alucinado que ouvia vozes ordenando-lhe a

cometer atos inomináveis.

Depois do dia em que Felix salvara sua pele dos canibais, Nicole mantivera-se afastada, dando desculpas e temendo o dia em que finalmente teria de chamar a polícia, anunciando para toda a cidade sua presença. Felix respeitara-a, mas mantinha-se à vista. Todas as manhãs, havia um cartão de visitas colado à porta da frente anunciando "serviços gerais". Por fim, Nicole ligara, e ele chegara com ferramentas e uma sacola plástica com marmitas de um restaurante próximo. Se fosse um maníaco, louco ou cultista, Felix comportava-se com comedimento exemplar. Afora suas esquisitices, parecia um sujeito normal: conversava sobre o tempo, comprava latinhas de cerveja para os dois. Quando achava que ela não estava prestando atenção, examinava uma foto antiga, que levava dobrada no bolso da jaqueta. Felix era como um tio bobalhão, que não precisava ser levado muito a sério pelos sobrinhos.

Exceto que o tio carregava uma coleção extraordinária de armas de fogo dos mais diversos calibres, além de um bom sortimento de granadas. Nicole exigira que nada daquilo entrasse em sua casa, e ele obedecera. Felix trouxera apenas suas ferramentas, com as quais mexia na instalação elétrica do casarão e retirava algumas estruturas de madeira podres demais.

– Como aprendeu a fazer tudo isso? – disse Nicole.

– O que você sabe sobre a SAS?

– Só o que é mostrado em videogame.

Ele recostou-se no sofá; um tio que acabara de receber autorização para contar uma história comprida.

– *Special Air Service*. Forças especiais inglesas, uns desgraçados durões. Missões de infiltração, busca e destruição... São ótimos em matar e explodir, mas às vezes, no deserto, você precisa consertar seu próprio jipe. Você sempre precisa armar seu próprio acampamento. Você quase sempre precisa explodir as bases e acampamentos dos *outros*, e para isso precisa ter ideia de como funcionam.

– Você já foi da SAS?

– Claro que não. Você precisa ser inglês, australiano ou neozelandês. Mas a minha companhia fazia missões com eles.

– E você aprendeu a ser eletricista com as forças especiais inglesas?

– Eletricista, carpinteiro, encanador. Existem cursos por correspondência, mas você aprende mais rápido quando há um inglês de dois metros de altura gritando no seu ouvido e insurgentes com bazucas se aproximando pelos dois flancos.

Nicole recolheu suas economias, enfiou-as na mochila. Ficou parada no meio

da sala, pensando sobre o que fazer. Felix falava de insurgentes com bazucas, mas fizera a luz funcionar.

– Não pense que estou fazendo caridade, menina – disse o bigodudo. – Eu pago suas marmitas e conserto o encanamento. Você me ajuda a descobrir sobre meus colegas mortos-vivos.

Nicole deixou um suspiro sair. Era o tipo de comentário que sugava suas forças, fazia-a ter a impressão de estar mais uma vez no meio da loucura, de que nada acabara, sua vida nunca mudara e nunca mudaria. Devagar, com movimentos cuidadosos, fechou a mochila, virou-se para Felix. Sentou-se no braço do sofá, olhando bem para ele. Então falou pausadamente, como se achasse que ele precisasse de tempo para compreender cada palavra.

– Felix, obrigada por tudo que você fez. Mas entenda. Isso é loucura. Você é um bom sujeito, mas é louco, e eu não vou procurar zumbis para você.

– Ninguém falou em zumbis! São outros mortos-vivos, bem diferentes.

– Ouça o que está falando. Você está prestes a discorrer sobre os *tipos* de mortos-vivos. Não estamos jogando RPG. Isto não é um filme. Essas coisas não existem.

– Mas abduções alienígenas...

O rosto da garota se fechou.

– Mortos-vivos *não* são mais estranhos do que os homenzinhos cinzas que examinam você de tempos em tempos – protestou Felix. Pelo menos não havia falado “homenzinhos verdes”. – De qualquer forma, você vai acabar me ajudando. É muita coincidência que eu chegue a Santo Ossário junto com Nicole Manzini.

Ela olhou as horas.

– Tenho uma entrevista de emprego. Tente não ter muitas alucinações até eu voltar.

– Nicole, você não precisa! Eu...

Mas ela estava falando sério, e nem deixou que ele terminasse de falar:

– Não vou aceitar que ninguém me sustente, Felix. Até logo.



Entre as limitadas opções de trabalho que Santo Ossário oferecia, Nicole escolhera a servidão aos mais abastados. A Strauss estava sempre contratando. Ela foi competir por uma vaga como digitadora em um dos escritórios da empresa, brandindo seu currículo de mestrado em filosofia quase concluído no

exterior. Apresentou-se em um dos vários prédios modernos (quase as únicas construções que destoavam do estilo pitoresco da cidade) que exibiam o S metálico sobre a porta, como um brasão.

Era manhã, e as bochechas de Nicole estavam rosadas pelo frio. Quando ela se aproximou da entrada, um homem abriu a porta, convidando-a a entrar com um gesto. Ela foi saudada por uma lufada de ar morno. O ambiente climatizado mantinha lá fora o frio de Santo Ossário, e uma moça muito maquiada e sorridente sentava-se atrás do balcão da recepção. Ela parecia feita de plástico, com cabelos meticulosamente presos, um fone em uma orelha e um pequeno microfone perto da boca, vestida em um tailleur de elegância corporativa. Nicole gaguejou que estava ali para a entrevista, mostrou o currículo a título de justificativa. A moça de plástico indicou-lhe os sofás onde os outros candidatos estavam sentados, assistindo ao programa matinal mais popular em uma televisão de último modelo. Havia chá e biscoitos.

Nicole sentou-se ao lado de mais oito candidatos. Os homens vestiam terno, e as mulheres tailleur, como se tivessem combinado de antemão. Estavam todos tão iguais, que pareciam figurantes prestes a começar um número musical na televisão. Eles trocavam comentários amenos entre si, fingindo que não competiam, para mostrar a quem estivesse observando que sabiam conviver em equipe. Deviam ser todos um pouco mais novos que ela própria. Um deles dirigiu-lhe um olhar de revés e sussurrou algo para o colega ao lado – ela fora reconhecida.

Nicole sentiu o rosto enrubescer pelo constrangimento e pela ponta de raiva, e estava prestes a falar algo quando todos os olhares foram desviados para o homem alto e sorridente que acabava de chegar:

– Bom dia! Sejam bem-vindos.

O homem vestia um terno tão confortável e elegante que parecia ter nascido com ele. Seu cabelo era perfeito, mas não encharcado de gel – natural, sem a sisudez e o ranço corporativo daqueles que procuravam impressionar. Era um homem bonito; devia ter 35 ou 40 anos. Tinha a idade e a aparência exatas para não ser considerado velho, mas indubitavelmente *adulto*. E sem sombra de dúvida ele dominava aquele lugar, isso estava claro em cada cumprimento recebido pelos funcionários de passagem, todos felizes por terem seus nomes lembrados por ele.

– Gosto de conhecer os jovens futuros membros de nossa família. Sou Emanuel Montague, muito prazer.



Como uma técnica moderna e inovadora, eles não seriam entrevistados numa sala estéril cheirando a ar-condicionado, mas levados para um ambiente mais informal onde todos poderiam se conhecer melhor. Também não eram recebidos por um funcionário genérico, mas pelo poderoso diretor de operações, entusiasmado em se colocar no mesmo nível de seus subalternos. A tolerância de Nicole já acabara. Ela já preferia aceitar a caridade de Felix a embarcar em exercícios de motivação empresarial. Tentou sair de fininho, mas seus coturnos, calça jeans e óculos de aro grosso tornavam-na um farol no meio daquelas pessoas engomadas. Não houve como não ser notada, então foi conduzida para a van branca com o resto do rebanho. Emanuel cumprimentou o motorista, sentou-se atrás com os novos recrutas e manteve uma conversa fiada com os candidatos até chegarem ao destino.

– Quantos aqui nasceram em Santo Ossário? – enunciou Emanuel, como um mestre de picadeiro.

Quase todos ergueram as mãos. Inclusive Nicole.

– E quantos já visitaram as ruínas da Fortaleza da Memória?

Poucos. Nicole nunca. Na verdade, quase nenhum nativo da cidade manteve a mão erguida.

– Sei como é. Muitas vezes não sabemos apreciar o que nossa própria cidade tem de melhor. Por isso vamos conduzir a entrevista nas ruínas. Porque as ruínas são Santo Ossário, e Santo Ossário é a família Strauss.

Nicole quase olhou em volta, à procura de câmeras gravando um comercial. Mas parecia que Emanuel Montague costumava falar assim normalmente. Também falava sobre resultados esportivos, sobre o que andava acontecendo nas novelas, sobre assuntos políticos que não gerassem muita controvérsia – todos os tópicos certos para conectar-se com a maioria. Menos com Nicole, é claro. Ao final dos vinte minutos de jornada, Emanuel Montague era o melhor amigo de todo o esquadrão dos ternos e tailleurs.

A van encostou em frente às ruínas. Havia um largo pátio de terra batida e grama ao redor: o terreno preservado como deveria ter sido há mais de trezentos anos. Não havia prédios ou mesmo casas perto da Fortaleza da Memória, apenas guaritas, holofotes para o show de luzes que acontecia em datas especiais e construções destinadas à venda de entradas e suvenires. O resto parecia ter sido resgatado de séculos atrás. Destoando, inúmeros guias com seus uniformes e

crachás, alguns carros estacionados e uma placa orgulhosa, cravada no chão, informando que a preservação da Fortaleza da Memória era uma obra filantrópica da Fundação Strauss.

Como um rebanho obediente, todos os candidatos foram conduzidos para fora da van, então em direção à entrada. Uma garota sorridente e uniformizada ofereceu-se para guiá-los, mas Emanuel disse que não era necessário.

– Alguém sabe me dizer por que chamamos este lugar de Fortaleza da Memória? – Montague voltou-se ao grupo, como um professor.

Alguns ergueram as mãos, ansiosos. Emanuel permitiu que um deles falasse, e aprovou a resposta. “Fortaleza da Memória” fora um nome dado pelos próprios habitantes de Santo Ossário, há pouco mais de cem anos. Ninguém realmente sabia o nome original daquele lugar. Sem dúvida era uma fortaleza: as muralhas altas, as portas estreitas, as ameias estratégicas deixavam claro que fora construída para defender seus ocupantes. Mas a identidade exata desses ocupantes era um mistério.

– Monges e indígenas – disse Emanuel, andando até a barraca de ingressos para comprar entradas para todos. – Monges que viviam em paz com os nativos da região; que, com eles, construíram tantas coisas belas, que hoje tentamos preservar. Mas não sabemos a que ordem pertenciam; apenas especulamos como viviam. Tudo que conhecemos é o legado que nos deixaram.

As pessoas que haviam decidido estudar e preservar aquelas ruínas (membros da família Strauss, segundo Emanuel) haviam batizado o lugar de Fortaleza da Memória para que o pouco que se sabia nunca fosse esquecido. Para que a história jamais fosse perdida.

O grupo adentrou a fortaleza. Era impressionante, Nicole tinha de admitir, e as fotos daquela estrutura não faziam jus à grandeza do lugar. Eles cruzaram um fosso seco sobre uma ponte levadiça de mentira. A ponte levadiça real há muito se perdera, mas a Fundação Strauss havia construído uma réplica razoável. Assim como tudo que era simulado naquele lugar, a ponte ostentava uma etiqueta metálica, informando em cinco idiomas que era uma reprodução.

No máximo duas pessoas passavam lado a lado; a porta era estreita e conduzia por um corredor. Nas paredes dos dois lados, vãos estreitos – para permitir que arqueiros ou besteiros disparassem contra quaisquer invasores. No fim do corredor, o teto se abria num parapeito, que por sua vez dava para uma saleta. Era onde os defensores aguardavam para despejar água ou óleo fervente sobre quem houvesse sobrevivido às flechas. Nicole não conseguiu evitar imaginar-se no lugar daqueles atacantes, espremida junto com os outros candidatos, sem ter

para onde fugir.

O corredor acabava num salão enorme – o primeiro ambiente claramente arruinado. Algumas paredes e divisórias haviam tombado. O teto fora substituído por plástico transparente. A pedra marrom que formava toda a fortaleza ainda ostentava manchas escuras, presumivelmente do incêndio que acabara com tudo, além de rachaduras e pequenos buracos. Cicatrizes de espadas, machados e mosquetes. As marcas que os arqueólogos julgavam compreender possuíam plaquinhas informando a arma que provavelmente as fizera e alguns detalhes mórbidos (porém, interessantes) sobre seu uso. Destacava-se a marca apelidada de "Coice do Monge" – um afundamento na parede que tinha o formato quase exato de um pé humano, levando à história folclórica de que teria sido produzido pelo chute de um monge defensor. A plaquinha deixava claro que era apenas uma anedota lendária, pois tal golpe seria impossível. O salão também exibia objetos encontrados ao longo dos anos na fortaleza e seus arredores, em pequenos pedestais, protegidos por redomas de vidro. Nesse aspecto, era como um museu. Lá estavam flechas e outras armas recuperadas na própria fortaleza. Os farrapos do que (especulava-se) era a batina de um monge, feita de tecido cru e rústico. Várias das esculturas de pedra encontradas em Santo Ossário até hoje – homenzinhos malformados, altos e esguios; tabuletas entalhadas com labirintos.

– Conseguem imaginar o que se passou aqui? – disse Emanuel, com uma expressão maravilhada. – Os monges e os indígenas defendendo seus lares contra os invasores?

Houve murmúrios de aprovação, clichês sobre como tudo aquilo era impressionante.

– Eles não sabiam que estavam fazendo a história. Apenas trabalhavam, dia após dia, dando o melhor de si. Outras pessoas podem ter dito a esses monges que todo o esforço era inútil. Mas quem se lembra dessas pessoas? No entanto, estamos aqui, nos lembrando dos monges que se sacrificaram por seu sonho.

Todos reunidos ao redor de Emanuel. Nicole percebia que a avaliação estava começando.

– E *você*? – Emanuel escolheu ao acaso um dos candidatos. – Acha que existe algo que valha a pena preservar hoje em dia?

O candidato achava que sim. Por um acaso extraordinário, usou como exemplo o legado da família Strauss. Nicole sabia que não conseguiria a vaga de digitadora. Depois voltaria para casa e pesaria suas opções entre aceitar o dinheiro de Felix, tentar um emprego ainda mais simples ou enforcar-se, se conseguisse pagar por uma corda. Havia outros visitantes, e ela pôs-se a

examiná-los. Um sujeito esquivo chamou sua atenção: viu-o ocultando-se atrás de uma parede, em passos apressados. Ele usava uma roupa estranha; uma espécie de manto ou capa verde, reluzindo com fios dourados. Ele saiu da vista, e ela espichou-se para tentar enxergá-lo de novo.

O grupo prosseguiu. Depois do salão, havia uma série de corredores, uma espécie de labirinto. As placas informativas especulavam que tivera a finalidade de confundir os agressores, separá-los e fazer com que se perdessem. Aquela área estava mais preservada: havia teto, e boa parte das paredes permanecia de pé. Mesmo que fosse possível enxergar a saída, navegar por ali era complicado. Havia placas informando as direções a serem tomadas. De tempos em tempos, campainhas que chamariam um guia ou segurança caso algum visitante se perdesse. Nicole começou a se sentir tonta. Procurava o sujeito estranho de manto. Dobrou uma esquina, afastando-se do grupo:

– *Não* – disse Emanuel.

Ela estacou.

– Não vá por aí, senhorita Manzini. Fique conosco.

Nicole obedeceu.

Notou que o rapaz que respondera à primeira pergunta não estava mais entre eles. Uma das garotas vestidas em tailleurs também retirava-se, cabisbaixa. Os demais candidatos continuavam se esforçando para responder da melhor forma possível e dizer o que julgavam ser o que Montague queria ouvir.

– Qual é seu principal defeito? – disse Emanuel.

– Sou perfeccionista demais – respondeu um candidato.

– Obrigado, pode se retirar. Siga as setas para não se perder.

– Mas...

– Obrigado.

Alguns dos outros pareciam tontos. Nicole manteve os olhos em Emanuel, como um farol para se orientar.

– O que espera alcançar em dez anos?

– O seu emprego – disse uma das candidatas. Então imediatamente tapou a boca com as mãos, surpresa com a própria resposta.

Emanuel Montague sorriu. Permitiu que a moça continuasse. Andando pelo labirinto, fez outras perguntas ao grupo.

– Por que deseja este emprego?

– Porque quero transar com essa garota que eu conheço, e não vou conseguir se não tiver pelo menos *algum* dinheiro – respondeu um candidato.

– Obrigado, pode se retirar.

As respostas eram sinceras, os candidatos se entreolhavam. O rapaz saiu murmurando para si mesmo, perguntando-se por que revelara aquilo.

– E você?

Nicole gelou. Abriu a boca para dizer qualquer coisa, mas o que saiu foi:

– Não sei o que fazer com a minha vida, e não quero caridade.

Emanuel Montague sorriu.

– O que é nossa vida, senão um labirinto? É bom que estejam perdidos. É bom que tenham ambição, desejem encontrar a saída. E você? – Virou-se a outro rapaz. – Prefere trabalhar individualmente ou como parte de uma equipe?

Enfim deixaram o labirinto. O próximo ambiente atingiu Nicole como um soco: vasto, limitado por paredes recortadas, com pé-direito mais alto que o resto da fortaleza. O centro daquele salão erguia-se no que talvez tivesse sido uma abóboda no passado, mas agora era apenas um buraco voltado para o céu. E, embora o chão fosse de pedra no resto da fortaleza, ali era terra batida. Pois, bem no meio do salão, havia três imensas árvores. Eram olmos, crescendo muito próximos uns dos outros. Atravessavam o buraco no teto, mais altos que as próprias muralhas. Os olmos eram outra curiosidade notável: árvores que não eram nativas do Brasil, certamente trazidas pelos monges. No entanto, a idade daquelas árvores e o chão de terra batida sugeriam que a fortaleza havia sido construída ao seu redor. Naquele lugar, alguns dos primeiros habitantes da cidade haviam encontrado inúmeras ossadas. Por isso, informavam as placas, o salão era conhecido como “o cemitério”, embora não houvesse ninguém enterrado lá. Partes dessas ossadas estavam em exibição nos pedestais, protegidas pelas redomas.

No entanto, o que mais chamava a atenção de Nicole era um círculo de pedras num canto. Pareciam lápides naturais, cada uma com pouco mais de um metro de comprimento. Estavam dispostas de forma deliberada, como um castelo de cartas, uma horizontal apoiada sobre duas verticais, e outras combinações. Na verdade, parecia uma versão em miniatura de Stonehenge. Mais uma vez, Nicole desgarrou-se do grupo, para examinar as informações. A placa afirmava que as pedras tinham a mesma idade do resto da fortaleza. Mas pareciam mais antigas. Mais desgastadas e rudimentares.

– Senhorita Manzini! – Emanuel comportava-se como um professor de crianças. Mas ela atendeu ao chamado.

A segunda coisa que chamou sua atenção foi o esquisito de manto, esgueirando-se por trás das árvores. Durante um segundo, Nicole achou que algo extraordinário aconteceria, mas então viu o reluzir do manto e dos fios dourados.

Reluziam porque eram de tecido sintético. Náilon e poliéster. O sujeito devia ser apenas um pouco mais novo que ela mesma, mas andava fantasiado. Seu manto era barato, mas elaborado, com várias camadas. Infelizmente, o esmero não se estendia aos pés: calçava tênis branco surrado. Mas estendia-se às orelhas, onde ele usava próteses de borracha, tornando-as longas e pontudas. Estava fantasiado de elfo – e uma das "orelhas" começava a descolar. Ele carregava um arco na mão direita, e com a esquerda tentava esconder algo nas dobras do manto.

Dois candidatos retiravam-se de cabeças baixas. Restavam Nicole e mais um.

– Apenas nós três chegamos até aqui – anunciou Emanuel. Não parecia ter notado o sujeito fantasiado, ou então não lhe dera importância. – De certa forma, este é o local que deu origem a nossa cidade. O cemitério é o berço de Santo Ossário. E Santo Ossário é o berço da Strauss S.A.

Santo Ossário era um nome agourento, mas todos estavam acostumados. Muitas cidades tinham nomes vagamente soturnos na região. Santo Ossário era uma das únicas com uma história vívida por trás de seu batismo. Fundada no local onde monges e índios haviam enfrentado agressores de identidade desconhecida, durante muito tempo esqueletos foram descobertos pelos colonos. E, ao redor das três árvores, dentro da fortaleza, descobrira-se mais esqueletos do que em qualquer lugar. Um depósito de ossos sagrados, restos de homens sagrados. Um Santo Ossário, testemunha do sacrifício heroico que ali fora realizado mais de três séculos atrás. Emanuel afirmou, com orgulho, que a família Strauss foi uma das primeiras a colonizar a região; havia sido um Strauss quem descobrira a fortaleza e os ossos. Naquela época, segundo ele, eram imigrantes pobres, desesperados, em busca de uma vida melhor no Novo Mundo. Então, sobre um local de morte, haviam construído uma nova vida.

O rapaz fantasiado passou por trás de Emanuel, olhando-o com apreensão. O outro candidato não o havia visto, embevecido com o discurso sobre os ossos e os Strauss. Apenas Nicole era testemunha daquela estranha furtividade. Seus olhos cruzaram com os do sujeito, que prendeu a respiração. Mas, motivada pela esquisitice, piscou-lhe um olho, como dizendo que não iria lhe fazer mal.

Emanuel Montague virou-se como um relâmpago para ele.

– Você!

O sujeito de manto ficou paralisado, toda a cor deixou seu rosto.

– O que tem aí? – Emanuel deu um passo na direção dele.

– Nada – gaguejou o outro. – Nada, Emanuel, eu juro!

– Ele está *armado*! – horrorizou-se o único candidato que restava. Isso pareceu agradar a Emanuel. – Vou chamar um segurança!

O último remanescente da brigada dos ternos saiu correndo, mas foi detido pelo chamado de Emanuel Montague.

– Espere.

Como se a voz de Emanuel tivesse poderes, o rapaz congelou.

– Ótima percepção e iniciativa. O emprego é seu.

Um sorriso beatífico tomou conta do rapaz. Ele correu em velocidade redobrada para chamar um segurança. Afinal, havia um arqueiro (sem flechas) em plena Fortaleza da Memória, e Emanuel Montague não parecia gostar dele. Comprovando essa impressão, Emanuel agarrou o pulso do rapaz fantasiado, arrancou-lhe o arco da mão e jogou-o na terra. O sujeito tremia.

– Vamos, o que tem aí?

– Nada, Emanuel. Já vou embora.

– Está tentando me envergonhar? Sabia que eu viria? Ou apenas tem muita sorte?

Nicole sentiu o peito apertar. Via um homem quase da sua idade sendo intimidado. Algo na postura e na voz de Emanuel ressoava memórias dela mesma, experiências profundamente desagradáveis que ela não conseguia identificar com certeza.

– Calma – começou a garota. – Ele só estava passando.

– Senhorita Manzini, a vaga não é sua porque tenho uma vaga melhor para lhe oferecer. – Ainda agarrava o pulso de sua vítima. – Cinco anos para desenvolver uma estratégia de futuro, com base em sua formação filosófica, em conjunto com uma equipe de especialistas. O que me diz?

Sem demora, ele citou um valor. Um valor que fez o coração de Nicole acelerar. Viera disposta a digitar informações cinco dias por semana, por um salário de subsistência. Saía com um emprego ideal, usando seu diploma. Um cálculo rápido revelou que cinco anos daquele salário seriam suficientes para montar sua vida no exterior mais uma vez, mesmo que alugasse uma casa na cidade e vivesse em conforto nababesco.

Ali, ao alcance da mão.

Se alcançasse a mão que sacudia um coitado vestido com um manto de náilon.

– Deixe ele em paz.

– Assunto familiar, senhorita Manzini.

– Ele só estava...

– Meu irmão não está satisfeito com a mesada que lhe pago. Não se contenta com o amor que tenho por ele. Então precisa estragar a minha vida. Não é mesmo, Abel?

– Desculpe, desculpe.

Uma última sacudida e o objeto que Abel Montague tentava esconder também caiu. Era uma pequena caixa – não, não tinha tampa. Era apenas um cubo entalhado. Nicole viu que era pesado, pois afundou-se um pouco na terra. Feito de pedra. Deteve-se nele por um segundo e percebeu que compunha-se de várias partes encaixadas. Uma espécie de quebra-cabeças tridimensional, como os que eram produzidos por artesãos e vendidos para turistas há décadas. Mas esse era antigo – a pedra estava desgastada. Como um "cubo mágico" primitivo, um brinquedo que poderia ter sido produzido na Idade da Pedra. Na verdade, tinha a aparência dos objetos que estavam expostos na Fortaleza da Memória.

– *E agora é um ladrão*? – rugiu Emanuel.

– Desculpe!

O irmão Montague mais velho abaixou-se e pegou o cubo. Examinou-o com respeito.

– Você não é um ladrão, Abel. É um profanador. Este cubo de pedra tem mais valor do que você.

Abel procurou os olhos de Nicole, implorando ajuda em silêncio. Ela mordeu os lábios.

Você precisava ter roubado essa porcaria? Precisava ser um ladrão, em vez de ser só um esquisito fantasiado?

Mesmo assim:

– Chega, senhor Montague.

– Pense no seu futuro, senhorita Manzini. Seu emprego...

– *Segurança*! – Nicole berrou no volume máximo de sua voz.

Se um guarda já vinha, trazido pelo mais novo digitador da Strauss S.A., agora uma multidão deles surgiu num instante, correndo. O grito de desespero de uma garota transmitia mais urgência do que o informe sobre o folclórico Abel Montague carregando uma arma que não sabia usar. Assim, qualquer violência de seu irmão mais velho foi detida quando cinco seguranças apareceram como que por mágica, tirando o problema das mãos de Emanuel.

– Eu peço desculpas por meu irmão – disse ele.

– Desculpe, desculpe – Abel fazia coro.

Foi levado por três homens de uniforme. Uma de suas orelhas de borracha ficou no cemitério, perdida e tristonha no chão de terra.

Emanuel voltou-se para Nicole com um enorme sorriso.

– Então, senhorita Manzini, vamos falar de seu futuro.

Um enorme sorriso paternal.

Uma sensação gelada percorreu o estômago de Nicole, subindo pelo esôfago e indo instalar-se nas costas. Um desconforto enjoativo que, sem ela perceber, fazia-a recuar uns centímetros.

Paternal.

– Não, obrigada. Só quero ser digitadora mesmo.

E saiu da fortaleza tão rápido quanto pôde.



– E então? – disse Felix. – Como foi?

Nicole deixou os ombros penderem. O pescoço mole, a boca semiaberta, os olhos semicerrados, língua para fora. Então, desabou no sofá.

– Tão ruim assim?

– Pior – ela disse, com o rosto enfiado nas almofadas fedorentas.

Ele guardou a foto e seguiu mexendo no tabuão do piso.

– Mostre a sua foto – disse Nicole.

– Se eu mostrar, vai me dar ouvidos?

– Talvez.

– Então talvez eu mostre.

Nicole prometeu que iria escutá-lo. Felix puxou o objeto do bolso da jaqueta e deixou que ela visse. Era o retrato do próprio Felix – cerca de dez anos atrás, pela aparência. Acompanhado de um homem grandão e uma mulher lindíssima. No meio dos três, um garotinho de um ou dois anos. Estavam em um parque de diversões e sorriam alegremente. No verso lia-se “Traga-o de volta inteiro”, escrito em francês com caneta esferográfica. Assinado por “Lucinde”.

– Quem é Lucinde? – perguntou Nicole.

– Eu disse que você poderia ver a foto. – Felix arrancou-a da mão da garota. – Não falei nada sobre responder perguntas.

– É sua esposa?

– Segundo nosso trato, você agora tem que me ouvir.

Nicole concordou, emburrada.

– Por que você está aqui? – disse Felix. – Por acaso veio com a intenção de conseguir um bom emprego, constituir família e viver em Santo Ossário pelo resto de seus dias?

– Monstro.

– Estou apenas dizendo que você é muito boa em encontrar atividades para *evitar* cumprir seus objetivos. Diga-me, procurar emprego vai revelar por que

sua vida desabou? Vai confrontar suas origens?

Ela ficou calada.

– Deixe de se fazer de idiota, garota. Você tem coisas mais importantes com que se preocupar do que o número de sanduíches de mortadela que pode comprar antes que seu dinheiro acabe. Precisa explorar as profundezas. O passado.

Silêncio.

– Aliás – continuou, com um grunhido e um estalo alto produzido por um pé de cabra numa tábua –, você sabia que sua casa tem um porão?

Nicole se levantou de um salto. Foi até lá, e o ruivo bigodudo exibia com um orgulho matreiro a portinhola que havia descoberto. Escondida sob o tabuão, como o fundo falso de um baú. Impossível encontrá-la, a menos que você soubesse onde procurar, ou notasse algo estranho na estrutura da casa.

– Meu pai nunca...

Nunca mencionara aquilo, é claro. Ninguém conhecia; nem ela, nem a polícia, talvez nem mesmo os cultistas. Não havia como acessar o alçapão sem destruir parte do piso. Impossível entrar ou sair. Para que servia aquele subsolo, então?

– De nada – disse Felix.

– Obrigada!

Ele desarrumou seu cabelo, como se ela fosse uma criança.

– O que vai fazer agora, Nicole?

Ela inspirou uma enorme quantidade de ar.

– Explorar as profundezas.

Capítulo 7
O filho bastardo

FALAR PORTUGUÊS ERA DIFÍCIL.

Todos no laboratório conheciam duas ou três línguas, pelo menos – além do idioma sagrado. Assim, naturalmente adotavam entre si uma língua universal comum. Mas ele estava no Brasil, e irritava-se por não entender tudo. Então, em seu escasso tempo livre, o Dr. Johan Steinschmidt estudava português.

Naquela noite, cabia a ele fazer plantão, na companhia de um colega de quem não gostava muito. Era uma obrigação e desculpa para ficar acordado, com o rosto nos livros e os ouvidos nos fones que recitavam frases em português e incentivavam-no a repetir.

Plantão. Nunca suspeitara que, após tanto tempo, mais uma vez ficaria a noite inteira acordado, sob as ordens de um superior. De onde ele viera, não havia *ninguém* superior a ele; chefiava sua equipe de pesquisa e era o líder inquestionável em casa. Mas a pesquisa em que trabalhava mostrara-lhe que a superioridade era ilusória. Sua raça, sua espécie inteira era inferior.

Johan Steinschmidt era ganhador do Prêmio Nobel de Física, e deduzira fórmulas e equações que haviam lhe oferecido um vislumbre da realidade. Sem que ele soubesse, encontrara e decifrara enigmas ritualísticos, e vira Arcádia. Depois disso, foi impossível não se tornar um servo.

Sua participação no Projeto Adônis envolvia a física mais avançada, comunicação com uma dimensão paralela superior. Era estranho estar numa equipe interdisciplinar tão diversa: biólogos, químicos, matemáticos, médicos, astrônomos. Mais estranho ainda não ter assistentes. Ele mesmo conferia seus próprios dados, fazia seus próprios plantões. Por isso ficava a noite inteira no laboratório com uma xícara de café que ele mesmo preparava, ao lado de um colega com quem não tinha a menor afinidade, ouvindo frases em português e vigiando o príncipe elfo.

Voltando à sala de monitoramento, Johan deparou-se com a imagem da figura inconsciente no quarto asséptico. A perfeição trouxe-lhe lágrimas aos olhos.

Astarte fazia tudo valer a pena.

– Você tinha saído? – surpreendeu-se o colega, como se despertasse de um sono profundo.

Johan grunhiu, mal-humorado. Como ele podia ficar distraído quando seu dever era observar o elfo? Teria de reportar a Emanuel Montague.

– Trouxe café para mim?

– Não – respondeu Johan, seco.

– Tudo bem. Não preciso. Perco o sono quando olho... – Deixou a frase no ar e continuou: – Para *ele*.

A franqueza reanimou algo no peito de Johan Steinschmidt. Seu colega, seu *irmão*, não estava distraído: estava absorto na contemplação do príncipe. Com aquele objetivo, aquele amor em comum, a antipatia não perdurava.

A sala de monitoramento era exígua. O laboratório como um todo não era muito grande, pois ninguém podia saber que ele sequer existia. Áreas para pesquisa e desenvolvimento, salas de cirurgia, um minúsculo dormitório, o aposento onde ficava o tanque de seiva sanguínea e o centro de tudo – o quarto de Astarte. Talvez "cela" fosse um termo melhor, mas ninguém ali gostava de pensar no elfo como um prisioneiro.

Estava preso apenas até poder comandar todos eles.

O quarto continha inúmeras câmeras, além da própria maca e dos aparelhos que mediam os sinais vitais do príncipe. Era iluminado de forma neutra e homogênea, dia e noite, por fortes lâmpadas fluorescentes. Na sala de monitoramento, várias telas reproduziam Astarte adormecido. Ao contrário do quarto-cela, era um ambiente cheio de computadores e armários metálicos, que naquele momento contava apenas com a luz que vinha dos monitores. Mostravam o rosto do elfo enquadrado nos mais diversos ângulos, como em uma galeria reservada a um só tema. Seus traços afilados exalavam calma suprema, e sua beleza só era atrapalhada pelos diversos eletrodos conectados à cabeça e ao corpo. Transmitiam informações aos computadores, que despejavam as estatísticas em tempo real, sempre à vista de alguém.

– Por que se juntou ao projeto? – tentou Johan, num esforço de aproximar-se do outro, já que a animosidade entre irmãos era desencorajada.

Seu colega sorriu. Arregaçou uma manga do jaleco e mostrou algumas cicatrizes no pulso.

– Tive uma visão durante minha quarta tentativa de suicídio.

Johan tirou os fones dos ouvidos, pousou sua xícara na mesa e sentou-se.

– Cortou os pulsos...? – gaguejou, incerto sobre como proceder.

– Muitas vezes. Mas isso nunca me trouxe nada. Tive a visão quando pulei da janela de meu escritório.

Johan não respondeu.

– Engraçado, não é? Pulei. Simplesmente. Certo dia reparei que podia mandar que minha secretária rejeitasse as ligações, cancelasse os compromissos. Mantivesse *todos* longe de mim. Minha secretária tinha outras duas auxiliares, seria impossível que alguém viesse me incomodar. Então postei meu algoritmo na página inicial da companhia. Cento e onze mil visualizações no primeiro minuto. As ações começaram a despencar, mas logo subiram vertiginosamente. Depois abri a janela e pulei.

Trevor Abassian era considerado um dos maiores matemáticos da atualidade. Obtivera seu primeiro bilhão de dólares aos 22 anos, com uma poderosa ferramenta de busca na internet, cujo algoritmo escrevera durante a faculdade. A companhia que ele e dois amigos haviam fundado baseada na sua criação tornara-se uma corporação gigantesca. Enquanto os dois outros cuidavam da administração diária, Trevor ficava livre para dedicar-se a pesquisas e a quaisquer estudos que lhe despertassem o interesse. Explorando esses hobbies, desenvolvera fórmulas que resultaram no maior site de relacionamentos do mundo, capaz de calcular com precisão a compatibilidade de um possível casal. Uma ferramenta capaz de prever exatamente os gostos musicais e cinematográficos de usuários no mundo todo. Outros produtos que rendiam incessantes bilhões aos sócios e investidores. Foi durante um desses idílios que descobriu um algoritmo ritualístico, que lhe abriu a percepção para *algo* além.

A depressão acompanhara-lhe durante a vida toda. O suicídio era uma alternativa sempre à vista. Nem mesmo a genialidade, nem mesmo o vislumbre de Arcádia ou a fortuna infindável trouxeram-lhe qualquer alívio. Então um dia pulara da janela do escritório.

– Eu estava no ar, quando vi o rosto dela.

– A Rainha.

Trevor assentiu.

– Então eu soube que era um idiota. Iria morrer logo após ter descoberto o que sempre faltara em minha vida.

– Mas não morreu.

Era raro que alguém no planeta inteiro não tivesse ouvido falar da história. Trevor Abassian “caíra” (a assessoria de imprensa negara a intenção) do 12º andar, e apenas quebrara as pernas.

– Algumas costelas também – riu.

Na internet, a foto de Trevor alquebrado, sobreposta com dizeres engraçados, transformou-se num meme, uma piada viral repetida infinitas vezes. O outro lado da rede afirmava que sua sobrevivência era um milagre, e atribuía-lhe citações devotas que ele nunca sequer ouvira.

Na realidade, Trevor sabia quem o havia protegido.

– Quando saí do hospital, peguei um martelo e comecei a atacar meus computadores. Tablets, celulares, todos. Quando fiquei cansado, observei o que as máquinas defeituosas me mostravam. As telas sensíveis ao toque estavam loucas, interpretando sinais que não existiam, digitando letras aleatórias nos teclados virtuais. Os monitores mostravam e obscureciam partes de sites, documentos pessoais, fotos. Então todos congelaram ao mesmo tempo.

Cada tela mostrava duas ou três letras – digitadas ao acaso, contidas em sites, estampadas em camisetas numa foto qualquer.

– Juntando tudo, obtive um endereço. O perfil de Emanuel Montague na minha própria rede social.

Johan Steinschmidt tomou um gole do café, mas estava frio. A história do rapaz era fascinante. Ele sentia orgulho e inveja em igual medida.

– Lembre-se de que nada disso tem importância – Trevor interrompeu o pensamento. – O que importa é que aqui somos iguais. Somos irmãos.

Além de Trevor, havia outros bilionários na equipe. Também brilhantes, mas nenhum tão notável.

– Enfim, venha ver isto – disse o matemático.

Mostrou a Johan um monitor que media a atividade cerebral. O físico sentiu seu rosto ficar vermelho. Não entendia nada.

– O cérebro do príncipe está agitado – explicou Trevor. – Mais atividade do que seria de se esperar. *Muito* mais.

Além de todo o resto, Trevor Abassian era o tipo de prodígio capaz de obter qualquer conhecimento com facilidade assustadora. Quando passou a integrar oficialmente a equipe, dedicou seu tempo livre ao estudo da neurologia e a outros aspectos da medicina, para melhor compreender o Projeto Adônis. Trevor aprendera a ler o funcionamento do cérebro de Astarte. Johan achava difícil aprender português.

– O que isso significa? – disse o homem mais velho.

– Não sei. Não sabemos – sorriu, maravilhado. – Ele é ainda melhor do que achávamos. Não podemos saber o que se passa em seu cérebro, e nós...

– Nós o criamos.



Harallad não estava em parte alguma.

Astarte refugiara-se numa floresta próxima à montanha, depois de seu confronto com Seandros. O clima parecia responder ao final da luta – a tempestade tornou-se garoa, então escassos pingos, e por fim cedeu. Ele atravessou a mata, seus pés mal incomodando as folhas encharcadas no chão. Atormentado pela ideia do sono, pela visão do mundo dos humanos.

Escolheu um salgueiro poderoso. Ia assumir a posição de meditação, quando ocorreu-lhe algo. Estirou-se no chão molhado, cruzou as mãos sobre o ventre. Fechou os olhos.

– É assim que humanos e animais fazem, não?

Parecia absurdo, desconfortável. A posição não era natural, não conduzia ao relaxamento. Ficou assim por quase uma hora, mas enfim chegou à conclusão de que não era capaz de dormir. Nada mais que o esperado acontecera, mas ele tivera de testar. Riu para si mesmo e ficou grato por não haver ninguém para testemunhar sua tolice.

Sentou-se e entrou com facilidade no transe meditativo.

Como todos os elfos, ele precisava daquilo para recuperar sua energia, assentar os pensamentos e memórias, deixar que o corpo cuidasse sozinho do que precisava ser consertado ou ajustado. De certa forma, o transe diário era semelhante ao transe do arqueiro – mas não exigia treinamento algum. Apenas quatro horas de concentração fácil, imobilidade relativa, paz.

Mais uma vez, Astarte teve os sonhos. Ouvira dizer que humanos e até animais também sonhavam. Parecia absurdo (como sonhar sem meditar?), mas muita coisa naquelas criaturas parecia absurda. Astarte teve os sonhos a que estava acostumado: a sala branca, iluminada de forma agressiva, sem janelas. A sensação de estar sendo vigiado, estudado, analisado por alguém que não conseguia discernir. A inquietante impressão de aprisionamento. E, como todas as noites, a isso seguia-se a paisagem ciclópica: cidades monumentais, fortalezas com quilômetros de altura, lindas em sua majestade aterradora. Pessoas minúsculas, como enxames, trabalhando para os senhores nos palácios, morrendo aos milhões. Imagens de monstros com tentáculos e dentes afiados, *coisas* com suas próprias cidades, seus próprios escravos.

Após quatro horas, abriu os olhos com uma certeza súbita: humanos.

Nunca questionara quem eram as pessoas trabalhando em seus estranhos

sonhos. Aceitara que eram imagens que vinham até ele durante o transe, algum tipo de mensagem de sua inconsciência. Subitamente, tinha certeza de que os escravos eram humanos. Harallad prometera-lhe que os sonhos fariam sentido quando ele completasse o treinamento.

O treinamento estava completo.

Um instante após emergir do transe, Astarte saltou de pé, com um entusiasmo juvenil, o coração batendo forte. Era como a manhã em que ganharia um presente, como acordar num dia de festival. Superara o último mestre, matara pela primeira vez, tornara-se um guerreiro. Teria, enfim, o direito de ver o palácio e a Rainha. Não esquecera o que Seandros lhe mostrara, não deixara de lado o questionamento sobre o sono, sobre a maca, sobre os duendes que iam à terra dos humanos. Mas aqueles pensamentos eram fugidios. Assim que se focava numa dessas perguntas sem resposta, algo acontecia para distraí-lo, ou então sua mente era tomada por uma ansiedade agradável, pois aquele era o dia em que conheceria o palácio.

Não lembrou que algo muito parecido acontecera quando tentara enxergar o próprio palácio, do alto da montanha.

Então ele estava pronto, mas Harallad não estava em parte alguma.

Já passava do meio-dia. Astarte gastara a manhã toda em busca do mentor. Não estava no vale onde durante anos haviam treinado, nem na choupana, para onde se retirava de vez em quando. Não estava em nenhum dos jardins de meditação. Nem mesmo em seu castelo.

Não havia ninguém no castelo de Harallad.

O príncipe sempre fora instruído a nunca procurar as fortalezas e habitações de seus mestres. Mas inúmeras vezes fora convidado a visitar o castelo do seu mestre, e chegou a conhecer a esposa de Harallad e sua reduzida corte. Nunca, em nenhuma dessas ocasiões, vira um único plebeu, nem questionara de onde vinham os banquetes, a fartura, as construções e objetos que adornavam a moradia. Tudo que era bom vinha dos elfos, e isso bastava. Mas agora Astarte chegara sem convite ao castelo de Harallad, e encontrara-o deserto. Sua esposa, seus cavaleiros, todos haviam desaparecido.

Sob um sol a pino, Astarte encontrava-se incerto, perdido e infeliz, de volta ao vale onde fora treinado. Tudo passava-lhe pela cabeça: desde um ataque de orcs ou trolls até um último teste. Talvez ele devesse assumir o comando de sua própria vida, deixar de esperar pelo ex-mestre. Se naquele dia receberia a permissão de ver o palácio e a Rainha, aquilo não era uma permissão? E o que Seandros quisera dizer com...

– Alteza – de repente uma voz musical, conhecida, interrompeu suas divagações.

Astarte virou-se e sorriu ao ver aquele rosto familiar. Ele não esperava que seu sorriso fosse retribuído, pois Vyslanna nunca sorria. Ela curvava-se em reverência. Vinha acompanhada de outros dois antigos mestres: Yaslar, seu professor de caça, e Rhaewodd, que lhe ensinara a esgrima.

– Será hoje? – disse Astarte.

– Venha conosco.



Trevor Abassian chorava abertamente, sem constrangimento. Incerto de como proceder, Johan pousou a mão em seu ombro, sentindo-se ao mesmo tempo inferior e paternal. O irmão mais jovem estava tocado pela magnificência do elfo – e o mais velho também, embora sua índole mascarasse a profundidade de seus sentimentos.

Astarte apresentava uma atividade cerebral que eles nunca haviam previsto. Isso, mais do que surpreendente, era a confirmação de que estavam certos. Era saber que o abandono dos empregos e famílias, das fortunas e cargos, valera a pena. Era isso que Astarte *deveria* fazer: ser melhor do que eles, melhor do que qualquer humano, até mesmo incompreensível. Deveria ser adorado. Era um prisioneiro e um deus.

E, que a Rainha lhes perdoasse, um filho.

Um ano atrás, Astarte não existia. Havia as outras *coisas*, é claro, mas Johan Steinschmidt preferia não pensar nelas, pois temia que fossem até mesmo blasfemas. Ele fora um dos primeiros cientistas a integrar a equipe, vira a chegada de Trevor e dos outros irmãos. De diversas formas, todos eles haviam sido inspirados. Haviam recebido revelações em sonhos, em experiências de quase morte, em fórmulas matemáticas enquanto trabalhavam em suas pesquisas. Após convertidos, pequenas parcelas do todo lhes foram reveladas na forma de códigos e diretrizes sobre o que e como deveriam fazer. Assim compreenderam a enormidade da tarefa. Por isso respeitavam Emanuel e obedeciam a ele.

Emanuel Montague recebera a imagem completa. Dizia enxergar na mente a forma final da criação. Fora invadido por uma sequência de DNA que, em sua complexidade maravilhosa, era uma fórmula mágica, um enigma ritualístico. Montague era um homem de negócios, um aliciador de dinheiro, e nada sabia da

alta ciência necessária para o projeto. Apenas psicografava as combinações de moléculas, os procedimentos genéticos, os esquemas de novas tecnologias que deveriam ser construídas. Reunira então aquela equipe de elite, devota e suprema, encarregada de criar um elfo em laboratório.

Enquanto Johan Steinschmidt trabalhava em um acelerador de partículas gigantesco, cujas capacidades teóricas incluíam transcender a barreira dimensional e reproduzir o início do universo físico, Emanuel Montague encarregava-se dos sacrifícios. Enquanto Trevor Abassian decifrava a matemática ritualística e programava as linhas de código terrivelmente complexas que descreviam a mente do príncipe, Nangolo Mbuende montava as células embrionárias sublimes, acompanhando seu desenvolvimento até o adulto que existia agora. Assim como eles, inúmeros outros, do mundo todo, unidos em torno de Astarte. O assim chamado Projeto Adônis criara o príncipe a partir do nada, a partir das fórmulas com que a Rainha lhes presenteara. A ciência era uma parte tão grande do processo quanto as cerimônias. Todos juntavam-se pelo menos uma vez por semana, vestidos com os mantos do culto, no templo conectado ao laboratório. Faziam os gestos, entoavam as palavras, suplicavam a bênção e o conhecimento da Rainha, para cumprir sua vontade.

E era só o começo – depois de desperto, o príncipe iria liderá-los, e então tudo mudaria.

Não cabia aos cientistas conhecer a totalidade. Seus cérebros humanos não poderiam reter tanta informação. Assim, não sabiam e não questionavam como o príncipe viria ao mundo já plenamente capacitado, pronto para assumir seu posto. Talvez Emanuel soubesse. De qualquer forma, quando chegasse o momento, seria a libertação final: eles estariam livres de suas responsabilidades, de liderar os demais humanos. Iriam se entregar e obedecer.

– Está acelerando – disse Trevor, as lágrimas cessando devido à surpresa. – Pela deusa, está acelerando ainda mais.

– O que está acontec... – começou Johan.

– *O que é isso?*



– Iremos ao palácio? – disse Astarte.

Vyslanna não respondeu. Permaneceu séria, como sempre. Não era mais sua mestra – ele superara-a no combate desarmado ainda antes de chegar ao final do treinamento com o arco. Mas a idade e experiência faziam com que ela olhasse

todos como se fosse capaz de enxergar suas almas. Vyslanna, além de incrível com as mãos e pés, contava com a astúcia dos artistas marciais. Era capaz de avaliar um oponente ou aliado com um olhar, ler suas capacidades e inseguranças como se fosse um pergaminho. Ela fez um gesto para Yaslar, que se afastou algumas dezenas de metros e começou a produzir um chamado animalesco e musical, as mãos modulando os sons emitidos pela boca.

– Onde está Harallad? – O príncipe começava a desfazer o sorriso.

– O arqueiro está ausente – respondeu Vyslanna. – Você deve nos acompanhar.

– Ao palácio?

– Sim – disse Rhaewodd, que até então estivera calado.

O antigo mestre de esgrima era mais alto e encorpado do que Astarte. Contudo, seu tamanho não impedia que fosse rápido e furtivo como uma cascavel. Rhaewodd instruíra Astarte no combate com todos os tipos de lâminas: de espadas a facas, e até mesmo lanças e machados. Ensinara-lhe o duelo e a guerra, a arte e o assassinato. Era o espião real, e também lhe ensinara a furtividade. Para o espadachim élfico, mover-se pelas sombras era tão importante quanto encarar o inimigo, aparar sua espada era tão vital quanto perfurar seu coração.

Vyslanna dirigiu a Rhaewodd uma reprovação muda.

– O príncipe está pronto – disse o espadachim.

Ela seguiu reprovando-o sem palavras, como se tentasse silenciá-lo com um olhar. Astarte estava prestes a intervir naquela estranha interação entre seus mestres, quando perguntou de repente:

– Por que Harallad sumiu? – Como se não tivesse controle sobre o que falava.

Em seguida, a imagem do antigo mestre arqueiro trouxe outra lembrança:

– Por que Harallad falou que eu parecia estar dormindo?

A memória assaltou-o de surpresa. Harallad dissera aquilo em tom de pilhéria, na montanha.

Poesia. Achei que estivesse dormindo.

– O arqueiro sempre teve um humor duvidoso – disse Rhaewodd, dando de ombros.

– Mas... – Astarte deteve-se. Estava prestes a dizer algo. No meio da frase, esqueceu o que era.

– Não se preocupe com cada palavra que sai da boca de Harallad – disse Vyslanna. – Você é a Primeira Flecha de Arcádia agora. Já notou que ele também pode errar.

A cabeça de Astarte começava a doer. Estivera prestes a falar algo. Realmente,

dar tanta importância a uma brincadeira era absurdo. Infantil. Infantil como tentar dormir sob um salgueiro. Elfos não dormiam. Elfos sonhavam. Astarte sonhava que...

– Vamos, Alteza!

O chamado de Yaslar atraíra grifos. Eram criaturas majestosas, mistos de leão e águia, que chegavam a medir vários metros de comprimento. Tinham enorme cabeça de ave de rapina, patas dianteiras de pássaro e traseiras de felino predador. Asas vastas e terríveis, cauda leonina inquieta. Eram os maiores caçadores de Arcádia, algozes de todos e presas de ninguém. Yaslar ensinara-lhe a cavalgar grifos – não domá-los, pois, assim como a natureza, eram indomáveis.

Os quatro elfos aproximaram-se dos grifos, sussurrando as sílabas certas, que todos haviam aprendido na juventude. Grifos não recebiam selas, não eram domesticados e não tinham nome. Um grifo numa jaula definhava e morria. Cada vez que um caçador elfo desejava montar numa dessas criaturas, deveria convocar e adular uma nova fera. Alguns formavam vínculos de amizade, mas nunca de forma absolutamente segura. Mesmo o mais afetuoso grifo poderia atacar seu amigo bípede, apenas por fome. E assim deveria ser, esse era o caminho da selvageria, o caminho do caçador.

Um grifo ameaçou morder Vyslanna com seu bico afiado. Astarte e Yaslar já haviam montado. Em alguns instantes, todos estavam sobre as feras aladas. Com impulsos monumentais das patas felinas, os grifos ganharam o ar, suas asas capturando e aproveitando as correntes de vento. Astarte sentia o ar frio correndo contra seu rosto, a sensação deliciosa, mas:

– Para onde estamos indo?

– Silêncio, Alteza! – gritou Vyslanna, de seu grifo. Como estavam separados por muitos metros, só poderiam se fazer ouvir se gritassem.

Astarte riu; aquele era o jeito ríspido da lutadora, mesmo quando se dirigia ao seu príncipe.

Ele ainda não sabia para onde estavam indo.

Ou onde estava Harallad.

Ou o que o arqueiro quisera dizer.

Ou o que significava tudo que Seandros lhe mostrara, embora fosse cada vez mais difícil lembrar aquilo.



Atravessaram boa parte de Arcádia, afastando-se do vale e das montanhas.

Astarte vira o castelo de Harallad ao longe, lá embaixo, o que lhe fez lembrar-se das outras dúvidas. Ele procurava o palácio, tarefa difícil: quando se voltava a uma direção, o grifo virava para outra, impedindo que enxergasse bem. Os olhos lacrimejavam contra o vento, a visão ficava embaçada. Mas esse era o modo dos grifos; não se podia domá-los, apenas aceitar sua independência.

Pousaram numa clareira em meio a uma enorme floresta. Longe dos lugares que ele mais conhecia, onde passara sua infância e juventude, treinando com seus mestres. Mas ele se lembrava da floresta e da clareira. Não conseguia precisar como, ou quando, nem o que havia lá. Mas conhecia; era uma lembrança tênue. Sua cabeça começou a doer de novo.

Os elfos apearam.

– O que há aqui? – disse Astarte, meio tonto, segurando-se nas penas do grifo. Para ele, era um gesto casual, mas a fera arrancaria qualquer outra mão que fizesse isso.

– Ele não sabe – disse Rhaewodd.

– Ele sabe! – Vyslanna chiou. – Se está perguntando, é porque começa a lembrar.

– Isto é precipitado. Já fomos tão longe... É um desperdício de tempo.

– Melhor começar de novo do que comprometer tudo.

– *Digam-me o que está acontecendo!* – Astarte explodiu.

Os três tinham olhos arregalados. Até mesmo Vyslanna por um momento perdeu o ar autoconfiante e indiferente e deixou transparecer emoção: surpresa.

– Por que estão me olhando assim? O que está havendo? Onde está Harallad?

E outras perguntas. Tantas outras. Se pudesse lembrar-se de todas, tudo ficaria bem.

– Por que estão me olhando assim?

– O que ele está fazendo? – disse Yaslar.

Astarte começou a repetir, mas então notou a razão pela qual estavam de olhos arregalados.

Yaslar *não* dissera aquilo. Sua boca não se movera.

Piscou, sacudiu a cabeça, tentando ordenar os pensamentos. Rhaewodd não discutira com Vyslanna instantes atrás. Ele não ouvira realmente suas *vozes*.

Ouvira suas *mentes*.

Da mesma forma, antes de montarem nos grifos, não fora a boca de Rhaewodd que afirmara que Astarte estava pronto. Ele não dissera coisa alguma, apenas olhara na direção de Vyslanna. Fora assim a viagem inteira; eles não falavam, ele apenas ouvira o que pensavam.

E, agora que se concentrava, não tinha certeza se Harallad realmente *dissera* algo sobre ele estar dormindo. Ele grunhira “poesia”. Mas e depois? Astarte não conseguia se lembrar do som, apenas da ideia. Harallad não dissera aquilo. Apenas pensara.

Ele já possui algumas capacidades da realeza, pensou Vyslanna, e Astarte ouviu.

– Falem o que estão pensando! – urrou o príncipe. – O que é esta floresta? Por que me lembro dela? Onde está o palácio? Onde está Harallad?

– Venha conosco – disse a lutadora.

– Vyslanna, eu...

– *Venha conosco.*

Os três começaram a correr pela clareira. Os grifos não debandaram; permaneceram atrás, coçando-se com seus bicos. Astarte seguiu os ex-mestres, sem saber direito a razão. Sempre fizera aquilo, mas algo estava estranho, havia uma inquietação no fundo da mente. O que era?

– Por que Harallad pensou que eu estivesse dormindo?

Nada. Eles apenas seguiam adiante. Astarte em seu encalço.

– Ele não disse, não foi uma piada. Ele pensou. *Como ele poderia achar que eu estava dormindo?*

Algo estava faltando, um silêncio estranho. Astarte corria atrás dos mestres. Superara todos eles, mas ainda assim era difícil manter o ritmo, precisava esforçar-se para não ficar para trás na clareira. O que era aquela quietude?

Percebeu: não conseguia mais ouvir suas mentes.

Os três haviam entrado no estado de concentração de suas respectivas artes, no qual suprimiam e calavam os pensamentos. Astarte não conseguia ouvir nada, o silêncio era ensurdecedor.

– Por que Harallad pensou que eu estava dormindo?

A clareira parecia não ter fim; há quanto tempo estavam correndo?

– *Vyslanna, eu estou dormindo?*



Olhos abertos.

– Ele está acordado? – disse Johan, transparecendo em sua voz arrebatamento e pavor em igual medida.

Trevor Abassian checou as leituras nos monitores freneticamente.

– Não. Continua inconsciente. Mas a atividade cerebral está no auge. Não sei

como interpretar isso.

O príncipe permanecia deitado, repleto de eletrodos e instrumentos, dentro de seu quarto-cela inundado de luz fluorescente. Imóvel. Seus batimentos cardíacos continuavam estáveis.

Mas seus olhos estavam abertos.



– Chegamos – decretou Vyslanna.

A clareira enfim terminara. Olhando para os lados, ela parecia minúscula, mas talvez já fosse uma segunda clareira, na mesma floresta. Ou em outra. Ou em outro lugar.

Astarte já não sabia mais onde estava.

– O que é o quarto iluminado? – perguntou, estreitando os olhos para focalizar os três elfos à frente.

– Chegamos, Alteza – Vyslanna falou com dificuldade, a voz contida, pequena.

Por que ela está falando assim?

– O que é o quarto iluminado? O que são essas coisas presas em mim? – Astarte tentou libertar-se de fios e eletrodos que não existiam.

Ficou confuso, como se *quase* conseguisse tocar em algo que no último instante não estava lá. Onde ele mesmo estava? Onde estavam Vyslanna, Rhaewodd e Yaslar?

– Onde está Harallad?

– Chegamos – repetiu a elfa, com esforço. – Agora você deve mergulhar.

Estavam diante de um vasto lago. As primeiras árvores da orla nasciam mergulhadas em suas margens. A superfície imóvel. Nem mesmo um pássaro incomodava a placidez.

Vyslanna e Rhaewodd tocaram nos ombros de Astarte com suavidade. Gentilmente empurraram-no para a água. Astarte obedeceu, andou arrastando os pés, quase cambaleando. Rhaewodd não dizia palavra, tampouco Yaslar.

Astarte notou que eles não falavam porque não conseguiam.

Estavam os três tomados pela concentração que apagava a mente, e apenas Vyslanna conseguia falar nesse estado. Era uma tarefa difícil. Seandros surpreendera-se quando ele mesmo mostrara-se capaz.

Seandros.

– O que Seandros quis dizer quando enfrentei-o, Vyslanna? As Formas

Sublimes são magia?

O príncipe sentiu as três concentrações quebrarem-se ao seu redor. O medo era palpável nos mestres. Ele franziu o cenho em incompreensão quando Rhaewodd levou a mão ao cabo da espada.

– É mentira – disse a elfa. – Seandros era um traidor e um mentiroso, e você é um herói por tê-lo matado.

Mas sua mente falava outra coisa.

– *Você* está mentindo – disse Astarte, a boca pendendo de incredulidade. – Não Seandros. Você.

– O que exatamente o mago lhe disse, Alteza? – perguntou Yaslar, de forma intempestiva.

Ele queria lembrar, mas tudo se confundiu. A visão do quarto iluminado obscureceu o lago, a floresta e a clareira. Ele quase desabou de tontura. Rhaewodd amparou-o e continuou a conduzi-lo rumo à água límpida. Astarte aceitou seus ombros fortes, segurou-se no amigo e mentor. Sentiu as botas se ensoparem, então os tornozelos, os joelhos. A cintura. Era bom ser amparado por Rhaewodd, ele sempre fora um amigo leal. O espadachim então começou a empurrar-lhe a cabeça para baixo, suavemente, e Astarte viu seu reflexo na superfície do lago. Repetido várias vezes, distorcido. Era como estar numa casa de espelhos. Tantos reflexos, como caricaturas dele mesmo. Curvado, as pontas de seus cabelos tocaram na água, então seu nariz, seus lábios...

Não eram reflexos.

Astarte deu um salto para trás. Girou o corpo verticalmente no ar, caiu na terra, deixando uma trilha de gotas em seu rastro. Num movimento contínuo, quase invisível, puxou o arco e encordoou-o. Porque não eram reflexos.

Eram cadáveres.

Cadáveres dele mesmo.

– O que é isto? – disse Astarte. – Como eu conheço esta clareira? Este lago? Quando estive aqui?

– Há muito tempo. – Vyslanna estava virada para ele, em guarda. Um joelho erguido no ar, as mãos em posições precisas à frente do corpo.

– Isso é *magia*, Vyslanna?

– O que Seandros lhe disse?

– Seandros...

Hesitou. Rilhou os dentes, fechou os olhos. Abriu-os e os três estavam em posição de luta: Rhaewodd com sua espada em punho; Yaslar com duas facas longas.

– Seandros disse que seria meu mestre de magia. Mas vocês proibiram.

Os três estavam concentrados. Não havia pensamentos. Astarte também entrara no estado de perfeição do arqueiro. Sua vontade empurrava a dos outros três, ameaçava soterrá-los. Um vislumbre fugidio da mente de Rhaewodd: *Não fomos nós.*

– Quem foi? Por quê?

– Guarde seu arco, Alteza – Vyslanna imóvel, pronta.

– Por que estavam mentindo?

– O discípulo não deve saber tudo antes de...

– *Quem foi*? – rugiu o príncipe.

Sua mãe.

Astarte voltou-se para Rhaewodd, cuja mente deixara escapar aquilo.

Então Vyslanna estava sobre ele, no ar.

A elfa saltou, descrevendo um giro no espaço aberto, e pousou leve como uma pluma, de cabeça para baixo, com a mão segurando o arco de Astarte. Como se seu peso aumentasse de súbito, forçou o arco para baixo, então se endireitou e plantou um chute certeiro no rosto do príncipe. Astarte voou alguns metros, deixando o arco cair. Resvalou na terra, deu uma cambalhota para trás e deteve-se agachado, em posição de luta. Yaslar então já estava a dez centímetros de distância. Atacou com as facas, os cotovelos dobrados, cortando o ar, enquanto Astarte movia a cabeça para evitar as lâminas. Fez ele mesmo um movimento que aprendera com Vyslanna e desferiu um soco curto no esterno do caçador. Yaslar foi arremessado alguns metros, bateu com as costas numa árvore, cuspindo sangue.

– *O que está acontecendo?*

– Vá até o lago – disse Vyslanna. – É inevitável.

– Posso vencer todos vocês, se insistirem em me atacar.

– Talvez. Mas é inevitável que vá para o lago.

– *Que lugar é este? Por que me lembro...*

– Você já morreu muitas vezes aqui, Alteza.

Astarte ficou mudo.

Rhaewodd saltou para ele, a espada escondida atrás das costas. No último instante, fez um movimento de rapidez insuperável, revelando-a e golpeando de baixo para cima. Astarte leu sua intenção no momento antes que se concretizasse; sacou uma faca da cintura e aparou a espada, com um retinir agudo. Ergueu-se, e sua força empurrou Rhaewodd para trás. Inverteu a empunhadura da faca, segurando-a como um furador de gelo, e golpeou contra a

garganta do antigo mestre. Rhaewodd respondeu aproximando-se mais, um passo para a frente e para o lado, esquivando-se da ponta mortal. Abraçou Astarte com o braço da espada, e era isso que o príncipe desejava.

Ele girou sua perna com rapidez, espalhando terra com o pé, e enganchou a panturrilha entre os tornozelos de Rhaewodd. Próximo e agarrado ao príncipe, o espadachim não teve velocidade para se defender, e viu o mundo passar num borrão, enquanto Astarte derrubava-o de costas, com um movimento tradicional do combate desarmado élfico. Antes que seu antigo mestre pudesse se erguer, Astarte terminou descendo a faca, com a empunhadura preparada desde o começo da sequência. Perfurou a mão com que Rhaewodd segurava a espada, sentiu a ponta fincar-se na terra. Largou o cabo da faca e saltou para longe, observando os três inimigos.

– Isso não tem sentido – disse Vyslanna. – Já aconteceu antes, e talvez vá acontecer de novo.

– O quê...?

– Sei que pode nos vencer, porque já nos venceu antes, Astarte. Mas nunca nos matou. Se vencer-nos, não haverá problema. Sua mãe irá se encarregar de levá-lo ao lago.

Astarte começou a formular outra pergunta, mas notou que já sabia a resposta. Ele vinha ao lago para morrer. Já viera muitas vezes. Quando julgavam que sua vida não dera certo, ele rumava para o lago e morria. Lá estavam seus cadáveres.

– Achamos que desta vez estava pronto – a lutadora continuou. – Afinal, nunca questionou por que o príncipe dos elfos não aprendia a magia. Mas da próxima vez seremos bem-sucedidos. Seandros está morto, não há mais quem possa encher sua cabeça de bobagens.

Ele não compreendia. De certa forma, os cadáveres eram *ele*, tinha certeza. Mas também não eram – como irmãos ou lembranças. De repente, correu ao lago. Achou que alguém tentaria atacá-lo, mas os três ficaram parados. Adentrou a água quase sem perturbá-la, afundou a mão para tocar um dos rostos dele mesmo.

Atravessou a imagem, como se não estivesse lá.

Sensação de imaterialidade. Algo semelhante ao que ele mesmo sentia; a incerteza de onde estava.

O lago.

O quarto.

Um outro lugar que parecia ser simultâneo, mas que ele não conseguia visualizar.

– Onde estou?

– Num lugar que não conhece – respondeu Vyslanna. – Mas, se for um verdadeiro guerreiro elfo, conhecerá. Entenda, Astarte. É inevitável.

– Você quer me matar.

– Apenas em último caso. Eu amo você. Todos amamos; é nosso príncipe. Esqueça o que Seandros lhe disse, e poderá conhecer o palácio. Conhecer sua mãe.

Era tentador. Bastava deixar de dar ouvidos a um traidor que ele mesmo matara, e tudo seria resolvido. Afinal, ele era o príncipe dos elfos. Sua flecha não poderia matar sem justiça, seus inimigos não seriam inimigos se não fossem malignos.

Vyslanna sorriu.

– Você nunca sorri.

– Esqueça o que Seandros lhe disse.

– E o que Harallad me disse?

– Harallad está lhe esperando.

– *Estou dormindo, Vyslanna?*

– Está.

Um baque.

Dormindo numa maca.

Mergulhado até as coxas no lago, ele ficou paralisado um instante, mas não tentaram atacá-lo. Vyslanna estendeu-lhe a mão, como se pudesse alcançá-lo a vários metros de distância.

– Se quer acordar, apenas obedeça.

– Elfos não dormem.

– Você é *quase* um elfo completo.

– O que falta?

– Conhecer o palácio, é claro. Conhecer sua mãe.

Ele saiu do lago. Pousou os dedos nos de Vyslanna.

– Estou no mundo dos humanos?

Ela retirou a mão.

– Estou dormindo no mundo dos humanos?

– Ele vai despertar antes da hora – disse Rhaewodd, sem preocupar-se em esconder nada.

– Não há mais como contê-lo – decretou a lutadora.

– O que é o quarto?

– Desculpe, Astarte – disse Vyslanna. – Você deve morrer.

Ele tentou acompanhar a trajetória dela, mas num momento o corpo da elfa estava no ar, contra o sol, e ele se ofuscou. O calcanhar de Vyslanna atingiu a têmpora de Astarte com a força de uma marreta, ele rolou pelo chão. Rhaewodd descia com sua espada segura na mão esquerda, o fio comprido indo encontrar o pescoço do príncipe. Num relâmpago, Astarte deitou-se no solo e desferiu um coice contra o estômago do espadachim. Ergueu-se de um salto e Yaslar atacou-o por trás, cravando uma faca em suas costas.

Astarte girou, recuou com cambalhotas, enquanto Vyslanna perseguia-o com uma sequência de chutes. Então, um guincho terrível cortou o ar, e a luz do sol foi obscurecida pela sombra de asas poderosas. Astarte puxou uma flecha de sua aljava, enquanto o grifo mergulhava para apanhar seu arco com o bico. Impulsionou-se e ganhou o céu de novo. Vyslanna desferiu dois socos certeiros, que Astarte aparou com os antebraços. Então ele saltou sobre ela. O grifo largou o arco no momento preciso, e Astarte agarrou-o em pleno ar.

Endireitando-se antes de tocar na terra, encaixou a flecha, puxou a corda, mirou e disparou. A ponta cravou-se no olho direito de Rhaewodd, matando-o na hora. Astarte pousou, encaixando uma nova flecha. Yaslar olhava o grifo com descrença.

– Superei-o há tempos, mestre caçador – disse o príncipe. – Você ainda precisa da voz para chamar as feras.

Yaslar investiu para ele, arremessando uma faca. Astarte disparou a flecha contra a lâmina que vinha em sua direção; ambas desviaram-se. O caçador então já estava a centímetros dele, uma faca na altura do estômago, mas Astarte golpeou-o com o arco sob o queixo, como se fosse um cajado. Yaslar recuou e engasgou. Vyslanna deu um chute alto contra a cabeça de Astarte, mas o príncipe se abaixou. Deu uma cambalhota para trás, fez mira com uma nova flecha e disparou.

A seta atingiu a testa de Yaslar, que tombou numa poça de sangue.

Já outra flecha apontada. Vyslanna a alguns metros de distância.

– Você sabe o que vai acontecer agora – disse Astarte.

– Não desejo morrer, mas isso não vai mudar nada. A Rainha acabará levando-o ao lago. Ela precisará de outros mestres, mas pelo menos Harallad está vivo.

– Talvez Harallad também tenha se cansado de suas mentiras.

– Não seja imbecil. Harallad sempre foi o mais leal de nós.

A concentração de Astarte se quebrou por um instante, e então Vyslanna investiu. Mas a mágoa que o príncipe sentia deu lugar a um ódio frio, que trouxe o estado de perfeição do arqueiro com facilidade. Ele parecia ver a corrida da

elfa como um teatro de marionetes, lenta e previsível. O mundo todo lento ao seu redor. Fez mira com calma, disparou, e sua flecha enterrou-se no peito de Vyslanna, derrubando-a no meio do caminho.

A artista marcial retorcia-se no chão, expelindo golfadas de sangue pela boca. Então Astarte aproximou-se e ajoelhou-se ao lado dela.

– As Formas Sublimes são magia?

Ela tentou dar um suspiro, mas respirar era difícil.

– Não sei como nos enganou por tanto tempo – disse Vyslanna. – Você é o mais curioso que já tivemos.

– Responda, mestra. Por favor.

– Sim.

Ele ficou calado.

– Por que esconder isso? Por que desejavam que eu tivesse técnica, mas não sabedoria? – Agora ele se lembrava das palavras de Seandros.

– Por lealdade.

– Lealdade?

– À Rainha.

Ele não soube o que falar.

– Se quiser mais alguma resposta, pergunte logo. Chega de divagações, Astarte. Você me matou.

– Por que ela não quer que eu conheça a verdade? Por que não quer que eu a veja e nem o palácio?

– Se você soubesse as respostas – disse Vyslanna – entenderia que não precisa fazer as perguntas. Ela não é só a Rainha, Astarte. Ela é mais que suprema. Ela é... Tudo.

– O que é o quarto?

– Não tenho *todas* as respostas.

– Sou um prisioneiro?

– É. Mas é amado por todos os seus carcereiros.

Ele se ergueu, trêmulo.

– Confiei em vocês – disse, a voz falhando. – Confiei em vocês durante toda a minha vida.

– Alteza – murmurou, quase sem forças. – Dê-me uma última honra. Mate-me com algum golpe que aprendeu comigo.

Ele pousou um olhar demorado sobre ela.

– Não.

Vyslanna disse num fio de voz, entre suas últimas agonias:

– Eu te amo, Astarte.

E morreu.



Acordados no meio da noite, os cientistas não sentiam qualquer resquício de sono. O milagre não só deixara-os completamente insones como empalidecera o resto de suas vidas.

Embolavam-se ao redor dos monitores, observando o príncipe. Assim que o fenômeno começara, a equipe inteira havia sido chamada, correra para o laboratório. O telefone de Emanuel Montague tocara, mas ele não atendera. Todos lamentavam pelo irmão que não estava ali para presenciar o acontecimento.

Astarte abrira os olhos. Então, após longas horas, seu corpo todo tivera um espasmo. Mais uma hora, e outro – a essa altura, os irmãos já haviam sido avisados. Os primeiros chegaram a tempo de ver quando o elfo se levantou.

Sentou-se na maca, ficou parado por cerca de meia hora. Então começou a mexer nos eletrodos e fios, até conseguir arrancá-los. Dois irmãos fizeram menção de ir até a cela, contê-lo de alguma forma, reconectar os instrumentos, mas foram detidos pelos demais. O príncipe se movia, e ninguém tinha certeza se aquilo não possuía algum significado especial. Talvez seus movimentos fossem uma fórmula, uma mensagem.

Isso se confirmou quando, à vista de todos, Astarte ficou de pé. Plantado numa base sólida, ergueu as mãos. Durante todo esse tempo, seu olhar estava perdido no vazio, como se ele continuasse inconsciente. As mãos e os pés começaram a se mover em padrões precisos, ordenados – primeiro lentamente, depois com agilidade. Alguns gestos pareciam defesas, ataques. Outros não tinham função aparente, mas estava claro que não eram aleatórios.

Nenhum daqueles cientistas sabia que aquelas eram as Formas Sublimes, os movimentos que os lutadores élficos aprendiam, como treino, exibição e prática das manobras de combate. Contudo, os humanos tinham razão em algo: eram movimentos ritualísticos. Eram, em sua complexidade e precisão, um enigma, um quebra-cabeças, uma fórmula.

Afinal, as Formas Sublimes eram magia.

Respondendo aos movimentos de Astarte, o quarto tremeluziu, e não era nenhuma falha dos monitores. Subitamente, numa quina entre o teto e as paredes, surgiu algo verde no ambiente asséptico. Uma folha.

E outra, e outra.

As plantas cresceram ante os olhos maravilhados da equipe do Projeto Adônis. Suas gavinhas e flores tomando a cela do príncipe, trazidas pelo ritual que ele realizava.



Singrando os ares, montado no grifo, Astarte não era mais distraído por pensamentos intrusos ou acontecimentos súbitos. Projetava sua vontade sobre a da fera, e ela não tentava esconder seu objetivo. Astarte sabia para onde estava indo.

Ao palácio.

Capítulo 8
A sala de estar do monstro

O ALÇAPÃO RANGEU; ELES DESCERAM.

Por baixo da portinhola, descobriram uma escada de mão – sólida, madeira boa e espessa, presa do teto ao piso do porão. Primeiro jogaram uma lanterna lá embaixo, para orientar-se. Então Felix fez menção de ir, mas Nicole atravessou na frente, quase despencando na ânsia de conhecer o cômodo secreto.

As solas de suas botas levantaram poeira. Ela pegou a lanterna e fez uma varredura, o enorme mercenário descendo logo atrás. Não parecia realidade, mesmo que houvesse visto muitas coisas mais estranhas. Era um porão como nos filmes americanos, uma sala vasta e cheia de quinquilharias.

– Está preparada?

– Não. Mas isso nunca me impediu.

Avançou pé ante pé, o facho de luz inundando uma seção de cada vez. Um segundo facho acendeu-se; Felix apontando sua própria lanterna na direção oposta.

Clique.

Nicole deu um salto. Virou-se para o grandalhão, ele tinha uma pistola engatilhada na mão direita, a lanterna na esquerda.

– Guarde isso – disse a garota.

– Não sabemos o que vamos encontrar.

– Felix, eu já disse que odeio armas. – A cabeça de Nicole chegava à altura dos ombros dele, e mesmo assim só com a ajuda das solas grossas. Mas, naquela hora, ela parecia falar de cima. – Guarde essa coisa ou saia da minha casa.

Ele bufou e obedeceu, enfiando a arma em um coldre de ombro, por baixo da jaqueta grossa. Ela voltou a atenção aos dois círculos de luz que mostravam a vida secreta de seu pai.

Primeiro viu uma estante imensa. Do chão até quase o teto, prateleiras repletas de fitas VHS. Chegou mais perto; todas as fitas eram caseiras. Nicole estremeceu, pensou que seriam registros dos eventos de sua infância. No entanto,

as etiquetas adesivas, escritas na caligrafia rápida de Salomão Manzini, exibiam títulos como:

Galáxia das crianças. 13/05/1987.

Ela piscou, surpresa. Viu o próximo título:

Galáxia das crianças. 14/05/1987.

E, é claro:

Galáxia das crianças. 15/05/1987.

E assim por diante. Uma fita para cada dia. Por anos. E anos.

– O que é isso? – disse Felix Kowalski.

– *Galáxia das crianças* – Nicole falou, voz neutra, meio embotada de incompreensão. Sacudiu a cabeça, como se clareasse os pensamentos. – Foi um programa infantil. Passava todas as manhãs.

– Programa infantil?

– De televisão. Exibia desenhos animados e uma apresentadora seminua recitando mensagens de tolerância e compreensão. Você nunca ouviu falar?

– Nos anos 80 eu estava sendo treinado na Amazônia ou matando traficantes colombianos na fronteira.

As fitas VHS marcadas "Galáxia das crianças" ocupavam a maior parte das prateleiras. Uma sucessão infindável, um arquivismo obsessivo, meticulosamente registrado com datas. Espremidas num canto, estavam as fitas "Compilação dos irmãos", além de algumas entregas de prêmios das indústrias cinematográfica e fonográfica.

E isso era só o começo.

Movendo o facho de luz, ela chegou a uma pilha de engradados. Não abrigavam garrafas, mas uma impressionante coleção de discos de vinil. Deu alguns passos e examinou-os. *Finger of Death*. *Ark of Pain*. *Goredom*. *The Rack. In Nomine. Maze of Hell*.

– O que temos aí? – Felix juntou seu facho ao dela.

– Heavy metal.

Ela correu os dedos pelas capas dos discos, quase todas pretas, com os nomes das bandas escritos em letras rebuscadas. As ilustrações exibiam demônios, mortos-vivos, garotas sendo ameaçadas ou aprisionadas.

Continuaram explorando. As lanternas iluminaram a aparelhagem necessária para fruir daquelas obras. Oito videocassetes espalhados em mesinhas, uns por cima dos outros. Conectados a oito televisores antigos, com telas arredondadas. Cinco toca-discos.

Também havia outras prateleiras; essas com livros e parafernálias diversas. Os

livros não eram surpreendentes – autores da contracultura dos anos 60, manuais de hipnose e compilações de pensamentos sobre uma suposta nova era. Nicole sentiu-se quase reconfortada ao encontrar aquilo. Era típico de seu pai; não levantava tantas questões quanto *Galáxia das crianças* ou uma vasta coleção de bandas teatrais. No entanto, junto com os livros havia pilhas de revistas pequenas, finas, impressas em papel barato. Nicole pegou a primeira: *Cruzadas espertas*.

Dezenas, centenas de revistas de passatempos. Folheou algumas; todas as palavras cruzadas estavam resolvidas, os labirintos estavam decifrados. Os caça-palavras também estavam feitos, mas seu pai encontrara neles conjuntos desconexos de letras, ignorando as soluções verdadeiras e óbvias. Nas últimas páginas, havia uma seção de cartas, com leitores de todo o Brasil enviando mensagens e solicitando amigos por correspondência. Um anúncio circulado a caneta:

Ela virá. O Dragão consome a beleza.

Uma escrivaninha de madeira dominava um lado do cômodo, soterrada sob papéis cheios de anotações. Todos amassados, rabiscados, com manchas de vinho e queimaduras de cigarros. Cercavam algo diferente: um pergaminho. Nele, nenhum rabisco, nenhuma anotação, nenhuma sujeira. Bem cuidado e preservado. Exibia o desenho de uma espécie de labirinto, junto com anotações em algum tipo de código matemático – números e símbolos em sequência. Nicole vasculhou os papéis; eram registros das tentativas de decifrar o pergaminho. Anos e anos de insistência, e aparentemente Salomão não conseguira. Algumas folhas começavam com cópias dos números e símbolos, o início de uma pretensa resolução do enigma, então degeneravam-se em súplicas. *"Mostre-me a verdade, por favor."* Outras contavam a história de acessos de raiva – quando Salomão riscara o trabalho que se mostrara infrutífero, amaldiçoara a própria incompetência em caligrafia frenética.

Nicole mostrou o pergaminho a Felix; nenhum dos dois tinha qualquer palpite sobre seu significado. Por via das dúvidas, ela guardou-o no bolso interno do casaco.

Completando o porão, sofás puídos, pôsteres com imagens psicodélicas, garrafas vazias, copos. Uma cômoda sobre a qual repousava uma variada coleção de facas de todos os tipos e tamanhos. Felix apanhou uma e examinou sua lâmina de dois gumes, em formato de gancho. Decretou que era uma corvo, usada pelos comandos chilenos.

– Meu pai gostava de facas.

Ele não respondeu.

Abriram duas portas na mesma cômoda, acharam mais do que facas. Dois revólveres – um .44, agressivo e impressionante, e um .38, atarracado e profissional. Um fuzil de assalto AK-47, a arma preferida por insurgentes e rebeldes de todos os lugares, que Nicole identificou à primeira vista. Caixas de munição. Meia dúzia de granadas.

– Não mexa nisso – disse o ruivo, indicando um pacote pequeno.

– É o que eu estou pensando?

– Sim. Explosivo plástico.

Ela se afastou.

Meio tonta, procurou um interruptor por instinto. Para sua surpresa, as luzes se acenderam.

– Eu imaginei que isso pudesse acontecer – disse Felix, desligando sua lanterna. – Se este porão era tão secreto, não devia estar conectado à rede elétrica principal. Parece que nós não fomos os primeiros a fazer ligações clandestinas aqui.

Visto como um todo, o porão era um ajuntamento de badulaques e um encontro de diferentes décadas. Embora fosse uma cria dos anos 80 (os discos, as fitas, o estofamento com estampas berrantes), exibia também móveis antigos, dos anos 70 (marrom e verde esmaecido, um ar claustrofóbico produzido por madeira escura e muito carpete), além de símbolos da paz, pôsteres mostrando imagens da natureza e palavras de ordem.

Nicole postou-se com Felix no meio do porão. Olhando tudo, era uma coleção de absurdos, um retrato de um habitante perturbado, mas não deixava claro *quem era* Salomão Manzini.

– Nenhuma resposta – ela falou. – Nenhuma resposta aqui.

– Só estamos começando – Felix reconfortou-a. – Há muita coisa a ser descoberta, menina.

– Programas infantis. Discos de metal. *Palavras cruzadas*?

– Você sabe por que chamam isso de “teoria da conspiração”? Porque as pessoas estão conspirando contra nós. Se tudo fosse lógico, às claras, não haveria conspiração. Há algo escondido aqui, só precisamos encontrar.

– O que pode haver escondido em álbuns do Finger of Death?

Felix foi até os engradados, escolheu um disco, puxou-o. Tirou-o da capa, deu um riso pequeno, virou-o para Nicole.

– *Isto.*

– O que eu deveria estar vendo?

Era uma superfície de vinil cheia de sulcos, nada excepcional.

– Preste atenção. O disco está arranhado.

– E?

– Está arranhado porque foi tocado ao contrário.

Nicole deixou a boca pender.

– Não me diga que você acredita nessas bobagens!

– Não vou dizer, mas é tudo verdade. De qualquer forma, não importa. O que importa é que *seu pai acredita*.

Ele foi até um dos toca-discos. Tentou ligá-lo, mas o aparelho não respondeu. Teve melhor sorte com o segundo. Luzes se acenderam; ele colocou o disco no prato, que começou a girar. Pousou a agulha na borda, perto da primeira faixa. Um solo elaborado de guitarra, produzido por algum virtuoso do instrumento, encheu o porão, a partir de caixas de som forradas de tecido. Logo, o vocalista começou a cantar em falsete sobre algo horrível e sobrenatural.

– Além disso, não há *só* heavy metal na coleção de seu pai. Achei três dos Beatles.

Era verdade: *Abbey Road*, *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* e o Álbum Branco.

– A foto que expõe a conspiração sobre a morte de Paul McCartney. A capa repleta de mensagens ocultistas. O álbum que inspirou Charles Manson.

– Meu pai era mais previsível do que eu imaginava.

– Não se trata de ser previsível, Nicole – disse Felix, por baixo da furiosa música de vocais agudos. – É a verdade. E a verdade é uma só.

Ele conseguiu detectar um trecho especialmente riscado. Moveu a agulha do toca-discos até lá. Então pousou os dedos rudes sobre o vinil, arrastando-o para trás. A voz se distorceu, produzindo sons ininteligíveis. Mais uma vez, e outra. Até que os dois, ao mesmo tempo, compreenderam duas frases, em inglês:

A rainha virá me buscar. Estaremos em Arcádia.

– Não acredito – murmurou Nicole.

– Você está com uma cara que já vi muitas vezes.

– Cara?

– A cara de quem nota a verdade.

Ela assumiu o controle do toca-discos. Escolheu outro trecho bastante arranhado, tocou-o ao contrário:

Mostre-me o dragão. Sou um servo. A você, a beleza.

"A beleza." Felix olhou-a com seriedade.

– Não pode negar que isso tem a ver com você.

– Eu... – ela deixou a frase morrer no ar. Depois retomou: – Eu preciso vê-lo.

Todos sempre haviam enxergado Nicole como uma esquisitice a ser exibida. A Princesa das Conspirações, a pessoa mais abduzida do mundo. Para os "fãs", era uma piada, porque todos presumiam uma maldade caricata, segredos que a cultura popular transformara em filmes, seriados, desenhos. Apenas ela sabia realmente o que era ser abduzida tantas vezes. E agora ela notava que também fizera o mesmo. Descartara possibilidades por apegar-se ao que lhe haviam dito em telejornais, histórias em quadrinhos, romances. Mensagens subliminares satânicas em álbuns de heavy metal eram absurdas – mas ninguém disse que *precisavam* ser satânicas. Salomão Manzini nunca falara em Satã, apenas na "deusa". Nicole rejeitara sua vida oculta, voltara-se à racionalidade e ao mundo concreto, como defesa contra o passado e contra os loucos que entendiam tudo errado. Mas havia um terceiro caminho, entre a negação e a credulidade:

A verdade.

– Preciso ver meu pai.

– Ótimo. Vamos agora?

Ela engoliu.

– *Eu* vou. Você fica.

Ele sorriu.

– Preciso que alguém examine essa porcaria toda – ela explicou. – Talvez você encontre algo sobre os seus colegas zumbis.

– Não são zumbis.

Mas ela já havia dado as costas, começava a subir a escada.

– Nicole!

Virou-se. Ele lhe jogou as chaves da caminhonete, ela apanhou-as no ar.

– Não dê trégua para o desgraçado.



Apenas quando ela chegou ocorreu-lhe que nem pesquisara se aquele era dia e horário de visitação.

Mas era. Se tudo conspirava para ela estar lá, Nicole talvez não devesse se surpreender com mais aquela coincidência improvável. Ao estacionar a caminhonete preta de Felix Kowalski no pátio de terra, deparou-se com uma tabuleta que informava: VISITAS DE FAMILIARES ÀS TERÇAS E DOMINGOS, DAS 14H ÀS 17H. Era terça-feira, 15h30. Não 15h31, nem 15h29.

Ela desceu do carro com as pernas meio bambas, errou nas primeiras duas

vezes para apertar a tecla do chaveiro que acionava o alarme e trancava as portas.

O manicômio judiciário Ulisses Lombroso ficava no município de Santo Ossário, mas afastado da vista de turistas e moradores. Pegava-se uma estrada estadual, então uma saída perpendicular sem marcação alguma. Após cerca de vinte minutos, chegava-se a um prédio velho. Não antigo, como era muita coisa na cidade – apenas velho. Construído há cerca de 70 anos, reformado há mais ou menos 40 e de novo há uns 15, apresentava o ranço arquitetônico de como se achava que deveria ser um hospício/prisão na época, com remendos para tempos mais esclarecidos. O resultado era grotesco, como se o prédio usasse maquiagem para esconder rugas e feridas.

Ao redor, havia um matagal selvagem, agressivo, viveiro de mosquitos e pequenos animais. O manicômio em si era triste. Dois carros estacionados, além da caminhonete preta. Ambos traziam adesivos que sugeriam ser propriedade de médicos trabalhando no local. Um ônibus meio enferrujado e carcomido exibia o nome da instituição. Levava e trazia funcionários que não tinham seus próprios carros, ligando-os com o centro de Santo Ossário. Uma mulher chegava a pé. Ela descera de um ônibus na estrada estadual e caminhara até o manicômio. Nicole sentiu-se culpada por não ter encontrado-a mais cedo e lhe oferecido carona.

O manicômio judiciário abrigava criminosos que, por não disporem de suas faculdades mentais plenas no momento dos delitos, eram considerados inimputáveis ou semi-imputáveis. Não pertenciam às prisões nem aos hospitais normais. Não sendo uma prisão, o prédio não tinha muros altos, torres de vigilância, concertina, como se vê em filmes ou telejornais. Era, sim, um paralelepípedo imponente, embora com pintura descascada. Suas janelas eram gradeadas, mas o portão era de fácil acesso, e podia-se chegar ao saguão de entrada sem grandes problemas. Uma placa metálica informava a participação da Fundação Strauss no financiamento das reformas.

Nicole deu alguns passos e estava lá, em outro universo.

O cheiro de desinfetante invadiu-a na mesma hora, como se houvesse um tijolo sólido de odor hospitalar contido no prédio. Um gemido vago, vindo de dentro, sugeria um berro em algum lugar distante. Um balcão com uma recepcionista de expressão apática esperava pelos visitantes. Um enfermeiro encostava-se numa parede, fumando. Dois homens com uniformes (calça marrom e camisa amarela, cassetete e rádio) conversavam sobre futebol. Três auxiliares de enfermagem carregavam caixas de papelão cheias de algo que tilintava. Numa sala separada, as paredes dominadas por janelões, um policial

solitário alternava o olhar entre o saguão e uma tevê portátil. Uma síntese do manicômio: enfermeiros, auxiliares, agentes de segurança, polícia. A sociedade não sabia se os que estavam ali precisavam ser tratados ou punidos, e na dúvida tentava fazer ambos. Ou nenhum.

– Vim ver uma pessoa – disse Nicole.

A recepcionista puxou um caderno onde estava amarrada uma caneta esferográfica sem tampa. Abriu na página certa, e lá havia nomes, assinaturas e números de RG de pessoas diversas, ao lado de datas. No máximo dois ou três visitantes a cada dia.

– Qual é o nome do interno?

– Salomão Manzini.

A recepcionista anotou isso em um formulário enquanto Nicole escrevia seu próprio nome e dados no local indicado. De alguma forma, esperara que aquilo provocasse surpresa. Salomão Manzini, o Estripador das Hortênsias. E agora sua filha vinha visitá-lo! Mas a mulher não esboçou reação, recitando as instruções e fazendo os movimentos como se outra pessoa comandasse seu corpo. Embotada, presa. Nicole teve de apresentar documentos, assinar um termo de compromisso. Mas, no geral, foi fácil. Esperava uma operação cuidadosa, sirenes, guardas tensos.

– Como eu faço? – perguntou, simplesmente.

– Passe pelo detector de metais. Siga pelo corredor. Segunda porta à direita.

– Sim, mas...

– A senhora precisa passar pelo detector de metais.

Passou. Um agente de segurança operava a máquina, tão apático quanto a recepcionista. Depois disso, houve uma porta trancada, com grades resistentes, que lembrava mais uma prisão. E então ela entrou.

O cheiro de desinfetante ficou mais forte. Ao longo do corredor pintado de verde claro estava a área de triagem. Ali ficavam os detentos encaminhados de prisões ou outros ainda sem diagnóstico, até que sua patologia fosse decidida. Não havia grades, mas portas de metal, com uma pequena janelinha gradeada na altura dos olhos. Ela espiou para dentro de uma, e viu um homem estirado numa cama metálica de colchão fino, amarrado aos tubos enferrujados por tiras de tecido resistente.

Três funcionários saíam de outra cela, onde um interno debatia-se e gritava. Notaram a garota meio desorientada. Um deles sorriu e disse, como se precisasse dar alguma explicação:

– Esses são nossos recém-chegados.

A identificação em seu uniforme informava o nome Bertolli.

– Estou aqui para ver uma pessoa – ela disse.

– Siga o corredor.

– Como eu faço? – Foi só nisso que conseguiu pensar.

O segurança Bertolli pareceu apiedar-se. Conduziu-a até o salão de visitas.

– Quem é seu parente?

– Salomão Manzini.

O guarda ergueu as sobrancelhas.

– Ele está amarrado? – Nicole perguntou.

– Não falamos assim. No máximo, às vezes um interno precisa ser "contido".

– Ele está contido?

– Não, não. O Manzini é muito bonzinho. Vou pedir para um colega meu chamar ele.

Nicole entrou no tal salão. Era bastante grande, cheio de mesas circulares com cadeiras. Abrigaria dez ou quinze famílias visitando seus entes queridos loucos. Mas, além dela, só a senhora que já havia visto e um velho que falava com alguém que parecia ser seu filho.

O salão tinha o mesmo tom de verde do corredor, mas mais festivo. Figuras diversas haviam sido pintadas nas paredes, pelos próprios internos. Havia ornamentos natalinos, embora a época tivesse passado há cerca de seis meses. Uma televisão num canto, cercada por cadeiras de plástico, desligada. Em outro canto, um homem sentado no chão, abraçando a si mesmo, murmurando algo, de olhos arregalados. Três agentes de segurança e um punhado de auxiliares de enfermagem vigiavam com enfado. Não havia nenhum enfermeiro ou policial. Grandes janelas gradeadas davam para um pátio interno, onde alguns pacientes vagavam.

– Ela quer falar com o Manzini – disse Bertolli.

– Por essa eu não esperava – respondeu outro funcionário. – Vou chamar.

O homem sumiu por uma porta. Era possível notar pela estrutura do local que havia muitas outras alas, aposentos, áreas para funções específicas. Um mapa parcial numa parede indicava consultórios, enfermaria, depósitos, refeitório. Administração e cozinha não foram incluídos; poderia ser perigoso deixar essa informação ao alcance dos internos.

Ela não podia disfarçar a apreensão. Via aqueles homens perdidos em si mesmos, tinha pena. Mas então lembrava-se de que, se estavam ali, eram criminosos. Por que não havia mais polícia? Ela estava em perigo?

– Pode ficar calma, mas tenha cuidado – disse Bertolli, com um sorriso. – O

pessoal aqui é tranquilo. Quem está em crise fica nas celas de alta segurança do CTI.

– Aquelas lá atrás?

– Não, aquilo é só a triagem. Tem mais celas no fundo, mas você não precisa ver. O Manzini convive bem com os outros internos.

Ela olhou para o sujeito no canto com outros olhos. Talvez fosse um assassino, assim como seu pai. E estava no salão, abraçando-se e balbuciando, sem nada que o separasse dela além de algumas mesas e três agentes de segurança desarmados.

– Não precisa ficar com medo, mas todo cuidado é pouco – disse seu novo amigo. – Se um deles surtar ou fizer algum movimento brusco, pode gritar, chamar a gente. Estamos de olho.

– E a polícia?

– Tem polícia aqui. Dois, até. Mas hoje um não veio, está doente.

Ela se sentiu empalidecer.

– Mas é tudo tranquilo. Todos os internos tomam a mesma medicação, ficam calminhos. O Manzini é um dos mais sossegados. Líder de dormitório.

Seus idiotas, ele já foi líder uma vez, pensou Nicole.

– Como eu faço? – ela repetiu.

Ele recitou algumas regras, que ela vira em anúncios no saguão.

– E fico aqui ou...?

– Se quiser. Mas também pode conhecer o prédio. Só não pode ir até o CTI sem permissão do diretor. Se quiser passear com o Manzini, fique à vontade.

Nada parecido com filmes de prisão.

Então ele chegou.

Nicole esperava que fosse trazido sob mira de armas, vigiado de perto por policiais de elite, mãos e pés algemados. Mas Salomão Manzini veio andando, acompanhado por um agente de segurança que logo parou de prestar atenção.

– Olá, filha.



Ele vestia o uniforme de todos os internos: calças e camiseta brancas, insuficientes para conter o frio. Seu rosto estava magro, bochechas chupadas, e exibia um matagal de barba. Os olhos iguais aos que ela lembrava: sempre arregalados, como se olhassem para um ponto logo atrás do interlocutor. Não perdera quase nada dos cabelos compridos, embora estivesse grisalho. Rugas

fundas emolduravam os olhos. Estava bem mais gordo, embora o pescoço, o rosto e os braços fossem magros e macilentos.

Salomão Manzini sorriu com dentes amarelos e sentou-se do outro lado da mesa, à frente de Nicole. O segurança Bertolli debandara, fora ocupar-se de alguma outra coisa.

– Não vai dar um beijo no seu pai?

Ela mordeu o lábio; não daria ao desgraçado a satisfação de vê-la chorando.

– Você engordou – disse Nicole.

– São os remédios – Salomão retrucou, sem se abalar. Sua voz perdera a musicalidade da qual ela se lembrava na infância. Soava rouca e dificultosa, como pregos raspando em cimento. – Comemos pouco, mas as drogas nos fazem engordar. E nos deixam o dia inteiro com sono. Sem atividade, cresce a barriga.

Abriu um sorriso largo ao dizer isso. A trivialidade da conversa deixava Nicole tonta.

Ela ficou muda. Tinha todas as perguntas, mas nenhuma lhe ocorria. As palavras dançavam em sua mente, sem que ela conseguisse ordená-las ou criar algum sentido. Estava diante do seu pai, o Estripador das Hortênsias, e não sabia o que dizer.

– Por que veio depois de mais de 20 anos, Nicole?

– Por que você fez aquilo?

Ele deu uma gargalhada. Ela saltou na cadeira. O paciente que falava com a senhora encolheu-se. Um segurança chegou perto; Salomão se conteve.

– Dose extra para mim hoje! Eles não gostam que façamos barulho, não podemos incomodar as visitas. Sabe quem eles me lembram, filha?

Ela sabia o que ele ia falar.

– Lembram-me de mim mesmo. São meus pais aqui. Sabem tratar um filho, assim como eu soube.

– Por que você fez aquilo?

– Pela deusa.

– Não tem nenhum remorso?

– Remorso pelo quê? – Abriu os braços num largo gesto. Ergueu-se e caminhou para um lado e outro, atrás da cadeira. Depois voltou a se sentar. – Não fiz nada que me envergonhe. Talvez eu tenha vergonha de não ter feito *mais*. Se continuasse com meu trabalho, talvez tivesse agradado a *ela*.

– Não tem vergonha dos rituais? Dos assassinatos?

– Nunca matei ninguém! – Então deu um risinho afetado, olhou para o lado e tapou a boca num gesto teatral. – Bem, alguns. Mas o que queria que eu fizesse?

Olhe tudo que *vocês* fizeram comigo! Não tenho direito de revidar?

– Eu tinha 6 anos.

– Você faz parte *deles!* Do sistema, dos poderosos.

Ela notou que havia desviado os olhos, encarava a mesa há quase um minuto. Forçou-se a olhá-lo de frente. A expressão dele era hipnótica e repugnante.

– Nada vem de graça, Nicole. Se você quer mudança global, precisa oferecer algo em troca. Algo valioso.

– Você não tem nada valioso.

– Mas *tinha*, não é mesmo? Tinha você. Brilhante, inocente, com um futuro promissor.

– Você falhou em seu grande plano, seja qual for. Estou livre, e você está preso.

– Você também está aqui – ele riu.

As mãos de Nicole se crisparam. Sem perceber, ela estava encolhida, como o interno que se assustara com a gargalhada. Tentando ficar menor.

– Como está sua vida, Nicole? Já conseguiu realizar todos os seus sonhos? Pôde esquecer o que aconteceu ou ainda é perseguida pelas lembranças? Por acaso, mais de vinte anos depois, está exatamente no lugar onde tudo aconteceu?

– *Por que os concursos de beleza*? – ela ignorou as provocações.

– Porque você é inteligente.

Pausa.

– Isso não faz...

– *Faz todo o sentido, Nicole.* Veja só, seu velho pai ainda consegue completar suas frases! – E pareceu muito satisfeito ao dizer isso. Depois voltou ao raciocínio: – Eu deveria oferecer algo que a deusa amasse. E deveria sacrificar. Qual sacrifício é maior do que transformar uma criança inteligente em um bibelô? Reunir todo o seu potencial e jogá-lo fora?

– Tenho mestrado em filosofia.

– Duvido.

Não tinha mesmo. Perdera tudo antes de concluir.

– Mas você tem razão em algo, Nicole. Falhei. Estou preso. Venha comigo.

Ele ergueu-se, começou a andar em direção à porta que levava mais para o interior do manicômio. Mesmo tendo ouvido as regras, ela por um segundo esperou que Salomão fosse detido, mas ele andava livremente. Então, por alguma razão, seguiu-o. Também esperou ser detida, mas isso não aconteceu.

Atravessaram o pátio. Cimento, paredes altas. Delimitado pelos próprios prédios que compunham a instituição, de frente para três janelas gradeadas, uma

delas era do salão, e uma quarta parede sem nada. Ou melhor, havia algo: uma enorme pichação, caligrafia sofrida e torta, dizia “É errado tirar a vida de alguém”. Impossível saber se era um ato de contrição ou um protesto. No pátio, sobre ancestrais marcações apagadas de uma quadra de futebol, vagavam alguns internos. Seguranças olhavam aquilo tudo. Apesar de haver sol, o frio e as paredes altas criavam um ar lúgubre. Salomão levou Nicole até mais uma passagem, então por um corredor onde todas as luzes estavam queimadas. E o Estripador das Hortênsias enfim exibiu uma porta de metal, grossa e cheia de trancas, mas aberta àquela hora. Sobre ela, pintada a letra B.

Era um dormitório.

– Aqui é meu novo reino. Esta é minha nova família.

Vinte camas de metal, uma ao lado da outra. Não havia lençóis ou cobertores, os colchões eram grandes retângulos de espuma. Dezesseis leitos estavam ocupados por internos adormecidos. Alguns tinham braços e pernas rígidos, era possível ver os pequenos músculos tensos. A umidade oprimia. Não havia janelas, mas duas enormes manchas de infiltração no teto encarregavam-se de transmitir a sensação de umidade e espalhar mofo.

– Eles trancam as portas às 19h e só abrem de novo às 5h – disse Salomão. – E, nesse período, eu sou o rei.

Abriu um sorriso macabro.

Salomão discorreu sobre a vida no Ulisses Lombroso, como se discursasse. Eram acordados às 5h por agentes de segurança e enfermeiros, que destrancavam a porta do dormitório e davam-lhes a primeira dose de remédios. Aqueles que resistiam ou mostravam-se agitados eram contidos e levados ao isolamento no CTI. Em geral, um dia bastava, mas os mais inquietos ficavam uma semana, um mês.

– E quem realmente não se acalma vai para o ECT. Ouvi dizer que poucos hospitais no país têm isso hoje em dia. Somos privilegiados.

– ECT? – Mais uma sigla. Nicole não conteve a curiosidade, mas Salomão ignorou-a.

– E este é o meu castelo. – Ele indicou a cama mais próxima à parede.

Era o líder daquele dormitório. Responsável por organizar os internos para fazer limpeza, já que não havia equipe para isso. Regular seu convívio e coordená-los em raras atividades terapêuticas, como pintura ou teatro. Havia outros dormitórios, outros líderes, outras reduzidas populações.

– Eles são minha família.

– O que está acontecendo agora? – disse Nicole. – Por que vim parar em Santo

Ossário de novo?

– Veio porque quis. Não me culpe. Você não é obediente como minha nova família. Eles são ótimos.

– Eles são...

– Criminosos violentos – o homem completou. – Que a justiça considerou não possuírem juízo crítico, devido a seus transtornos. Esquizofrênicos, em geral.

– O que a justiça acha que você é?

– Esquizofrênico, é claro. Ouço vozes dizendo-me para matar. Ouço a deusa falando coisas belas em meu ouvido.

– Você não é louco.

– É o maior elogio que ouvi nas últimas décadas. Diga isso para os psiquiatras, e então poderei ser solto. Estou aqui por uma "medida de segurança". Não há pena máxima, porque não é uma pena, mas tratamento e contenção. Posso ficar pelo resto da vida se não acharem que estou curado.

Silêncio.

– Por que você não está sendo vigiado? – disse Nicole.

– Porque sou confiável. Entenda, o manicômio judiciário me conhece há muitos anos. Sabe muito mais de mim do que você. Acompanhei a carreira do atual diretor, já estava aqui quando ele chegou. Você pode achar que conhece seu pai, mas eles sabem que, embora ainda não apto para reintegração à sociedade, sou constante e convivo bem com os outros internos.

– Eles são como você.

– Ninguém é como eu. Mas todos mataram. Tenha isso em mente, filha. *Todos são assassinos.*

A frase reverberou no dormitório, o ambiente pareceu ficar mais frio. Com um estremecimento, Nicole virou-se e saiu pela porta.

– Não vá embora! Posso lhe oferecer respostas, se quiser ouvir.

– Eu te odeio – ela encarou-o.

– Você não me odeia. Você não me conhece.

– Achei o seu porão. Suas fitas, seus discos, suas revistas. Seus papéis.

Ele ficou sério.

– Encontrou o mapa? – disse Salomão.

– Mapa?

Voltou a rir.

– Não sabia nem mesmo que era um mapa! Tem tanto a aprender...

– Você também não conseguiu decifrá-lo, não é? Anos e anos de tentativas.

– Mas sei mais do que você. Ouça-me, eu tenho as respostas.

Uma raiva antiga borbulhava dentro de Nicole.

– Vou entender o que tudo significa – disse ela. – Vou conseguir uma resposta sozinha.

– Quando você entender o significado, vai se tornar uma de nós. Vai lamentar ter escapado. Quando entender, vai ter seu primeiro contato voluntário com o outro mundo.

– *Não existe...*

– Não minta para o seu pai! Você *sabe* que existe outro mundo. Apenas seu contato é ainda involuntário. Os médicos esqueletos, não é? – Gargalhou ao dizer isso.

– Você não é um líder – Nicole rosnou, a raiva aflorando. – É um perdedor. É o rei dos inimputáveis, porque o resto do mundo ri de você.

– Eles estão chegando, Nicole. Meus amigos e minha mestra e meus senhores. Eu avisei a todos vocês, vinte anos atrás!

Ela correu para longe, atravessou o pátio, alcançou o salão. Auxiliares de enfermagem e agentes de segurança apressaram-se para ver o que ocorria. Enfermeiros se aproximaram, um médico finalmente estava lá.

– Desculpe – disse Salomão, com voz controlada. Sem correr, sem se exaltar.

Ela se virou para ele.

No próximo segundo, ele saltou.

– Desgraçada!

Pulou sobre ela com as mãos encarquilhadas, as unhas grossas e compridas, amarelas. Botou os polegares na garganta de Nicole, antes que ela pudesse reagir. Os dois rolaram no chão, ele tentando apertar seu pescoço. Ela pensava apenas:

Esse não é o modo dele.

– O Manzini está surtando! – gritou alguém.

Esse não é o modo dele. Está fingindo.

Os agentes de segurança agarraram-no pelos braços. Os internos que estavam no salão se agitaram, começaram a uivar e pular. Enfermeiros, auxiliares e seguranças vieram de todos os lados.

Ele está fingindo.

Salomão foi erguido pelos agentes de segurança, esperneando. Berrava e babava. Um enfermeiro já vinha com a seringa.

– Maldita! – gritava Salomão. – Maldita!

Ele está fingindo.

O psiquiatra se apresentou, perguntou se Nicole estava bem. Pediu desculpas;

há mais de dez anos Manzini não dava problemas. O médico tinha o mesmo ar de todos lá – o ar internado. Estava tão preso quanto condenados, enfermeiros, auxiliares, agentes e policiais. Estavam todos condicionados a aceitar aquilo. Ninguém questionava o ímpeto súbito de Salomão Manzini, ninguém via que aquele não era seu modo de fazer as coisas. Que ele estava fingindo.

– Tomem cuidado! – disse Nicole, entre acessos de tosse.

– Não se preocupe, ele vai para o isolamento. Ficará contido.

– Não! Vocês precisam vigiá-lo!

– Não se preocupe. Veja, já está sedado.

Mas ela se preocupava, porque aquele não era o modo de Salomão Manzini. Seu pai matava de um jeito muito específico.

Capítulo 9
199x

ERA IMPORTANTE SER VISTA PELOS juízes antes do desfile. Assim, Nicole ficou cerca de duas horas brincando na grande varanda do hotel-fazenda, sob instruções e supervisão estrita do pai e da mãe. Estava de cócoras, dando vida a bonecas plásticas.

Sentou-se no chão.

– O que é isso agora? – Salomão chiou alto, da cadeira de balanço. – Levante!

Ela projetou o lábio inferior para a frente. Doía ficar naquela posição.

– Não sente; vai sujar seu vestido.

Ela obedeceu. Ficou de pé. Os pais decretaram que, se não ficaria acocorada (a posição ideal, mais graciosa e exalando maior casualidade), então deveria dançar e saltitar atrás de borboletas. Mas não correr, ou suaria e arruinaria a maquiagem.

– E você precisa estar perfeita quando for vista.

Ser vista era importante. Significava que poderiam avaliar sua beleza, simpatia e desenvoltura, dar-lhe a nota que merecia. Aos 6 anos, Nicole Manzini era muito consciente de que, sem a maquiagem e os penteados, sem os vestidos e os saltos, sem os cílios postiços e o charme para os adultos, nunca seria uma vencedora.

Enfim os juízes chegaram. Como fora ensinada, Nicole brincou com suas bonecas, fazendo poses de aparência casual e fingindo não notar que a observavam. Salomão e sua esposa, Olga, já conheciam aquele grupo. Nicole começara a competir dois anos antes, e já arrebatara alguns prêmios das categorias mais jovens. Os juízes eram quase sempre os mesmos – três homens e duas mulheres que viajavam pelo país, organizando e presidindo concursos como o Miss Brasil Miniatura ou o Miss Fadinha Brasileira. Os cinco chegaram na van de sempre, trocaram beijinhos no ar e apertos de mão flácidos com Salomão e Olga. Enfim foram até Nicole, que fingiu notá-los pela primeira vez. A menina cumprimentou cada um, deixou-se ser beijada e apertada.

– Por que chegaram tão cedo, meu anjo? – perguntou uma das juízas.

– Pedi para o meu pai e a minha mãe, porque estava com saudades das minhas amiguinhas – recitou Nicole.

Todos bateram palmas. Como era espontânea!

– Ela sempre usa os vestidos? – quis saber um juiz.

– Faz questão – disse o pai. – Realmente adora, nasceu para isso.

– Nunca pensaram em fazer um book de mãe e filha?

Olga fez que não com a cabeça, sem dizer palavra. Olga quase nunca falava.

Enfim os juízes subiram a seus quartos. O hotel fora todo reservado para o concurso Glamour Infantil. Os quartos e chalés seriam ocupados pelas participantes e suas famílias; os salões seriam usados nos desfiles.

Quatro horas depois, o hotel-fazenda recebeu o ônibus lotado com as outras candidatas, seus pais e mães. Com exceção dos Manzini, todas as famílias haviam se reunido na capital, então partido para o local do evento em um ônibus fretado. Diziam uns para os outros que queriam estimular o convívio e a camaradagem entre as meninas, e que desejavam passar algum tempo com os outros pais e mães, seus amigos de tantos desfiles. Todos, no entanto, julgavam os demais idiotas – pois usavam a viagem coletiva para tentar descobrir truques e artimanhas das rivais. Salomão era mais esperto. Chegava cedo, o único a receber os juízes, causava boa impressão logo de início.

Reencontraram-se com as famílias competidoras, trocaram elogios. Pai, mãe e filha então em seu chalé. Nicole sentava-se na cama, pernas juntas, cuidando para não amassar o vestido.

– Por que fazemos isto, Nicole? – Salomão perguntou. – Por que você compete?

– Porque sou uma princesa – ela respondeu, treinada.

– Isso mesmo – ele aprovou. – Tudo isto é um ritual. Você é uma princesa. E eu serei um cavaleiro.



O primeiro desfile intitulava-se “roupas casuais”. As meninas usavam vestidos elaborados, mas não tanto quanto os do evento principal. As mães e pais também tinham a opção de vesti-las em calças e bermudas, para as mais ousadas. Todas usavam maquiagem pesada, cabelos esculpidos com laquê, sorrisos praticados no espelho. Aquelas que já haviam perdido os dentes de leite muniam-se de próteses dentárias. Nesta primeira apresentação, deveriam apenas desfilar para os juízes. As mais experientes faziam alguma graça – jogavam um beijinho,

davam uma piscadela.

Algumas horas para remoção de maquiagem e troca de figurinos. Então o primeiro dia encerrava-se com desfile em roupas de banho. As meninas tinham de 4 a 7 anos. Usavam maiôs e biquínis, muitos com adornos e estampas chamativas. Não era menos elaborado que o desfile anterior; a produção se tornava mais sofisticada. Agora, com as roupas de banho, calçavam salto alto. Seus cabelos vinham em penteados ainda mais rebuscados. Os brincos, anéis e pulseiras eram mais caros e brilhantes. O batom era mais vermelho. Os rostos das meninas eram quase transfigurados em faces adultas devido à maquiagem e aos estilos antiquados. Durante mais de duas horas, a passarela foi dominada por aquela corrupção sorridente. Nicole desfilou de maneira exemplar, cada passo ensaiado à perfeição. Flashes de câmeras pipocavam na plateia. Em geral, apenas um dos pais ficava nos bastidores, guiando e incentivando a filha, enquanto o outro assistia. Algumas competidoras tinham séquitos inteiros de tios, tias e amigos adultos torcendo por elas, estendendo faixas com dizeres que ainda não sabiam ler.

– Você foi ótima, Nicole! – Salomão abraçou-a nos bastidores. – Você é perfeita.

A mãe de outra competidora chegou perto dele, com olhar conspiratório.

– Hoje...?

– À noite – Salomão confirmou.

A mulher deu um sorriso beatífico.

E as princesinhas desfilaram, e os juízes julgaram, dando notas que ultrapassavam sua idade.



Não escolheram um hotel-fazenda por acaso. Um grande espaço aberto era fundamental, um campo vasto onde não seriam incomodados. Havia um estábulo com alguns cavalos para os hóspedes, uma horta, algumas vacas espalhadas. Um pequeno lago. Mas principalmente havia espaço vazio, pasto sem nada além de flores e um punhado de árvores. Atrás de um desses capões, eles haviam acendido uma fogueira. A coluna de fumaça era visível no céu claro de lua cheia, mas não causava estranheza a quem passava por ali; passava facilmente por um churrasco improvisado, algo comum em hotéis-fazenda.

Todos os pais, mães, tios, tias e amigos faziam um círculo largo ao redor do fogo. Os juízes não estavam lá, mas logo chegou um homem a cavalo.

– Algum problema? – disse Salomão.

– Nenhum, irmão – exibiu uma maleta com várias seringas vazias. – Vão dormir a noite inteira.

Depois de tanto tempo, os juízes já deviam estar acostumados ao sono pesado durante os concursos. Um dos irmãos, que tinha acesso a anestésicos e medicamentos controlados, botava-os para dormir a cada noite de celebração. Assim não haveria risco de notarem a ausência de todos os participantes. Em geral, dois ou três funcionários de cada hotel também recebiam a dose, mas aquele contava com chalés – os hóspedes ficavam longe da vista dos gerentes e carregadores de malas, podiam sair à vontade.

O homem das seringas apeou, o cavalo ficou nas proximidades. Ele guardou a maleta. Despiu-se e vestiu uma longa túnica, semelhante à que todos usavam ali.

Era uma estranha bata de aparência monástica. Como uma camisola multicolorida, diferente para cada um, mas seguindo o mesmo modelo. Algumas exibiam estampas floridas, outras apenas cores. Algumas eram feitas de remendos, outras costuradas de uma peça única. Nos pés, usavam sandálias ou nada. Alguns haviam prendido flores nos cabelos. Salomão era o mais adornado: uma coroa de folhas variadas na cabeça. Pinturas elaboradas no rosto, como trilhas que se cruzavam em padrões intrincados. Uma bolsa de couro cru a tiracolo.

Uma longa adaga nas mãos.

Nicole enxergava tudo aquilo de seu esconderijo, na sombra, atrás de um ajuntamento de árvores baixas. Ela já notara, ao longo das viagens e concursos, que seus pais se ausentavam durante a noite, mas nunca fora investigar. Daquela vez, contudo, a adrenalina do dia tornara seu sono intranquilo, e ela estivera acordada quando os dois haviam se esgueirado para fora do chalé. Então escutara o tropel de um cavalo, e a curiosidade fora demais. Espiara por uma fresta na porta e vira que outros adultos levavam uma das competidoras consigo.

Com um misto de inveja e medo, Nicole chegara perto da fogueira, sempre escondida. E agora observava sem ser vista enquanto os adultos se reuniam ao redor de seu pai e a única menina presente postava-se bem quieta, como uma estátua.

– Irmãos! – exclamou Salomão Manzini, dando início à cerimônia. – A hora da deusa se aproxima. Após uma década de materialismo e ameaça de guerra, conseguem sentir? Sentem a espiritualidade aflorar?

– Paz!

– A natureza!

– É a deusa chegando!

Os gritos de concordância variavam, transformavam-se em uma breve cacofonia. Alguns dos adultos uivavam para a lua cheia.

– Os impérios estão caindo! – disse ele, gesticulando com a adaga. – Não haverá mais políticos, polícia, o sistema opressor. Só a deusa! Paz, natureza e beleza.

Beleza.

Os adultos vestiam-se nas túnicas largas de hippies tardios. A única menina presente estava com seu melhor vestido, a maquiagem mais pesada, a maior quantidade de laquê, as unhas postiças mais compridas, os maiores saltos. Um contraste bizarro. Os irmãos eram médicos, advogados, militares, jornalistas. Ninguém suspeitaria de que reuniam-se várias vezes por ano nas celebrações à deusa. Em comum, tinham o ódio por aquele mundo que não sabia compreendê-los, embora os tivesse recompensado com dinheiro e sucesso. Além de uma obsessão pela natureza, pela magia. E principalmente pela beleza. Nicole não sabia de nada daquilo, mas o líder antes de Salomão fora um renomado cirurgião plástico. Diziam que suas maiores criações eram ritualísticas por si só, abençoavam as clientes com o poder do outro mundo, como se fossem enigmas, quebra-cabeças ou fórmulas esculpidas em suas faces. No entanto, o antigo líder tinha um grave defeito: era incapaz de sacrificar.

Ao conhecer a deusa e o culto, Salomão entendeu rápido que o sacrifício era necessário. Transformar o feio em belo era *usar* o poder da deusa, mas não *abrir mão* de algo em seu nome. A sincronicidade agiu para que o antigo líder morresse em um famoso desastre de navio, e então Salomão passou a reinar.

– Irmão, quando a nova era chegará? – queixou-se alguém.

Salomão Manzini abriu um enorme sorriso.

– É isso que venho lhes dizer hoje. Tenho boas notícias!

Houve um bufar de excitação. Os casais se abraçaram, olhos vidrados no guru.

– Como sabem, moro em Santo Ossário. E não por acaso; fui levado para lá. Venho descobrindo o que a deusa quer de nós. As mensagens estão em tudo, ela se comunica das mais diversas formas, com quem estiver disposto a ouvir. E há irmãos por toda parte. Estão escondidos, assim como nós, mas transmitem mensagens para os iluminados no mundo todo.

A plateia estava congelada. Nicole estremecia de frio e de incerteza.

– Estou compreendendo o sacrifício de que precisamos, irmãos. Algo muito maior do que tudo que já fizemos. Vamos entregar o que temos de mais precioso. Então vamos roubar o que o mundo tem de mais precioso.

Gritos, vivas, exaltações à deusa.

– Somos maiores do que todos suspeitam! Temos irmãos nos mais altos postos, entre os mais poderosos deste mundo. O trabalho deles é falar para *nós*. Tudo é uma mensagem que só *nós* podemos entender. Nosso trabalho é fazer valer essa dedicação.

O cavalo relinchava, inquieto.

– Também estamos na sarjeta, no submundo que o sistema finge não ver. Nossos irmãos fazem seus próprios sacrifícios, têm suas próprias facas e armas rituais. A sociedade acha que são raros, mas estão por toda parte! Acha que são loucos, mas são os únicos que enxergam a verdade. Eles trabalham sozinhos, enfraquecendo este esquema podre, para que *nós* possamos trabalhar em conjunto, e dar o pontapé final.

Os celebrantes murmuravam de entusiasmo. Estavam recebendo informações novas.

– Vocês me conhecem como Salomão Manzini. Mas, aos poucos, não sou mais ele. Estou me transformando em algo além.

Retirou uma máscara de ouro da bolsa, colocou-a sobre o rosto. Não tinha tiras ou maneira aparente de se fixar, mas encaixou-se com perfeição e não caiu. Salomão abriu os braços, a adaga na mão direita, a coroa de folhas sobre os cabelos, e exibiu a nova face. Era um esgar esculpido no metal precioso, com olhos ferozes, nariz animalesco e enormes presas.

– Mariana Cruz! – apontou para a menina que aguardava, estática.

Nicole sentiu um terror instintivo; algo lhe dizia para fugir. Ela observara com apreensão, mas também curiosidade. Agora tudo se transformava em pânico, vontade de estar o mais longe que pudesse. O cavalo, solto, vagou até perto dela. Então notou-a, com um bufar alto de suas narinas largas. Um dos adultos olhou na direção do esconderijo, ela tentou permanecer parada, invisível.

Os adultos começaram uma cantoria. Erguiam as mãos, balançavam os corpos numa dança letárgica. Consumiam alguma espécie de líquido, que os fazia agir de forma incoerente, como se enxergassem coisas que não estavam lá. Mas então, no meio dos cânticos e dos gestos ritualísticos, Nicole também enxergou – uma vaga presença feminina, a sugestão de lindos cabelos dourados, a forma de um sorriso belo e terrível na noite. O perfume de flores abafou o cheiro da fumaça, vindo de lugar algum. Os adultos gritaram louvor à deusa, agitaram-se em atividade frenética.

O cavalo bufou mais uma vez, relinchou perto de Nicole. Um dos adultos de novo olhou para as sombras onde ela se escondia. Então começou a se

aproximar, verificar o que o animal encontrara. Nicole achou que perderia o controle sobre os próprios músculos, tamanho era o medo.

Viu Salomão Manzini perto da fogueira, erguendo a adaga acima da cabeça.

Então Nicole virou-se e correu o mais rápido que podia, sem olhar para trás, apenas torcendo para não ser vista. Alcançou o chalé e fechou a porta atrás de si, a imagem de seu pai com a adaga nas mãos gravada em suas retinas.



O dia seguinte marcou os eventos principais.

Na apresentação de talentos, Nicole dançou imitando um filme que não conhecia. Usava uma cartola, um pequeno fraque e meias arrastão em miniatura. Cantava em inglês, tendo a custo decorado a sonoridade de cada palavra, sem entender qualquer coisa. Salomão não tinha dúvida de que aquilo conquistaria os juízes; e conquistou. Houve uma desistência: Mariana Cruz, a garotinha que presenciara o ritual, não compareceu.

Na entrevista, perguntaram a Nicole o que era mais importante na vida. Ela respondeu que o mais importante era sua família e suas amiguinhas. Adoraria ser a Miss Glamour Infantil, mas o importante era a beleza que estava por dentro, o amor e a diversão.

No clímax do concurso, à noite, as meninas exibiram seus vestidos mais pomposos. Nicole equilibrou-se com perfeição sobre os saltos altos.

E, é claro, foi a vencedora.

Levou para casa uma faixa, uma tiara e um lindo buquê de flores.

Mas nunca mais viu a menina chamada Mariana Cruz.



Há seis meses os irmãos haviam se mudado para o casarão. No início, houvera algum alarde, famílias procurando-os, empregadores preocupados com demissões súbitas. Mas, no final, se adultos e famílias inteiras queriam mudar de vida, quem podia objetar? Todos buscavam liberdade e felicidade. Alcançariam isso no casarão, aos poucos, com suas filhas e seu líder com a máscara de ouro. Com as pistolas, fuzis e escopetas que dois irmãos haviam trazido.

As aulas de tiro começaram logo que o reino dos Manzini se formou oficialmente. Aqueles adultos responsáveis, pais e mães de família, rumavam todos os dias para os campos e matagais nas fronteiras de Santo Ossário, longe

de olhos curiosos e ouvidos atentos. Então queimavam pólvora, descarregavam munição à vontade, até dominar os mais diversos calibres, automáticas e semiautomáticas, pump-action e singelos revólveres.

As meninas também viviam lá. De início, Nicole reclamara por ter de dividir seu quarto, mas com o tempo passou a chamar os irmãos de tios e tias. Era uma comunidade. Todos eram iguais, todos eram uma família. Salomão liderava, mas aquilo era uma sociedade sem os vícios e preconceitos do mundo lá fora. Todos cuidavam das filhas de todos, os castigos multiplicavam-se, e ela aprendeu a obedecer.

Elas eram princesas, agora 24 horas por dia. O tempo todo o laquê, o rímel e blush, o batom e as unhas postiças, como se a vida inteira fosse um desfile. Às vezes era difícil se lembrar do mundo fora da casa.

Certo dia, bateram na porta, num momento em que Salomão estava ausente da comunidade – ele não podia estar lá o tempo todo; às vezes saía para comprar mantimentos em grandes quantidades, acompanhado por um ou dois irmãos escolhidos. As batidas na porta se repetiram, cada vez mais fortes. Os irmãos se olhavam, discutiam tentando decidir quem deveria atender, o que deveriam fazer. Foram até Olga Manzini em busca de orientação, mas ela se trancou no quarto e não respondeu.

– Sei que tem gente aí! – disse a voz do lado de fora. – Abram, precisamos conversar.

Depois de mais alvoroço, abriram. As meninas foram escondidas no quarto de Nicole.

– Sou do Conselho Tutelar – apresentou-se o homem atarracado e careca, metido num terno barato. – Aqui há uma criança que está faltando à escola.



– Por que mataram o desgraçado? – gritou Salomão. – O que vamos fazer com ele, podem me dizer?

Os irmãos olhavam para baixo. O cadáver ainda estava estirado no meio da sala.

– Ele não foi um sacrifício! – disse o líder. – Sua morte foi suja, não teve nenhum propósito. Acham que podem matar assim, sem mais nem menos?

– Desculpe, Salomão, ele veio...

– Acha que a deusa quer suas desculpas? Só nossos mestres têm direito de tirar as vidas que quiserem! Nós fazemos *sacrifícios*.

– Ele veio perguntar da Nicole.

No segundo andar, as meninas olhavam, apoiadas no corrimão do mezanino.

– Agora eles vão vir atrás de nós! Vocês acham que as regras não servem para nada? Acham que podem fazer o que querem? Somos *servos*, somos *súditos*. E agora a polícia, o governo, o sistema vão vir atrás de nós! Porque vocês mataram um deles. Se tudo der errado, o que vão fazer?

Alguns irmãos choravam. Agarravam-se uns aos outros, temendo igualmente haverem comprometido a chegada da nova era e um futuro muito próximo, quando sofreriam a ira de Salomão.

– Irmão – interrompeu um sujeito alto, de ombros largos, um dos homens de confiança do guru. Saíra com ele na expedição por mantimentos, e assim estivera ausente durante a trapalhada toda. Estendeu-lhe um jornal que haviam adquirido junto com o resto das compras.

Salomão tomou o periódico com impaciência, começou a esbravejar, mas o outro indicou-lhe uma manchete secundária, logo na capa.

James Lyman chega mais cedo a Santo Ossário.

O rosto barbudo se iluminou.

– A nova era está próxima.



James Lyman tivera uma vida tocada pela sorte. Nascido em Los Angeles, filho de um produtor musical e uma socióloga, fora descoberto ainda adolescente por olheiros de um grande estúdio de televisão. Após sete anos no famoso seriado *Primo da pesada*, obteve um sucesso que a maioria dos atores televisivos nunca conseguia na época: migrou para o cinema. Seus primeiros papéis alavancaram-no a ídolo das adolescentes. No entanto, depois de solidificar a carreira de astro, mostrou uma face até então insuspeita. Foi o protagonista de *Quarto vago*, um drama que impressionou a crítica. Contava a história de uma refugiada de uma guerra civil na África que era acolhida por um nova-iorquino em seu apartamento. No entanto, o benfeitor revelava-se um psicopata terrível, e a fugitiva via-se num novo inferno. *Quarto vago* foi considerado uma crítica brutal sobre o paternalismo e colonialismo americanos, vencedor da Palma de Ouro em Cannes. Pelo papel do psicopata, James Lyman venceu o Globo de Ouro. Desde então, alternava filmes populares com produções independentes e dramáticas, que invariavelmente arrebatavam diversos prêmios. Era ao mesmo tempo símbolo sexual e querido pela crítica, um ator sério e capa de revistas para

adolescentes. Estava no Festival de Cinema de Santo Ossário com seu primeiro trabalho como diretor, o longa *Aqui jaz*, sobre um homossexual que tomava conta de sua mãe homofóbica no leito de morte. Decidira chegar à cidade quase uma semana antes dos demais convidados, pois faria palestras em associações de direitos humanos.

E agora implorava piedade, ajoelhado na sala do casarão.

– Não se preocupe, não vou fazer nada – disse Salomão, sorrindo. – Quem vai fazer é você.

James Lyman continuava bonito, mesmo com os olhos inchados por chorar durante um dia inteiro. Seus tornozelos estavam amarrados. Tinham tirado-lhe as algemas das mãos, mas não havia nada que ele pudesse fazer. Quatro irmãos rodeavam-no, armas apontadas. Salomão oferecia-lhe uma adaga.

– Vamos – dizia Salomão. – Você sabe que não há escapatória.

James Lyman suplicava em inglês.

Todas as irmãs (exceto Olga) haviam pedido o autógrafo do ator, quando seus maridos chegaram ao casarão trazendo-o. Ele obedecera assim que o saco de pano preto fora retirado de sua cabeça. Elas haviam rido muito, como se voltassem a ser garotinhas. A polícia ainda não encontrara o famoso desaparecido. Sinal de que o ritual estava dando certo. A deusa estava próxima, e estava sendo agradada.

Já era a segunda noite, o ponto culminante do que Salomão havia planejado.

– Não! – disse Lyman, arriscando algumas palavras em português. – Por favor, não.

– Você era um escravo do sistema. Agora é nosso.

O ator levou a adaga ao próprio pescoço. Salomão já previra isso, havia irmãos a postos para segurá-lo.

– Acha que tem o direito de escolher sua morte? Você é um sacrifício. *Nós* decidimos quando você morre. *Ela* decide quando você morre.

Armas apontadas.

James Lyman com a adaga na mão.

As garotinhas aguardavam. Sorridentes. Com seus vestidos, seus saltos e sua maquiagem.

Nicole via aquela adaga, agora nas mãos do ator famoso, e reconhecia-a. Era a mesma que estivera nas mãos de seu pai em volta da fogueira. A adaga com um significado horrendo.

As meninas sorriam. O ator chorava. Os irmãos apontavam as armas.

Nicole deu um passo para trás. Depois outro.

Entrou em um dos quartos improvisados, andando de costas, olhos na cena da sala de estar. Ninguém notara; estavam concentrados no desenrolar dos acontecimentos, no clímax de toda aquela preparação ao longo dos anos. O ritual que definiria tudo.

Salomão empurrou gentilmente a primeira garotinha, que deu dois passos na direção do ator.

Nicole escondeu-se embaixo de uma cama. Ficou rente ao chão, tentando respirar em silêncio, torcendo para que esquecessem que ela existia. Mas, é claro, nunca esqueceriam. Ela era uma princesa.

Ouviu um berro vindo da sala. Então uivos de comemoração de seus tios e tias.

A chuva começou a cair. Era uma tempestade.

– Esta beleza é sua – entoou o líder dos cultistas, por trás de sua máscara de ouro. – Sacrificamos em seu nome a beleza que este mundo profano ama. Venha até nós.

O som de algo se chocando com o piso. Como se alguém simplesmente desabasse, mole. Nicole viu uma lenta poça viscosa se alastrar pelo chão. Sangue.

– Onde está Nicole? – disse alguém, de repente.

O coração da menina batia descontrolado.

Nicole viu seu pai passar pelo vão da porta, com a adaga nas mãos. E então, de alguma forma, não era mais uma adaga, mas uma espada. Uma espada comprida e curva, muito brilhante e trabalhada, que parecia ecoar com a máscara de ouro.

Salomão deu meia-volta, enquanto a voz do ator berrava súplicas cada vez mais altas.

– Onde está Nicole?

Um relâmpago.

– Não importa; é hora de completar o ritual – disse Salomão.

O som inconfundível da lâmina cortando o ar, e então os gritos de James Lyman se calaram.

Subitamente, ouviu-se uma voz em um megafone:

– Vocês estão cercados!



Helicópteros sobrevoavam a casa. Afastando as cortinas um centímetro, uma das irmãs pôde ver que todas as redes de televisão haviam mandado jornalistas para cobrir o cerco. Viaturas da polícia circundavam o casarão, em todos os formatos

– desde carros comuns até blindados que pareciam tanques. Alguns policiais tinham os uniformes normais que se vê no dia a dia. Outros usavam roupas escuras, capacetes, muitas armas. Exibiam no peito uma sigla que indicava seu treinamento especial e capacitação para lidar com emergências como aquela.

– Você disse que isso nunca aconteceria! – choramingou um irmão, a pistola balançando nas mãos trêmulas. – Você disse que a nova era chegaria antes.

Salomão estava pensativo. Escondera sua máscara de ouro, cofiava a barba do queixo.

– Não era isso que ela queria... Não era isso. Entendi errado. Era outra coisa.

– O que vamos fazer?

A polícia havia perguntado se eles tinham exigências. Dissera que negociariam se as crianças fossem libertadas. No início, haviam também pedido pelo ator, mas um irmão jogara sua cabeça pela janela do segundo andar. Usando um microfone que viera com o aparelho de som, Salomão anunciara que eles não tinham exigências. Queriam a nova era, e não tinham medo de morrer.

– Libertem as crianças – insistiu um policial que tinha autoridade para negociar. – Libertem as crianças, e terão o que quiserem.

Salomão estava cansado, impaciente. Após horas daquilo, sua cabeça doía. Deu uma ordem irritada, e um irmão surgiu em uma janela, atirando.

Um franco-atirador alvejou-o, houve um grito do lado de fora. Um aríete destruiu a maçaneta da porta da frente, e o batalhão de elite da polícia do estado entrou com fuzis engatilhados.

– *Pro chão! Pro chão!*

– A deusa vai me proteger!

Mais tarde, a operação seria questionada, considerada impetuosa. Afinal, não havia confirmação de que todas as reféns estivessem mortas. Contudo, depois que o primeiro cultista foi alvejado, era como se uma rolha fosse tirada da garrafa. As balas despejaram-se pelo gargalo aberto, os corpos tombaram pelo casarão inteiro.

Restaram dois vivos. Um rendido por policiais, outra escondida embaixo de uma cama.

Ambos chamados Manzini.



Nas manchetes do dia seguinte:

A menina que sobreviveu ao inferno.

Então começou um novo inferno, feito de entrevistas, dossiês, julgamentos, avaliações psicológicas.

E abduções.

Mas nunca qualquer tipo de paz.

Um inferno que havia culminado mais de vinte anos depois, no manicômio judiciário Ulisses Lombroso.



Depois da visita da filha, Salomão Manzini estava surtado. Enquanto a garota saía, os agentes de segurança e enfermeiros do manicômio arrastaram-no para as alas interiores, sob os uivos e berros dos demais internos. Os outros visitantes foram obrigados a ir embora, pois a situação começava a oferecer perigo. Todos os pacientes receberiam calmantes, muitos teriam de ser encaminhados ao CTI.

Urrando, gargalhando, esperneando e esmurrando os funcionários, Salomão foi levado ao ECT – eletroconvulsoterapia. Chegou à sala do eletrochoque com um riso que não era descontrole, mas deboche.

Foi atado a uma maca, com tiras de tecido reforçado. O medicamento que haviam lhe injetado já começava a fazer efeito: os gritos e as pragas perdiam a força, transformavam-se aos poucos em balbucios incoerentes. Mesmo assim, ele tremia, resistia, e um auxiliar conteve seu braço para que o enfermeiro pudesse injetar outro remédio – um relaxante muscular.

Um homem de óculos e jaleco branco entrou na sala cheia de aparelhos.

– Ora, ora, mas por que estamos assim, Manzini? Há tempos você andava tão tranquilo.

– Vá para o inferno, doutor.

O psiquiatra deu de ombros, acenou com a cabeça um “sim”, para que os demais prosseguissem. Enfiaram um tubo respiratório na boca de Salomão, que agora mal tinha consciência, além de um protetor de borracha para que ele não mordesse a língua. Colaram eletrodos em seu peito, um aparelho para medir a pressão no tornozelo. Apesar de tudo, tentavam garantir sua saúde, pois ele era um interno famoso, que chamaria a atenção caso morresse. Então espalharam um gel translúcido em outros eletrodos (esses maiores, mais robustos) que puseram em suas têmporas e fixaram com uma tira ao redor de sua cabeça.

O psiquiatra deu nova autorização. Ligaram a máquina.

O corpo de Salomão Manzini estremeceu. A corrente cruzou seu cérebro por vários segundos. Foi desligada, e ele seguiu convulsionando por quase meio

minuto.

Então parou.

– Vai ficar calminho, calminho – sentenciou o psiquiatra. – Levem-no para o CTI.

Tiraram os eletrodos e os aparelhos, mantiveram-no atado por precaução, ainda desacordado. Arrastaram a maca, com suas rodinhas rangendo, até o pavilhão mais afastado da entrada do manicômio. Os gritos dos internos em protesto já ficavam distantes, pois não deveria haver qualquer comunicação entre as alas gerais, onde ficavam os pacientes que podiam conviver entre si, e o CTI, onde os mais agitados e perigosos estavam isolados.

Os enfermeiros e auxiliares hesitaram um momento ante a pesada porta metálica. Três agentes de segurança vieram acompanhá-los. Ali era a ala à qual ninguém se acostumava.

Alguém puxou um molho de chaves. Escolheu uma, inseriu-a na fechadura, girou-a. Então guardou o chaveiro com cuidado. Não podia arriscar que se extraviasse.

O Centro de Terapia Intensiva era escuro. Era separado. Era onde a medicina havia admitido a derrota, desistido de recuperar ou mesmo acalmar. Tudo que podiam fazer era isolar aqueles que os próprios funcionários às vezes chamavam de demônios. Nem sempre os que haviam cometido os piores crimes, ou aqueles com físico mais impressionante. Apenas os mais violentos, os que eram ou estavam incontroláveis.

O CTI tinha seu próprio pessoal, quase tão assustador quanto os internos. Dentre toda a equipe do Ulisses Lombroso, eram aqueles com o menor expediente. Afinal, as portas do CTI eram trancadas às 17h, e abertas de novo somente às 8h. Mas ninguém os invejava. A tensão constante fazia algo com a mente, a alma ou mesmo o corpo.

Os funcionários que levavam Salomão foram saudados pela reduzida equipe do CTI, sentindo o desprezo sutil e a intimidação muda de um cão doméstico frente a um lobo.

– A gente assume a partir daqui. – E o pessoal das outras alas suspirou de alívio.

O CTI compunha-se de um corredor com celas fortes dos dois lados. Assim como as celas da triagem, estas tinham portas sólidas de metal com janelinhas na altura dos olhos. Diferente das celas da triagem, estas não possuíam cama ou qualquer outra coisa. Apenas quatro paredes e uma porta, uma janela gradeada e minúscula, bem no alto, onde nenhum paciente podia alcançar.

À chegada de um novo companheiro, os internos entraram em polvorosa. Começaram a gritar, jogar-se contra as portas, gargalhar. De uma das celas, vieram sons de engasgo, como se alguém estivesse sufocando. Os funcionários de fora já estavam saindo, mas estacaram na frente daquilo.

– Um dos pacientes está passando mal.

– Está fingindo. Sempre faz isso.

– Vocês têm que olhar.

– Uma vez olhamos. Ele nos atacou.

– Ele pode estar sufocando.

O segurança ofereceu um molho de chaves:

– Olha você.

Preferiram acreditar que era fingimento.

De uma cela, emergia uma música sacra, entoada em voz forte e desafinada. Após o terceiro verso, transformou-se em marchinha de carnaval cheia de duplos sentidos. De outra, berros garantindo que ali estava um guarda, um inocente, um visitante.

Restavam algumas celas fortes vazias. Escolheram uma que não compartilhava parede com nenhuma outra. Jogaram Salomão lá dentro. Puxaram a porta, trancaram.

– Vai ver ele sai amanhã.

– O doutor vai querer deixá-lo pelo menos uns dias.

Suspiraram.

– Vai vir muita gente pra cá depois dessa.



Salomão piscou, acostumando-se à semiescuridão. Não sabia quanto tempo havia se passado, mas era dia – ainda ou de novo.

A eletroconvulsoterapia era uma reinicialização do cérebro. Se a crise tivesse sido real, ele agora estaria calmo e recuperado, talvez mal se lembrando do que ocorrera. Fingimento que era, não tinha nada de que se recobrar, mas a perda de memória se fez presente. Reconheceu de imediato a cela forte do isolamento, mas passou um longo tempo tentando decifrar por que estava lá. Tinha uma vaga impressão de propósito, de que tudo corria como o planejado e ele tinha algum grande trabalho a fazer.

O CTI era mais que o isolamento, era a ala do desespero. Cada cela forte continha as marcas das mentes indecifráveis e indomáveis. Dos delírios que,

mesmo depois de contidos, permaneciam um mistério, até para os delirantes. Nas paredes de argamassa mal pintada, vários detentos do passado haviam deixado mensagens.

Quando conseguiu ficar de pé, Salomão pôs-se a ler a escrita dos loucos. O acaso guiava-o, a deusa falava através de aleatoriedades. Em meio às incoerências, algo chamou-lhe a atenção. Ele agradeceu de forma muda, depois de pensar e decifrar o significado. Caligrafia absurda, quase ininteligível, mas lá estava a mensagem de um demente desconhecido:

Cada saúde prenunciará necrotérios.



Dois dias depois, Salomão já havia quase acabado. Aquele tipo de obra era comum no CTI, então ninguém deu-lhe importância. Ele usou todos os materiais comumente utilizados pelos internos: de comida a sujeira e sangue.

As paredes da cela forte estavam cobertas com um padrão intrincado, como um labirinto. Como um manual de algum quebra-cabeça de complexidade aterradora. Ângulos retos, linhas que se encontravam, sem significado para os leigos, mas com a lógica assustadora dos loucos.

Ou dos irmãos.

O padrão ritualístico se estendia até onde os braços de Salomão puderam alcançar. Ele sabia que seria suficiente.

Então, na madrugada, os loucos sozinhos, cada um em seu claustro, o ambiente foi tomado pelos gemidos dos internos.

Ele começou a correr os dedos pelas linhas que traçara. Como por instinto, todos ficaram quietos. Seu delírio ressoava com o que acontecia na cela de Salomão Manzini, mesmo que nenhum deles soubesse ou compreendesse. Não houve súplicas de liberdade ou marchinhas de Carnaval enquanto ele acompanhava cuidadosamente cada linha que desenhara. Após alguns minutos disso, houve o primeiro brilho, e ele murmurou:

– Obrigado.

Continuou acompanhando o padrão que ele mesmo havia criado. As linhas se iluminavam, como se o toque de Salomão desse-lhes vida. Mas não era seu toque, ele não era tão presunçoso. Aquele era apenas um ritual, algo que aprendera há mais de duas décadas, e que agora tinha permissão – e ordem – de usar.

A deusa ordenara que fugisse.

Lembrara-lhe do que acontecera logo antes do eletrochoque, e as implicações eram claras. Porque, para um enfermeiro ou guarda idiota, a mensagem escrita na parede era apenas “Cada saúde prenunciará necrotérios”. Uma revolta contra a doença ou a falta dela, algo quase sem sentido. Mas Salomão Manzini notara e decifrara o anagrama. Dividira cada palavra em letras individuais, rearranjara-as para formar novas palavras. Desfazendo e remontando a frase, ele formara a frase oculta:

Reencontrou sua princesa de Arcádia.

A princesa de Arcádia era sua filha. A deusa relatara-lhe a visita de Nicole. E, com essa intervenção, ele sabia que era a hora. Hora de voltar ao templo.

A cela toda brilhava. As linhas retas confundiam-se umas com as outras, transformadas em uma cegante luz dourada. Os dedos de Salomão chegaram ao fim do labirinto, a última intersecção de ângulos, e houve um clarão mais forte que o dia.

Os internos começaram a berrar, todos ao mesmo tempo. A luz era tão intensa que foi vista de longe. Os guardas de plantão enxamearam para o CTI, cassetetes em punho. Os dois policiais destacados para lá também, revólveres a postos, e já haviam chamado reforços.

Quando fizeram a contagem dos internos, havia um faltando.

Salomão desaparecera.

Capítulo 10

Infância e maturidade

Ele sentia os pés no chão frio, sustentando-o na cela asséptica, e ao mesmo tempo soltos no ar, enquanto estava montado no grifo. Era como ter dois corpos, e, simultaneamente, não – uma divisão indescritível; estar em dois lugares de uma vez só, com níveis diferentes de materialidade e substância.

Até que Astarte percebeu: era como sonhar.

Como os sonhos, no limiar do transe e da consciência, quando um evento no mundo concreto influenciava e conflitava com o mundo onírico. Ele sentia a mesma inquietação de não saber explicar, como quando tentava conjurar uma justificativa no sonho para um ruído insistente. Exceto que agora ele sabia o que estava acontecendo: existia ao mesmo tempo em Arcádia e no outro mundo, ao mesmo tempo cavalgando a montaria voadora e movimentando-se nas Formas Sublimes dentro do quarto. Níveis diferentes de materialidade e substância – mas ele não sabia qual mundo era real e qual era ilusório.

Então agarrou forte as penas da fera, que emitiu um guincho. Seu alvo estava à vista.

Astarte praguejou alto, contra o vento em seu rosto, porque mais uma vez o palácio tornou-se oculto. Sabia estar no caminho certo, por instinto e conhecimento. Mas a construção escondia-se sob uma coluna de nuvens densas. Apresentavam-se num espetáculo de luz, brilhando alaranjadas, róseas, púrpuras, como se um amanhecer majestoso estivesse logo atrás. Ele só conseguia distinguir o vulto de algo monumental – talvez uma cidadela – em meio à bruma espiralante. À volta, um lago grande como um oceano. Astarte fez o grifo mergulhar. A criatura protestou, incerta sobre rumar para o desconhecido, mas a vontade do príncipe foi mais forte.

Elfo e grifo entraram na cobertura de névoas. Ao contrário do que seria natural, a visão não se tornava mais clara à medida que se aproximavam. Como se as nuvens fossem mesmo uma muralha compacta, ele apenas viu-se cercado por uma opacidade leitosa, e então ofuscado pela luz multicolorida. Montaria e

cavaleiro estiveram confusos por um instante. Astarte esperava encontrar terra ou água, mas não havia nada, só um grande vazio. Conseguiu enxergar algo no último instante, viu que dariam de encontro a um paredão. Puxou as penas da fera, que deu uma guinada para cima e evitou o choque. O paredão era feito de pedra escura com incontáveis veios de cristal reflexivo, que refratava a luz vinda de algum lugar ou de lugar nenhum.

Por fim, Astarte percebeu seus arredores com clareza. Havia cobertura de nuvens dos dois lados, mas uma espécie de ponte de pedra bruta, incrustada com cristal colorido, apresentava-se à frente. Inclinava-se para cima, íngreme. Era estreita, com apenas três ou quatro metros de largura – dos dois lados, o vazio, uma queda de altura insuspeita. Levava para algum ponto que sumia à distância. Ele fez com que o grifo pousasse. Tentou controlar sua respiração e seu pulso, mas o coração batia descontrolado.

O caminho estava barrado por um guardião.

Harallad.

Astarte pôs-se de pé na rocha irregular. Seu antigo mestre estava mais à frente, mais acima, com rosto sério e arco encordoado. Como se notasse que não tinha mais lugar ali, o grifo deu as costas e voou para longe.

– Vá embora – disse Harallad.

Astarte puxou o arco, encordoou-o. Então começou a andar na direção do outro.

– Vá embora! – repetiu.

– Vocês me traíram – disse Astarte.

Estacou. Ambos os guerreiros tinham seus arcos nas mãos, as flechas à cintura, prontas para serem usadas. Astarte sentiu algumas emanações de Harallad: pensamentos. Nenhum dos dois encontrava-se no estado de mente vazia, nenhum dos dois estava pronto para combater.

– Você os matou – afirmou o ex-mestre.

– Isso está tão evidente em meu olhar?

– Está – respondeu, com um sorriso triste. – Mas você também está manchado de sangue.

Algo puxou forte no peito de Astarte. A simplicidade, a benevolência bem-humorada de Harallad.

Mas Harallad mentira, junto com todos os outros.

– Eles tentaram me matar primeiro.

– Eu sei.

– Disseram que isso já aconteceu antes.

– É verdade. Várias vezes. Nunca é fácil.

Astarte ficou desconcertado.

– Mas não acontecerá de novo – o príncipe recompôs-se. – Estão mortos, e vou desvendar o que está acontecendo. Deixe-me passar, Harallad.

– O que você espera encontrar?

– Respostas!

O elfo mais velho balançou a cabeça. Puxou uma flecha – mas ainda não entrara em concentração.

– De que adiantam respostas, Astarte? Confie em mim, você só conhecerá o que não pode mudar. Guarde seu arco, volte a ser um bom discípulo.

– Não sou mais seu discípulo.

– Um bom filho, então.

– Nunca conheci minha mãe.

– E é isso o que quer?

– Quero saber o que tudo isso significa! – trovejou o príncipe. – Como posso estar preso numa cela e prestes a duelar com você em Arcádia, ao mesmo tempo?

Silêncio.

– Estamos prestes a duelar? – disse Harallad.

– Como posso estar falando com você e dormindo em outro mundo?

– A resposta é simples. Você é filho de dois mundos.

Astarte deu alguns passos.

– Por que todas as mentiras?

– Porque você não estava pronto, Astarte. Ainda não está. Todos nós julgamos que estivesse quando completou o treinamento comigo, mas erramos. Você não está pronto, e agora vai sofrer por sua teimosia.

– O que vou ver de tão terrível no palácio?

– Se fosse possível tê-lo criado pronto, pleno, ela teria feito isso. Você teria nascido com todas as técnicas, todas as disciplinas. Mas um guerreiro élfico precisa ser treinado, educado. Deve passar por todos os estágios.

– Estágios?

– Já fui como você, Alteza. Já fui jovem. Todos nós já fomos, talvez até mesmo a Rainha. Quando éramos jovens, pensávamos como você. Ainda não atingiu a maturidade. Não deve ir até o palácio agora, enquanto pensa que é possível desobedecer.

Sem resposta.

– Estamos em Arcádia – continuou Harallad. – Onde tudo é como deve ser.

Onde tudo é pleno. Estamos no mundo *real,* onde cada coisa é imbuída de poder. Você é o príncipe dos elfos e tem um papel a cumprir. Guarde o arco, e mostrará que está pronto para fazer isso.

Ele começou o movimento de desencordoar a arma, guardá-la. Seria fácil enganar o ex-mestre – já fizera isso quando criança, há muito tempo. Mas então Astarte notou que não adiantaria nada. De alguma forma, sentia-se vigiado. Como se alguém pudesse enxergar sua mente, assim como ele ouvia os pensamentos de seus antigos mestres.

– Por que você ausentou-se hoje, Harallad?

– Porque não desejava cumprir meu dever, e ela sabia.

– Onde está sua esposa? Seus cavaleiros?

– Estão com ela, Astarte.

Uma súbita compreensão. Sem que ele desejasse, o pensamento de Harallad invadiu-o:

Ela tudo sabe e tudo vê. É impossível traí-la. Então prefiro matar meu príncipe a perder minha esposa.

– Eles são reféns! – disse Astarte.

– São súditos da Rainha, assim como eu. E como você, mesmo que não deseje. Todos devemos lealdade a ela. Escolha com sabedoria. Você pode obedecer ou morrer.

– Ou confrontá-la.

– Não escolha isso. Por favor, Astarte, não escolha isso.

Ficaram medindo um ao outro durante um tempo. O príncipe abriu a boca para ordenar que Harallad deixasse-o passar. Mas viu que não era necessário: tudo que precisava ser dito estava no rosto do antigo mestre. No olhar de resignação, tristeza e resolução. O olhar de um matador que amava sua presa, de um guerreiro ressentido com seu dever. Mas um matador e um guerreiro mesmo assim. Alguém que não hesitaria e não recuaria.

Ao mesmo tempo, os dois expandiram seus sentidos, anulando-os e esvaziando a mente. Sem uma palavra, cada um sentiu a força da vontade do outro. Num instante, seus braços colocaram os arcos à frente, as mãos encaixaram as flechas, os dedos puxaram as cordas.

E duas flechas voaram em trajetórias irretocáveis, com a velocidade da morte e a força da vida.

Cada tiro perfeito, e cada arqueiro imóvel. A ponta da flecha de Astarte encontrou a ponta da flecha de Harallad, metal contra metal, e estilhaçou a inimiga. A haste de madeira partiu-se em duas. A trajetória foi seguida, letal.

Harallad, em meio instante de percepção do que ocorria, fez menção de jogar-se para o lado, mas então já era tarde. A flecha do discípulo enterrou-se fundo em seu coração, enquanto a mão esquerda de Astarte terminava de recuar da corda do arco.

O velho arqueiro caiu pesadamente na rocha, vertendo sangue com cada pulsação.

– Harallad! – Astarte correu para ele, num desespero de despedida.

O príncipe abaixou-se sobre seu ex-mestre. Não mancharia aquele confronto com lágrimas, não macularia a coragem do inimigo com piedade. Apenas segurou a mão de Harallad como o amigo que era, enquanto sua vida se esvaía.

– Minha última lição – murmurou Harallad, com esforço e dentes vermelhos. – Obedeça, Astarte. Apenas obedeça.

– Eu posso vencer qualquer um, Harallad. Você me ensinou a fazer isso.

– Não fale blasfêmias. Ninguém pode vencê-la. Ninguém *deve* vencê-la.

– Manterei sua esposa em segurança!

– Não, se não for a vontade *dela*. Eu não valho nada, Astarte. Minha esposa não vale nada. Vyslanna, Yaslar, Rhaewodd, Seandros... Nada.

Ainda segurando a mão.

– Só você vale alguma coisa. Porque é filho...

Da Rainha.

Mas morreu antes de completar.



– *Encontrem-no* – disse o cientista-chefe. – Não importa onde Montague esteja, encontrem-no! Entrem em contato com todos os setores.

– Mas os profanos... – começou outro membro da equipe.

– *Eliminaremos* qualquer um que souber demais. O mais importante é ter Emanuel Montague aqui! Só ele saberá o que fazer.



Astarte correu pela rampa de pedra, seus pés impulsionando-o nas irregularidades, conduzindo seu corpo leve sem esforço, para cima. A inclinação aumentava cada vez mais, até que pareceu que a única explicação para aquilo era o palácio se erguer no topo de uma montanha. As nuvens não cediam, pelo contrário, mostravam-se mais e mais densas, obscurecendo a visão. Ao mesmo

tempo, a luz vinda de lugar algum se intensificava, refratada pelos cristais na rocha, disparando lampejos coloridos contra seus olhos. A alternância entre cegueira e clarões deixava-o desorientado.

A sensação era ainda pior porque sentia sua mente ecoar com um burburinho de vozes, uma cacofonia de pensamentos. Não só vozes, mas impressões de personalidades inteiras – incontáveis mentes sendo captadas pela sua. Ele nunca tivera contato com tanta gente, sequer cogitara existirem tantos elfos. Dez ou vinte vezes a quantidade de pessoas na corte de qualquer um de seus mestres. À medida que ele se aproximava, os pensamentos ficavam mais claros, as vozes ficavam mais altas, e multiplicavam-se ainda mais. Centenas ou milhares de vezes o número dos cavaleiros e lordes em qualquer corte. Um alarido infernal, entre conversas, lamentos, risos, urros.

Lembro de algo assim na Grande Guerra.

Não esqueça que sou um herói.

Às vezes acho que foram um erro, mas têm seus usos.

Vinho!

Em breve tudo voltará ao que deve ser.

Já se tornara uma gritaria, e deixava-o tonto. Não apenas sons, ou mesmo impressões e personalidades – quase um *cheiro* parecia emanar da multidão, algo repulsivo e alegre. A sensação de algo vil, baixo. Algo que não era élfico.

Então as nuvens se abriram. O palácio se descortinou à sua frente, ele caiu de joelhos. O ruído era insuportável, ameaçava partir sua cabeça. E ele se sentia vigiado, analisado. Tinha certeza de que seus próprios pensamentos estavam sendo ouvidos.



Cerca de metade da equipe não resistira e ajoelhara-se em devoção à imagem que os monitores apresentavam. As plantas cresciam e desabrochavam em questão de minutos. Logo toda a cela parecia um matagal, e o elfo continuava fazendo aqueles gestos, movimentos vagarosos ou rápidos de ataque e defesa. Movimentos ritualísticos e sagrados. Os cientistas tentavam todos os canais possíveis para achar Emanuel Montague.

Trevor Abassian foi o primeiro a erguer-se e rumar para a cela. Alguém tentou detê-lo, mas ele descartou os avisos com um gesto, sem desviar o olhar. Digitou um código, deixou que sua retina e digitais fossem verificadas. Falou uma palavra élfica para a máquina, que analisou sua voz. Por fim, seu dedo foi

perfurado por uma agulha, e os computadores decidiram que aquele era seu DNA. Os protocolos de segurança cumpridos, as portas se abriram, e ele entrou na cela florestal. Tudo se trancou atrás dele. Abassian agora estava sozinho com o príncipe.

Com reverência, tomou um dos frutos que nasciam das gavinhas. Arrancou-o e deu uma mordida, sob o olhar extasiado de seus colegas, do outro lado das câmeras.



Mais do que um palácio, ou mesmo uma cidadela, era como um pequeno reino, colossal e magnífico. Astarte soube que ficava no exato centro de Arcádia. E notou que não se localizava no topo de uma montanha, mas flutuava no céu.

As nuvens espiralavam ao redor do palácio, como dançarinas. O brilho de alvorecer emanava da própria construção. As pedras que a formavam variavam de cor, alternando entre tons lindíssimos de rosa, laranja, púrpura, branco, dourado. Milhares de torres erguiam-se, desafiando o firmamento. Muralhas colossais circundavam tudo, sua curvatura sinuosa complementava a beleza do lugar. Havia janelas de todos os tamanhos, pórticos, esculturas em alto-relevo. O palácio era uma junção de tudo que era belo, com bosques internos despontando por cima das muralhas, raios de luz sendo filtrados por vitrais. Mais do que uma escultura, o lugar parecia vivo, e sua aparência era intolerável. A perfeição de cada ângulo machucava os olhos. O farfalhar das folhas, o murmúrio das águas de córregos distantes completavam-se em uma música sublime, que feria os ouvidos. O palácio atraía, inexorável, mas também repelia, pois era maravilhoso demais. Astarte cambaleou para a frente, mas temia macular aquela perfeição com sua presença. Mais um passo e uma ponte levadiça abaixou-se, oferecendo um caminho até um pórtico de centenas de metros de altura, entalhado com simetria meticulosa.

Andou pela ponte, pedindo desculpas em silêncio pela sujeira em seus pés.

Ao mesmo tempo, aumentava a gritaria em sua mente. Pragas, bravatas, juramentos de vingança. E também aumentava a sensação de algo dentro dele, dedos delicados tocando seus pensamentos, analisando e manipulando.

O som de instrumentos musicais veio se juntar aos ruídos naturais, cada um complementando o outro em uma sinfonia impecável.

Ele atravessou o pórtico. À sua frente, o interior do palácio: fazia o exterior parecer horrendo. Astarte deparou-se com um pomar, onde as árvores eram

perfeitas, seus troncos e galhos inclinando-se para criar esculturas vivas. Ofereciam frutos de cor vibrante, aroma delicioso. Através de vãos entre as árvores e corredores na construção, a brisa circulava. Tinha a temperatura e intensidade perfeitas, acariciava seu corpo todo. Insetos coloridos voejavam ao redor, pássaros aproximavam-se sem timidez. Ele deu mais um passo e enxergou uma garota.

Linda, como tudo lá, trajada num vestido diáfano, entremeado de flores vivas. Seus cabelos negros reluziam com as cores do palácio. Ela riu para ele e afastou-se saltitando, provocativa. Era uma elfa, é claro, e ele ouvia seus pensamentos em meio à mistura de vozes de outros pensamentos de devoção, brincadeira, amor e...

...desprezo?

Aquilo o desconcertou. A gritaria mental pareceu ficar mais evidente. Astarte olhou em volta, à procura do que quer que tenha produzido a reação. Então enxergou a parte de trás do pórtico por onde entrara. A colossal ponte levadiça não se movera sozinha. Havia um sistema de roldanas e alavancas, e grandes rodas de madeira, nas quais se encaixavam correntes.

Movendo as rodas, estavam humanos.

Vinte ou trinta humanos, embolados nos mecanismos, puxando as alavancas com esforço enorme. Eles tinham cabelo e barba longos, eram raquíticos, com olhos arregalados e injetados. Vestiam trapos, suas mãos e pés sangravam. Alguns pisavam em outros para checar às alavancas, outros escalavam as rodas. Quando ele notou-os, uma mulher humana percebeu, deu um gritinho ininteligível e todos correram. Começaram a sumir em reentrâncias nas muralhas, em buracos no piso, nos vãos que permitiam a passagem das correntes ou do vento. Num instante, tinham desaparecido.

Acabara de ver humanos pela primeira vez, a não ser em ilustrações ou nas imagens que Seandros lhe mostrara. Astarte gastou um momento ponderando a imperfeição daquelas criaturas. Suas absurdas orelhas arredondadas, seus ossos abrutalhados. Como podia haver humanos ali? E como podiam estar *naquele estado*? Ele procurou as aberturas, invadido por um sentimento de impotência. Se estavam lá, eram seus súditos?

Seandros perguntara: “De onde acha que os humanos vêm?” e mostrara-lhe plebeus raptando-os, conduzindo experimentos.

Astarte prosseguiu pelo pomar, palácio adentro. Atravessou um pátio calçado por pedras douradas, onde cada passo ecoava num tom musical. Passou por um labirinto feito de cristal. Enfim chegou a um grande prédio, onde a música era

mais alta e os aromas eram mais fortes. Portas se abriram para permitir sua passagem, e estavam entalhadas com imagens estonteantes, cada uma parecendo viva e prestes a se mover. Tudo ficava mais intenso. Cada passo era uma experiência de novos prazeres, cada minúsculo pedaço que se descortinava oferecia uma nova forma de beleza. Exceto os pensamentos – cada vez mais altos, cada vez em maior número. Eram milhares, dezenas de milhares, e de todos eles emergia um frenesi vulgar. Uma impressão forte de violência e excessos.

Então Astarte notou: não ouvira pensamentos dos humanos.

Havia uma escada. Subiu o último degrau, e trombetas magníficas anunciaram sua presença.

Ele estava na corte da Rainha.



– Chame a segurança! – rugiu Emanuel Montague.

– Mas, irmão, o pessoal não autorizado...

– Chame toda a segurança! Mesmo que tenhamos que matar cada um depois! Ainda não é hora, é cedo demais.

E ele correu, orando à Rainha, rumo aos soldados que só ele conhecia.



Astarte tapou os ouvidos, mas era inútil. A confusão de vozes estava em sua mente. Fechou os olhos, mas logo foi tentado a abri-los de novo.

Vitrais, paredes, esculturas, lustres. Tecidos quase etéreos, joias e metais preciosos. Jardins mesclados a tudo aquilo. Um banquete imenso, um baile monumental. E música sublime envolvendo todo o ambiente, produzida por instrumentos que tocavam sozinhos.

Tudo perfeito, exceto a multidão que berrava em sua mente.

Astarte deparou-se com os milhares e milhares de lordes e damas. Todos os elfos que nunca vira em sua existência – todos nobres. Belos, cada um complementando a parte do salão onde estava. Apreciando a música, a dança, a comida, os vinhos e sucos. Conversando ou brincando, recostados ou passeando naquele ambiente que só podia ser chamado de paraíso.

Do outro lado do salão, a uma distância incalculável, erguia-se um trono, envolto por cortinas de fio prateado, sobre uma espécie de palanque elevado. O

trono estava de costas. Impossível ver quem o ocupava, mas ele sabia. Metros de cabelos loiros brilhantes escorriam pelos lados, e de lá vinha uma voz que emudecia as outras:

Astarte.

Direto em sua mente, chamando-o. A voz feminina melódica, a impressão de amor e beleza supremos. Era a Rainha, algo nele dava certeza. E ele finalmente iria conhecê-la. Astarte andou pelo salão. Os lordes e damas fizeram mesuras, curvando-se a ele.

Voltaremos aos bons tempos, então.

Estes estão ficando velhos, preciso de novos.

Uma caçada viria bem agora.

Não precisamos de uma caçada. Precisamos de uma guerra!

A voz da Rainha era a mais alta, mas as outras ainda eram audíveis no fundo. Ele olhou em volta, para as dezenas de milhares que se curvavam. Tentou ignorar os novos prazeres que cada passo revelava, porque algo estava errado.

Os pensamentos estavam errados.

Astarte girou, tonto e confuso, procurando o que era, e o mais prosaico dos detalhes chamou sua atenção:

– Quem prepara a comida? – falou em voz alta.

A voz sublime da Rainha ribombava em seu crânio, chamando seu nome.

Então ele olhou para um canto, e lá estava.

Uma humana.

Maltrapilha, esfarrapada, machucada. Aguardava aos pés de um orgulhoso lorde élfico, à espera de uma ordem.

O príncipe virou-se num repelão para outro lado: cinco ou seis humanos, cabelos cheios de nós e pele cheia de feridas, rastejando, lutando entre si por migalhas.

À medida que via isso, os pensamentos da corte aumentavam, sobrepujando a voz da Rainha. E ele notava. Como pudera ignorar?

Humanos carregavam bandejas. Humanos acorrentados brigando, como cães. Os instrumentos musicais não tocavam sozinhos; humanos manejavam-nos. As mãos dos músicos sangravam. Astarte viu um deles tombar de exaustão, sendo logo substituído por outro. Humanos sustentavam a mobília e abanavam os nobres. Serviam-lhes e entretinham-nos.

Astarte piscou – os elfos estavam mesmo se curvando em reverência?

Alguns; outros não. Eram tantos milhares, fácil confundir-se. Alguns nobres estavam pelos cantos, provando alimentos refinados, fumando substâncias de

cheiro forte e bebendo jarras de vinho.

Alguns se divertiam disparando flechas contra humanos que corriam pelo salão.

Logo se descortinou algo diferente: *nenhum* elfo prestava-lhe reverência. O ambiente no salão continuava belo, a música continuava sublime. Mas ele notava partes imensas que, de alguma forma, não vira antes. Parecia *difícil* virar-se naquelas direções, pousar os olhos sobre aqueles detalhes, que constituíam a maior parte da cena.

Elfos matando, comendo e bebendo. Humanos em agonia, mantidos vivos pela técnica e magia élficas. Humanos servindo aos elfos até morrer de esforço. Humanos com olhar esbugalhado, boca pendente, expressão imbecil e alucinada. Incapazes de formular uma palavra, fazer qualquer coisa além de servir.

Em breve, estaremos na Terra de novo, um pensamento ecoou em sua mente.

Três senhores elfos com adagas, encurralando uma humana baixa num canto do salão. Uma dama élfica rindo com suas amigas, mantendo um pedaço de comida fora do alcance de um pequeno humano acorrentado.

Estranho: alguns humanos eram menores que outros, como uma versão em miniatura. Ele já vira aquilo, logo compreendeu. Animais tinham filhotes. Humanos tinham filhotes.

Mas a única criança élfica de que se lembrava era ele mesmo.

Astarte.

Ele deu um passo em direção ao trono, mesmerizado pelos cabelos dourados.



Na cela, as gavinhas cresceram em direção às câmeras. Suas folhas apareceram gigantescas nos monitores, até que taparam toda a visão, e cada tela enegreceu. A equipe não sabia o que se passava, mas já ouvia relatórios dos seguranças pelo rádio, dizendo que estariam lá em breve.

Johan Steinschmidt correu até a porta da cela, acompanhado de um colega. A devoção pela Rainha, o medo de Emanuel Montague e o desejo de não ser inferior a Trevor Abassian juntos, provocando o gesto intempestivo. Tão nervoso, mal conseguiu convencer os computadores de que era ele mesmo – a voz embargada, as mãos tremendo a ponto de prejudicar o scanner. Mas enfim obteve permissão, ouviu os motores zumbindo para abrir a porta.

Mas, do lado de dentro, as gavinhas seguravam-na, mantinham-na fechada.



Astarte.

– Mãe?

Um riso em sua mente. Era um riso musical, como o tilintar do mais delicado sino, mas também era condescendente, um escárnio carinhoso.

Astarte andava na direção do trono. Ao seu redor, sangue e vinho, música e berros.

– *Você veio para me obedecer, Astarte?* – disse a voz em seus pensamentos.

– Vim para conhecê-la.

– *E acha que está pronto?*

– *Esta* é sua corte?

Seus olhos viam a beleza e a depravação.

– *Entende por que nunca pôde vir até aqui, meu filho? Não estava pronto. Eu sabia. Sei tudo que já fez e já pensou. Sei o que está pensando agora e o que pretende.*

– Isto... – não conseguiu completar.

– *Termine.*

– Você *sabe* o que vou...

– *Termine.*

E era impossível não obedecer:

– *Isto não é élfico* – disse Astarte, em pensamentos.

A risada aumentou.

– *Você acha que já aprendeu tudo, Astarte, mas é tão ignorante. Como pode saber o que é élfico?*

– Nossas artes, nossa filosofia...

– *Possibilitaram isto.*

– O que é isto, mãe?

– *Isto, Astarte* – pausa –, *é o poder.*

Os três lordes elfos gargalhavam enquanto a humana tentava fugir. Deixavam que corresse por alguns metros, então alcançavam-na com facilidade. E, quando alcançavam-na, eram cruéis.

– Por quê? – ele disse, simplesmente.

– *Por quê?* – Outro riso. – *Somos artistas supremos. Vivemos em harmonia com a natureza. Dominamos a magia. Criamos disciplinas insuperáveis de esgrima, luta corporal, arco e flecha.* – A Rainha falava com calma e ternura,

didática e maternal. – *Somos* melhores. *Temos o* direito *de fazer o que quisermos. Estes são lordes e damas de uma raça superior. Podem viver da maneira que desejarem. Assim como seu príncipe pode viver para o aprendizado, o treinamento, a filosofia e a contemplação.*

Uma percepção fria tomou conta do corpo de Astarte. Uma vida de contemplação e aperfeiçoamento vinha a custo da escravidão alheia. Aqueles humanos morriam de trabalhar para que ele pudesse se tornar um arqueiro.

Seus mestres sabiam daquilo. *Compactuavam.* Harallad soubera, desde o começo.

– Isto acaba agora! – rugiu o príncipe, e puxou uma flecha.

Retesou a corda do arco e disparou. A seta voou, mas perdeu-se na distância. Subitamente, ele notou que há muito tempo caminhava na direção do trono, e estava sempre na metade do caminho. O trono a uma distância incalculável, de costas.

– *Nada acaba em Arcádia* – disse a Rainha. – *Somos os elfos. Somos eternos.*

Eternos. Todos lá imortais e plenos.

E todos dotados das aptidões élficas, ele notava. Os lordes perseguiam meninas usando a furtividade e rapidez que ele aprendera a custo. Outros praticavam tiro usando como alvo humanos que corriam – e eram tiros maravilhosos, produto da arquearia élfica. Os artistas seguiam as mais avançadas técnicas, suas obras obedeciam à harmonia élfica.

Astarte enfim compreendeu sua educação. Sua vida.

Para dominar tudo aquilo, ele tivera de viver em meditação, seguindo regras severas sob a supervisão de mestres rígidos. Nunca poderia ser apresentado àqueles excessos antes que o treinamento estivesse completo, ou nunca seria um guerreiro. Por isso nunca vira o palácio.

– *Por isso* – a Rainha completou seus pensamentos – *e porque você ainda tinha a rebeldia da juventude.*

Para ser o ápice do guerreiro elfo, ele deveria ser cego para a verdadeira sociedade élfica. Eles *queriam* que ele se tornasse o guerreiro perfeito. Tinham-lhe algum propósito. E não desejavam que ele conhecesse a verdade até que estivesse plenamente doutrinado. Até que fosse incapaz de desobedecer.

– *Seus mestres acharam que matar Seandros seria prova de sua lealdade. Mas eu sabia. Eu sempre soube. Eu sempre sei.*

– Então por que me deixou vir até aqui?

– *Porque não há nada que você possa fazer, meu filho. Eu sou a Rainha da Beleza.*

Ele nunca chegava ao trono. Embora fosse capaz de enxergá-lo, disparara uma flecha que sumira antes de alcançá-lo. Astarte não duvidou da onipotência de sua mãe.

Mas, mesmo onipotente, ela precisava dele. Eles precisavam. Ele fora treinado por alguma razão.

Em breve, estaremos na Terra de novo, lembrou-se do pensamento de um lorde elfo.

– Vocês vão... – E não pôde concluir o pensamento.

– *Com sua ajuda* – interrompeu a Rainha –, *a Terra será nossa mais uma vez.*

– Vocês raptam humanos.

– *Os plebeus fazem isso. Trazem humanos para nosso estudo e diversão. Trocam vis crianças humanas por seus próprios filhos.*

– Vocês raptam humanos. Raptaram uma mesma humana tantas vezes.

– *O que lhe importa* uma *humana? Nenhum deles merece sua atenção, Astarte. Ninguém é capaz de diferenciar um humano do outro. São rudes e estúpidos, têm vidas curtas e brutais. Seu mundo não é tão real quanto o nosso.*

– Eu vi o mundo dos humanos! Seandros...

– *Seandros era um traidor, e só permiti que vivesse porque a Rainha não suja as mãos. Este é o papel de meu campeão* – declarou, com orgulho e afeto, provocando um calafrio de horror no príncipe. – *O mundo dos humanos só existe porque nós ensinamos a eles tudo que sabem.*

No salão, a sinfonia dos gritos dos escravos, o balé do horror. Astarte imaginou um mundo inteiro daquela forma. Ainda assim, algo não se encaixava: por que os elfos desejavam sair de sua perfeita Arcádia para a Terra? Por que ainda não haviam feito isso?

– *Você estragou seu treinamento, Astarte. Agora morrerá, e começaremos mais uma vez.*

– Não!

Talvez tudo fosse inútil, talvez ela fosse onipotente. Mas ele poderia salvar algum escravo, ou ao menos vingá-lo.

Astarte puxou duas flechas ao mesmo tempo, girou o tronco e disparou contra os três lordes que caçavam a garota. Uma seta enterrou-se fundo num bucho nobre, a outra atravessou a garganta de um e alojou-se na testa do terceiro. Os demais lordes começaram a gritar. Muitos puxaram lâminas, mas a maioria apenas gargalhava, batia palmas. Os escravos não tentavam fugir, ou mesmo revidar. Apenas encolhiam-se nos cantos.

– *Não* – afirmou a Rainha. – *Você não pode nem mesmo salvar um deles. Não*

pode nada.

Repentinamente, ele estava a cinco ou seis metros dela. O salão pareceu girar, ele perdeu qualquer senso de orientação, e então viu-se de frente para o trono.

A face de sua mãe emanava perfeição em cada detalhe. Seus olhos alternavam entre azul, verde e púrpura, tonalidades que ele jamais enxergara, pois sua mente era limitada demais para compreender. Os cachos de seus cabelos dourados tinham curvaturas lindas por si só, eram expressões de uma geometria divina, que trazia lágrimas aos olhos. Seus lábios exibiam tons vermelhos e róseos com sutileza, era tentador passar a eternidade estudando-os. Seu vestido era feito de flores vivas, fios de ouro e prata, pedras preciosas e o que parecia ser luz sólida, refratada e distorcida por cristais complexos, para formar o mais majestoso dos trajes. Suas mãos eram delicadas. Seu corpo era um amálgama das formas mais atraentes da natureza e da arte. Sugeria sedução, autoridade, carinho e sabedoria de uma só vez. A Rainha era incompreensível em sua beleza; sua presença era uma fórmula e um ritual por si só. Através dela Astarte quase tinha a impressão de ver Arcádia inteira, e o poder da terra fluindo. Através dela, quase podia enxergar outras épocas, outros horrores. Uma vaga noção de escravidão e deuses profanos. Naquele momento, Astarte não teve dúvidas de que era filho de uma deusa, e sentiu-se menor que o mais reles inseto. Ela estava certa: ele nada podia.

– *Sou Titânia, a Rainha da Beleza, e posso tudo.*

Mas, em meio à fascinação horrenda:

– Nem tudo – ele sorriu.

Não havia crianças élficas.

Ele era único. Ela não podia ter mais filhos. Nenhum deles podia.

– E também não pode ir à Terra sem minha ajuda.

Despertou.



– Bem-vindo – disse Trevor Abassian, ajoelhado.

Astarte quase caiu. Segurou-se na maca e nos caules das plantas. A luz fluorescente fazia seus olhos doerem, o chão frio era agressivo contra a sola de seus pés. A textura das coisas era rudimentar, as cores eram opacas. Tudo menos nítido, menos *real*.

Mas ele se sentia completo.

Não mais visualizava Arcádia. Não tinha qualquer vislumbre do palácio ou dos

elfos. Não podia sentir qualquer pensamento daquela pessoa ajoelhada à sua frente – um humano. A mente de Astarte não estava mais aprisionada no outro mundo. Ele estava inteiro na Terra.

Enfim, desperto.

Olhou em volta, para as plantas que conjurara no estado de semiconsciência. As lembranças do que fizera escapavam rápido, como memórias de sonho. Ele enfiou a mão em uma enorme flor ainda não desabrochada, antes que esquecesse para o que servia.

– Bem-vindo.

A porta zumbia no esforço de romper as gavinhas e abrir-se. Os gritos dos humanos do outro lado aumentavam, beirando um frenesi. Lá fora, coturnos faziam barulho contra o chão, aproximando-se em corrida.

Capítulo 11
Enigma na televisão

FELIX SECOU OUTRA LATA DE bebida energética. Dos alto-falantes na televisão antiga, a apresentadora de *Galáxia das crianças* cantava animada sobre a vida infantil. Ele apertou a tecla *forward* no controle remoto do videocassete, as imagens se aceleraram e foram tomadas de tarjas pretas intermitentes. Àquele som, misturou-se o barulho da chave girando na fechadura, lá em cima, e ele sorriu.

Nicole desceu os últimos degraus da escada de mão. Quase pulou para trás ao ver a cena: o enorme ruivo bigodudo, sentado num sofá puído naquele porão macabro. Uma pequena montanha de latas amassadas de energético de um lado, uma pilha de fitas VHS do outro. Ele sorriu para ela, estava com olheiras fundas e negras, como se tivesse levado dois bons murros.

– Você está horrível – sentenciou Nicole.

– Você também não vai estrelar nenhum comercial de shampoo tão cedo, princesa.

Ela arriscou encarar um espelho e desatou a rir. Suas olheiras não eram menores, ela bem poderia ter sido atacada pelo mesmo esmurrador. Fosse um velho mercenário ou uma jovem desempregada, ficar algumas noites sem dormir custava seu preço. Felix acompanhou-a na gargalhada.

– Acho que não vamos ganhar nenhum concurso de beleza – disse Nicole.

Ao ouvir isso, ele se levantou sem aviso, foi até ela e deu-lhe um abraço. Nicole ficou sem respirar um segundo, depois relaxou e aceitou. Sentiu três tapinhas de Felix em sua cabeça. O comportamento de um tio que iria vê-la eternamente como uma menina de 9 anos e joelhos ralados.

Nicole fez um relato resumido sobre os dias de ausência: após a visita a Salomão, ficara pensando, tentando decifrar o pergaminho que eles haviam encontrado. Sem sucesso. A única pista dizia que era um mapa, e fora oferecida por seu pai – uma fonte nada confiável.

– Quer um energético?

– Passei os últimos três dias tomando café. Acho que, se tiver mais energia, vou entrar em combustão espontânea.

– Já testemunhei um caso de combustão espontânea.

– Eu também.

Riram de novo, até que Nicole apoiou os cotovelos no encosto do sofá e deixou o humor morrer, transformando sua expressão em um desgosto generalizado. Ficou de pé, olhando o desenho animado que passava em alta velocidade na tevê.

– Foi tão ruim assim? – disse Felix.

– Pior.

– Achei que você tivesse sumido com a minha caminhonete.

– Eu não iria longe. Não tenho dinheiro para gasolina.

– Tive medo que tivessem levado você para longe.

Ela ficou calada.

– Se quiser falar, sou ótimo ouvinte.

– Ensinam isso na escola de mercenários?

– Claro. E também nas forças especiais. Como você acha que aprendemos a interrogar insurgentes?

Ela suspirou, pulou o encosto do sofá e sentou-se sobre ele, as solas das botas apoiadas no assento.

– Ele me atacou – disse Nicole, olhos fixos no desenho.

– Está bem? Quer que eu deixe ele pior?

– Estou ótima. Ele foi contido e sedado, levaram-no para o isolamento. O CTI. Eu realmente preferiria não conhecer todos esses termos. Pelo que entendi, levaram-no para uma cela reforçada. Não foi esse o problema.

Em vez de perguntar qual fora, Kowalski apertou play no controle remoto, devolvendo a fita à velocidade normal. Tirou o som da tevê. Ficou observando enquanto crianças no auditório competiam num jogo, em equipes segregadas por cores.

– O problema foi ele estar fingindo – disse Nicole, depois que a equipe vencedora havia conquistado seu prêmio: um brinquedo produzido pela empresa patrocinadora do programa.

– Fingiu que atacava você?

– O ataque foi real, mas ele sabia que iriam pegá-lo. Ele não *surtou* de verdade, entende? Conheço a loucura do meu pai, ou ao menos conhecia. Esse não é seu modo de agir. Ele queria ser apanhado e contido. Queria ir para uma cela isolada.

Queria ficar sozinho.

– Pensei que podia encontrar alguma explicação – ela continuou. – Mas não consigo encaixar as peças.

– Talvez eu consiga.

Ela virou-se para ele, franziu o cenho.

– Nicole, nestes três últimos dias conheci Laila Linda, uma importante apresentadora infantil da década de 80 – apontou a tela com o controle remoto. – Gostaria muito de continuar sem nunca ter visto um episódio de *Galáxia das crianças*, mas passei cerca de 72 horas assistindo a este espetáculo grotesco. Decorei a letra de "Viagem de trem". De "Um beijinho na Mãe Natureza". E, é claro, de "Atravessando o arco-íris", o tema de abertura do programa.

– Sinto muito.

– Você mal era nascida quando *Galáxia das crianças* passava todas as manhãs. O que lembra?

Ela tentou reunir memórias. Lembrava pouco, na verdade, além das informações básicas que relatara a Felix dias antes. Era capaz de conjurar a imagem de Laila Linda à mera menção do nome. Sabia cantar alguns trechos das principais músicas, conhecia alguns bordões. Certos personagens do programa (três homens fantasiados de animais, um grupo de assistentes de palco vestidas em uniformes berrantes) também eram familiares. Mas seriam familiares a qualquer um. Quando assistia à *Galáxia das crianças*, Nicole era jovem demais para compreender com clareza qualquer um desses elementos.

– Certo – disse Felix. – Como já falei, fui mais feliz na minha época de inocência, antes de saber de todos esses fatos. Mas...

– Você realmente não conhecia Laila Linda?

– Vilarejos no Afeganistão recebem uma quantidade surpreendentemente pequena de transmissões brasileiras, principalmente quando seus habitantes estão abrigando líderes terroristas. Mas preste atenção. Você sabia de tudo isso. O que está *vendo*?

Ela concentrou-se na tela. Laila Linda dançava com suas assistentes de palco.

– Um número de dança.

– Seja mais observadora. O que está vendo?

Ela mordeu os lábios, procurando algo que não sabia o que era. Então um estalo: não precisava procurar. Tudo estava lá, às claras.

– Estou vendo um grupo de mulheres lindíssimas executando uma coreografia ensaiada em um cenário colorido e psicodélico.

– O que mais?

– O cenário imita uma floresta, com árvores de espuma, plástico ou borracha. A coreografia é precisa, cada movimento tem seu lugar.

– O que mais?

– Laila Linda incentiva os telespectadores a acompanharem em casa, fazendo os mesmos movimentos.

Felix devolveu o som à televisão. A música invadiu o porão. De início, eram vocalizações sem significado, que apenas acompanhavam a melodia. Algumas pareciam formar palavras, mas sem sentido aparente e com pronúncia ligeiramente alterada. Nicole achou que escutava:

"A lua! A lua! Ah, ah, ah!"

Depois ouviu de forma diferente:

"A luta! A luta! Ah, ah, ah!"

Mas também não parecia se encaixar. A pronúncia era estranha.

Então a letra retornou. Convidava o ouvinte para um mundo de diversão, onde tudo era lindo. Onde brincariam e dançariam para sempre. *O mundo da Linda*, afirmava o refrão.

– O que é isto, Nicole? Vamos, pare de ver o que lhe disseram que é. Comece a enxergar a verdade.

– *É um ritual.*

Pause.

Nicole tinha as mãos sobre a boca. Ficara branca como uma folha de papel. Seu casaco do exército soviético parecia estremecer, tão forte era a batida de seu coração.

– Onde mais você já viu isso? – disse Felix.

Pessoas executando movimentos ensaiados em um ambiente psicodélico. Culto à beleza e à natureza. Trajes extravagantes, coloridos. Um cântico sem palavras, como um mantra, seguido de uma exaltação a outro mundo e um convite para ir até lá. A certeza de que esse mundo pertencia a uma mulher – que era linda.

– É o mesmo ritual – Nicole murmurou. – O ritual que meu pai realizava.

– Muita coisa parece inocente, antes de começarmos a investigar. Por exemplo, este verso. *O mundo da Linda.*

Felix puxou um laptop para perto de si. Mostrou a Nicole algumas páginas com a letra da música.

– Nota algo?

– É a letra.

– Preste atenção ao verso. *O mundo da Linda.*

Em nenhuma das versões escrevia-se “o mundo da Linda”. Sempre “o mundo da linda”. Letra minúscula. Não era o nome da apresentadora, mas um adjetivo que podia se aplicar a qualquer uma.

– E também estava assim no encarte com o LP original – disse ele. – Uma diferença sutil, mas que altera o sentido. Laila Linda não está falando de seu próprio mundo. Está falando do mundo de *outra mulher ou entidade*, alguém que é “linda”.

A deusa.

“A luta! A lua!”, repetia a apresentadora. Nem os encartes nem a internet ofereciam uma resposta sobre o que ela dizia naquele trecho. Parecia ser mesmo só um conjunto de sílabas acidentalmente semelhantes a palavras.

Voltando a emudecer a televisão, Felix reuniu os outros materiais que pesquisara: os discos, as palavras cruzadas, as demais fitas de vídeo.

– Todos têm algo em comum, Nicole. Fazem alusão a essa mulher. Muitos chamam-na de deusa, como seu pai, mas outros usam o termo “Rainha”. Falam da Rainha e do Dragão.

– Você acha que meu pai era...

– Não sei. Mas o Dragão parece ser algum tipo de servo ou campeão favorito. Tudo isto – fez um gesto para o porão inteiro – é culto à Rainha. Canções, programas de televisão, vidas inteiras são dedicadas a ela. Mensagens são transmitidas através de códigos para os iniciados. Laila Linda, a banda Finger of Death, os redatores de palavras cruzadas... Todos estão cultuando a Rainha.

E não era tudo. Felix descobrira mais materiais. Bonecos de pelúcia, escondendo em seu interior armações plásticas com o formato de adagas. Reportagens sobre famosas modelos que definhavam em meses, perdendo a beleza e a vida. Trechos de filmes onde pareciam surgir vultos fantasmagóricos.

– Meu pai sempre falou que havia uma rede de contatos – Nicole disse em voz miúda. – Não pensei que fosse verdade.

– Veja, estamos chegando à melhor parte do programa.

A televisão continuava mostrando *Galáxia das crianças*. O episódio estava terminando, em meio a uma música ao mesmo tempo dramática e entusiástica. As crianças despediam-se de Laila Linda. Ela virou-se para seus súditos mirins e fez um gesto com os dedos. Então as árvores artificiais do cenário se abriram, e ela desapareceu pela passagem.

– Viu? – disse Felix.

– Está falando do que ela fez com a mão?

– Exato.

– Isso não é linguagem de surdos-mudos?

O ruivo sorriu e balançou a cabeça.

– Quase. Parecido o suficiente para enganar alguns milhões de telespectadores.

Mostrou uma página na internet com diagramas e significados dos mais variados sinais daquela língua visual. O gesto que Laila Linda fazia todas as manhãs aproximava-se muito de um deles, mas não era a mesma coisa.

– Esse gesto então significa algo para os cultistas?

– É nossa melhor aposta. Pelo que pude entender, o culto à Rainha utiliza movimentos, imagens e palavras muito específicos. Como se fossem fórmulas.

Nicole estava atônita. Apesar de saber que não devia, tomou um energético, para ter algo a fazer. Eles assistiram a mais alguns trechos de *Galáxia das crianças*. Observaram os mesmos rituais e o mesmo gesto. As mesmas músicas. Ouviram alguns álbuns de heavy metal ao contrário. Examinaram algumas revistas de palavras cruzadas com mensagens cifradas, que Salomão identificara.

– Agora sabemos de uma parte da verdade – Felix deu um suspiro. – Mas o que fazemos com isso?

Nicole ficou um tempo calada.

– Ainda não cumprimos nosso objetivo aqui. – Ela empertigou-se de repente.

Felix também pareceu lembrar de súbito.

– Não descobrimos como ou por que este porão existe – disse Nicole, devagar.

Haviam invadido o porão selado, sem saída e sem entrada, e analisado seu conteúdo. Mas não estavam mais próximos de saber como Salomão Manzini podia ter acesso a ele.

Sem falar nada, Nicole começou a ligar os toca-discos, um por um. Um deles não funcionava, mas ela não deu importância. Colocou alguns álbuns aleatórios para tocar. Tomou uma pilha de revistas de cruzadas, passou a folheá-las com rapidez. A televisão continuava a exibir Laila Linda.

– O que está procurando? – disse Felix, mas ela não respondeu.

A lua! A luta! Ah, ah, ah!

Nicole arrepiou-se:

– Sei o que significa.

A luta! A lua!

– *Á luhta* – a garota disse para si mesma.

“Curve-se”, em um idioma que ela nunca julgou que fosse ter utilidade prática.

Não era possível entender o que Laila Linda cantava naquele trecho porque ela produzia sons que não pertenciam ao português. No meio da palavra, havia um chiado, mais semelhante a alguns sons do alemão.

“Á luhta!”, repetia a apresentadora. *“Á luhta!”*

“Curve-se.”

Uma ordem. Um comando de obediência e adoração.

Felix insistiu nas perguntas, mas ela parecia não ouvir. Seguiu folheando as revistas. Um conjunto de letras sem sentido aparente, circulado num caça-palavras, chamou sua atenção. Levada pela atmosfera, ela nem cogitou que não tivesse relevância. Encontrou uma caneta e escreveu a palavra na parede. Felix seguiu seu exemplo: rabiscou na parede palavras que não entendia, copiando-as letra por letra.

– Você sabe o que isso quer dizer?

– Sei o que significa a primeira – respondeu Nicole.

– Como?

– Personalidade obsessiva e muito tempo livre – e não quis mais elaborar.

Depois que as paredes estavam cobertas daqueles garranchos enigmáticos, ela liderou-o a colocar o maior número de fitas de *Galáxia das crianças* nos videocassetes ao mesmo tempo. As músicas infantis misturaram-se com a barulheira do heavy metal.

Nicole então começou a imitar Laila Linda na tela. Foi quase capaz de esquecer o ridículo que era executar a coreografia. Fez isso por uns minutos e, de repente, estacou e fez o gesto com os dedos que encerrava cada programa.

– *Á luhta!*

Um rangido grave inundou o porão, soterrando as canções conflitantes. Toda a casa tremeu, vibrou, e eles viram algumas rachaduras brotando pelas paredes. Reboco e pedaços de tijolo despencavam, as agulhas dos toca-discos pulavam. Uma das televisões desabou, espatifando sua tela. Uma rachadura se alargou, e então transformou-se num pórtico. Uma abertura.

O terremoto cessou. Ao mesmo tempo, as fitas e os LPs pararam de tocar.

À frente de Nicole Manzini e Felix Kowalski estava a entrada de um túnel.



Salomão abriu os olhos, deparou-se com o ambiente conhecido. Nas paredes, os desenhos abstratos de ângulos retos que se encontravam em padrões labirínticos. O altar pré-histórico, as incontáveis manchas de sangue ao longo dos séculos.

Mas havia algo mais. Algo que ele identificou como sagrado. Ergueu-se apenas para se curvar de novo, reverenciando cada uma daquelas figuras estáticas. O templo fora atendido, havia devotos na ativa. Ele não estaria

sozinho, mesmo depois de mais de vinte anos afastado.

Pelos túneis, ecoou o som inconfundível de fuzis disparando. Ele saltou de pé. Estava desarmado, mas confiava na deusa para prover-lhe tudo de que necessitasse.

Então a pedra começou a rugir, distante. O templo estremeceu, mas os novos habitantes continuaram imóveis. Salomão gargalhou, porque sabia o que aquilo significava.

– Obrigado, minha senhora! – aclamou, com as mãos para cima, em adoração. – Obrigado!



– Felix, eu já disse que odeio armas.

Ele conferiu o pente da pistola. Pareceu satisfeito e enfiou-o de novo no cabo.

– Não estamos mais em sua casa, Nicole. Não vou entrar aí desarmado. E você não vai entrar sem mim.

– O que acha que vamos encontrar? Uma pistola vai fazer diferença?

– Talvez não. Mas isto... – E abriu a jaqueta.

Quatro granadas de fragmentação, outras três flashbang, destinadas a cegar e ensurdecer o inimigo. Uma faca Fairbairn-Sykes, uma submetralhadora Heckler & Koch MP5. Abriu uma sacola de náilon e fez surgir um fuzil M16 com lança-granadas embutido, a escopeta calibre .12 que usara contra os canibais e um par de pistolas Desert Eagle.

– Isto vai fazer toda a diferença do mundo.

Conferiu pela última vez a foto, suspirou e guardou-a na jaqueta de novo. Vestiu uma máscara de gás e ofereceu outra a Nicole, que recusou. Entrou no túnel de fuzil em punho, conferindo o caminho. A garota esgueirou-se pelo lado e tomou a frente, fazendo brilhar um facho de luz.

– Você faz do seu jeito – disse Nicole. – Eu faço do meu.

Estavam agora no subterrâneo escuro.

Mas ela tinha uma lanterna.

Capítulo 12
Sangue de elfo

A FLOR TINHA MAIS DE dois metros de comprimento. Estava fechada, em botão, pesava quase a ponto de quebrar o caule imenso. Astarte afundou a mão em suas profundezas úmidas, mal lembrando por que fazia aquilo. A criação das plantas, o processo de trazer a floresta selvagem de Arcádia para a cela, era uma memória distante. Ele sabia apenas que deveria tomar algo de dentro da flor.

Seus dedos encontraram uma coisa sólida no interior. Tateou, era a madeira flexível e resistente que ele conhecia tão bem. Puxou o braço e retirou seu arco da parte de dentro da planta.

– Abra! – berravam as vozes do outro lado da porta. Contudo, Astarte não entendia o idioma. – Trevor, abra imediatamente!

Trevor Abassian, ajoelhado, alternava o olhar entre o príncipe e a porta, que lutava contra a resistência das gavinhas.

Astarte dirigiu-lhe uma atenção rápida, mas era importante concentrar-se na tarefa. Cada vez mais, Arcádia parecia um sonho. Ele tinha nitidez plena das imagens, dos nomes, da paisagem. Da Rainha e de sua corte. Mas a transição era-lhe mais e mais insondável, ele já não compreendia o processo que tirara uma parte de si de lá, e muito menos como gerara as plantas e suas armas. Um arbusto escondia as flechas, em uma aljava. O tronco de uma árvore abriu-se para revelar duas espadas, compridas e curvas, com bainhas de madeira viva. Astarte encordoou o arco.

– *O que está acontecendo aqui? Quem está detido?* – surgiu uma voz diferente, acompanhada de estalos metálicos e passos fortes.

– Você não pode saber – lamentou-se alguém mais conhecido.

Astarte não compreendia a conversa, mas sabia que uma das vozes pertencia a um de seus captores.

– Afastem-se, colocaremos um explosivo para abrir...

– Não! Não podem, vão feri-lo.

– Recebemos ordens do senhor Montague, saia da frente!

Astarte vestia apenas uma espécie de macacão hospitalar branco. Trevor Abassian, como se sentisse que isso era indigno, tirou suas próprias calças jeans e ofereceu-as ao príncipe. Astarte vestiu-as.

– Meus carcereiros estão do outro lado? – exigiu Astarte, no idioma élfico.

Lágrimas escorreram pela face de Trevor. A pronúncia da língua sagrada era perfeita, fazia tudo que ele já ouvira parecer grunhidos rudimentares. Pela primeira vez ouvia um *elfo,* e agradeceu com sinceridade pela honra.

– Sim – disse, sentindo vergonha de sua própria pronúncia, notando seu sotaque. – Somos seus carcereiros. Seus criadores.

– Como é o seu nome?

– Trevor. – Foi um momento sublime.

– Aquelas portas vão se abrir, Trevor. Não conheço este mundo, mas sei que, quando elas se abrirem, surgirão meus carcereiros e algum tipo de guerreiros inimigos. Fuja e não olhe para trás. Você acabou de me ajudar e não quero matá-lo. Irá acontecer uma luta, e não sei se poderei poupar alguém.

O matemático curvou-se em reverência.

– Para trás! – alguém gritou do outro lado.

Uma explosão estilhaçou a porta, sacudiu o laboratório, transformou as gavinhas em pasta. Da fumaça, surgiram homens com armas metálicas.

Astarte encaixou uma flecha e puxou a corda do arco.



Não era preciso entender o mundo, bastava entender a morte.

Os soldados invadiram a cela dois segundos após a explosão. Tinham uniformes cinzentos, coturnos pesados. Entraram berrando ordens, apontando fuzis em todas as direções. Trevor Abassian tentou correr, seguindo a instrução do príncipe, mas o movimento súbito foi interpretado como ameaça. Ele foi varado por uma rajada, despencando como um boneco.

– *Parado! Parado!* – Mas a língua era desconhecida, o elfo era incapaz de entender.

Astarte disparou.

A primeira flecha atingiu o soldado no meio do rosto. Ele foi jogado para trás, apertando o gatilho num espasmo e perfurando a parede mais distante e o teto, numa trajetória cega. Os canos das armas brilharam, o som dos tiros foi ensurdecedor. Astarte rosnou contra o barulho – era um som rude, mais brutal e menos real do que tudo que ele ouvira em Arcádia. Era o som da humanidade.

Uma cambalhota no ar tirou-o da linha de tiro. Ele segurou-se em um galho espesso rente ao teto, deixou-se pender de cabeça para baixo. Disparou duas flechas, que se cravaram no peito de um segundo inimigo. Um terceiro e um quarto já estavam prontos, atiraram onde ele estava, mas então já não estava mais lá. O elfo caiu como um gato, girando o corpo com rapidez invisível, aterrissando agachado, a menos de dois metros dos soldados. Agarrou o arco com a mão esquerda, puxou uma das espadas com a direita. Num movimento contínuo, esticou-se num bote, o fio da lâmina cortou tecido e pele, tendão e uma artéria importante na perna inimiga. Um esguicho de sangue banhou as plantas, o soldado amoleceu no mesmo instante. Astarte girou e ergueu-se. Um fuzil estava apontado para ele, não havia nem um segundo antes que o gatilho fosse apertado. O elfo rolou pelo chão e levantou-se como uma mola, segurando a espada com o fio para cima. Decepou a mão que apertaria o gatilho, dobrou o cotovelo e continuou num movimento que apunhalou a traqueia do homem.

– Granada! – berrou alguém, na língua terrena.

Havia muitos soldados do lado de fora. Astarte estava embainhando a espada quando viu, da multidão de cinza, surgirem pequenos artefatos metálicos de forma ovoide. Não tinha tempo para pensar, e nem precisava. Seu instinto de guerreiro dizia-lhe que era alguma arma terrena, e ele saltou para fora da cela.

As granadas explodiram atrás dele quase no mesmo instante. Os estilhaços voaram, fazendo cortes superficiais em suas costas e seu escalpo. Os cabelos umedeceram-se de sangue, o calor e o impacto deixaram-no tonto. Ele foi arremessado para a frente, contra uma parede. Mais gritaria naquele idioma incompreensível, uma série de sons truncados e sem harmonia.

– Neutralizem o alvo!

Os inimigos recuavam, com suas armas que cuspiam metal. Nem trinta segundos haviam se passado, e Astarte já aprendera como elas funcionavam – da maneira como estavam apontadas, seus tiros cobririam o corredor inteiro, não haveria para onde fugir.

– *Não! Vocês não podem!* – escutou a mesma algaravia inarticulada dos humanos. Mas a próxima frase ele conseguiu compreender: – É o príncipe!

Um humano envelhecido saltou na frente dos soldados no momento em que eles puxavam os gatilhos. Seu corpo foi estraçalhado, as feridas vermelhas brotaram em suas costas como flores. Os tiros cessaram por um instante.

Astarte saltou, antes que o corpo tocasse o chão. Puxou o arco, três flechas entre os dedos. Disparou, e as pontas cravaram-se nas mãos de três inimigos, que deixaram cair os fuzis. Outros atiraram, mas as armas já não cobriam o espaço

inteiro. O elfo dardejou pelo corredor, pulando de parede em parede em zigue-zague e para a frente, sem tocar o chão. No meio de cada salto, encaixava uma flecha. Quando seus pés se plantavam numa parede vertical, puxava a corda do arco e disparava. Os soldados tombaram com setas no coração, na pélvis, na garganta, na testa.

– Recuar! Recuar!

Outras granadas quicaram pelo chão, mas agora Astarte já sabia o que faziam. Pulou para longe da primeira, agarrou a segunda na mão, sabendo haver instantes antes que explodisse. Arremessou-a contra os inimigos; o estouro foi instantâneo, e corpos viraram névoa vermelha. Atrás, a primeira granada explodiu, ele protegeu o rosto e a cabeça com os braços.

Em meio à fumaça, sangue, destroços, fogo, plantou os pés no chão para ver onde estava. A cela desembocava num corredor sem outra saída, que ele atravessara enfrentando os guardas. Agora esse corredor terminava numa bifurcação. Luz vermelha brilhava intermitente, em sincronia com uma espécie de sirene irritante. Na Terra ou em Arcádia, não era difícil notar que se tratava de um alarme. Dos dois lados da bifurcação, os soldados recuavam, suas armas em punho. Mas também havia outros homens – como Trevor, como o velho que se jogara na frente dos tiros. Homens com longas casacas brancas, desarmados, agarrando-se aos guerreiros inimigos, implorando algo na língua de grunhidos e estalos. Um deles, mais alto e atlético, chegou mesmo a aplicar uma chave em um dos guerreiros, tentando puxá-lo pelo pescoço, mas foi logo dominado e imobilizado. Astarte teve um ímpeto de salvá-lo, mas alguma memória vaga lhe disse:

Aqueles eram seus captores.

Ele já não sentia qualquer conexão com Arcádia. Não seria capaz de alcançar seu mundo natal mesmo que sua vida dependesse disso. Já lhe parecia absurdo que pouco tempo atrás tivesse conjurado plantas e armas de Arcádia. Mantinha suas lembranças do reino élfico, e só.

Em compensação, a Terra ficava cada vez mais nítida. Como alguém que começa a entender os eventos da noite após emergir de um sono intranquilo, Astarte ligava rostos e vozes a vagas impressões. Seus sonhos em Arcádia haviam mostrado aquelas faces. Aqueles homens que faziam testes e estudos, que usavam nele artefatos de propósito insondável. Que haviam cuidado dele e mantido-o preso.

Acima de tudo, que haviam feito tudo aquilo em nome da Rainha.

Nos olhos daqueles humanos havia algo inconfundível: *adoração.* Eles se

jogavam na frente dos tiros, agarravam os soldados. Dirigiam-lhe olhares reverentes, apavorados que algum mal lhe fosse causado. Viam-no como algo divino. Astarte lembrava-se do nome da Rainha sussurrado pelos lábios daqueles sábios humanos.

Então deixou de sentir pena.

Duas duplas de soldados desvencilharam-se dos cientistas, uma de cada lado da bifurcação, avançando com fuzis em riste. De cada dupla, um membro ajoelhou-se e disparou pela esquina, enquanto o outro, de pé, apontava a arma para todas as direções. O elfo surgiu entre eles, vindo de parte alguma, numa rapidez felina e fantasmagórica. Nas duas mãos, tinha as espadas, e abriu os braços num relâmpago, perfurando dois rostos ao mesmo tempo. Soltou as lâminas, enquanto os inimigos agachados viravam-se para ele. Deu um chute poderoso na arma do primeiro, desviando-a para cima. Então voltou a agarrar o cabo de uma das espadas, antes que o corpo na qual estava enterrada caísse. Puxou-a e completou o movimento num giro para baixo, cortando o pescoço do outro inimigo abaixado. O soldado que levara o chute já se recuperava. Apontou a arma para ele, mas Astarte girou no sentido contrário e enfiou a ponta da arma em sua nuca.

Embainhou as duas espadas. Não sabia para onde ir. Forçou-se a não pensar, deixou o instinto guiá-lo para uma direção aleatória.

E sorriu como um lobo.

Os soldados recuavam. Disparavam rajadas curtas. Afastavam-se cada vez mais, num outro corredor comprido, banhado pela luz vermelha intermitente, que desembocava em um largo salão. Do outro lado da bifurcação, os outros inimigos também recuavam, vigiando com apreensão, dando rajadas de advertência. No ambiente apertado, Astarte tivera de usar as espadas.

Agora podia usar o arco.

A mente vazia, os sentidos expandidos e então embotados, na concentração do arqueiro, Astarte puxou a corda.

Os inimigos começaram a cair, um a um, e então bateram em retirada.



– Está ouvindo isso, Nicole? É o som de quem *não* odeia armas.

Eles haviam progredido pelos túneis durante quase meia hora. Então começaram a ouvir sons retumbantes suspeitos. Tiros, rajadas. Ficavam mais próximos, e os ouvidos de Felix quase podiam distinguir o calibre.

Nicole ficou calada. Forçava-se a respirar regularmente, agarrava a lanterna até que os nós de seus dedos ficassem brancos. Nada disse desde que aquela sinfonia tão conhecida começou a tocar.

– Não se preocupe, Nicole.

– Não estou preocupada. Não vai acontecer de novo.

As rajadas, o eco dos estouros. Sons conhecidos. Pólvora tinha cheiro de infância. Impossível não lembrar.

– Não vai acontecer de novo – repetiu Nicole.

– Porque desta vez você tem seu próprio maníaco.

– Não. Porque desta vez não vou deixar.

Ela apertou o passo. Os túneis tinham sido escavados na pedra viva, eram irregulares e úmidos. De alguma forma, pareciam seguros – havia colunas de pedra sustentando o teto de tempos em tempos, um misto de boa infraestrutura e precariedade primitiva. Mais do que isso, os túneis tinham aparência ancestral. Em suas paredes, pinturas rupestres, como aquelas produzidas por homens das cavernas. Retratavam animais e humanos, e grandes humanoides cercados de pessoas menores. Havia também entalhes elaborados, ângulos retos, que pareciam labirintos ou diagramas de algo muito complexo. Felix reconhecia aquilo de um momento em seu passado que ele viera investigar desde o começo. Tudo com o ar primordial de alguma coisa distante da civilização moderna. Em uma intersecção, encontraram um círculo de pedras encaixadas umas nas outras. Cada bloco era pouco mais alto que Felix. Como uma versão menor de Stonehenge. Ou uma versão maior do que havia em exposição na Fortaleza da Memória.

Acompanhando uma curva, depararam-se com luz. Era o bruxulear inconfundível de fogo crepitando, inúmeras tochas. Uma sombra movimentava-se pelos brilhos, e Nicole sentiu um arrepio instintivo. Rosnou para si mesma, correu aqueles últimos metros. Felix não tentou impedi-la, mas correu atrás.

Desembocaram numa área larga, com pé-direito altíssimo, toda coberta com pinturas angulosas. E também com plantas de todos os tipos: trepadeiras agarradas às paredes e árvores brotando do chão. Era a única vida vegetal que haviam encontrado nos túneis. Mais surpreendentes e horrendas eram as nove figuras humanoides, cada uma de pé sobre uma espécie de altar. Mas nem nelas Nicole prestou muita atenção, porque:

– Olá, filha.



Astarte viu-se num salão quase todo feito de metal. Chapas metálicas recobriam boa parte das superfícies, o chão era borracha grudenta sob seus pés descalços. O teto era alto, havia um mezanino, de onde os soldados apontavam seus fuzis. O chão estava coberto de cadáveres, flechas despontando das carnes como grama. A intermitente luz vermelha e o alarme continuavam presentes, e espécies de máquinas humanas dominavam boa parte das paredes. De início Astarte pensava tratarem-se de espelhos ou quadros, mas estava claro que eram artefatos que mostravam imagens distantes, ou então informações no idioma humano.

Tirou os olhos dos monitores, em vez disso apontando seu arco com ameaça para os soldados acima. Recuava pé ante pé para uma porta diferente das demais, baixa e circular, feita de metal, com aparência pesada. Dois cientistas ainda restavam. Haviam seguido-o até aquela sala com casacas ensanguentadas e pavor reverente.

– Abram! – ordenou Astarte, na língua élfica, indicando a porta mais pesada.

Um dos cientistas hesitou, mas então olhou para o príncipe. Deu um sorriso involuntário ao contemplar sua perfeição, a manifestação física das cadeias de DNA que a Rainha havia lhes concedido. O produto sublime de tanto tempo de esforço e devoção. De certa forma, o cientista olhava os cadáveres dos guardas com orgulho, pois aquele guerreiro irrefreável era o ápice de uma vida de trabalho e estudo. Com duas espadas e um arco, era superior à segurança da Strauss S.A., equipada com armamento ilegal para uma companhia privada. Era impossível não obedecer ao príncipe, e o homem andou dois passos resolutos em direção à porta, para cumprir a ordem.

Sua cabeça explodiu ante uma rajada.

– *Não se movam!* – latiu um dos soldados, no idioma humano.

Antes que a frase estivesse completa, Astarte flechou o responsável por matar o cientista. Então recomeçaram os disparos. Outros dois guardas tombaram. O elfo saltou pelo salão, protegendo-se sob mesas metálicas, atrás de prateleiras repletas de máquinas. As balas encontrando metal e destroçando telas faziam um ruído ensurdecedor, quando uma voz interrompeu-o:

– Basta! – gritou alguém no idioma humano. E em seguida, em élfico: – Basta!

Astarte espiou por trás de uma prateleira que tombara e formara um abrigo improvisado.

Aquele humano não se vestia como os outros. Usava roupas que lembravam

algum tipo de nobreza; uma casaca escura e um adorno ao redor de seu pescoço. Era alto e belo, ombros largos e porte digno. Seus cabelos eram impecáveis, seu rosto tinha uma expressão imperial e exalava confiança. Astarte sentiu nele algo diferente. Tinha a postura de um guerreiro, assim como os soldados que vinham acossando-o, mas também uma espécie de majestade. Um porte que ele vira pela última vez em Arcádia.

O homem caminhava e portava-se como um elfo.

– Não queremos o seu mal, Alteza – disse o humano, na língua élfica. Sua pronúncia era quase impecável.

– Não serei prisioneiro, na Terra ou em Arcádia.

– Nunca. É nosso senhor.

Astarte continuou mirando-o com cuidado.

– Mande seu homem abrir aquela porta – disse.

– Por quê?

– *Agora!*

O humano fez um gesto. O cientista atravessou o salão, olhando com medo para os soldados acima, que por sua vez mantinham as armas apontadas para ele.

Astarte engoliu em seco. Não tinha resposta para a pergunta daquele humano. Algo parecia atraí-lo para aquela saída, uma impressão forte que ele não sabia identificar. Como se, do outro lado da porta, estivesse sua casa – mas isso não fazia sentido.

– Vossa Alteza é nosso hóspede, não nosso prisioneiro – disse o humano majestoso. – Nosso dever é garantir que seja tratado como o que é. Realeza élfica.

– Você sabe o que sou, então.

– É Astarte, o príncipe de Arcádia. E nós somos seus vassalos. – Fez um gesto que se aplicava a si mesmo e ao cientista sobrevivente, mas não aos soldados.

– Seus homens estão iludidos. Eles cultuam minha mãe.

O humano sorriu.

– A Rainha é nossa deusa. Nossas vidas pertencem a ela.

– Estão sendo enganados! Em Arcádia, humanos são escravos. São torturados e mortos. A corte élfica...

– Tem o direito de fazer isso, Alteza. Por favor, faça conosco o que quiser.

A mão de Astarte tremeu na corda do arco.

Johan Steinschmidt, o último cientista, falou algo para que uma máquina reconhecesse sua voz – um breve cântico ritualístico. Seu DNA foi analisado – um sacrifício de sangue. Então começou a digitar um código complexo em um

teclado. Partes metálicas pesadas dentro da estrutura moveram-se; a porta circular abria-se aos poucos.

– Nós traremos os elfos à Terra, Alteza – continuou o líder dos humanos. – Somos servos da Rainha e cumprimos a vontade dela. Criamos um príncipe na Terra, que reabrirá a passagem e permitirá a volta de nossos mestres. Viveremos em escravidão sublime, e a sociedade que os humanos construíram ruirá para dar lugar à verdadeira beleza.

O humano puxou uma faca de dentro da casaca.

– Vossa Alteza não tem escolha. Foi criado para ser o campeão. A chave do portal, o filho de dois mundos, pela vontade da Rainha.

Então o humano saltou do mezanino, com graça élfica. A faca que tinha na mão já não era uma faca – tornara-se uma espada longa e recurvada, com a delicadeza letal das lâminas élficas. A porta circular se abrira. Astarte deu as costas e correu por ela, passando pelo cientista. O líder dos humanos deu uma ordem ininteligível, Astarte ouviu o som de botas diferentes correndo – ainda mais pesadas, mas em número muito menor.

O príncipe entrou no túnel escuro. Seus olhos num instante se ajustaram para revelar pedra bruta, irregular, colunas sustentando o teto. O som de tiros e um último grito sinalizaram a execução do cientista que havia aberto a passagem.



– Nós temos negócios inacabados – disse Salomão Manzini.

Parecia ter mais energia do que no manicômio. O mesmo vigor de décadas atrás, aliado à maldade crescente. Seu sorriso era de tubarão. Mesmo com os braços esqueléticos, manipulava uma faca recurvada de forma ameaçadora. Seu corpo estava recoberto com uma espécie de túnica feita de plantas. Salomão estava em casa, seu olhar e seu jeito transpiravam segurança. De alguma forma, ali parecia mais poderoso.

Não, Nicole sacudiu a cabeça. Era só intimidação.

– Saia de perto desse profano – ordenou Salomão. – Venha para seu pai.

Sem querer, ela deu um passo na direção dele. Então berrou e apontou o facho da lanterna contra o rosto dele, como se fosse uma arma. Ele riu.

– É tudo que pode fazer, Nicole? Pare de birras. Obedeça ao seu pai.

– Obedeça a isto, desgraçado – disse Felix.

E, é claro, atirou.

O barulho do fuzil preencheu o salão. Nicole gritou, Salomão jogou-se para

trás. O mercenário havia errado.

– Obrigado, senhora!

– Nicole – disse Felix, a voz fria de seriedade. – Eu não erro.

Salomão Manzini gargalhou, dançou na frente dos dois.

– Olhem ao seu redor! Aqui tenho poder.

Felix tentou empurrar Nicole para trás de si; a garota estava paralisada.

– Olhem ao seu redor!

Nicole forçou-se a olhar. De alguma forma, não era uma surpresa. Como se ela aguardasse por aquilo no fundo da mente, desde criança. Como se esperasse outra coisa, mas no final houvesse só uma resposta lógica.

As nove figuras nos altares eram homens. Não, não homens: mais esguios, mais graciosos. De alguma forma, *melhores*. Embora fossem todos, sem exceção, deformados de algum jeito. Um deles não tinha um braço. Outro exibia um rosto rudimentar, malformado. Mas todos, mesmo em sua feiura, tinham majestade. Todos estavam de pé nos altares. Todos tinham facas nas mãos, e Salomão Manzini tomara uma delas para si. Todos estavam vestidos com trajes feitos de plantas vivas – iguais ao de Salomão. Todos tinham longas orelhas pontudas.

– Os elfos já estão aqui, Nicole! Você julgava seu pai um fracassado, mas eles vieram. O templo está ocupado, a hora está chegando!

Um dos elfos abriu os olhos. Emitiu um gemido tétrico e inarticulado. Agarrou o cabo de sua faca e saltou sobre Felix.



Astarte corria.

A impressão que o atraía para as profundezas do túnel era cada vez mais forte. Como se já tivesse estado ali. A memória não era a mesma de quando reconhecera a cela e os cientistas. Era, de novo, mais semelhante a um sonho, como fora em Arcádia.

Como fora no lago, com Vyslanna.

Atrás dele, a corrida de seus perseguidores. O túnel se enchia de vozes, ordens, barulho de solas grossas batendo na pedra. Os ouvidos aguçados do príncipe identificavam que os primeiros guardas estavam em seu encalço. Ele não os temia; já conhecia-os e sabia matá-los. Mas também havia um segundo conjunto de passos: mais pesados, mais precisos. Quem quer que fosse, não falava, não dava ordens.

E havia, ainda, uma corrida leve, quase inaudível. O humano que o confrontara no mezanino.

Eram fatores desconhecidos, e as flechas não eram infinitas. Por isso, o príncipe corria. O raciocínio intrometeu-se em sua concentração, ele relutou contra a memória vinda não sabia de onde. O asco do que passara em Arcádia fez com que questionasse seus instintos; não queria se deixar levar às cegas. Pensou quando não deveria; dobrou uma esquina que o levou a um beco sem saída.

Astarte estacou em frente à parede de pedra irregular. Virou-se, para dar meia-volta, sobre ele estavam os guardas. Eram três, esbaforidos, e dispararam os fuzis. Ele saltou para a frente, ficando atrás dos três. Mesmo assim, um tiro atingiu-o de raspão na coxa. Astarte chutou as costas de um dos guardas. Os outros se viraram, ele puxou uma flecha da aljava, usou-a para perfurar a garganta do segundo. Encaixou a mesma flecha na corda do arco e disparou, matando o terceiro. Enquanto isso, prestava atenção nos arredores, mas não o bastante – um vulto negro surgiu ao longe, e de repente uma granada estava em seus pés. Ele fez menção de se proteger, mas a coisa produziu um estouro altíssimo e um clarão.

Cego e surdo por um momento, Astarte sentiu um choque horrendo nas costas. Eletricidade que deixou seu corpo convulsionando. Caiu. Quando conseguiu enxergar, o vulto estava de pé, o cano de uma arma humana apontado para seu rosto. Não houve ordem de rendição, nem mesmo na língua humana: apenas o som daquele aparato se preparando para atirar.

Astarte deu uma cambalhota para trás, no exato instante em que a escopeta cuspiu sua munição contra a pedra onde antes estivera sua cabeça. O elfo cambaleou, levou dois segundos para se endireitar e olhar o novo inimigo.

Era um humano, ou algo parecido. Todo de preto, coberto por uma espécie de armadura artificial, feita dos materiais insondáveis que os humanos usavam. Um capacete também negro cobria sua cabeça, com um visor escuro tapando o rosto. Podia ser qualquer coisa, não se via um centímetro de pele, mas o que importava era que tinha inúmeras armas presas às vestes, era rápido e silencioso.

Não disse nada antes de disparar mais uma vez.

Astarte retomou o corredor certo com um pulo, ziguezagueou à frente. Parou um instante, virou-se e atirou três flechas contra o perseguidor. Ao contrário do que ele esperava, o guerreiro de negro não foi atrás. Só protegeu-se das setas e esperou seus camaradas, enquanto o príncipe corria.

Era inteligente, não permitiu ser separado da equipe.

Astarte julgou que sua esperança era mesmo fugir.



Felix disparou o fuzil contra o elfo deformado. O oponente era rápido e ágil, e quase conseguiu esquivar-se. Seu salto foi belo, mas não perfeito: parte da rajada atingiu seu crânio.

– Engula essa!

E o elfo atacou.

A criatura não parecia se importar com o ferimento letal. Brandia sua faca, cortando e estocando, enquanto o ruivo recuava, defendendo-se com o próprio fuzil. Felix se afastou do elfo, sacou uma pistola e deu-lhe outro tiro certeiro, cegando-o.

Então o elfo começou a farejar o ar, e enterrou a faca no ombro do mercenário.

Salomão Manzini agarrou sua filha pelos ombros, por trás. Abraçou-a. Nicole sentiu sua respiração quente na bochecha. Na mão direita, Salomão tinha a faca élfica, que encostou no estômago da filha. Tudo dentro de Nicole dizia: *Lute! Fuja!*, mas era como se sua mente e seu corpo estivessem separados.

– O que devo fazer com ela? – Salomão gritou para as paredes do templo. – Quer seu sacrifício agora mesmo? Esta é a hora?

Os outros elfos começaram a se mover. Saltaram de seus pedestais.

– Esta é a hora?

Pressionou a ponta da lâmina mais forte contra o estômago da garota. A dor já era preocupante, ela teve medo de saber se já havia sangue.

– Mostre-me um sinal!

Algo dentro de Nicole acordou. Talvez fossem as súplicas do assassino para alguém invisível. Talvez fosse o bom e velho instinto de sobrevivência. Ela não notou quando se moveu; apenas sentiu o impacto quando sua lanterna se chocou contra a testa de Salomão Manzini. Ele berrou e soltou-a, levou as mãos ao supercílio, que sangrava. Nicole tentou achar uma brecha, mas o templo estava tomado pelos elfos brandindo suas facas contra Felix. Virou-se de novo para Salomão. Ele tentou agarrá-la, ela se esquivou, mas tropeçou e caiu sentada. Salomão chutou a lanterna, arrancando-a de sua mão.

– O sacrifício vai ser agora mesmo!

Nicole tateou à volta. Felix rolara no chão, evitando dois elfos, deixando uma pistola ao alcance. A garota esticou-se num repelão e agarrou-a. Apontou o cano para Salomão e apertou o gatilho.

Clique.

– Você nunca aprendeu a atirar, não é mesmo?

O homem atacou com a faca. Nicole bateu-lhe às cegas com a pistola travada; em pânico de que disparasse por acidente. De súbito, sentiu um puxão forte na gola do casaco. Felix atirou-a para trás de si mesmo, de costas a uma parede. Apontava o fuzil para a barragem de inimigos.

– Tape os ouvidos!

E puxou um gatilho diferente. O lançador de granadas M203, acoplado ao fuzil de assalto, cuspiu duas vezes com um barulho maravilhoso, e o templo tremeu com as explosões. Um dos elfos foi destruído, outros dois estavam no chão. Salomão ergueu-se da fumaça. Sangrando, mas vivo, com a lâmina em punho.

Felix largou o fuzil porque a munição acabara. Agarrou os cabos das duas Desert Eagle.

O tiroteio vindo do outro lado estava cada vez mais perto, até que as balas ricochetearam nas paredes do templo. Um homem entrou na frente de Felix com um salto. Com torso nu, vestia uma calça jeans, tinha duas espadas embainhadas e um arco nas mãos, que disparou contra dois soldados em perseguição. Os homens tombaram de imediato.

– *Mais um* – Felix praguejou.

Mais um elfo. Dessa vez, não era deformado.



Astarte matou os dois mais próximos, enquanto sentiu-se imerso numa memória esquecida. Ele conhecia aquele lugar; era um templo. Uma sensação de poder, de estar próximo de Arcádia, provocou nostalgia e ódio. Olhou em volta.

A primeira coisa que viu foi a humana que Seandros lhe mostrara. Raptada inúmeras vezes pelos duendes. Estava ali, contra a parede.

A segunda coisa que notou foi ele mesmo.

Não precisava ver seus rostos para saber que aqueles eram também Astarte. Repugnantes, deformados, paródias da forma élfica. Mas eram ele. Ouvia os pensamentos dos elfos, e eles pareciam seus próprios, mas voltados à devoção e maldade. Astarte sentiu-os pensar em obedecer à Rainha. Em proteger um humano que brandia uma faca. Em atacar o outro humano, que por sua vez protegia a garota. Era o que haveria em sua própria mente, caso ele não tivesse se rebelado.

O templo ainda estremecia depois das explosões. Pequenas pedras caíam do

teto. Os guardas ficaram para trás, mas os três soldados vestidos de negro entraram correndo, apontando suas armas para Astarte. As versões deformadas do príncipe recuaram, posicionaram-se ao lado desses novos inimigos. O humano barbudo vestido com plantas parecia incerto sobre o que fazer.

Então, com calma de dançarino, surgiu pelo túnel o líder dos humanos.

Suas roupas não pareciam ter se sujado durante toda a perseguição. Seus cabelos permaneciam no lugar. Sua espada élfica continuava perfeita, e ele segurava-a como se fizesse parte de seu braço.

– Estamos todos aqui – disse ele, em élfico. – Entregue-se, Alteza.



– *Montague* – disse Nicole.

Emanuel Montague tirou os olhos do recém-chegado e sorriu para ela.

– Eu deveria imaginar que Nicole Manzini estaria presente para assistir à captura de Astarte. E este, se não estou enganado, é seu pai.

Salomão Manzini olhou o engomadinho com desconfiança, mas aproximou-se dele.

– Quem é o palhaço? – rosnou Felix.

– Emanuel Montague. O homem que me ofereceu emprego.

Emanuel fez um gesto com a espada.

Salomão olhava a arma com cobiça. E então Nicole percebeu: era a faca-espada de seu pai. Não semelhante, *a mesma*. Idêntica em todos os detalhes.

– Ele é o novo líder dos cultistas – disse a garota.



– Está encurralado, Astarte – disse Emanuel, em élfico. – Volte à sua cela.

– Posso matar muitos de vocês antes de cair.

– Não, não pode. Pode matar muitos de *você mesmo.*

Astarte engoliu. Seus olhos dardejaram pelos corpos cambaleantes. *Seus* corpos.

– Você é nossa criação, Alteza. Mas, é claro, somos apenas humanos, e cometemos erros. Você resultou em erros muitas vezes. Consideramos cada tentativa sagrada, e cada corpo foi preservado. Mesmo que vença meus mercenários, terá de enfrentar a si mesmo. E mesmo que vença, terá de enfrentar o novo campeão da Rainha.

Postou-se em guarda com a lâmina. Os olhos pétreos e a postura perfeita e natural deixavam claro: Emanuel dominava a esgrima élfica. E estava em estado de concentração.



– Estão brigando entre si – murmurou Felix para Nicole.

– Não. Não é isso.

– Podemos aproveitar a distração. Eu atiro e você...

– O arqueiro não é um deles, Felix.

Pausa.

– É um orelhudo. Igual aos outros.

– Não é um deles. Pelo que entendi, era algum tipo de prisioneiro.

– Você entende o que eles dizem?

Ela fez que sim.

– Você tem algum tipo de poder, ou...

– É quenya – chiou a garota.

Silêncio.

– O quê?

– Quenya. O idioma dos elfos. Criado por alguém chamado Tolkien. Ou assim eu achava.

Quenya, a língua criada para uma raça considerada fictícia. Dominada por alguns entusiastas de obras de fantasia. Aquelas frases pertenciam ao idioma, assim como as palavras *á luhta* – "curve-se".

– Como você aprendeu isso? – disse Felix.

– Já disse. Personalidade obsessiva. Bastante tempo livre.

O ruivo mantinha todos na mira, enquanto Emanuel e o novo elfo conversavam em quenya.

– Ele não é um cultista – disse Nicole. – Está falando em enfrentá-los.



O humano deu um passo a frente. Os soldados de negro acompanharam-no. Os elfos deformados começaram a fechar um círculo em volta do príncipe.

– Há humanos inocentes aqui, Alteza. Um deles é um completo desconhecido. A menos que queira que eles morram, entregue-se.

Astarte olhou para trás. Um guerreiro e a tal garota. Talvez, se pudesse ao

menos salvá-los...

– *Astarte!* – gritou Nicole. Então, em quenya: – *Cubra os olhos!*

Sem pensar, Astarte se jogou rente ao chão, os braços protegendo o rosto. O humano ruivo largou as armas que carregava, meteu as mãos em seu casaco e fez surgir mais explosivos. Jogou-os num leque, e as coisas estouraram em clarões e estampidos ao mesmo tempo, desorientando os inimigos.



Não foi preciso comunicação; Felix saltou à frente, puxando a submetralhadora dos recônditos de sua jaqueta. Astarte se ergueu, ficou de costas para ele, arco retesado.

E começou a matança.

Felix mantinha o dedo no gatilho, as rajadas atingindo os elfos deformados, que pulavam, brandindo suas facas. Astarte puxava flechas e disparava, com velocidade que o olho humano não conseguia acompanhar. Acertava as testas, pescoços, estômagos das versões malformadas de si mesmo, sentia como se ele próprio morresse a cada acerto. Os dois giraram assim, costas com costas, num círculo de morticínio, mas os mercenários de preto haviam pulado para encontrar segurança em meio a escombros.

– Diga para ele pegar o janota! – gritou Felix.

– Astarte, lute com Emanuel! – Nicole gritou em quenya.

Felix abaixou-se no segundo exato, antes que uma rajada dos homens de preto acertasse-o. Deu um bote em direção a uma pilha de pedregulhos, encontrando ali abrigo. Ergueu-se dez centímetros, vendo o capacete negro de um deles surgir do outro lado, e achou que o tiro valeria a pena. Sacou uma pistola e acertou em cheio o visor.

Felix Kowalski sabia que não iria matá-lo daquele jeito. Mas o vidro se espatifou, revelando um crânio descarnado. Nenhum ferimento – uma caveira sob o capacete. Um cadáver que de alguma forma vivia.

– São eles!

O morto-vivo emitiu um guincho, seus dentes sem gengivas mostrando-se num riso tétrico. Rolou pelo chão, com rapidez e furtividade, tentando alcançar Felix pelo flanco. Chegou ao abrigo do ruivo e encontrou-o vazio.

Felix arrastara-se em silêncio até os escombros que escondiam outro de seus ex-colegas. Pegou-o desprevenido, por trás, e cortou seu pescoço com a faca de combate. A cabeça envolta no capacete negro pendeu, mas o morto-vivo

continuou se movendo. Puxou sua própria lâmina e atacou. Felix mexeu em qualquer coisa no uniforme do inimigo e correu, atravessando o templo e sendo perseguido por rajadas de fuzil.

Astarte disparou uma flecha; Emanuel cortou-a no ar.

– Sou o Dragão! – urrou Montague. – Nem mesmo você pode me vencer, Astarte!

Escondido entre destroços, Salomão Manzini murmurou:

– Não, ainda não é. Ainda não possui a máscara.

Emanuel saltou, de espada em punho. Três elfos deformados em seus flancos. Astarte recuou de um pulo, varou a traqueia de um deles com uma flechada rápida, esquivou-se do segundo e do terceiro. Bloqueou a espada de Emanuel com o arco.

– Belo truque – disse o humano. – Quantas vezes consegue fazer?

Astarte saltou sobre as cabeças dos inimigos, puxou uma nova flecha e disparou no olho esquerdo de um dos elfos. Só tinha mais duas. Emanuel atacou, um corte longo, e o príncipe não quis arriscar o arco. Não sabia se a madeira resistiria a mais um golpe; sacou uma de suas espadas e aparou.

Largou a arma; antes que ela caísse, usou sua penúltima flecha para atravessar o peito do último elfo inimigo. Contudo, enquanto se virava, sentiu a fisgada da lâmina.

Emanuel Montague fizera-lhe um corte fundo na omoplata. O sangue élfico jorrou farto. Astarte esquivou-se para a direita e para a esquerda. Retesou a corda, mas as costas doeram com a ferida, ele estremeceu e hesitou quase um segundo. Emanuel segurou a espada com as duas mãos e girou o corpo, cortando a corda do arco.

Então estocou; Astarte dançou para o lado. Sacou sua segunda espada, bloqueou uma, duas, três vezes os golpes de Emanuel. Girou a arma e cravou sua ponta no peito do inimigo, mas não era um ferimento de morte. Ambos recuaram.

– Fuja conosco! – gritou Nicole, em élfico.

Astarte saltou para um túnel, por onde Felix e a garota já sumiam. Virar as costas gerou uma distração minúscula, e Emanuel aproveitou para cortar-lhe o flanco. Astarte cambaleou, mas sentiu uma mão pequena sob sua axila. Nicole grunhiu de esforço ao puxá-lo, e o templo explodiu mais uma vez.

Felix não conseguiria enfrentar sozinho seus ex-colegas, principalmente transformados em mortos-vivos. Mas era capaz de acionar todas as granadas de um deles.

Os três correram pelo túnel, aliados instantâneos, enquanto fogo, estilhaços, escombros, fumaça e poeira tomavam a caverna.



Atravessaram os túneis, emergiram no porão. Cruzaram-no e alcançaram a sala da casa dos Manzini. Astarte sangrava por inúmeros ferimentos. Não fora atingido por nenhum tiro em cheio, mas as balas haviam raspado sua pele diversas vezes. Estilhaços de granadas também, além da lâmina de Emanuel Montague. O príncipe deixava um rastro vermelho por onde passava. Quando eles ganharam a sala de estar, suas pernas fraquejaram, e Felix teve de sustentá-lo.

– Diga para o seu amigo que não podemos ficar aqui.

– O que *mais* vai acontecer?

– Aqueles eram meus irmãos de armas, Nicole. Mercenários de uma companhia chamada Gladius, os melhores do mundo. Se nem a morte impediu-os de continuar lutando, ainda estão no nosso encalço.

– O que vai acontecer, Felix?

– O que vem acontecendo desde o começo.

Sem perder tempo procurando uma chave, Felix pôs abaixo a porta da frente com um chute poderoso. Nicole amparou Astarte, mas o elfo já se recuperava. Conseguiu correr, embora não tão rápido. Mal eles emergiram no pátio, puderam ouvir o som da correria no porão.

– Eles estão vivos! – disse Nicole.

– Ou quase.

– Não desistem!

– Não. Nunca.

Ela olhou para trás. Dois soldados de preto estavam lá e atiraram neles. Para seu horror, também Emanuel Montague e Salomão. Ela estava certa de que as explosões deveriam ter matado pelo menos quem ainda era humano. Mas algo parecia protegê-los no templo. Quatro elfos deformados. Então mais e mais inimigos, mais e mais armas: os guardas que haviam ficado para trás enxameavam para fora do porão.

– Dirija! – gritou Felix, jogando para ela a chave da caminhonete.

Sem questionar, Nicole agarrou o objeto. Abriu a porta do carro, empurrou Astarte para o banco do passageiro, deu a partida. O ruivo jogou-se no banco de trás, começou a mexer em alguma coisa embaixo, abaixou o encosto até que

ficasse na horizontal.

Quando a caminhonete começou a andar, os tiros de fuzil quebraram o vidro traseiro. Emanuel, Salomão, os elfos e dezenas de soldados estavam do lado de fora da mansão, outros tantos ainda lá dentro.

– Desculpe, compro outra para você – disse Felix.

– O quê?

O bigodudo puxou uma caixa metálica de dentro da jaqueta, esticou uma antena, apertou um botão.

Com um estrondo monumental, o casarão dos Manzini explodiu numa imensa bola de fogo.

Isso cuidava dos inimigos lá dentro, mas havia muito mais do lado de fora – e também Emanuel, Salomão, os mortos-vivos, os elfos. Felix terminou de mexer no que quer que fosse no banco traseiro. Com alguns cliques, estava montado um tripé metálico.

Sobre o tripé, uma metralhadora giratória, que ele e outros apreciadores chamavam de minigun. O mercenário apontou-a pelo vidro traseiro estilhaçado e sorriu.

– Dirija! – gritou Felix.

Ela acelerou. O motor da arma foi acionado, ele apertou o gatilho. Os vários canos paralelos da metralhadora giraram, e produziram um brilho que parecia chama. Três a quatro mil tiros por minuto encontraram os guardas remanescentes. Felix mirou nos mortos-vivos, e até mesmo suas armaduras se esfacelaram diante da arma. Os elfos emergiram das chamas da mansão, apenas para morrer ante a torrente de balas. Nicole dobrou uma esquina, os pneus guinchando contra o asfalto, antes que o ruivo pudesse alvejar Emanuel ou Salomão.

Ele largou a minigun. Os canos brilhavam com o calor dos disparos. Ele mesmo sentia-se tremer pela vibração. Suava em compaixão pelo metal aquecido.

– Eu sabia que você iria me levar aos meus colegas, Nicole!

– Estou louca.

– Você foi ótima!

– Para onde, Felix?

O ruivo deu de ombros.

Ela virou-se para o elfo:

– Para onde? – em quenya.

Astarte olhou-a de volta.

– Para onde você quiser.
Nicole acelerou mais.

PARTE II
Através do labirinto

Capítulo 13
Dinastia

ANTES.

Emanuel Montague mantinha-se a par de suas responsabilidades, minuto a minuto. O celular informava variações notáveis nas ações da Strauss S.A., vibrava com e-mails importantes e as ligações que seus assistentes julgavam merecedoras de atenção. Um segundo aparelho era usado apenas para o Projeto Adônis – permitia que ele acessasse as leituras e dados de Astarte em tempo real, transmissão contínua de vídeos do quarto-cela e comunicação instantânea com a equipe. Havia dispositivos redundantes para contingências.

Havia em sua casa uma sala repleta de monitores – exibiam o que as câmeras no laboratório filmavam, além das imagens capturadas por câmeras secretas, instaladas nas casas de pessoas que ele considerava dignas de vigilância. Isso incluía os cientistas, os Strauss mais importantes, o prefeito, o delegado, o diretor do manicômio. Também seu irmão, Abel Montague – a tela mostrava agora um apartamento vazio, pois o rapaz estava preso. Emanuel já dera ordem para que câmeras fossem instaladas no casarão dos Manzini. Após saber que Nicole voltara a Santo Ossário, fizera questão de ter contato com ela. O histórico da garota lembrava alguém importante do passado secreto da cidade.

A sala de vigilância conectava-se a um aposento destinado apenas a abrigar os computadores que armazenavam todos esses dados. Ambas refrigeradas ao ponto do desconforto. Inúmeros discos rígidos continham a vida particular e os segredos de alguns dos mais notáveis em Santo Ossário.

Emanuel checou a transmissão do laboratório – Trevor Abassian e Johan Steinschmidt estavam de plantão naquela noite; vigiariam o príncipe e garantiriam que nada desse errado. O jovem matemático era um dos irmãos mais dedicados. Emanuel sabia que podia confiar nele.

Por isso, fechou a porta da sala de vigilância. A entrada da ala ficava escondida atrás da estante falsa. Fez algo que não fazia há anos: desligou os celulares.

Foi uma sensação estranha. Quando o último aparelho apagou-se, Emanuel teve a impressão de estar cego e surdo, de que o mundo lá fora poderia estar desabando, e ele nada poderia fazer. Estava acostumado a dormir duas ou três horas por noite, resolvendo problemas em Santo Ossário e no resto do mundo, atendendo a pessoas em todos os fusos horários. Mesmo o pouco tempo de sono irritava-o, estar inconsciente enquanto a vida corria em algum lugar do planeta dava uma sensação de impotência. Mais de uma vez demitiu funcionários que não o tinham acordado ao menor sinal de problemas.

E agora estava incomunicável.

Perambulou pela casa enorme, cruzando com os empregados em suas tarefas automáticas. No início daquele dia realizara o ritual que anulava suas mentes, sempre necessário durante as ocasiões mais importantes. Assim eles continuavam desempenhando suas funções, mas sem notar ou lembrar qualquer coisa ao redor, como sonâmbulos. Deixava-os dóceis para serem trancados nos quartos. Transformava-os em perfeitos servos, sem insolência e sem questionamento, sem voz e sem mente.

Com os empregados em transe e os celulares desligados, Emanuel Montague estava sozinho.

Mantivera-se em contato com todos os setores importantes enquanto se arrumava para a noite. Escolhera as roupas, tomara banho, passara produtos esfoliantes e hidratantes. Cortara e lixara as unhas, escanhoara o rosto, escovara os dentes, retirara com uma pinça fios de suas sobrancelhas. Pingara gotas de perfume, vestira-se com esmero, penteara os cabelos e moldara-os até atingir a forma desejada. O procedimento meticuloso fora interrompido por várias ligações feitas por seus funcionários para passar relatórios, atualizações de diversos projetos e garantias de que tudo corria bem. Ótimo – aquele era o tempo para interrupções.

Porque mais tarde ele desligou os celulares.

E agora estava sozinho.

Por pouco tempo: o sistema de comunicação interno informou que os convidados haviam chegado. Ele sentiu o coração acelerar, apesar de si mesmo. Tocou a faca dentro do paletó, conferiu o cubo de pedra em um cômodo escondido.

Então deu-lhes as boas-vindas.



Uma empregada de uniforme serviu as entradas. Os convidados sorriam, faziam comentários elogiosos. Quando todos os pratos estavam dispostos, as taças foram preenchidas e os criados se afastaram; era hora de tratar do verdadeiro assunto.

– Pensei que fôssemos ver resultados hoje, Emanuel – disse Dietrich Strauss.

Dietrich era parte da velha guarda da família, um dos diretores mais antigos. Ostentava a marca dos patriarcas: nome alemão. Embora os Strauss mais novos tivessem nomes brasileiros, as gerações anteriores mantinham os dois pés fincados na Europa. Dietrich era um dos Strauss mais temidos, um líder entre os seus. O comentário gerou acenos de cabeça dos demais convivas. As esposas mantiveram-se caladas, olhando para a comida.

– Se comer tudo, ganha sobremesa – respondeu Montague.

Dietrich Strauss ficou paralisado. A cor do rosto contou a história de sua indignação: primeiro lívido, depois róseo, como um termômetro que se aproximasse do fogo. Pousou o garfo com delicadeza agressiva, limpou os lábios no guardanapo de pano, inspirou para esmagar aquele pirralho.

E sua esposa começou a rir.

– Desculpe, querido – ela escondia a boca. – Desculpe, mas você tem que admitir – e o humor não deixou que continuasse.

– Você sempre disse isso para mim, pai – falou Augusto Strauss, num deboche bondoso.

Logo, a mesa inteira ria. Irmãos de Dietrich Strauss, sobrinhos, seu filho. Até seu tio, o único sobrevivente da geração anterior a ele mesmo. Emanuel Montague apenas sorria. Por fim, o alvo da piada se rendeu. Impossível permanecer carrancudo.

– Com toda a seriedade – disse Emanuel, desfazendo o sorriso –, mostrarei tudo após o jantar. A não ser que o senhor prefira...

– Não, vamos comer – disse Dietrich. Mal conseguia lembrar a irritação de segundos atrás.

A sopa foi servida.

– Mas você tem que admitir que é um tremendo voto de confiança – disse Dênis Strauss, um dos mais jovens membros do Conselho Administrativo. – Os contadores fazem malabarismos para explicar o sumiço dos bilhões destinados ao projeto.

– É um voto de confiança extraordinário – concordou Emanuel.

– E até agora o Projeto Adônis não mostrou quaisquer resultados.

– Eu poderia argumentar que a captação da equipe e sua retirada do quadro de

nossos concorrentes já é um resultado. Mas não vou profanar o momento com isso. Afinal, o Projeto Adônis é mais do que mero dinheiro, senhores.

– Se quiséssemos apenas dinheiro, poderíamos estar todos aposentados – concordou outro Strauss.

– Poder também é secundário – disse Emanuel. – Se o objetivo da família Strauss fosse poder, não haveria problema em comprar o Congresso inteiro, o Senado, a presidência da República.

Silêncio momentâneo. No início da década de 90, o nome Strauss foi cogitado para a presidência. A candidatura seria simbólica – a vitória era garantida. Durante a ditadura militar, vários Strauss ocuparam cargos importantes nos mais altos escalões. Alguns membros da família comentavam que sua atual ausência na política era sinal de complacência, preguiça.

– Acho que você não deveria fazer suposições sobre os objetivos de uma família que não é sua, Montague – disse Heinrich Strauss, outro dos mais antigos.

– De fato, não posso presumir qualquer conhecimento, a menos que tenha o sobrenome – ao dizer isso, pousou os olhos sobre a única moça solteira à mesa.

Mauren Strauss tinha vinte e poucos anos. Desde o início da adolescência era moldada por Emanuel Montague, sem saber. Todos os seus namoros haviam acabado em desastre. Há alguns meses, a família arranjou para ela um noivado, mas o pretendente viu-se envolvido em um escândalo e tudo foi cancelado antes de acontecer. Assim, a herdeira continuava disponível. Ao notar o olhar de Emanuel, ela abaixou o rosto e corou. Montague já perdera a conta do número de rituais realizados ao longo dos anos para obter e manter a paixão da garota.

Aquela noite destinava-se a mais do que calar as reclamações do Conselho Administrativo da Strauss S.A.

Aquela noite decidiria o futuro.

– Os bilhões não importam, não é mesmo, senhores? – disse o anfitrião, enquanto o prato principal era servido. – O poder não importa. Talvez eu não possa fazer suposições sobre os objetivos dos Strauss. Mas conheço a história da família.

Ninguém respondeu.

– Lembram-se de *por que* seus antepassados vieram a este continente?

– Nenhum Strauss se esquece de onde veio – falou Dietrich.

– Perdoe-me, mas eu discordo.

Ninguém estava comendo.

– Quais foram os grandes atos de devoção dos Strauss nas últimas décadas? –

insistiu Emanuel.

– Não questione nossa lealdade, Montague – Dietrich advertiu. – Um Strauss é um Strauss, mas você sempre pode ser demitido.

– A última tentativa séria de trazer Arcádia à Terra partiu de um louco que nem mesmo conhecia o nome de nossa Rainha. Um louco, ressalto, sem *qualquer* ligação com os Strauss. Como o senhor explica que Salomão Manzini tenha sido mais dedicado que todas as últimas gerações dos fundadores da cidade?

– Manzini nunca foi sério.

– Mas obteve mais sucesso que os senhores – Emanuel tinha expressão inflexível.

– Gosta desta casa, Montague? Você pode perdê-la.

– Gosto, mas não me importo de perdê-la. Contudo, acho que o senhor gosta demais de sua própria casa. Gosta muito de dinheiro, de conforto mundano, e teme perdê-los no cumprimento do dever.

– Basta! Seu projeto...

– Ele tem razão, pai – cortou Augusto Strauss.

A mesa inteira voltou-se para o rapaz.

– Desde criança aprendi que nossa família veio a esta terra por uma razão específica. E nunca vi ninguém dedicar-se a esta razão, com exceção de Emanuel Montague.

Dietrich ficou encarando o filho.

– Você ainda é muito jovem – disse, por fim.

– O senhor realmente acha que pode se comparar a Wolfgang Strauss? A Florian Strauss? A Leonhard Strauss, o Dragão?

– Ninguém deve se comparar a eles. São nossos heróis.

– *Errado!* – Augusto bateu com o punho na mesa, fazendo vibrar as taças. – Ao menos um Strauss por geração *deveria* comparar-se a eles.

Emanuel controlou-se para não sorrir. O garoto era um fantoche. Ele quase podia predizer as palavras exatas que sairiam de sua boca.

– Quem foi o último Dragão, pai? Quem foi o mais recente sucessor de Leonhard Strauss?

– Salomão Manzini foi um acaso.

– Salomão Manzini foi o cavaleiro da Rainha, porque nenhum Strauss mostrou-se digno! E isso foi há mais de vinte anos. Por acaso o senhor já encontrou a máscara de ouro? Algum de meus tios? Meus primos, talvez?

– A máscara irá se mostrar quando for necessário.

– Ou quando alguém estiver à altura. Posso apenas afirmar que *eu* não recebi nenhum sinal, não tenho qualquer pista. Não contem *comigo* para ser o Dragão, pois não conto com nenhum de vocês!

Mais um prato foi servido.

– Esqueça a máscara de ouro – disse Augusto Strauss, depois de dois minutos de silêncio. – Alguém ao menos sabe onde está a espada?

Como se pudesse ouvir a conversa, a faca dentro do paletó de Emanuel estremeceu. Mas ele sabia que ainda não era hora: interrompeu a discussão antes que alguém respondesse.

– O Projeto Adônis resolverá tudo isso, meus senhores – disse.

Comiam e olhavam para ele. Augusto Strauss parecia haver esquecido a raiva momentânea, e agora dedicava-se à perdiz no prato. Mauren quase não tocava na comida.

– Criando um elfo, você revelará o próximo Dragão? – disse Wilhelm Strauss, que até então estivera calado.

Emanuel sentiu a raiva subir, como um líquido que fervesse do peito à cabeça. Aquele homem falava do príncipe como se conversasse sobre um novo produto. Falava da volta do Dragão como uma meta de lucros a ser atingida no próximo trimestre. Se havia necessidade de mais provas, ali estava: os Strauss tinham perdido a reverência. Cabia a ele tomar as rédeas. Deixados sozinhos, nunca iriam trazer Arcádia.

– Revelar o Dragão é secundário – disse, controlando-se. – Criamos em laboratório Astarte, o príncipe dos elfos. Seguimos as fórmulas e enigmas revelados pela Rainha. Isto, por si só, já é maior que qualquer coisa nos últimos três séculos.

– O príncipe está pronto?

– Quase. Ainda está parcialmente em Arcádia. Iremos despertá-lo quando a Rainha enviar um sinal.

– Muito tempo e dinheiro gastos em algo que nem ao menos pudemos ver, Emanuel.

– Verão hoje.

Todos pararam de mastigar.

– Hoje?

– Não o príncipe. Ele ainda está desacordado. Mas talvez algo ainda mais extraordinário. Algo que me foi revelado pela Rainha, na própria Fortaleza de Aubeleine.

Mais uma vez, Emanuel controlou-se para não demonstrar indignação. Uma

das esposas dos Strauss nem mesmo sabia o que era a Fortaleza de Aubeleine. Seu marido esclareceu em sussurros: o nome verdadeiro da Fortaleza da Memória. Há gerações os Strauss estavam se degenerando; talvez os mais jovens nem fossem capazes de recitar os nomes dos heróis que tomaram a fortaleza. Talvez nem mesmo conhecessem a história secreta de Santo Ossário.

– Fale com clareza, Montague – disse Dietrich.

– Muito bem. Digamos que os Strauss fossem mais uma vez chamados ao serviço da Rainha, como aconteceu há mais de trezentos anos. Digamos que mais uma vez precisassem liderar um exército e exterminar infiéis que estivessem ocupando nosso solo sagrado. O que aconteceria?

– Lutaríamos e honraríamos os heróis! – O mais velho dos Strauss, único sobrevivente da geração anterior a Dietrich, ergueu o punho. Então desfez-se num acesso de tosse.

Emanuel raciocinou que talvez *aquele* homem realmente estivesse disposto a lutar. Afinal, lutara na Segunda Guerra Mundial, fora oficial da SS nazista. Mas e quanto aos outros?

– Por acaso algum dos senhores teria poder para enfrentar monges treinados nas disciplinas élficas?

– Hoje em dia temos armamento pesado – retrucou Dietrich. – Fuzis, bombas...

– Será que fuzis e bombas podem fazer frente a um verdadeiro arqueiro élfico? A alguém capaz de executar as Formas Sublimes? Não esqueçamos que foi *isso* que Leonhard Strauss enfrentou. E triunfou. Há quantas gerações não existe um Strauss treinado nas artes guerreiras de Arcádia?

Os pratos foram recolhidos, a sobremesa foi servida. A mousse era consumida em um silêncio tenso, de antecipação.

– Vai nos inscrever numa academia élfica, Montague? – Augusto Strauss quebrou a tensão com uma piada.

– Não é preciso. – Emanuel engoliu uma colherada de doce. – Afinal, Salomão Manzini aprendeu a lutar apenas abrindo-se à devoção.

– Manzini nunca dominou as disciplinas plenamente – retrucou Heinrich Strauss.

– De fato. Mas ele era louco e ignorante. Vamos. – Pousou a colher. Todos já haviam acabado de comer. – Irei lhes mostrar as possibilidades que existem para um verdadeiro servo, racional e estudioso.

Os Strauss ergueram-se ao mesmo tempo. O mais velho estava preso à cadeira de rodas, mas manobrou para se afastar da mesa.

– A menos que desejem primeiro um café, um licor, um charuto.

Todos recusaram.



Emanuel Montague liderou o caminho. Morava em uma mansão luxuosa com diversas alas, um espaço aparentemente sem propósito para um homem solteiro. Havia escritórios, biblioteca, adega, jardim interno, salas de jantar e de estar para ocasiões distintas – além das suítes, das dependências de empregados e das áreas ocultas. Contudo, os Strauss viviam em sítios e palacetes. Apenas dois andares pareciam-lhes uma miséria, um ambiente apertado. A inexistência de quadras de tênis, piscinas olímpicas e saunas deixava bem clara a inferioridade de Montague, apenas por se chamar Montague – não Strauss.

Mas todos estavam fascinados.

Porque, enquanto Emanuel liderava o caminho, eles passavam por reproduções de obras famosas nas paredes.

– É meu favorito! – exclamou uma das esposas.

A arte que decorava a casa de Emanuel impressionava todos. Havia esculturas de grandes artistas contemporâneos do Brasil e do exterior, os favoritos dos convidados. Os mais velhos torciam o nariz, mas então eram saudados por reproduções mais a seu gosto. Mauren Strauss deteve-se frente a um quadro.

– É uma reprodução de Mucha! – alegrou-se.

– Não – corrigiu Emanuel.

A garota franziu o cenho, mas então:

– É um original.

Mauren arregalou os olhos. Ali estava um original de Alphonse Mucha, seu artista favorito, na casa daquele homem extraordinário. Mesmo com toda a riqueza, os Strauss não tinham acesso àquilo.

Passaram pela biblioteca, onde estava aberta uma primeira edição do livro favorito de Dietrich Strauss. O sistema de som fora deixado ligado por descuido, e tocava a sinfonia favorita de Wilhelm Strauss. Os cheiros da casa eram perfeitos: limpeza, colônia, cachimbo, madeira. Os visitantes começavam a se sentir intoxicados naquele ambiente onde tudo era como eles gostavam, onde cada detalhe fazia questão de agradar.

Os Strauss sorriam, sem perceber.

– Senhores, permitam que lhes mostre algo que ninguém mais conhece. Este é meu santuário, por assim dizer – deu de ombros, debochando de si mesmo.

– Todo homem precisa de uma caverna – riu Dietrich Strauss, já esquecido dos conflitos menos de uma hora atrás.

– Bem-vindos a meu templo particular.

Abriu a porta. De imediato, eles foram banhados por uma golfada de ar quente e úmido, como se entrassem numa selva. O cheiro de plantas e terra era forte, e ouvia-se o som tênue de um córrego. Os Strauss se entreolharam.

Conduzidos por um gesto de Emanuel, eles seguiram por um corredor escuro. Num contraste marcante com o luxo urbano da casa, o ambiente foi iluminado por archotes que Montague acendia de tempos em tempos. Após alguns metros pelo caminho, os sapatos dos visitantes começaram a chapinhar em água empoçada. O calor e o cheiro de floresta aumentaram, a eles juntou-se o zumbido de insetos.

Então chegaram à sala principal, e mal acreditavam estar no mesmo mundo.

Era mais que um jardim interno: como uma floresta inteira no interior da casa. Vegetação de todos os tipos, contradizendo o ambiente onde estavam, e um córrego realmente cortava o aposento. No centro de tudo, um pequeno lago, alimentado pela corrente. As flores cresciam à altura dos ombros, as gavinhas emaranhavam-se, ameaçando enredar os passantes. Tinha-se a impressão de estar mesmo nos ermos, mas então notava-se as paredes rústicas.

Eram de pedra bruta, e estavam cobertas de desenhos intrincados. Padrões labirínticos, símbolos ritualísticos.

Os Strauss estavam em um local sagrado da Rainha da Beleza.

– Por favor – disse Emanuel –, vistam os mantos e acompanhem-me em uma cerimônia.

Com efeito, havia diversos mantos pendurados em galhos. Alguns Strauss obedeceram sem pensar, mas Dietrich cortou:

– É isso que desejava nos mostrar, Emanuel? – disse. – Uma simples cerimônia? Não faz um ano desde que fizemos algo semelhante.

O desdém provocou ânsia, mas Emanuel de novo se conteve. O velho falava em *um ano* sem uma cerimônia. Ele se considerava relapso quando passava *uma semana* sem um ritual à Rainha.

– Sim, é especial, Dietrich.

O tratamento pelo primeiro nome deixou o homem desconcertado.

Emanuel Montague estendeu a mão para Mauren. Ela caminhou até ele, ante o olhar de sua família, sem se preocupar com o que diriam. Os demais, na falta de uma ordem em contrário, apanharam os mantos e vestiram-nos. Alguém ajudou o velho Strauss confinado à cadeira de rodas. Dietrich foi o último, mas

obedeceu.

Emanuel e Mauren eram os únicos que não vestiam as roupas cerimoniais. Isso tornava-os superiores, de alguma forma. Os Strauss fizeram um círculo em volta do pequeno lago, seguindo o protocolo normal dos ritos. Emanuel retirou um cálice de ouro de dentro de um tronco oco e encheu-o com a água do córrego. Passou-o de mão em mão, para que cada um tomasse um gole.

– Você não – quando Mauren fez menção de beber.

O perfume das flores tornava-se mais forte. Os Strauss ficavam mais maleáveis. Quando Emanuel ergueu as mãos e começou a entoar os cânticos, todos acompanharam-no.

As linhas dos labirintos nas paredes começaram a brilhar de leve. O ar ficou mais denso com pólen. As folhas e gavinhas moveram-se espontaneamente.

Mauren Strauss tomou a mão de Emanuel.

Ele então explorou as profundezas do paletó, e de lá surgiu a faca.

Um engasgo coletivo.

– Esta é... – Dietrich Strauss não conseguiu completar.

Emanuel guiou a mão de Mauren até o cabo da arma. Segurou-a junto com a moça, dedos sobre dedos. Então o objeto transformou-se. Não era mais uma faca – era uma espada.

– A espada do Dragão – disse Augusto, com reverência.

– Onde ela estava? – perguntou Heinrich.

– Num antiquário – disse Emanuel, com simplicidade. Só parecia ter atenção para Mauren.

Explicou a trajetória da arma: recolhida como evidência pela polícia durante a captura de Salomão Manzini, fora perdida devido a um erro de catalogação. Roubada por um policial endividado com traficantes de drogas, entregue aos criminosos como pagamento. Então roubada de novo por um dos traficantes, que se mudara para outro estado. Dada como presente de casamento, deixada de lado numa mudança, enviada para o endereço errado, enfim voltara a Santo Ossário, onde se misturou com as tranqueiras de uma velha senhora que falecera. Foi vendida a uma loja de antiguidades. Emanuel encontrou-a por acaso.

Como deveria ser.

– A espada desejava ser encontrada – disse Dietrich.

– Por mim.

Mauren Strauss agarrava forte o cabo, junto com as mãos do anfitrião.

Emanuel começou a realizar as Formas Sublimes, guiando os braços e o corpo da jovem. Ela de início tentou imitá-lo, mas então foi tomada pela energia de

Arcádia que fluía durante o ritual. Como se perdesse o controle dos próprios movimentos, executava as posições e a coreografia da luta com perfeição, sem notar.

Os Strauss sentiam o poder naquilo. Vários ajoelharam-se.

– Mauren se abre à Rainha – disse Emanuel. – É a verdadeira devoção.

Os labirintos e diagramas desenhados nas paredes se agitaram, ressoaram, rearranjaram-se. Todos ali notaram a presença poderosa, a impressão de beleza, o cheiro de flores. Arcádia estava próxima.

– Mas tenho outra coisa a lhes mostrar.

Deixou Mauren no êxtase das Formas Sublimes, esquecida de si mesma, como um autômato. Desvencilhou-se dela e enfiou a mão no tronco de outra árvore. Retirou de lá o cubo de pedra.

– O que é isso? – Dietrich Strauss aproximou-se um passo.

– Algo que estava esquecido, por nosso desleixo. Mas voltou a mim. Veja; o que acha que é?

Mesmo de longe, o cubo mostrava-se muito nítido à visão, como se fosse um pouco mais real que o ambiente ao redor. Cada linha e reentrância era claramente visível. Sem sombra de dúvida, um quebra-cabeças.

Emanuel Montague começou a torcer e puxar os lados do cubo, fazendo as partes se moverem e girarem, desencaixarem-se e voltarem a se encaixar de formas diferentes. Então, com um movimento derradeiro, solucionou o quebra-cabeças. A sala foi tomada por luz dourada, cada linha dos labirintos e diagramas brilhando nas paredes. O perfume dominou o olfato.

O clarão se desfez, e todos viram que uma nova árvore florida havia brotado. Nascera ao redor do corpo de Dietrich Strauss, prendendo-o, amarrando-o como grilhões de madeira. O homem tentou se debater, mas seus parentes olhavam sem reação.

As novas flores se abriram, liberando uma espessa nuvem de pólen. Os Strauss inspiraram aquilo com sofreguidão.

– Vocês são patéticos! – trovejou Emanuel Montague. – Deixaram tanto conhecimento se perder. Os Strauss criaram Santo Ossário para ser o berço do culto à Rainha, e vocês nem mesmo eram capazes de *identificar* o Dragão! Esperavam pela espada e pela máscara, e nem ao menos sabiam que os objetos são *três!*

Sentia-se enojado. Ele mesmo não sabia, até pouco tempo atrás. O último homem considerado um Dragão, Salomão Manzini, não possuíra o cubo. Não fora, afinal, um Dragão verdadeiro. Sua derrota, seu domínio falho das

disciplinas élficas – tudo explicado. Ele *não era* um cavaleiro da Rainha. Mas as doutrinas estavam tão esquecidas que todos *achavam* que fosse.

Os Strauss não eram mais aptos a liderar o culto. Havia apenas uma pessoa capaz de fazer isso.

– Não serei presunçoso – disse Emanuel para os convidados em transe. – Não direi que já sou o Dragão. Mas irei me esforçar para completar a transformação.

Falou uma palavra no idioma élfico para Mauren Strauss. A garota aproximou-se de Dietrich, hipnotizada. Encostou a lâmina em seu pescoço.

– Você é uma erva daninha – disse Emanuel, para o homem aprisionado. – Não merece ser morto por mim.

Então, com um movimento rápido, Mauren matou-o.

O sangue escorreu em padrões ritualísticos, obedecendo às energias que dominavam o ambiente. Emanuel tomou a espada das mãos de Mauren. A garota piscou, como se despertasse.

A sala voltou ao normal, o perfume sufocante deixou o ar. Os desenhos nas paredes pararam de brilhar. Os Strauss, aos poucos, começaram a se erguer. Lá estava o corpo de um dos membros do Conselho Administrativo. Mas tudo voltara a ser mundano. A espada mais uma vez era uma faca.

Os Strauss miravam Emanuel Montague com orgulho e aprovação.

Ele caminhou até o decano da família, na cadeira de rodas. Ajoelhou-se e falou algo em voz baixa.

– Sim! – respondeu o velho, com entusiasmo. – Sim, é claro, Emanuel! Será uma honra.

Montague se ergueu durante apenas um segundo. Então virou-se para Mauren e voltou a se ajoelhar. Tirou do bolso do paletó uma caixinha preta, que abriu, revelando uma aliança de ouro branco com um enorme diamante.

– Mauren Strauss, quer casar comigo?

Chorando, ela puxou-o para cima, sem nem mesmo deixar que pusesse o anel em seu dedo. Encheu-o de beijos na boca e no rosto, sob os aplausos de todos.

– Bem-vindo à família Strauss, Emanuel.



Depois que os convidados saíram, Mauren permaneceu. Enquanto ela esperava no quarto, Emanuel levou o cadáver para a sala onde deixava os corpos empalhados de suas vítimas.

A sala de troféus.

Enquanto isso, Astarte despertava.

Capítulo 14
Road movie

– Isso tudo é muito poético – disse Felix, depois de uma hora. – Mas, afinal, para onde estamos indo?

Nicole mordeu os lábios. Aumentou ainda mais a velocidade, como se isso atenuasse o problema, em vez de piorá-lo.

Os faróis iluminavam a estrada à frente, ofereciam vislumbres da paisagem dos dois lados. Tudo que se via era campo, pastos, casas ao longe e ocasionais vacas adormecidas. Capões surgindo aqui e ali, e os morros sempre ao fundo. Nicole descera parte da serra onde se localizava Santo Ossário com velocidade alarmante. Diminuíra apenas pela admoestação de Felix, reclamando que despencar para a morte devido a uma curva fechada seria patético.

Só para pisar ainda mais fundo quando alcançaram o próximo trecho plano.

Santo Ossário ficava em meio a serra. Havia cidades mais altas, e a região toda era na verdade um largo platô, possibilitando plantio e pecuária. Eles ainda estavam no mesmo município – a cidade tinha uma área surpreendentemente vasta para a reduzida concentração urbana. Mas já era quase irreconhecível como Santo Ossário: aquele era o domínio de fazendeiros e caminhoneiros, não de turistas ou Strauss.

– Ele está desmaiado? – Felix tentou outra pergunta, já que a primeira não obtivera resposta.

Nicole tirou os olhos da estrada por um momento para examinar Astarte no banco ao lado. O elfo estava sentado com as costas retas, as mãos sobre o colo. Mas de olhos fechados, respiração regular. Não estava amolecido como alguém desmaiado deveria estar, mas também não esboçava qualquer reação desde que trocara a primeira frase com a garota. Bastante ferido, sangrava no estofamento.

– Não sei – disse Nicole. – Não parece. Você acha que eles desmaiam?

– Como assim?

– De acordo com algumas histórias, eles não dormem. Então talvez nem fiquem inconscientes. Talvez...

– “Eles”? – interrompeu Felix.

– Você sabe. Elfos.

De repente ela notou o que estava falando, e deu uma freada brusca. O carro ficou parado no meio da estrada vazia, enquanto ela segurava firme o volante para controlar o tremor. Felix esticou a mão e tocou-a; estava gelada.

– Finalmente percebeu o que está acontecendo, não é?

Nicole ficou muda. Mantinha o olhar à frente, tentando a todo custo não enxergar Astarte. Quando sentiu maior controle das mãos, ergueu a esquerda para bloquear a visão periférica e não ter qualquer vislumbre do elfo.

– Felix, o que é isso? O que está acontecendo? O que é essa coisa ao meu lado?

– Meu palpite é tão bom quanto o seu. Um elfo. Eu não seria capaz de identificá-lo, mas você parece saber bastante sobre esses sujeitos.

– Eu... Eu li alguns livros. Vi alguns filmes. *Porque eles não existem!* – gritou, esmurrando o painel.

– O carro não tem culpa, Nicole. E não adianta esbravejar; temos aqui um enorme par de orelhas que diz que elfos existem, ou pelo menos um deles. Matamos os outros há cerca de duas horas.

– O que está acontecendo, Felix?

– Se eu tivesse de chutar, diria que existe uma conspiração de cultistas adoradores de elfos em Santo Ossário. Mantinham um elfo prisioneiro, mas ele se libertou.

O grandalhão deu de ombros. Dita daquele jeito, parecia a explicação mais simples do mundo. E é claro que fazia sentido, mesmo para Nicole no meio de um ataque de pânico. Era absurdo, era loucura, mas encaixava-se. Algo que Felix lhe dissera antes retumbava em sua cabeça: *a verdade.* A verdade não se importava se você a achasse absurda ou fantasiosa. Ela simplesmente estava lá, jogando na sua cara programas infantis cultistas, discos de heavy metal ao contrário, sacrifícios ritualísticos, mortos-vivos e criaturas míticas. A verdade era um elefante branco sentado bem no meio da sala de visitas, e nunca ficava constrangida.

– Bem, se você está tão incomodada com a existência de elfos, basta continuar parada em choque. Do jeito que seu amigo está sangrando, em breve vai existir um elfo a menos.

O banco do carona, onde Astarte sentava-se, estava ficando empapado. Nicole raciocinou, de modo meio estúpido, que o sangue do elfo era vermelho, assim como o dos humanos. Isso lhe pareceu notável.

– Ele não é meu amigo – ela retrucou, como se despertasse.

– Se você quer deixá-lo morrer, então aconselho abrir a porta e jogá-lo na estrada. Será um motivo a menos para aquele pessoal vir atrás de nós.

Ela abaixou a mão esquerda e forçou-se a olhar para Astarte. Embora quaisquer diferenças físicas fossem sutis, ninguém poderia supor que fosse humano. A postura era digna, ele exalava uma espécie de harmonia e fluidez. Ela se lembrou de seus movimentos durante a luta. Isso levou seus olhos às armas que o elfo carregava: uma espada (a outra se perdera), um arco. Não tinha mais flechas; a aljava estava vazia.

– Não – decretou a garota. – Não vamos deixá-lo morrer.

– É claro que não – Felix sorriu, desarrumando o cabelo dela. – Você não é mau-caráter. Então dirija.

Deixar um elfo morrer seria uma atitude mau-caráter?

Não; deixar uma *pessoa* morrer seria.

Ela dirigiu.



Acharam um paradouro, um lugar no meio da estrada onde pudessem finalmente reabastecer as energias. Felix precisava comprar suprimentos. Quando Nicole encostou, ele desceu do carro e sumiu dentro do prédio.

Ela ficou olhando Astarte. Quase deu um pulo quando ele abriu os olhos.

– Desculpe – disse o elfo, em seu idioma musical.

Nicole, sem perceber, afastava-se dele, encostando-se na porta ao lado.

– Por que está pedindo desculpas? – perguntou a garota.

– É por causa de minha mãe que aquelas pessoas tentaram matá-los.

– Não. É por causa do meu pai.

Ambos se mediram, intrigados.

– Você foi raptada, não?

– Raptada?

– Muitas vezes. Eu vi. Não sabia desses raptos, mas os responsáveis foram meus súditos. Obedecendo à minha mãe e aos meus nobres. Então, mais uma vez, desculpe. Eles não têm o direito de fazer isso com vocês.

Nicole achava conveniente demais. Aquele homem – aquela criatura – estava falando das abduções. Dos médicos esqueletos. Do que havia atormentado-a a vida inteira.

Elfos? Tudo tinha a ver com elfos?

Mas ele pedira desculpas, com humildade desconcertante, então tudo que ela conseguiu dizer foi:

– Obrigada. Não se preocupe, tenho certeza de que não foi sua culpa.

Silêncio. Então Nicole pareceu acordar:

– Não! Espere, chega.

Ele franziu o cenho.

– Estou sentada em um carro cheio de armas com uma criatura que não existe. Quase fui morta por gente que não conheço e por alguém que conheço muito bem. *Não* é hora de trocar amabilidades. Quem é você, afinal?

– Astarte.

Ela balançou a cabeça.

– Certo, eu sabia disso. Sou Nicole.

Ele permaneceu olhando-a.

– O que está acontecendo aqui, Astarte?

– Por onde quer que eu comece?

– Não sei. Você estava desmaiado?

– Acho que não. Estava em transe, tentando me recuperar.

– O que era aquele lugar?

– Um templo, onde sua raça cultua a minha.

– Os humanos cultuam elfos, como se fossem deuses?

– Acho que é mais certo dizer que os elfos forçam os humanos a cultuá-los. De onde eu venho, humanos são escravizados.

Ela tentava encaixar as peças.

– Da forma mais resumida possível – disse Nicole, pausadamente –, o que é tudo isso? O que está acontecendo?

– Quer a verdade, sem meias-palavras?

– Só a verdade, com todas as palavras inteiras.

– Minha mãe, a Rainha de Arcádia, é uma deusa onipotente, cultuada na Terra. Os elfos moldaram a humanidade na forma que é hoje em dia. E estão planejando uma invasão para voltar a este mundo e transformar todos vocês em servos.

Ela piscou. Havia pedido que o elfo lhe contasse a verdade, curta e grossa. Sem dúvida fora atendida.



A parada contava com um posto de gasolina, espaço para caminhões e ônibus

estacionarem, restaurante, banca de jornal, farmácia e loja de conveniência. Era, na verdade, a evolução e expansão de uma ancestral venda de beira de estrada, um armazém que abastecera viajantes em uma época em que eles ainda se deslocavam a cavalo. No início, era como uma estalagem medieval – atendida pela família de donos, batia-se na porta e o patriarca ou sua mulher acordavam, recebiam o visitante, cuidavam dos animais, ofereciam-lhe uma cama em um quarto comunal. Vendiam carne seca, cereais a granel, utilidades para jornadas longas. Hoje em dia, o espírito da estalagem permanecia, sob um letreiro luminoso divulgando uma marca de refrigerante. A mesma família ainda atendia no paradouro, tratando motoristas com a mesma deferência com que seus ancestrais atendiam tropeiros em infindáveis viagens no lombo de cavalos.

Felix entrou no estabelecimento, confiando na jaqueta pesada para esconder o estado lastimável das roupas. Sabia que seu rosto apresentava alguns machucados, mas esperava que isso não chamasse atenção demais. O ambiente tinha forte iluminação. Ele logo deparou-se com um largo balcão em forma de U, onde dois ou três caminhoneiros sentavam-se, bebendo café e mastigando sanduíches. Ao fundo, um cartaz negro escrito a giz anunciava os lanches disponíveis e seus respectivos preços. À direita, uma divisão para a venda de revistas, brinquedos e suvenires. À esquerda, algumas prateleiras com bolachas, chocolates e salgadinhos, e a pequena farmácia. Felix muniu-se de uma cesta plástica e começou a enchê-la com tudo de que precisava. Algumas barras de chocolate, alimentos que não estragariam com facilidade. Ataduras, esparadrapo, mercúrio, gaze, agulha e linha, pilhas alcalinas, água mineral. Precisariam também de roupas, pelo menos para o elfo. Felix escolheu um casaco com capuz, que com sorte esconderia as orelhas. A estampa exibia palavras em inglês gramaticalmente sofrível. Também tênis baratos e meias. Astarte não seria um ser mitológico muito elegante, mas também não estaria seminu.

Enquanto circulava pelo paradouro, Felix viu dois pequenos grupos. O primeiro composto de três pessoas: um casal idoso e um jovem muito alto e forte, com cara de parvo. Seu olhar perdido sugeria que estivesse em um transe tão profundo quanto Astarte, no carro. A senhora de cabelos brancos enfiava pedaços de pão na boca do rapaz, que mastigava não sem um pouco de incentivo. O segundo grupo compunha-se de apenas dois, em atividade frenética. Auxiliado por um dos funcionários do paradouro, atrás do balcão da farmácia um dos homens fazia um torniquete no pulso do outro. Ele não tinha a mão esquerda, mas estava claro que ela fora decepada há muito tempo – o sangue que brotava do toco era reduzido, eles continham-no com gaze. O maneta, um sujeito

magro vestindo apenas uma jardineira, praguejava contra alguém. O outro falava apenas:

– Calma. Concentre-se. Amanhã vai ser um dia importante.

Felix suspirou. Sabia que, por onde Nicole Manzini passasse, o mundo bizarro ia atrás. Mas esperava ficar de fora daquela história específica, pelo menos.

Dirigiu-se ao caixa e foi atendido por um velho dotado de um imenso bigode grisalho. Aparentemente imune ao frio, usava apenas uma camisa folgada e calças largas, com chinelos de dedo. Começou a passar os produtos pela caixa registradora.

– Para onde está indo? – disse o velho.

– Só dando um passeio.

– Passeio para onde?

– Interessa?

– Seu carro está na miséria.

Felix tentou extrair algo do olhar apertado do patriarca do paradouro. Ele, por sua vez, registrava os produtos com calma milenar, quase agressiva.

– Dizem que houve um tiroteio na cidade – prosseguiu o velho.

Já fomos descobertos, pensou Felix.

– Não fiquei sabendo de nada – sorriu, tentando fingir inocência.

– O senhor não tem nada a ver com essa confusão?

– Eu? Nada.

– Nem esse seu carro a meio caminho do ferro-velho?

– Está falando do vidro traseiro? Foi uma pedrada do meu sobrinho. Ah, as criancinhas, não é mesmo?

– O pessoal daqui não gosta de confusão.

– Eu também odeio confusão.

– Se alguém envolvido nesse tiroteio estivesse aqui esta noite, eu sei exatamente o que diria. “Volte para a cidade, porque hoje não é dia de trazer seus problemas para cá.”

– Se eu encontrar alguém envolvido, darei o recado.

– Se alguém trouxesse a polícia para cá hoje, muita gente ficaria muito incomodada.

– Não gostam de polícia?

– Só hoje.

– E o que há de tão especial hoje?

O velho passou o último produto (uma garrafa de álcool para os ferimentos) e deteve o olhar em Felix.

– Não hoje. Amanhã. Caçada. A polícia vive se intrometendo.

Felix recolheu as compras em sacolas plásticas e andou até o carro. O maneta já fora atendido, e agora jurava vingança contra algo ou alguém.



– Ele acordou! – Felix abriu um largo sorriso por baixo do bigode, depositando as compras no carro. Nicole e Astarte discutiam sobre alguma coisa, naquela língua indecifrável que a garota decifrava sem dificuldade. – Diga que eu falei "bom dia, Astarte".

– Ele disse "bom dia, Astarte".

O elfo deu um meio sorriso bem-humorado.

– E agora é hora de ligar o rádio, mocinha. Acho que estão atrás de nós.

Felix desalojou Astarte, conduzindo-o para o banco traseiro e ordenando que ficasse bem quieto, pois logo iria cuidar de seus ferimentos. Ajustou a sintonia do rádio e captou algo muito diferente de baladas populares ou locutores de fala rápida.

– Isso é a frequência da polícia? – disse Nicole.

Ele assentiu.

Astarte debruçou-se para a frente, continuando a discussão de antes.

– Você não pode pensar isso; é absurdo.

– Agora está me dizendo o que *posso e não posso pensar?* – o idioma élfico não combinava com a indignação na voz da garota.

– Fale mais baixo, Nicole, quero ouvir o rádio – disse Felix. – E dirija.

Ela manobrou e se afastou do paradouro.

– Eles são o *seu povo* – disse Astarte. – E você não quer se envolver!

– Só ouvi você falando mal do *seu povo* até agora, Vossa Majestade Imperial!

– Não sou...

– Está falando em combater elfos e deter elfos e matar elfos, e me contou sobre ter matado um monte de elfos cujos nomes não decorei. E agora quer me dar lição de moral por eu não me importar com aquela cidade?

– Pelo que entendi, eles vão romper a barreira entre os mundos. Sou parte desse plano, de alguma forma. E os humanos serão escravos.

– Se essa gente é estúpida o bastante para cultuar a tal Rainha, então que façam bom proveito! Meu pai, Emanuel Montague, os Strauss, toda Santo Ossário pode se jogar aos pés dos elfos. Não vou perder um minuto de sono.

– Não estamos falando da sua cidade, garota louca! Estamos falando de toda a

Terra!

– Infelizmente, o quenya não possui a palavra para descrever o que eu penso da Terra. Então prepare-se para aprender sua primeira palavra em português, Astarte.

Era um palavrão.

– Isso eu entendi – disse Felix.

– Acha que vale a pena salvar a Terra? – Nicole continuou, desviando os olhos da estrada perigosamente, para encarar o elfo. – A humanidade não é grande coisa. Conheci um punhado de pessoas que prestam, mas são dez ou vinte entre sete bilhões. Se os elfos quiserem vir até aqui e dominar tudo, ótimo! Minha vida não vai piorar muito.

– Você foi raptada pelos duendes – Astarte protestou. – Mais vezes do que qualquer um! Sabe do que Arcádia é capaz! Deseja isso para os outros?

– Os outros nunca se importaram muito comigo.

– Você é uma pessoa horrível.

– Você nem pessoa é!

Nisso, o motor do carro engasgou, tossiu e apagou. A inércia empurrou o veículo mais alguns metros, e então estavam parados.

O silêncio súbito do carro e da discussão ressaltou a voz no rádio: uma central de informações mantinha policiais diversos a par do que ocorria naquela noite comprida. Para surpresa de Nicole, pouco se falava na explosão da casa dos Manzini e no tiroteio. Ressaltava-se um cadáver encontrado na estrada, vitimado por algum tipo de arma perfurante. Era um mendigo que tentava se proteger do frio em um abrigo.

– Não é um dos nossos – falou a garota, em português.

– Não – respondeu Felix. – Pelo que estão dizendo, isso não parece muito ritualístico.

Felix conhecia as bases do culto, que Nicole aprendera na infância. Ela havia lhe dado um relato ligeiro de seus anos em Santo Ossário, das obsessões de seu pai.

– O que houve? – disse Astarte.

– Mais um assassinato. E o carro estragou.

Mesmo sem entender exatamente o que significava, o elfo aceitou que aquele veículo estava sujeito a parar de funcionar.

– Diga para o seu amigo ficar quieto – disse Felix. – Vou consertar ele, depois tentar consertar o carro.

– Ele não é meu amigo.

– Claro que é. Você só discute com seus amigos. Ignora seus desafetos.

Ela pareceu levar uma rasteira.

– Fique quieto um momento, Astarte. Felix vai cuidar de seus ferimentos.

Munido das bandagens, esparadrapos, mercúrio, álcool, agulha e linha, Felix conseguiu dar um jeito no príncipe. Garantiu que não morreria de sangramento, pelo menos. Já o carro não teve tanta sorte: depois de alguns minutos com o capô aberto, Felix decretou que não havia nada que pudesse fazer com recursos tão limitados.

– Não podemos deixar isto aqui no meio da estrada – disse ele.

Assim, retirou da caminhonete as armas e suprimentos mais importantes. Recrutou os outros dois para empurrar o veículo até uma ribanceira, onde ele desceu e foi misturar-se com o mato. Jogou para Astarte as roupas de tecido barato que comprara, fez Nicole mandar que vestisse. Tinha que esconder os traços élficos e abrigar-se do frio, pois agora teriam de caminhar.

Astarte terminava de se vestir, quando:

– Cuidado! – chiou Felix.

O elfo já notara o perigo com sua visão noturna, e empurrou Nicole para trás. O mercenário jogou-se junto dos dois. Todos se esconderam no mato, enquanto três carros passavam em alta velocidade pela estrada. Três caminhonetes grandes, de aspecto paramilitar. Das janelas abertas, debruçavam-se guardas com os uniformes da Strauss S.A., fuzis e escopetas em punho. Em meio a eles, uma viatura da polícia.

– Estão nos procurando – Nicole sussurrou.

– Não podemos ficar aqui – disse Felix.

A alternativa então era caminhar atrás de um lugar onde pudessem se esconder, abrigar-se por um tempo.

– Essa noite não vai acabar nunca? – bufou Nicole, olhando a lua com ressentimento.

Capítulo 15
A mais longa das noites

ANDAVAM PELO ACOSTAMENTO. MAIS DUAS vezes jogaram-se no matagal para escapar da vista de carros cheios de gente armada. Nicole estava repleta de picadas de mosquitos. As barras de suas calças cobertas de lama e carrapichos que se grudavam em tudo. Em comparação, Astarte continuava tão digno quanto ao duelar com Emanuel Montague. Os mosquitos pareciam respeitá-lo e ficar longe.

Nicole também sentia os pés doerem horrivelmente. Aquelas botas não haviam sido feitas para correr, muito menos para caminhar rumo a lugar algum depois de correr da morte certa. Mais uma vez, Astarte não parecia afetado por qualquer cansaço. Pisava tão leve que as solas de seus tênis ordinários ainda pareciam saídas da prateleira da loja. Amarrara seus longos cabelos dourados e se deslocava com facilidade, sem uma cãibra, sem mancar sequer uma vez. Aparentemente, pés élficos não formavam bolhas.

No julgamento de Nicole, pelo menos numa noite como aquela, tudo isso era uma terrível falha de caráter do príncipe dos elfos, e valia o ódio eterno.

Astarte tomava a frente, mesmo sem nem pertencer ao mesmo mundo. Nicole fulminava sua nuca com um olhar irritado. Algum sexto sentido avisou-lhe que Felix estava prestes a falar algo sábio ou razoável. Ela virou-se para ele:

– Nem uma palavra.

– Eu não disse nada.

– Mas ia dizer.

Silêncio.

– Ele não tem culpa – Felix deixou escapar.

– Então tome-o nos braços e saia saltitando pelos campos. Eu só quero poder conversar com alguém que compartilhe de uma revolta saudável com tudo e com todos.

– Sobre o que estavam falando antes?

– Nada.

Ele cutucou-a.

– Pare com isso! – Nicole exigiu.

– Responda e eu paro.

– Sobre salvar o mundo! – ela disse, após mais um pouco de insistência. – Esse sujeito quer impedir uma invasão de elfos. Acha que a humanidade compensa o esforço de salvá-la.

Felix ficou olhando-a por um tempo.

– E você não acha? – disse.

– Depois de tudo pelo que passei?

– Você não acha?

– Dê-me uma razão para salvar a Terra.

O ruivo enfiou a mão na jaqueta. Nicole logo percebeu o que ele faria, e sentiu vergonha instantânea. Começou a pedir desculpas, mas isso não o deteve. Felix retirou a foto e mostrou-a como uma prova incontestável.

– Se a Terra está em perigo, aqui estão as minhas razões para me importar. Você também deve ter as suas. Não minta para si mesma.

Astarte olhou para trás, tentando decifrar o diálogo dos humanos. Interessou-se pela foto; o mercenário deixou que a examinasse por um tempo.

– Quem são essas pessoas, Felix? – disse Nicole.

– Amigos. Gente pela qual vale a pena cruzar alguns continentes e levar alguns tiros.

Astarte devolveu a foto, fazendo perguntas sobre o que era. Nicole respondeu com frases curtas, enquanto olhava para baixo. Não era fácil esbravejar contra o mundo diante de sentimentos reais de amigos.

Súbito, mais dois carros zuniram. Eles fizeram menção de se esconder, mas logo notaram que não se tratavam das caminhonetes fortificadas da Strauss. Eram dois veículos maltratados, um deles exibindo uma porta de cor diferente do resto da lataria. Tanto Felix quanto Nicole reconheceram-nos e estavam prestes a dizer algo, quando Astarte apontou:

– São as pessoas daquela estalagem.

“Estalagem” era um equivalente razoável para descrever o paradouro. Qualquer um saberia identificar os dois carros, mas apenas o elfo foi capaz de reconhecer quem estava em seu interior: o casal de velhos com o rapaz catatônico em um veículo, e o maneta e seu amigo no outro. Aonde quer que fossem, tinham pressa. Uma impressão irracional começou a borbulhar dentro de Nicole, mas ela fingiu que não era nada e escolheu não mencionar.

O silêncio momentâneo deu-lhe a oportunidade de pensar em algo não muito

bem-vindo.

A fotografia que Felix examinava constantemente já fora alvo de curiosidade, e a garota ainda desejava que ele contasse a história por trás. Contudo, agora provocava em Nicole um grande sentimento de vazio.

O ruivo guardava aquela memória – fosse o que fosse – próxima a si, tratando-a com mais cuidado do que armas e equipamento. Em contraste, as memórias mais vívidas de Nicole tinham a ver com sangue e traição. Com seu pai e a vida que ela deixou para trás na universidade.

Vendo os carros afastarem-se, ela quis um porto seguro. Algo que pudesse garantir que nem tudo era escuridão. Havia Felix, um amigo leal e dedicado, mesmo conhecendo-a há pouco tempo. Mas Felix tinha seu próprio porto seguro.

Nicole não acreditava realmente que a humanidade merecesse sofrer nas mãos de cultistas e invasores. Mas admitir isso seria mais fácil se ela tivesse uma fotografia como a de Felix guardada.

Eles viram um carro parado no acostamento.

– É a primeira notícia boa desde que acordei! – disse Nicole, espantando os pensamentos com algo prático. Apressou-se à frente.

– Espere! – disse Felix. – Esta noite já encontramos guardas, mercenários, elfos...

– Sim. Conhecendo a maldição Manzini, vai ser algum tipo de carro possuído por demônios ou coisa assim. Não interessa. Vou ali pedir carona; se forem gente perigosa, vocês dois façam algo heroico.

– Deixe eu ir – o bigodudo insistiu.

– Claro. Para pedir carona, é melhor mandar um gigante ruivo ou alguém que nem é humano, em vez de uma garota de óculos.

E seguiu, sem olhar para trás. Parados, Felix e Astarte se entreolharam. O ruivo abriu um pacote de bolachas recheadas e ofereceu uma ao elfo. Ele aceitou, mastigou, fez uma careta e então uma expressão intrigada.

– Bem-vindo ao mundo da gordura hidrogenada, meu amigo.



Nicole bateu no vidro. O casal dentro do carro deu um berro em uníssono, pulou nos bancos. Então viram que era só uma garota de óculos, e respiraram aliviados. Nicole mostrou seu melhor sorriso (que não era grande coisa, considerando a atual situação). Abanou com a maior inocência que conseguiu reunir.

O rapaz abriu a janela. Era mais novo do que ela, e a moça ao lado tinha a

mesma idade. Os dois pálidos, suarentos. No banco de trás, uma garrafa aberta de champanhe, uma sacola de supermercado com uma bandeja de morangos pela metade e alguns pacotes de camisinhas. Indícios de uma noite de amor frustrada.

– Podem me dar uma carona?

Os dois se entreolharam.

– Para falar a verdade, estamos esperando amanhecer para seguir viagem – disse o rapaz.

– Por favor, só até um hotel. Qualquer lugar.

– Preferimos ficar aqui, sabe... – foi interrompido por uma cotovelada certeira da namorada.

– Você vai deixá-la sozinha na estrada *justamente hoje?*

O rapaz concordou, completamente sem graça. Mandou que Nicole entrasse.

– Bem, tenho dois amigos esperando... – E expôs os dentes num sorriso amarelo.

Ele balançou a cabeça, disse que viessem. Nicole contornou o carro e estacou. Passou dez segundos recuperando a calma e voltou ao outro lado.

– O que aconteceu com vocês? Por que estão parados aqui?

– O rádio falou de um assassino à solta.

Envergonhado, o rapaz contou a história. Ambos iam dar um passeio em algum lugar bucólico e isolado – jovens sem dinheiro para um motel, haviam escolhido aquela noite para desfrutarem de um pouco de privacidade, nos campos afastados de Santo Ossário. Estacionaram no mesmo paradouro que o trio havia visitado. Estavam prestes a sair do carro quando o rádio avisou que um perigoso bandido havia fugido do manicômio judiciário Ulisses Lombroso. E, para a surpresa de Nicole, não era Salomão Manzini – era um assassino com um gancho no lugar da mão.

A existência de um interno com uma prótese em forma de arma não fazia o menor sentido, mas Nicole não questionou. Em parte porque nada andava fazendo sentido ultimamente, em parte porque aquilo começava a delinear o que ela suspeitara pouco antes. Enfim, temerosos de sair do carro, os namorados haviam arrancado de volta para casa. A garota tinha certeza de ter ouvido um berro assim que o rapaz dera a partida, mas ele achava que era imaginação. E eles estavam mesmo voltando, quando a estrada se tornou movimentada demais, com inúmeros carros cheios de gente armada, em alta velocidade. Depois de escaparem por pouco do segundo acidente, decidiram aguardar a manhã no acostamento, trancafiados em seu universo de metal e plástico. Péssima noite para morangos e champanhe.

– Eu sei que vocês não me conhecem – disse Nicole. – Mas, *por favor*, me ouçam. Voltem para casa.

– Mas os carros...

– Podem bater em vocês, eu sei. Mas vocês também podem ser abordados por esses homens armados se ficarem aí parados. Apenas tentem chegar a um local seguro. E *não entrem naquele paradouro.*

– Bem, já disse que posso dar carona...

– Não quero carona. Só deixe eu ver uma coisa no outro lado do carro.

O rapaz deu de ombros, sem entender nada. Nicole foi até a outra porta, mexeu em algo lá e abanou, afastando-se rápido. Eles decidiram seguir seu conselho. Logo os faróis desapareceram à distância.

– O que houve? – disse Felix, quando ela voltou.

Em resposta Nicole tirou do bolso do casaco um gancho.

Ensanguentado.

– Não acredito! – Felix levou as mãos à cabeça.

– Aposto que pertence ao maneta do paradouro.

– Estava preso à porta do carro?

– Claro. Onde mais estaria?

Astarte olhava aquilo, sem entender. Nicole explicou da melhor forma que podia no idioma élfico.

O primeiro registro daquela lenda urbana girava em torno de 1960, embora muitos folcloristas concordassem que fosse um típico produto da cultura estadunidense da década de 1950. O enredo era aquele: um jovem casal saía de carro para uma noite romântica. Nos Estados Unidos, o casal costumava ser adolescente – a idade mínima para dirigir era menor. No Brasil e em outros lugares, era mais comum que os personagens tivessem cerca de vinte anos. Em todo caso, a história continuava a mesma: com o carro parado em algum lugar, o casal ouvia no rádio sobre a fuga de um perigoso maníaco com um gancho no lugar da mão. Então decidiam ir embora. Mais tarde, encontravam o gancho ensanguentado preso à maçaneta. O maníaco estivera prestes a arrombar a porta da garota (sempre da garota), quando o carro partira, arrancando sua arma-prótese. Nunca havia explicação sobre como um presidiário ou interno em um hospital psiquiátrico tinha acesso a um gancho.

– Pelo menos evitei que eles mesmos fizessem a descoberta – disse Nicole.

– Você já desconfiava, não é? – disse Felix.

Ela concordou.

Era difícil explicar para Astarte o conceito de “musa das lendas urbanas”. Mas

Nicole reconhecera de imediato. Assim que ouvira sobre um assassinato com uma arma perfurante, uma intuição formada por anos de coincidências macabras apontara para a história do maníaco.

– Já aconteceu com você? – perguntou o ruivo.

– Não exatamente. Uma variação.

Nicole contou a história. Traduzia o que dizia em seguida para o quenya. Imaginava que aquela era uma boa introdução à Terra para Astarte, uma bela amostra do que o mundo tinha a oferecer.

O episódio aconteceu quando ela não estava no Brasil. Tinha saído com um namorado para um passeio à noite, de forma muito semelhante ao arquetípico casal das lendas urbanas. O carro enguiçou no meio da estrada, e o rapaz insistiu em sair para buscar ajuda. Aquela era uma lenda muito mais apropriada para uma era sem telefones celulares – na ocasião, uma inexplicável interferência cortara o sinal do celular dele, enquanto uma bateria defeituosa dera cabo do aparelho dela.

– O tipo de coisa que acontece com Nicole Manzini.

O namorado saiu, e ela ligou o rádio. De novo, a improbabilidade: ela podia contar nos dedos as vezes em que ouvira rádio na última década. E, obviamente, veio o aviso sobre um perigoso assassino à solta. Aquele não tinha gancho, matava de forma mais tradicional. O namorado não voltava, e Nicole começou a ouvir algo batendo de leve na lataria do carro. Trancou todas as portas e esperou amanhecer. Acabou caindo no sono e, de manhã, foi despertada por um policial. Desesperado, o homem perguntava se ela estava bem.

A cabeça decepada do namorado ainda estava fincada na antena do carro.

– E a antena não se quebrou ou se dobrou, é claro – disse Felix.

– Claro que não, mesmo que fosse o mais óbvio que poderia acontecer.

– E, é claro, ele não estava pendurado em uma árvore.

– Claro que não.

Os dois sabiam o que aquilo significava, mas ela teve de explicar a Astarte. Nas versões daquela lenda passadas nos Estados Unidos, invariavelmente o namorado amanhecia pendurado de cabeça para baixo do galho de uma árvore, sobre o carro. Os sons na lataria eram suas mãos batendo ritmadamente na capota, enquanto ele balançava. Mas Nicole não estivera nos Estados Unidos, e sim na Europa. Nas versões europeias, o namorado era decapitado, e as “batidas” eram sangue pingando no capô. A versão europeia era bem mais fantasiosa – além da presença e da resistência da antena, exigia que a protagonista não notasse o maníaco cuidadosamente cravando a cabeça de seu namorado, bem à

sua frente.

– Quantos namorados seus morreram em lendas urbanas?

– Três. Além de duas amigas e uma colega de quarto. Sem falar em um chihuahua.

– Chihuahua?

– Eu e uma amiga alugamos um quarto na casa de uma velhinha. Minha amiga tinha um chihuahua. Certo dia, depois de uma chuva, a velhinha decidiu secá-lo no micro-ondas.

– Isso é impossível.

– Eu sei. Mas sou Nicole Manzini.

Ela quase deu um pulo quando Astarte pousou a mão em seu ombro. Deixara de traduzir diversos trechos (não explicara o que vinha a ser Estados Unidos, Europa ou micro-ondas), mas o âmago das histórias estava lá. Ela falava em tom sarcástico, virando os olhos para cima e quase rindo, debochando de si mesma e da morte ao seu redor. Mas ele tinha uma expressão doída, rosto fechado.

– Sinto muito, Nicole.

– Não adianta sentir. Ficou no passado.

– Claro que adianta. A morte não é engraçada ou banal. A morte é penosa e significativa. Sinto por suas amigas, seus amores e seu cão.

– O cão não era meu.

Ela retirou a mão dele do ombro. Mas, enquanto fazia isso, segurou-a. Apenas por um momento.

– O que ele disse? – quis saber Felix.

– Bobagens.

Súbito:

– Vejam! – Astarte apontou. – Um castelo.

E bem a tempo: quatro carros da Strauss se aproximavam. Eles tiveram de se esconder rápido. Os veículos demoraram-se naquele trecho, rondaram por alguns minutos, com toda certeza procurando-os. Quando foram embora, os três sabiam que precisavam de abrigo. O cansaço e a falta de sono começavam a ficar excessivos, logo seria impossível esconder-se. E, caso fossem pegos, seria impossível fugir ou lutar.

– Veja pelo lado bom – disse Felix. – Está quase amanhecendo.



– Vamos esperar mais uma hora ou duas – decretou Nicole.

Felix teve ânsias de amarrá-la como um prisioneiro de guerra, enfiar sua cabeça num saco preto e levá-la para um cárcere privado. Depois de reclamar a noite inteira, a garota queria impedi-los de pedir abrigo na única casa disponível. Astarte olhava-os com interesse. Portava-se como um estudioso dos humanos, esses animais raros e exóticos.

– Não importa se os donos forem maníacos – disse o ruivo. – Podemos lidar com maníacos simples. Nosso maior problema são os esquadrões armados.

– Não tenho medo de maníacos. – Nicole estava sentada, tentando parecer confortável apesar do orvalho infiltrando-se pela roupa. – Não se pede abrigo numa fazenda à noite.

– Não é uma fazenda. Não *só* uma fazenda, pelo menos.

– Mesmo assim.

– Seja mais convincente.

– Existem regras na estrada. Você simplesmente não faz algumas coisas. Não pede para dividir o almoço de seu companheiro antes que ele ofereça. Não pede para dormir numa cama, sempre no celeiro. E não pede abrigo à noite.

A lógica era simples, e vinha de uma época em que não havia celulares ou sistemas de GPS. Quando era tão comum encontrar uma carroça quanto um caminhão na estrada. O viajante tinha o direito de pedir abrigo numa fazenda, mas não deveria botar seu anfitrião ou seus companheiros em posição constrangedora. Pedir abrigo à noite era o mesmo que dizer “Estou passando frio e fome, você é minha única esperança”. Pedir abrigo durante o dia era um acordo prévio – o dono da casa poderia negar, e o viajante ainda teria o dia inteiro para encontrar uma alternativa.

– Onde você aprendeu isso?

– Passei boa parte da infância na estrada – a garota deu um sorriso triste, cansado. – É claro que já não era mais a terra sem lei que exigia essas regras todas. Mas não havia internet, os carros podiam enguiçar. Perdi a conta das noites que passei em celeiros com meu pai e minha mãe.

Salomão Manzini foi o pior dos pais. Mas ensinou-lhe algo. Ele mesmo tivera uma vida de estrada, antes de Nicole nascer. Viajara o Brasil inteiro de carro, ônibus, carona. Tivera empregos esporádicos como representante comercial de produtos plásticos, mas em geral ganhara a vida como músico de rua. Postava-se em esquinas ou praças públicas com um violão, e recolhia os trocados dos passantes. Sempre afirmara que aquela experiência rendera-lhe os notórios “contatos” de que ele se gabava.

– Menina, olhe para o lugar. Você acha que o dono da casa é um fazendeiro

tradicional, apegado aos valores da terra?

Astarte encarara aquilo com naturalidade. Fora o primeiro a apontar a construção, porque para ele era comum. A casa era bem mais parecida com os prédios que ele conhecia do que com qualquer coisa naquele mundo.

Afinal, era um pequeno castelo.

A cerca de arame comum a todas as fazendas misturava-se com muralhas de pedra – baixas, mas completamente fora do padrão daquele lugar. Mais atrás, o castelo em si. Embora técnicas modernas de construção houvessem sido usadas, e o prédio ostentasse luxos como janelas de vidro inteiriço e luz elétrica, aquele era um castelo. Tinha uma torre, ameias, um pórtico alto e largo. Um estandarte adornava a fachada, com um brasão ostentando uma cabeça de javali sobre fundo azul. O brasão era repetido em outros lugares, mas estampado de forma bem mais prosaica, em bandeirolas de plástico. Com o auxílio do binóculo de Felix, podia-se ler na fachada: MUSEU DA IDADE MÉDIA.

Nicole lembrava-se vagamente de ver o lugar mencionado nos panfletos turísticos de Santo Ossário. Era uma atração curiosa, mas não contava com uma mera fração do interesse dedicado às ruínas ou ao Festival de Cinema. O museu ficava em um terreno vasto, junto a uma fazenda. Tinha alguns pequenos bosques, umas plantações, um punhado de barrancos, bastante matagal.

Ela permaneceu irredutível: fosse ou não um castelo excêntrico no meio da estrada, aquele lugar estava sujeito às regras.

– Tudo bem, esperamos amanhecer – bufou Felix. – Batemos na porta a tempo para o café da manhã.

– Nem pensar – disse Nicole, abrindo o segundo pacote de bolachas. Astarte interessou-se.

– Isso também é contra suas regras da estrada?

– Não se bate à porta de alguém na hora das refeições. É o mesmo que botar o dono da casa contra a parede. Se alguém nos oferecer o que sobrou, podemos aceitar.

– Você é uma mulher estranha e cheia de manias, Nicole.

– Talvez você já tenha percebido que tenho um problema com caridade.

– Não se preocupe, eu guardei a nota fiscal das bolachas. Mandarei uma fatura.

Ela deu uma pequena risada (a primeira em bastante tempo) e um tapa carinhoso no ombro do amigo.



A única sensação que se comparava ao que Astarte experimentava agora era a confusão logo antes de chegar ao palácio – o lago e a clareira, quando enfrentara três de seus antigos mestres. Ele enxergava aquele mundo como se por um vidro embaçado. Sentia-se preso dentro da própria cabeça, cercado por coisas que não compreendia, texturas estranhas, cheiros não identificáveis, cores opacas.

O mundo dos humanos era, de alguma forma, menos real do que Arcádia. Tocando nos objetos, ele tinha a impressão de haver uma barreira entre a pele e cada superfície. Anos atrás, Vyslanna ensinara-lhe golpes com as pontas dos dedos, que afetavam os nervos do adversário e deixavam os membros adormecidos. Ela havia usado muito aquilo para impor a disciplina, embotando os braços e pernas do discípulo quando ele desobedecia. Astarte se lembrava da sensação dos dedos aos poucos formigando e voltando à vida, o tato ainda muito rudimentar. Tocar em qualquer coisa terrena era quase idêntico – nada naquele mundo parecia existir com plenitude.

Ele sentia ligação com a natureza na Terra assim como em Arcádia. Ao sentar-se no capim, respeitava cada folha. Seus passos moviam apenas as plantas e insetos necessários. Mas não possuía qualquer controle sobre a flora – uma capacidade que não tivera em seu mundo, e demonstrara apenas brevemente ao emergir. Também não ouvia os pensamentos dos humanos. Era um alívio, mas aumentava ainda mais a sensação de isolamento.

Sem falar no idioma. Das pessoas que ele era capaz de compreender desde que chegou à Terra, apenas duas estavam vivas. Uma havia tentado matá-lo. Ele aprendeu o nome do guerreiro humano – Emanuel Montague. Emanuel era um campeão da Rainha, um general inimigo com quem o diálogo iria se resumir a juras de vingança e ameaças. Restava a estranha garota chamada Nicole.

Ele conhecia Nicole há menos de um dia, e ela já tinha se mostrado um enigma insolúvel. Não por falta de informações, como seria natural, mas por excesso. Ela escolheu compartilhar com ele seu passado, sua vida cercada por morte, suas investigações sobre os cultistas, suas impressões da própria humanidade. Seriam necessários anos e anos (décadas e décadas) para que um elfo confiasse em alguém a ponto de falar tudo aquilo. Seria necessária uma vida de ponderação para que um elfo adquirisse opiniões tão fortes. Ele mesmo precisou de toda uma existência para chegar à conclusão de que havia sido usado e enganado, e voltar-se contra a Rainha.

De certa forma, poderia ser bom que ele não conseguisse entender mais nenhum humano. Apenas uma humana já dava trabalho suficiente.

Outro mistério era a forma com que Nicole reagia àquilo tudo. Quando

descobriu a traição de Harallad e os outros, Astarte fora tomado por um sentimento escuro e onipresente, que tingia cada pensamento. Sua reação foi a única possível – exigir retratação, e então enfrentar os traidores. Era um assunto de seriedade absoluta, que ocupava a mente e excluía qualquer outra coisa. Nicole, contudo, havia poucas horas tinha sido ameaçada pelo próprio pai. Fora exposta a coisas e eventos que abalavam as fundações de sua vida. Participara de um combate, sem ser guerreira.

E tinha acabado de rir.

Nicole conversava sobre eventos bizarros, tentava ajudar desconhecidos dentro de um veículo metálico, argumentava sobre a etiqueta entre viajantes. Ela parecia ter uma mente bem maior que a dele, capaz de abrigar uma variedade de ideias, pensamentos, emoções.

Súbito, ocorreu-lhe que as cogitações sobre a garota haviam desviado sua atenção das lembranças e amargura de Arcádia. Em poucas horas, sua própria mente já parecia ter se expandido um pouco. Nicole estendeu-lhe o pacote de bolachas pela metade, sem dirigir-lhe um olhar. Estava concentrada em um pergaminho sobre o colo, iluminando-o com outro artefato humano. Astarte decidiu sentar perto dela.

– O que é isso? – disse o elfo.

– Não faço ideia – Nicole deu de ombros. – Quer dizer, acho que é um mapa. Mas quem falou isso foi meu pai, então não sei se posso confiar.

Ele espichou o pescoço para examinar melhor o pergaminho. Repleto de diagramas, um labirinto, símbolos e números. Astarte conhecia alguns – mas o todo era um enigma tão grande para ele quanto para Nicole.

– Tudo é assim no seu mundo? – ela perguntou, de repente.

– O que quer dizer?

– Tudo é feito de enigmas, quebra-cabeças, labirintos? Vocês devem ter uma paciência infindável.

Ele teve de pensar um momento.

– Não sei.

– Não sabe?

– Se me perguntasse um mês atrás, eu diria que não. Mas apenas porque era muito ignorante. Acho que, em Arcádia, tudo é feito segundo formas, parâmetros e rituais estritos. Tudo *é* um quebra-cabeças. Mas eu não sei identificar as peças.

Eles trocaram impressões sobre o que sabiam, na tentativa de formar um contexto para o pergaminho. Astarte encontrava paralelos entre os desenhos no mapa e imagens de sua terra. Nicole explicava sobre os rituais, as músicas ao

contrário, as palavras cruzadas, na tentativa de aplicar aquela lógica ao novo enigma.

– Você não está cansada?

– Muito. Muito *mesmo.*

– Então durma.

Ela deu um meio riso, balançando a cabeça.

– Quase não durmo há três dias, e acho que depois disso tudo vou passar um mês com insônia.

– Ele não parece ter problemas.

Felix, estirado a dois metros deles, respirava com tranquilidade, sem ao menos ressonar, usando uma mochila como travesseiro. Quando Nicole ordenou que esperassem antes de pedir abrigo, ele anunciou que iria dormir, e pediu para ser acordado se surgisse algum problema. Mal se deitou e fechou os olhos, o corpo inteiro relaxou, e ele caiu no mais profundo e pacífico sono.

– Felix não é humano – disse Nicole.

– O que é, então? Parece igual a vocês.

Ela tapou os olhos com a mão.

– Essa expressão perde o sentido quando estou conversando com alguém que *realmente* não é humano. Quis dizer que ele tem treinamento especial. Felix é um soldado de elite, deve ter aprendido a dormir sob fogo inimigo ou coisa assim.

– Entendo. Então vocês precisam de treinamento para dormir.

– Quando estamos nervosos.

– Isso parece terrivelmente ineficaz e complicado.

– Vá para o inferno, você também.

Ele notou que disse algo errado. Astarte não teria tantas dificuldades com interação se o mundo ao redor não fosse tão estranho. Era óbvio que criticar uma raça inteira seria ofensivo. Culpou o estado de confusão, as experiências novas que pareciam tomar uma fatia considerável de sua capacidade de raciocínio.

Pensando nisso, quase não lembrava do ódio e ressentimento por Arcádia.

– Desculpe – falou.

– Você acha mesmo que sou uma pessoa horrível? – disse ela, como se fosse o assunto corrente.

E a resposta veio de forma natural. Astarte não ficou desconcertado, não precisou relembrar o que conversavam antes. Seu período de atenção era longo, como o de todo elfo. Para ele, ainda era um assunto corrente. Aquele mundo era extremamente rápido, mas a única interlocutora parecia capaz de manter a

concentração por muito tempo.

– Vocês são estranhos – respondeu o príncipe.

– “Vocês”?

– Humanos.

– Desculpe se não podemos ser todos seres mágicos e imortais.

– Não acho que haja resposta para o que me perguntou. Dizer que você não se importa com seu mundo é a opinião de uma pessoa horrível, claro. Se você fosse uma elfa, seria uma elfa horrível.

– Mas...?

– Mas tenho a impressão de que humanos são mais complexos. Têm mais facetas.

– Você quer dizer que posso ser uma escrota e ao mesmo tempo uma santa?

– Exato – ele deu um meio sorriso, com uma sobrancelha erguida. Não era o tipo de coisa que se dizia para uma aliada que acabara de conhecer, mas aquele mundo inteiro era enviesado, e pareceu apropriado dizer a verdade.

Então ela riu, mas logo ficou séria.

– Apenas não se deixe levar por isso demais, Astarte. É muito bonito achar que os humanos são criaturas complexas e cheias de contradições, e talvez não exista um humano totalmente bom. Mas existem humanos totalmente maus.

Ele sabia de quem ela falava.

Salomão Manzini.

Emanuel Montague.

Era prazeroso conversar com Nicole, mesmo sobre o horror. Astarte teve dúvidas sobre o próprio caráter: a garota falava de humanos com alma de monstros, e ele queria que ela continuasse, apenas para permanecer no diálogo. O despertar e a fuga do laboratório eram demasiadamente recentes, mas ele já encontrara algo que lhe cativasse naquele mundo novo.

Como não havia explicação, decidiu que o interesse por Nicole era interesse pelos humanos.

– Como você pode falar esse tipo de coisas? – disse Nicole, interrompendo seu devaneio.

Astarte piscou, incerto. Ela esclareceu:

– Você fala em salvar a Terra. Em uma invasão mágica. *Ninguém* fala sobre isso. *Eu* certamente não falo sobre isso. Não é normal.

O elfo ficou calado por um tempo. Algo ameaçou vir à tona em sua mente, mas ele evitou.

– É a realidade – disse Astarte. – A Rainha existe e deseja vir à Terra. É

preciso fazer algo.

– E é sua responsabilidade?

– Bem, sim.

– Por quê?

De novo, a verdade ameaçou se mostrar. Ele esquivou-se mais uma vez:

– Sou o príncipe. De alguma forma, sou parte disso tudo. Fui criado neste mundo para isso. É meu dever.

Nicole dirigiu-lhe um sorriso triste. Uma expressão de simplicidade.

– Deve ser bom ter um destino escrito e determinado – falou a garota. – E aceitar isso.

– Vamos examinar o mapa – Astarte desconversou.

Debruçaram-se sobre o pergaminho mais um tempo. O elfo fechou os olhos, começou a mover os dedos de leve, como se operasse um ábaco. Achou ter obtido algum significado de certos símbolos. Nicole ocupava-se de um conjunto de números. Seguindo um palpite, deixou de tentar aplicar matemática para a resolução do problema, em vez disso recorrendo à lógica pura. Os raciocínios de ambos aceleraram e convergiram, e uma luz pareceu se formar, ao mesmo tempo em que o sol despontava.

Uma pequena parte do código abrira-se para eles. Remetia ao labirinto. Sugeria que duas partes distantes estivessem ligadas entre si – como se originalmente devessem estar lado a lado, mas houvessem sido recortadas e separadas. Nicole dobrou o pergaminho com cuidado. De fato, as duas pareciam se complementar, formar uma só imagem.

– O que estamos enxergando? – disse a garota.

Astarte concentrou-se nas formas, abstraindo o contexto.

– Parece mesmo um mapa. Um mapa simplificado. Como um diagrama, ou a planta de uma construção.

As linhas, os ângulos, os padrões sugeriam uma fortaleza élfica, como tantas vezes ele vira em Arcádia. Uma versão muito mais simples, é verdade, mas com influência inegável. Perdidas em meio ao restante do labirinto, as linhas se confundiam.

– Existe uma fortaleza como essa em algum lugar por aqui? – perguntou Astarte.

– A Fortaleza da Memória – disse Nicole, meio em resposta, meio para si mesma. – Mas não há nada lá, além de turistas.

E os dois notaram ao mesmo tempo: o pergaminho indicava que deveria haver *outra* fortaleza, análoga à atração turística de Santo Ossário. Haviam decifrado

uma pequena parte; talvez o resto revelasse onde ficava a construção.

O pacote de bolachas estava vazio. Astarte enfiou a mão e retirou-a desapontado.

– Você gostou dessa porcaria? – Nicole balançou a cabeça.

– O sabor é forte, artificial, revoltante. Não consigo parar de comer.

– Bolachas recheadas não são nada. Espere até provar o ápice do que a humanidade consegue produzir com açúcar, gordura e aditivos químicos.

Partiu um pedaço de uma barra de chocolate. O elfo meteu-o na boca e ficou paralisado pelo gosto cáustico, acachapante.

– Se você entender chocolate, entenderá a humanidade – proferiu a garota. – É gordo, cercado de propaganda, doce demais. Faz mal e domina tudo que toca. Mas qualquer um que não goste de chocolate é indigno de confiança.

Astarte comeu o resto da barra.



Sem conseguir progredir mais no pergaminho, sem mais bolachas e chocolates para prender a atenção, Astarte não pôde evitar o que estava no fundo da mente. Sem dizer palavra, levantou e afastou-se alguns metros. Agachado em meio ao capim, selecionou pequenas flores selvagens, começou a arranjá-las. A ancestral arte élfica acalmava o espírito e deixava o pensamento em foco. Era reconfortante, e ele precisava de algum conforto.

Nicole perguntara-lhe por que impedir a Rainha era sua responsabilidade. Como ele podia falar sobre aqueles assuntos elevados e heroicos.

A resposta era que não possuía mais nada.

Há menos de um dia desperto na Terra, percebia o vazio que ele mesmo era.

A verdade assaltou-o sem clemência, com a franqueza das plantas que ele arranjava. Ele fora criado por gente que matara com as próprias mãos. Tivera amigos e mentores, quase pais, que haviam se mostrado traiçoeiros no último instante.

E matara-os.

Então descobriu que sua vida toda era uma mentira. Que seu nascimento tinha um propósito cruel.

Mas mesmo isso não era a verdade total.

No fundo, estava a realidade de que, exceto pelo dever e pela vingança, Astarte não era nada.

Observava Nicole, e até mesmo Felix, com assombro e inveja. Não entendia

qualquer coisa que o grandalhão ruivo falava, mas já sabia que ele possuía amigos em alguma parte. Nicole e Felix tinham vida, passado. Eram pessoas inteiras.

Ela perguntara por que salvar o mundo era sua responsabilidade. Como ele podia falar sobre aquilo.

O que mais havia?

Astarte tomara a frente, mantivera os olhos na estrada, identificara pessoas dentro de veículos, notara o pequeno castelo. Ocupara-se de tudo ao redor, porque desacelerar significava pensar na verdade.

Era bom que houvesse a vingança, a luta contra a Rainha. Porque não existia outro lugar, outra atividade.

Terminou o arranjo.

Diferente do que fora em Arcádia, o exercício não provocou alívio. Ele se sentia esmagado pela confrontação consigo mesmo.

– O que está fazendo? – disse Nicole, de repente, vinda de lugar algum.

– Nada – Astarte respondeu, depois de saltar de surpresa.

– Isso é algum tipo de arranjo floral? – Ela se abaixou para examinar o que ele fizera.

O elfo olhou-a.

Talvez *houvesse* algo a mais dentro dele, além do dever e da vingança. Talvez ele tivesse outro destino, outra atividade, outro interesse.

Talvez não fosse tão absurdo tentar compreender uma humana que conheceu há poucas horas.



O sol já estava todo visível sobre o horizonte, aos poucos dissipando parte do frio noturno. Felix ergueu-se sozinho, de uma vez só, acordando com tanta facilidade quanto dormira. Eles atravessaram a estrada. Há tempos não viam um carro dos perseguidores. Bateram palmas em frente à cerca. Sem obter resposta, entraram e bateram no pórtico do castelo.

– Não queremos incomodar – disse Nicole, para o homem que abriu a porta. – Podemos dormir no celeiro?

Seu interlocutor era um homem sólido, de cabelos grisalhos um pouco compridos e cavanhaque espicaçado. Tinha olhos azuis cercados de rugas, estreitos de ponderação. Vestia típicas roupas de fazendeiro – camisa, botas, calça resistente.

– Não abriremos hoje. O museu está fechado.

– Mesmo assim, podemos dormir no celeiro?

Ele passou alguns segundos examinando os três. Astarte meio oculto pelo capuz. Por fim, abriu mais a passagem, permitindo que enxergassem o saguão de entrada do museu.

– Podem entrar agora ou procurar outro lugar – disse o homem. – Estamos esperando mais uma família de convidados, e então vamos trancar todas as portas. Com a agitação das últimas horas, todo cuidado é pouco.

Não havia tempo para pensar e confabular. Ela estava cansada de pensar. Entrou, e os outros dois apenas seguiram-na. Respeitaram as regras da estrada e não pediram qualquer coisa, mas foram empurrados através do museu para onde o dono do lugar morava com a esposa.

Atravessando as salas de exposição, eles puderam ver do que se tratava. Incontáveis reproduções de armas e armaduras medievais estavam expostas por trás de proteções de vidro. Inúmeros brasões pintados em tecido ou gravados em madeira pendiam das paredes. Ilustrações explicativas informavam a serventia, período histórico e detalhes das peças em exibição. Ao todo, parecia uma coleção de curiosidades, algo vagamente pitoresco e ingênuo. Afinal, mesmo com um olhar rápido era possível notar que nenhum daqueles objetos era antigo. Nada original, todos reproduções modernas.

– Tudo trabalho meu – disse o homem, com orgulho.

Nicole fez um elogio apropriadamente educado, uma ou duas perguntas de interesse polido.

– Meu nome é Jonas. – Estendeu a mão. – Jonas Zarco.

– Maria – disse Nicole. – Estes são João e Hans. Hans é estrangeiro, não fala português.

Jonas Zarco sorriu para os dois.

– O que achou de tudo isso? – fez um gesto para o museu.

– Nunca vi nada igual.

– Tudo trabalho meu – repetiu o homem. – E nunca estudei!

– É autodidata?

– Não; médium.

Nicole fez força para que seu sorriso não desabasse, ao mesmo tempo em que sentia o corpo todo ficar gelado.

– Espíritos me ensinaram a fazer isso. Eu mesmo construí tudo aqui, forjei cada espada, ergui o castelo. Os espíritos gostam de mim, me inspiram, me ajudam.

– Parabéns – conseguiu falar, vencendo um engasgo.

Adentrando a área familiar, eles se viram em meio a alguns empregados. Havia uma mesa farta, onde receberam um lauto desjejum. Apesar da conversa sobre espíritos forjadores de espadas e construtores de castelos, Jonas Zarco mostrava-se o mais benevolente dos anfitriões. Sua esposa, Tábata, insistia para que os três comessem mais. Nicole notava certa agitação na casa; várias pessoas iam e vinham, pareciam também convidados, mas nada mais surpreendente do que isso. Todos exibindo as roupas, linguajar e postura típica de fazendas daquela região. O bando mais inofensivo que se podia imaginar. Felix atento, trocando olhares com Nicole e Astarte – as armas em uma sacola à mão. Mas não havia menção de qualquer hostilidade.

– Jonas, os últimos convidados chegaram – anunciou um dos empregados.

– Ótimo! Tranquem todas as portas. Coloquem os avisos de que o museu está fechado. Ponham alguns rapazes vigiando para que nenhum curioso pule a cerca.

Os empregados espalharam-se para obedecer. Jonas reforçava a necessidade de vigilância, mas não parecia esconder nada do trio de recém-chegados. Na verdade, Nicole tinha a impressão de que ela, Astarte e Felix eram mais ameaçadores do que um bando de caipiras sorridentes, velhinhas de xale e um dono de museu convencido que falava com espíritos de reis ou cavaleiros. Os últimos convidados surgiram. Claramente uma família: pai, mãe e filha adolescente. Começaram a cumprimentar os que já estavam lá, como velhos amigos, dirigindo apresentações educadas para aqueles que ainda não conheciam – chamados Maria, João e Hans.

– Vocês devem estar cansados – disse Jonas, quando os três acabaram de comer. – Querem seguir para a casa de hóspedes?

– O celeiro já está ótimo – disse Nicole.

– Como quiser, mas o convite foi feito! Há algumas camas esperando vocês.

– Preferimos o celeiro, obrigada.

– Ela quis dizer que vamos aceitar a casa de hóspedes – interrompeu Felix.

Jonas Zarco sorriu e conduziu-os até uma casinha secundária, atrás do castelo, a duzentos ou trezentos metros de distância. O terreno exibia vegetação exuberante, topografia variada. Um riacho, formações de pedras, muitas árvores. Dentro da casa havia beliches e lençóis limpos. Jonas despediu-se e fechou a porta.

– Quer saber outra coisa que você aprende nas forças especiais? – disse Felix. – Nunca recuse uma cama de verdade.

Nicole explicou a Astarte o que acontecera; ele pareceu aceitar sem problemas.

Felix decretou que, apesar da hospitalidade, estavam em território desconhecido, e ainda eram caçados lá fora. Era preciso fazer turnos de guarda.

– Eu faço o primeiro – disse Nicole. – Não vou conseguir dormir.

– Eu vou – anunciou o ruivo, deitando-se de roupa, com armas ao alcance da mão, e apagando em três segundos.

– Você vai dormir? – a garota virou-se para Astarte.

– Elfos não dormem. Mas preciso meditar um pouco, se você não se importar.

Ela deu de ombros. Astarte ficou sentado sobre uma cama, de olhos fechados, coluna reta.

Sem mais nada para fazer, ela abriu o pergaminho e pôs-se a observá-lo, tentando extrair alguma coisa à força.



Por isso eles não viram quando os convidados se reuniram dentro do museu. O grupo todo consistia de vinte e poucas pessoas – Jonas e Tábata Zarco, as famílias e grupos que circulavam em volta da mesa do café da manhã. E também alguns rostos que eles reconheceriam. De dentro da casa, emergiu o casal de velhos, com o filho alto e estúpido conduzido pela mão. Logo depois, o maneta e seu amigo.

Capítulo 16
Motosserra

– DEEM-SE AS MÃOS – ordenou Jonas Zarco. – Fechem os olhos.

Ouvia-se vagamente os barulhos da manhã na fazenda. Animais ao longe, pássaros cantando, máquinas fazendo seu trabalho. Mas ali eles estavam isolados, distantes de quaisquer curiosos. Sentados ao redor de uma mesa comprida, apropriada para um refeitório. Ao todo, vinte e poucas pessoas. Entre elas, Jonas e Tábata, além do casal de velhos com o filho grandalhão, o maneta e seu amigo, a família que chegara por último com a filha adolescente. Todos de mãos dadas, todos prestando atenção absoluta às palavras do dono da casa.

– Há algum espírito aqui? Algum de nossos amigos e protetores está conosco esta noite? Manifeste-se, para que possamos cumprir sua vontade!

O museu da Idade Média ainda ficava dentro do município de Santo Ossário. Era a cidade mais pacata do planeta, desde que você fosse míope. Bastava erguer o tapete, e a esquisitice que fora varrida para baixo se mostrava em todo o esplendor. Mas caipiras tentando contatar espíritos às 7h30 não eram tão ameaçadores quanto esquadrões de guardas, mercenários mortos-vivos e cultistas com poderes sobrenaturais. Alguns empregados da fazenda tinham espingardas e revólveres, mas nada que se comparasse a fuzis, granadas e metralhadoras giratórias.

A mesa foi sacudida:

Toc. Toc. Toc.

– Quem está aí? – exigiu Jonas Zarco.

– *Elossyr* – respondeu uma voz grave e musical.

Alguns dos participantes abriram os olhos, embora não parecessem alarmados. Outros continuavam se concentrando.

– Você é bem-vindo aqui, Elossyr, campeão dos jogos e nosso guia. Está acompanhado de outros espíritos? O que faremos hoje?

– Hoje haverá uma caçada.

A voz vinha de uma senhora enfeitada, repleta de maquiagem e brincos

espalhafatosos. Parecia impossível que a mulher fosse capaz de um timbre tão grave. A impressão era mesmo de algum tipo de possessão espiritual. Mas o mais impressionante era que a voz falava com um sotaque estranho.

Sotaque élfico.

– Trouxemos novos participantes para o jogo – disse Jonas.

– Eles já estão sendo caçados – disse o maneta. Sua voz era feminina, melódica, com um indefectível traço élfico. As íris de seus olhos haviam rolado para trás, deixando os globos oculares totalmente brancos.

– Por alguém mais poderoso – falou um terceiro, também com tonalidade inumana.

Cada uma das famílias ou grupos ao redor da mesa tinha um membro possuído. Remexiam-se nas cadeiras ou estavam rijos e tensos. Exibiam expressões aristocráticas ou ansiosas, mas todos tinham algo em seu rosto ou postura que denunciava alguma coisa dentro de si. Sutilezas como linguagem corporal, tiques. Era como enxergar outra pessoa no mesmo corpo.

– Estão todos aqui! – disse o dono do museu, em júbilo.

Tábata, sua esposa, também fora tomada por uma entidade.

– Hoje é um dia especial – proclamou um dos possuídos. – Você tem um filho de Arcádia em sua casa.

Jonas Zarco arregalou os olhos. Virou-se para a esposa, como se esperasse maior intimidade ou explicações mais pacientes, mas só o corpo era dela. A presença em seu interior era tão alienígena quanto as outras, e ele sabia.

– Um deles abriga um espírito?

– Não, Jonas. Um deles *é* um elfo.

Os possuídos trocaram olhares significativos entre si; dúvida ou antecipação sádica. Alguns ao redor da mesa ainda tinham olhos fechados e mãos dadas, alheios ao que ocorria. Outros prestavam atenção, deliciados ou temerosos.

– Será o melhor dos jogos – disse o maneta, na voz de mulher.

– Não será um jogo! – protestou outra entidade. – Se capturarmos o elfo, poderemos obter o favor da Rainha. Voltaremos para casa.

– Esse nunca foi nosso objetivo. Nossas caçadas são diversões.

A discussão se prolongou por alguns minutos. Jonas Zarco assistia com assombro. Mesmo com anos e anos sediando as sessões em que os espíritos de Arcádia possuíam humanos escolhidos, observar a interação das entidades sempre era notável. E, ainda que aqueles três tivessem batido à porta por acaso, indo se juntar às presas que ele recolhera ao longo de meses, Jonas orgulhava-se de oferecer um elfo verdadeiro às entidades. Ele não sabia quem era a tal Rainha,

não fazia ideia do que era Arcádia além de um vago reino além do mundo físico, mas não importava. A fazenda e o museu construído por inspiração élfica abrigavam aquela diversão para os seres sobrenaturais.

Seu trabalho era proporcionar boas caçadas. Na juventude, ele mesmo caçara doze vítimas, nunca sendo sequer investigado pela polícia. Usava essa experiência para recolher as presas, e sua índole de bom anfitrião para receber as famílias dos possuídos.

– Senhores! – Jonas ousou interromper as entidades.

Todos olharam para ele.

– Estão encarando isto da forma errada, perdoem-me por dizer. Isto *é* um jogo. É uma caçada. A decisão sobre o que será feito com a presa... Cabe ao vencedor.

Os possuídos sorriram.

Ergueram-se e foram à sala principal do museu. Jonas destrancou as vitrines e eles começaram a selecionar espadas, maças, machados.



Nicole era péssima guarda.

Embora sentisse que nunca mais dormiria, tanta era a adrenalina, acabou fechando os olhos involuntariamente. Então o cérebro começou a pregar-lhe peças, convencendo-a de que só iria descansar um pouco, não dormir de verdade. Bastava erguer-se do chão onde estava sentada, caminhar dois passos e sacudir Felix ou Astarte, e então poderia descansar sem comprometer seus deveres. Mas isso parecia um esforço enorme. O raciocínio misturou-se com a lógica de sonhos. Logo havia uma clara razão pela qual ela *deveria* fechar os olhos, para manter-se mais atenta aos *sons* que poderiam estar vindo de fora.

Nicole adormeceu no turno de guarda, e acordou com uma voz repleta de chiados:

– Bom dia! Vocês têm três minutos.

Deu um salto, percebeu que havia cochilado. Os outros dois também despertos, em alerta. Desnorteada, Nicole olhou em volta, até notar que a voz originava-se de algum lugar atrás da pequena cômoda entre os beliches. Felix arrastou o móvel, mostrando um alto-falante embutido na parede. A mensagem transformara-se numa risada. Nenhum dos três teve dificuldade de identificar a voz de Jonas Zarco.

– Agora dois minutos e meio. Devem correr, porque é mais divertido!

– O que está acontecendo? – disse Astarte.

– Nada de bom – a garota respondeu.

– Se eles estão dizendo para corrermos – Felix debruçava-se sobre sua sacola, retirando armas –, tenho um bom palpite sobre o que é isto.

Astarte e Felix pareciam já ter desenvolvido todo um código de olhares, baseado no curto tempo em que haviam combatido juntos. Ou apenas, como duas pessoas acostumadas a situações de perigo, sabiam como se comunicar por instinto. De qualquer forma, Nicole esperava que eles estivessem travando uma extensa conversa por meio daqueles sinais mudos, ela mesma não fazia ideia de como proceder.

– Seu palpite está certo, garoto da cidade! – disse a alegre voz no alto-falante. – É hora de caçar e é hora de fugir, e adivinhem quem vai fazer o quê.

Felix olhou ao redor, em busca de microfones. Não foi capaz de encontrá-los, mas isso só significava que estavam bem escondidos. Sorte não haverem discutido nada secreto ou importante ali: estavam sob vigilância.

– Matei muita gente há algumas horas – o ruivo falou alto, tentando ser captado pelos sensores onde quer que estivessem. – Gente que tinha mais armas e treinamento do que um bando de caipiras. Matar todos os seus convidados só vai me levar até o próximo número redondo. Então sugiro que encontrem alguém menos perigoso para caçar.

Gritos do lado de fora. Três tiros, uma gargalhada. Tropel de cavalos.

– Esse é o jogo! – entusiasmou-se Jonas, do outro lado do aparelho. – Corra, coelhinho! Tente nos morder! Um minuto e meio, agora.

Astarte estava com as armas de prontidão, enquanto Nicole tentava explicar-lhe em quenya conceitos como caçadas humanas. Felix passou à frente dos dois e derrubou a porta com um chute, apenas para poupar-se o trabalho de usar a maçaneta.

Um rapaz passou correndo, deixando um rastro de sangue. Usava farrapos de roupas caras, com marcas internacionais estampadas por toda parte. Uma garota de longos cabelos tingidos de loiro corria próxima a ele, berrando, tentando ganhar velocidade dentro de uma minissaia de grife. Atrás dos dois, a menina adolescente que chegara com a última família. Ela corria, leve como uma pluma, armada com um mangual. Ria com deleite, saltitando. Boa parte da visão era obscurecida por árvores, arbustos, mato, terreno irregular. Mas, através dos berros e das risadas, dos gritos de incentivo e de pavor, ouvia-se a violência. Ao fundo, outros convidados montavam cavalos, perseguindo outras vítimas. Brandiam espadas, disparavam flechas, davam uivos de prazer.

– Por que usar essas armas que existem em Arcádia? – disse uma nova voz, de

fora da casa.

O maneta surgiu na frente da porta, agitando uma motosserra ligada.

– Isto é muito mais divertido!

– O tempo acabou – decretou a voz no alto-falante.



A pistola Desert Eagle estava apontada para o maneta em uma fração de segundo, quando Astarte se jogou e empurrou o braço de Felix. O tiro destruiu parte do batente da porta, e o maníaco gargalhou. Saltitou para trás, agitando a motosserra em ameaça ao trio.

– O que você está fazendo? – rugiu Felix.

Astarte não entendeu, mas podia ver a indignação do outro.

– Ele não tem culpa! – disse, em élfico.

Os três correram para fora da casa de hóspedes. Os berros por ajuda dominavam o ar do campo, sob o sol matutino. Nicole fazia coro. O assassino correu atrás dela, tentando golpear com a motosserra. Seu corpo era magro e desengonçado, dotado de poucos músculos, mas ele se movia com velocidade e graça surpreendentes. Além disso, sua voz era feminina.

E ele falava em quenya.

Felix voltou a apontar a pistola, mas Astarte colocou-se na frente. Puxou a espada e golpeou contra o homem, tentando fazê-lo recuar. A motosserra encontrou a lâmina, gerando um barulho horrendo e produzindo uma chuva de faíscas.

– Nicole, o que o elfo está fazendo? – disse Felix.

– Ele não tem culpa! – repetia Astarte.

O príncipe avançou com uma sequência de chutes, mantendo a espada atrás das costas. Movia-se com dificuldade, pois os inúmeros ferimentos faziam-se notar a cada giro, cada músculo utilizado. O instinto tentava impedir certos golpes, ele precisava controlar a dor e forçar-se a aguentar. O maníaco recuava para longe dos chutes e ameaçava-o com a arma, tentando aparar o tornozelo com os dentes em movimento.

– Astarte, deixe ele matar esse homem! – Nicole gritou em quenya.

– Não é ele mesmo! Está possuído.

O maneta gargalhou na voz de elfa, saltou para cima de Astarte. A serra errou por pouco, mas ele continuou cambaleando na direção de Nicole. Então não houve tempo para intervir: Felix disparou e abriu um rombo no estômago do

inimigo.

Ele continuava de pé. Olhou para o próprio ventre e desatou a rir.

– Isso vai doer amanhã! – disse ele em quenya.

– Está possuído! – Astarte trovejou de novo. – Não mate essas pessoas. São espíritos élficos dominando seus corpos!

– Nicole, que diabos ele está...

– São espíritos de elfos possuindo corpos humanos!

O maneta fez um arco largo com a serra, forçando Felix a se abaixar. Então voltou-se para Nicole, que correu para longe, embrenhando-se no capim alto e arvorezinhas de galhos retorcidos. Súbito, ela foi atingida por algo nas costas. Sentiu todo o ar deixar os pulmões, voou um metro, aterrissou de cara no chão, deslizando na grama. Pôs a mão nos óculos para segurá-los e garantir que não estavam quebrados. Girou para olhar o que a golpeara. Era um homem desdentado, pés descalços, vestido em roupas de estampa xadrez, dedos manchados de nicotina. Um típico fazendeiro, mas seus olhos estavam brancos e ele se movia como um guerreiro. Estava montado em um cavalo e tinha um martelo de guerra na mão.

– Vamos nos divertir hoje, humana!

A espada de Astarte voou, enterrando-se no ombro do cavaleiro. O cavalo relinchou e empinou, ameaçando derrubá-lo.

Enquanto isso, o maneta brandiu sua arma contra as costas de Astarte, que respondeu com um poderoso coice. No entanto, o elfo foi lento, o inimigo agarrou seu pé com os braços. Ele caiu, apoiando-se nas mãos, e acabou arrastando o maníaco junto, a motosserra ligada.

– Isso é mais divertido que qualquer coisa em Arcádia! – gargalhava o homem.

Felix jogou-se sobre os dois, aplicando uma chave de pescoço no inimigo e puxando-o para trás. Ele agitou a serra, sem conseguir atingir o ruivo. Astarte desvencilhou-se a tempo de evitar um golpe de martelo do cavaleiro. Saltou com dificuldade, chocou-se de ombro contra ele, derrubou-o da montaria.

Os outros possuídos chegavam. A garota adolescente. Um velho raquítico. Traziam manchas de sangue e armas prontas.

– Parem de lutar! – gritou Nicole, em quenya e depois em português. – Vamos fugir!

Guerreiros por instinto e natureza, Felix e Astarte tiveram a mesma reação de asco ante a sugestão. Ali estavam maníacos que organizavam uma caçada humana por diversão. Os dois queriam ficar e lutar.

Mas estavam feridos, e Astarte desejava evitar mais mortes.

Então correram.

– Isso mesmo! – comemorava o maneta. – Corram, corram! Esta é a melhor caçada de todas!



Diziam que a adrenalina era capaz de transformar o corpo numa máquina de sobrevivência, ignorando limitações físicas e escondendo dores até que a situação de perigo houvesse passado. Nicole não sabia se isso era só mais um mito confortável ou se seu próprio organismo era defeituoso de alguma forma. Os pés reclamavam a cada passo na corrida desesperada, as coxas doíam terrivelmente. Os perseguidores chegavam perto, e toda a adrenalina do momento parecia incapaz de salvar sua vida.

O maneta estava muito próximo. O som da motosserra já estremecia os tímpanos. Ela quase conseguia ouvir uma melodia no barulho do motor, já cheirava o combustível sendo queimado. A risada do homem era aguda, incomodava a audição, misturava-se com o ronco e a própria respiração ofegante de Nicole. O capim chicoteava como lâminas flexíveis em suas pernas, os galhos cheios de espinhos dos arbustos arranhavam o casaco. Ela percebeu:

Se tropeçar, estou morta.

E em seguida uma pedra surgiu como por encanto, e ela tropeçou.

Astarte de repente estacou. Correu atrás dela, enquanto Nicole se erguia. Virou-se para encarar o maneta.

– Um elfo, um elfo, um elfo! – cantarolou o homem, fazendo uma ligeira coreografia com a motosserra. – Corra mais, porque quero me divertir.

– Fique longe, vou capturá-lo! – gritou o cavaleiro, já montado de novo, brandindo o martelo de guerra.

E outros dois chegando perto.

– Afastem-se! – urrou Astarte.

– Longe do elfo, perto do elfo!

– Afastem-se dela!

Astarte saltou. Seu cotovelo chocou-se com o rosto do maníaco, fazendo o nariz estourar em sangue. O homem cambaleou para trás. Astarte então agarrou a motosserra com ambas as mãos e, usando o impulso do salto, arrancou-a do inimigo. Enquanto recuperava o equilíbrio, Astarte girou, enterrando os dentes da arma no pescoço do maneta.

A cabeça do assassino soltou-se; ele deixou a motosserra guiar seus braços,

ameaçando os demais.

– Pensei que você não queria matá-los! – Nicole berrou, de longe.

– Este já era um assassino. E para tudo há um limite.

Felix se juntou a ele.

– Incapacitá-los! – gritou o elfo.

Nicole repetiu a ordem, o ruivo assentiu.

– Então vamos atirar em joelhos e mãos – grunhiu Felix. – Um pouco de desafio.

A mão do cavaleiro, que segurava o martelo, explodiu com um tiro de pistola. Astarte correu até o velho e golpeou sua perna.

Nicole parou um instante, tentando recuperar o fôlego, os pulmões ardendo como nunca. Olhou a cena: verde até onde a vista alcançava. Parte da paisagem logo sumia num barranco. Um pequeno bosque mostrava vagas imagens de movimento frenético, sugerindo mais morticínio. O mato selvagem dominava quase tudo, dividindo espaço com plantações. O sol forte da manhã, cortando o frio, iluminando com clareza vítimas e assassinos. Grupos de pessoas berrando por ajuda. Era possível divisar a estrada ao longe, mas não passava de uma faixa de asfalto deserta.

Não havia ajuda.

Um rapaz desconhecido corria bem à frente de seu perseguidor armado de lança. Ele movia os braços e as pernas como um atleta, estava claro que sabia o que fazia. Adentrou um capão, esquivou-se por entre as árvores, saiu do outro lado. Abria cada vez mais distância, até que se deparou com uma cerca. Num movimento ágil, saltou por cima do obstáculo e continuou correndo. Estava fora da fazenda. Parou para respirar, deu uma risada, e então foi atingido no peito pela lança do caçador.

Não havia para onde fugir. Estavam no meio do nada. Haviam demorado a noite toda para encontrar o museu. Se houvesse algum refúgio, eles teriam achado-o enquanto se escondiam da Strauss, na estrada noturna.

Não havia lugar seguro.

Exceto o próprio castelo.



Quando os campos em volta estavam tomados de assassinos possuídos por espíritos élficos, havia apenas um lugar seguro: a casa principal, onde o dono da fazenda presidia o evento. Nicole correu e esgueirou-se pelo mato. Escondeu-se

atrás das árvores, enfim chegou à parte traseira do castelo. Seu raciocínio provou-se correto.

Lá dentro, a gritaria era só um murmúrio distante. Ela avançou pé ante pé, através do museu e da exibição. Escutava também a voz de Jonas, conversando ao longe com alguém. Sabia que nem todos os convidados estavam na caçada humana, então imaginou que os restantes fossem os interlocutores.

As vitrines estavam abertas, tendo sido recém-pilhadas de armas. Com pulsação acelerada, Nicole enfiou o braço lá dentro e apanhou uma longa adaga. Deu dois passos e viu um machado. Depositou a adaga de volta, pegou o machado com as duas mãos. Julgou ter firmeza com a arma, seguiu avançando. Algo lhe chamou a atenção e ela recuou. Devolveu o machado à vitrine e agarrou o cabo de uma espada. Era comprida e curva, como a que Astarte usava. Ela segurou a arma com reverência e testou-a duas vezes, cortando o ar.

Então foi em frente, seguindo a voz de Jonas.

Parou atrás do batente da última porta. Espiou a cena: em volta de uma mesa enorme, todos os convidados davam-se as mãos, de olhos fechados. Jonas também naquela posição, mas conversava com alguém. Vez por outra, um dos participantes fazia uma pergunta ou comentário, em tom reverente. Jonas traduzia para quenya. Nicole notou que cada um dos grupos possuía um membro lá fora, na caçada.

Exceto um.

O filho grandalhão do casal de velhos continuava sentado à mesa. Era o único possuído no local: os olhos virados para trás e a postura denunciavam que algo falava através dele. Sua voz era a de um ancião. Ele estava curvado, como se apenas ficar sentado fosse um grande esforço. Todas as perguntas eram dirigidas a ele, através de Jonas. Falava como um erudito, proferindo frases profundas sobre Arcádia e a relação entre os dois mundos.

Enquanto os espíritos lá fora pareciam ser guerreiros e caçadores, aquele parecia um sábio. Nicole teve uma ideia que sabia ser péssima. Então agiu antes que tivesse tempo para o bom senso.

Correu para dentro da sala, pulou os últimos passos até o grandalhão possuído. Encostou o fio da espada em seu pescoço e gritou, num tom imperioso e enlouquecido:

– Todos parados! Ou corto a garganta deste aqui!

Jonas Zarco ficou pálido. Os outros convivas encolheram-se.

– Mocinha, você... – começou Jonas.

– *Cale a boca*! – interrompeu Nicole. – Nenhuma palavra, nenhum

movimento. Se já estou morta mesmo, vou levar alguém comigo.

Ela imaginava que Felix falaria algo parecido. Torcia para que ninguém notasse o quanto controlava-se para não tremer.

– O que você quer, menina? Não adianta exigir sua própria segurança. A caçada já começou.

– Tenho amigos tomando conta de sua caçada – Nicole respondeu em quenya, provocando nova surpresa em Jonas Zarco. – Enquanto isso, seu espírito élfico vai me ajudar com algo.

Puxou o mapa de dentro do casaco e espalmou-o sobre a mesa.

Capítulo 17
O abatedouro de Jonas

NÃO É DIFÍCIL COMPREENDER O raciocínio que levou Nicole à grande sala dentro do castelo de Jonas Zarco, com uma espada encostada na garganta de um homem possuído por um espírito élfico. Tudo fizera sentido, e as ideias dela podiam ser resumidas em alguns pensamentos:

Isto não é um filme de terror. Não vou me separar dos meus amigos, não vou entrar em um lugar trancado de onde eu não possa sair.

Não vou deixar de olhar para trás. Não vou investigar barulhos estranhos ou lugares escondidos. Não vou presumir que tudo ficará bem, não vou ter curiosidade nem perguntar sobre a origem ou as motivações dos assassinos.

Não estou sozinha, não estou incomunicável. Tenho internet e celular, que não parou de funcionar no pior momento possível.

Mas:

Para quem vou ligar?

Então ela chegou à conclusão de que nada daquilo adiantaria. Ser precavida podia resultar em um sentimento de superioridade em relação às incontáveis mocinhas de filmes sanguinolentos que já haviam se deparado com situações parecidas. Mas sentimento de superioridade valia muito pouco contra um facão. Não bastava ter cuidado – era preciso agir.

Por isso Nicole separou-se de seus amigos e entrou em um lugar fechado, de onde não podia sair com facilidade, para confrontar os assassinos e investigar algo estranho. Pelo menos tinha uma espada, com a qual ameaçava o grandalhão tomado por uma entidade élfica.

– Comece a falar! – ordenou ela, no idioma musical dos elfos.

As pessoas em volta da mesa olhavam para Jonas Zarco, em busca de orientação. Nenhum deles compreendia a linguagem, não sabiam o que Nicole esbravejava ou o que vinha a ser o pergaminho que ela depositara à frente do refém.

– Esse espírito não é como os outros – disse Jonas. – É velho e alquebrado.

Mas isso significa apenas – abriu um sorriso sombrio – que não é sobre-humano. Você ainda está cercada de inimigos. Pessoas comuns. Acha que consegue vencer *16* pessoas comuns?

– E qual é a minha alternativa? – Nicole sorriu também, mas seus olhos estavam arregalados, e ela suava. – Lá fora, não tenho chance. Vocês estavam prontos para assistir a um espetáculo e fazer qualquer outra coisa que caipiras maníacos façam. Eu encarava a morte. Se morrer agora, chego a um empate, não tenho nada a perder.

Ela esperava que não pagassem para ver o blefe. Não achava que pudesse tirar uma vida, mesmo a deles.

Jonas Zarco engoliu em seco.

– Muito bem. O que quer saber?

– Já disse – falou, apontando para o pergaminho.

Era uma aposta alta; Nicole não sabia se o espírito teria qualquer medo da morte do corpo físico que habitava. Mas aquele era um sábio, não um guerreiro enloquecido. Ela esperava que ele temesse pelo menos a dor, a sensação de morrer. Mais ainda, esperava que os humanos temessem a morte de um dos hospedeiros.

O grandalhão tremia, a pele do pescoço roçando no fio da espada. Levou as mãos encarquilhadas ao objeto, como se imitasse um velho, e ergueu-o até bem perto do rosto.

– Isto é um mapa – falou.

– *Já sei!* – rugiu Nicole. – Você vai decifrá-lo e explicá-lo para mim.

– Depois disso, qual é o seu plano, garota? – interrompeu Jonas.

– Quem falou em plano? Planejei minha vida toda, e tudo que consegui foi voltar a Santo Ossário e me envolver numa conspiração cultista. Planejei a melhor forma de bater à sua porta, e em troca fui caçada. Vamos improvisar desta vez.

Ele ficou em silêncio.

– É um mapa de algo que está oculto – falou a entidade dentro do homenzarrão, como se nada tivesse acontecido.

– Continue.

– Decifrando o mapa, você revelará o esconderijo.

– É uma fortaleza?

Mantendo um olho nas pessoas em volta e outro no pergaminho, ela mostrou como dobrar e juntar as partes do labirinto.

– É uma fortaleza e um território sagrado – disse o possuído. – Um forte e um

mosteiro, em volta de um cemitério.



A motosserra parou de fazer barulho e vibrar nas mãos de Astarte. Engasgou um pouco, então seus dentes transformaram-se de um borrão letal para um contorno afiado, bem mais inofensivo. Ele não conhecia o funcionamento daquele engenho, mas em Arcádia as coisas também precisavam de combustível para operar. Além disso, traçou um paralelo com o veículo negro de Felix, que precisou ser reabastecido horas antes. Astarte não conhecia a Terra, mas jamais foi estúpido. Descartou a motosserra e seguiu correndo ao lado do humano bigodudo, em busca de uma boa posição onde enfrentar os algozes.

Felix gritou-lhe algo, ofegando. Ele não entendeu coisa alguma, exceto o nome "Nicole".

Astarte tinha visto quando Nicole se afastou, é claro. Mesmo lutando contra os possuídos, não tirava a atenção de seus próprios aliados, e tentava manter algum foco nas vítimas que tentavam salvar. Quando ela correu para o outro lado, ele perguntou aonde ia – pois já tinha notado que detê-la, em qualquer assunto ou situação, era tarefa impossível. Nicole disse "Confie em mim!", e só.

– Ela teve uma ideia, e deve estar executando-a – falou o elfo.

Felix deu de ombros. Sem a intérprete, a comunicação entre os dois era sofrível. Podiam lutar juntos, mas não transmitir conceitos complexos. Então Astarte bateu com o dedo indicador na cabeça, num gesto aparentemente universal que significava loucura e incompreensão generalizada. Felix entendeu na hora.

Sob o sol vigoroso, eles correram até um pequeno galpão. Um rastro de sangue sobre a grama pisoteada. Astarte chutou a porta, abrindo-a, e Felix apontou uma arma para o que quer que estivesse lá dentro.

Deparou-se com o cadáver de uma moça.

E o assassino oculto, que Astarte notou no mesmo instante.

– Mostre-se – ordenou o príncipe.

Vendo que Astarte tinha tudo sob controle, Felix recuou e fechou a porta, protegendo seus olhos da luz que entrava de fora. O elfo entendeu que o contraste entre a claridade do sol matutino e a escuridão do galpão prejudicava a visão do humano, que tentava forçar os olhos a se acostumarem. A visão de Astarte adequara-se rapidamente, ele enxergava o inimigo com clareza.

Era um homem alto e gordo, vestido em uma camisa de tecido branco

encardido e desgastado, que deixava seus braços de fora. O rosto com a barba por fazer estava maquiado com cores fortes. Ele sorria bastante, tinha um machado em uma mão e uma faca na outra. Apesar da aparência, movia-se com a graça de um elfo.

– Diga-me seu nome antes que eu o mate – ordenou Astarte.

O possuído deu uma risadinha, com a ponta da língua para fora da boca.

– Você tem pudores em matar. Quer preservar os corpos dos humanos.

– Matei um de vocês.

– Mas este hospedeiro não era um assassino. Nunca foi. Não sabe o que acontece quando tomo seu corpo. Vai matá-lo?

Astarte ficou em silêncio. Tentou ouvir os pensamentos do espírito – afinal, se era um elfo, sua mente deveria ser um livro aberto. Mas viu-se incapaz. Era o mesmo que tentar ouvir um humano. Não sabia se era um poder ou deficiência da entidade, ou se a Terra anulava suas próprias capacidades progressivamente.

Eram divagações para outro momento: ali estava um inimigo com capacidades de elfo e mente insondável. Astarte expandiu os sentidos e anulou-os, entrou em estado de concentração. Assumiu posição de luta, com os pés afastados e as mãos à frente do corpo – um trecho de uma das Formas Sublimes, uma base codificada naquelas coreografias guerreiras.

– Você é um elfo? – disse Astarte.

O possuído riu.

– Não sei. Já fui, isso é certo. Agora? Não me pergunte.

– O que é, então?

– Há muito tempo, chamavam-me de Lemyassar, o Texugo.

A lembrança acendeu-se no fundo da mente de Astarte, por trás do vácuo da concentração. Ele não se deixou ponderar sobre aquilo, apenas reconheceu o nome. Lemyassar foi um grande guerreiro elfo, alguém que ele estudou na história da guerra, com Rhaewodd. Não foi um general, mas um lutador feroz, que investia sozinho contra hordas de inimigos. Nem mesmo os outros elfos ousavam ficar perto dele quando lutava, pois o júbilo da batalha dominava-o, e ele atacava quem estivesse por perto. Era uma nota de rodapé na história de Arcádia. Alguém que travou batalhas ancestrais contra inimigos há muito esquecidos.

– Então alguém ainda se lembra de mim – disse Lemyassar no corpo do humano, notando o reconhecimento de Astarte.

– Você viaja de Arcádia para a Terra?

Mais uma risada.

– Não. É até engraçado pensar nisso! Como *você* veio para cá?

– Eu... Já estava aqui.

– Por um momento achei que alguém houvesse encontrado uma rota. Ninguém pode viajar de Arcádia para a Terra. Pelo menos nenhum elfo. Pelo menos não com facilidade. Os caminhos estão fechados. Você pode se lembrar de mim, mas mal me lembro de Arcádia.

A faca e o machado abaixados, mas prontos.

– O que aconteceu, Lemyassar?

– Você é jovem. Não o reconheço. Então não deve ter visto as guerras, quando éramos senhores deste mundo.

– Guerras contra quem?

– Contra os *outros* senhores, é claro! Os elfos não eram únicos, havia outras raças. A humanidade então conhecia seu lugar, eram nossos escravos. Mas a guerra nos enfraqueceu. Tivemos de nos retirar; nós e muitos outros. E eu fiquei preso entre os dois mundos.

Ainda em posição de combate, Astarte ouvia. Felix, mais atrás, permanecia imóvel. Mesmo sem entender uma palavra, compreendia que era algo importante.

– Meu corpo há muito se foi. Restou... Algo. Uma alma, um espírito, uma mente incorpórea. Uma entidade que nada pode fazer, exceto ocupar vis corpos humanos.

O príncipe élfico respirava pausadamente. Observava o inimigo. Lemyassar começou a circundá-lo. Mesmo que Astarte descartasse a moralidade e decidisse matar aquele corpo, seria apenas um paliativo. A entidade possuiria outros, provavelmente em Santo Ossário.

– Por que faz isto? – perguntou Astarte.

– Porque é divertido! – Lemyassar gargalhou. – O que mais há para fazer? Vi os humanos voltarem às cavernas. Vi construírem suas primeiras cidades, erguerem civilizações que não passavam de lembranças imperfeitas do que *nós* ensinamos a eles. Vi impérios nascerem e morrerem, descobertas científicas, engenhos. A cada século, as passagens para Arcádia se fechavam um pouco mais. A cada milênio, eu esperava que *alguém* me notasse, me levasse de volta, me curasse. Mas isso nunca aconteceu, e agora não há mais passagem alguma. Existe apenas esta cidade, numa civilização humana jovem. Aqui é mais fácil possuir corpos humanos. Então busco apenas me divertir um pouco.

Lemyassar lambeu a lâmina da faca. Mesmo no passado, fora um guerreiro enfurecido. Em sua forma atual, Astarte duvidava que a morte fosse sequer um

inconveniente. Assim como outros espíritos, Lemyassar encararia o corpo como uma ferramenta descartável.

Então o Texugo atacou.

Pulou para Astarte, deu um golpe imenso com o machado. O príncipe esquivou-se para baixo e para a frente. Lemyassar estocou com a faca, mas Astarte bloqueou seu braço com a mão. Felix correu para manter o assassino na mira, mas não disparou – mesmo sem diálogo, compreendia a vontade do elfo, permanecia de prontidão como uma medida de segurança.

Lemyassar golpeou repetidas vezes; Astarte aparava, esquivava-se, recuava. Mesmo no estado de concentração, precisava de raciocínio. Aquilo não era apenas uma luta, ele deveria resolver o problema maior. Preservar a vida do humano, enquanto impedia que a entidade ficasse livre. Salvar ele mesmo, Felix, Nicole e as outras vítimas. E devia ser rápido: enquanto conversara com o assassino, pessoas estavam morrendo.

– Este não é o caminho élfico – disse o príncipe em voz alta, subitamente.

Lemyassar investiu com a faca, dardejando sua ponta inúmeras vezes, como a cabeça de uma serpente. Muito próximo, Astarte aparou cada golpe com movimentos pequenos, mexendo as mãos e os pulsos num borrão.

– Vai ensinar ao Texugo o que significa ser um elfo? – riu o possuído.

– Este problema não será resolvido agora – disse, com um sorriso calmo. – É preciso ter paciência.

Então Astarte juntou seus dedos estendidos e golpeou com as pontas na base do pescoço do inimigo. Lemyassar engasgou. Largou o machado e levou a mão à garganta. Astarte desferiu um novo golpe, dessa vez na têmpora. Abaixou-se num relâmpago e bateu com as pontas dos dedos em suas coxas. Lemyassar perdeu o controle das pernas e desabou. Ainda balançava os braços, mas o príncipe acertou-lhe nos ombros, e aquele movimento também se foi. O rosto já ficava roxo, então um novo golpe devolveu-lhe a respiração.

– Maldito! Desgraçado!

Vyslanna ensinara-lhe aqueles golpes, alguns dos mais difíceis e precisos do combate desarmado élfico. Aplicara-os no próprio príncipe, como punição por desobediência, durante sua juventude. Agora eles mostravam sua utilidade: o corpo que Lemyassar possuía ficaria paralisado. Ele não tinha movimento ou sensação nas pernas e braços. Estava cego.

Mas vivo.

– Não vou matá-lo, Lemyassar. Este humano não merece a morte. Mas também não sei como impedir que você o possua. Então está cego e paralisado.

Ficará assim até que eu pense em algo melhor.

Astarte ergueu-se. Virou as costas e fez um sinal para Felix, indicando a porta. Havia trabalho a fazer, pessoas a salvar.

– Vou encontrá-lo, elfo! Vou encontrá-lo e matá-lo! Não pode me deixar assim!

– Encontre a paz, Lemyassar.

E saiu ao sol para deter o massacre.



– A fortaleza nunca será encontrada por um humano – disse o possuído, em sua voz envelhecida.

Jonas Zarco sorriu satisfeito.

– O que você queria é impossível! – zombou. – Você é como todas as pessoas das cidades. Deseja o que não pode ter!

Nicole ignorou-o.

– O que quer dizer? Por que não?

A entidade olhou-a de soslaio, com os olhos mortiços do grandalhão.

– Os humanos buscam atalhos. Quando confrontado com um labirinto, um humano procura a saída. Mas um elfo entende que o labirinto tem um propósito. Deve ser percorrido. O enigma deve ser decifrado. A saída e a resposta são vazias, não oferecem nada.

– Isso é muito bonito, mas não me diz que lugar é esse, ou como alcançá-lo.

– Por que quer chegar lá?

Ela hesitou.

– Não interessa! – disse, por fim. – Eu tenho a espada, eu faço as perguntas. Vamos, explique.

O possuído continuou examinando o pergaminho.

– Um humano nunca encontrará este lugar também porque a humanidade busca complexidade onde não há. Isto é simples. Um humano não enxerga o que está à sua frente.

– Então deixe tudo bem claro para esta humana. O que está na minha frente?

– Um labirinto.

Ela pressionou ainda mais o fio da espada contra a garganta do homem.

– Os símbolos e números são notações de locais – ele continuou, sem se abalar. – Um método élfico para algo que os humanos também descobriram. Codificar posição geográfica.

Coordenadas.

Contudo, o possuído dizia, aquelas eram coordenadas élficas. Muito mais precisas e completas que aquelas descobertas por humanos. Descreviam para onde alguém deveria estar virado em determinado ponto. O que deveria pensar, os lugares figurativos onde deveria estar sua mente. Eram, enfim, descrições exatas de lugares físicos e mentais, pontos onde alguém deveria se postar. Cada conjunto de números e símbolos descrevia uma quina do labirinto. Ele deveria ser percorrido de todo, sem a intenção de achar uma saída. Porque a saída não existia: se tudo fosse feito da maneira certa, o final iria se tornar parte do labirinto. A jornada seria completada sem que o viajante deixasse o percurso. O objetivo faria parte do trajeto – um conceito da filosofia élfica.

As duas fortalezas gêmeas no pergaminho eram tanto a primeira pista para decifrar o significado quanto a indicação da mentalidade correta para chegar ao fim. Assim como era possível dobrar o objeto e aproximar ambas, infinitas outras dobraduras também eram possíveis. A cada uma, formava-se uma imagem já presente. Um pedaço que já fora representado repetia-se, uma jornada dentro da jornada dentro da jornada. Se fosse possível dobrar tanto assim, o labirinto podia ser reduzido a um mero ponto.

– Porque o objetivo desta jornada se aproxima do viajante que está em vários lugares ao mesmo tempo.

Eram conceitos abstratos. Exigiam interpretação e lógica tortuosa.

Mas a base de tudo estava clara: para chegar àquela fortaleza, fosse o que fosse, era necessário seguir as linhas do diagrama. E cada posição tinha um equivalente no mundo físico, marcado pelas coordenadas élficas.

Nicole sentiu uma euforia imensa, um entusiasmo por haver descoberto um mistério e ver um novo objetivo se descortinando.

Mas o que fazer com isso?

Antes que ela pudesse pensar a respeito:

– Você deveria saber, menina humana – disse a entidade –, que não me importo nem um pouco com este corpo.

Ela arregalou os olhos. Virou-se para o casal de velhos que acompanhara o grandalhão. Eles pareceram se dar conta do que aquilo significava, mesmo sem entender o quenya, e começaram a se erguer. Jonas Zarco ordenou em português:

– Agarrem a pirralha!

Os outros se levantaram em direção a Nicole.

– Eu vou matá-lo! – ameaçou a garota.

– Então mate – disse Jonas.

Ela não tinha coragem.



– Obrigado! – disse o humano ensanguentado para Astarte. – Obrigado! Achei que eles fossem... Que fossem...

– Ele não entende nada do que você fala, colega – Felix interrompeu, vasculhando o espaço ao redor com a pistola.

Astarte olhava de um para o outro, mantendo a atenção nos inimigos. Desvencilhou-se do homem agradecido e passou sobre o corpo inerte mas vivo que estivera prestes a matá-lo.

– Eis o que você vai fazer, amigo – disse Felix.

O homem assentiu enfaticamente, concordando mesmo antes de saber qual seria a ordem.

– Vai esperar meia hora e ligar para todas as pessoas, órgãos públicos, instituições e empresas que conseguir. *Todas*.

– Polícia? – ele gaguejou.

– Polícia. Prefeitura. Jornais. Exército. Hospitais. Creches. Todos os seus amigos e parentes. Porque, dentre todos esses, existe a chance de que *alguém* não esteja envolvido em uma conspiração interessada em abafar o que aconteceu aqui.

O ruivo empurrou um celular para as mãos do homem.

– Fique com este, tenho outros. E faça *exatamente* o que eu disse. Você está em Santo Ossário, e muitas pessoas vão preferir transformá-lo em mais uma baixa infeliz a expor a existência de um círculo de loucos assassinos que incorporam espíritos de outro mundo. Então avise todos. Tenha certeza de que todo mundo que você conhece sabe onde você está, e que ainda está vivo.

– Por que esperar meia hora? – o homem disse, quase com timidez.

– Porque precisa *nos* dar tempo para fugir, é claro!

Correu para alcançar Astarte. Deteve-se por um momento e se virou:

– Não somos pessoas de bem... Mas estamos do seu lado!

Eles haviam conseguido salvar aquele homem e mais uma dezena de vítimas, embora não todas. Em seu rastro, os dois deixavam inimigos paralisados e feridos. Astarte usava suas técnicas para cortar o controle que os algozes tinham sobre os próprios movimentos. Felix, sem dispor de métodos tão sutis, atingia joelhos e mãos com tiros certeiros. Ambos já haviam calculado, embora não pudessem comunicar isso entre si, que a maioria dos caçadores fora neutralizada.

Faltava uma – a esposa de Jonas, Tábata Zarco. Nenhum deles sabia que havia ainda um último dentro do castelo, sob a espada de Nicole.

Eles se aproximavam aos poucos da casa principal, fazendo uma rota longa, cruzando pelos bosques, sob barrancos, através do mato, sem correr em campo aberto por tempo demais. Embrenharam-se numa plantação de vinhas altas, sustentadas por armações de madeira, capazes de esconder um homem adulto. Havia caminhos, pequenas estradas, possibilitando atravessar a plantação sem destruí-la.

De repente, Astarte estacou, fez um sinal com a mão.

– Também ouvi – disse Felix.

Dos dois lados da trilha, surgiram capangas armados. Homens grandões, fumando cigarros artesanais, com bonés e chapéus típicos. Roupas surradas, botas cobertas de lama seca, revólveres e espingardas. Cerca de uma dúzia – os guardas da fazenda, que também desempenhavam os papéis de trabalhadores e capatazes.

– Vocês devem estar brincando – Felix balançou a cabeça.

– Não gostamos do seu tipo por aqui – disse quem parecia o porta-voz, cuspindo no chão.

– Viu o que acabamos de fazer com seus chefes? Eles são espíritos cheios de poderes. Vocês são imbecis com armas. Realmente vai bancar o herói?

– Largue a pistola, meninão.

Felix desatou a rir.

– Você é uma pessoa real! Nasceu, cresceu, tem pais e amigos. Teve sonhos e ambições. E agora vai jogar a vida fora para cumprir uma ordem estúpida?

O capanga não teve resposta para isso, apenas apontou a espingarda de forma ameaçadora. Felix tocou Astarte no braço, chamando sua atenção. Deu de ombros, como se dissesse “Não podemos poupar todos”. Aqueles não estavam possuídos, não eram inocentes. Sabiam muito bem o que faziam.

– Largue a arma! – disse mais uma vez o caipira.

– Vou avisar de novo. *Você vai morrer.*

– A senhora Tábata quer vocês!

Como se respondesse a um chamado, a esposa de Jonas Zarco surgiu de dentro da plantação. Era uma mulher baixa, de meia-idade, rosto cheio de rugas, queimado de sol. Movia-se com a desenvoltura de um guerreiro elfo. Carregava uma alabarda.

Felix ergueu um dedo. Astarte entendeu que era uma contagem: um.

Então dois.

Três.

E começaram os tiros.



O primeiro foi até Nicole com os braços estendidos, tentando agarrá-la pelos ombros. Ela girou a espada sem técnica alguma, mas o fio fez seu trabalho. Cortou as palmas das mãos do homem, fazendo-o recuar. Ela mesma começou a andar para trás, agitando a espada à frente, tentando parecer ameaçadora. Esbarrou numa cadeira e por pouco não tropeçou. Segurou-se a tempo de impedir que um segundo se aproximasse.

– Você não tem chance – disse Jonas Zarco. – Já venceu uma única pessoa em uma luta, por acaso?

– Quem vai ser o primeiro? – ela gritou, erguendo a espada.

– O primeiro já foi. Você fez um corte em suas mãos. Ele vai precisar de ataduras, talvez alguns pontos. E só.

Quatro se acercavam dela ao mesmo tempo. Ela se voltava a um e a outro, sempre deixando uma brecha. Tentou lembrar como Felix e Astarte faziam, das poucas vezes que os vira lutar. Eles pareciam ter olhos no corpo todo, nunca davam as costas ao adversário. Virando-se para a esquerda e para a direita, recuando...

– *Não.*

De costas para uma parede.

Os quatro pularam sobre ela. Nicole golpeou com a espada contra um aleatório, mas acertou-o no ombro e mal cortou seu casaco grosso. Então agarraram-na, imobilizaram-na e tiraram a arma de suas mãos. Nicole se debatia, chutava, mas os homens ergueram-na sem dificuldade. Ela esperneava no ar, berrando e xingando-os.

– Só mesmo na cidade uma menina conhece esse palavreado! – disse Jonas Zarco. – Você merece ser punida.

Alguém entregou uma faca ao possuído. Ele agarrou o cabo com a mão trêmula. Então jogaram Nicole sobre a mesa, seguraram seus braços e suas pernas. O grandalhão levantou-se, ficou com a lâmina apontada para o peito da garota.

– Não sou ágil como os outros – disse a entidade, em voz laboriosa. – Mas isso não significa que eu não goste de matar.

– Obrigado pelo mapa! – Jonas Zarco ensaiou um passo de dança. – Vamos

achar esse lugar e descobrir o que ele tem a oferecer! Esta foi a melhor caçada de todas!

O possuído ergueu a faca.

E sua mão foi decepada por uma lâmina que cortou o ar, girando.

Astarte surgiu na porta, a mão ainda estendida depois de arremessar a faca que recolhera dos assassinos. Logo atrás, vinha Felix, trazendo Tábata Zarco pelos ombros, uma arma encostada na têmpora.

– *Meu amor!* – Jonas Zarco desesperou-se.

– Soltem minha amiga – sibilou Felix Kowalski, em voz baixa e fria.

Houve um instante de imobilidade. Jonas pálido, olhos esbugalhados.

– Vocês não são assassinos! – disse ele, a voz falhando. – Não irão matá-la.

– Sua esposa sabia muito bem o que estava acontecendo – Felix respondeu. – Organizava tudo, junto com você. Nós conversamos com as vítimas, senhor Zarco. Não temos razão alguma para poupar Tábata. Agora – falou com os olhos nos olhos – soltem a garota.

– Obedeçam!

Nicole foi solta. Chutou um dos homens ao redor da mesa, por raiva. Então apressou-se para se juntar aos outros dois.

– Solte minha esposa.

– É claro – disse Felix.

E apertou o gatilho.

O sangue voou, sujando a parede. Jonas emitiu um berro medonho, levou as mãos ao rosto.

Astarte foi até ele. Agarrou-o pelo pescoço, ergueu-o.

– Tábata! Tábata! Amor da minha vida!

O elfo olhou seu rosto. A dor era genuína. O amor que aquele monstro tinha pela esposa era real e imenso. Também eram imensas suas atrocidades. Astarte tentava compreender a motivação de Jonas Zarco. Seria a mesma dos nobres da corte da Rainha? Sensação de superioridade e divertimento amoral? Seria tentativa de agradar a entidade que possuía Tábata, na crença de que estaria agradando a esposa?

Como poderia uma pessoa ter a capacidade de amar e ao mesmo tempo ser responsável por massacres?

– Não tente entender – ele ouviu a voz de Nicole, como se ela escutasse o que ele estava pensando.

Astarte olhou para trás.

– Não tente compreender gente como ele. É impossível, e vai dominar sua vida

toda. Acredite.

– O que ele merece, Nicole?

– Não sei. Você não sabe. Ninguém sabe. Mas tome a decisão sem tentar entendê-lo, e não se arrependa, seja ela qual for. Tentar compreender um monstro não deixa espaço para mais nada dentro de você.

Ele assentiu.

Olhou a face desesperada de Jonas Zarco.

Desferiu um soco poderoso em seu peito, fazendo o coração parar.



O castelo queimava. Restaria pedra enegrecida, mas pouco mais. Felix fez uma ligação direta num dos carros da propriedade, que eles usaram para se afastar. Quando vieram as equipes de TV, as ambulâncias, os curiosos e os policiais, eles já estavam longe. Não ouviram sequer uma sirene.



– Quase tenho medo de perguntar isso de novo – disse Felix, à noite. – Mas para onde estamos indo?

Em resposta, Nicole puxou o pergaminho do bolso do casaco. Abriu-o e apontou para um lugar no mapa-labirinto.

Para seguir as instruções do espírito, eles abandonaram o carro no meio de um bosque. Colocaram uma pedra pesada sobre o acelerador e deixaram o veículo correr sozinho até despencar da serra. Então se postaram numa coordenada precisa, indicada no diagrama.

E começaram a jornada.

Capítulo 18
O benfeitor

EMANUEL MONTAGUE PENSAVA NO CUSTO por hora de desmantelar seu sonho.

Já fazia uma semana desde o tiroteio no laboratório, a fuga de Astarte e a destruição da casa dos Manzini. Os cadáveres haviam sido recolhidos, as explicações necessárias haviam sido forjadas.

A história que acobertou a morte da equipe do Projeto Adônis fora uma obra-prima de sua própria autoria. Continha todos os elementos necessários para transformar um escândalo numa tragédia mundial. Emanuel usava na lapela do paletó duas pequenas fitas de tecido, dobradas uma sobre a outra de modo a fazer um laço, azul sobre verde. Aquele símbolo de luto fora adotado em todos os continentes – mais uma criação de Emanuel, unindo pessoas de incontáveis países em torno de uma causa positiva, em resposta à morte daqueles luminares da ciência e da indústria. Acreditava-se que os cientistas haviam morrido num infeliz acidente industrial, trancando-se no laboratório para conter um vazamento químico que poderia ser letal para a população inocente. Assim, de cultistas massacrados pela criatura que eles mesmos haviam desenvolvido, os integrantes da equipe transformaram-se em mártires. Inúmeros funcionários da Strauss S.A. deram depoimentos sobre como haviam sido expulsos do complexo ao menor sinal de perigo, vidas salvas por aqueles heroicos homens da ciência. Esses testas de ferro acreditavam nas próprias mentiras – Emanuel encarregara-se de manipular suas mentes com um ritual poderoso.

As ações da Strauss haviam despencado, é claro. Caso ainda houvesse algum membro do Conselho Administrativo capaz de pensamento independente, teria protestado, esbravejado, insistido que Emanuel acobertasse tudo.

Pelo menos ele não precisava lidar com aquilo.

As ações despencaram, mas foi temporário. Quando a página inicial do site de buscas de Trevor Abassian começou a exibir os vídeos da família e amigos incentivando doações para fundos de caridade em nome do falecido matemático, a opinião pública se converteu. No primeiro vídeo, a mãe de Trevor agradecia a

simpatia e os pêsames, com lágrimas nos olhos, mas dizia que as famílias das vítimas não precisavam de dinheiro ou apoio. No entanto, havia milhões de crianças em países de Terceiro Mundo que não contavam com a mesma infraestrutura. Para honrar a memória de Trevor e de todos os outros, o melhor era garantir que os jovens tivessem educação, para que se tornassem os cientistas do novo milênio. Estranhos do mundo todo começaram a gravar depoimentos como aquele. Alguns eram escolhidos e postados na página inicial do site. A campanha tornou-se viral.

Quando as pequenas fitas azuis e verdes dominaram as lapelas nos Estados Unidos, Europa, Ásia, as ações começaram a subir de novo.

Fazia uma semana desde a fuga do elfo. Nesses sete dias, Emanuel Montague criara uma campanha filantrópica mundial. Vendera uma ideia a pessoas, empresas, governos e ONGs. Apagara as memórias dos guardas que haviam visto o que não deviam e supervisionara pessoalmente a execução daqueles que se mostraram resistentes. Mas não encontrara Astarte. Rastros de sua passagem, sim, mas não ele.

O celular vibrou. Uma das secretárias transmitia um convite da Unesco para que ele falasse sobre a campanha que organizara. Com um suspiro melancólico, Emanuel ordenou que ela agradecesse, aceitasse e marcasse uma data conveniente. Quando guardou o aparelho no bolso, mal se lembrava da honraria.

Nada tinha valor, pois ele conhecia o preço exato de cada hora necessária para a demolição de seu sonho.

Não podia haver rastros do laboratório, então equipes de trabalhadores braçais botavam-no abaixo. Usavam trajes de proteção para preservar a fachada do acidente. Emanuel assistia àquilo com morosidade incomum, tristeza infinita. Bastavam máquinas e marretas para reduzir a escombros o palco da maior criação da ciência, o local que abrigara o grande objetivo de sua vida. Ele idealizara o Projeto Adônis, convencera o conselho administrativo da Strauss, captara fundos, reunira a equipe, coordenara o trabalho.

Agora pagava para que homens abrutalhados destruíssem o berço e lar de Astarte, o príncipe dos elfos.

Mas a tristeza não erigia o mundo novo. Aquelas eram paredes amadas, mas eram só paredes. O mais importante era recuperar o elfo, garantir que a vontade da Rainha se cumprisse, com ou sem contratempos. Mil anos no futuro, aquilo seria apenas um detalhe na história. A tragédia que acrescenta drama e profundidade à jornada heroica para a nova era. Pensando nisso, ele despiu o traje protetor, passou por todos os procedimentos (desnecessários) de

descontaminação, respondeu a algumas perguntas de repórteres de tocaia e entrou no carro, onde o motorista já estava esperando.

– Para casa.

Fazia uma semana desde a tragédia. Uma semana desde que um profano metralhou os elfos imperfeitos que os irmãos haviam criado no esforço até o triunfo. Uma semana desde que Astarte deu as costas à glória que havia no futuro e à devoção que lhe haviam prestado. Uma semana desde que Nicole Manzini surgiu sem propósito no meio daquilo tudo, e seu pai junto com ela.

Emanuel fez um esgar de nojo, sem querer. Recompôs-se, reprovando a si mesmo pelo descontrole. Quando os portões da propriedade se abriram ante a passagem do carro, ele quase podia sentir o fedor de Salomão Manzini empesteando a casa.



– Desta vez trouxe um bolo para você – disse a mulher, abrindo um sorriso maternal cheio de rugas.

Abel gaguejou um obrigado, quase deixou cair o prato de plástico. Sentou-se no banco encostado à parede, enquanto o policial fechava a porta da cela. Adelaide perguntou sobre a família do guarda. Ele respondeu que estavam todos bem, o filho se recuperava da catapora. Ela sentou ao lado de Abel, e no mesmo instante o rapaz começou a suar. Adelaide suspirou.

– Não precisa ficar nervoso perto de mim.

– Não estou nervoso – ele gaguejou.

Tentava cortar uma fatia do bolo com a faca de plástico, mas a tremedeira nas mãos não permitia. Abel Montague trucidava a guloseima, abrindo um rombo e produzindo um monumento de farelos. Enzo, que dormia estirado no outro banco, sentiu o cheiro do bolo e despertou, interessado. Adelaide tomou a faquinha das mãos de Abel e cortou fatias grossas e idênticas. Deu uma a Enzo, sobre um guardanapo de papel. Outra a Abel. Chamou o policial e entregou uma fatia para cada um dos que estavam de serviço naquela manhã. Pegou uma fatia generosa para si mesma. Mordeu-a e mastigou devagar, com olhos fechados e expressão de êxtase.

– Está uma delícia – Abel conseguiu murmurar.

– É claro que está, a modéstia não me impede de dizer.

– Por que você só traz bolo para ele? – Enzo protestou, bem-humorado, em sua voz engrolada.

Adelaide fez uma expressão de severidade brincalhona.

– Você já está acostumado com a cadeia! Abel nunca tinha sido preso antes.

O rapaz ficou róseo, a face fervendo. Passou a concentrar-se intensamente no pedaço de bolo.

Estavam na delegacia – não havia presídio em Santo Ossário. Aquele era um depósito temporário de meliantes inofensivos, quase hóspedes, quase amigos do delegado. Adelaide vira a maioria daqueles policiais nascer e crescer. Era pouco mais velha que o delegado. Estava acostumada a passar noites na delegacia, sua presença mantinha um clima ameno e agradável. De fato, quando Salomão Manzini foi capturado, muitos anos atrás, Adelaide estava detida, mas o delegado mandou-a para casa para não arriscar contato entre o único criminoso perigoso da cidade e a simpática prostituta. Enzo era um bêbado folclórico – de alguma forma, as pessoas de Santo Ossário não conseguiam usar o termo "alcoólatra" para descrevê-lo, e nem cogitar que ele poderia ser vítima de uma doença grave. Enzo não tinha família, não prejudicava ninguém além de si mesmo, e era detido quando uma bebedeira resultava em serenatas a plenos pulmões de madrugada. Ninguém conhecia sua idade, mas era contemporâneo de Adelaide e do delegado. Certa vez, quando a delegacia precisou de pintura e estava sem recursos, os três se uniram na tarefa, e o resultado foi uma bela renovação.

Aquelas celas recebiam jovens arruaceiros, vez por outra. Um ou dois turistas que passavam dos limites. Algum adolescente apanhado roubando um item de pequeno valor, denunciado pelos pais para que aprendesse uma lição. E só. Não havia crime em Santo Ossário. Não havia violência e assassinatos, como nas cidades grandes.

Mesmo assim, Abel entrara na delegacia apavorado. Tranquilizara-se desde então, mas não chegara a dormir em paz uma única noite.

– Há quantos dias está aqui? – disse Adelaide, servindo-se de uma segunda fatia de bolo.

– Não sei – o rapaz respondeu, após um curto acesso de tosse. – Muitos.

– Pobrezinho.

Adelaide estendeu a mão para afagar o cabelo de Abel, ele quase saltou para trás. O pedaço de bolo caiu no chão. Ele fez menção de comê-lo, mas Adelaide proibiu e ofereceu outro. Então, o terror para alguém constrangido pela mais breve interação social: agir com naturalidade após um erro. Ele não sabia o que fazer com o bolo que havia derrubado, o ato de aceitar a fatia de repente tornara-se complicado. Tentou recusar, dizendo que estava farto, mas quisera comer

antes, teve de dar explicações, enredando-se numa teia de constrangimentos de sua própria criação, que só ele via.

Adelaide e Enzo observavam-no com um misto de pena e diversão.

– Calma, Abel – disse o bêbado. – Ela não vai mordê-lo.

Ele ficou ainda mais vermelho.

No início, Abel tinha medo da cadeia. Logo, o medo de Adelaide tornou-se maior. Não sabia como agir com a prostituta de ar sereno, mesmo que ambos já tivessem dividido a cela algumas vezes desde que ele fora apanhado roubando.

– Eles não podem mantê-lo aqui por tanto tempo – disse Adelaide. – Vou conversar com o delegado hoje.

– Não se incomode.

– Me incomodo, sim! Isso não é certo. Mesmo que você tenha roubado da fortaleza...

De repente, Abel esqueceu a inabilidade social e o constrangimento. Os olhos brilharam e as sobrancelhas uniram-se, tornando o rosto mais duro.

– *Não roubei.*

Adelaide e Enzo ficaram calados, mastigando.

– É verdade! – protestou Abel. – Não roubei nada. Emanuel armou aquilo.

– Por que então estava pedindo desculpas quando foi apanhado?

Ele olhou para o chão, tomado de um sentimento sufocante de vergonha e raiva. De Emanuel, da cidade que acreditava em apenas um dos irmãos Montague, de si mesmo. Pedira desculpas porque estava intimidado. Porque parecera mais fácil que afirmar a própria inocência. Porque não conseguia *não* pedir desculpas para Emanuel. Porque não achara que seria preso, mesmo que em caráter temporário.

– Todos cometemos erros – continuou Adelaide. – Não é vergonha admitir isso. E se você não acha que foi um erro, erga a cabeça e fale! Eu não acho que minha profissão seja um erro. Mas não minta, principalmente para si mesmo.

– Não roubei.

– Você não tirou aquele brinquedo de um dos expositores na Fortaleza da Memória?

– Estava em cima do vidro. Não fazia parte da exposição. Não foi roubo.

– Abel, mesmo que alguém tenha se esquecido de guardar...

– Não estava lá antes! Eu achei, era meu. O ladrão é Emanuel.

Adelaide e Enzo trocaram um olhar preocupado.

– Não acuse seu irmão.

– Ele roubou o cubo de mim! Quem é o ladrão?

– O tal quebra-cabeças foi devolvido à fortaleza.

– Você já o viu lá? Já visitou a Fortaleza da Memória desde que Emanuel pegou o cubo?

– Querido, ninguém que mora nesta cidade visita a Fortaleza da Memória. Temos empregos, famílias...

Abel fechou os olhos e botou a segunda fatia de bolo sobre o banco, ao lado da primeira. Agora legitimamente sem fome. O apetite foi substituído por uma náusea fria, a decepção a que ele deveria estar acostumado. Afinal, acontecia desde sempre.

– Certo – disse o rapaz. – Acredite nele. Todos acreditam.

Adelaide ficou séria. Assumiu a postura reta e sábia que tinha com os clientes quando eles precisavam de conselhos. Não que Abel soubesse disso, é claro.

– Abel, você precisa parar de culpar seu irmão por tudo. Sei que perdeu os pais, teve uma infância difícil. Mas Emanuel *também* era uma criança na época do acidente, e cuidou de você.

Abel fechou os punhos. Sua respiração tornou-se profunda, lenta.

– Ele... não... cuidou de mim. Ele... *matou nossos pais.*

Adelaide muito séria. O assunto tornou-se pesado demais para Enzo. O bêbado deitou no banco e fingiu que dormia.

– Não fale isso. É uma acusação muito grave.

– Mais grave do que o que ele fez? O que ele *faz?* Emanuel continua matando! Vocês não têm ideia de quantos assassinatos em Santo Ossário são obra dele!

– *Que* assassinatos, Abel?

Não havia assassinatos em Santo Ossário. Houvera o Estripador das Hortênsias, há muito tempo. Houvera o trágico acidente com os cientistas recentemente. Adelaide ouvira algo sobre um incidente numa fazenda próxima, mas nenhum detalhe fora noticiado. Devia ser alguma briga familiar que saiu do controle. O delegado falara certa noite sobre um maníaco foragido, mas isso se revelou ser um boato infundado.

Não havia violência em Santo Ossário.

– Ele não vê as outras pessoas como seres humanos – continuou Abel. – São só peças em um jogo. Ele calcula o valor de cada vida na cidade, decide quem pode morrer, quem não vai fazer falta.

– Certo. E esse homem que não vê valor na vida humana lidera projetos de caridade? Supervisiona em pessoa a demolição e limpeza do local do acidente? Esse monstro visitou as famílias dos trabalhadores que *escaparam ilesos* do desastre, apenas para garantir que estavam bem?

– Não importa que ninguém acredite. Dizer a verdade é a única coisa que me resta. A única coisa que Emanuel não conseguiu tirar de mim.

Ela balançou a cabeça.

– Deixe de ser ingrato.

Abel pareceu ter levado um soco.

– Seu irmão sustenta-o – disse Adelaide. – Você nunca sofre nenhuma privação, ele lhe dá tudo de presente. E agradece acusando-o da coisa mais horrenda?

– Você não conhece Emanuel.

– Por que você não para de pensar em Emanuel? Por que não se concentra em si mesmo? Por que não arranja um emprego, uma vida própria?

– Ninguém me contrata.

– E isso é culpa de Emanuel? – Ela olhou para as roupas do rapaz.

Abel usava os mantos de sempre, a fantasia de elfo. Possuía dois conjuntos, para não ser obrigado a usar o que chamava de “roupas humanas” quando precisava lavar sua indumentária. O tecido verde refletia a luz da cela em suas fibras artificiais. Os fios dourados já estavam se soltando. No primeiro dia em que compartilharam a cela, Adelaide ofereceu-se para consertar aquilo. Uma das orelhas de borracha fora perdida na fortaleza, e desde então Abel era um triste elfo de uma orelha só. O “arco” fora confiscado quando ele fora detido, mas aguardava em algum lugar a que só os policiais tinham acesso.

– Aposto que, se você começasse a usar roupas normais, não teria problemas em conseguir trabalho. E uma namorada.

– Ninguém em Santo Ossário quer enxergar a verdade. Não quer ver que não sou ladrão. Que meu irmão é um assassino.

Adelaide fechou os olhos, recostou-se na parede.

– Ah, meu querido. O que vamos fazer com você?

Chave na fechadura: o delegado abriu a porta da cela.

– Vamos, Abel. Você está liberado.

O rapaz levantou-se no mesmo instante. Espanou os farelos do manto verde, despediu-se de Adelaide e Enzo. Deixou a cela apressado, embora não tivesse nenhum lugar aonde ir.

Em frente à mesa do delegado, Abel recebeu o inofensivo arco e a carteira. Preparava-se para ir embora, quando a mão do policial em seu ombro deteve-o.

– Um conselho, rapaz.

Pausa, e então:

– Tome jeito.

Aquele homem não era bobo como Enzo, ou maternal como Adelaide. Não falava com rispidez, mas tinha um tom severo que Abel ouvira apenas muitos anos atrás, quando seu pai ainda era vivo.

– Eu não tinha o direito de mantê-lo aqui tanto tempo – continuou o delegado. – Mas foi para o seu próprio bem. Você pode achar que cometeu um furto sem importância, mas tudo na fortaleza é patrimônio histórico. Temos leis rígidas para preservar esses objetos. Você poderia estar com muitos problemas se eu lhe enviasse para o sistema judicial. Como, na verdade, era meu dever.

Ele ficou mudo.

– Mas vamos fingir que isto nunca aconteceu. Não vai haver nenhum registro. Foi só um susto, mas não faça de novo. Não vou poder ajudá-lo mais uma vez.

– Obrigado – retrucou com voz baixa.

Na dúvida, Abel agradecia ou se desculpava. Sempre agia com polidez e formalidade, ansioso por receber permissão de se desvencilhar de uma conversa.

– Não agradeça a mim. Só estou torcendo as regras por um pedido especial de alguém. – E Abel sabia o que ele diria a seguir: – Seu irmão.



– Preciso de uma vítima – anunciou Salomão Manzini.

Emanuel fechou os olhos. Era um alívio não enxergar Salomão, mesmo por alguns segundos.

Montague comprou-lhe roupas novas. Hospedou-o na mansão e fez o possível para transformá-lo em um homem civilizado. Mas ele continuava como um selvagem – havia algo em sua aparência e modo de agir que lembrava mais um lobo do que um homem.

Emanuel também era um predador. Mas apreciava a elegância, e tratar com uma simples fera era revoltante.

Contudo, Salomão Manzini era necessário.

– Concentre-se nos rituais – disse Montague, em voz neutra. – Na devoção à Rainha.

– Já fiz isso, no passado. Mas sou um caçador, Emanuel. Preciso caçar. – Abriu um sorriso carnívoro.

O descontrole daquele homem era irritante. Ele era tão ganancioso quanto os Strauss, tão apegado ao mundo material quanto os profanos. Apenas seu objetivo era outro: em vez de dinheiro, queria sangue. Salomão Manzini foi um arremedo de líder cultista em sua época, mas não tinha sido tão sedento. Os anos de

isolamento o haviam mudado, ou então ele abusava da hospitalidade para exigir privilégios.

– Você sabe que não matamos por simples prazer – Emanuel repreendeu-o. – A vida e a morte pertencem à Rainha.

– Os *outros* caçadores matam por prazer.

– Somos superiores.

E, ao mesmo tempo em que falava isso, Emanuel percebia que não eram *ambos* superiores. Só ele tinha o espírito elevado. Salomão era apenas útil.

E, infelizmente, necessário.

– Fiquei décadas preso! – Salomão andava de um lado para o outro na sala. – Esta noite vou caçar.

– *Não*.

Emanuel encarou-o, parecendo ter três metros de altura. O homem mais velho não conseguiu evitar encolher-se.

– Tudo precisa ser planejado, Manzini. Cada elemento em seu lugar, sua hora.

– Preciso de uma vítima – insistiu o outro. – Não sou domesticado, não estou mais em um zoológico!

Silêncio.

– Muito bem. Vamos escolher seu alvo.

Emanuel virou-se e foi até a biblioteca, Salomão atrás. Acomodou-se em uma cadeira e abriu um laptop. Depois de alguns códigos e senhas, exibiu uma tabela com milhares e milhares de nomes, ao lado de números e estatísticas.

– O que é isso? – disse Salomão, tentando esconder o quanto estava confuso.

– Santo Ossário.

Emanuel clicou em um botão que mudou a ordem dos nomes. Dois cliques, e abriu-se uma espécie de ficha catalográfica. Continha nome, idade, ocupação, endereço e foto de uma mulher na casa dos 40 anos. Mais algumas estatísticas, que Manzini não compreendia.

– Esta é a primeira candidata.

Sem resposta. Emanuel sentiu o misto de raiva e frustração que provinha de lidar com os ignorantes. Ao mesmo tempo em que desejava que o outro possuísse o conhecimento necessário para travar uma conversa real, achava-o indigno de saber. Com calma forçada, explicou que o mundo mudara nos vinte e poucos anos que o Estripador das Hortênsias permanecera em cativeiro.

– Conheço computadores! – Salomão defendeu-se.

– Cale a boca. Ouça.

Ele não conhecia a utilidade real dos computadores. Via-os como sofisticadas

máquinas de escrever, centros de entretenimento ou ferramentas obscuras a serem usadas por acadêmicos. Ali, no entanto, estava um uso muito mais prático. Através de um programa personalizado, muito simples e leve, Emanuel Montague tinha um registro de todos os habitantes de Santo Ossário. Podia ordená-los por importância em diversas áreas (dinheiro, notoriedade, poder político) e verificar, de forma matemática e eficiente, quais eram mais dispensáveis. Não havia espaço para interpretação ou dúvidas. Apenas lógica implacável. Fórmulas dentro do programa calculavam o valor relativo de cada um.

– Por isso esta é a primeira candidata – repetiu Emanuel. – Uma mulher casada, sem parentes na cidade. Seu desaparecimento poderia ser justificado como volta para a capital, viagem para o exterior. Sua profissão e interesses tornam-na ideal para remoção.

Chamava-se Raquel. Antes de vir morar em Santo Ossário, era professora universitária. Obtivera licença de vários anos da grande universidade onde lecionava para vir à cidade escrever um livro. Morava com o marido, um arquiteto que trabalhava em casa. Ambos apareciam em fotos de vigilância, também catalogadas no programa. Possuía muitos livros. Gostava de música e foi mochileira na juventude.

Alguém que não faria falta.

– Há outros que chamarão menos atenção – Manzini resmungou.

– Não. Ela não chamará *nenhuma* atenção, porque eu não quero. E eu não cometo erros.

Salomão não entendia. Para satisfazer a sede de sangue, havia alvos melhores – jovens que fugiam de casa, pessoas sem família, rostos anônimos.

– Ela pensa demais – esclareceu Emanuel. Deixou a explicação assentar-se alguns segundos. – Não queremos gente assim em Santo Ossário, a não ser que trabalhe para nós. Ela não tem laços na cidade, não trabalha em nenhum negócio familiar, não se encaixa. Os números não mentem: é a melhor vítima.

Seria diferente se Raquel fosse uma dona de casa ou uma funcionária da Strauss. Se conhecesse seu lugar, se não ameaçasse ser uma voz de discordância. Ou se fosse rica – contribuir para a cidade com impostos, pertencer a clubes de campo e frequentar festas da elite fazia uma pessoa despencar na lista de alvos.

Da forma como era, ela não fazia falta. Era uma excêntrica, cujo sumiço teria mil justificativas.

À noite, Emanuel pulou o muro da casa da vítima sem dificuldade. Havia um cão no jardim. Latiu duas vezes, até encontrar os olhos do invasor. Então calou-

se e encolheu-se.

Ele seguiu para a porta dos fundos. Destrancou-a com cuidado, sem acionar o alarme. Entrou na cozinha e desabilitou todo o sistema de segurança.

Andou pela casa. Retirou os telefones fixos da parede. Entrou em cada quarto. Observou os moradores dormirem. Achou os celulares e extraiu os chips. Percorreu os cômodos em um padrão específico, murmurando palavras ritualísticas. Olhou no relógio: era hora de Salomão chegar. O assassino mais velho atrasou-se quase um minuto e meio, mas enfim surgiu pela porta aberta. Emanuel fechou-a, causando um rápido brilho.

– Você tem duas horas.

Durante aquele tempo, nenhum som escaparia da casa.



Pela manhã, não havia rastro do casal.



– Pensei que você tivesse gente para fazer isso – disse Salomão, meio fascinado, sob o nascer do sol.

Emanuel livrou-se dos corpos. Transformara os assassinatos em crimes perfeitos, obras de magia ritualística e cautela forense.

– Comanda toda essa empresa, e não tem ninguém? – insistiu Manzini.

O outro virou-se:

– Não.

Apenas ele mesmo.

Depois da morte dos cientistas, não podia contar com ninguém. E mesmo os cientistas haviam se mostrado fracos: incapazes de conter Astarte, perdidos demais no amor pela criação. Na única noite em que desviara os olhos – para cumprir outra parte vital do plano – tudo viera abaixo. Não havia uma única pessoa confiável, competente, leal, capaz de entender a enormidade da tarefa e executá-la com precisão. A própria família Strauss, sem a qual não haveria nada daquilo, degenerou-se ao longo de gerações.

Talvez não fosse possível dizer que Emanuel *sentia* algo. Emanuel não sentia nada – pelo menos não como as pessoas normais sentem. Contudo, naquele momento foi tomado por um vazio que poderia ser solidão. O peso de dois mundos nos ombros, e ele estava sozinho.

Nem mesmo tinha o laboratório ou o templo subterrâneo. Carregava o destino da Terra e de Arcádia dentro de si.

– Não – repetiu.

Por isso tolerava Salomão Manzini.

Manzini era fruto da decadência do culto à Rainha. Enquanto, no passado, o Dragão manifestara-se em homens exemplares como Leonhard Strauss, na década de 1990 a máscara e a espada haviam sido possuídas por um selvagem. Manzini era um risco, uma bomba-relógio e um cão raivoso que precisava ser aplacado com sangue.

Mas era o único, além dele mesmo, capaz de receber o poder de Arcádia. Podia cumprir pequenas missões. E possuía os contatos necessários para a fase final do plano. Além disso, a volta de Nicole Manzini não podia ser ignorada, fazia parte da sincronicidade. A própria vida da garota ecoava a antiga história dos Strauss. Salomão fora-lhe enviado pela Rainha, de alguma forma, e ele não podia rejeitá-lo ou ignorá-lo.

No passado julgara que, àquela altura, teria alguém para dividir o fardo. Não Salomão Manzini. Alguém mais digno.

Astarte.

Pensar naquilo doía. Antes ele achara que o príncipe dos elfos seria um homem à sua altura. Na verdade acima dele, e muito mais que um homem. Alguém em quem confiar cegamente.

Mas Astarte fugira.

Em vez dele, Salomão.

– Não há ninguém – disse Emanuel, com intensidade fria. – Todos se preocupam com o mundo material. Sonham com dinheiro, carros, restaurantes, prazeres, viagens. Sujam, odeiam, cobiçam, morrem. Tentam vencer com o mínimo esforço possível. Aceitam o que é apenas satisfatório. Não, não há ninguém, Salomão Manzini.

O Estripador das Hortênsias deu um passo para trás. Estava acostumado a ser o homem mais perigoso em qualquer ambiente.

– Apenas eu.

Então Emanuel retirou-se. Estava atrasado para a rotina diária de exercícios. Não dormira naquela noite, não dormiria durante o dia. Em poucas horas, haveria uma reunião, e depois outra.

E ele estava sozinho.



– Em resumo, esta é minha proposta – disse Emanuel.

O prefeito mastigou um pão de queijo e ponderou. A reunião durante o desjejum fora ideia de seu gabinete, mas encaixava-se bem com a pressa de Montague. Emanuel forçava-se a comer, pois isso gerava simpatia no interlocutor, mas o estômago ficava revoltado com a quantidade de gordura em tudo que havia sobre a mesa. Não se dobrou ante o café – havia limites para tudo, mesmo no intuito de aproximar-se daqueles homens. Não mancharia os dentes com a substância, não permitiria que ela corroesse as paredes de seu estômago.

– Deixe eu ver os números de novo – disse o prefeito, de boca cheia.

Emanuel entregou-lhe as folhas repletas de estatísticas. Uma assistente postava-se ali como uma prateleira humana, segurando os papéis. O prefeito também tinha assistentes. Quando haviam se encontrado, o homem fizera uma piada sobre como ambos estariam perdidos sem as equipes. Emanuel rira e concordara.

Mas a assistente mal deveria lembrar-se do dia de ontem. Era um manequim de carne e osso. Emanuel contava consigo mesmo.

– O que você acha? – disse o prefeito, repassando as folhas com números ao delegado.

Aqueles dois eram colegas antigos. Virgílio Torres, o atual prefeito de Santo Ossário, tinha alguns anos de vantagem sobre o amigo Custódio Dutra, o delegado. Mas suas carreiras haviam se encontrado na faculdade de direito, na advocacia, na política, na vida pública em geral. O arranjo atual era ótimo: podiam discutir qualquer assunto durante jogos de canastra. Custódio olhou os números e não encontrou objeções.

– Se isso for mesmo verdade, não vejo por que não – disse.

Estavam os três (cercados de assessores) no salão de café da manhã do hotel das Hortênsias. Era um luxo a que Virgílio se permitia, desde que tomara posse. A cada manhã, empanturrava-se com as iguarias produzidas pela cozinha do hotel, jurando aos quatro ventos que nem mesmo almoçaria. Então, ao início de cada tarde, escolhia o restaurante que iria alimentá-lo, alegando muita atividade no dia anterior e fome proporcional.

– Setenta e quatro por cento aprovam – falou Emanuel, repetindo o que já dissera e já estava escrito.

– Mas e os outros vinte e seis? – disse Virgílio.

– Não esqueça que entre esses estão os indecisos.

Um muxoxo.

– De qualquer forma – Emanuel empertigou-se para arrematar –, qual seria a taxa de insatisfação se acontecesse algum acidente durante o Festival de Cinema?

Virgílio passou o dedo por dentro do colarinho da camisa, como se ela tivesse ficado mais apertada de repente.

A pesquisa não era forjada. Emanuel Montague tinha sido rigoroso em garantir máxima seriedade e imparcialidade. E os resultados não mentiam: 74% dos moradores de Santo Ossário pesquisados aprovavam a contratação de uma firma de segurança privada para realizar policiamento ostensivo durante o Festival de Cinema.

A tragédia com os cientistas havia deixado a população inquieta, mesmo que isso houvesse se transformado em caridade e reação positiva. Logo após a explosão, correu o boato de que houvera um tiroteio. Logo foi desmentido, mas ainda estava no fundo da mente de todos. A campanha de Emanuel tinha sido precisa: apagara provas, mas não suspeitas. Assim, o povo de Santo Ossário desejava que profissionais de renome internacional auxiliassem a polícia durante o evento. Isso precisaria ser aprovado pelo comandante da polícia militar e pelo secretário de segurança, mas Emanuel sabia que a decisão seria tomada por aqueles dois. Virgílio Torres confiava mais num mero delegado do que no próprio gabinete. E, mesmo que esses ou quaisquer outros interferissem, seriam convencidos da mesma forma.

O ritual para alterar a opinião popular havia sido extenso. Ele faria outro para mudar a mente de quaisquer políticos e burocratas, se fosse preciso.

– E tudo será custeado pela Strauss? – disse Virgílio.

– Cada centavo. A Fundação Strauss não poupa recursos para garantir o sucesso do Festival de Cinema.

Algumas tecnicalidades legais teriam de ser ignoradas. Algumas regras teriam de ser burladas. Mas era mais seguro, e era a vontade do povo.

O prefeito Virgílio Torres estendeu a mão engordurada. Controlando a repulsa, Emanuel apertou-a, sorridente.

Capítulo 19
Traga-o de volta inteiro

UM CIDADÃO URBANO MÉDIO NUNCA pensava na vastidão de terreno natural, quase selvagem, que existia logo fora do perímetro das cidades. Nicole estava acostumada a grandes centros, locais onde as pessoas falavam vários idiomas e franquias internacionais serviam comida padronizada. No entanto, eles já caminhavam fazia uma semana por campos e bosques, seguindo as coordenadas do mapa-labirinto, trilhando a jornada que era tão importante quanto o destino.

Parecia outro mundo.

Diferente das cidades, aquele mundo não foi feito para a conveniência dos humanos. Não havia garantias de um local seco e seguro onde dormir, ou placas indicando o caminho. Não havia asfalto tornando o chão plano, ou iluminação artificial. Naquele mundo, as pessoas eram incidentais, estavam por conta própria.

Se ela soubesse que aquilo estaria em seu futuro, teria se vestido com roupas esportivas, usado tênis resistentes e flexíveis, antes de meter-se no túnel abaixo do casarão. Se ela conhecesse o futuro, teria feito muita coisa de forma diferente. Do jeito como era, tinha de se virar com as botas e a calça jeans já rasgada em diversos pontos, a camiseta e o casaco grosso.

Nas longas caminhadas, Nicole também tinha tempo para considerar as realidades convenientemente ignoradas por filmes, seriados e histórias de aventura. Em livros épicos, nunca um hobbit desejou um banho acima de qualquer coisa. Nunca uma heroína perdida em uma ilha selvagem confrontou-se com a falta de água quente, sabonete ou creme dental.

– No Iraque, chegávamos a passar quase um mês sem um banho decente – disse Felix, rindo. – Você se acostuma.

– Lembre-se de que eu não tive treinamento militar. Nunca pensei que fosse precisar lidar com a falta de banho da mesma forma que um mercenário.

– Relaxe, menina. Eu olho para você e vejo um colega de batalhão. Um dos soldados mais durões que já conheci.

– Preferia quando você queria ser meu carpinteiro.

Enquanto isso, Astarte mantinha-se digno. Calado. Olhando-a de forma enigmática.

– Sobre o que estavam falando? – disse o príncipe dos elfos, no meio de uma trilha escarpada.

Nicole sentiu o rosto ruborizar. Falavam de falta de banho e calos nos pés. Ela não desejava revelar isso a Astarte. Com Felix era mais fácil – o ruivo era tão inofensivo no diálogo quanto mortal no combate. Mas ela não estava pronta para compartilhar com o elfo os aspectos menos lisonjeiros de si mesma.

– Nada – esquivou-se.

E, como sempre, Astarte pareceu aceitar e ficou quieto.

Irritante.

Eles trilhavam o labirinto, o caminho cujo fim era imprevisível – pois chegaria em meio à jornada, se fizessem tudo da maneira correta. A falta de fôlego era companheira constante, ao menos para ela. Então, em meio ao silêncio, sob as árvores e envolta pelo ar frio, Nicole voltava a pensar no que diabos estava fazendo.

A caçada no museu de Jonas Zarco fora um dia de urgência, quando sobreviver era tudo. Aquilo era o oposto: somente progresso lento, paisagem repetitiva por dias e dias a fio. O ambiente convidava à introspecção.

Forçava-a a pensar no que diabos estava fazendo. Provocava a sensação de estar à deriva, sem um mero destroço onde se segurar. Por sua decisão, eles rumavam a uma fortaleza élfica. Mas era um objetivo para preencher o vazio, porque Nicole não conseguia encontrar chão sólido para si mesma.

Tinha a sensação de não ter nada.

Já há dez dias caminhavam, e não havia qualquer alívio. Pelo contrário, o isolamento era maior. Conversava com Felix, sem falar o que realmente estava dentro de si. E fazia tentativas com Astarte – mas ele continuava um enigma. Então, na décima noite, estavam os três em volta da pequena fogueira.

Silêncio.

– Deixe eu ver sua foto de novo – Nicole falou, virando-se para o ruivo.

Ele ergueu a sobrancelha.

– Por quê?

– Por nada.

A falta de exigência e esbravejamento foi indício de que não era hora para sarcasmo. Felix estendeu a ela o objeto.

Nicole observou mais uma vez aquelas pessoas que não conhecia. Felix, dez

anos mais jovem – mesmo ele era alguém que ela não conhecia de verdade. Um amigo leal, mas que tinha identidade e passado próprios. Junto a ele, na foto, a linda moça, o outro grandalhão e o menino pequeno.

Quem seriam?

Ela nem desejava resposta, naquele momento. Só perdeu-se naquela cena sorridente, imaginando fazer parte. A amizade e intimidade emanavam, como se os quatro estivessem presentes ali. No verso: “Traga-o de volta inteiro. Lucinde.” Nicole inventou conversas, relações imaginárias. Fingiu ser um deles (qualquer um) e compartilhar daquilo tudo.

Ter um porto seguro.

Ergueu os olhos e viu a realidade. O ar pareceu ficar mais frio.

Não poderia ter aquilo com Felix, porque Felix já estava na foto.

E com Astarte?

Por que ele era tão *distante*?

Será que o elfo idiota não conseguia ver que...

– O que foi, Nicole? – disse o ruivo.

Ela piscou, despertando das divagações.

– Nada.

– Primeiro, estava sorrindo. Depois achei que fosse chorar. E agora parecia prestes a arrancar a cabeça de alguém com mordidas.

Ela engasgou, embaraçada. Suas emoções estavam estampadas no rosto.

Devolveu a foto.

– Como é? – disse Nicole.

Felix não entendeu.

– Como é fazer parte de algo assim? Ter alguém que escreva “Traga-o de volta inteiro”?

Ele suspirou.

– Você tem amigos, garota.

– Então por que não tenho uma foto como essa?

Ficaram se olhando por um tempo.

Astarte, como sempre, calado. Seu olhar insondável.

– Como é? – ela repetiu.

– Está bem, acomode-se – disse Felix. – E diga para Astarte chegar perto. Você vai traduzir para o élfico.

Olhou ele mesmo a fotografia.

– Vou contar como é. E por que estou aqui.



Dois anos atrás.

Os dois seguiam com cautela. Àquela hora, quase nenhuma luz penetrava no complexo de cavernas. Felix Kowalski enxergava os túneis em tonalidades de verde através dos óculos de visão noturna, progredindo ao lado do único companheiro naquela missão. A cada curva e reentrância, apontava o fuzil.

Mas não havia ninguém.

Ele sabia que não haveria extremistas naquele complexo. O Afeganistão era o bicho-papão da mídia internacional há mais ou menos uma década, e no início da guerra algum jornalista criativo inventara gigantescas fortalezas que existiriam nas cavernas do país. Isso já fora desmentido havia muito, mas tinha quem ainda acreditasse.

Por isso, Felix e seu colega caçavam fantasmas no Afeganistão, precavendo-se contra inimigos imaginários. Tal era a vida de soldado, fosse num exército regular ou numa companhia mercenária como a Gladius.

– Não muito longe daqui vive o yeti – disse Felix, de repente.

O colega quase virou-se para ele.

– Quem?

– O yeti. Você sabe. Pé-grande, o abominável homem das neves, o sasquatch.

– Já não basta *uma* fantasia, Felix? Você precisa começar com suas loucuras?

– Não é loucura. Embora os yetis concentrem-se no Tibete, podemos encontrá-los também no Afeganistão. Temos mais chance de achar um yeti do que um terrorista, então achei que fosse gostar de saber.

O outro bufou, não respondeu.

A Gladius Consultoria de Segurança Ltda. estava sob contrato quase exclusivo com o governo dos Estados Unidos. Sempre havia uma selva ou um deserto onde se infiltrar, uma nação soberana a invadir. A Gladius, assim como outras companhias do mesmo tipo, fazia trabalhos impossíveis para o exército regular. Ignorava fronteiras, descuidava-se com direitos civis.

Felix nunca participara de operações que considerasse moralmente dúbias – outra vantagem do trabalho mercenário era poder rejeitar missões. Sabia que alguns colegas já haviam sequestrado líderes de movimentos populares ou assassinado ativistas políticos, mas não se envolvia nisso. Preferia cercar-se de outros que pensavam como ele.

Assim era Tristan, seu amigo mais próximo na Gladius – e no mundo. Os dois

ganhavam menos, mas tinham razoável certeza de que suas balas sempre se alojavam em canalhas, não em idealistas incômodos. Tristan, apesar da irritante condição de ser francês, era o melhor dos companheiros. Felix nunca agia sem ele se tivesse escolha, pois o comedor de sapos possuía a mais importante qualidade na profissão: era confiável. Ex-membro da Legião Estrangeira, Tristan estava acostumado à rotina inclemente e a condições hostis. Sendo cidadão da França e sem nenhum crime na ficha, fora incomum na Legião – buscara-a pelas emoções adicionais. Saíra da Legião Estrangeira para se casar. Entrara na Gladius em busca de trabalho mais lucrativo e um pouco menos suicida.

Lembrando-se disso, Felix sorriu. Era bom que Tristan cuidasse de Lucinde e do pequeno Thierry. Os três eram como família para o ruivo. Eram a única família que ele possuía. Se Tristan morresse ou decepcionasse a esposa e o filho de alguma forma, Felix pagaria o preço.

Enfim, de volta aos yetis:

– Eles são o elo perdido, você sabe.

– Cale a boca, Felix.

– É verdade. Parecem bestas irracionais, mas são muito inteligentes. Por que acha que nunca foram fotografados com clareza?

– Porque não existem. Aliás, não "parecem" com nada, porque ninguém nunca os viu. Porque não existem.

– Como você é crédulo, Tristan! Acredita em tudo que a mídia fala. Na certa ainda engole a história de que o homem pisou na Lua.

Felix acabara na Gladius em busca da verdade. Seu treinamento no exército brasileiro era valioso em qualquer batalhão no mundo – ele carregava com orgulho as cicatrizes das garras da onça que abraçara na formatura do curso de guerra na selva. Preferira o trabalho mercenário para saber mais sobre as operações que "não existiam".

Embora ainda não houvesse recebido a tarefa tão sonhada de escoltar um alienígena ou limpar o local de queda de um OVNI, já satisfizera boa parte da curiosidade. Agora, por exemplo, ele e Tristan estavam em busca do homem mais procurado do mundo, um líder terrorista que assombrou a opinião pública por mais de dez anos. O presidente dos Estados Unidos havia declarado que o homem estava morto (o cadáver convenientemente desaparecido), numa manobra precipitada para angariar o apoio dos eleitores. Agora cabia à Gladius matá-lo na realidade. Esses e outros detalhes da política internacional fascinavam o bigodudo e faziam valer todas as outras missões, mesmo que os extraterrestres e yetis continuassem ocultos.

– Abra os olhos, Tristan. A criptozoologia é um campo fascinante. Se você parar de engolir tudo que lhe dizem, vai começar a notar a verdade.

– E a verdade são yetis.

– Yetis, o monstro do Lago Ness, o mokele-mbembe...

– O quê?

– Mokele-mbembe. Você sabe, o dinossauro que existe no rio Congo. Também os leões e panteras que se escondem nas grandes cidades na Inglaterra, e até mesmo os reptilianos.

– *Senhoras, chega de conversa* – disse a voz no comunicador.

Tristan agradeceu pela intervenção do sargento. Felix não argumentou contra uma ordem direta, mas deixou claro que o processo de educação do amigo continuaria mais tarde. Assim como continuava fazia anos.

– Você sabe – um último sussurro. – No meu país o governo criou até mesmo um estado fictício. Você nunca vai conhecer ninguém que more lá, mas algumas pessoas acreditam...

– *Atenção!*

Não precisava ser dito: ele também notou.

Os dois viram os restos de uma fogueira. Enterrados, mas visíveis para olhos treinados. Sob um buraco no teto que poderia fazer as vezes de duto de ventilação. Em seguida, uma tábua descartada. Alguém havia estado ali há pouco tempo. Talvez ainda estivesse.

Comunicaram o achado e prosseguiram, com cautela redobrada. Encontraram pegadas. Não de coturnos, mas de sandálias leves. Pés pequenos – uma mulher ou criança. Ou um homem mais acostumado a liderar do que combater.

Não importava: podia haver escolta, podia haver outra entrada que os esquadrões de reconhecimento não houvessem encontrado. Eles estavam prontos para cravejar de balas qualquer hostilidade. Então dobraram uma esquina, e lá estava um acampamento. Uma pessoa estendida sob cobertores.

– *Parado!* – na língua nativa.

– *Renda-se! Renda-se! Mãos na cabeça!*

A figura se ergueu, sem obedecer às ordens. Felix e Tristan berraram de novo, ao mesmo tempo em que vasculhavam a área em busca de inimigos escondidos. A pessoa começou a gritar, as mãos estendidas para cima.

– É uma velha!

A anciã olhava-os com expressão aterrorizada. Os olhos muito arregalados, envoltos por pele coriácea e enrugada. Vestia trapos. Ao redor, sobras de comida e os sinais de uma vida miserável naqueles ermos solitários.

– É uma velhinha – disse Felix.

O ruivo deixou o fuzil pender a tiracolo. Aproximou-se e estendeu a mão. Então, na língua nativa:

– Venha, vovó. Vamos tirá-la daqui.

A senhora abaixou as mãos, tremendo. Enfiou-as nos cobertores.

– *Felix, não!*

Tristan pulou sobre ele. Seus antebraços atingiram o ombro do amigo, empurrando-o. A anciã puxou os cobertores para cima, revelando fios coloridos e um detonador.

Os ouvidos foram preenchidos pelo estrondo, os óculos de visão noturna foram saturados pela bola de fogo.



Foram necessários alguns dias até que conseguissem concluir as escavações e retirá-lo. Felix teve um breve momento de consciência enquanto colocavam-no dentro do helicóptero de evacuação, sobre a maca, com um tubo de oxigênio enfiado esôfago abaixo.

Viu retirarem um saco negro quase vazio. Soube que era Tristan.



Em Lyon, Felix tomou seis xícaras de café. A cada vez que se postava à porta da casa, fazia menção de tocar a campainha e então acovardava-se. Voltava ao estabelecimento na esquina, pedia mais um expresso e tentava decidir o que falar.

Não tinha sido simples chegar até lá. Depois que estivera fora de perigo, ainda precisou de meses de fisioterapia para recobrar todos os movimentos. A bomba da velha afegã não fora especialmente potente, mas até mesmo uma bola de chiclete seria terrível àquela distância. Ele teve sorte.

Não. Ele teve Tristan.

Olhou mais uma vez a foto dos quatro, que guardava na carteira. Ele, Tristan, Lucinde e Thierry, então pouco mais que um bebê. Tirada no dia em que haviam decidido levar o garoto para conhecer um famoso parque temático europeu. O menino pouco apreciara a maior parte das atrações. Para os adultos, contudo, fora inesquecível. Lucinde escrevera a recomendação de trazer Tristan de volta inteiro, no verso da foto, antes de presenteá-la a Felix.

E agora ele precisava contar a Lucinde que Tristan morreu.

A Gladius pagava bem e dava muita liberdade a seus agentes, mas era inclemente em alguns aspectos. Não se preocupava com a família em caso de óbito, apenas certificava-se de que todos os pagamentos fossem feitos. Cabia aos colegas noticiar a morte de maridos e pais, para poupar as esposas e filhos da alienação da ignorância.

Chamando a si mesmo de velho medroso, Felix levantou-se. Foi pagar a conta e o garçom disse que ele poderia acertar tudo assim que voltasse, dali a alguns minutos. Felix controlou-se para não bater no rapaz. Caminhou e apertou a campainha.

Lucinde atendeu. Seu rosto tão bonito quanto ele lembrava: olhos azuis, cabelos negros.

Mas a expressão surpreendia.

– O que você quer?

Ele esperara felicidade, se ela ainda não soubesse. Esperava lágrimas, se já desconfiasse do pior. Esperava até mesmo raiva, se o culpasse pelo ocorrido. Mas Lucinde atendeu à porta com impaciência, bufando. Olhando-o como se ele fosse um vendedor ambulante.

– Posso entrar?

– O que você quer?

– Lucinde, por favor. Este não é assunto para a calçada.

Ela bufou de novo e permitiu que ele entrasse. Foi então que Felix notou os cartazes de “vende-se”, com nomes e telefones de imobiliárias. Ela fechou a porta, sentou num sofá e fez sinal para que ele a acompanhasse.

Na sala, muitas caixas de papelão, abarrotadas de coisas diversas. Desde panelas e pratos até porta-retratos e roupas.

– Vamos lá – disse Lucinde. – Desembuche.

– Onde está Thierry?

– Com a minha mãe. Por quê?

– Bem, é melhor que ele não esteja aqui mesmo. Lucinde, eu... Não há maneira fácil de dizer isso. Tristan está morto.

Ela ergueu as sobrancelhas.

– Oh.

Silêncio.

– Lucinde, acho que você não entendeu...

– O que foi? Quer que eu chore por aquele filho da mãe? Vocês são mesmo um clubinho de desgraçados. Devia ter se preocupado comigo antes.

– Do que você está falando?

– Não finja, Felix. Se isso era tudo, vá embora.

Curvou-se um pouco mais para ela.

– Lucinde, você deve estar em choque. Por favor, sente. Você não entendeu. Tristan morreu há seis meses, no Afeganistão.

Ela virou-se para ele com o cenho franzido. Uma expressão de raiva – mais que raiva, *ódio*.

– Então é *isso* que veio me falar? Saia da minha casa agora, Felix! Por enquanto, ainda é minha.

– Lucinde...

– Saia ou eu chamo a polícia!

Ele se ergueu, sem entender coisa alguma.

– Sinto muito.

– Quando você falou, achei que ele *realmente* tinha morrido. Mas seis meses atrás? Não me chame de burra. Fui ingênua por acreditar que ele se importava conosco, mas não sou estúpida.

Felix continuou gaguejando, com mais medo de Lucinde do que dos gendarmes. Ela apanhou um envelope pardo sobre uma mesa, tirou dele um pequeno maço de papéis e enfiou-os no rosto do bigodudo.

– Não precisa mais mentir pelo seu amigo. Ele conseguiu o que queria, através dos advogados da Gladius. Pelo menos sei que não fui a única que Tristan engambelou. Ele também pegou você direitinho.

Atônito, Felix segurou o calhamaço e olhou-o.

Eram papéis de divórcio.

O jargão técnico confundia-o, mas ele conseguiu apreender alguma coisa. Através de astutos meandros legais, Tristan ficava desobrigado de pagar qualquer coisa à família. Ainda mais grave, tinha direito à casa, o que explicava os anúncios de venda e a mudança em andamento. Exigia que Lucinde e Thierry fossem embora. O que ele não entendeu ela explicou, aos gritos. A carreira de violoncelista não rendia a ela dinheiro suficiente para pagar advogados capazes de fazer frente à Gladius. Para quem estava acostumado a pisotear sobre leis diplomáticas, um divórcio, por mais injusto que fosse, era um passeio no parque. Em suma, ela e o filho estavam sem nada, enquanto Tristan ficava livre.

– Quando você reencontrar o desgraçado, diga para ele engolir essa mentira.

O mais surpreendente, contudo, eram as datas.

O documento fora assinado pouco mais de um mês atrás.

– Isso não é possível – gaguejou Felix. – Tristan já estava morto.

– Felix, se você já teve algum respeito por mim, pare de falar agora. E nunca mais venha me incomodar.

Ele devolveu-lhe os papéis e dirigiu-se até a porta.

– Não se preocupe, Lucinde. Vou ajudá-la.

– Não quero nada de vocês. Fui idiota por achar que podia confiar num mercenário, mas já aprendi a lição.

– A Gladius....

– A Gladius é um bando de escrotos, Felix. E você e Tristan são parte deles.

Bateu a porta.

Felix voltou ao café, deparando-se com o garçom sorridente. Ignorou a petulância do moleque, sua mente ressoando com as últimas palavras de Lucinde.



A primeira conclusão a que Felix chegou foi a mais extravagante, é claro. Tristan estava vivo, e por alguma razão mantinha-se escondido dos amigos e da família. Devia estar sendo perseguido por alguém, e precisava cortar todos os laços.

Mas isso não resistia a um exame rigoroso. Nem mesmo Felix Kowalski (que acreditava que uma elite humanoide dominava o mundo, que crocodilos gigantes viviam nos esgotos, que Elvis Presley nunca morrera) era capaz de crer em algo tão fantasioso. Não havia por que ser tão cruel com os termos do divórcio. E, se o objetivo fosse desaparecer, forjar a própria morte era muito mais eficiente. Assim, Felix ocupou-se da pretensa conspiração por trás da sobrevivência e do comportamento de Tristan, mas sem entusiasmo, e só por uma semana. Em seguida voltou, relutante, à rotina. Apresentou-se no escritório da Gladius na França e foi enviado para mais um país rico em petróleo e destroçado pela guerra.

Fez duas dessas operações, mal percebendo o tempo passar. Três meses mais tarde, estava em uma sala de instrução, recebendo informações sobre o próximo trabalho. Acompanhado de outros sete agentes, que ouviam um oficial relatar dados e objetivos. Tudo se misturava num borrão de tédio, quando a porta se abriu e um pequeno grupo atravessou a sala.

Eram quatro homens. Vestiam o uniforme negro da Gladius, com um adendo: capacetes também negros, cobrindo toda a cabeça, escondendo o rosto. Aquilo não era o padrão, mas não houve qualquer reprimenda. Pelo contrário: a preleção foi interrompida ante a entrada do grupo. Um homem que parecia ser o líder

dirigiu-se ao oficial e falou qualquer coisa em sussurros.

Felix não prestava atenção. Notara algo na postura, no jeito de caminhar de um deles. E então confirmara, lendo a identificação no uniforme:

–Tristan! – ergueu-se.

Um dos homens de preto virou-se. Não removeu o capacete; apenas disse, em tom seco:

– Isto não é da sua conta, agente.

Felix estacou, confuso. Era a voz de Tristan. Era o jeito de caminhar de Tristan. Até mesmo o maldito sotaque francês. Só a frieza destoava.

– Você está vivo, seu bastardo! – Felix tentou de novo, forçando um sorriso. – Por que não me avisou?

O outro chegou mais perto.

– Estou em missão, Felix. Pare de ser curioso e faça seu trabalho.

– O que é tudo isso? E o que você fez com Lucinde? Por que...

– Quieto, agente, ou serei obrigado a usar força física.

Outro agente vestindo capacete negro juntou-se a Tristan. Pôs a mão sobre o cabo da pistola presa ao colete.

– Você me deve explicações, seu francês imprestável. Mais importante, deve explicações a Lucinde e Thierry.

– Já expliquei o que precisava. Se você se mostrar um problema, a mulher e o menino pagarão, Felix.

Ele arregalou os olhos.

– *Sua* mulher e *seu* filho!

Então só havia uma explicação: aquele não era Tristan. A Gladius era um bando de escrotos, e por alguma razão estavam usando a identidade do morto para outro agente. Mesmo que isso não fizesse sentido, Felix fez menção de retirar o capacete do outro. Então foi atingido por um golpe na nuca.

O segundo agente sacara um bastão retrátil tático, feito de titânio, e atingira-o em cheio. Felix caiu num instante. Foi imobilizado por Tristan e seu novo companheiro, enquanto o resto dos soldados assistia.

– Isto está acima do seu posto, agente Kowalski – disse Tristan. – Fique quieto e ouça as ordens.

O ruivo não era o único a ouvir ordens dos homens de preto. O oficial que conduzia aquela instrução também abaixava a cabeça. Recebeu uma pequena maleta prateada. Abriu-a e mandou que todos fizessem fila.

Felix foi solto, sob a mira de armas, para que pudesse obedecer. O oficial retirou da maleta um tablet e algumas caixas de remédios. Entregou um

comprimido ao primeiro agente na fila, mandou que engolisse e pressionasse o polegar contra a tela do aparelho eletrônico.

– O que é isso, senhor? – perguntou alguém.

– Um medicamento para controle de estresse. Ordens lá de cima.

O primeiro da fila engoliu. Então o segundo, o terceiro e o quarto.

Felix era o último. Olhou o comprimido com desconfiança, mas duas pistolas sutis estavam apontadas em sua direção. Colocou o remédio na boca, engoliu e registrou a impressão digital.

– Isto agora é procedimento padrão – anunciou o oficial. – Os agentes em serviço devem se apresentar para tomar a medicação todos os dias.

– Qual é o nome do remédio? – tentou Felix.

– Tenho cara de farmacêutico, Kowalski? Não se preocupe, foi tudo aprovado pela gerência.

O grupo dos capacetes retirou três agentes da sala, ordenando que os acompanhassem. Apesar da patente superior, o oficial não objetou.

Tristan ainda virou-se para Felix e disse:

– Você vai ficar sabendo. Em breve.



Felix saiu daquela instrução diretamente ao departamento de pessoal, onde pediu uma licença. Empacotou suas coisas numa mochila e partiu para a investigação real.

– Já tomou a medicação? – quis saber o burocrata dos recursos humanos.

Felix confirmou e foi liberado. Trancado num banheiro, forçou-se a vomitar, tentando retirar do estômago a maior parte do que quer que tivesse ingerido antes que fizesse efeito.

Tinha algumas certezas: aquele *era* Tristan. A papelada de divórcio e a situação de Lucinde eram reais. E, o que quer que estivesse acontecendo, os altos escalões da Gladius sabiam. Compactuavam. Ordenavam.

A paranoia sempre acompanhava quem buscava pela verdade. Assim, Felix conduziu sua pesquisa enquanto viajava pela Europa e África, tentando não permanecer mais de 24 horas na mesma cidade. Acessava os computadores da companhia mercenária através de uma série de laptops descartáveis, por trás de sistemas de segurança que mascaravam quaisquer localizadores. Possuía senhas que estavam bem acima de seu posto, e por isso foi capaz de descobrir algumas coisas.

Aprendeu sobre certos procedimentos preocupantes da Gladius. Sobre como sua vida estivera em risco durante cada missão – não apenas pelos inimigos, mas sob ameaça dos próprios oficiais superiores. No entanto, aquilo não importava, pois descobriu também o nome do tal remédio.

A princípio não lhe dizia nada, mas um pouco mais de investigação revelou que era uma fórmula patenteada. Havia especulações a respeito nos recônditos mais obscuros da internet. Felix viajou com passaporte falso até o Iêmen, onde morava um químico clandestino de confiança. Observando a fórmula por algumas horas, o homem decretou que provavelmente o princípio ativo vinha de uma planta que existia apenas no Brasil. Além disso, sabia dizer que era um psicoativo e que a fórmula era muito estranha – estudá-la produzia uma sensação inquietante.

Um contato nas grandes indústrias farmacêuticas revelou que o medicamento era produzido por uma empresa alemã – que, surpreendentemente, era subsidiária de um conglomerado brasileiro.

A Strauss S.A.

Felix tentou voltar ao químico renegado no Iêmen, mas o homem cometera suicídio. Amigos diziam que ele reclamara de pesadelos e visões nos últimos dias de vida.

Felix voltou-se então ao outro lado da busca. Descobriu que a Gladius enviara quase todos os agentes a uma minúscula república na América Central. Viajou até lá com um novo passaporte falso. Teve de convencer aldeões locais a guiarem-no pela selva. Chegou a um ponto onde nem mesmo os nativos ousavam ir. Prosseguiu sozinho e deparou-se com uma cerca de arame farpado e concertina. Sobre ela, placas metálicas em inglês e espanhol, avisando:

PROPRIEDADE DO GOVERNO DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA.



Os agentes da Gladius vinham de todas as partes do mundo.

Alguns, como Tristan, da Legião Estrangeira francesa. Outros das forças especiais russas, da SAS, do exército israelense, das inúmeras unidades de elite norte-americanas. Mas nenhum desses contava com a experiência de guerra na selva que só era adquirida na floresta amazônica.

Aquele era um complexo bem localizado, com segurança bem planejada, mas não havia muitos guardas. Felix esperou anoitecer e então infiltrou-se pelo mato. Ultrapassou a cerca, esgueirou-se por trás das sentinelas. Na selva, não havia

ninguém melhor que ele.

O complexo contava com um punhado de tendas grandes e três galpões compridos. Não era muito impressionante, e certamente não possuía infraestrutura para fabricação de medicamentos. Não estocava armas em grande escala, não abrigava muitos veículos.

Felix fez uma ronda geral, e a única coisa de interesse estava nos galpões. Teve de esperar quase uma hora até que alguém se aproximasse de um deles. Observou com um binóculo quando o homem digitou uma senha em um painel. Sua retina foi analisada. Ele entrou e permaneceu lá dentro quase duas horas.

Quando saiu, o ruivo atacou-o.

Felix segurou o ex-colega por trás. Tapou-lhe a boca com um pano embebido em clorofórmio. O homem amoleceu, Felix levou-o para entre as árvores. Retirou sua roupa e então vestiu-a, prendeu suas mãos e pés.

– Desculpe, parceiro – murmurou.

Arrancar um olho do agente era cruel, mas a alternativa seria arrastá-lo até dentro do galpão, o que era impraticável.

Com a coisa sanguinolenta na mão, Felix foi até a porta. Digitou a senha que vira pelo binóculo, aproximou o olho arrancado do leitor de retina.

A porta se abriu.



Ele não soubera o que esperar, mas não era aquilo.

As paredes internas do galpão estavam cobertas de símbolos estranhos, diagramas, labirintos. Grandes monitores afixados às paredes mostravam sequências de números, letras e sinais cujo significado ele desconhecia.

O interior do prédio continha fileiras de câmaras estéreis, divididas umas das outras e do ambiente ao redor por paredes de plástico. Dentro de cada uma, um agente da Gladius. Felix reconhecia alguns. Tubos e fios de todos os tipos ligados a seus corpos – enfiados em veias ou garganta adentro, presos por eletrodos. Alguns fios conectavam-se a máquinas e computadores. Outros iam até pequenas estufas ao lado de cada câmara. Dentro das estufas brotava toda sorte de vida vegetal, em exuberância e variedade absurdas.

Contudo, ele não dava atenção a nada disso. Apenas ao estado dos colegas.

Pele ressecada. Ossos projetando-se pela carne. Cabelos caindo. Um deles já não tinha mais pele no rosto, apenas o crânio cadavérico.

Um homem de jaleco transitava por entre as câmaras. Virou-se para Felix. O

ruivo deu-lhe as costas e correu. Teve tempo apenas de notar seu crachá. Trazia a letra S sobre um ovoide, o logotipo da Strauss S.A.

Felix deixou o galpão e atravessou o complexo às pressas. Foi visto por uma ou duas sentinelas, mas evadiu-se na noite antes que pudessem persegui-lo. Em um minuto, já estava do outro lado da cerca, entre as árvores, oculto no meio da selva. Um alarme disparou – o agente desacordado fora encontrado, a invasão fora detectada. Seguiu pelo labirinto verde, movendo-se como se a vegetação não estivesse lá. Subiu em uma árvore, manteve-se imóvel por alguns minutos. Observou dois agentes passarem abaixo, fuzis em punho, procurando-o. Desceu, continuou embrenhando-se, até que o complexo ficasse bem para trás. Respirou e escorou-se numa árvore, para descansar. Ouvia o alarme tênue, ao fundo, mas sabia que nunca iriam encontrá-lo ali.

– Você é bom – disse a voz em suas costas. – Mas é apenas humano.

Então, uma arma sendo engatilhada.

Felix virou-se devagar, as mãos para cima. Viu um homem vestido de preto, a cabeça coberta por um capacete da mesma cor, apontando-lhe uma escopeta. Ele nunca confundiria o sotaque irritante:

– Tristan.

Sob a mira de seu melhor amigo, após enxergar algo que não entendia por completo, aquilo era tudo que Felix conseguia dizer. O nome de quem deveria estar morto – assim como os homens submetidos aos experimentos dentro da base.

– O que você está fazendo? – disse Tristan. – O que está procurando?

– A verdade.

O francês soltou uma risada sem humor.

– Você é louco, Felix. Está se metendo com a Gladius para satisfazer a curiosidade?

– Não. Estou me metendo com a Gladius para descobrir o que houve com meu amigo. E por que Lucinde teve de pagar por isso.

– Era só uma mulher. Esqueça-a.

Felix estremeceu de raiva.

– O que fizeram com você, Tristan?

Dessa vez, a risada foi mais alta. Felix temeu que pudesse alertar as demais patrulhas.

– O que *fizeram* comigo? Devolveram minha *vida*, seu animal! Porque *você* foi enganado por uma velha de quinhentos anos de idade!

Uma pontada de culpa embrulhou o estômago do ruivo.

– Você morreu.

– É claro que morri! E morrer *dói*. Se você não fosse tão incompetente, eu não teria perdido a vida e as tripas.

Pausa.

– Isso não justifica o que você fez com Lucinde.

– Já disse; esqueça essa mulher. O que importa?

– É sua esposa, com quem tem um filho. Você os ama.

– Sabe o que você descobre ao morrer, Felix? Que nada disso faz diferença. Nada do que você faz em toda a sua vida importa. A humanidade não serve para nada. Tudo que podemos fazer é aproveitar.

– Então você não serve para nada?

– Eu não sou mais humano.

Então, retirou o capacete.

– Eles não lhe devolveram a vida.

– Deram-me algo bem parecido – disse Tristan, através dos dentes arreganhados sem gengivas. – Nada importa, Felix. Nem você, nem minha ex-mulher, nem meu filho.

Tristan não tinha mais rosto. Em seu lugar, um crânio descarnado.

– Quando começaram a lhe dar o remédio, Tristan?

– Você é muito ingênuo. Muito, muito ingênuo.

Caminhou até Felix e cutucou-o no peito com o cano da escopeta.

– Nunca tomei o remédio. Foi a morte que clareou minha cabeça.

– O comprimido serve para controlá-los.

– É claro. Mas se você acha que todos os outros estão tomando, está muito enganado. Para a maioria, não passa de placebo. Nossos colegas são sociopatas violentos. Ou você nunca notou? A maioria se voluntariou para o procedimento, porque torna tudo mais divertido.

Ainda estavam bem próximos. Felix podia sentir o frio emanando do crânio do outro.

– Se quer um conselho – continuou Tristan –, entregue-se. Apresente-se como voluntário.

– Lucinde mandou você engolir suas mentiras. Agora concordo com ela.

– É tudo *tão* mais divertido! Você não precisa mais comer. Não precisa mais dormir. Nota que a vida dos outros não tem valor. Em comparação com *isto*, estar vivo é um tédio, Felix. Muito melhor ser morto-vivo.

– Bem, você ainda deve ter língua.

O outro não entendeu.

– Para lamber as botas da gerência.

– Filho da...

Estavam muito próximos, e era isso que Felix queria. Suas mãos estavam erguidas, mas ele abaixou-as num relâmpago, empurrando a cabeça de Tristan para a frente. No mesmo movimento, elevou o joelho, colocando a escopeta para cima. O francês tinha o dedo no gatilho – quando disparou, o tiro atingiu seu próprio queixo.

O crânio se esfacelou. Tristan continuava de pé, cambaleando às cegas. Felix aproveitou a distração para arrancar-lhe a arma.

– Lucinde mandou você engolir suas mentiras. Isto não é uma mentira – disse Felix, engatilhando a escopeta. – Mas vai servir.



Parte dos benefícios do trabalho de soldado da fortuna era o salário. Para alguém sem família e sem hábitos dispendiosos, o dinheiro se acumulava rapidamente. Assim, Felix não tivera dificuldade em viajar por três continentes, obter serviços clandestinos e documentos falsos.

Também não teve problemas em pagar um bando de guerrilheiros locais para acompanhá-lo de volta ao complexo, uma semana depois.

Ainda tinha esperança quanto aos colegas. Alguns não eram voluntários. Não planejava matar todos. Mas planejava destruir a operação, dar cabo dos chefões. Atravessou a selva com algumas dúzias de soldados esfarrapados, armados de AK-47, bazucas, equipamento roubado de tropas governamentais.

Mas não encontrou os galpões. Ou a cerca, ou as tendas, ou os veículos. Tudo havia desaparecido, como num passe de mágica.

Saindo da América Central, Felix rastreou a Gladius até a Etiópia. De novo, não encontrou qualquer rastro de um complexo de magia negra militar, mas viu os resultados do massacre de algumas aldeias – perpetrado, segundo os nativos, por soldados vestidos de negro.

Havia mesmo uma grande conspiração militar e mística, que transformava mercenários em mortos-vivos? Dentre todas as teorias paranoicas que nunca davam frutos, *aquela* estaria correta? Ele se lembrava de ter visto Tristan cadavérico. Mas não tinha prova alguma, nem para si mesmo.

Restava ir atrás da fonte de tudo: a Strauss S.A. Seu caminho levou-o de volta ao Brasil.

A Santo Ossário.

Não a Lucinde e Thierry. Ele só podia torcer para que eles estivessem bem. E esperar que ela aceitasse alguma ajuda, acreditasse que ele não tinha culpa, quando tudo estivesse acabado.

Era o que restava, após perder os três.



– É assim, Nicole – disse Felix. – Ter uma fotografia como essa significa isso. Dor. Responsabilidade.

Sua voz estava embargada. Ele rilhava os dentes.

– Você quer fazer parte de algo assim?

Ela não respondeu.

– O mundo pode fazer isso com você. E você não pode reclamar, porque sem esse risco, não existe fotografia. Sem estar vulnerável à traição, você nunca terá uma família que vai tratá-la como se fosse um deles.

Pausa.

– As pessoas que você ama farão coisas horríveis – disse o ruivo. – E você deve amar de novo.

– Como?

– Qual é a alternativa?

O fogo estava quase morrendo. Felix reavivou as chamas.

– O que ele disse agora? – perguntou Astarte.

Ela não traduzira as últimas frases.

E não respondeu ao elfo, porque não achou que conseguiria. Em vez disso, afastou-se e olhou o céu noturno, tentando criar coragem para achar um porto seguro.

Capítulo 20
Lugar algum

ASTARTE ACHAVA QUE RECEBERA O treinamento errado.

Tudo era fácil quando se resumia a um arco, uma flecha e um alvo. A vida fazia sentido. Havia um objetivo claro; o arqueiro sentia a vontade do mundo e impunha a sua vontade. O objetivo era cumprido.

Mas ninguém o ensinara a identificar outros objetivos. A entender o que sentia naquele momento, naqueles últimos dias. A compreender o que ele mesmo estava buscando, além de uma fortaleza élfica no final de um labirinto.

Há quinze dias eles seguiam as coordenadas do mapa. Não era uma travessia fácil. Santo Ossário ficava em uma serra, cheia de subidas e descidas. Às vezes, para seguir os caminhos indicados, era necessário escalar, com o auxílio apenas de um precário equipamento que Felix possuía. Essas eram as partes simples, quando o elfo estava concentrado nos movimentos de braços e pernas, na firmeza e instabilidade das pedras, nos melhores pontos para transpor uma inclinação. Fazia parte do que haviam lhe ensinado, e isso era reconfortante. Ajudava a esquecer a dúvida que instalara-se em sua mente desde a fuga do laboratório.

Encontravam-se em um desses trechos íngremes. Chovera no dia anterior, e as superfícies estavam escorregadias. O mais prudente seria esperar melhores condições, mas sabiam que poderia haver inimigos em seu encalço. Precisavam continuar no caminho do mapa, e por isso arriscavam a subida perigosa, rumo ao próximo vértice nas coordenadas. O elfo na frente, Nicole no meio, Felix por último. Todos atados com cordas que o mercenário carregava, diminuindo as chances de uma queda fatal. Astarte erguia-se pelas pontas dos dedos, transpondo mais uma rocha, quando ouviu uma exclamação súbita de Nicole.

O instinto tomou conta dele; virou-se para trás e para baixo, enxergando a garota e soltando uma das mãos. Tudo em menos de um segundo, mas o tempo pareceu desacelerar, e ele viu com clareza Nicole escorregando, a sola da bota resvalando na pedra úmida, o outro pé tentando freneticamente achar um apoio.

O olhar de terror no rosto, ela solta no espaço, enquanto começava a cair.

E Astarte não soube o que fazer.

Sentiu o medo tomar conta de si, deu um berro sem palavras, sem utilidade, e jogou a mão para baixo, para ela. Mas era um gesto atabalhoado, e ele não conseguiu alcançá-la. Toda uma tragédia se descortinou em seus pensamentos de uma vez só, todas as consequências daquela queda.

A corda presa na cintura da garota retesou-se ao mesmo tempo em que Felix segurou-a.

Os dois humanos ofegavam, lá embaixo. Trocaram algumas palavras de conforto que Astarte não conseguiu entender. Ele mesmo tinha respiração rasa, o coração batia em descontrole. Demorou a compreender que nada acontecera. Uma onda morna de alívio emanou do estômago. Uma fisgada nos olhos, um lacrimejar rápido.

Cada vez mais convencia-se de ter recebido o treinamento errado. Numa emergência, fora tomado por um terror abjeto e tornara-se inútil.

Deteve-se olhando o rosto de Nicole, que pareceu brilhar.

E, amaldiçoando-se por ser idiota, achou que começava a entender o que se passava.



Eles completaram a escalada, continuaram a caminhar por várias horas. Astarte ouvia Nicole e Felix conversando de tempos em tempos. Tentava decifrar algumas palavras, imaginava o motivo das risadas ocasionais. Pensava no que o ruivo contara-lhes antes, adivinhava o final, que Nicole não traduzira. E, mais do que tudo, procurava razões para falar com ela. Assuntos que justificassem qualquer diálogo. Avisava sobre perigos, identificava rastros, alertava sobre assuntos práticos como caça e abrigo. Mas eram conversas de vida curta, nunca iam a lugar algum. Quanto mais o príncipe se empenhava em encontrar um assunto com que pudesse travar uma conversa com Nicole, menos ideias lhe vinham à mente.

– Astarte – ouviu a voz dela, de repente.

Sentiu calor subir pelo pescoço atingir as longas orelhas. Virou-se, tentando parecer digno.

– Acha melhor descansarmos mais cedo hoje, aproveitando aquela gruta? Ou continuar e procurar outro abrigo?

O elfo engoliu, suspirando para evitar que a decepção transparecesse no rosto.

Um assunto prático.

– Descansamos – decretou. – Deve chover à noite, uma gruta será útil.

A verdade é que nem notara a tal gruta, do jeito que estava perdido nos próprios pensamentos. Repreendeu-se por ser descuidado, ao mesmo tempo em que sentia uma estranha mágoa por ter sido procurado apenas para aquilo. Nicole e Felix riram de alguma coisa. Num surto de indignação, chegou a se revoltar ao perceber que era visto somente como uma ferramenta, um guarda-costas, um guia.

A palavra de repente surgiu em sua cabeça, mas ele procurou negar.

Não podia ser *ciúme*. Isso era absurdo.

Montaram acampamento na gruta. Não demorou para que o céu escurecesse pela noite e pelas nuvens, e uma garoa gélida começasse a cair.

Felix anunciou que assumiria o turno de guarda do meio, então se deitou em um canto e adormeceu de imediato, ressonando de leve. Astarte e Nicole permaneceram sentados perto da pequena fogueira.

Só os dois. Era o momento certo para iniciar um diálogo.

Então se passaram os minutos. O silêncio ficava mais sólido e cada vez mais difícil de quebrar. A movimentação de Felix indo dormir foi um ponto natural para começar a falar, mas a imobilidade que veio depois era desafiadora. Não havia justificativa, não havia motivo – além do verdadeiro.

Por que aquilo era tão difícil?

– Você não fica cansado? – disse Nicole, de repente.

Quase um susto. Astarte se deu conta de que precisava falar a coisa perfeita, era a chance. Então abriu a boca, mas a voz por alguma razão soou esquisita e trancada.

– Cansado?

Imediatamente achou a resposta banal e tola.

– De ficar aí, parado, em silêncio. – Nicole deu de ombros. – Você nunca fala nada.

Ele piscou. A razão do mutismo de repente pareceu aterrorizante, precisava escondê-la de alguma forma. Precisava falar algo que impressionasse. Buscou dentro de si:

– Em minha terra, sou um príncipe. As pessoas se dirigem a mim.

E por um momento sentiu-se feliz, certo de que fizera um comentário preciso. Isso durou até que enxergasse o rosto dela, transfigurado numa máscara de incredulidade e aversão.

– Quer que nós o tratemos como um *príncipe?*

Pânico. Não conseguiu pensar em nada que não fosse um revide:

– Quer que eu venha falar com você, enquanto fica trocando segredos e risadas com Felix?

– Não *quero* nada, Vossa Alteza. Fique em sua torre de marfim, eu não me importo.

Embora a gruta fosse exígua, ela conseguiu se afastar, mesmo que alguns centímetros, o que pra ele era um espaço infinito. Virou de costas, braços cruzados, resmungou alguma coisa em português.

Astarte passou o resto da noite rememorando a troca de palavras, e como fizera tudo errado. Seu treinamento definitivamente não lhe ensinara como lidar com a vergonha.



No dia seguinte, encontraram um córrego e fizeram turnos para lavar-se. Os outros dois longe, vigiando. Astarte vestiu as roupas terrenas que Felix adquirira na estrada. Estavam sujas e rasgadas, mas o mais estranho e desconfortável era seu corte, os materiais, a maneira como deviam ser vestidas.

O elfo viu-se de pé, sozinho, trajado nas calças jeans, o agasalho com capuz, os tênis baratos. Mentalizou como os humanos andavam, como se moviam dentro daquelas coisas.

Ensaiou alguns passos, tentando parecer natural. Os tênis incomodavam. Então fez o gesto de colocar as mãos dentro dos bolsos do agasalho e andar meio curvado. Parecia um movimento comum na Terra, mas era esquisito. Não conseguia relaxar dessa forma. Endireitou-se e meteu os dedos nos bolsos das calças. Também um gesto natural daquele mundo, mas ele não conseguia se acostumar. Não parecia casual. Ensaiou alguns maneirismos terrenos: com as mãos nos bolsos, virou-se, como se notasse e cumprimentasse alguém. De alguma forma, não era o mesmo modo como os humanos faziam.

A pessoa que se imaginou cumprimentando era Nicole. Tentou pensar rapidamente no que falaria, depois de saudá-la, se estivesse mesmo naquela situação.

– E então, o que está achando da jornada? – disse em voz alta.

Logo viu que era o comentário de um parvo. Ela não teria como responder nada positivo, e a pergunta poderia parecer um insulto.

– O que acha que encontraremos no final? – tentou de novo.

Mais uma vez, errado. Acabariam falando de inimigos e combates, morte e

tudo que ele desejava evitar. Era absurdo que sentisse uma conexão tão forte com a garota e ao mesmo tempo houvesse uma barreira tão grande entre ambos. Que a visse como tão similar a ele mesmo e não achasse nada em comum.

– De que estavam rindo ontem à tarde? – a terceira tentativa.

Não; isso soava como uma cobrança. Ele pareceria um menino querendo entender assuntos de adultos.

– Esta planta pode ser usada para elaborar um anestésico.

Não! Mais uma vez, um assunto prático e efêmero, e ainda por cima cheio de um ar pedante. Nunca levaria a lugar algum.

– Fale-me sobre você.

Ela talvez pensasse que ele estava perguntando sobre os cultistas e os raptos.

– Deixe-me cantar uma canção de meu povo.

E então começar uma melodia, como um bardo enlouquecido? E isso logo após tê-la cumprimentado?

– O que você estudava, antes disso tudo?

Aquilo não pareceu tão ridículo.

Então:

– O que você está fazendo? – disse Nicole, abafando o riso.

Astarte sentiu-se ficar todo róseo. Estava no meio do movimento de virar-se, imitando os humanos, com as mãos nos bolsos. Congelou, sem resposta.

– Estava falando sozinho?

– N-não – gaguejou. – Claro que não.

– Vim chamá-lo porque você estava demorando. E encontrei o príncipe dos elfos falando sozinho!

– Isto, hã... faz parte do treinamento. Comunhão com a natureza – explicou-se, enquanto caminhava para se aproximar dela, sem desgrudar os olhos do chão.

– Mentiroso. Entendo sua língua. Você não estava comungando com natureza alguma.

Nicole entendia quenya.

– Eu também gostaria de entender a sua língua – ele disse, sem pensar.

– Mesmo?

A zombaria parou.

Ele sentiu o toque de Nicole no braço. Ela sorria, sem deboche.

– Posso ensinar.

Três semanas. A temperatura caiu, e eles acharam que nunca mais conseguiriam se aquecer. Em determinados anos, aquela região recebia neve – e a sorte fez com que fossem premiados com a bela precipitação branca.

De noite, Nicole tremia, enrolada no casaco e em um cobertor, em frente à fogueira. Seus lábios estavam pálidos. Felix, sempre calmo, sempre capaz de relaxar, estava dormindo. Astarte tentava manter-se confortável, usando pedras quentes tiradas da fogueira. Silêncio entre os dois, mas o elfo soube como quebrá-lo.

– Veja se estou falando certo – disse, de repente.

Ela se voltou para ele, os óculos movimentando-se enquanto o corpo estremecia.

– "Fugimos de Santo Ossário" – em português.

Nicole ergueu as sobrancelhas. Esqueceu-se de tremer.

– Ótimo!

– Acertei?

– Bem, seu sotaque é terrível. Mas a gramática está certa, e isso é o mais difícil.

– Obrigado.

Mais silêncio.

– Três semanas – ela disse.

Ele estava confuso.

– Três semanas, e você já consegue falar algo em nosso idioma. Odeio você, Astarte.

– Já entendi que isso é uma expressão de admiração – ele sorriu, tentando parecer natural. – Também já notei que só funciona entre amigos. Gosto que me considere seu amigo.

– Não tenho muita escolha, não é mesmo? – ela deu um riso torto, debochado, voltando a tremer.

– Você só sabe reclamar.

Ambos riram. Dessa vez, Astarte não precisou se esforçar. A naturalidade vinha sem tentativas.

– O jeito como você falava antes era muito pomposo – disse Nicole, atiçando a fogueira com um graveto. – Olhando admirado para tudo, julgando todos à volta. Analisando cada palavra.

Ele suspirou. Pensou em esquivar-se, dar alguma justificativa, mas ela acertara em cheio. Astarte imaginou se *tudo* sobre ele era tão evidente.

– É estranho estar aqui – explicou. – Em Arcádia, eu conseguia fazer piadas.

Insultar meus mestres. Ficar bêbado em suas cortes. Mas tudo se revelou uma mentira.

– Conheço a sensação.

– E, desculpe, este mundo é estranho – seguiu sem pensar. – Quero dizer, é estranho *para mim.* Não é fácil ficar à vontade sendo um forasteiro.

– Podem dizer para que se sinta em casa, mas você sempre será visita.

– Exato. Às vezes tenho a sensação de que não estou entendendo nada, e então fico apavorado. Paro e analiso quando você diz que me odeia. Devo parecer o maior idiota da Terra.

Franqueza, ao menos parcial. Observando a mão de Nicole segurar o graveto, foi como se ele se lembrasse da pessoa com quem estava falando, e do próprio medo. Engoliu em seco.

– Na verdade, parece um estereótipo. – Nicole não notava o embaraço do elfo, ou ao menos não demonstrava. – Em algumas histórias, o estrangeiro que leva tudo ao pé da letra é um personagem cômico típico.

– Então sou um bobo da corte. Puxa, isso é muito melhor.

Ela recuou alguns centímetros, ajustando os óculos.

– *Ironia,* Astarte. Parabéns. Está ficando tão cínico quanto o resto de nós.

Uma indescritível sensação de triunfo, ao notar que dissera a coisa certa. Ficaram em silêncio por alguns segundos – um silêncio diferente, confortável. Ele sentia-se radiante e satisfeito.

– Ser imigrante é difícil – disse Nicole. – Mesmo que você fale o idioma, entenda os costumes, tenha amigos, há algo faltando. Algo que apenas quem nasceu e cresceu em um lugar possui. Já morei em outros países; imagino o que você deve estar sentindo.

– Parece que cada gesto meu pode quebrar algo. Cada palavra pode ferir alguém.

– Na Terra, chamamos isso de amizade.

Não, Astarte pensou. *Conheço amizade.*

Era algo além.



A viagem continuou. Às vezes, chegavam a andar em círculos, pois tal era a natureza do labirinto. Voltavam a locais por onde já haviam passado, refaziam caminhos que ainda guardavam suas pegadas. Os dias emendavam-se uns nos outros – ao mesmo tempo, parecia fazer um ano desde que haviam partido. A

cidade e a fuga eram memórias distantes, como se eles nunca mais fossem ver aqueles lugares ou enfrentar as consequências.

Astarte já compreendia que não era o único desorientado por aquelas mudanças velozes. Capaz de entender alguma coisa da língua, prestava atenção às conversas dos humanos. As lições de Nicole preenchiam os dias de marcha – embora às vezes ele se perdesse na voz e no rosto, sem gravar as palavras.

O elfo ingressara num mundo acelerado, onde as pessoas tomavam decisões, embarcavam em jornadas e mudavam de vida com rapidez estonteante. Mesmo naqueles ermos tudo parecia muito ligeiro. As plantas tinham pressa, os animais respondiam ao ritmo terreno. As experiências de vinte e poucos dias equivaliam a anos ou décadas em seu mundo. Parecia nunca ter havido uma época em que não conhecesse Nicole e Felix, em que não estivesse fugindo e procurando uma fortaleza. Os eventos no museu da Idade Média já soavam naturais.

Não fazia muito tempo desde que ele matara um inimigo pela primeira vez. Difícil avaliar a passagem dos dias quando havia transição entre Arcádia e a Terra, mas a luta com Seandros era recente. A época de aprendiz era recente.

Parecia um milênio atrás.

Astarte não entendia como o tempo transcorria na Terra. Talvez ninguém entendesse. Pelo que deduzira durante a fuga do laboratório, ele era *muito* jovem. Jovem ao ponto do absurdo – pelo menos em corpo. Sua mente passara por séculos de formação e experiência em Arcádia. Se um desses dois tempos era o verdadeiro, ele desconhecia qual. Se ambos eram reais, ele não sabia como se relacionavam. De qualquer forma, sua vida agora era essa: na Terra, com dois aliados humanos, fugindo, procurando algo e pensando em um jeito de evitar uma invasão élfica. Ele não sabia *como* aquilo ocorreria, muito menos as medidas que teria de tomar para impedir o evento. Contudo, ele mesmo parecia uma peça vital do estratagema, então manter-se longe dos perseguidores era um bom começo.

E mesmo a invasão, de alguma forma, era secundária durante a viagem. Um problema para depois. Absurdo, mas ele se preocupava muito mais com uma só pessoa.

Nicole.

Usava as lições como justificativa para interagir com ela, e era cada vez mais fácil. Sentia um orgulho desmedido quando ela ria de algum comentário seu, contemplava o rosto e a postura da garota em busca de sinais de qualquer desaprovação. Sentia-se em um jogo – e, de alguma forma, era importante não demonstrar isso.

A Terra devia mesmo estar mudando Astarte. Porque, apesar de tudo, ele se sentia feliz. Mais do que feliz: sentia que aquela era a única maneira de viver. Tudo pelo que passara antes era vazio. Há dias não tocava em um arco ou uma flecha. Mas repassava na mente as complicadas conjugações verbais da língua de Nicole. Os inimigos e o futuro pareciam longínquos.

Como se respondendo às divagações, um sinal surgiu em meio às árvores. Eles atravessavam mais uma pequena floresta. As copas bastante separadas, permitindo a passagem de luz do sol. Um galho quebrado e algumas marcas em plantas rasteiras denunciavam a passagem de vários humanos. Felix notou ao mesmo tempo.

– Seguidos – disse Astarte, em português.

O bigodudo assentiu.

– Estamos sendo seguidos? – disse Nicole.

– Desde o começo – Astarte respondeu em quenya, abaixando-se para examinar os sinais. – Mas você sabia disso.

– Pensei que eles tivessem perdido nosso rastro. Ou pelo menos que estivessem mais longe.

– É a primeira vez que chegam tão perto – disse Felix, após obter uma rápida tradução do diálogo. – E, de qualquer forma, ainda não estão bafejando em nossa nuca. O que você acha, Astarte?

O elfo compreendeu a pergunta. Levou alguns segundos para raciocinar e formular a resposta.

– Vinte horas atrás de nós – falou, com o sotaque esquisito. – Cinco homens.

– Também acho. Quer emboscá-los?

Não entendeu.

– Fazer uma armadilha – esclareceu Felix. – Enfrentá-los.

– Não – disse Astarte. – Fugimos.

Não podiam desviar da rota, então restava apressar o passo. Dois dias depois, chegaram a ver as sombras do grupo de perseguidores passando a poucos metros de distância. Astarte fizera um abrigo camuflado, usando um tronco podre, galhos e folhas. Os inimigos olharam diretamente para o esconderijo e não notaram que havia qualquer coisa errada.

À noite, os três sentiram-se à vontade para falar de novo.

– Por que não quis lutar? – disse Nicole.

– Em português, menina – grunhiu Felix. – Ele já entende algo, e nem todos aqui passaram a vida estudando minúcias de mundos de fantasia.

– Por que não lutar? – dessa vez no idioma natal.

Astarte gastou um tempo formulando a frase.

– Quero matar menos.

Felix deu um meio riso:

– Se seu maior problema é controlar-se para matar menos inimigos, você tem sorte.

– Matar é importante – continuou o elfo.

– Acho que você usou a palavra errada – disse Nicole.

– Matar é um ato muito importante – dessa vez em quenya. Usara a palavra certa, e explicou-se: – Não deve ser casual. Matar inimigos é o jeito fácil de acabar com qualquer problema. Se não for um último recurso, é um atalho. Quem mata sem controle é fraco. Quem mata sem remorso não é um guerreiro, mas um assassino.

– Você matou muita gente durante a fuga – disse Nicole, em português.

– Não sei se foi certo. Agora tenho outro caminho. – Astarte procurou as palavras no idioma terreno, mas teve de recorrer ao élfico: – Se há alternativa, o melhor é não matar. Ao menos para um guerreiro elfo.

Falava aquilo com sinceridade. Mesmo sendo inimigos, enxergava aqueles humanos como membros da raça de seus novos aliados. Era estranho, mas sentia-se mais próximo a eles do que aos elfos que conhecera em toda a vida.

Os elfos o haviam traído. Mas ele não podia imaginar Nicole e Felix fazendo o mesmo.

– E se houver guerra? – disse Nicole. – Elfos contra humanos. De que lado você ficará?

– Nenhum.

– Isso não costuma dar certo.

– Nenhum lado é o certo; melhor impedir a guerra. – Pausa. – E você?

Ela suspirou.

– Você sabe o que penso de humanos. Não tenho muita vontade de salvar uma raça que assiste a reality shows e leva espécies à extinção.

– Assistem ao quê?

– Não queira saber.

– Então ficará do lado do povo que a raptou incontáveis vezes? Que presenteou seu pai com poderes místicos?

O diálogo alternara entre os dois idiomas. Assim, Felix compreendera boa parte. Inclinou-se para a frente, cortando a conversa:

– Vocês dois são muito filosóficos. Estão esbravejando contra suas famílias. Isso é idiotice, não se escolhe a família.

– Mas – Nicole começou, e de novo foi interrompida:

– Escolhemos nossos amigos. E podemos protegê-los. Agora calem a boca e vão dormir. Não me interessa que elfos não dormem. Vão dormir.

Nicole deitou-se. Astarte ficou sentado, como se estivesse meditando. Notou que ela não dormia; sua respiração era audível e tinha todas as características de um humano desperto. Mais de uma hora se passou assim. Felix deixou o acampamento para fazer uma ronda.

– Está acordado? – sussurrou Nicole, de súbito.

– Estou.

O primeiro instinto do elfo foi dizer que não dormia; corrigi-la. Notou o quanto isso seria tolo, então respondeu que estava acordado. Sorriu espontaneamente, ao notar que aprendia a ser simples.

A ser humano.

– Por que você quer salvar os humanos, Astarte?

Porque você é humana, ele pensou.

Mas não disse.

Em vez disso, ficou em silêncio, como um covarde, até que ela adormecesse de verdade.



As lições de português prosseguiam com a viagem. Astarte se esforçava, murmurava para si mesmo cada palavra, dessa vez não negando que falava sozinho como um louco. E, mais do que isso, revivia na mente os momentos em que conseguia se expressar para ela. Sentia então aquela ligação aumentar, tinha certeza de que Nicole também estaria sentindo o mesmo.

E uma impressão de frio e distância quando lhe ocorria que poderia não ser mútuo.

Nicole tivera toda uma vida antes dele. Experiências, viagens, relacionamentos. Ele tivera apenas treino e mentiras. O raciocínio era mortal: Nicole, para ele, era quase uma vida inteira de interações, quase tudo que ele conhecia. Ele, para Nicole, era um detalhe.

A importância da garota aumentava. E ele queria, mais do que tudo, ser importante para ela.

O elfo tornava-se proficiente na língua humana, até o dia em que ela disse:

– Você já conhece o básico. O melhor a fazer agora é ouvir e conversar.

De repente, não havia mais lições. Os momentos de conexão rotineira e nunca

tediosa sumiram naquela frase. Ele deveria ouvir e conversar. Era mais fácil na teoria do que na prática. Mais uma vez, Astarte ficou calado.

Certa manhã, emergiu da meditação quando Felix acordou a garota com um sacolejão violento, antes do nascer do sol. Ela ainda esfregava os olhos quando o mercenário puxou-a pelo braço, pondo-a de pé.

– Venha comigo.

Ela não discutiu, e os dois deixaram Astarte para trás. A sensação abjeta de estar longe, de não ser parte de algo, retornou. O elfo achava que estava regredindo a um garoto, perdendo qualquer maturidade ou mesmo inteligência.

Não importava; decidiu segui-los.

Já havia alguma luz quando Felix e Nicole chegaram a uma clareira dominada por uma árvore grossa. O ruivo apresentou a ela uma pistola.

– Tome. Um presente. Você vai aprender a atirar.

– *Não* – Nicole cruzou os braços.

Felix bufou e chutou uma pedra.

– Garota, isso já foi longe demais.

– Não gosto de armas.

– E eu não gosto de carne de zorrilho, mas é o que estamos comendo enquanto não encontramos um hotel cinco estrelas. Quem não gosta de armas ainda pode ser morto por quem adora armas, Nicole, e o fã-clube das armas está em seu encalço. Portanto, obedeça.

Astarte ouvia de longe, entendendo parcialmente. Nicole estendeu o dedo para Felix e falou em tom imperioso.

– Eu vi o que as armas fazem nas mãos de idiotas, Felix. Qualquer um é letal com uma arma. É claro que é preciso treinamento, mas o básico é muito fácil. Eu não quero ser mais uma idiota com uma arma.

– Você não é idiota.

– Às vezes, sou. E acho que já teria atirado em alguém se tivesse acesso a uma arma. Não quero esse poder.

– Posso ensiná-la a se controlar.

– Isso não faz sentido. É criar um problema e depois ensinar a contorná-lo. Existem pessoas que usam armas para o bem, é claro. Você, por exemplo. Mas a maioria usa-as para intimidar e ferir os mais fracos. Acho que *eu* seria um exemplo.

– Você nunca faria isso.

– Tem certeza?

– De qualquer forma, precisa aprender a se defender.

Ela não teve resposta.

Astarte sentiu o coração bater mais forte. Era um motivo egoísta; ele não deveria usar os conhecimentos de arqueiro com aquela finalidade. Mas toda a filosofia perdia importância perto do objetivo atual. As lições de português haviam acabado, mas ele também tinha algo a ensinar.

– Posso treiná-la – ouviu-se dizer, duvidando da própria ousadia.

Nicole e Felix se viraram. Astarte se mostrou, tentando sorrir com casualidade.

– Também odeia arcos?



Uma semana sem que ela respondesse, até que perguntou:

– Você acha que posso aprender a atirar com um arco?

Uma semana observando-a em busca de reações, imaginando se havia sido mais uma vez arrogante e brusco. Mas então Nicole quebrou o silêncio, perguntou o que ele achava. A resposta que o elfo quis dar era um "sim" enfático. Não queria arriscar-se a perder mais um motivo para estar com ela.

E, olhando em seu rosto inquisitivo, viu-se incapaz de qualquer coisa que não fosse a honestidade total.

– Talvez – disse. – Nunca treinei alguém. Mas posso mostrar-lhe o que sei.

Nicole ajeitou os óculos. Astarte já começava a se recriminar, mas:

– Quando começamos?

Ele controlou um riso. Pensou um pouco antes de responder.

– Imagino que quando chegarmos à tal fortaleza.

– Digamos que essa fortaleza realmente exista – disse Felix, de repente. – Digamos que seja verdade. E então?

Os dois viraram-se para ele.

– O que vão fazer? – insistiu.

Eles seguiam o mapa-labirinto, mas apenas a confiança cega conduzia-os. Não havia como saber se o objetivo ficava mais próximo. Dependiam da honestidade de um espírito élfico assassino.

– Espero que haja algum segredo nesse lugar – disse Astarte, em português. – Uma arma, um truque, uma explicação. Qualquer coisa para me ajudar a enfrentar a Rainha.

– Se é uma fortaleza élfica, deve ser perigosa.

Ele concordou.

A verdade é que não pensara muito naquilo. Concentrava-se na jornada. E, no

fundo, não desejava que a jornada acabasse. Quando chegassem ao destino, haveria outras coisas, outras pessoas, outros perigos. Cada dia de progresso era um dia a menos para que ele tomasse a decisão e tentasse o que secretamente desejava.

O que não admitia nem para si mesmo.

– Estamos em perigo de qualquer forma – disse o príncipe, desenrolando-se do próprio embaraço. – Ao menos, na fortaleza, pode haver algo diferente.

– E você, Nicole? – disse Felix. – O que vai fazer?

– E você? – ela devolveu, insolente.

– Você sabe o que vou fazer! Vou investigar e enfrentar meus antigos colegas, agora que sei que são assassinos desgraçados com cara de caveira. Como eu previa, tudo se encaixou. Se Astarte vai enfrentar a Rainha e os Strauss são servos da Rainha, estou junto com ele. Os mortos-vivos servem aos Strauss, tudo está conectado.

Nicole grunhiu.

– Ainda não me respondeu – disse o mercenário.

– Vou aprender a atirar com um arco.

– Ótimo. E depois?

– Preciso prestar contas a você, por acaso?

– Não; só a si mesma. Astarte vai salvar o mundo. Eu vou ajudá-lo por meus próprios interesses, e porque é divertido. E você, Nicole Manzini?

Sem resposta. O ruivo provocara, mas a muralha de frieza que Nicole ergueu ao redor de si impediu que qualquer um dos dois falasse com ela. Astarte bufava de frustração.

Acamparam de encontro a um paredão, à noite. Fizeram uma fogueira, na qual prepararam a carne de um magro animal da floresta. Felix limpava suas armas em silêncio. Astarte e Nicole digeriam a refeição.

– Ainda está pensando no que Felix disse? – Astarte tomou coragem e falou, em voz baixa.

Ela fez que sim.

– Também me sinto como você, na verdade – ele continuou. – Acreditei durante toda a vida que seria um guerreiro, um príncipe. Lideraria meu povo e enfrentaria nossos inimigos. Agora... Não sei.

– Você tem seu objetivo. Impedir a invasão.

– Não gostaria de viver em torno de uma guerra.

Tenho outro objetivo, pensou.

E esteve à beira de falar.

Nicole se levantou, caminhou alguns passos, ficou observando qualquer coisa.

– Vai mesmo haver guerra, não é? – ela disse.

– Se não pudermos impedir.

– Elfos contra humanos. Aí está uma boa imagem. – E deu um riso sem ânimo. – Uma bomba atômica nas fuças da Rainha da Beleza.

Astarte não entendeu; o assunto das armas nucleares ainda não havia surgido nas conversas entre os três. Nicole explicou a ele sobre aquelas armas horrendas, e tudo que já haviam feito.

– Entende por que não tenho entusiasmo pela humanidade? – ela terminou. – Esta é a humanidade. Bombas que condenam gerações.

– Pensei que a humanidade fosse como chocolate.

Nicole franziu o cenho. Demorou para lembrar, mas Astarte tinha a conversa que haviam travado na estrada na ponta da língua. Ela mesma dissera que a humanidade era como chocolate: gordo, cercado de propaganda, doce demais. Mas qualquer um que não gostasse de chocolate era indigno de confiança.

– E se eu dissesse que também quero salvar o mundo? – perguntou Nicole, após um tempo. – Estaria sendo boba?

– Acho que estaria admitindo a verdade. – Astarte deu de ombros. – Admitindo que você *pode* salvar o mundo. E que este mundo merece ser salvo.

Havia bombas atômicas, mas também chocolate.

– Todos dizem que isso é bom – ela falou.

– "Isso"?

– Isso – Nicole fez um gesto para os arredores. – O mundo, as outras pessoas. Todos dizem que isso é bom. Mas eu preciso que você diga.

Aquilo foi uma surpresa. O elfo sentiu a boca seca. Soube que deveria fazer algo, mas não sabia o que era.

– Tudo isso é bom – disse, por fim. – E você pode salvar o mundo.

Ele enxergava-a não apenas como disposta a fazer aquilo, mas plenamente capaz. Nicole não fora treinada, mas portava-se como uma guerreira em espírito. Mais do que isso, era uma líder. Ele mesmo se sentia liderado por ela, com entrega total. Poderia segui-la aonde quer que ela fosse.

Ele nunca duvidara de que ela fosse se erguer contra os algozes, e naquele momento queria, mais do que tudo, sua aprovação. E ela queria que ele fizesse algo, falasse algo.

O quê?

– Obrigado por tudo, Nicole.

A garota virou-se:

– Pelo quê?

– Pelas conversas. Por estar perto. Isso é importante para mim.

Nicole sorriu. Deu dois passos de volta, abaixou-se para sentar.

– Preciso ter contato com humanos para não me tornar o que a Rainha quer. Já matei tantos humanos. Preciso vê-los como pessoas, ou cairei na armadilha dela.

Nicole parou no meio do movimento.

– Que bom que posso ser *útil* a você – com frieza.

Deu meia-volta e se afastou.

Astarte sentiu-se gelar, seus olhos arregalados. Fez menção de se erguer, mas Felix olhou para ele e balançou a cabeça com um suspiro. Então esticou o braço e deu-lhe um tapinha condescendente no ombro.

O que Astarte mais desejava era um buraco fundo onde se esconder.



Eles seguiam o mapa. Não podiam prever quando o final chegaria, mas a viagem não podia estar longe de acabar. Astarte mais e mais tenso, vendo os dias escorrerem por seus dedos como grãos de areia. Chegariam ao final, e então ele perderia aquela intimidade.

Aquele era o momento. Enquanto estivessem na jornada, ele precisava falar.

Mas não conseguia.

Astarte começou a retardar o progresso do grupo, andando mais devagar de propósito.

– Não faça isso – disse Felix, num momento em que Nicole não ouviria. – Você sabe que não podemos perder tempo.

E a cada noite, cada acampamento, ele tentava reunir coragem ou encontrar uma brecha. Tentava procrastinar ou arranjar desculpas. Dizia que precisava ficar sozinho para tomar coragem, e só voltava quando Nicole já estava dormindo. Chegou a procurar nela defeitos e imperfeições, renegar a própria atração para escapar do que devia a si mesmo. A cada dia, menos tempo.

Mais um dia, mais uma chance perdida.

E então, acampados sob as estrelas, certa noite ele não conseguiu meditar. Passou as horas com a garganta apertada, sentindo a própria pulsação. Era insuportável, era tortura. Não importava o que acontecesse, iria abordar Nicole na manhã seguinte. Qualquer coisa era melhor do que aquilo.

A manhã chegou enevoada, como tantas na serra. Mais uma região florestal, como todas as outras. Astarte deu um passo em direção à garota. Tomou fôlego –

todo o fôlego de que precisava.

Então, o nevoeiro se abriu.

As árvores tremeluziram, o céu adquiriu novas formas e cores. Uma imagem começou a se revelar à frente deles, ao seu redor. Sob os pés, sobre as cabeças.

Enormes muralhas de pedra, marrons e sólidas. Torres e prédios mesclando-se às árvores. No centro de tudo, um grupo de gigantescos olmos erguendo-se mais altos que qualquer outra árvore, despontando acima das ameias.

No pergaminho, os traços do labirinto brilharam. Eles estavam na fortaleza.

– *Conseguimos!* – Nicole deu um grito de felicidade.

Astarte deteve-se antes de emitir qualquer som. Deixou sair a respiração que virou vapor no frio matutino, o fôlego que continha as palavras que não conseguiu falar. E assim perdeu a chance de dizer “eu te amo”.

Capítulo 21
Viajante solitário

WASHINGTON, ESTADOS UNIDOS.

Não estavam na Casa Branca. Esse tipo de negócios não acontecia lá. O presidente cultivava uma faceta jovial, frequentando uma academia várias vezes por semana, embora dispusesse de todos os equipamentos para fazer seus exercícios em casa. Os assessores de imprensa cuidavam para que aquela idiossincrasia parecesse uma tentativa de aproximar o líder dos homens comuns. Contudo, a verdade era um pouco mais sutil: podia-se modificar um prédio particular para bloquear sinais telefônicos e os outros tipos de comunicação com muito mais facilidade que edifícios públicos. Todos que se exercitavam ali eram agentes do Serviço Secreto à paisana, garantindo segurança. E o vestiário de uma academia gerava a perfeita justificativa para revistar as roupas e posses de quaisquer convidados.

Por isso, Emanuel Montague estava no ambiente úmido de vapor, repleto de armários metálicos, diante do homem mais poderoso do mundo.

Ou o homem a quem se atribuía o título.

– Está me pedindo um favor muito grande, Montague.

– Eu sei, senhor presidente.

O presidente dos Estados Unidos secava o suor com uma toalha branca. Quatro gigantes vestidos em ternos pretos, óculos escuros e aparelhos de escuta nos ouvidos, postavam-se ao redor dele, prontos para neutralizar qualquer ameaça. Outros tantos cercavam o vestiário, o prédio, o quarteirão, em maior ou menor grau de discrição. A presença de Emanuel seria tolerada desde que ele viesse sozinho. Sem guarda-costas, sem assistentes, sem aduladores.

Ele divertiu-se por um segundo, pensando em como poderia derrubar os quatro gorilas e assassinar o presidente com as mãos, antes que qualquer um dos outros respondesse.

– Você dispôs de recursos há pouco tempo. O que está pedindo é demais – continuou o norte-americano. – A Gladius é parte importante de nossa estratégia

de defesa. Não fornecemos as instalações para a reabilitação dos agentes apenas para que a agência fosse contratada por terceiros.

– Reabilitação essa – disse Emanuel, suavemente – realizada segundo pesquisa e financiamento da Strauss S.A.

Usando magia élfica. Mas é claro que seu interlocutor não poderia saber disso.

O presidente olhou-o por um tempo. Não eram muitos os homens que conseguiam encará-lo.

– O país tem muito trabalho para a Gladius. Inúmeros alvos no Oriente Médio, na Ásia. Operações domésticas.

– A firma não pertence aos Estados Unidos, senhor presidente. Possui membros naturais de inúmeras nações. A gerência é proveniente do mundo todo.

– O mundo pertence aos Estados Unidos, Montague. Não se iluda.

Emanuel espreguiçou-se, afetando calma.

– Pensei que sua economia fosse baseada no livre comércio. Todos podem comprar tudo. Isso não é o capitalismo?

O presidente riu.

– Os Estados Unidos são a maior nação do mundo porque nós decidimos quem compra o quê. Quem tem o direito de possuir o quê. Na menor escala, planejamos o tráfego nas grandes cidades para dificultar o acesso de minorias pobres a lugares onde elas não devem chegar. Mantemos cadeias de lanchonetes pipocando nas áreas urbanas mais desfavorecidas, unindo pobreza, ignorância e obesidade em uma população facilmente controlada. Em maior escala, fazemos com que um continente inteiro permaneça em estado de miséria e guerra, para que sempre haja compradores para nossas armas e estados necessitando de intervenção militar. – Caminhou até um armário, seguido por Emanuel. Abriu-o e deixou um segurança examinar as roupas lá dentro. – Você acha que qualquer um pode comprar o que quiser, Montague? *Eu* posso comprar o que eu quiser.

– E eu.

– Não pode contratar a Gladius. Ela é minha agora.

– O senhor entende – cada palavra pronunciada com cuidado – que esta é uma visita de cortesia.

O presidente bateu na porta metálica com um ruído alto.

– Esta é uma audiência com o rei.

– O poder em seu país está muito longe do senhor, com todo o respeito. Está no secretário de defesa, nos acionistas majoritários das grandes corporações, nos CEOs das firmas de construção que movem a máquina militar. Vim aqui para avisá-lo de que a Strauss S.A. contratará a Gladius Consultoria de Segurança

Ltda., e que ela estará indisponível até que a tarefa acabe.

Ficaram se encarando. Emanuel sabia que os agentes estavam prontos para neutralizá-lo se a situação caminhasse para uma hostilidade aberta.

– Meus chefes também estão interessados em contar com os serviços da firma – insistiu o presidente.

– Posso garantir que tenho irmãos em altas posições da indústria e do governo. Eles concordarão comigo. O senhor deseja saber mais?

O outro virou as costas.

O presidente sabia da existência de conspirações sobrepostas, entrelaçadas, inimigas e aliadas no topo da pirâmide política e econômica do mundo. Sabia o suficiente para não desrespeitá-las e para preferir não se envolver. Alguns de seus antecessores haviam chegado perto de atrapalhar um ou vários grupos sombrios – em consequência, chegaram perto de um impeachment. Alguns haviam se oposto abertamente – e morrido.

Emanuel sabia que aquele homem não possuía estômago para o culto. Nunca seria um irmão, mas também nunca iria desafiá-los. Apenas esbravejaria, para satisfazer algum tipo de honra pessoal que só existia para ele mesmo. Então calaria a boca.

O presidente deu um suspiro alto e deixou a cabeça pender.

– Muito bem – murmurou, com resignação. – A Gladius é sua.

– Apenas por algum tempo, senhor presidente.

Apertaram as mãos.



Garoowe, Somália.

A região da Puntlândia era uma das mais violentas no país. Desde a queda do governo centralizado em 1991, a Somália era um viveiro fértil de senhores da guerra, pretensos ditadores, bandos armados e interventores de outras nações. Há alguns anos, um tipo particular de violência vinha florescendo: a pirataria.

A Puntlândia era a maior concentração de piratas na Somália. Considerava-se uma nação independente, embora não fosse reconhecida pela comunidade internacional. Crescia em prosperidade através do produto de roubos de navios, resgates e chantagem. A miséria recebeu com braços abertos o dinheiro que os piratas traziam: a região fornecia abrigo, apoio, esposas e até mesmo auxílio governamental em troca de algum alívio para as condições sub-humanas que costumava enfrentar. Contudo, além de um punhado de casas mais apresentáveis

e alguns hotéis para os próprios criminosos, não se via muitas mudanças no modo de vida dos habitantes. A diferença estava nas atividades – além de soldados, os piratas empregavam especialistas em navegação e técnicos, impulsionando os primeiros passos de um mercado para profissionais com alguma educação. Tudo ao módico custo de um reinado de crime, morte e sequestro.

Garoowe era a capital da Puntlândia. Uma cidade minúscula para qualquer padrão, mas lar de algumas pessoas importantes.

E perigosas.

– Eu almoçando com você – riu o homem – é como um gato almoçando com um rato.

Emanuel Montague permaneceu sério.

Havia recusado a comida. O interlocutor, contudo, refestelava-se em um prato de macarrão com carne de camelo. Moscas pousavam sobre a mesa plástica, e o líder pirata afastava-as em intervalos regulares, enquanto mastigava.

– As armas – disse Emanuel. – Só isso me interessa.

– Para nós, essas armas representam mais que dinheiro – disse o outro, limpando os lábios nas costas da mão. – São a dignidade de nosso povo. O sofrimento de nossos inimigos.

– A dignidade e o sofrimento são esquecidos logo que um resgate de alguns milhões é jogado de paraquedas sobre um de seus navios, não?

O pirata agarrou uma pistola sobre a mesa. Emanuel não se moveu.

Garoowe não parecia muito diferente de uma cidade de periferia no Brasil, à primeira vista. Algumas ruas asfaltadas, outras de terra batida. Pó cobrindo boa parte da paisagem, casas baixas, escolas e prédios públicos de arquitetura simples. Carros modernos dividindo espaço com carcaças de trinta anos atrás, cheias de ferrugem, e com carroças. Salpicando a paisagem, espaços abertos onde jovens disputavam partidas de futebol. Mas isso não passava de uma ilusão confortável.

Embora Garoowe apresentasse desenvolvimento surpreendente, não era preciso caminhar muito para ver-se em uma região quase desértica, onde os habitantes viviam em cabanas e esquadrões de guerrilheiros eram presença comum. Na própria cidade, água encanada não era para todos. E havia armas por toda parte, soldados de uniforme e piratas com fuzis. Crianças armadas, ao lado de outras nas escolas ou jogos de futebol. A pirataria trouxera consigo violência, doença, álcool e drogas. Garoowe chocava, com um misto de normalidade e horror, civilização e barbárie.

A casa onde se reuniam não era luxuosa, mas destacava-se da maior parte das habitações. Tinha cinco quartos e um jardim, onde eles se sentavam sob o sol escaldante. Não bebiam uísque importado, mas um destilado produzido a poucos quilômetros de distância. Havia capangas armados por toda parte, portando desde pistolas até lança-foguetes. Quase todos os homens mascavam khat, uma folha com propriedades estimulantes, que os deixava ansiosos e entusiasmados.

– Lutamos contra a opressão – disse o pirata. – Agora o mundo presta atenção à Somália. Isso é o mais importante.

– Pense em quanta liberdade o dinheiro que estou oferecendo pode comprar.

– Mais dinheiro do que podemos conseguir usando nossas armas?

– Imaginei que diria isso. Estou preparado para adoçar minha proposta.

Emanuel pousara em Mogadíscio, a capital da Somália. Viera a Garoowe num jipe, escoltado por cinco piratas fortemente armados. Ele sabia que planejavam matá-lo e roubá-lo. Então, à noite, quando o jipe parou, deixou os homens cercarem-no com as AK-47. Matou todos. Dirigiu até seu destino e mostrou os cadáveres ao anfitrião. Prova de que sabia onde estava e sabia se defender.

A maior parte das armas fazia o mesmo caminho que Emanuel fizera – de Mogadíscio a Garoowe – ou então vinha do Iêmen. Ele negociava ali um carregamento excepcional: uma enorme quantidade de armamentos obtida de um cargueiro russo que fora atacado na costa, perto da cidade de Eyl. Para os piratas, era uma bênção inesperada. A rede de contatos de Emanuel havia lhe avisado. Ele entrara em ação sem demora, assim que deixara Washington.

Como mostra de boa vontade, Emanuel empurrou um maço de papéis sobre a mesa.

– O que é isto?

– Senhas. E há muitas mais de onde essa veio.

O pirata arregalou os olhos.

– Estou entregando vítimas para você. Alvos para a luta pela liberdade.

A defesa contra a pirataria envolvia complexos sistemas de registro de navios e rotas. Medidas estratégicas para garantir a segurança das embarcações, como alertas para que os trechos mais perigosos fossem evitados, foram desenvolvidas com a colaboração das frotas de vários países. Mas com as senhas certas em mãos e sabendo como invadir e alterar esses bancos de dados, os piratas estariam desarmando suas vítimas. Fazendo com que estivessem indefesas.

Não foi difícil, com os recursos da Strauss, obter esse tipo de informações dos concorrentes.

– O que fará com nossas armas?

– Vou vendê-las – disse Emanuel, com sinceridade. – Sou apenas um intermediário.

– Para quem?

– Para os inimigos de seus inimigos. Tudo seria mais fácil se meu fornecedor habitual não tivesse encontrado problemas. Eu estaria agora na Sérvia. Contudo, devo fornecer armas a grupos radicais, e não tenho a quem recorrer a não ser vocês.

Nada daquilo era mentira. Ele preferiria negociar com os sérvios – ou, na falta desses, a máfia russa –, mas encontrou-se em um incomum período de entressafra. Tudo precisava ser rápido, e a Puntlândia se mostrou ser a melhor opção.

– Mesmo assim, nossas armas protegem nossos soldados. Salvam nossas vidas.

– Existe algo que salvará ainda mais vidas – disse Emanuel, sorrindo. – Acabei de tirar uma importante companhia mercenária de circulação. Seus acampamentos estarão seguros.

O homem sorriu.

Negócio fechado.



Corredor de Wakhan, Afeganistão.

O comboio atravessou a planície seca, erguendo uma grande quantidade de pó. O clima era ameno naquela época – no inverno, haveria neve e frio intenso. O primeiro sinal do vilarejo foi um garotinho que observava os caminhões com interesse. Como se nunca houvesse visto nada do tipo, e talvez nunca tivesse. A aldeia ficava encostada às montanhas, protegida das piores ventanias e também isolada do mundo.

Quando os caminhões chegaram à pequena concentração de casas, havia um ajuntamento para recebê-los. Os homens armados mantinham a população longe. Emanuel pulou do primeiro caminhão e exigiu falar com o líder local.

A maioria daquelas pessoas nunca vira um ocidental. Muitos nunca haviam posto os olhos em alguém que não pertencesse a sua própria e rara etnia. Moravam em casas baixas, semelhantes a paralelepípedos. Vestiam-se em tecidos de cores alegres. Sorriam bastante, embora também demonstrassem receio. Certamente não esperavam que um forasteiro fosse capaz de falar o idioma wakhi.

O líder da aldeia, um velho de olhar severo, emergiu de uma das casas. O povo abriu-lhe passagem. Não eram os afegãos tipicamente imaginados pelos ocidentais, e Emanuel sentiu-se estranhamente seguro, embora estivesse transportando para eles uma quantidade monumental de armas.

– Venha comigo – disse o ancião, e Emanuel obedeceu.

Foi recebido na casa do homem, enquanto os capangas ficavam fora da aldeia. Ofereceram-lhe ópio, mas ele recusou. Boa parte daquelas pessoas consumia ópio – mais uma contradição.

– E então? – disse o velho.

– Não há o que falar. As armas estão aqui. Minha parte está cumprida.

O ancião mandou que alguém inspecionasse a mercadoria.

O Corredor de Wakhan era uma das áreas consideradas menos perigosas no Afeganistão, até mesmo alvo de turistas aventurescos. Alguns dos habitantes estavam acostumados com ocidentais, embora não fosse o caso daquele vilarejo. A região fora usada como passagem pelo Império Britânico no passado, e ligava-se com a China e outros lugares. A população era esparsa ao extremo, dividindo-se entre aldeões e nômades. Não era o lar típico de extremistas.

Mas sempre havia quem estivesse interessado na guerra.

Obtendo a confirmação de que a mercadoria parecia estar toda ali e em bom estado, o velho agradeceu a Emanuel. Justamente por ser uma região pouco visada pela comunidade internacional, aquele lugar fora escolhido como ponto de recolhimento de armas para os extremistas do resto do país. Emanuel gastou um segundo pensando na pitoresca trajetória das ferramentas: de um cargueiro russo para a Somália, então para o Afeganistão, através de um brasileiro. Que fizessem bom proveito.

– Agora a sua parte – ele exigiu.

O velho assentiu e ergueu-se.

Não havia dinheiro naquela aldeia. Nem mesmo todo o ópio que possuíam ou possuiriam valia uma mera fração do arsenal. Emanuel pedira como pagamento algo muito mais valioso.

Foi conduzido a cavalo por uma passagem na cordilheira. Estava ladeado por dois nativos – um andarilho experiente e um garoto que aprendia os segredos da montanha e das trilhas. Cavalgou até certo ponto, quando então precisaram seguir a pé. A essa altura, os dois guias se despediram. Ele continuou sozinho até encontrar-se com um grupo de nômades que lhe esperava mais acima.

A trajetória pela montanha durou cinco dias. Os nômades pertenciam a outra etnia, os kyrgyz, ainda menos numerosa que a dos aldeões. Normalmente não

estariam naquelas bandas, mas sua ligação com os extremistas fizera com que concordassem em acompanhar Emanuel.

Ao fim dos cinco dias, até mesmo aquele grupo despediu-se. Numa região alta, Emanuel ficou sozinho sob o frio e o vento intensos. Prosseguiu segundo as indicações que haviam lhe dado, sem encontrar ninguém. Achou, enfim, a caverna que procurava, e adentrou-a com reverência.

Quinze ou vinte metros dentro do túnel de pedra, a lanterna iluminou algo inusitado: uma flor.

Crescia vibrante e colorida em meio ao frio e aridez, como se desafiasse as condições inclementes. Emanuel sentiu o coração acelerar. Então uma nova flor, de um tipo diferente, e uma terceira. Logo, as paredes do túnel estavam cobertas de trepadeiras e gavinhas. As plantas pareciam gerar umidade e calor. Ele apressou o passo, entusiasmado.

Ao final do túnel, encontrou um emaranhado de galhos retorcidos e cipós. Formavam uma superfície quase plana.

Sobre ela, a máscara de ouro.

Emanuel Montague deixou a lanterna no chão e segurou o objeto com reverência. Sentiu o corpo todo estremecer. Não sabia como a máscara foi parar ali, depois de ser apreendida pela polícia em Santo Ossário, tantos anos atrás. Mas ali estava.

Não foi sozinha até ele – mostrou-se através de boatos, sinais, sonhos, visões. A Rainha havia exigido que Emanuel partisse em busca da máscara de ouro, e ele obedeceu. Conquistou a confiança dos líderes de grupos terroristas que controlavam extensas regiões do Afeganistão, obteve as armas que eles desejavam. Foi até o ponto de encontro combinado, e então até o local onde a relíquia se escondia.

E agora ela era sua.

Ele cobriu o rosto com o objeto.

Espada, cubo e máscara. O novo Dragão fora escolhido.



Pyongyang, Coreia do Norte.

Havia passagens que o dinheiro não comprava. Esta era uma delas, e Emanuel deu graças por contar com os rituais para abrir-lhe portas. Os profanos achavam que contas bancárias e títulos eram o ápice da vida. Ele sabia que fazer parte da elite era fundamental. Contudo, também sabia que nem tudo estava disponível

para quem possuía muito dinheiro. Esperteza e o favor da Rainha possibilitaram que ele penetrasse em uma das nações mais fechadas do mundo, na capital de um país dominado pela ditadura hereditária, que via forasteiros com desconfiança.

Ocidentais visitavam a Coreia do Norte todos os anos. Alguns por interesse jornalístico, quase sempre frustrado. Outros por identificação com os ideais do regime. Emanuel Montague infiltrou-se numa dessas excursões. Com identidade falsa completa, viajava num ônibus em Pyongyang junto com uma fraternidade internacional de curiosos e pretensos revolucionários.

Embora o governo negasse, cada turista era investigado a fundo antes de receber permissão para entrar no país. O disfarce de Emanuel era perfeito. O passaporte contava com visitas imaginárias a inúmeros países. Sua persona falsa envolveu-se com discussões em diversos fóruns políticos na internet. Trabalhou em um punhado de empresas, que tinham registros detalhados fabricados para a ocasião. Ele carregava na carteira fotos de uma família que nunca existiu, registros de momentos criados sob medida para serem bem-vistos pelas autoridades.

A excursão foi organizada por um grupo simpático à Coreia do Norte. Alguns colegas de viagem sabiam no que estavam se metendo – repetiam dogmas, decoraram meia dúzia de frases no idioma local. Outros embarcaram julgando ser aquele um passeio turístico como qualquer outro. E já era tarde demais quando descobriram que seriam usados em fotos e vídeos exibidos no mundo todo, como demonstração de apoio popular ao regime. O personagem que Emanuel interpretava era de um dos engajados – conversava com os demais, explicando as maravilhas do governo sob um líder autocrático e protetor. Travou amizade instantânea com os organizadores da excursão, que logo juravam tê-lo visto em outras conferências ao longo dos anos. Os rituais garantiam que nenhuma foto mostrasse o rosto dele com clareza.

Emanuel juntou-se aos outros quando o ônibus estacionou e todos foram assistir a um coral cantando as glórias dos norte-coreanos.

Pyongyang, apesar de ser a maior concentração populacional do país, parecia uma cidade fantasma. Ruas largas estendiam-se vazias, sem um único carro. Garotas vestidas em uniformes postavam-se entre as faixas, orientando um tráfego que não existia. Mesmo quando eles se postaram para assistir ao espetáculo, havia pouquíssimas pessoas na plateia. Era uma praça larga onde todos permaneciam de pé. O coral, formado por mulheres à frente e homens em segundo plano, se apresentou. Logo depois, lideranças norte-coreanas e

internacionais fizeram discursos, ressaltando a importância da reunificação das Coreias e a proximidade desse dia tão sonhado.

Emanuel gritou palavras de ordem junto com todos. Os soldados ficavam sempre fora das câmeras, mas vigiavam o povo. Observavam cada movimento – mesmo um sorriso insuficiente era motivo de reprimenda. Terminados os discursos, ele participou de uma passeata. De novo, era um evento desolado, vazio. As filmagens deixavam de fora os espaços desocupados. O público era instruído a se movimentar, para que pudesse ser filmado acompanhando a passagem dos manifestantes mais uma vez. Bandeirolas eram agitadas, slogans eram repetidos em megafones.

Tudo uma pantomima bastante ridícula – embora perigosa numa nação com armas nucleares. E tudo inútil para Emanuel. Contudo, a última atividade do dia trouxe o objetivo.

Foram levados a um museu que relatava a gloriosa luta norte-coreana e as barbáries do mundo ocidental, especialmente dos Estados Unidos. Enormes quadros e murais retratavam soldados americanos com traços caricatos (olhos fundos, grandes narizes e queixos) maltratando mulheres e crianças. A guia explicava, em tons solenes e palavras decoradas, que Pyongyang tinha sido destruída durante a Segunda Guerra Mundial e a Guerra da Coreia.

Emanuel pediu para ir ao banheiro.

Mais uma vez, a simplicidade e obviedade dos humanos atacaram-no como um tabefe. Para entrar onde não devia, bastava pedir para ir ao banheiro. Foi acompanhado por um sorridente funcionário do governo e por um soldado. Não seria deixado sozinho. Não fazia diferença. Falou uma palavra, e os dois acompanhantes deixaram de enxergá-lo.

Começara o ritual muito antes de chegar à Coreia do Norte. Faltava apenas pronunciar uma palavra para desencadear o efeito. Ele não se tornou invisível; apenas as pessoas ao redor deixaram de notar sua passagem. O guia e o soldado não tinham razão para desconfiar – não percebiam nada estranho.

Assim, Emanuel teve tempo de seguir até a área proibida para visitantes e achar o local que procurava. Removeu lajotas soltas do chão, expôs uma passagem subterrânea. Desceu e pôs-se a caminhar pelos corredores labirínticos.

Segundo a lenda, Pyongyang foi fundada mais de mil anos antes de Cristo. Era um lugar antigo e cheio de segredos – a maior parte perdida pelas incontáveis invasões chinesas, japonesas, americanas. Alguns desses segredos estavam relacionados a Arcádia.

Era difícil seguir o labirinto. Boa parte tinha sido destruída pelos bombardeios

ou pela intervenção do regime atual. O governo da Coreia do Norte não era devoto, não conhecia e não se interessava pelo culto à Rainha ou por qualquer outro, até onde ele sabia. Então ignorara ou abafara os mistérios daquela cidade ancestral, entre eles um dos mais complexos labirintos ritualísticos da Terra. Talvez, em eras antigas, aquele caminho permitisse a passagem de elfos nobres. Mas, como tudo no mundo físico, deteriorara-se e fechara-se. Talvez ninguém na Coreia do Norte conhecesse a existência daquele complexo de túneis. Ele não sabia como o acesso continuava – talvez um irmão solitário, cuidando para que o local não se perdesse. Talvez a sincronicidade agindo de forma sutil, para que as lajotas certas nunca fossem trocadas.

Existia também um local sagrado na zona desmilitarizada entre as duas Coreias – que continha uma das florestas mais bem preservadas do mundo. Infelizmente, a razão de tal preservação era a gigantesca quantidade de minas terrestres escondidas entre as árvores. Emanuel nunca visitara aquele local; talvez um dia fizesse a peregrinação, mas mais tarde. No momento, precisava do labirinto subterrâneo.

Foram muitas horas até que os entalhes nas paredes começassem a se iluminar.

– *Você é um servo leal, Dragão* – disse a voz musical da Rainha.

As palavras pareceram tocar a mente de Emanuel, como delicados dedos.

Ele sentiu a consciência se desprender, transcender para o mundo maravilhoso que ele tentava trazer de volta.



Arcádia.

Emanuel sabia que não estava lá; não de verdade. Mas uma pequena parte de sua mente foi transportada – ou então uma fração de Arcádia invadiu-lhe os pensamentos.

Não fazia diferença.

O importante era a beleza que ele enxergava.

A corte da Rainha Titânia, em esplendor incompreensível. A música tocada pelos escravos, os lordes élficos em seus jogos e caçadas. O baile e o banquete que nunca terminavam. A eternidade como deveria ser: os humanos servindo aos elfos, sofrendo para que os elfos tivessem prazer, trabalhando para que os elfos vivessem para a arte e a filosofia. Os humanos como bodes expiatórios de tudo que era ruim, para que os elfos tivessem harmonia com a natureza.

Um paraíso.

Emanuel circulou pelo salão, ouvindo as conversas dos nobres.

– Não esqueça que sou um herói! – Um deles agitou o punho fechado. – Não há mais de um punhado de guerreiros como eu em Arcádia. Conheço tudo sobre os exércitos terrenos.

Outro riu:

– Isso foi há milhões de anos, Terassilliad.

– Tanto tempo assim?

– Pela contagem humana. Teremos novos brinquedos, mais diversão. Os plebeus capturam humanos o tempo todo, para que possamos aprender sobre seu mundo.

O elfo chamado Terassilliad pareceu perdido em pensamentos por um instante.

– Há quanto tempo estamos conversando sobre isso?

– Setenta ou oitenta anos, meu amigo.

E ambos desataram a rir.

Os elfos eram eternos, perdidos em idílios atemporais. Emanuel maravilhava-se com as vidas livres das amarras mundanas. Com a forma como podiam se entregar ao prazer e à perfeição. A Terra pertencia a *eles.* Eles tinham o direito de retornar; exigir servidão e respeito. Aqueles lordes passavam oito décadas *conversando.* Que valor tinha uma raça para quem oito décadas eram uma vida inteira?

– Os bons tempos voltarão! – comemorava um lorde armado de arco e flecha, perseguindo humanos. – Mais uma vez as caçadas irão se estender por continentes e oceanos. Mais uma vez haverá monumentos em nossa honra, populações temendo nossa ira. Mais uma vez haverá divertimento!

Emanuel podia passar a eternidade ouvindo aquilo. Jamais poderia sentir-se indignado com a condição dos elfos, pelo contrário, era isso que o atraíra ao culto.

Humanos precisavam de coisas. Passavam fome e sede. Morriam de velhice. Guerreavam por recursos, por ódio, por convicções morais, por orgulho.

Os elfos invadiriam a Terra sem precisar de motivo.

Porque podiam.

Porque eram superiores.

Os elfos *compreendiam.*

Emanuel nunca sofreu maus tratos em casa. Nunca passou por privações. Quando decidiu matar o pai e a mãe, não tinha motivos exteriores. O ato de matar era um motivo por si só. Mais tarde, ele compreendeu o que aquilo significava – o momento em que estava completo, em que *existia*. Em que a

arma era arma, o assassino era assassino, a vítima era vítima.

Os elfos eram como ele. Criaturas perfeitas como ele desejava ser, predadores que matavam sem necessitar de razão. A morte pura, assim como a arte – desprovida de finalidade além de si mesma. A guerra pura, travada porque era sublime. Os elfos invadiriam e dominariam, porque eram elfos. Os humanos seriam mortos e escravizados, porque eram humanos. A simbiose perfeita de algoz e sacrifício, conquistador e derrotado. O mundo era assim antes, e por isso seria de novo.

Ele estava diante do trono da Rainha. Enxergava o magnífico espaldar. Ela de costas, seus cabelos derramando-se para os lados.

Caiu de joelhos.

– *Erga-se, Dragão. Você conquistou o direito de me ouvir.*

Emanuel agradeceu em silêncio. O peito encheu-se de uma euforia incomparável. Ele sentiu orgulho de si mesmo, a plenitude de saber que era um bom servo. Alcançou nos últimos meses mais do que qualquer um desde Leonhard Strauss. Sua vida chegou a um novo ápice, e ele confiava que o futuro reservaria ainda mais felicidade.

– Seu filho é perfeito, senhora – disse Emanuel, de pé mas em posição respeitosa, cabeça baixa e mãos abertas à frente. – Eu mesmo o vi em combate. Os humanos que o criaram estão mortos. O exército está preparado para dominar a cidade que receberá os elfos. O último ritual está em andamento. Arcádia virá à Terra.

– *Nada disso tem valor sem meu campeão.*

Os olhos de Emanuel se encheram de lágrimas. Sentiu um bem-estar quase insuportável. O fato de uma deusa notar sua existência já seria honra para uma vida toda. Mas ela dissera que nada tinha valor sem seu campeão. E seu campeão era...

– *Astarte.*

Ele não conseguiu falar por alguns segundos. Sentiu vergonha de si mesmo por tamanha presunção. Desejou que a Rainha não tivesse notado o erro, que não visse como ele era ridículo.

Astarte. Sempre Astarte.

– *Nada será cumprido sem meu filho. E você perdeu-o.*

– Majestade, permita-me ser seu campeão na Terra. Agraciou-me com o poder do Dragão. Eu lutei contra Astarte; sei que posso me equiparar a ele. Superá-lo!

Silêncio.

– *Você é humano.*

O tom de desprezo das palavras o feriu profundamente.

Ele era humano. Era inferior. E não havia *nada* que pudesse fazer para mudar isso. Era inferior por nascimento, por raça, por algo sobre o qual não tinha controle.

Era humano.

Astarte era um elfo.

– *Encontre Astarte, Dragão. Ele é quem mais amo. Ele completará o ritual.*

– Sim, Majestade.

– *Astarte rebelou-se. Astarte é meu filho, é a criatura mais importante na Terra e em Arcádia. É seu dever capturá-lo e controlá-lo. Não importa quantos morram para que possa recuperá-lo.*

– Darei minha vida para isso, se for necessário.

Era verdade.

Emanuel só desejava ser bom aos olhos dela. Ele *sabia* estar acima da escória humana comum. Ele *via* que era superior a todos.

Mas nada era real se *ela* não confirmasse.

Naquele momento, sentiu o ódio de Astarte queimando a ponto de engasgá-lo. Faria qualquer coisa para trocar de lugar com o elfo. Dera a vida para a Rainha, galgara acima de toda a humanidade na tentativa de agradá-la. Astarte já contava com o amor dela, e renegava-o. Escondia-se no mundo profano com uma garota e um brutamontes truculento.

Astarte recusava o amor que lhe era entregue espontaneamente, era um ingrato.

Mas ela o amava, e por isso Emanuel viveria para capturá-lo e mantê-lo em segurança. Iria chamá-lo de senhor e obedecer a seus comandos, quando ele finalmente aceitasse a própria glória.



Santo Ossário, Brasil.

Os helicópteros negros aterrissaram na cidade. Deles saíram dezenas de homens trajados em uniformes igualmente negros, armados com fuzis, escopetas, pistolas. Escondiam armamento ainda mais pesado. Não traziam insígnia alguma: enigmáticos e sombrios como o desconhecido. Mas, em algum lugar nos documentos, nos registros de suas atividades, estava o nome da companhia mercenária.

Gladius.

O oficial responsável era um coronel. Foi recebido por Emanuel Montague.

– Alguma ordem especial?

– Vocês são os profissionais – disse Emanuel. – Sabem ocupar uma cidade muito melhor do que eu.

O coronel virou-se para os homens:

– Operação padrão, senhores! Lei marcial.

Emanuel sorriu. Enfim, aliados eficientes. Que cumpririam ordens e executariam tarefas sem procurar atalhos. Que não dormiriam, não precisariam descansar.

O oficial fechou o visor do capacete, escondendo o crânio que era seu rosto. Daquela forma, mesclou-se à noite junto com o resto do batalhão.

Capítulo 22
Além do jardim

Ao acordar, Nicole viu-se na cela. Sentia dores pelo corpo todo. Testou um dos braços, verificando sua capacidade de movimento. Lá fora ainda estava escuro. Faltava um ou dois minutos até os sinos tocarem. As duas mulheres com quem dividia o espaço abriram os olhos apenas na segunda badalada. Espreguiçaram-se ao mesmo tempo. Quando se ergueram, Nicole já havia calçado as sandálias e vestido a túnica, amarrado a corda na cintura e arrumado a cama. As narinas foram invadidas pelo cheiro úmido da vestimenta, mas ao longo do dia o olfato deixaria de notar qualquer coisa. As roupas eram feitas de folhas trançadas por uma técnica secreta, na cor dourada, marrom e laranja do outono. Nicole não sabia explicar como, mas de alguma forma aquelas roupas tinham vida. A corda era feita de finíssimas gavinhas entrelaçadas, também vivas. Durante a noite, a vestimenta e a corda ficavam dentro de um vaso com terra. O vaso e as roupas eram as únicas posses que restavam a Nicole – além dos óculos, que haviam sido mantidos por permissão especial.

– O nó está errado – disse Cellianna, a título de bom dia. Cellianna ocupava a cama encostada na parede oposta.

– Como é o certo, então? – Nicole retrucou.

– Está errado, e você nunca acerta. Existe uma razão para o nó ser do jeito que é.

– Mostre-me.

– Basta olhar – e apontou a corda que amarrava sua própria túnica.

– Como...

– Ela está atrasada, Cellianna – interrompeu a terceira ocupante.

A porta já fora destrancada. Nicole caminhou para fora, sendo atingida por uma golfada de ar gelado. Por toda a extensão do corredor, mulheres deixavam as celas. Algumas conversavam. Cada porta era aberta em sequência por duas moças vestidas com as mesmas túnicas de todas as outras. A única diferença estava nos pés descalços e no comprido colar de contas que usavam ao redor do

pescoço, em várias voltas sucessivas. Esfregando as mãos contra o frio, Nicole seguiu o corredor, ouvindo os ecos dos passos e vozes. O teto era muito alto, em formato de arco. Lá em cima, gárgulas vigiavam-na. O corredor desembocava numa intersecção, para onde confluíam outros corredores, outros dormitórios. As mulheres misturaram-se a homens que vinham de outras partes. Todos vestiam as mesmas túnicas com cordas amarradas, mas podia-se notar pequenas variações de uma roupa para outra; um código que Nicole ainda desconhecia. O fluxo de pessoas dividia-se na intersecção; a partir dali cada grupo dirigia-se a uma ala. Os sinos voltaram a tocar, num ritmo mais rápido e entusiástico do que antes.

Nicole seguiu à ala oeste. Desceu uma escadaria comprida, foi recebida pelo calor dos fogos que tinham acabado de ser acesos. Alguns homens e mulheres já colocavam água para ferver em grandes caldeirões. Outros ocupavam o vasto balcão, lavando e descascando vegetais. A cozinha nunca parava.

Astarte já estava a postos. Ela ficou de pé ao seu lado. À direita do elfo, uma pilha de fatias de cenoura, cortadas com precisão milimétrica. Ele estendia a mão para pegar mais uma.

Com um olhar de desafio, Nicole apanhou outra cenoura, e também uma faca. Encostou o fio no vegetal e ficou olhando Astarte, esperando que ele fizesse um movimento. Ambos assim, preparados, começaram a cortar.

A batida rítmica da faca contra a madeira, cortando fatias com grande rapidez, multiplicava-se nos dois competidores. Astarte não olhava para o trabalho, mas para ela, com intensidade de bravata. Em resposta, ela também fixou os olhos nele, curvando-se e franzindo o nariz, em esforço. As facas cortando ligeiras, e então:

– Venci! – Nicole ergueu os braços. A cenoura chegara ao fim.

Astarte pegou uma das fatias. Grossa e irregular. Fez uma careta de desaprovação.

– Lamentável.

– Você só está com inveja, perdedor.

– Pobre cenoura. Não merecia isso.

Ela fingiu dar-lhe um chute, ambos começaram a rir.

À medida que mais irmãos chegavam à cozinha para os trabalhos do desjejum, cumprimentavam Nicole e Astarte. O cheiro bom da comida sendo preparada preenchia o ar, e os estômagos roncavam. As dores musculares sempre vinham acompanhadas por um apetite voraz. Mesmo a pontada que era sentida a cada movimento era bem-vinda, por lembrar os exercícios do dia anterior.

Os dois continuaram no ataque contra os mais diversos vegetais – transformando-os em fatias e cubos, descascando-os, retirando pequenas imperfeições. Era o mais baixo dos deveres na cozinha, mas também um dos mais divertidos. Outros irmãos juntaram-se à corrida, iniciando uma competição boba. Nicole impressionava-se com a naturalidade com que embarcara naqueles jogos, com apenas dez dias na fortaleza.

Que na verdade era um mosteiro.

– Seu nó está errado – disse um irmão que vinha recolher cascas e outros detritos.

– Como vou aprender a amarrar direito se ninguém me ensina?

– Está errado. – E virou-se, levando um balde cheio de restos.

O desjejum foi delicioso como sempre. Ela entrou na fila junto com os demais, numa das primeiras posições (privilégio de quem colaborou com o alimento). Então foi servida por outros irmãos. Sentou-se com a tigela e a colher de madeira em uma mesa comprida, à frente de Cellianna e ao lado de Eandoralla, a segunda colega de catre.

Passou o dedo no banco antes de sentar. Ergueu-o, exibindo poeira imaginária.

– Foi você que limpou isso, não, Cellianna? Mais dois dias com você na limpeza e morreremos de peste negra.

Em resposta, Cellianna mostrou uma das grotescas fatias de cenoura cortadas por Nicole.

– Explique-se.

– Você não pode ter certeza de que fui a responsável.

– Isto tem seu nome escrito em letras garrafais, Nicole.

– Estou ficando com dor de cabeça – cortou Eandoralla.

As três riram e comeram. Outros irmãos e irmãs sentaram-se com elas, entrando na conversa, discutindo assuntos diversos do mosteiro. Mesmo após dez dias, ainda faziam muitas perguntas a respeito do mundo lá fora. Queriam saber sobre invenções, celebridades antigas, a tola política das nações mundanas.

– Chega, seus abutres! – Cellianna brandiu a colher contra eles. – Deixem a coitada comer em paz.

– Podem acreditar – disse Nicole, engolindo as últimas colheradas. – A vida aqui dentro é muito melhor. Vocês não estão perdendo muita coisa.

Não estavam, e ninguém na verdade tinha esse temor. Todos viviam ali por vontade própria. Era raro que sequer cogitassem voltar ao mundo caótico além-labirinto. Mas a curiosidade era sempre grande. Quando alguém novo chegava ao mosteiro, podia falar sobre Santo Ossário e a Terra em geral. O

comportamento absurdo do povo lá fora fascinava, mas ninguém desejava vê-lo de perto.

A própria Nicole achara que morreria sem dispositivos eletrônicos para reproduzir música, assistir a filmes, tirar fotos, comunicar-se. Todo o plástico e silício foram extirpados de sua vida quando ela entrou, junto com Felix e Astarte, no mosteiro de Ynilaguenne.

E não fazia falta.

Ela havia recebido permissão especial para usar óculos, pois a miopia não se curvava à disciplina rígida de vestuário. Às vezes ponderava como ninguém mais ali parecia ter problema de visão – mas, como tudo, isso devia ter explicação.

Nicole ainda não era uma irmã – apenas uma *osellë*, uma novata, vivendo no mosteiro sem laços fixos. Tinha deveres, mas quase nenhuma informação. Fazia os exercícios, mas com pouquíssimas orientações. Segundo Cellianna, começaria a receber maior base e repreensões por desempenho inadequado quando os mestres achassem que valia a pena. Quando tivessem certeza de que ela não era apenas uma deslumbrada que logo voltaria correndo para o mundo dos circuitos integrados e motores de combustão interna.

Embora o convívio fosse cordial e os dez dias ainda caracterizassem uma lua de mel, já houvera atritos. Alguns irmãos achavam que ela possuía todas as marcas de quem não toleraria a vida no mosteiro. Além disso, Nicole chegou com Astarte – segundo alguns, não teve iniciativa própria, tinha sido influenciada. Isso, de certa forma, era um alívio. Sem quaisquer problemas, tudo seria perfeito demais, e ela julgaria estar em uma armadilha.

Era diferente com Astarte. Os irmãos nunca haviam visto um elfo verdadeiro, embora alguns mestres demonstrassem uma naturalidade suspeita ao interagir com o príncipe. Assim, ele foi aceito por quase todos. Muitos o viam como um ídolo a ser imitado. De fato, Astarte era melhor que qualquer um ali nas disciplinas e exercícios que todos praticavam – esgrima, furtividade, combate desarmado, arranjo floral, arco e flecha. Mas havia dois grupos que não escondiam a aversão. O primeiro parecia ressentir-se da facilidade com que Astarte dominava as disciplinas élficas. O segundo não gostava de Astarte porque ele era um elfo. Já haviam sugerido que fosse um espião, fadado a corromper os ensinamentos do mosteiro.

Nicole ainda não entendia como tudo isso se relacionava. Como podia haver cultistas sanguinários e também aqueles irmãos, ambos dedicando-se às artes élficas, com resultados e métodos opostos. Mas não podia negar que era bom.

Ali, estava bem. Não precisava fugir por sua vida. Não estava sob a mira de Salomão Manzini ou Emanuel Montague. No mosteiro de Ynilaguenne, não era a Princesa das Conspirações.

Então, desde o primeiro dia e cada vez mais, via o mosteiro como seu porto seguro. Ao pensar isso, capturou o olhar de Astarte, em outra mesa.

Sorriu, e ele também.

Nada havia sido dito. De alguma forma, nada precisava ser dito no mosteiro.

Felix também estava vivendo lá, mas em uma ala separada. Não desejava usar a túnica, trabalhar na cozinha ou fazer exercícios. Então era apenas um convidado, nem sequer cogitado como um irmão pleno, e estava satisfeito com isso. Eles não se viam todos os dias, mas mantinham contato quando havia tempo.

O único problema de falar com Felix era que ele lembrava que não estavam de férias. Do outro lado do labirinto, o inimigo continuava a se mover. Felix por enquanto tolerava esperar que Nicole e Astarte recebessem a permissão de aprender os segredos do mosteiro, mas não desejava voltar as costas a seus objetivos.

Se dependesse de Nicole, os objetivos poderiam esperar mais um ou dois dias. Uma ou duas vidas.

A turma destacada naquela manhã passou pelas mesas recolhendo tigelas e utensílios. Lavariam tudo em grandes tinas, com água retirada dos poços. A ronda significava que o período de descanso durante a refeição estava quase no fim. Todos começaram a se levantar, e logo os sinos badalaram de novo. A confluência de pessoas seguia à mesma ala, dessa vez ao centro do mosteiro, para uma atividade diária que envolvia todos que não estivessem ocupados com tarefas imediatas. Ninguém era destacado para deveres que forçassem a perda daquela reunião dois dias seguidos.

Nicole sentiu um toque no ombro. Um dos irmãos mais jovens, um rapaz alto com cabelos claros e pele quase da mesma cor. Sob olhos muito azuis, sardas salpicavam sua face.

– Você é a nova *osellë*, não?

Ela fez que sim. Além-labirinto, ser reconhecida seria motivo de irritação. Ali dentro, era tudo mais inofensivo.

– Tem havido muitas guerras?

Nicole observou-o por um instante. Devia ser mais novo do que ela. Tinha expressão de seriedade absoluta. Ela não tinha ouvido muitas perguntas sobre guerra desde que chegou. Sobre entretenimento, esportes e até política, mas

pouquíssima conversa militar.

– Bastante – disse a garota. – No Oriente Médio. No Leste Europeu. Alguns dizem que logo haverá guerra com a China ou a Coreia do Norte.

– Do Norte?

– Vamos, Geallassant – disse um irmão mais graduado, com os colares de contas em volta do pescoço, puxando-o pela túnica. – Chega de incomodar a *osellë*.

– Mas nenhuma entre o mundo todo? – Geallassant insistiu.

– Não – Nicole gaguejou.

– Por isso temos tido poucos novatos!

– Uma hora de exercícios a mais pela desobediência, Geallassant! – repreendeu o outro. – Agora vá para o cemitério.

O rapaz foi arrastado. Nicole seguiu com o fluxo.

Geallassant tinha um sotaque diferente. Sotaques não faltavam no mosteiro. Durante as tarefas, treinos e funções oficiais, todos falavam quenya, mas o português também era usado. A grande maioria tinha um linguajar rebuscado, cuidadoso. Muitos eram claramente estrangeiros. As perguntas de Geallassant avivaram uma desconfiança que Nicole tivera desde o primeiro dia. Isso provocou um frio em sua barriga – que ela não sabia se era esperança ou temor.

Chegou ao cemitério com todos. Era o centro do mosteiro, a parte mais importante. No cemitério, erguiam-se os olmos, altos como edifícios, ultrapassando as muralhas e torres. Tudo ali espelhava a Fortaleza da Memória, em Santo Ossário: o cemitério tinha chão de terra, para permitir o crescimento das árvores. Ficava após um labirinto interno e era o lugar mais protegido da construção. Para chegar até lá, quaisquer invasores passariam por inúmeras defesas, entre buracos para flechas, plataformas de onde despejar óleo fervente e gargalos que iriam forçá-los a seguir quase em fila única. O próprio nome que aquele lugar recebia fazia eco com a atração turística da cidade – não havia um único esqueleto, mas era chamado de cemitério.

Nicole aprendeu a razão em seu primeiro dia no mosteiro de Ynilaguenne: os olmos eram elfos mortos.

Seu tamanho e idade eram explicados, assim como sua mera presença no Brasil, pelo fato de que alguns estavam lá desde tempos imemoriais. Porque, Nicole aprendeu, quando um elfo morria de velhice, transformava-se em olmo. Elfos não eram eternos, afinal – embora os irmãos especulassem que seu envelhecimento e morte natural tivessem a ver com mentalidade e decisão. De qualquer forma, aquele era o cemitério porque ali estavam os elfos em forma de

olmos: os seres que haviam ensinado artes, disciplinas e valores ao primeiro monge.

Cerca de 200 irmãos estavam reunidos. Havia uma espécie de mezanino, quatro sacadas internas ao redor dos olmos. De lá, os mestres dirigiam-se aos demais todas as manhãs.

O burburinho se calou quando surgiram na sacada central os três mestres mais antigos: um homem e uma mulher ladeando Ariman, o grão-mestre de Ynilaguenne.

Ariman fez um gesto de cumprimento e boas-vindas.

– Nossos irmãos adotivos estão conosco há dez dias – começou. – Trouxeram-nos notícias do mundo do outro lado do labirinto, e vieram motivados para cumprir nossas tarefas. Ao longo desses dias, ouviram muitas perguntas, foram recebidos com curiosidade. Mas não devemos esquecer – ele não erguia a voz, mas as palavras alcançavam cada ouvido – que quase todos aqui desejavam deixar suas vidas mundanas para trás. Não podemos exigir que nossos recém-chegados arrastem consigo os problemas e o caos do mundo lá fora. Enquanto estiverem entre nós, serão irmãos.

Era um dos discursos mais extensos que Nicole já ouvira de Ariman. Pelo menos enquanto ela estivera com eles, o homem sempre fora lacônico e direto.

– Nem mesmo Astarte deve ser tratado de forma diferente – ele continuou. – Todos sabemos que os elfos têm responsabilidade na história de Ynilaguenne e de Aubeleine. Mas os humanos também têm suas mãos nos conflitos, e em incontáveis tragédias além-labirinto. Enquanto Astarte estiver aqui, é um de nós. Não devemos esquecer o que a história de nosso mosteiro ensina. A divisão entre elfos e humanos gera o sofrimento. Devemos ser iguais ou teremos o mesmo destino de nossos antepassados.

Todas aquelas informações novas estavam sendo bastante esclarecedoras, e, em silêncio, Nicole absorvia com avidez cada palavra de Ariman. Ela desejava continuar a ouvir muito mais daquele discurso, mas:

– Agora meditaremos – Ariman encerrou o falatório.

Os irmãos sentaram-se no chão em posições estudadas. Os mestres começaram a fazer sons e entoar palavras exóticas, que os discípulos então repetiam em uníssono. De olhos fechados, todos entraram num estado de consciência livre, quase involuntária.

Como acontecia todos os dias, Nicole adormeceu.

Acordou quando todos se erguiam, constrangida. Queria que ninguém soubesse que ela estava dormindo, mas os irmãos mais próximos haviam notado.

Ninguém parecia se importar. Em contrapartida, alguém disse:

– Seu nó está errado.

– Qual é o problema de vocês com esse nó, e por que ninguém me ensina?

– Está errado.

Não haveria mais tarefas até o meio da tarde. Nicole decidiu aproveitar o tempo livre para ir a um pátio de exercícios, e no caminho foi abordada por uma irmã. A moça usava um bracelete de contas semelhante aos colares dos mestres, o que significava que era uma espécie de auxiliar, uma professora em treinamento. Os irmãos podiam ficar a vida toda no mosteiro sem tornar-se mestres, dependendo de sua vontade e aptidão. Alguns embarcavam num treinamento específico para cuidar de funções administrativas e tornarem-se instrutores.

– Mestre Ariman deseja falar com você, *osellë*. Venha comigo.

Nicole sentiu o coração disparar. Seguiu-a. Viu que, a alguns metros de distância, Astarte também era conduzido para o mesmo lugar. Adivinhou que Felix seria chamado da ala onde estava.

– Olhe só, o nó dela está todo errado – ouviu, de passagem.

O que quer que Ariman desejasse, era bom que envolvesse finalmente ensinar-lhe como atar aquela porcaria de nó.



Nicole foi levada a um pátio, onde vários irmãos alongavam-se e aqueciam-se para iniciar o treino de combate desarmado. Um dos discípulos, que já atingira um estágio mais avançado nos treinamentos, realizava uma das Formas Sublimes sob a supervisão de um mestre, que lhe corrigia a postura e os movimentos. Em outro pátio, alguns irmãos terminavam de dispor alvos para a prática da arquearia, enquanto vários outros selecionavam flechas e encordoavam arcos. Após o terceiro pátio, onde começava um treino de esgrima, Nicole foi conduzida a uma escadaria, então adentrando uma parte do mosteiro na qual nunca estivera. Eram os catres, refeitórios e escritórios dos maiores mestres.

Numa antessala, juntou-se com Astarte. Como ela suspeitava, Felix também estava lá. Apesar de terem se visto dois dias antes, o bigodudo abraçou Nicole como se estivessem separados há anos. Felix destoava de todos, com as roupas de além-labirinto e botas pesadas. Os irmãos que os haviam conduzido bateram à porta que levava a Ariman. Então se voltaram aos três com mesuras élficas e se retiraram.

– Pronta para raspar a cabeça e vender incenso numa feira de artesanato, garota? – Felix riu.

Ela teve um lampejo de vergonha da própria indumentária, mas logo rebateu a provocação mencionando o instável estado mental do mercenário.

– Hoje Nicole cometeu um crime contra todas as cenouras da Terra – disse Astarte, cumprimentando o ruivo com vigor. – Foi mesmo uma tragédia.

– Você tem sorte de ser príncipe – Nicole devolveu a piada. – Se precisasse ser cozinheiro, não duraria uma semana.

A porta se abriu, interrompendo os gracejos dos três. O rosto redondo do grão-mestre Ariman surgiu, convidando-os a entrar.

Ariman era um homem alto, embora não especialmente forte. Músculos definidos, longilíneos, sobre uma estrutura óssea delicada. Usava parte da cabeça raspada, o restante do cabelo em complicadas tranças élficas. De alguma forma, era difícil precisar sua etnia. Dependendo do ângulo, podia parecer caucasiano, asiático, indígena. Falava o quenya com perfeição, mas seu português tinha o sotaque mais estranho de todos. No punhado de vezes em que o vira, Nicole imaginou se não pertencia a algum povo exótico, pouco televisionado.

– Entrem, por favor – disse o grão-mestre.

Os três depararam-se com um grande jardim interno. Havia uma camada de solo sobre o chão de pedra, onde brotavam inúmeras variedades de plantas. Flores e gavinhas espalhavam-se nas paredes. Cresciam em padrões ordenados, orientadas por algum segredo da jardinagem élfica, formando figuras abstratas e padrões reconhecíveis como os labirintos e quebra-cabeças de Arcádia. Além das plantas, havia uma área coberta por tapetes, para a prática de luta, alguns móveis e um braseiro, sobre o qual estava pendurada uma chaleira fumegante. Ariman era auxiliado por dois irmãos muito antigos, que não mais participavam das atividades normais do mosteiro. Nenhum dos dois usava túnica, apenas um pano amarrado sobre a virilha. Ambos estavam em voto de silêncio. Um deles mantinha o braço esquerdo sempre erguido, há incontáveis anos. Isso de alguma forma era um modo de transcendência e desafio aos próprios limites.

– Sentem onde quiserem – disse Ariman. – Chá?

Os três obedeceram. Astarte acomodou-se de joelhos, sobre os calcanhares, com facilidade. Nicole também, mas sabia que depois de algum tempo a posição iria se tornar incômoda. Felix esparramou-se de qualquer jeito. Ariman colheu algumas plantas do jardim e com elas fez chá. Serviu os quatro, seguindo uma cerimônia bastante específica.

– A resposta é sim – ele sorriu para Nicole. – A cerimônia do chá japonesa

deriva da cerimônia élfica.

– Como sabia que eu ia perguntar isso?

– Todos os recém-chegados perguntam.

Isso inflamou ainda mais a suspeita que ela vinha acalentando naqueles dez dias, mas o mestre interrompeu-a antes que pudesse fazer qualquer pergunta:

– Seu nó está errado.

Nicole deteve-se no meio do gesto de levar a xícara aos lábios.

– Por favor, pode me dizer o que significa toda essa história do nó?

– Está errado.

– Então me ensine!

– Astarte – disse Ariman, transmitindo a responsabilidade para o elfo.

Ele se ajeitou, assoprou o chá e bebeu um gole.

– Não tenho certeza, é claro – disse o elfo. – Mas, se o mosteiro usar os mesmos princípios do treinamento que tive, ninguém pode dizer a você como amarrar a corda. Você deve seguir sua intuição. Deixar que a corda, a túnica e o mundo falem com você, até que acerte.

Ariman assentiu.

– E como vou saber se acertei?

– Você saberá quando acertar.

Ela digeriu aquilo por algum tempo.

– E por que justamente hoje começaram com essa ladainha?

– Porque antes ninguém sabia se valia a pena corrigi-la, Nicole! – sorriu Ariman. – Poderia ser uma nova discípula dedicada, ou alguém que logo sentiria falta de trocar números em pedaços de papel por objetos feitos de plástico. Muitos chegam aqui com grande potencial, mas desistem do treinamento porque preferem água açucarada e gaseificada.

Ela percebeu que não pensava em refrigerantes há muito tempo.

– Você se veste como uma criança – continuou Ariman. – Mas antes ninguém esperava nada além disso. Agora achamos que vale nosso esforço.

– E todos vocês tiveram uma grande conferência sobre o valor da *osellë* Nicole?

– Não foi preciso. É evidente que tem a disciplina e força de vontade necessárias. Agora, por favor, quando sair daqui, arrume o nó. Está horrível.

Isso produziu nela um orgulho desmedido. Foi obrigada a olhar para o chão, pois ficou corada de satisfação consigo mesma.

– É claro que a situação era mais grave com Astarte – disse Ariman, voltando-se para o elfo.

Ele ficou sério. Também olhou para o chão, como se sentisse o peso de Arcádia nos ombros.

– Quase ninguém aqui havia visto um elfo. Sabemos sobre a degeneração da raça. Precisamos nos certificar de que não era um espião, não traria o inimigo até nós.

– Por isso meus companheiros de cela são alguns dos melhores lutadores do mosteiro – disse Astarte, sem expressão.

– Não basta uma mentira e uma mudança de roupa para enganar alguém com tanto conhecimento. Sim, como é evidente pela postura de ambos, são nossos maiores mestres em esgrima e combate desarmado.

– Exceto por você.

– Exceto por mim – admitiu Ariman. – Mas isso não importa mais. Já mostraram que não são ameaças ou visitantes equivocados. Têm direito de saber sobre o mosteiro. Para decidir se ficarão conosco.



O coração de Nicole batia forte, uma percussão frenética pontuando um só pensamento: bastaria uma palavra, e ela teria um lar. Um porto seguro. Ela nunca poderia tê-lo em uma foto – porque essa tecnologia não existia lá – mas seria algo muito mais permanente.

Ela olhou para Astarte. Num instante, teve uma sensação de segurança que talvez nunca houvesse conhecido. Os dois poderiam ficar no mosteiro de Ynilaguenne, finalmente encontrariam um rumo a seguir, um lugar onde se estabilizar e...

– Não posso – disse Astarte, interrompendo a idealização.

Nicole sentiu um frio.

– Tenho uma luta a travar lá fora – continuou o elfo. – Mas não falo por meus amigos.

O motivo de Astarte era evidente, e ela sabia. Mesmo assim, a garota perguntou:

– Você não tem nada mais importante que a guerra?

Astarte baixou os olhos.

– Não posso – repetiu.

– Isto não é para mim, mas obrigado – disse Felix, cortando os dois antes que continuassem.

Ariman olhou para Nicole. Ela adiantou-se com uma pergunta, para adiar sua

própria resposta:

– Quantos anos você tem?

O grão-mestre sorriu.

– Parei de contar após o primeiro milênio.

– Eu sabia.

Ela tinha desconfiado nos últimos dias. Os sotaques, o modo de falar, as curiosidades. Sinais de que as pessoas no mosteiro eram muito mais velhas do que aparentavam.

– Não envelhecemos aqui – continuou Ariman. – A menos que seja nossa vontade.

– Então o irmão Geallassant... – ela lembrou-se do rapaz loiro que perguntara sobre guerras.

– É um dos mais jovens. Chegou durante o evento que vocês conhecem como Segunda Guerra Mundial. Se ficasse em seu país, seria recrutado para o exército de um genocida. Então fugiu à procura de um lugar fora do mundo. Épocas de guerra generalizada sempre trazem muitos novos irmãos. Cellianna, sua companheira de catre, chegou quase ao mesmo tempo que Geallassant, com vários outros.

A cabeça de Nicole girou. Como outros exemplos, Ariman citou irmãos vindos da época das Cruzadas. Dois vikings que navegaram à América muito antes de Cristóvão Colombo. Alguns gregos que chegaram ao mosteiro seguindo as orientações de Platão.

– E você é o mais velho de todos?

– Não. De forma alguma.

– Quando chegou ao mosteiro?

Silêncio.

– Você disse que esta é a hora de fazer perguntas – insistiu a garota.

– Posso responder, desde que aceite minha resposta. E aceite o que não posso revelar.

Nicole fez que sim.

– Nascerei daqui a dois mil anos, aproximadamente. Uma vez que o poder de Arcádia é compreendido, a natureza arbitrária do tempo torna-se clara.

Ela deixou a xícara cair. Um dos auxiliares de Ariman limpou o chá derramado com um pano.

– Então o mundo *não* acaba! – disse Nicole. – Vamos conseguir deter a invasão. A Rainha não...

– Não posso responder sobre o futuro. Apenas sobre o passado.

– Mas... – E deteve-se.

Ariman sorriu. Disciplina. Adesão ao que lhe dissera. Sinais de uma boa irmã.

– O que aconteceria conosco se eu não fosse aceita entre vocês? – disse Nicole, mudando de assunto. – O que aconteceria *comigo*?

– Você iria embora, imagino. Poucos permanecem numa vida tão estoica quando isso traz infelicidade.

– Mas como vocês escondem a existência do mosteiro? Apagam memórias?

– Não escondemos – Ariman deu de ombros. – As pessoas se convencem de que tudo foi um sonho ou uma alucinação. Alguns, em seu interior, têm certeza de que Ynilaguenne é real, mas não falam para ninguém. Têm medo de serem taxados de loucos, acho. A maioria julga este lugar tão fantasioso que simplesmente esquece-o.

– Como você sabe disso, se está aqui?

– Quando novos irmãos chegam, contam sobre o que existe do outro lado. Além disso, enviamos espiões.

– Espiões?

– É útil saber se a área ao nosso redor é uma civilização próspera ou se está em ruínas. Se é uma floresta ou uma cidade.

– Mas isto nunca foi... – ela interrompeu a si mesma. Percebeu as implicações do que ele dizia, levando em consideração sua época de origem.

– Sabemos que, atualmente, a comunidade mais próxima do mosteiro é Santo Ossário. Uma cidade que tem papel fundamental nos últimos séculos da história de Ynilaguenne. Sabemos que existem cultistas da Rainha em Santo Ossário. E pelo menos uma pessoa que há alguns anos está próxima de descobrir a verdade sobre os elfos, mas até hoje não concretizou este potencial.

Uma pessoa em Santo Ossário próxima de descobrir a verdade. Nicole imaginou quem seria, e a figura do rapaz fantasiado logo surgiu em sua mente.

– Abel Montague?

– Não lembro o nome. Acho que sim.

Os três se entreolharam.

Nicole tinha tantas perguntas que era difícil ordená-las. Ela começou a dispará-las: os irmãos e irmãs tinham filhos entre si? (Não, o controle corporal absoluto garantia contracepção, e um ambiente tão restrito comprometeria a variação genética). Como falavam português? (Era útil dominar o idioma prevalente da comunidade mais próxima.) Quem era o irmão mais velho? (Dilliollath, um dos auxiliares de Ariman, que chegou a ser escravo dos elfos na pré-história.)

Esta última resposta gerou um baque, detendo a metralhadora.

– Eu tenho uma pergunta – disse Astarte.

Nicole ainda se recuperava de descobrir sobre alguém vivo desde a pré-história.

– O que é Arcádia? – o elfo bebeu um gole de chá. – O que é a Terra?

Ariman sorriu. Uma ótima pergunta.

– Imaginei que talvez você soubesse o que é Arcádia – o grão-mestre começou. – Mas vejo que esse conhecimento também se perdeu. A raça élfica degenera-se cada vez mais.

– Talvez apenas nunca tenham me ensinado – disse Astarte. – É difícil saber.

– Bem, *eu* sei. Para entender o que é Arcádia, pense em seu nome.

"Astarte."

– Na Terra, o que é "Astarte", Nicole?

– Uma deusa babilônica – a garota respondeu, sem precisar pensar.

– Veja só. Seu nome aparece na mitologia. O idioma élfico é "inventado" em uma obra de ficção. As cerimônias élficas surgem em várias culturas. As Formas Sublimes manifestam-se nas artes marciais terrenas, chamadas de *kata*, *kati* e outros nomes.

– Mas a deusa Astarte é antiga – disse Nicole. – E ele é jovem.

– Como já falei, o tempo é arbitrário, principalmente levando-se em conta Arcádia. O tempo *não existe* em Arcádia. Um elfo nascido recentemente pode ser lembrado, de forma vaga e imprecisa, por uma cultura de milênios atrás.

Cada resposta gerava mais perguntas.

– Os nobres elfos referem-se ao tempo – Astarte protestou. – Falam de uma guerra que aconteceu há milhares de anos. Dizem que essa época voltará.

– O que é mais uma prova da corrupção da raça. Eles não começaram assim, Astarte. Se os valores élficos se resumissem ao hedonismo e à crueldade, não haveria um mosteiro que preservasse sua sabedoria. Não haveria um guerreiro treinado nas disciplinas élficas. Não haveria disciplinas élficas!

A degeneração dos elfos datava de muito tempo atrás. Nem mesmo o mais antigo irmão chegou a encontrar a raça no auge. Tudo que sabiam era que, num passado remoto, os elfos eram seres majestosos, sábios, fortes, belos. Haviam desenvolvido artes e técnicas supremas, crescido em harmonia com o mundo. Ensinaram aos humanos boa parte da civilização. Então, aos poucos, essa existência sublime levou à complacência, à sensação de superioridade. Os elfos escravizaram os humanos, num reinado de horrores que durou eras. Nessa época também havia muitas outras raças – monstros, deuses ancestrais cheios de

tentáculos – competindo em poder e supremacia com a Rainha da Beleza. Havia poucos elfos rebeldes, ainda apegados aos valores primordiais. Alguns desses haviam transmitido o conhecimento a humanos, dando início à tradição que levaria à fundação do mosteiro e da Fortaleza de Aubeleine.

E cada resposta gerava mais e mais perguntas.

– Por favor, volte ao começo – disse Astarte, tão confuso quanto Nicole. – O que é Arcádia?

– Arcádia é a realidade. Ou ao menos uma parte da realidade – ele esclareceu.

Arcádia era uma faceta do universo real, uma dimensão plena de poder, feita de magia. A realidade manifestava-se em incontáveis lugares míticos: Avalon, Atlântida, o Tártaro, o Monte Olimpo, Shangri-La. A terra dos elfos era uma das facetas mais poderosas, mais presentes na dimensão física da Terra. Mas havia outras – um dos deuses inimigos da Rainha dormia eternamente na cidade de R'lyeh, enviando sonhos a loucos e cultistas.

– Existem cultistas da realidade no mundo todo – disse Ariman. – Cultuam sua face favorita. E todos, *todos* são loucos servindo a um poder maligno. Pois nenhum humano consegue encarar os senhores da realidade sem enlouquecer. E hoje na realidade só há o caos e a dor.

O mundo material era uma representação rústica da realidade. Tudo que existia no mundo físico existia na realidade, mas de forma mais precisa, mais forte, mais mágica. Mais real.

Os próprios seres humanos eram um reflexo pobre dos elfos, das outras raças. Versões rudimentares – muito mais fracas, débeis e limitadas – das criaturas da realidade.

Ariman inspirou e deteve-se um instante.

– Porque a humanidade é um acaso cósmico.

Nicole sentiu algo gelado dominar seu esôfago. A primeira reação foi negar. Elaborar uma centena de justificativas para que aquilo fosse mentira. Mas, se aceitava o resto do que Ariman dizia, era incongruente rejeitar aquela parte.

A humanidade era um acaso. Os deuses eram todos como a Rainha: profanos e malignos. Nenhum via a humanidade como qualquer coisa além de uma curiosidade. Os humanos haviam sido escravos e brinquedos de seres com poder e maldade infinitos.

E seriam de novo, se o plano da Rainha funcionasse.

– Após a guerra entre as raças, o mundo material ficou quase livre de nossos algozes – prosseguiu o grão-mestre. – Incontáveis obras falam sobre como os elfos se retiram para uma terra etérea. Isso são lembranças de quando todas as

raças e deuses foram obrigados a deixar a Terra. Os portais ficaram cada vez mais fechados. As passagens, cada vez mais difíceis.

Apenas através de rituais precisos era possível acessar uma parte da realidade. Cada faceta tinha seus próprios ritos – Arcádia contava com alguns dos mais difundidos entre os humanos.

– Através dos rituais, podemos adquirir uma parte do poder dos elfos. Da magia de Arcádia. Não sabíamos que a volta dos elfos estava tão próxima. Parece que teremos de usar nosso conhecimento para lutar contra eles.

Todos ficaram em silêncio.

Ariman não se perdeu em divagações; relatou a verdade dura com frases curtas e simples. Astarte, Nicole e Felix viram o mundo transformar-se em menos de uma hora.

– Então eu tinha razão – a garota deu um riso triste. – Existe um Mundo das Ideias.

– Platão era um estudioso da realidade – disse Ariman.

– Se meu orientador estivesse vivo, ele diria que fui longe demais na pesquisa.

A piada não teve muito efeito.



– Então quer mesmo ser treinada? – perguntou Astarte.

– O que mais posso fazer? – Nicole deu de ombros.

Estavam sozinhos no cemitério. Ao longe, ouvia-se os sons dos irmãos praticando – exclamações de ímpeto, golpes em bonecos e colegas, cordas vibrando em arcos. Ela caminhava em volta dos olmos, sentindo a aspereza da casca, tentando decidir qual deles era o certo.

Nicole e Felix haviam saído dos aposentos de Ariman pouco depois de aprender sobre a realidade e a origem da raça humana. Ambos sentiam-se abalados.

– Tínhamos acabado de descobrir que somos acasos cósmicos – explicara Nicole. – Agradeça por não termos tomado um porre.

Astarte, contudo, ficara com o grão-mestre, ainda conversando qualquer coisa. Naquelas horas em que ficaram separados, Nicole pensou em como Astarte era um idiota. No momento em que precisava dele, o elfo resolveu se ausentar.

Típico. Um porto bem pouco seguro.

– Quero ser treinada na arquearia élfica – ela falou com mais convicção.

– E como prefere fazer isso? – Astarte tentou.

O elfo dançava em torno das palavras.

– O que quer dizer?

Ele hesitou um pouco.

– Vai ficar aqui e ser treinada por eles? – O elfo forçou-se a olhar em seu rosto. – Ou prefere seguir comigo?

Silêncio.

Durante a viagem, eles haviam falado sobre dever, sobre guerra, sobre salvar o mundo. Como tudo naquela jornada, pareciam assuntos distantes, irreais. Mas agora a escolha se apresentava direta, inegável.

Astarte não ficaria no mosteiro de Ynilaguenne, porque sairia para enfrentar uma deusa maligna e tentar impedir uma era de trevas.

E Nicole?

A escolha não dizia respeito apenas ao mundo e à guerra. Referia-se a algo que, à sua maneira, era maior.

Ficar com ele.

– Poderia ser diferente – Nicole insistiu. – Você poderia ficar aqui.

– Não.

– "Não"? Só isso? Sem uma justificativa, sem...

– Desculpe – ele virou-se de costas. Sentiu uma súbita dificuldade para falar.

– Astarte...

– Não posso. Não tenho *escolha,* Nicole.

O nome dito daquela forma tinha um peso enorme. Sinceridade.

– Não escolhi isto. Não escolhi nascer como parte do plano da Rainha. Mas isto é o que existe, não adianta fechar os olhos.

Ela deu um passo em sua direção.

– Tudo bem – disse Nicole. – Eu entendo. Mas existe algo que você pode fazer.

Pausa.

– O quê?

– Se não souber, não adianta. Não terá valor. Mas existe algo que você pode fazer.

Ele se deteve. Ficou um tempo pensando, mas sabia a resposta desde o início. Era tão óbvio que chegou a duvidar. O óbvio era o verdadeiro.

Só precisava falar algo.

– Eu preciso ir à guerra, Nicole. Mas não é o que eu quero.

– E o que você quer?

Ele se virou. Perdeu-se nos olhos dela.

– Estar perto de você.

Houve então o instante preciso, irretocável. O instante em que tudo que ele devia fazer era dar um passo e inclinar-se. O momento era perfeito.

Ele não enxergava nada além do rosto dela.

Ela acompanhava cada gesto seu, esperando que fosse o certo.

Mas, por alguma razão, Astarte ficou parado.

E então o instante se desfez.

Ela deixou os ombros penderem, balançou a cabeça de leve. Deu um meio sorriso.

– Vou com você – anunciou a garota.

O rosto de Astarte se iluminou.

– Tem certeza? Nós...

– Quero ser treinada, e vou seguir com você. Ainda não consigo entendê-lo, Astarte, mas sei que não faz por mal.

Ele escondeu o constrangimento com comentários práticos a respeito dos treinos futuros.

– Mas imagino que vá ser um ato simbólico – disse Nicole. – Se um irmão que chegou aqui nos anos 1930 ainda está praticando, não espero aprender tudo em uma semana.

– Ariman me explicou algo depois que vocês saíram.

Ela voltou a examinar os olmos.

– Pelo que sabemos, tenho no máximo alguns anos de idade neste mundo, certo? Mas em Arcádia treinei por mais de um século.

Nicole pediu que continuasse, enquanto testava as árvores com a ponta dos dedos.

– Você já teve a sensação de que o tempo passa mais devagar quando está muito concentrada em algo?

– Claro – disse a garota. – Às vezes, quando estava escrevendo minha dissertação, eu produzia dez ou quinze páginas. Olhava o relógio e poucas horas haviam se passado. Está tentando dizer que é possível usar isso para treinar mais rápido?

– O tempo não existe em Arcádia. Ou talvez já exista, por causa da degeneração dos elfos, mas não da forma como conhecemos. Talvez seja possível usar esse princípio e treiná-la fora do tempo.

Ela se levantou, abandonando os olmos.

– Eu não acredito que esta não é a frase mais perturbadora que ouvi hoje.

– Pense. Ariman veio do futuro. Eu mesmo fui treinado fora do tempo, de

alguma forma. Não há por que não tentar.

– Então por que treinar todas essas pessoas *dentro* do tempo?

– Imagino que porque elas não são você.

Silêncio.

– Isso é muito profundo, ou uma bobagem enorme.

– Talvez nem todos consigam! – Astarte justificou. – Eles não sabiam que a Terra seria invadida, não achavam necessário. De qualquer forma, Ariman falou sobre isso, e *eu* acho que você é capaz.

– Porque sou especial e única?

– Bem, sim, embora eu saiba que está sendo sarcástica. Você decifrou o enigma do porão de seu pai. Sobreviveu a uma batalha contra cultistas. Sobreviveu ao ser caçada por espíritos élficos. Conseguiu a resposta do mapa. Foi aceita no mosteiro. Tudo isso *sem* treinamento.

O momento definitivamente havia passado. Falando sobre aquilo, nenhum dos dois sentia um resquício do que haviam experimentado pouco antes.

– Alguém com o cinismo necessário poderia dizer que tudo isso foi sorte, e que fui salva por você e Felix várias vezes.

– Não acredite se não quiser – Astarte deu de ombros. – Mas eu mesmo não seria capaz da maior parte dessas coisas antes de ser treinado. Além disso, você estava prestes a concluir que Arcádia existe, antes de nos conhecermos. Se tivesse continuado sua pesquisa, teria descoberto tudo. Está claro que tem talento para isso. Resta saber se vai usá-lo.

Ela ficou quieta, olhando para baixo. De repente, notou um galho caído ao lado do maior dos olmos. Abaixou-se e apanhou-o.

– É este.

– Tem certeza?

– Claro. Olhe só. É perfeito.

Desde o início, estivera selecionando o olmo de onde tiraria a madeira para fazer um arco. Haviam lhe dito que a árvore precisava falar com ela, fazer-se evidente de alguma forma. Mas não parecia certo retirar qualquer pedaço. As árvores eram perfeitas, não admitiam correções. No entanto, ela ignorara um galho caído, que se desprendeu sem intervenção. Bastou uma olhada para ver que era tudo que ela estava procurando.

– Está decidido, então? – disse Astarte.

Nicole apertou os lábios.

Aos poucos, decidiu. Decidiu seguir com Astarte, ser treinada, embarcar numa vida diferente. Isso implicava muita coisa.

– Tudo isso parece muito fantasioso. Muito conveniente.

– Confie em mim, Nicole.

Estendeu a mão para ela.

Ela aceitou.



– *Astarte!* – ele ouviu a voz feminina chamando-o.

Virou-se no meio do corredor vazio. Os irmãos estavam ocupados, treinando, cozinhando, limpando, ensinando. Ele mesmo teria deveres, mas havia sido dispensado para a longa conversa com Ariman. Depois que Nicole escolheu o galho de olmo, retirou-se para o início das preparações do treinamento. O elfo ficou sozinho, vagando em ócio, até que escutou o chamado ecoando de leve nas paredes e no teto.

Era Cellianna.

A irmã retornava de algum treino. O rosto estava corado pelo esforço recente, ela secava o suor da nuca e andava com a rigidez dos músculos que mal haviam começado a descansar. Tinha a expressão de satisfação que acompanhava o exercício pesado. Mas, acima de tudo, tinha um olhar de rapina. Como se Astarte fosse uma vítima e não tivesse a menor chance.

Um encarou o outro.

– E então? – ela disse, em tom de desafio.

Ele ergueu uma sobrancelha. Conhecia o nome da moça, sabia que era colega de catre de Nicole. Mas nunca ficou sozinho com ela. Não fazia ideia da resposta que esperava.

– Desculpe? – disse o elfo.

– Desculpar-se não adianta, Astarte! Você precisa tomar uma atitude.

Nada esclarecedor.

– Já falei com o grão-mestre – ele tentou adivinhar seu dever na conversa. – Não posso ficar aqui, mas...

– Não estou falando do grão-mestre. Estou falando de Nicole.

O rosto de Astarte desanuviou-se.

– Vou treiná-la – tentou. – Ela vai se tornar uma arqueira.

– Também não estou falando disso! Os elfos sempre foram assim, ou é parte da degeneração?

Ele sentiu os músculos dos ombros contraírem-se.

– Não sei...

– É claro que sabe – interrompeu Cellianna. – Nicole é uma *osellë* que chegou há dez dias, mas é minha amiga. Você não pode tratá-la assim.

Silêncio.

Cellianna tinha razão. Ele sabia do que ela falava.

– Estamos enfrentando um inimigo horrendo – Astarte começou. – A Rainha chegará.

– Não mude de assunto. Estamos falando de Nicole.

– Não posso pensar em qualquer outra coisa, pelo menos até enfrentarmos o inimigo.

– Isso não é sobre você – Cellianna tinha a voz dura. – Se for tão cego a ponto de não notar o que Nicole sente, pelo menos não seja covarde.

Ele pareceu ter levado um tabefe.

– Você tem um dever, Astarte – continuou a irmã, o corpo esfriando. – Para com *ela*. Nicole já poderia ter feito algo se você não fosse tão distante e alienígena. Chega. Ela já tentou; agora é *sua* vez. Seja um homem!

Astarte não conseguiu encará-la.

– Isso não faz sentido – disse. – Não posso ser obrigado...

– Claro que não. Se quiser fugir e machucar minha amiga, é livre. Não significa que será uma boa pessoa.

Ele se lembrou de si mesmo falando com Nicole: “Você é uma pessoa horrível.”

Então a incredulidade. Era difícil acreditar que Nicole pudesse ser tão afetada por ele. Certamente a irmã estava enxergando o que não existia. Nicole era corajosa, complexa, inteligente, impetuosa. Não hesitava diante de nada. Ajeitava os óculos de uma maneira que nem parecia notar, mas que estava gravada a ferro na mente do elfo.

Era improvável que ele a estivesse ferindo. Nicole era invulnerável.

Mas a certeza no rosto da monja dava-lhe ao mesmo tempo culpa, nervosismo e esperança. A noção de ser uma parte importante da vida da garota era quase poderosa demais.

– Você não tem opção, Astarte. *Precisa* fazer algo.

Ele sorria, sem ao menos perceber.

– E então? – Cellianna cobrou mais uma vez.

Ele engoliu em seco.



– Já decidi – falou Nicole. – Vou treinar.

– Ficará conosco? – perguntou Ariman.

– Não – ela mordeu o lábio. – Com ele.

Astarte olhava para baixo.

Mesmo assim, o treinamento começaria no mosteiro. Astarte seria seu mestre, mas ela seria iniciada de acordo com os ritos de Ynilaguenne. Eram práticas destinadas a retirar o aluno da vida mundana e mergulhá-lo na nova mentalidade. Nicole passaria por aquilo antes de deixar o mosteiro acompanhando o elfo.

– Muito bem – disse Ariman.

O grão-mestre ergueu-se e deu a volta na mesinha baixa que separava-o de Nicole e Astarte. Então pediu licença, agachou-se perto dela e aproximou os dedos de suas têmporas. Fechou os olhos e começou a entoar um cântico grave, murmurante. Ficou assim por vários minutos. Nicole não sabia o que fazer, então não fez nada.

De repente, Ariman soltou uma exclamação, expelindo todo o ar dos pulmões, e golpeou com as pontas dos dedos nas têmporas de Nicole. Uma dor lancinante atravessou seu crânio. Ela se desequilibrou, levou as mãos aos lados da cabeça. Um formigamento que parecia se estender ao cérebro, percorrendo lugares onde ela nunca teve qualquer tipo de sensação. Fechou os olhos e esfregou as pálpebras com toda a força, por baixo dos óculos.

Isso durou vinte ou trinta segundos, e passou de uma vez só.

Nicole retirou as mãos dos olhos e piscou. Estava enxergando muito mal. A visão embaçada, distorcida. Ficou tonta.

– O que você fez?

– Permita-me. – O grão-mestre aproximou as mãos.

E tirou-lhe os óculos.

Nicole arregalou os olhos. Piscou mais, como se quisesse ter certeza.

Não era mais míope.

– Não costumamos usar estes aparatos – esclareceu o grão-mestre. – Você não precisa mais deles. A menos que queira.

– Não, assim está ótimo!

Há muitos anos os óculos não incomodavam. Mas ver-se livre deles era um alívio. Tudo estava nítido ao redor, sem barreiras, sem armações e lentes. Ela estava pronta para aprender o tiro com arco. Ariman guardou os óculos com cuidado em um pequeno baú.

Astarte olhava-a de maneira penetrante. Ela devolveu o olhar.

– De acordo com nossos ritos, deve passar esta noite em vigília – disse o grão-

mestre. – Não voltará à cela.

– O que eu devo fazer na vigília?

– O que quiser – ele sorriu. – O importante é que você está fora do mundo agora. Deve encontrar seu caminho para o treinamento.

O galho estava na frente de Nicole.

Astarte tinha o arco.

– Já sei – ela falou. – Quero conhecer a história. Você me contou as verdades cósmicas, mas não é suficiente.

Afinal, foi a curiosidade e a busca por respostas que a levara até ali.

– Conte-me a história de Ynilaguenne.

Que era a história de Aubeleine.

Que era a história de Santo Ossário.

Capítulo 23
Admirável Mundo Novo

OS PRIMEIROS TURISTAS COMEÇAVAM A chegar.

Havia sempre aqueles que, desejosos das melhores vagas e dispondo da liberdade para férias longas, vinham a Santo Ossário bem antes do início do Festival de Cinema. As reservas dos hotéis já haviam se esgotado, mas ainda eram poucos os que ocupavam os quartos. A população acompanhava esses forasteiros como pontos de luz colorida no cotidiano homogêneo: um casal que falava um idioma estrangeiro, uma família com sotaque diferente, um grupo de amigos equipado com câmeras. Logo, a cidade estaria tão repleta desses tipos que diferenciar um deles em meio à multidão seria impossível. Santo Ossário inchava durante o Festival. Inundava-se de visitantes em busca de filmes, memórias e astros. Aquelas eram só as primeiras gotas.

Por isso era a época certa para o estratagema. Por isso era preciso achar Astarte sem demora. Por isso era hora de tomar providências para a chegada de um verdadeiro exército de iluminados.

– Como pode estar dormindo? – disse Emanuel.

A voz continha mais do que desprezo. O comportamento e a postura de Salomão Manzini provocavam-lhe asco.

Salomão sorriu, exibindo a falta de dentes. Passava das 9h; ele só acordou por intervenção do outro.

– A cidade nunca esteve melhor para caçar – disse o Estripador das Hortênsias. – Os mercenários garantem que ninguém saia de casa à noite. Foi uma madrugada bem divertida.

– Espero que tenha respeitado a lista de alvos, pelo menos.

– É claro. E não foi só diversão, Emanuel. Desta vez foi um sacrifício.

Emanuel Montague seguiu-o com um olhar julgador. Na circunstância atual, em que era forçado a tolerar o homem, aquilo pelo menos era um consolo. Acessando a lista de vítimas pelo telefone, Emanuel constatou que o morto mais recente tinha sido um rapaz de grande beleza. Salomão descreveu como o

oferecera à Rainha.

– Isso não é suficiente – disse Emanuel. – O Festival de Cinema se aproxima. Você deveria estar usando seus contatos. Chamando os iluminados.

– Eles nunca vão chegar a tempo.

Emanuel andou até ele com calma, a mesma expressão de reprovação fria. Então, súbito, sua mão dardejou como uma serpente até o pescoço do outro. Agarrou-o num aperto de aço. Salomão chiou em busca de ar, arranhou-lhe o pulso, mas não conseguia libertar-se. Enfim Emanuel largou-o, ele tossiu por alguns segundos.

– A Rainha não aceita derrotismo.

Sem mais palavras, virou as costas e caminhou até outra ala da casa. Salomão não precisava de ordem explícita para segui-lo. Entraram na sala de vigilância, onde os incontáveis monitores mostravam, além das residências de cidadãos de interesse, vários hotéis.

Assim que pisou na sala, Salomão apontou para uma das telas.

– Conheço este! É um deles.

Emanuel assentiu.

O monitor exibia um quarto de hotel, onde um senhor de meia-idade, atarracado e ligeiramente acima do peso, terminava de se vestir. Abotoou o colarinho da camisa e virou-se para a porta. Abriu-a e foi recebido por três mulheres na mesma faixa etária. Cumprimentaram-se efusivamente e desceram para tomar café da manhã.

– Era chamado “Casamenteiro” nos velhos tempos – continuou Salomão, sorrindo como se reencontrasse um amigo.

– Eu sei. Nunca foi pego. Nunca nem mesmo foi investigado. Casais de namorados. Facas. Ainda tem os troféus.

Quase todos os caçadores guardavam troféus das vítimas. Em geral, lembranças sangrentas.

– Não parece ter envelhecido um dia!

– É um devoto – esclareceu Montague. – Atualmente, tem 93 anos.

Não parecia ter mais de 50.

Emanuel observava os monitores enquanto ligava um computador e preparava-o para ser usado.

– Casamenteiro foi um dos poucos que consegui convocar – disse ele. – É muito ativo nos fóruns de caçadores. Um admirador do meu trabalho.

– Está falando de algo que envolve internet?

Em resposta, Emanuel fez um gesto para o computador que ligara. A página

aberta se chamava “Encontros anônimos BR”. Era um fórum de discussão. Entre as seções, havia “Conselhos & dúvidas”, “Histórias de caça”, “Fotos & imagens”, “Notícias & atualidades”, “Modos, motivos & preferências”, “Encontros & convenções” e “Off-topic”. Para exemplificar o que se fazia no fórum, Emanuel clicou em um tópico na seção de imagens.

Consistia numa série de fotos de uma mulher amarrada e amordaçada, sobre o chão de um banheiro. A primeira fotografia também mostrava um homem sorridente, com uma folha de papel onde se lia “TigreUrbano72”, com a data da postagem – era a comprovação de que as fotos eram legítimas, exibindo seu rosto e nome de usuário. Ao longo da série, o processo de assassinato. As demais mensagens no tópico eram elogios, pedidos por mais séries e reclamações sobre a qualidade das fotos ou a falta de originalidade da obra.

– Este é um dos maiores pontos de encontro dos caçadores no Brasil – disse Emanuel. – Um local onde é possível compartilhar histórias, pedir conselhos e mostrar o que fazemos.

– Você participa disso?

– Não. Mas alguns poucos me conhecem. São admiradores.

De fato, havia um tópico com pedidos de fotos das obras de Emanuel Montague. Mas, além de encontros fortuitos na vida real, nenhuma resposta.

– Não é mais preciso esconder mensagens cifradas em discos de vinil, Salomão. Não é preciso imprimir milhares de exemplares de uma revista de passatempos para que dez ou doze pessoas entendam as palavras nos idiomas sagrados misturadas a sílabas aleatórias. Não é mais preciso vasculhar o mundo em busca de alguém que compartilhe de seus gostos. Esta é a internet, onde tudo é feito para nichos. Existem páginas dedicadas apenas a *um* tipo de caçador, *um* tipo de vítima, se você quiser. Esta, como falei, é uma das maiores.

Salomão sentou-se na frente da máquina, tentando navegar pelo site. Com algumas orientações, foi capaz de ler histórias, ver mais fotos. Teve prazer em verificar que ele próprio era discutido com frequência. Identificou vários conhecidos por trás dos codinomes.

– Então não diga que não há tempo para chamar os iluminados – falou Emanuel. – Não há justificativa para a lentidão. Você deveria estar servindo à Rainha *agora*, convocando o exército de que ela precisa.

– Isto não é perigoso? A polícia...

– Não. Esta é a rede invisível.

Tudo aquilo passou a quilômetros acima da compreensão de Manzini, e Emanuel deleitou-se em explicar. Enquanto páginas acessíveis ao público

podiam ser encontradas através de motores de buscas e eram ligadas a outras por links, a rede invisível estava abaixo. As páginas não apareciam em ferramentas de busca, seus textos estavam contidos em arquivos de imagens ou vídeos. Usavam protocolos específicos, em geral não incluídos na indexação comum. Continham sistemas de verificação que não podiam ser burlados por computadores, exigiam usuários humanos e conhecimento especial. De muitas outras formas, cada vez mais complexas, aquele conteúdo estava fechado para curiosos, autoridades e pessoas de fora da comunidade. Na rede invisível, era possível comprar armas ou drogas em larga escala, achar companhias mercenárias, compartilhar anedotas, dicas e fotografias com outros *serial killers*.

Ou "caçadores", como chamavam a si mesmos.

– Por que você mesmo ainda não os chamou? – disse Salomão.

Emanuel torceu a boca num esgar de superioridade. A incessante ladainha dos preguiçosos: por que *outra pessoa* ainda não fez algo?

– Tenho poucos admiradores – disse ele, após alguns segundos. – Casamenteiro é uma exceção. Se eu tentasse uma convocação em massa, não teria sucesso. Você, no entanto...

Salomão Manzini era uma lenda.

As histórias do Estripador das Hortênsias estavam em tópicos fixos no fórum, mantidos sempre no topo da página. Ele merecia uma seção inteira na área de perguntas mais frequentes. Os fãs acompanhavam sua filha, e havia inúmeras fotos de Nicole nos arquivos. Especulavam se algum dia ela também iria se tornar uma caçadora. Seria então a namorada ideal, o sonho dos assassinos solitários da internet. Salomão era o maior caçador brasileiro, e a maioria de seus conhecidos da época permanecia na ativa. Enquanto Emanuel dedicou-se a criar uma vida perfeita e ordenada, com riqueza e devoção, Manzini teve maior contato com irmãos e caçadores no país e no mundo. Enfoques diferentes, que serviriam à mesma causa.

Salomão continuou lendo o fórum, rindo a cada vez que achava um velho amigo.

Por fim, orientado por Emanuel, registrou uma conta. Não demorou dois minutos para que um entusiástico moderador enviasse um e-mail, ansioso por confirmar que aquele não era um impostor. Feitas as verificações necessárias, o novo usuário Dragao_das_Hortensias entrou na rede.

Sua assinatura no fórum era um trecho de "Helter Skelter", dos Beatles. Ele esperava que as novas gerações conhecessem e respeitassem os clássicos.

Acima da assinatura, postou a seguinte mensagem:

Os iluminados devem vir a Santo Ossário. Chamem todos os irmãos e caçadores que conhecerem. Haverá um banquete, e a mesa está sendo posta.



– Eles morreram! – protestou Abel Montague.

Uma família na mesa ao lado recolheu as bandejas e foi jantar mais longe. Ninguém desejava ouvir as arengas do rapaz mais uma vez.

– Podem tapar os ouvidos – continuou ele, elevando a voz. Não falava com aquela família, mas agora virou-se para eles, transformando-os no alvo do discurso. – A tal professora morreu, sim! Junto com o marido. E também o sujeito da semana passada. E a família de turistas! E...

– Se você continuar incomodando os fregueses, vou ter que pedir para que se retire.

Abel calou-se, imediatamente intimidado. Seu rosto queimou de embaraço, ele grudou os olhos nos próprios tênis. A porta da lanchonete se abriu, deixando entrar mais um grupo de clientes e uma lufada de ar frio da noite. Velma, a dona do estabelecimento, coçou o couro cabeludo por baixo do enorme penteado bufante e recebeu os recém-chegados com um sorriso. Dirigiu-os à seção do restaurante dedicada a Elvis Presley, enquanto o cozinheiro (colete de listras de tigre, calças de couro apertadas, cabelo selvagem de rockstar) anunciava mais um hambúrguer pronto, tocando uma campainha.

Abel voltou-se ao primeiro interlocutor, e seguiu falando em voz mais baixa.

– Você acha que é só coincidência essas pessoas desaparecerem?

– Acho – disse o homem. – Aliás, não desapareceram. O casal voltou a sua cidade. O outro rapaz arranjou trabalho como modelo no exterior. Os turistas nunca chegaram.

– Mentira. Dois funcionários do hotel disseram ter visto eles.

– Claro, isso é muito provável. Um grupo de turistas chega ao hotel, então desaparece. Não há registros deles, muito menos bagagem. Obviamente os dois funcionários não se enganaram e confundiram-nos com outros hóspedes.

– O que você diz do museu da Idade Média, então? Do tiroteio na noite do acidente?

Velma retornou ao balcão, onde Abel e o interlocutor estavam sentados. Acima deles, Kurt Cobain e Eddie Vedder os observavam em pôsteres pregados na parede.

– Não fale das pessoas que morreram no acidente, Abel – disse Velma,

tocando sem notar as faixas de luto que usava pregadas à fantasia de garota dos anos 1950. – Deram suas vidas para salvar as nossas.

– Não estou falando do acidente.

Abel quase entrou em um monólogo a respeito daquela noite, mas controlou-se a tempo. Em vez disso, contentou-se em lembrar a todos de que houvera mais do que uma explosão: várias pessoas afirmavam ter ouvido tiros e gritaria.

– É claro que houve gritaria! – disse Velma. – Imagine o que estava acontecendo naquele laboratório.

– E os tiros?

– Qualquer barulho alto parece tiro. Quem estaria atirando em quem?

– É o que precisamos descobrir!

– Mais baixo, Abel.

– É o que precisamos descobrir – ele sussurrou.

– Não há culpados e nem vítimas – disse Velma, olhando para cima, com sarcasmo. – Deve ser mesmo o crime perfeito.

Enquanto ela atendia outra mesa, Abel ficou resmungando para um milk-shake (intitulado “Twist and Shout” no cardápio). Seu interlocutor voltou às batatas-fritas, grato pela pausa nos discursos.

Pela porta da frente, entraram as trigêmeas Salazar. Como sempre, as três solteironas ocuparam uma mesa próxima ao maior pôster de Elvis que havia na lanchonete, suspirando pelo cantor. Olharam feio para a família que ousava sentar-se na mesma área e entraram na velha discussão sobre qual delas era a verdadeira esposa do ídolo. Logo após, Thales Veracruz, o dono da imobiliária e juiz de paz, entrou cumprimentando todos. As trigêmeas atacaram-no com cobranças sobre oficialização do casamento com Elvis Presley. Ele se desvencilhou e sentou-se ao balcão.

– Mesmo assim, como explica a fazenda? – disse Abel, recuperado da última réplica. – Houve um massacre no museu da Idade Média!

– Boatos – disse o interlocutor, com a boca cheia de fritas salgadas. – Foi só um incêndio.

– A imprensa chegou a noticiar! Mas depois tiraram as notícias dos sites, não mencionaram nos programas de TV.

– Só você viu isso, Abel.

– Capturei as imagens. É a prova de que a notícia estava lá, e depois foi retirada.

– Pode me mostrar?

– Bem, só lá em casa.

– Isso não é prova, Abel.

Ele notou Thales sentado ao lado, escolheu-o como novo alvo.

– Nicole Manzini desapareceu! – disparou, como um ataque triunfal contra o juiz de paz.

Thales ergueu as sobrancelhas.

– Sumiu! – insistiu Abel. – Estava na cidade. Então o casarão explodiu, e ela desapareceu. Mas ninguém encontrou um cadáver. É sinal de que *alguma coisa* está acontecendo.

– Falei com Nicole assim que ela chegou – disse Thales, com um sorriso benevolente. – Pode acreditar, Abel. Ela não estava com vontade de ficar entre nós. Seria mais estranho se continuasse aqui.

– Eu a vi com Emanuel, na Fortaleza da Memória. Então o casarão explodiu. Então...

– Tudo sempre volta a Emanuel, não?

De novo, o rosto fervendo.

O povo de Santo Ossário não guardava ressentimento de Abel Montague. A cidade orgulhava-se de ser acolhedora, de nenhum morador conseguir se afastar por muito tempo. Além disso, o ar pitoresco gerava ou atraía tipos como as trigêmeas Salazar, com sua crença ferrenha num "casamento espiritual" com uma celebridade estrangeira há muito morta. Como Thales Veracruz, grande planejador dos relacionamentos amorosos na cidade. Como Velma, com o penteado que não se desfazia há anos. E outros – como o próprio Abel. Se ele desejava se vestir de elfo, quem poderia repreendê-lo? O problema estava na recusa de adequar-se à sociedade, e no ódio inexplicável que nutria pelo irmão.

– Ele pode ter feito algo com Nicole Manzini – gaguejou o rapaz.

– Você está preocupado com ela? – Thales abriu um sorriso imenso.

– Não desse jeito!

– É bem mais saudável do que ficar imaginando coisas sobre Emanuel. – Fez uma expressão mais triste, como quem está prestes a dar uma má notícia, com bom humor. – Mas Nicole não é a garota para você.

– Não tem nada a ver com isso. Nem conheço ela.

– Exatamente. Sei que é exótica e bonita, mas você precisa de uma moça com os dois pés no chão, Abel. Por que não troca essa fantasia por uma roupa normal e aparece na imobiliária algum dia? Posso apresentar-lhe...

A porta se abriu de novo, e a lanchonete foi invadida por passos pesados e cadenciados.

Os agentes de segurança da Gladius tomaram o local. Eram apenas quatro, mas

seu tamanho e aspecto faziam com que ocupassem todo o espaço. Como sempre, estavam inteiramente de preto. Os capacetes cobriam as cabeças, escondendo os rostos. Seguravam os rifles, mas não de forma ameaçadora. Apenas deixavam que pendessem a tiracolo, prontos para serem usados. Um dos homens abriu uma espécie de mochila negra. Outro, que parecia ser o líder, tomou a frente e muniu-se de um esguio computador de mão.

– Boa noite, cidadãos. Quinze minutos para o toque de recolher.

Velma foi até eles, agitando as mãos e tagarelando durante todo o caminho.

– São pouco mais de 21h! Meus fregueses acabaram de chegar, não posso...

– Quinze minutos, senhora. Obrigado. Por favor, façam fila.

A voz grossa e abafada pelo capacete fez a mulher calar-se. Alguns fregueses ergueram-se de pronto. Outros engoliram a comida primeiro, mas também obedeceram. Não havia ameaça, apenas autoridade. Desde que a Gladius chegou a Santo Ossário, era como a polícia. E nenhum cidadão de bem desafiaria ordens razoáveis de um policial.

Sem mais uma palavra, o agente que abrira a mochila entregou um comprimido em um pequeno envelope metálico para o primeiro da fila.

– Abra e engula, cidadão. Obrigado.

O homem, incerto do que fazer, abriu o envelope. Viu o comprimido lá dentro. Colocou-o na boca e engoliu.

– Coloque o polegar aqui, por favor – disse o líder, apontando o tablet.

Mais uma vez, o homem obedeceu. A máquina reconheceu-o pela impressão digital, e imediatamente a foto, o nome e o endereço dele apareceram na tela. Também uma mensagem com a data atual, e a confirmação de que tomara o remédio.

– Obrigado pela colaboração, senhor. Próximo.

A fila avançou. As pessoas não tinham certeza de como proceder, mas aquelas eram as autoridades. Falavam com tanta convicção que deviam saber o que faziam. Não se estendiam em explicações, mas devia haver alguma a que só eles teriam acesso. Cada pessoa dentro da lanchonete julgava ter ignorado algum grande anúncio no jornal ou pronunciamento do prefeito. Achava que todos os outros sabiam do que aquilo se tratava.

Enfim, chegou a vez de Velma:

– O que é isso? – perguntou, apontando para o comprimido.

– Uma medicação aprovada pela Secretaria de Saúde, senhora. Vai ajudar com qualquer nervosismo ou ansiedade em decorrência dos últimos acontecimentos.

– Mas eu não...

– A medicação não tem contraindicações ou efeitos colaterais. Se não experimentou os sintomas, não há problema. Tudo ficará bem.

– Não vou tomar um remédio sem precisar!

– Muito bem, senhora. Por gentileza, fique à esquerda e acompanhe-nos até o comando central. Poderá expor suas reclamações ao coronel e registrar um pedido formal para ser excluída do programa.

Todos os olhares se voltaram para ela. De alguma forma, era pior ser levada sozinha para um lugar chamado “comando central” do que tomar um mísero comprimido.

Além do mais, todos haviam tomado. Ninguém faria mal a *toda* a cidade.

Velma engoliu o remédio e pressionou o polegar na tela do computador portátil.

Então era a vez de Abel.

Ele não falou coisa alguma. Enfiou o comprimido na boca, colocou o dedo no tablet.

Enquanto esperava a fila terminar, ficou sentindo o gosto amargo. Depois que todos haviam sido medicados e registrados, os agentes agradeceram mais uma vez e se retiraram, lembrando que faltavam apenas 7 minutos para que as portas tivessem de ser fechadas. Abel então foi ao banheiro e cuspiu o comprimido, que escondera entre a gengiva e a bochecha.

– Estão vendo? – disse ele, aos sussurros, para Velma, Thales e o primeiro interlocutor. – Isso é tudo muito estranho!

– Se você acha que há violência na cidade, deveria estar feliz pelo policiamento reforçado – disse Velma.

– Mas eles não são a polícia. Não sabemos o que querem.

– São uma empresa de segurança privada. Você nunca foi a um shopping? Não é a polícia que faz a segurança lá dentro.

– Isso não está certo.

– Com certeza é só até o Festival de Cinema terminar – disse Thales. – Para tranquilizar os turistas.

O primeiro interlocutor suspirou, olhou nos olhos de Abel.

– Não reclame de excesso de segurança – disse ele. Então ergueu o chapéu que usava, revelando as duas minúsculas protuberâncias ósseas no alto da testa. – Na minha cidade não havia segurança suficiente, e achavam que eu era o capeta. Minha mãe quase foi morta quando nasci. Santo Ossário é um bom lugar.

– Ninguém fala sobre o que está acontecendo! – insistiu Abel, num último esforço. – Por que não noticiam o tiroteio, o massacre na fazenda, estes

remédios?

– Na minha cidade, meu nascimento foi notícia – disse o outro, escondendo os chifres. – Um jornal perseguiu nossa família por meses. Me apelidaram de “Menino Diabo”. Talvez seja melhor deixar as coisas passarem, de vez em quando.

– Mas...

Uma canção de ninar soou lá fora, vinda dos muitos alto-falantes que haviam sido instalados nas ruas recentemente. Era a melodia do toque de recolher. O povo de Santo Ossário voltou para casa a tempo de ver a cobertura das preparações para o Festival de Cinema, um oferecimento da Strauss S.A.



Noite.

Não havia iluminação pública depois das 22h. O povo não estranhou: mesmo antes da instauração do toque de recolher a cidade contava com pouca atividade noturna. As únicas luzes vinham das janelas das casas. Mesmo isso parecia vagamente transgressor quando as famílias viam os agentes da Gladius transitando nas calçadas, ouviam o ronco dos veículos blindados patrulhando as ruas. Portanto, ainda que não houvesse uma ordem, os pais começavam a instruir seus filhos a deitar-se cada vez mais cedo. Desligar a televisão logo após a novela. Quem não conseguia dormir ficava estirado na cama, com a luz apagada, a sensação de orgulho e temor que vinha com a obediência estrita.

Por isso, ninguém viu o homem atarracado saltitando às 2h.

– *Bem, bem, bem!* – ele cantarolava. – O que temos aqui? Dois fujões é o que temos. Apareçam para brincar!

O casal de namorados tinha o amor como ímpeto para transgredir o toque de recolher. Haviam se encontrado numa praça. Agora eram perseguidos.

Tanto o rapaz quanto a moça eram jovens e saudáveis, julgavam-se capazes de correr rápido. Mas, por mais que acelerassem, o homem diminuía a distância, dando pulinhos, girando e cantando. Não fazia sentido.

Tropeçaram de mãos dadas.

– Caíram juntos! Que romântico. Agora, até que a morte os separe.

O Casamenteiro estava sobre os dois namorados. Tapou a boca da moça com a mão cheirando a água sanitária. Com a outra, fez um bisturi surgir da casaca.

As famílias de ambos haviam saído à sua procura. Emanuel e Salomão não haviam se dado o trabalho de persegui-las: os soldados as haviam capturado.

– Tire fotos! – Salomão Manzini pôs as mãos em concha, incentivando o Casamenteiro. – Vamos mostrar aos outros!

O Estripador das Hortênsias estava fascinado com os fóruns de caçadores. Os colegas foram avisados e estavam rumando a Santo Ossário em grandes números. As imagens do que acontecia à noite eram um atrativo a mais, convenciam os indecisos. A cidade tornou-se uma súbita capital do turismo de caça no Brasil. Havia rumores de caçadores internacionais vindo às pressas para aproveitar.

– Você criou o maior dos parques de diversões, Emanuel – disse Salomão. – Além de qualquer coisa que eu poderia imaginar.

Montague demorou a responder.

– Não estamos mais perto do verdadeiro objetivo. Não sabemos onde está Astarte.

– E Nicole.

O nome da garota foi descartado com um gesto.

– Mais respeito – disse Salomão. – Estamos falando da minha filha.

– Sua filha é humana. Uma humana semelhante a Sibille Strauss, mas só uma humana.

– É a pessoa mais abduzida de todo o mundo. É a Princesa das Conspirações.

– Uma humana! Um brinquedo!

– Um brinquedo agora nas mãos de Astarte.

Emanuel encarou-o, tentando decifrar o que ele queria dizer. A alguns metros, o Casamenteiro fazia o rapaz gritar. Os agentes de preto ao redor apenas observavam.

– Seu método não está dando certo, Emanuel – disse Salomão Manzini. – Gastou uma quantidade incalculável de dinheiro, reuniu uma equipe de cientistas brilhantes, tomou o controle de uma das maiores empresas do país. E o que conseguiu? Apenas um playground para caçadores. Apenas uma cidade onde *eu* posso me satisfazer à vontade. Você tem a pose, mas é só um servo. É um mordomo pomposo limpando a minha bagunça.

Emanuel sacou a faca de dentro do paletó. No mesmo movimento invisível, encostou a ponta na garganta de Manzini.

– Você não tem mais utilidade – rosnou. – Posso matá-lo assim que quiser.

– Me dê a faca.

– Você não é *digno...*

– Eu fui o Dragão! *Você* é só um lacaio, não merece empunhá-la!

Emanuel golpeou para matar, mas o outro se esquivou. Então bloqueou o

antebraço com velocidade surpreendente.

– Eu não deveria ser capaz de fazer isso, não é mesmo? – riu Salomão. – Você é mais jovem, mais forte. Mais bem-treinado. E é o Dragão, capaz de enfrentar os maiores campeões élficos! Por que um mero mortal conseguiria aparar seu golpe?

Emanuel apertou os lábios, a cor escapando de seu rosto.

– Porque *ela* quer.

Salomão gargalhou.

– Com todo este poder, é incapaz de me matar, Emanuel Montague! Minha deusa me protege! Acha que tudo que fiz na juventude foi em vão? Acha que Nicole é perseguida desde criança apenas por um acaso místico? Acha que ela veio para cá por vontade própria?

Emanuel ensaiou outro golpe. A faca já era uma espada. Mas Salomão evitou sem dificuldade.

– Tudo se encaixa, filhote de dragão! Você é só mais uma peça no quebra-cabeças.

– Fale logo – rosnou Emanuel.

– Entregue-me a espada.

Emanuel estremeceu, retesou cada músculo.

Mas entregou.

Salomão agarrou o cabo da arma, que no mesmo instante voltou a ser uma faca. Tentou alguns golpes no ar, mas era desajeitado. Tropeçou, por pouco não caiu.

– *Eu* sou o Dragão – disse Montague. – Isso não pertence a você.

– Muito bem – Salomão fungou, contrariado. – Mas Nicole pertence.

Devolveu-lhe a arma.

– Durante as abduções, ela foi vítima de experimentos – grunhiu o Estripador das Hortênsias. – Recebeu um implante. Uma pequena gema mística na base da nuca. Duvido que ela mesma saiba disso.

– O que a gema faz?

– Com os rituais certos – esboçou um largo sorriso –, permite localizá-la.

A risada de Salomão Manzini ecoou pelas ruas escuras de Santo Ossário, abafando os gritos das vítimas. O pai de Nicole deleitou-se na superioridade momentânea, no fato de que todos a seu redor dependiam dele mesmo. Então, de forma pausada e meticulosa, explicou o ritual.



Caçaram uma garota apenas um ano mais nova do que Nicole. Tinha os mesmos cabelos negros lisos, embora lhe faltassem os óculos. Desenharam os diagramas e entoaram os cânticos. Sob efeito de fortes alucinógenos, Salomão Manzini meditou por doze horas.

– *Sei onde ela está.*

Capítulo 24
A Cruzada de Aubeleine

1683.

– Estamos quase chegando, meu amor – disse Leonhard Strauss.

A mulher era carregada em uma maca improvisada. Quase uma liteira: Leonhard abrira mão de seus próprios cobertores para forrar o leito da esposa e deixá-la tão confortável quanto possível. Os guias nativos haviam se esmerado para construir a maca, pois sabiam que o preço da indolência seria a morte. A expedição havia parado para descansar à beira de um barranco, a poucos metros de um riacho que logo despencava em uma pequena cachoeira. À volta, árvores de um verde feroz, animais escondidos, todos os cheiros e vegetação daquela terra exótica.

Leonhard segurou a mão de Sibille com gentileza, mas ela devolveu o gesto com um aperto forte. Seus olhos estavam arregalados, intensos. Ergueu-se alguns centímetros sobre os cotovelos e não deixou que a fraqueza na voz diminuísse o poder de seu tom.

– Não é hora de parar, Leonhard. Não se apiede dos homens.

Os nativos não falavam alemão além de meia dúzia de palavras. Mas boa parte da companhia mercenária que os acompanhava entendia o idioma da família que encabeçava a expedição. Eles estavam sentados em pedras, recuperando o fôlego e retirando as botas para massagear os pés. Verificando armas e estendendo-se para um cochilo rápido. Alguns começavam os preparativos para o almoço, e detiveram-se alarmados ante as palavras de Sibille Strauss.

E até mesmo os outros Strauss ergueram as cabeças ante o absurdo.

– Minha maior preocupação é com você – disse Leonhard, tocando na barriga da esposa. – Em seu estado...

– Você deseja que nosso filho nasça em um território controlado pelo inimigo? Acha que ele será abençoado pela Rainha se vier ao mundo num local blasfemo?

– Você precisa descansar, Sibille.

– Minha existência tem apenas um propósito, meu amor. Servir à Rainha da Beleza. Farei isso dando à luz seu herdeiro, o próximo Dragão. Wolfgang Strauss

não nascerá em terras infiéis.

Leonhard sorriu, controlou as lágrimas. Os sentimentos de um cavaleiro teutônico não deveriam estar tão próximos da superfície. Mas a força e lealdade de Sibille eram comoventes. Ela nem mesmo cogitava que a criança em seu ventre pudesse ser qualquer coisa além de um varão que carregaria o nome Strauss e herdaria de Leonhard a máscara de ouro, o cubo e a espada. Já havia até mesmo escolhido o nome: Wolfgang Strauss, o próximo Dragão, nascido em solo sagrado, sob as bênçãos da Rainha.

Isso se Sibille sobrevivesse.

Florian surgiu ao lado de Leonhard. Mais atrás, estava Konrad. Os outros Strauss observavam de longe, tentando disfarçar.

– Isto é loucura, Leonhard – disse Florian. – Um batalhão não pode viajar dia e noite sem descanso e comida. Faremos uma pausa agora.

– Com seu perdão, meu senhor, isso é a piedade e a fraqueza falando – disse Sibille.

Florian Strauss deitou olhos severos sobre a nora. Sibille sempre tivera personalidade forte – parte da razão pela qual fora uma boa adição à família. Iniciou-se nos mistérios da Rainha ainda muito jovem. A história de Leonhard e Sibille era um romance de contos de cavalaria, repetida aos sussurros nas terras da família. Contudo, para aquela família, a mulher era “apenas uma mulher”. Obstinada, levada pela emoção. Florian Strauss, como seus filhos, era um soldado, um guerreiro teutônico. Descendente daqueles que haviam conquistado a Prússia e orgulhoso de nascer na região. Leonhard era o Dragão, o campeão da Rainha, o maior dos Strauss, mas estava se mostrando um tolo ao dar ouvidos à esposa.

– Você precisa descansar – disse Florian. – Meu neto nunca nascerá se insistir neste desvario.

– Eles já sabem que estamos aqui! – chiou Sibille.

Os homens Strauss se entreolharam.

– Não tivemos nenhuma traição, meu amor – disse Leonhard. – Tanto os mercenários quanto os nativos foram enfeitiçados. Você mesma conduziu os rituais.

– Não se trata de traição, meu cavaleiro. Vocês estão subestimando o inimigo.

– Posso vencer qualquer um, Sibille.

– É claro que pode, Leonhard, estrela da minha noite. Mas nem todos contam com sua força. Olhe ao redor. Não pode exigir que seus irmãos e primos sejam tão valorosos quanto você. Não pode esperar que reles mercenários tenham o

poder de um Strauss.

– Mas Sibille...

– Por favor, meu esposo. Não se esqueça do motivo desta expedição. Nosso alvo não é um vilarejo. Esta é uma Cruzada, como seus gloriosos ancestrais empreenderam no passado. Nosso inimigo usurpou o poder de Arcádia. E *vai* usá-lo contra nós.

Leonhard Strauss apertou os lábios. A face endureceu ante o pensamento. Algo que ele já sabia, é claro. Mas era fácil perder-se nos detalhes da jornada e na preocupação com a esposa.

Há gerações os Strauss serviam à Rainha, mesmo antes que o sobrenome existisse. Nas Cruzadas, viajaram a terras distantes, que continham locais de poder e artefatos. O Dragão surgia em quase todas as gerações da família: a máscara, o cubo e a espada revelavam-se aos cavaleiros, sinalizando o favor da deusa e emprestando poder.

Contudo, nunca houve um Dragão como Leonhard.

Os artefatos haviam surgido em seu quarto, quando era pouco mais que uma criança. Ele cresceu com aquela força e aquele mistério, desenvolveu-os mais do que qualquer outro. Antes de possuir barba no rosto, já era capaz de derrotar qualquer um dos guerreiros da casa, até mesmo o pai e os tios. O casamento com Sibille apenas aumentou o ímpeto do campeão, que seguiu na jornada de glórias. Leonhard ouvia a Rainha. Sibille ouvia a Rainha, ou ao menos assim afirmava. E ambos diziam que o grande dever dos Strauss ainda estava por vir. Que todas as conquistas de seus antepassados haviam sido meros preâmbulos para a missão mais importante. Aquela era a maior geração Strauss, e Arcádia contava com eles.

A missão se revelou quando um comerciante trouxe notícias do Novo Mundo.

A Europa era uma terra antiga. Incontáveis civilizações haviam se erguido e sido derrubadas no continente, pisoteando sobre o legado dos povos ancestrais e deixando sua própria marca. Os locais de poder de Arcádia haviam sido demolidos. Sobre eles foram erigidas igrejas, castelos, monumentos. Os olmos sagrados, cortados. Artefatos, saqueados por profanos que não entendiam seu valor. Na Europa, os servos da Rainha esforçavam-se para recuperar migalhas.

Mas havia uma terra nova. Um lugar ainda não civilizado, onde as marcas da dominação élfica ainda estavam frescas. Onde o poder de Arcádia era mais forte. No Novo Mundo, apenas a natureza cercava os sítios sagrados. Apenas um punhado de silvícolas vivia nas proximidades. Nunca houve um Império Romano para construir estradas e cidades. Nunca houve Camelot, os francos, os

carolíngios, todos os povos e dinastias que agarraram ou destruíram o legado das raças ancestrais. Tudo era puro, intocado.

Contudo, o local de maior poder no Novo Mundo estava há séculos tomado por blasfemos. Não apenas profanos ignorantes, mas uma ordem que *conhecia* o poder de Arcádia, e usava-o segundo as crenças arcaicas dos elfos rebeldes. Humanos que se recusavam a servir à Rainha, apesar de conhecê-la. Que tentavam controlar as disciplinas élficas. Que não desejavam a volta da era dourada de trevas e sangue.

Eles não eram apenas gado. Eram o inimigo.

Pesquisando nos fragmentos da história ancestral e comungando com Arcádia através de complexos rituais, Leonhard e Sibille descobriram que aquele lugar era conhecido como Aubeleine. Um local de grande magia na era ancestral, onde lordes élficos governavam, onde a própria Rainha um dia teve seu trono de pétalas. Segundo as histórias, Aubeleine tinha círculos de pedras. Túneis subterrâneos. Templos. E, mais do que tudo, tinha magia. Em Aubeleine, os blasfemos haviam feito contato pacífico com indígenas e erguido uma fortaleza em torno dos olmos.

E agora a Fortaleza de Aubeleine, longe de ser um local de adoração à Rainha, era o centro do maior desafio a seu poder.

Leonhard Strauss liderou a comitiva ao Novo Mundo. Seu pai chegou a duvidar da veracidade daquilo tudo, mas o fervor do jovem cavaleiro era irrefreável. Leonhard se comportava como se pertencesse a uma época que jamais conheceu. Não usava armas de fogo, mas a imensa zweihander – a espada de duas mãos dos cavaleiros teutônicos. Trajava armadura completa. Era a imagem da honra Strauss, e motivou os parentes à jornada. Ninguém sabia se apenas o carisma e a glória do rapaz eram responsáveis por isso, ou se a sedução do Dragão os havia afetado. De qualquer forma, ali estavam, numa serra inexplorada, em busca de uma fortaleza dominada por monges blasfemos. Se tivessem sucesso, recuperariam talvez o maior local de poder da Rainha no mundo todo. Se falhassem, morreriam.

Tudo se agravou quando Sibille não pôde mais esconder a gravidez.

Ela insistira para embarcar junto com os homens. Nenhum Strauss jamais cogitaria levar uma mulher numa Cruzada. Mas ela era abençoada pela Rainha, mais de uma vez fora levada pelos duendes para ser examinada e conhecer o tempo fora do tempo. Sofrera as dores sublimes dos arrebatamentos, e sempre voltava maravilhada. Sibille foi consagrada por seu pai desde o berço, e era inegável que tinha uma ligação íntima com os mistérios élficos. Estranhos

milagres aconteciam ao seu redor: ela testemunhava o nascimento de animais com duas cabeças, achava potes de ouro ao avistar arco-íris. Conhecia figuras tidas como mitológicas, vivia histórias da crendice popular. Em outras terras, seria considerada uma bruxa. Em um lugar de cultistas, casou-se com um nobre e usou todos esses fatos para conseguir participar da expedição.

Nos meses anteriores à partida, Sibille conduzira com Leonhard diversos rituais. Eles haviam feito amor sob a lua cheia, em cima de pedras sagradas, em clareiras de poder, após sacrificarem juntos as mais belas aldeãs das redondezas. Durante a viagem o resultado se mostrou: Sibille engravidou, e desejava que o filho do casal nascesse em Aubeleine reconquistada.

Wolfgang seria o início de um novo capítulo na dinastia. O primeiro Strauss a comandar aquele pedaço do Novo Mundo.

Mas toda a paixão e devoção de Sibille não haviam sido capazes de mantê-la caminhando com o ventre inchado. Os homens temiam por sua vida. Ela insistia na missão.

– Eles também têm poder, meu esposo – disse. – Não podemos demorar, ou seremos vencidos. Agora mesmo podem estar nos vigiando!

O Dragão olhou em volta. Não enxergava nada, e nunca conheceu um homem capaz de se esconder de seus sentidos. Contudo, também nunca enfrentou mestres das artes élficas. Talvez, em Aubeleine, Leonhard Strauss encontrasse um oponente à altura.

– Vamos seguir! – decretou. – Comam restos frios, enquanto caminham! Nosso destino é Aubeleine, e a Rainha não perdoará a indolência.

– Meu filho... – começou Florian.

– Eu sou o Dragão, pai. Sou o campeão da Rainha, e minha esposa tem razão. Wolfgang Strauss vai nascer em território reconquistado.

– Nem mesmo você pode enfrentar todos os inimigos sozinho.

– O vigor chegará a quem é devoto. Aqueles que não são irão se acovardar de qualquer forma. Levantar acampamento!

Sem que eles soubessem, uma sombra moveu-se no topo das árvores.

Um monge de Aubeleine saltou, em silêncio absoluto, de galho em galho. Pousando nos mais delgados ramos, em meras folhas, seguindo apressadamente até a Fortaleza de Aubeleine, para avisar os irmãos.



Pré-história.

Aquela era uma das maiores cidades élficas, mas nem mesmo suas muralhas titânicas eram capazes de abrigar todos os recém-chegados com conforto. As ruas largas estavam abarrotadas de lordes e escravos. Os elfos nobres eram puxados em carruagens feitas de plantas por dezenas de humanos esfarrapados. Cada veículo carregava uma pequena corte, lordes e damas e alguns duendes, envolvidos em jogos e prazeres. Os grifos patrulhavam os céus, e a cavalaria aérea parecia garantir a segurança.

Mas tudo não passava de uma mentira.

As carruagens chocavam-se nas ruas. Os rebanhos de escravos misturavam-se, suas rédeas faziam nós. Porque aquela cidade recebeu os refugiados de outras duas, que haviam sido destruídas por raças inimigas. A maioria dos elfos ali ignorava quem eram os responsáveis pelas últimas derrotas. Talvez fossem as criaturas submarinas que serviam ao deus de R'lyeh. Talvez fossem os seres bizarros que enviavam suas consciências através do tempo. Talvez um avatar tivesse atacado diretamente – pisoteando palácios, esfarelando muralhas, transformando jardins em crateras.

Quase todas as batalhas eram travadas entre os escravos: elfos e todas as outras raças imbuíam os humanos com uma fração do poder da realidade, e então os enviavam aos milhões para lutar em seu nome. Reerguiam-nos após a morte para continuar lutando. Ultimamente, contudo, a guerra tornara-se mais agressiva. Os senhores (e até mesmo os deuses, segundo alguns boatos) iam ao campo. Derramavam sangue sagrado, usavam poderes titânicos numa luta sem fim. Nenhum elfo ou humano imaginava a Rainha da Beleza guerreando. Sua perfeição sendo maculada era um pensamento repugnante. Mas os exércitos élficos estavam sendo deslocados para outras partes, enquanto aquela cidade inchava com sobreviventes de batalhas perdidas.

Em um palácio, os passos de um lorde guerreiro ecoaram por um salão vazio. Era feito de cristal e plantas, as folhas muito verdes brilhando à luz do sol refratada. O chão era um mosaico de diamantes e outras pedras preciosas, e a mobília era toda viva. Não havia ninguém no salão, a não ser o lorde e um escravo, que se postava ereto com as espadas de seu senhor sobre os antebraços.

O elfo virou-se e sorriu para o humano.

– Obrigado, Dilliollath.

O homem chamado Dilliollath conhecia a própria sorte. Servia a um lorde piedoso – talvez o único na cidade. O elfo fingia a mesma crueldade de todos. Mas, na privacidade do lar, tratava-o como uma pessoa. O humano sabia que era uma situação única. Mesmo que nunca houvesse recebido uma instrução a

respeito, não mencionava a piedade do senhor para ninguém. Sabia que aquele elfo precisava manter as aparências.

O lorde ajustou as espadas ao cinturão. Moveu-se um pouco para testar a armadura e todas as fivelas. Assobiou, chamando outro escravo, e instruiu-o a abrir o terraço – convocara um grifo, e esperava que a fera chegasse em alguns minutos.

– Você me serviu bem, Dilliollath – falou, de repente.

O humano não soube como responder.

– Não se preocupe, não precisa dizer nada. Apenas gostaria que soubesse. Isso não restaura sua dignidade. Mas saiba que, pelo menos, seu sofrimento não foi em vão. Você me serviu bem.

– Obrigado, meu senhor – ele gaguejou.

O elfo deu dois passos para longe dele, então deteve-se. Deu meia-volta.

– Não vamos mais nos ver, Dilliollath.

– Não, meu senhor? – Em outra casa, o comentário seria punido com a morte.

– Não. – O elfo suspirou e olhou para baixo. – Você sabe que há uma guerra, não é mesmo?

O escravo sabia.

– E eu diria que estamos perdendo – continuou o elfo. – Mas a verdade é que todos estão perdendo. Os deuses estão se envolvendo, meu fiel humano, e não restará nada de pé.

Um frio percorreu a espinha do escravo. Apesar de conhecer apenas a servidão, a perspectiva de ver sua vida desmoronar era pavorosa.

– Já abusamos demais deste mundo. Os elfos vieram para cá com a melhor das intenções. Desejávamos ensinar aos humanos tudo que sabemos, ajudá-los a erguer uma civilização como a nossa. Mas não resistimos à tentação. Acabamos como todos os outros, dominando e escravizando. E agora não somos melhores que eles, servindo a uma deusa onipotente e maligna. Isso será nossa perdição. Será a perdição de todas as raças sagradas.

Dilliollath mal conseguia respirar. Não entendia por que seu senhor contava-lhe tudo aquilo. Apesar do tratamento gentil ao longo dos anos, aquelas palavras excediam todas as conversas que os dois já haviam travado.

– A Terra não resistirá – continuou o elfo. – Eu vi o futuro, Dilliollath. Meus irmãos já estão tão envolvidos em prazeres e combates que sentem a passagem do tempo, mas eu ainda consigo preservar quase todas as minhas capacidades. Então voltei a Arcádia e enxerguei o futuro. Todas as raças serão obrigadas a deixar a Terra. Os deuses adormecerão, morrerão ou serão aprisionados. E

deixaremos este mundo em ruínas. Não haverá uma civilização humana, como desejávamos no início. Apenas milênios e milênios de feras gigantescas num ecossistema primitivo. Após muito, muito tempo, surgirão novos humanos, mas serão primatas estúpidos que viverão em cavernas. Assim como eram antes da chegada dos elfos.

Silêncio.

– Acho isso uma pena, Dilliollath.

– Eu também, meu senhor.

O elfo riu. Um humano com uma opinião seria algo absurdo em qualquer outro lugar.

– Sabe para onde estou indo?

– Não, meu senhor.

– Para um lugar chamado Aubeleine. Lá a Rainha erigiu um trono de pétalas, e lá estão reunidos muitos dos maiores guerreiros de Arcádia. Harallad. Rhaewodd. Vyslanna. Seandros. Todos estão lá, em volta da Rainha, e eu fui chamado. Por que acha que me convocaram?

– Para proteger a deusa?

– É o que afirmam, leal Dilliollath, mas é mentira. Vou até lá para ser assassinado.

A boca do escravo pendeu.

– E a pergunta em sua mente é *Por que então obedecer, meu senhor?*

– Na verdade – disse Dilliollath, com ousadia –, minha maior pergunta é por que eles desejariam matá-lo.

O elfo sorriu.

– Porque descobriram a verdade a meu respeito.

– Verdade?

– Que não participo de todos os rituais. Que considero o estado atual de minha raça uma degeneração horrenda. Que faço parte de um pequeno grupo que deseja voltar aos verdadeiros valores élficos, à época em que éramos capazes de ter filhos e desenvolver novas disciplinas e técnicas. Hoje em dia somos decadentes, Dilliollath. Somos uma sombra do que já fomos. Se um elfo nascesse agora, nunca poderia se tornar um guerreiro. Não há mais treinamento e paciência, apenas crueldade e hedonismo.

O humano não sabia o que significava hedonismo. O elfo explicou.

– A Rainha é um monstro, Dilliollath. Nossa deusa se entrega à vaidade e à sanguinolência, e levou nossa raça consigo. Mas nenhuma criatura, exceto outro deus, é capaz de enfrentá-la, e todos os deuses são igualmente malignos. Por isso

vou para Aubeleine, e vou morrer.

– Não vá – disse o humano, intempestivo.

Mais uma vez, em qualquer outra casa seria uma frase punida com a morte. Outros lordes interpretariam como a tentativa de dar ordens a um elfo.

– Ah, mas tenho de ir, Dilliollath. Porque a Rainha é muito poderosa. E mesmo os campeões são poderosos demais. Sou um guerreiro exímio, mas nunca seria capaz de vencê-los. Eles viriam até aqui e destruiriam nosso lar. Meus escravos morreriam. Você morreria.

– Sua vida vale mais do que a minha, meu senhor.

O rosto do elfo endureceu.

– Isso não é verdade, Dilliollath. É o que lhe disseram desde o nascimento. O que disseram para seu pai e o pai de seu pai, e para centenas ou milhares de gerações antes de você. Mas é mentira. Os humanos também têm direito à vida, e é por isso que vou morrer. Porque prefiro morrer a compactuar com a decadência de minha raça e o massacre da sua.

– Mas, senhor – disse, com suavidade –, vou morrer de qualquer jeito.

O elfo deteve-se, como se percebesse algo pela primeira vez.

Elfos eram imortais.

Humanos morriam com rapidez alarmante.

Seus corpos degeneravam-se e cessavam de funcionar. Sua existência era fugaz. Dilliollath fora doutrinado desde o nascimento, assim como todos os humanos: por que sacrificar-se para salvar o que era temporário?

O elfo deu um passo em direção ao escravo, chegando bem perto.

– Ouça com atenção o que vou lhe dizer, Dilliollath.

– Sim, meu senhor – engolindo em seco.

– Você não precisa morrer.

Pausa.

– Meu senhor, todos nós...

– O tempo é uma ilusão. A realidade é eterna. Um humano que tocar o poder de Arcádia pode ser imortal. Pode aprender qualquer uma das disciplinas élficas. Então preste atenção, Dilliollath, pois vou contar-lhe o segredo da imortalidade.

Aproximou-se ainda mais. Seus lábios quase tocando a orelha arredondada do humano. E sussurrou.

Dilliollath arregalou os olhos.

– É isso – disse o elfo, sorrindo, os olhos quase transbordando. – É apenas isso.

Fungou, e então Dilliollath notou um cabelo grisalho na cabeça de seu senhor.

– Agora você é imortal, meu fiel humano. Agora não há como dizer que sua vida não tem valor. Já a minha... – E tocou o fio cinzento.

Os elfos podiam morrer de velhice – embora, até onde qualquer um soubesse, aquele fosse um fenômeno que começara após a degeneração da raça, na Terra. Tinha a ver com mentalidade, estado de espírito, decisão. Aquele elfo não precisaria perder a juventude eterna para concedê-la ao escravo. Mas, ao revelar o segredo, algo dentro de si mudara.

– Conte isso a humanos de valor, Dilliollath. Não deixe que sua raça morra sem razão. Estude meus pergaminhos, antes que esta cidade também caia. Aprenda as disciplinas élficas. Compartilhe-as.

– Sim, meu senhor.

– Você está livre, Dilliollath. Não me chame mais de senhor.

– Sim, Ynilaguenne.

Assim, o lorde guerreiro chamado Ynilaguenne foi até o grifo que o aguardava no terraço. Montou sobre a fera e dirigiu-se a Aubeleine, para morrer. Seu último ato de rebeldia foi impedir que os campeões da Rainha matassem-no. Quando chegou ao trono de pétalas, estava fraco e enrugado, e tombou de velhice, sorrindo em desafio.

Como ele previra, aquela cidade também caiu, junto com todas as outras. O mundo mergulhou em eras inimagináveis de monstros bestiais, e passaram-se milhões de anos até que a humanidade surgisse de novo.

Mas Dilliollath acompanhou tudo isso.

Viu o culto aos elfos e às outras raças ressurgir. Viu os humanos implorarem por escravidão e horror mais uma vez, tentarem abrir as passagens, despertarem os deuses, trazerem de volta a era pré-histórica. Então, em algum ponto, quando já não sabia mais o que era o tempo, fez uma peregrinação.

Foi até Aubeleine, que agora localizava-se em outro continente. Encontrou os olmos, e quis acreditar que um deles era o antigo senhor. Havia outros humanos que haviam descoberto Arcádia, mas que ignoravam ou odiavam a Rainha.

Junto com eles, Dilliollath fundou um mosteiro fortificado, que chamou de Fortaleza de Aubeleine.

E um refúgio oculto, que chamou de mosteiro de Ynilaguenne.



– Sibille tinha razão, pai – rosnou Leonhard Strauss. – Eles estavam vigiando, e agora estão preparados.

Não aguardou resposta; virou-se num giro monumental com a espada, encontrando o tronco de um dos monges. O golpe foi acompanhado de um urro, e o homem foi partido ao meio. Dois outros vinham logo atrás. O primeiro saltou cinco metros no ar, parecendo ficar parado um instante antes de descer com um chute. O segundo correu agachado, puxando uma espada de dentro da túnica. No mesmo movimento, golpeou contra Leonhard.

O Dragão deixou a lâmina da zweihander tocar o chão. Então subiu-a num relâmpago. Encontrou a espada inimiga, destroçando-a, e então cortou o pé que vinha em direção a sua cabeça. O monge rolou no chão, uivando de dor. Aquele que atacara com a espada já se recuperava. Soltou a arma quebrada e investiu com um soco. O Dragão viu o movimento e leu cada intenção, cada passo do golpe. Pôde enxergar o ar se deslocando ao redor do punho fechado. Dançou para o lado, numa agilidade que parecia impossível com a armadura de placas, e completou o giro erguendo e abaixando a espada. Decapitou o segundo monge e urrou de triunfo.

– O exército da Rainha chegou, blasfemos! Rendam-se ou morram!

Havia campo cultivado ao redor da Fortaleza de Aubeleine, fruto do trabalho conjunto dos monges com os nativos. Aqueles campos já estavam ardendo, sob as ordens de Leonhard. Os guias, inúteis no combate, haviam se encarregado de arruinar a escola e tudo o mais nas proximidades, acabar com o trabalho que maculava o poder de Arcádia. Os nativos que não conheciam os segredos élficos já estavam quase todos mortos. Haviam sido massacrados sem dó pelos sabres e mosquetes dos mercenários, mas alguns ainda fugiam, perseguidos pelos homens da expedição. Os Strauss encabeçavam a linha de frente. E, entre eles, o líder era Leonhard.

Florian não perdeu tempo com o comentário do filho. Duelava com um monge que lhe desferia uma barragem de socos e chutes. Mesmo sentindo os ossos pesados e muito consciente dos cabelos e barba grisalhos, esquivava-se com agilidade. Até que usou um momento de distração do monge para golpear com seu próprio sabre. Atingiu o homem no pescoço. O monge gritou, e Florian acertou-lhe um chute que lhe quebrou o esterno. O inimigo tombou no chão.

Leonhard olhou em volta e viu dois de seus primos executando as Formas Sublimes em meio à relva pontilhada de cadáveres. Os mercenários não entendiam aquilo, mas o Dragão sabia que os Strauss não faziam tolices. O poder inerente àquele lugar respondeu aos movimentos. As plantas cresceram com velocidade e força terríveis frente à fortaleza. Gavinhas atravessaram o fosso e espremeram-se por frestas na ponte levadiça, fazendo-a ranger e

abaixando-a aos poucos. Das torres, os monges disparavam flechas. Os mercenários caíam ante elas, mas os Strauss permaneciam incólumes. De repente, ele ouviu lá de cima:

– O cavaleiro de armadura é o líder! Concentrem-se nele!

Então, a barragem de setas desceu sobre Leonhard.

Ele gargalhou, estufando o peito sob a armadura e abrindo os braços, convidando a morte élfica.

– Sou o Dragão, e suas flechas não me atingem! Sou o Dragão, e tudo que é élfico se curva a mim! A blasfêmia acabou, malditos!

As flechas fincavam-se em volta dele, mas sempre erravam-no por um ou dois centímetros. Leonhard sentia a vontade coletiva daqueles monges tentando forçar o mundo, tentando fazer com que ele aceitasse ser uma vítima. Mas sua própria vontade era mais forte. Em concentração total, ele tinha plena consciência dos arredores. Podia falar, rir, fazer as bravatas e juramentos de vingança que se esperava de um cavaleiro em batalha. Sempre foi assim: a não consciência vinha de forma natural, ele não se lembrava de ter precisado aprendê-la. Às vezes, tinha a impressão de viver naquele estado o tempo todo, sempre pronto para matar.

A vontade patética daqueles blasfemos nunca poderia vencê-lo.

O último dos monges fora da fortaleza tombou ante a lâmina de um Strauss. Florian e Andreas, um de seus irmãos, haviam se juntado aos primos, fazendo os movimentos das Formas Sublimes e forçando a ponte levadiça. Por fim, com um rangido alto e um longo som de madeira se quebrando e rasgando, a ponte desceu, aos pedaços. Os mercenários gritaram vitória. Leonhard ergueu a espada.

– Agora! Fogo!

Tinha sido difícil arrastar os canhões serra acima. Mais difícil ainda manter a pólvora seca, mas valera a pena. Os mercenários tinham um canhão preparado e, ante a ordem de Leonhard, acenderam o pavio e afastaram-se, tapando os ouvidos. A arma disparou, destroçando o que restava da ponte levadiça e esfacelando um ou dois monges que se postavam logo atrás.

– Fogo!

O segundo canhão foi disparado. A bala de ferro deteve-se logo à entrada da fortaleza, parada no ar. Então girou uma, duas vezes, e voou na direção contrária, atingindo a própria arma e a equipe que a operava.

Das sombras, surgiu um monge, ainda fazendo os gestos marciais como se tivesse uma bola de canhão entre as mãos. Girando-as como fizera para deter a trajetória e arremessá-la de volta aos agressores.

– Enfrente-me – disse o monge, para Leonhard.

O Dragão mirou por um momento nos olhos do inimigo, então cuspiu no chão.

– Você não é um adversário de valor. Conhece um truque, mas não é digno de um duelo comigo.

– Enfrente-me! – exigiu o homem.

– Reinhardt! – chamou Leonhard.

Um dos Strauss tomou a frente. Ensaiou as Formas Sublimes e correu para duelar com o homem que detivera a bala de canhão.

– Um aprendiz é tudo que você merece, blasfemo.

E os Strauss invadiram a fortaleza, seguidos pelos mercenários.

Logo na entrada, foram recebidos por caldeirões de óleo fervente.

– Os devotos não sentem dor! – rugiu o Dragão. – Os fiéis não hesitam!

O líquido foi derramado sobre ele. Mas Leonhard andou quase incólume por sob a cachoeira mortífera, rilhando os dentes e impondo a vontade sobre o próprio corpo. Atrás dele, Florian avançou com dificuldade, cada passo uma agonia, mas também venceu a entrada. Dois outros Strauss sofreram ferimentos terríveis, mas seguiram em frente. Karl Strauss, o mais jovem, apavorou-se no último instante. Recebeu um jorro de óleo fervente e caiu no chão, agonizando. Vários mercenários tiveram o mesmo destino.

Os invasores encontraram um salão repleto de monges.

– Este lugar não é seu! – disse Leonhard, apontando a espada para um dos homens. – Aqui é Aubeleine, onde a Rainha um dia sentou-se. Aubeleine, intocada pelas civilizações profanas. Aubeleine, lar dos templos élficos!

– Aubeleine não pertence à Rainha – o monge que Leonhard selecionara ao acaso tomou a frente. – Aqui praticamos as verdadeiras artes élficas.

– Peça perdão pelo que acabou de dizer – o Dragão abaixou a voz, em um tom soturno – e sua morte será rápida.

– São apenas cultistas – foi a última bravata do monge. – Existem desde que saímos das cavernas, e sempre são derrotados.

Leonhard investiu contra ele com a imensa zweihander. O monge saltou, evitando o golpe. Esquivou-se dos golpes de espada, até ser levado contra a parede. Mas ele deu um giro veloz e reverteu a posição, colocando o invasor de costas para a rocha marrom. Com um grito em élfico, desferiu um chute poderoso. Leonhard esquivou-se, e o pé do homem afundou na parede, deixando uma marca. O Dragão ergueu a espada, atingindo a virilha do inimigo e destroçando seu corpo.

– Matem todos!



– Você está ouvindo os gritos – disse o grão-mestre. – Estamos sendo derrotados. E eles não vão poupar ninguém.

Os olmos do cemitério pareciam vibrar ante o poder empregado na batalha. A fortaleza respondia à energia de Arcádia canalizada por defensores e invasores. A mesma força, as mesmas técnicas, usadas para fins opostos. Uma ordem que seguia as palavras de Ynilaguenne e dos outros rebeldes. Uma família nobre que liderava o culto à Rainha.

Dilliollath nunca pensara que o conflito final seria travado no Novo Mundo, no meio do nada, num lugar cujo significado fora esquecido por quase todos.

Tocou um dos olmos. Não havia como saber qual deles era Ynilaguenne, ou mesmo se o antigo senhor encontrava-se na fortaleza ou no mosteiro que levava seu nome. Aquelas árvores podiam ser elfos rebeldes ou servos da Rainha, mas tocar na casca áspera sempre lhe emprestava confiança. O ancião retirara-se para sempre da vida mundana – até mesmo dos assuntos práticos dos monges. Nem mesmo aceitava liderar Aubeleine ou Ynilaguenne, deixando o comando para grão-mestres jovens. Sentia-se mais próximo dos olmos do que das pessoas.

– Então tudo acaba aqui – falou Dilliollath, com tristeza. – Defendendo nosso sonho.

– Você me contou uma história muito tempo atrás, ancião – disse o grão-mestre. – Sobre como um lorde elfo ordenou que não jogasse sua vida fora.

Dilliollath olhou para o chão.

Ele deixou de lutar havia muito tempo. Muito, muito tempo. Antes que qualquer uma das civilizações que hoje governavam o mundo sequer cogitasse existir. Como forma de transcendência e teste de autocontrole, há milênios deixava o braço esquerdo erguido. Dilliollath não podia mais lutar, mesmo se quisesse – e, para quem vira a evolução da vida e o ressurgimento da humanidade, a luta era algo quase cômico, sem sentido algum. Mas naquele momento parecia inevitável. Que alternativa existia, senão embarcar na loucura que tomava a fortaleza?

– Acho que ainda há uma esperança, mestre Dilliollath.

– Já não sou mais seu mestre, Ezallienn.

– Existe uma esperança. Acho que eles não descobriram o mosteiro. E nem descobrirão.

Dilliollath fechou os olhos, com uma expressão doída. É claro que já notara:

embora os Strauss estivessem atacando a Fortaleza de Aubeleine, não pareciam conhecer o mosteiro de Ynilaguenne, oculto atrás do labirinto.

– De que adianta o mosteiro, Ezalienn?

– Ele manterá viva a chama de nossos ensinamentos. Será um refúgio para as verdadeiras artes élficas. Mesmo que seja o único no mundo.

Até onde eles sabiam, de fato não havia outros na Terra.

– Refúgio? – disse o ancião. – Para quem? Para uma minúscula ordem que se mantém oculta? Para os poucos que conseguirem decifrar os enigmas e o labirinto?

– É melhor do que deixar os cultistas destruírem tudo.

Suspiro.

Eles haviam erigido mais do que a fortaleza e o mosteiro. Depois de séculos de isolamento, haviam feito contato pacífico com os indígenas, construído uma escola, criado uma pequena sociedade sem escravidão. Estavam, aos poucos, tentando transmitir os valores élficos originais ao mundo. Era o início absoluto do trabalho – apenas algumas décadas desde que haviam se mostrado. Mas os Strauss já haviam destruído a escola, e os campos estavam queimando. Haviam massacrado os indígenas. E logo Aubeleine tombaria.

Eles sempre souberam que estariam sob a mira dos cultistas. Devotos da Rainha ou até mesmo dos outros deuses e raças. Portanto, haviam feito duas estratégias diferentes para defesa: Aubeleine era protegida, contava com contingências e planejamento de forma a repelir invasores. Era acessível a todos, visível no mundo material. Podia abrigar o povo da região, abrir as portas a quem viesse em paz. Já Ynilaguenne não tinha as mesmas proteções, mas escondia-se dos não iniciados. Para localizar o mosteiro, era preciso vencer um labirinto invisível.

Aubeleine foi encontrada.

Ynilaguenne, não.

– Nosso trabalho é compartilhar as disciplinas com pessoas de valor – disse Dilliollath. – Não escondê-las. Se ficarmos isolados atrás de um labirinto, o que acontecerá conosco?

A implicação estava clara, e já fora muito discutida: o isolamento poderia levar à noção de superioridade. E isso levaria à degeneração, como acontecera com os elfos. A ideia de viver em harmonia, dedicando-se à arte, à filosofia e ao combate, fora a perdição da raça élfica. Para evitar isso, os monges haviam imposto a si mesmos uma missão e diretrizes estritas.

– Existe uma forma de preservar nosso propósito – disse o grão-mestre.

– Não.

– Se aquele que ouviu as palavras do elfo Ynilaguenne permanecer vivo, poderá garantir que os preceitos sejam cumpridos.

– Há tantos jovens aqui. Não é justo.

– Você não é o grão-mestre, ancião. Fuja. É uma ordem.

Dilliollath olhou o ex-discípulo com cansaço e orgulho.

Ao redor, os berros de uma ordem lutando. De um sonho morrendo.

Dilliollath caminhou em direção aos olmos. Então seu corpo mesclou-se a eles, como se fossem uma imagem imaterial. Ele se desfez em Aubeleine, para surgir no mosteiro de Ynilaguenne, onde continuaria mais de 300 anos depois.

– Enfim, um adversário digno! – rugiu Leonhard, invadindo o cemitério.



Os Strauss entraram no labirinto dentro da Fortaleza de Aubeleine e imediatamente perderam o rumo. Os mercenários não resistiram a duas esquinas antes que qualquer noção direcional se apagasse. Mas o Dragão instruíu:

– Fechem os olhos! Usem a devoção! Deixem Arcádia fluir por vocês. Deixem que a vontade do mundo guie-os. A Rainha irá nos mostrar a saída!

E funcionou. Todos os Strauss e meia dúzia de mercenários conseguiram chegar ao outro lado. Florian tinha um ferimento sério no estômago. Mas segurou os intestinos com a mão esquerda enquanto continuava a lutar com a direita, prosseguindo sem se importar. Outros membros da família mancavam ou exibiam cortes. Leonhard estava ileso. Até então não encontrara alguém digno de um duelo.

Mas a vontade e energia do grão-mestre Ezalienn atingiu-o com a força de um maremoto.

– Quem é você, blasfemo?

– Sou um grão-mestre, inimigo. Alguém que domina todas as técnicas élficas. – Ao dizer isso, encordoou um arco. – E você?

– Sou Leonhard Strauss, o Dragão. O campeão da Rainha.

– Ambos temos títulos. Mas nossa técnica falará mais alto hoje.

Leonhard puxou a máscara de ouro de uma algibeira. Colocou-a sobre o rosto. Fincou a zweihander no chão de terra e tirou da sacola o cubo. Enquanto isso, Ezalienn começou os passos do ritual de disparo, lentamente encaixando uma flecha no arco, erguendo-o sobre a cabeça e retesando a corda. Ambos pareciam ignorar um ao outro, mas o duelo já estava acontecendo: as vontades batiam de

frente, tentando impor-se uma sobre a outra e sobre o mundo. Cada um tentando transformar o adversário em vítima, tentando ser um algoz. À volta, os Strauss matavam os últimos monges. Cada luta seria digna de uma canção, mas todas empalideciam diante do que acontecia entre os dois líderes.

Leonhard resolveu o quebra-cabeças do cubo. Plantas brotaram de forma explosiva do chão de terra, de dentro da pedra, quebrando paredes, provocando rachaduras. Uma torre tombou com um estrondo monumental, que fez toda a fortaleza tremer. O teto do primeiro salão desabou. As paredes do labirinto começaram a ruir.

Então, chamas.

O fogo surgiu do nada. Queimava as plantas que haviam nascido espontaneamente, mas também queimava a pedra, numa cena surreal. A fumaça escapava pelo buraco no teto por onde se erguiam os olmos. Leonhard continuava manipulando o cubo.

Uma flecha arrancou-o de suas mãos.

O Dragão foi pego de surpresa; sua vontade tombando à mente inimiga num piscar de olhos. O grão-mestre já tinha outra flecha preparada. Leonhard foi atingido mais uma vez – o segundo tiro foi tão rápido que ele nem mesmo conseguiu enxergá-lo.

O cubo caiu no chão, para dentro das chamas. O Dragão perdeu-o de vista. Mais uma flecha o fez saltar e agarrar o cabo da zweihander.

Então, a espada se transformou.

Leonhard era um cavaleiro teutônico. Assim, a espada do Dragão assumia, para ele, a forma mundana de uma enorme espada de duas mãos. Mas naquele momento ela mostrou sua forma verdadeira: tornou-se mais delgada, curva, com fio de um só lado. Aparentemente mais frágil, mas imbuída do poder de Arcádia. No mesmo movimento em que a puxou, o Dragão partiu uma flecha ao meio, em pleno ar.

Então saltou, e o grão-mestre viu quando a lâmina estava a um milímetro de seu crânio.



– Veja, meu amor – disse Leonhard Strauss. – Este é o dote que lhe ofereço.

Sibille atirou-se em seus braços e beijou-o com fervor. Tinha ido encontrá-lo no cemitério para vê-lo daquela forma, em toda a sua glória guerreira, com a espada nas mãos e os inimigos a seus pés. A única concessão que Leonhard

fizera fora retirar a máscara, para poder encontrar os lábios da esposa.

– Florian – disse Sibille, olhando para o chão.

O velho jazia inerte. Os olhos fechados.

– Ele deu a vida pela vitória.

– Isso quer dizer – Sibille abriu um sorriso lindo – que agora sou a esposa do patriarca da família Strauss.

Ele ergueu-a nos braços, beijaram-se mais uma vez. Leonhard tinha irmãos mais velhos, tios a quem o direito pertenceria. Mas, há vários anos, todos os documentos haviam sido preenchidos. Ninguém desejava ficar em seu caminho. Agora as terras eram dele. Ele era Strauss, a autoridade do sobrenome.

Ao redor, as chamas rugiam. O sangue empoçava. As rachaduras aumentavam. Mas o casal não tinha medo, pois sua vontade era suprema, e a vontade da Rainha lhes favorecia.

– Este não é só um dia de morte, estrela da minha noite – disse Sibille. – Também será um dia de vida.

– Você...

– Eu sempre soube, meu cavaleiro. Sempre soube que Wolfgang Strauss nasceria neste dia. Por isso insisti tanto. Agora me ajude a deitar.

Sibille Strauss recostou-se sobre uma pedra, ante os olhos dos outros Strauss e dos mercenários sobreviventes. Um instante depois, entrou em trabalho de parto.

Leonhard ergueu um menino enorme e saudável, cujo choro de triunfo preencheu as ruínas da fortaleza. Agarrou o cabo da zweihander, que mais uma vez mostrou sua verdadeira aparência. E, com a espada do Dragão, cortou o cordão umbilical de Wolfgang.

– Prometa-me uma coisa – disse Sibille. – Nossa família sempre tomará conta desta terra. Nunca mais profanos ou blasfemos governarão aqui.

– Governaremos juntos, meu amor.

– Não – ela sorriu.

Leonhard sentiu a sombra tombar sobre seu rosto.

– O que está dizendo, Sibille?

– Estamos pedindo algo à Rainha, meu esposo. Estamos pedindo poder, domínio, controle. Estamos implorando a força e a capacidade de servir a ela.

– Eu garantirei que tudo seja feito – ele começou a dizer, tropeçando nas palavras. – Todos os rituais, tudo...

– É preciso um sacrifício, meu cavaleiro.

– Mataremos os nativos!

– Pretende dedicar à Rainha vidas sem valor?

– Matarei toda a minha família, Sibille. Irei até os governantes desta colônia e matarei cada um deles!

– Você sabe o que ela deseja.

Silêncio. Leonhard sentia as lágrimas escorrerem sobre a face.

A Rainha desejava a beleza.

– Quem é a mulher mais bonita do mundo, meu herói?

– Você.

Beijou-a, abraçou-a, desejando que os corpos virassem um só. Tinha Wolfgang nos braços, e naquele momento eles eram uma família. Eram os Strauss, supremos aos olhos da Rainha, os conquistadores de Aubeleine.

Então Leonhard Strauss tomou a espada na mão direita, o filho na esquerda.

E cravou a lâmina no peito da mulher mais bela do mundo.

– Eu amo você.

Ela sorriu. Teve forças para olhar em volta.

– Tudo isso... É lindo. É maravilhoso. É nosso ossário, Leonhard, nossa terra sagrada, e será nossa para sempre. Nosso Santo Ossário.

Sibille morreu, e Leonhard Strauss ergueu o filho acima da cabeça, com os dois braços. O bebê chorava, respondendo à fúria do incêndio.

– Isto é seu, Wolfgang! Agora e para sempre. Esta é a vila de Santo Ossário. Que sempre pertença aos Strauss e à Rainha!



Nicole ainda sentia a cabeça zumbir pela história da noite anterior.

O relato fora montado através de lembranças de Dilliollath, observações de quem vira a expedição chegando, deduções e folclore secreto dos Strauss. Talvez houvesse algum engano naquilo tudo.

Mas o que mais assustava é que era verdade.

– Está pronta? – disse Astarte.

Ela assentiu.

Tinha o arco nas mãos. À cintura, uma aljava com algumas flechas, que ela mesma escolhera, guiada por intuição. Vestia a túnica dos monges. Fez o gesto automático para ajeitar os óculos, e mais uma vez foi surpreendida por sua ausência.

– Vejo você do outro lado – o elfo sorriu.

Nicole adentrou o túnel.

Seguiu por dez, vinte, trinta metros. Pé ante pé, mas não havia necessidade.

Ela sabia o que encontraria, sabia que não havia perigo. Aquele túnel levaria ao espaço sem tempo. Se era uma jornada simbólica ou real, ela não sabia. Levaria ao treinamento, onde ela iria se tornar uma arqueira.

A escuridão foi dando lugar a uma luz vaga, que então transformou-se em duas. Dois caminhos.

Ela sabia o que eram, sabia o que deveria fazer. Fora instruída, e sabia que aquilo – assim como havia sido a viagem até o mosteiro – tinha a finalidade de assegurar sua confiança, seu comprometimento. Levá-la ao estado mental necessário para ser treinada.

Um dos caminhos levaria de volta à vida mundana. Sem labirinto, sem enigmas, sem disciplinas élficas. Apenas um conforto fácil.

O outro levaria a uma fração da realidade. Ao poder de Arcádia. A um lugar onde o tempo não existia. Era a escolha certa.

Ela deu um passo naquela direção, a luz se aproximou. À beira de mudar sua vida, à beira do treinamento.

Então:

Estou louca.

De repente, teve noção plena de si mesma. Do que acontecia, de onde estava. Com um calafrio, sentiu todos os pelos se arrepiarem.

Estou louca.

Ela estava pensando, com toda a confiança, em sair do tempo. Ela havia seguido um mercenário, um estranho que deixava uma trilha de cadáveres atrás de si. Ela estava convencida de que tinha como amigo uma criatura mítica. Uma criatura com quem ninguém mais conseguia falar.

– Estou louca – disse em voz alta.

Preparava-se para ser treinada por esse homem miraculoso, esse elfo que falava a língua fictícia que ela aprendera durante a adolescência, por diversão. Após esse treinamento, ela, Nicole Manzini, salvaria o mundo de uma invasão que ninguém mais conhecia. Um treinamento reservado só a ela, porque era especial.

Até mesmo o mercenário sumira, desde que ela entrou nesse lugar maravilhoso onde prometiam transformá-la em heroína, onde haviam lhe explicado a história secreta do mundo.

Era tudo loucura. Tudo uma imensa alucinação.

Ela estava sendo caçada por homens maus que nunca conseguiam apanhá-la. Encontrava criminosos que morriam sem deixar vestígios. Escapava de massacres que eram abafados por uma conspiração sinistra, impedindo que

qualquer autoridade ficasse sabendo. Sentia pavor.

– *Meu Deus, o que está acontecendo comigo?*



O alarme do celular tocou. Nicole acordou num sobressalto.

Chegou a soltar uma exclamação desarticulada. Fora o sonho mais vívido que já tivera, mas os detalhes começavam a ficar nublados.

Ela tateou no criado-mudo em busca dos óculos. Colocou-os sobre o nariz e então conseguiu ver os números na tela do telefone. De alguma forma, ignorara as primeiras vezes em que o aparelho tocara, e dormira quase meia hora a mais.

– Estou exausta – disse, enquanto calava o despertador.

Ao lado, o namorado grunhiu alguma coisa. Ela se abaixou, deu-lhe um beijo no rosto e seguiu ao banheiro. Lavou o rosto, escovou os dentes e então se vestiu.

Não teria tempo de tomar café da manhã, estava atrasada para o trabalho.

Capítulo 25

O maior espetáculo da Terra

OITO HORAS DE TRABALHO, COM uma hora de almoço. Durante o expediente, ela olhou para a tela de um computador e digitou informações. Não era um serviço estúpido – fazia parte de inovadoras estratégias empresariais, que usavam equipes multidisciplinares para prever tendências e criar novos produtos. Durante o descanso, ela também olhou para a tela de um computador, assistindo a vídeos na internet.

Já entardecia quando o relógio informou que podia parar de observar a tela. Então ela se levantou, despediu-se dos colegas e desceu à garagem no subsolo. Entrou no carro, passou pela guarita onde o segurança disse "até amanhã" e dirigiu até o supermercado. Comprou vegetais orgânicos, um pacote de pão integral com grãos de mais de uma dezena de cereais. Três garrafas de cerveja artesanal importada. Um pequeno vidro de patê de salmão. A cestinha quase vazia custou caríssimo, mas não havia problema.

Não faltava dinheiro. Além disso, era um supermercado Strauss – os únicos que havia em Santo Ossário.

Vagamente, lembrou-se de uma época em que não usaria nem mesmo um cartão de crédito, para não ter de informar o nome. Houve um tempo em que dizer que se chamava Nicole Manzini incomodava-a. Mas agora parecia absurdo. A caixa cantarolou um "Boa noite, Nicole"; o gerente ofereceu um funcionário para ajudá-la a carregar as compras, com um "A seu dispor, Nicole". Naquela tarde haviam-lhe oferecido um bolo com a frase "Parabéns, Nicole", em comemoração a um mês trabalhando na Strauss S.A.

E a algo mais.

O prédio de apartamentos também tinha garagem, assim como a empresa e o supermercado. Nicole nem mesmo sentiu o frio de Santo Ossário, entre um ambiente climatizado e outro. Há um mês o mundo era iluminado por luz fluorescente, tinha ar-condicionado, janelas esfumaçadas. Ela estacionou em uma das quatro vagas a que tinha direito (duas para eventuais convidados).

Entrou no elevador, subiu até a cobertura.

Encontrou o namorado arrumando a mesa, enquanto assistia a um seriado de comédia.

– Trouxe coisas para fazer uma salada – disse Nicole. – Pão e patê. Cerveja holandesa.

Rindo em uníssono com a claque na tevê, Augusto Strauss foi até ela. Apanhou as sacolas plásticas como um cavalheiro e beijou-a com carinho.

Era um beijo macio, firme, íntimo. Bom. Sempre era bom. Não havia nada de errado com a vida; o trabalho era estimulante, o futuro era vasto e promissor. À noite, havia seriados, patê de salmão e cerveja elaborada segundo uma antiga receita europeia. O apartamento era grande e impecável. Ela em geral não via a faxineira, apenas encontrava tudo limpo. Os Strauss mais antigos insistiam em que eles contratassem uma pequena equipe de empregados para morar nas dependências do apartamento, ficar à disposição. Mas o jovem casal ainda valorizava mais a espontaneidade, e queria a noite só para eles.

Não havia nenhum problema naquela vida.

– Está cozinhando? – Nicole surpreendeu-se, seguindo o nariz até o aroma que emanava da cozinha.

– Claro. Hoje é o grande dia. Não lembra?

Fez-lhe um afago no cabelo. A cozinha era dividida da sala por um balcão, no estilo americano. A disposição das janelas e dos exaustores impedia que qualquer cheiro indesejado ou gordura chegasse ao ambiente de convívio. Aquele arranjo deixava que Augusto assistisse a seus programas enquanto preparava as iguarias.

– Grande dia? – Ela deixou-se cair no sofá.

Tirou os sapatos – o salto não era muito alto, mas depois de um dia inteiro eles começavam a incomodar. Viu mensagens no celular parabenizando-a.

– Assim você vai partir meu coração, Nicole Manzini.

E, súbito, ela lembrou. Como poderia esquecer?

– Logo vou ser Nicole Strauss – sorriu.

Foi até ele e abraçou-o. Augusto terminava de dispor os talheres.

– Precisa de ajuda?

– Não; descanse. Eles vão chegar daqui a meia hora. Então você vai ter trabalho suficiente.

Na tevê, um ator arregalava muito os olhos para outro, cujo personagem fora ludibriado por uma criança de 6 anos. O público desfazia-se em gargalhadas. Ela riu também. Estava tranquila – apesar da brincadeira de Augusto, os jantares

com a família Strauss nunca eram problemáticos. Bastava conhecer pequenas manias de alguns parentes, e tudo ficava bem. Sempre a trataram como uma filha, desde que fora apresentada a eles, logo no início do namoro. Três dias atrás, ao fazer o grande anúncio, o casal foi soterrado com cestas de café da manhã, pacotes turísticos, ofertas para custear as festividades. Mas ambos preferiram um pequeno jantar em família, pelo menos por enquanto.

Nicole olhou a aliança de ouro na mão direita. Quando chegasse o dia do casamento, não haveria jantar íntimo. Em Santo Ossário ou em Paris, a festa contaria com centenas de convidados, seria noticiada em colunas sociais, ganharia páginas de revistas de fofocas.

Era uma boa vida. Mesmo que tentasse, não acharia nada do que reclamar.

Voltou a Augusto e beijou-o de novo.



– Onde vão passar a lua de mel? – perguntou Wilhelm Strauss, limpando a boca num guardanapo de pano.

– Pensei nas ilhas gregas – disse Augusto. – Mas Nicole quer algo mais exótico.

– Por que não Fiji? – sugeriu alguém.

Todos tinham opiniões. Nova York ou Dubai eram bons lugares para compras, mas podia-se visitá-los a qualquer momento. Mônaco era atraente, mas um pouco batido.

Mauren Strauss pareceu notar que Nicole estava perdida no fogo cruzado. Chamou-lhe a atenção com perguntas sobre vestidos de noiva.

– Você não quer usar meu estilista? Podemos ir a Milão juntas, fugir um pouco dos rapazes.

Nicole sorriu e agradeceu.

– Se me permitem – disse Emanuel Montague –, tive uma ideia.

Todos se voltaram para ele.

– Já que temos dois casais prestes a unir-se – continuou –, por que não fazer uma só cerimônia? Uma única grande festa?

Entusiasmo instantâneo. Emanuel Montague e Mauren Strauss casando-se na mesma cerimônia que Augusto Strauss e Nicole Manzini. Duas pessoas sendo acolhidas pela família. Seria um evento lindo, chegaria às capas das revistas. Emanuel seguiu, mostrando num tablet as ilhas particulares que poderiam alugar para a festividade.

– O que você acha, meu bem? – disse Augusto, segurando a mão de Nicole.

– Parece maravilhoso.

– Não quero me intrometer na vida de vocês. – Emanuel deu de ombros, num gesto humilde e educado. – Não tenham vergonha de dizer não.

– Imagine, é uma ótima ideia – ela falou, incentivando-o.

Emanuel era simpático, inteligente, bonito. Sabia deixar todos à vontade. Nicole nem pensou no que estava dizendo antes de reconfortá-lo sobre o brilhantismo da ideia. Era o correto a dizer. Não havia outra resposta nem desejo de que houvesse. Tudo corria bem, como se cada pessoa à mesa lesse um roteiro. Cada piada parecia receber uma gargalhada de uma claque invisível. Cada gesto de gentileza era recompensando por uma exclamação de ternura vinda de lugar nenhum. Como se câmeras estivessem filmando aquele momento perfeito daquela gente perfeita. Nicole fazia parte deles agora. Sabia o que falar e quando. Sabia quais talheres usar e quais roupas vestir. Ninguém interpretava mal um comentário, ninguém era interrompido, ninguém deixava de escutar o que o outro dizia. A conversa, a comida e a noite encadeavam-se uma na outra, em um todo impecável.

Seria impossível reclamar daquela vida.

Súbito, Nicole notou olhares furtivos em sua direção. Augusto controlou um risinho e logo virou o rosto.

– O que foi?

– Nada.

A conversa seguiu. Mas, então, mais olhadelas conspiratórias.

– O que foi, Augusto?

– Nada. Não fiz nada.

Ela franziu o cenho, mas tudo estava bem.

– Bem, Nicole – disse Emanuel, por fim –, queremos que você saiba que nunca precisa ficar constrangida entre nós.

– É claro que não. Não se preocupem.

– Sei que deve ter pensado em um problema com seu casamento. Quem irá conduzi-la até o altar?

Nicole ficou vermelha.

– Pensei que...

– Eu pedi para levá-la – disse Wilhelm Strauss, membro da velha guarda da família. – Seria uma honra. Mas não será necessário.

Todos olhavam para ela e sorriam.

A campainha tocou.

– Eu atendo! – Augusto pulou da cadeira.

Antes que ela pudesse falar qualquer coisa, a porta foi aberta.

Lá estava Salomão Manzini, com um buquê de flores.



Nicole ficou paralisada.

Os Strauss ergueram-se, cumprimentaram Salomão. Ao ver a reação da garota, uma das mulheres da família tomou o buquê e começou a procurar um vaso.

– Este é meu presente de noivado para você, meu amor – disse Augusto, ajoelhando-se ao lado da cadeira de Nicole. – Seremos uma família completa. Seu pai recebeu alta.

Salomão sorria, mas as lágrimas caíam livres pelas bochechas. A barba estava feita, o cabelo estava cortado e penteado. Vestia um terno alinhado e postava-se de pé, como se esperasse a permissão da dona da casa.

– Minha filha – ele começou. – Hoje vejo meus erros. Sei que um pedido de desculpas nunca será suficiente, mas mesmo assim estou aqui para implorar perdão. E nada me deixaria mais feliz do que conduzi-la ao altar no maior dia de sua vida.

Todos olhavam para ela com expectativa.

Nicole levantou-se, foi até ele e ficou na ponta dos pés para beijá-lo no rosto.

Pai e filha se abraçaram forte, sob os aplausos dos Strauss. As mulheres choravam abertamente, os homens disfarçavam a comoção.

– É claro, papai. Eu perdoo você. Estou tão feliz.

– Obrigado, minha filha, obrigado. Você não sabe o quanto eu te amo.

– Eu sei. Eu sei.

Quando finalmente pai e filha se desgrudaram, Nicole apressou-se em cuidar da maquiagem, antes que fosse arruinada pelas lágrimas torrenciais. Augusto Strauss apertou a mão do futuro sogro e abraçou-o. Emanuel Montague segurou-lhe forte o ombro, enquanto dava-lhe os parabéns por Nicole.

– Como isso aconteceu? – perguntou ela.

– Nós já sabíamos há algum tempo, mas quisemos fazer uma surpresa – disse Augusto. – Desculpe.

– Não precisa se desculpar. Foi a melhor surpresa da minha vida.

– Estou bem, Nicole – disse Salomão. – Vejo o mundo com clareza. Os médicos me ajudaram, e felizmente consegui superar minhas dificuldades. Nunca mais vai acontecer qualquer coisa ruim com a gente.

– Precisamos convidar os médicos do Ulisses Lombroso para a cerimônia! – disse um Strauss.

– É claro – Mauren sacou um celular e começou a fazer anotações. – Vamos atualizar a lista, organizar os convites...

Durante o resto da noite, a conversa variou entre a felicidade da família reunida e assuntos triviais (programas de tevê, ações, clima, política, roupas, penteados). Tudo como manda o figurino.

Foi uma noite perfeita. Uma vida perfeita.

No momento apropriado, todos alegaram motivos para ir embora. O último a se despedir foi Salomão, que se demorou em mais um abraço na filha.

Então Nicole e Augusto ficaram sozinhos.

– E então? – falou ele.

– Nunca pensei que pudesse ser tão feliz.



– Há quanto tempo estamos juntos? – disse Nicole, deitada na cama.

Augusto fingiu estar magoado.

– Geralmente são os homens que esquecem essas datas!

– Falo sério. Há quanto tempo?

– Três meses e meio, meu bem.

Haviam sido cem dias de turbilhão. O encontro fortuito em um café, a conversa casual, o dia em que passaram juntos. A primeira transa, quase clandestina. Uma semana depois, ela já fora apresentada à família, e em seguida viajavam para os Estados Unidos. Ela recusara-se a mencionar que trabalhava na Strauss, mas pelos próprios méritos ascendeu, chegando à posição atual enquanto o namoro se solidificava. Passaram a morar juntos quando completaram dois meses de relacionamento, e então decidiram se casar. O jantar de noivado foi o ponto culminante daquele tempo de êxtase, quando tudo dava certo.

– Por que pergunta? – disse Augusto.

– Por nada. Tive um sonho esquisito.

– O que era?

– Bobagem. Esqueça. Mas hoje de manhã fiquei confusa. Parecia que o sonho tinha sido mais longo do que o tempo que nos conhecemos.

– Eu tenho a impressão de conhecê-la desde que nasci. – Ele espichou-se e a beijou.

Ficaram trocando amenidades e apelidos íntimos.

– Quase ia esquecendo – disse Augusto.

Abriu a gaveta do criado-mudo, puxou o frasco de comprimidos. Abriu-o, pegou um para si e outro para a noiva.

– Quer que eu busque um copo d'água?

– Não precisa.

Nicole pegou seu comprimido e olhou-o como se fosse uma coisa de outro mundo.

– O que foi?

– Nada. Não sei. Só que... Para que tomamos isso, mesmo?

– Estresse.

Os comprimidos eram minúsculos. Não era preciso nenhum líquido para ajudá-la a engoli-los. Augusto já tomara o seu. Ficou olhando ela hesitar sem razão aparente.

– Você está bem, Nicole?

– Parece... Parece que não lembro direito de certas coisas.

– Deve ser o nervosismo. Com o casamento e tudo mais.

– É. Deve ser. Mas não lembro desta rotina. De tomar comprimidos antes de dormir.

Ele fez uma expressão cômica.

– Claro que não, sua boba! Até ontem você tomava no trabalho.

Ela pensou um segundo.

– Claro. *Claro.* Como pude esquecer?

Nicole costumava tomar os comprimidos no final do expediente, assim como todos os colegas. Mas, tornando-se noiva de Augusto, sua cota passara a fazer parte daquela reservada à família Strauss. Por questões burocráticas ligadas à separação da companhia e dos bens pessoais dos Strauss, era mais fácil consumir a medicação destinada à casa, não ao escritório.

Ela sabia disso. Era evidente. Por que esquecera?

Jogou o comprimido na boca e engoliu-o sem dificuldade.

Recostou-se no peito do noivo, recebendo beijos nos cabelos e carícias nos ombros. Então se lembrou de outra coisa que precisava dizer. Devia estar mesmo afetada pelo nervosismo, pois esquecer aquilo era absurdo.

– Augusto.

Ele murmurou algo, perdido nos fios negros do cabelo dela.

– Eu... Estou atrasada há dois meses.

Augusto ergueu a cabeça.

– Estou grávida.



– Você precisa acreditar! – Abel choramingou.

Velma, a dona da lanchonete, não moveu um único músculo do rosto. O cozinheiro fantasiado de astro do rock aproximou-se, limpando as mãos no avental.

– Estamos fechados, Abel.

– Por favor, me ajude. Consegui fugir, mas eles estão atrás de mim.

– “Eles”? – Velma ergueu uma sobrancelha.

– A polícia! E também a Gladius. Estão atrás de mim, não tenho para onde fugir.

O nome Gladius passara a fazer parte do cotidiano de Santo Ossário. A firma de segurança particular era vista a todo o momento. O toque de recolher e a medicação eram responsabilidade dos agentes.

O cozinheiro saiu de trás do balcão, pronto para jogar Abel na rua, mas Velma deteve-o.

Abel Montague fora pego no interior de um prédio da Strauss, espreitando seu irmão. Entrara ilegalmente, driblando a segurança – mas seus chamativos mantos de elfo não permitiram que ficasse muito tempo oculto. Fugira, mas agora era procurado, culpado de invasão e suspeito de roubo.

– E você estava no tal prédio? – disse Velma.

Abel fez que sim.

– Por quê? – ela estreitou os olhos.

– Fui atrás de Emanuel. Ele tem algo a ver com as pessoas que andam desaparecendo. Acho que está coletando seus cadáveres. Não sei o que planeja, mas é algo maligno. Tenho certeza.

– O que estava fazendo na Strauss, Abel?

– Já disse! Por que não acredita em mim?

Ela suspirou.

– E agora a polícia está atrás de você?

Ele assentiu.

– Disseram que arrombei uma porta, me acusaram de roubo, mas é mentira.

– Você tinha permissão para entrar lá?

– Bem, não. Entrei escondido.

– Entregue-se.

Ele começou a tremer.

– Acham que roubei documentos. Que...

– E fez isso?

– Não!

Silêncio.

– Até acredito – disse Velma. – Mas você não devia ter entrado lá, Abel.

Ele continuou a implorar. Tentou agarrar os ombros de Velma, mas então o cozinheiro interveio. Segurou Abel pela roupa.

– Espere! – disse a dona da lanchonete. – Saia pela porta dos fundos. Vá para casa, Abel.

– Não posso. Já devem estar me esperando.

– Então faça o que quiser. Não vou entregá-lo, mas essa é toda a ajuda que pode esperar de mim.

Abel aceitou a clemência. Saiu correndo em direção à área restrita aos funcionários em busca da saída dos fundos. Sabia que seria caçado, não podia esperar justiça ou imparcialidade. Ele desapareceria, como todos os outros, e ninguém faria nada a respeito.

Pessoas inocentes estavam desaparecendo em Santo Ossário, sem repercussões. Emanuel tinha interesse em seus cadáveres. O que aconteceria com alguém que todos *sabiam* ser um criminoso?



Nicole não conseguia mais lembrar a última vez em que estivera na rua. Não no trabalho, ou dentro do carro, ou na casa de algum Strauss.

Na rua. Sob o sol.

– Por que caminhar nesse frio se temos calefação? – era o que Augusto sempre dizia.

Já há uma semana (ou mais? Ou menos?) ela vivia confinada entre quatro paredes. Quase todos os rostos vinham acompanhados de um crachá com o S sobre um ovoide, o logotipo da Strauss. As únicas exceções eram clientes do supermercado, garçons, entregadores de comida e os próprios membros da família.

Naquele dia não foi diferente. Às quatro da tarde ela recebeu uma mensagem de texto de Augusto, informando que jantariam com Emanuel e Mauren. Assim, Nicole foi do estacionamento para a garagem do prédio, da garagem para o apartamento, e depois para o restaurante. O outro casal já estava aguardando.

Pediram champanhe, mas Nicole deteve o garçom, dizendo que tomaria suco de laranja.

– Não me diga que... – Mauren deixou a frase no ar, um sorriso enorme no rosto.

Nicole ficou olhando para ela, como se não soubesse o que dizer.

– Querida! – Augusto repreendeu-a com bom humor. – Não torture minha prima desta forma.

Nicole piscou. O garçom chegou com as bebidas. Por que ela tinha pedido algo diferente? O que Mauren Strauss queria que ela dissesse?

– Ah, é – Nicole lembrou-se. – Estou grávida.

– Um brinde! – Emanuel ergueu a taça.

Eles brindaram. Nicole sentia-se como em um sonho. Estava grávida, mas não parecia grande coisa. Não conseguia entender por que seria grande coisa. Súbito, deu-se conta de que era uma mudança radical, para o resto da vida, e correu-lhe um frio pelo corpo todo. Mas logo esqueceu a razão de tanta ansiedade. Mauren estava falando algo.

– E então?

– Desculpe, não peguei a última parte.

– O que é mais estranho? Dizem que o corpo da gente muda logo no começo. É verdade?

– O mais estranho – disse Nicole, em voz neutra – é que em uma semana já tenho dois meses de gravidez. Não entendo.

A mesa calou-se.

– Você está bem? – disse Augusto, segurando a mão dela.

– Claro.

– Por que falou isso?

Não lembrava mais o que havia dito. O noivo relembrou: por que dissera que só havia se passado uma semana, quando já fazia dois meses? O que aquilo significava?

– Desculpe, estou confusa – Nicole balançou a cabeça. – É que tive um sonho esquisito um dia desses.

Eles seguiram falando, mas vez por outra havia um olhar consternado. Enquanto isso, o garçom contava com toda a atenção de Nicole. Ela ficou examinando sua fisionomia, seu modo de andar.

– O garçom – falou, por fim. – Estava no supermercado ontem.

Ninguém soube o que responder.

– Não é estranho? – a garota insistiu.

– Na verdade, não – disse Augusto. – Por que seria?

E o casal em outra mesa estivera no estacionamento do escritório, dois dias antes.

Nicole olhou em volta. *Todos* os rostos pareciam conhecidos.

– Você está bem? – repetiu Augusto.

Nicole levantou-se. Foi até a mesa mais distante e tocou no ombro da senhora de meia-idade que terminava de engolir uma garfada de qualquer coisa.

– Vocês estavam no estacionamento de um escritório esta semana?

– Perdão?

Augusto puxou-a com delicadeza, desculpou-se. Emanuel pediu a conta.

Quando Nicole percebeu, já estava no carro, voltando para casa.

– Faz tempo que não vejo certas pessoas – ela falou.

Thales Veracruz, o agente imobiliário e juiz de paz. Velma, a dona da lanchonete. Tantos outros. Os rostos conhecidos de Santo Ossário pareciam ter sumido.

– Por que escolhemos aquele restaurante?

– Porque é novo, meu bem. Queríamos experimentar.

O restaurante era novo. O escritório era novo. O prédio onde moravam era novo. As pessoas eram novas.

E se repetiam.

Ela sentia algo estranho, como saudade de alguém que não conhecia.

Quando notou, já estava no quarto, deitada. Augusto Strauss oferecia dois comprimidos.

– O que são esses?

– Um é o remédio que todos tomamos. Outro é para ajudá-la a dormir. Estou preocupado, você está muito agitada.

Ela tivera problemas para dormir antes, porque estava tensa. Felix não; Felix dormia em qualquer situação. E Astarte não precisava dormir.

Quem eram aqueles?

– Quem é Astarte? – disse Nicole.

– Descanse, meu amor.

Ela engoliu os comprimidos.



– Não podem matá-lo – rosnou Emanuel. – Em hipótese alguma.

– Sim, senhor.

O capitão da Gladius bateu-lhe continência sobre o rosto cadavérico. Os mercenários estavam se equipando para o ataque, para uma missão muito maior do que capturar Abel Montague. Alguns agentes ficariam na cidade, mas quase não teriam tempo de caçá-lo; era preciso manter a segurança.

Seria tudo muito mais fácil se Abel pudesse morrer. Mas sempre havia regras.

A Rainha queria-o vivo, por alguma razão.

– E a garota? – perguntou o capitão mercenário.

– Esqueçam-na. Eu cuido dela.

Emanuel foi até a sala de vigilância. Lá encontrou Salomão Manzini, que observava a filha dormir em três monitores.

– Veja só – disse Salomão. – Veja a princesa que eu mesmo fiz.

Sempre havia regras. Ignorar a história e os sinais da Rainha levava ao fracasso. O implante de Nicole apontara a localização provável de Astarte. Depois, a garota surgira espontaneamente. Sincronia muito significativa para não fazer parte do plano.

Salomão criou uma filha que ecoava a história de Sibille Strauss, e ele mesmo jamais conhecera a mulher de Leonhard. Emanuel sabia que a garota teria importância. Mantê-la por perto era mais uma tarefa entre centenas, mas ignorar os sinais seria desrespeitoso.

Todos os atores enviavam relatórios diários, e revisá-los em busca de quaisquer falhas também recaía sobre seus ombros. O incidente no restaurante provava que mais elenco devia ser contratado – mesmo com os comprimidos, Nicole começava a notar os rostos que se repetiam em mais de um papel. Começava a perceber que a vida tornara-se restrita a meia dúzia de ambientes fechados e controlados. Emanuel fez surgir os relatórios num laptop e usou o celular para ordenar novas contratações.

Então se juntou a Salomão, vigiando o sono inquieto da Princesa das Conspirações.

Que dormia em meio à maior conspiração de todas.

Capítulo 26
Anestesia

ELA SENTIU OS DEDOS LONGOS de Astarte entrelaçarem-se com os seus, e algo não fazia sentido.

Mas Nicole não sabia o que era.

O elfo fechou a mão mesclada à dela, e assim caminharam por Santo Ossário.

Astarte vestia as roupas desencontradas que Felix comprara na beira da estrada, assim que os dois haviam se conhecido. De alguma forma, mesmo no agasalho barato, mesmo com os tênis de lona, ele parecia digno. O passo dos dois estava em cadência perfeita, acompanhavam um ao outro sem notar e sem praticar. Afinal, era a primeira vez em que passeavam.

Algo não fazia sentido.

A noite de Santo Ossário estava iluminada pelos anúncios do Festival de Cinema. Os filmes eram exibidos em todos os espaços disponíveis, os turistas e cidadãos preenchiam as ruas – rindo, conversando, tirando fotos. Nicole e Astarte misturavam-se à multidão. Ninguém estranhava o porte altivo, os longos cabelos dourados ou as orelhas pontudas do elfo. Ninguém reconhecia-a.

Eles estavam apenas de mãos dadas, cruzando as ruas da cidade sob o Festival de Cinema, repletos de felicidade anônima.

– O que você quer ver? – disse Astarte.

Haviam ficado um longo tempo em silêncio. Um silêncio confortável, de quem não precisa esconder o vazio do mundo. Naquele momento, conversa seria uma armadura, e nenhum dos dois importava-se em estar vulnerável.

– Já vi mais filmes do que consigo contar – a garota sorriu. – Você é o forasteiro de outro mundo. Escolha.

Os cartazes coloridos tentavam atrair o público das mais diversas formas. Prometiam histórias românticas em que todos os problemas eram circunstanciais. Tramas em que pessoas com expressões sérias puniam malfeitores. Reflexões intimistas sobre o cotidiano em países distantes.

– São opções demais – disse Astarte, vendo as filas organizando-se sozinhas. –

Prefiro que você decida.

– Na Terra, dizem que são as mulheres que costumam fazer isso.

Astarte não entendeu, ela riu e apertou mais forte sua mão. Assim, trocando piadas, comentários, amenidades e silêncio íntimo, eles passeavam.

Por fim, Nicole dirigiu-se a um parque onde uma comédia seria exibida a céu aberto. Mesmo com a entrada gratuita, o público era pequeno. As pessoas acomodavam-se em cobertores ou toalhas sobre a relva. Nicole e Astarte não tinham nenhum desses luxos, então se contentaram em sentar sobre a grama úmida.

A projeção começou. A cópia tinha arranhões e a imagem estava desfocada.

Péssimos atores travavam um diálogo que soava falso. Afetavam emoções muito exageradas numa história ao mesmo tempo implausível e previsível.

– *Este* é um bom filme? – disse Astarte.

– Não. Na verdade, é uma droga.

Pausa.

– Mas filmes ruins são os melhores para assistir deste jeito.

Ele sorriu, chegou mais perto. A noite de Santo Ossário era fria; ele envolveu-lhe as costas com o braço direito e enfiou a mão gelada no bolso do casaco soviético. Nicole pousou a própria mão sobre a do elfo.

Aos poucos, ela deixou a tensão esvair-se do corpo. Astarte sentiu isso, e puxou-a para si. Ela se encostou nele, até repousar a cabeça em seu ombro. E assim ficaram, desfrutando da companhia e divertindo-se com a falha cinematográfica a que eram apresentados.

Mas algo não fazia sentido.

Na metade da projeção, boa parte do público foi embora, decepcionada. Antes que os dois percebessem, o filme acabou. Enquanto os remanescentes levantavam-se e saíam, Nicole e Astarte ficaram um pouco mais olhando a tela escura, sem desejar mexer demais naquele momento. Enfim ergueram-se.

Ele enlaçou sua cintura quando começaram a caminhar pelo parque.

– E o toque de recolher? – disse Nicole, de repente.

– Não pense nisso.

– Como essas pessoas estão na rua tão tarde?

– Não pense nisso, Nicole – Astarte adquiria um tom mais urgente, tenso.

– Eu mesma posso sair porque sempre estou com Augusto...

Estacou.

– Não pense nisso!

– Eu não sei sobre o toque de recolher – disse Nicole, em voz embotada. –

Como falei essas coisas? Como estou com você, se sou noiva de Augusto Strauss?

– Nós estamos aqui. É tudo que importa.

– O Festival de Cinema ainda não começou.

Algo não fazia sentido.

Nada fazia sentido.

– Eu não conheço você, Astarte.

Ouvindo aquilo, Astarte sentiu um vazio no peito. A reação imediata foi negação. Segurou-a pelos ombros. Fez com que se virasse, para olhar em seus olhos.

– *Conhece*. Não esqueça.

Nicole estava começando a compreender.

– Isto não está acontecendo – disse a garota.

– Fique comigo, Nicole. Não vá embora.

– Isto ainda não pode ter acontecido. O festival não começou.

– Nós sabemos que o tempo não significa muita coisa.

Nicole chegou mais perto, ergueu os braços para enlaçar seu pescoço. Ficou na ponta dos pés para aproximar-se de seu rosto.

– Estou sonhando?

– Está – disse o elfo. – Eu também.

– Como?

– Não importa.

Eles permaneceram assim, muito próximos. Mas parados. Hesitando.

– Tenho medo – sussurrou Astarte.

– Medo de quê?

Ele não respondeu, mas ela sabia, porque temia a mesma coisa. Medo de que, ousando um beijo, acabariam com a ilusão.

E despertariam.

– Eu estava sentindo falta de você – disse Astarte.

– Se o tempo não importa – Nicole falou baixo –, não há por que sentir falta.

Chegaram ainda mais perto. Sentiam o calor do rosto um do outro. O mundo ao redor era vago, tênue. Não fazia sentido, não podia existir. Se prestassem muita atenção, tudo iria se revelar como falso.

– Por que você esperou tanto, Astarte? Por que não falou nada quando estávamos juntos?

Não havia resposta.

– Pelo menos posso falar agora – ele tinha a voz engasgada. – Não esqueça,

Nicole. Não esqueça que...

– Eu sei. Não vou esquecer.

Tudo quieto, um nos braços do outro.

– Estou começando a sentir que não é real – disse Nicole, relutante. – É melhor...

Com dor quase física, ele se afastou. Ao deixar de tocar nela, deparou-se com o frio do resto do mundo.

Ela enfiou as mãos nos bolsos do casaco.

Olharam-se – muito próximos, e separados por uma realidade inteira.

Astarte decidiu fazer outra coisa – qualquer coisa. Sem saber o quê, recorreu ao que lhe era conhecido. Abaixou-se e procurou algumas flores que nasciam sem padrão, nos arrabaldes do parque.

– O arranjo floral élfico – disse – explica o que vocês chamam de "saudade".

Ele arranjou as flores sem nem mesmo olhar para elas. Era uma junção aparentemente aleatória, mas parecia perfeita.

– Se deixar o mundo fluir por você, ele revelará o arranjo mais perfeito. Se relutar contra o mundo, nunca conseguirá chegar ao melhor resultado.

– Saudade é relutar contra o mundo – Nicole concluiu.

– Acho que sim. Não é um conceito élfico.

– Mas você disse que sentiu minha falta.

Ele não respondeu.

– Não quero relutar agora, Nicole – disse, por fim. – Isto ainda não aconteceu, e provavelmente nunca acontecerá. Mas não importa, o tempo não existe.

– O que existe, então?

– Isto – fez um gesto que englobava o parque, o momento, aquela eternidade instantânea.

– Eu não quero *só* isto.

Astarte caminhou para ela de novo.

– Eu só quero ver um péssimo filme com você.

Os rostos se aproximaram.

Aquilo ameaçava a fragilidade do mundo onde estavam. Mas não importava – mesmo fugaz, era o que os dois queriam. E relutar contra o mundo era inútil.

Os lábios se tocaram.

Então o toque se aprofundou num beijo que os uniu por um tempo infinito, fora do tempo. Astarte baixou um pouco a cabeça, e seus cabelos caíram sobre o rosto de Nicole. Eles riram e afastaram-nos. Os óculos da garota ficaram tortos. Astarte maravilhou-se com o gesto de ajustá-los.

Então, sem sentir, foram descendo à relva, juntos. Nicole tirou o casaco e estendeu-o no chão, como um cobertor.

– Você vai ficar com frio – disse Astarte, enquanto se deitavam.

– Não.

E ela não sentiu frio nos braços dele.

Até acordar no apartamento.



De novo, o sonho estranho. Piscou duas vezes e já mal conseguia lembrar.

O casamento ainda estava longe. Ocorreria depois do Festival de Cinema – Emanuel era firme ao dizer que não podiam se ausentar de Santo Ossário antes. Nicole sentia uma vaga inquietação no fundo da mente, uma impressão de que deveria investigar detalhes sobre as ordens de Montague.

Mas não havia razão. Então ela simplesmente descartava esses pensamentos e seguia em frente, naquela rotina perfeita.

Mas, mesmo com a data ainda distante, ela sentia necessidade de fazer algo. Aprontar qualquer coisa, adiantar alguma das inúmeras tarefas que com certeza viriam com uma cerimônia tão grande. Garantiam-lhe que haveria funcionários para cuidar de tudo; desde o cardápio da recepção até a pré-seleção dos vestidos. Mas não parecia fazer sentido que fosse só aquilo. Que estar noiva de Augusto Strauss, grávida e prestes a embarcar em uma vida de luxo não mudasse seu cotidiano.

Então, às 3h, Nicole resolveu arrumar um closet.

Estava sem sono. Isso era raro; ela sempre dormia bem, embora vez por outra tivesse aqueles sonhos esquisitos. Naquela noite, cochilara no máximo meia hora, antes de ser despertada pela sensação de que deveria estar em outro lugar. Levantou-se e começou a observar uma coisa e outra no quarto, na sala, no banheiro. Augusto ressonava de leve. Ela deteve-se na foto dos dois em Nova York, a primeira viagem juntos. Estranho, não tinha muitas recordações daqueles dias mágicos. Sabia o que haviam feito (os pontos turísticos, as compras, o metrô noturno), mas as lembranças eram etéreas, vagas. Os episódios daquela viagem eram sempre relembrados nas reuniões familiares, e a cada vez ficavam mais sólidos. Mas ainda havia a sensação de que tudo acontecera com outra pessoa.

Loucuras. Bobagens. Deixou os devaneios de lado e começou a arrumar o closet – isso sim era algo útil.

Inspecionou cada vestido. Guardou muitos pares de sapatos nas respectivas

caixas e nichos. Todas as blusas, os tailleurs. No fundo, roupas mais antigas e confortáveis: camisetas, calças jeans, tênis. Ela estranhou alguns itens, sem lembrar da última vez em que os usara. Então encontrou o velho casaco, que comprou em um brechó quando ainda estava estudando na Europa.

Tinha a impressão de ter jogado aquilo fora. Ele encontrava-se em estado lastimável e, embora trouxesse memórias da vida de estudante, não era mais necessário. Assim como o resto da indumentária daquela fase da vida, fazia tanto tempo desde que fora usado... Mas também parecia próximo, confortável, familiar.

Estranho: tinha *certeza* de que havia jogado-o fora.

Retirou-o do cabide e sentiu sua textura áspera. Enfiou a mão nos bolsos. Em um deles parecia haver algo grande, um papel ou tecido dobrado. No outro, uma embalagem qualquer, amassada. Retirou a embalagem para jogá-la no lixo, antes de investigar a coisa dobrada.

Era um papel de chocolate.

Sob a única lâmpada do closet, examinou aquilo, como se fosse algo interessante. Riu de si mesma; por que estaria tão fascinada com uma embalagem de chocolate?

Astarte comeu aquele chocolate.

O pensamento invadiu-a sem aviso. O que significava? Quem era Astarte? E por que diabos ela teria guardado no bolso a embalagem do chocolate comido por alguém com um nome tão exótico?

Devia ser algum colega da universidade. Afinal, havia meses que ela nem tocava naqueles bolsos.

Mas outra coisa saltou-lhe aos olhos.

A data de fabricação.

– Deve ser um erro – disse para si mesma.

O chocolate foi embalado há pouco mais de dois meses. Quando ela e Augusto já estavam juntos. Quando já havia aposentado aquele casaco.

Sem saber bem por que, Nicole guardou a embalagem de volta no bolso. Começou a fazer contas, tentando localizar no tempo aquele chocolate perdido. Era difícil – para começar, não tinha certeza sobre a data atual. Voltou ao quarto, começou a abrir gavetas. Augusto nem se mexia na cama. Revirou papéis e achou o passaporte. As datas estavam lá, todas certas: a volta ao Brasil, a viagem a Nova York.

Mas, de novo, algo não se encaixava.

O clima.

Quando chegara da Europa, sentira calor sufocante. Mas então por que usava o casaco?

Nada fazia sentido; era como se aqueles últimos meses, com todos os eventos e transformações, estivessem compactados em poucos dias ou semanas. Voltou ao closet, ao casaco, ao chocolate.

Astarte comeu aquele chocolate.

Quem era Astarte? E por que o fato de ele ter comido uma barra de chocolate era tão importante?

E as datas não faziam sentido. Ela e Augusto estavam juntos há três meses e meio. Mas o que ela havia feito antes disso? Como era sua vida? Como se sustentava antes de conseguir o emprego na Strauss S.A.?

Felix queria pagar tudo, mas eu recusei.

Quem era Felix?

Pegou papel e caneta para tentar elaborar uma linha do tempo. A viagem da Europa para o Brasil. A vinda a Santo Ossário – nisso, o primeiro furo. Como havia chegado à cidade?

Num carro alugado, é claro. Mas onde estava esse carro? Ela devolvera-o para a agência? Não lembrava qual.

Havia duas agências de locação de automóveis na cidade. Era quase impossível que estivessem abertas de madrugada, mas ela tentou mesmo assim. Pegou o telefone e teclou os números. Para sua surpresa, foi atendida. Perguntou se havia registro de um automóvel sendo entregue por Nicole Manzini na época estimada – e a moça do outro lado da linha garantiu que sim.

Estava explicado. Nicole agradeceu e desligou.

Não se lembrava de nada daquilo.

Outra estranheza: a voz da pessoa com quem acabara de falar.

Era muito parecida com a voz da caixa do supermercado.

E com a de uma operadora de telemarketing que ligara alguns dias antes.

As datas ainda não faziam sentido. Ela puxou o celular e começou a rastrear os próprios passos numa rede social. Estava tudo lá: as fotos da viagem a Nova York, os comentários da família Strauss. As atualizações de quando ela voltara a Santo Ossário. Até mesmo a explicação sobre o clima: uma onda de frio fora de época assolara a cidade, forçando-a a usar o casaco.

Tudo explicado.

Prestes a desligar o aparelho, notou algo estranho em uma fotografia: em pleno Empire State Building, o manobrista do restaurante.

Não havia como se enganar – ela e Augusto estavam em primeiro plano, mas

aquele homem também aparecia na foto. Ela começou a rever freneticamente cada imagem, e encontrou mais dois rostos repetidos.

Seu coração batia forte. As pernas estavam bambas quando ela voltou ao closet. Enfiou a mão no bolso do casaco, retirou a inexplicável embalagem de chocolate.

Notou que o casaco estava manchado. Lama endurecida. Uma velha calça jeans também se encontrava imunda, como se ela tivesse andado pelo mato vestindo ambos e houvesse se esquecido de lavá-los.

E qual era a explicação para aquele chocolate?

Astarte comeu aquele chocolate.

Um nome exótico. Não se encaixava no Brasil ou na Europa. Ninguém que ela conhecia poderia se chamar Astarte. Era o nome de uma deusa antiga.

E de um elfo.

– Elfo? – ela disse, para si mesma.

Astarte comeu toda a barra. A humanidade é como chocolate.

E então tudo voltou, numa enxurrada.



Emanuel teclou o número de emergência, foi atendido por um sargento da Gladius.

– Mande dois agentes para o apartamento de Nicole e Augusto. Ela precisa ser contida.



O horror tomou conta de Nicole. Ela perdeu o controle dos joelhos, e teve de agarrar-se a uma prateleira, que veio abaixo. Sapatos e cabides despencaram. Mas Augusto não acordou.

Horror: estava noiva de Augusto Strauss.

De alguma forma, tinha sido convencida de que haviam se passado mais de três meses, durante os quais os dois haviam estado juntos. Ela tivera intimidade plena com aquele estranho.

Estaria mesmo grávida dele?

O pensamento pareceu drenar-lhe todo o sangue. Repetiu a si mesma que era impossível; não havia passado tanto tempo.

Preciso fugir. Preciso fugir.

Começou a olhar em volta, para cima. Procurou nas quinas, nos cantos. Por fim, achou ter visto um minúsculo reflexo. Como suspeitava, devia ser uma câmera. Estava sendo vigiada.

Saiu do closet, tentando não demonstrar o que percebera. Vasculhou o quarto da forma mais discreta possível, achou ver outra lente. Deviam estar por toda parte.

Era impossível fugir. Estava sendo observada. Conheciam cada passo seu. Ela não era uma guerreira élfica, como Astarte. Não treinara com soldados de elite, como Felix. Não podia escapar daquele tipo de prisão.

Augusto continuava dormindo.

Rilhando os dentes, Nicole tentou pensar em alguma vantagem, qualquer coisa que lhe desse uma chance de superar a situação.

Na sala, na cozinha, no banheiro – câmeras.

Então, um lampejo.

Nicole sabia que podia contar com uma coisa: o bizarro ao seu redor. Ela era o ímã das lendas urbanas. Encontrou maníacos com mão de gancho, conheceu pessoas cujos rins haviam sido roubados por traficantes de órgãos. Já perdera uma amiga para um ser sobrenatural que aparecia no espelho quando seu nome era repetido três vezes. Fosse presente de Salomão, dos médicos esqueletos, dos elfos ou de todos esses, o impossível acontecia com ela. As lendas urbanas manifestavam-se em sua vida.

Há alguns anos, foi vítima de uma das mais inofensivas: postes de luz apagavam-se quando ela passava por eles. Era uma das lendas urbanas mais tolas. Algumas pessoas são ingênuas ao ponto de acreditarem que, caso aconteça alguma coisa de estranho com uma lâmpada no momento em que estiverem passando por ela, isso quer dizer que seus corpos possuem estranhas propriedades eletromagnéticas.

Contudo, alguns anos atrás, Nicole observou durante dois meses e anotou: mais de três quartos dos postes de iluminação pública deixavam de funcionar quando ela passava. Não era uma coincidência simplória, mas um padrão irritante. Assim como os crédulos que engoliam aquele mito, ela tentou controlar este estranho “poder” – passou a concentrar-se para queimar as lâmpadas voluntariamente. Por um tempo, deu certo. Depois a capacidade desvaneceu-se.

Como se nunca tivesse existido, o que era a explicação mais provável.

Nicole andou até a porta da frente do apartamento. Então fechou os olhos e respirou fundo. Começou a caminhar devagar, atravessando cada cômodo, pensando na época em que podia interferir na eletricidade. Passou pela cozinha,

pelo banheiro, pelas dependências de empregada. Não podia saber se ainda tinha aquele poder. Por último, o quarto. Entrou pé ante pé, fechando os olhos de novo.

E a luz do closet apagou-se.

Era a melhor alternativa. Nada indicava que câmeras fossem afetadas como as lâmpadas – ou que o mal funcionamento não fosse uma coincidência. Mas não ousou testar nenhum interruptor. Agarrou aquela esperança e agiu.

Correu para o closet, trocou de roupa. Vestiu a calça jeans, a camiseta, o casaco e as botas. Verificou que Augusto continuava dormindo. Abriu a janela, deixando o ar gelado entrar no quarto. Sabia que não podia sair pela porta da frente, então subiu no parapeito.

Tremendo, abaixou-se e começou a descer, escalando. O prédio era baixo, mas ela sentiu vertigem. Pendurou-se da sacada, então buscou com os pés um apoio abaixo, sobre um aparelho de ar condicionado. Esticou-se dali até a sacada abaixo, e assim prosseguiu, tremendo, até o chão. Para fora da prisão que lhe haviam fabricado.



Todos os monitores que exibiam o apartamento de Nicole e Augusto estavam apagados. Emanuel mexeu com algumas configurações, mas sabia que era inútil. As câmeras haviam parado de funcionar.

Correu então para acordar Salomão Manzini. Ele poderia rastreá-la pelo implante.



O toque de recolher nunca perturbou Nicole – porque, ela percebia, todas as atividades haviam sido programadas pelos Strauss e por Emanuel. Sabia, da mesma forma vaga e incompleta com que sabia qualquer coisa referente aos dias de prisioneira, que uma agência de segurança chamada Gladius patrulhava as ruas de Santo Ossário, e que era proibido estar nas ruas depois de determinada hora. Coisas de que apenas ouvira falar em conversas alheias.

Agora ela corria pela cidade, muito depois do toque de recolher, olhando em volta para tentar enxergar algum perseguidor. Uma gargalhada ao longe, que gelou a espinha, mas nenhum soldado.

E ela não sabia para onde estava indo. Sair do apartamento era só o começo;

Santo Ossário não era segura. Se eles estavam mesmo atrás dela, deveria ir para bem longe – de preferência, para o mosteiro. Mas tinha precisado de mais de um mês para atravessar o labirinto, e mesmo assim apenas com a ajuda de duas pessoas experientes na floresta.

A lua estava parcialmente coberta por nuvens, o que tornava difícil enxergar. Um berro distante parecia sinalizar o destino de alguém que ousou desafiar as regras, como ela. O ronco de um motor avisou que os perseguidores chegavam perto. Ela acelerou ainda mais a corrida, jogou-se através de uma cerca viva e saiu em um barranco que fazia parte de um terreno ainda não construído. Rolou ribanceira abaixo, protegendo os óculos.

Ergueu-se, ignorando o tornozelo que sentia ter torcido. Não havia caminho certo, porque não havia destino. Mas ela estava se afastando do centro da cidade, o que só podia ser vantajoso. Se conseguisse sair do perímetro urbano e embrenhar-se no mato, podia se esconder, como fizera da última vez.

Ouviu um helicóptero ao longe. Esperava que não fossem mais soldados atrás dela – que pelo menos a subestimassem um pouco.

Nicole continuou seguindo para os arrabaldes de Santo Ossário, uma parte que não conhecia tão bem. Havia terrenos baldios e áreas cheias de vegetação, e ela apostou nisso para manter-se à frente. Vez por outra, ouvia o ronco do motor, mas nunca muito perto.

Atravessou um matagal alagado. Não havia árvores ou arbustos altos o suficiente para escondê-la, então rastejou pelo capim, encharcando as roupas. Depois se deparou com um bosque de árvores baixas, então foi atingida por um cheiro forte de lixo. Estava próxima a um prédio cuja construção fora interrompida. Há vários anos semiconcluído, apresentava partes de seu esqueleto metálico. Em volta do prédio, um tapume de madeira. Dentro do tapume, luz, como uma fogueira crepitando.

Mau sinal: ela começou a se afastar. Mas havia uma estrada não muito longe, e o motor se aproximava.

– *Garota!* – alguém chiou.

Nicole pensou que estava morta. Virou-se, pronta para se defender. Deparou-se com uma figura maltrapilha, que a chamava com um gesto.

– Venha! Vão pegar você!

O homem espiava de uma pequena abertura no tapume. Por ela, brilhava a luz da fogueira, contornando a silhueta desgrenhada. Ele cheirava mal.

Mas, do outro lado, o carro.

Ela se apressou na direção do mendigo. Abaixou-se para passar pela abertura.

– Não se preocupe – disse o homem. – Há poucos deles na cidade esta noite. A maioria foi embora nos helicópteros pretos, há algumas horas.

Ela não ouvira helicóptero algum – mas estivera trancada em um apartamento com isolamento acústico durante toda a primeira parte da noite. Pensando nisso e endireitando-se, Nicole olhou ao redor.

A fogueira crepitava dentro de um latão, abastecida por lixo. Vinte ou trinta pessoas abrigavam-se do frio de Santo Ossário com camadas sobre camadas de roupas puídas, sacos plásticos, jornais. Olhavam para ela com um misto de desconfiança, assombro e medo. Havia alguns casebres, construídos com restos de madeira ou papelão. A alguns metros, três homens dividiam comida fria em sacos de papel pardo.

Estava em um acampamento de moradores de rua. Uma verdadeira colônia de mendigos.

– Não há mendigos em Santo Ossário – ela disse, de um jeito meio estúpido.

– É verdade, de certa forma – respondeu o homem maltrapilho, rindo. – Se andarmos pela cidade pedindo esmolas, morremos rapidinho. Só podemos sair à noite, para catar os restos.

O cheiro do acampamento era repugnante, mas Nicole não conseguia pensar nisso. Pensava apenas que o motor se afastava. Aquele lugar estava escondido de alguma forma, ou por alguma razão era ignorado pelos soldados.

– Eles vão pegar vocês – ela disse. – Há um toque de recolher.

– Nós sabemos – mais um sorriso. – Mas não temos para onde ir, não é mesmo?

Ela olhou para baixo, envergonhada.

– Não se preocupe, eles não vão nos exterminar. Precisam de presas para seus caçadores.

A cabeça de Nicole girava. Ela não compreendia o que o homem estava falando.

– Antes, nos deixavam em paz porque não incomodávamos ninguém. Às vezes, alguns de nós eram vítimas dos assassinos que *não existem* nesta cidade, mas só isso. Recentemente, chegaram mais assassinos. Eles precisam de vítimas. Então, quando saímos do acampamento...

Fez um gesto com o dedo indicador sobre a garganta, como se a cortasse.

– Estou tonta – disse Nicole. – Não entendo mais nada.

– Sente-se. Descanse. Aliás, desculpe minha indelicadeza. Sou Cornélius.

Estendeu a mão suja para ela. Nicole a apertou.

Dois outros homens se aproximaram. Murmuraram alguma coisa, mas

Cornélius afastou-os com um chiado. Então exigiu a garrafa de cachaça que um deles possuía.

– Qual é a sua história, menina? Por que estão caçando você?

– Porque me chamo Nicole Manzini.

Outra figura surgiu de trás de um casebre. Tropeçou em alguém que dormia coberto por jornais, recompôs-se e foi até eles.

– Já disse para tirar esses mantos – falou Cornélius.

– Você é Nicole, não? – disse Abel Montague. – Rápido, venha comigo! Eles estão rastreando você!



Nicole nunca soube que havia mendigos em Santo Ossário. Mas, nesse ponto, apenas juntava-se à maioria – quase ninguém conhecia o acampamento.

A imagem de cidadezinha próspera e pitoresca deveria ser mantida a todo custo. Por isso, havia um prédio que nunca ficava pronto, ao redor do qual aquela população invisível podia se reunir. Se fosse do interesse dos Strauss, os sem-teto teriam sido abrigados ou liquidados. Mas, como Cornélius afirmara, aquele era um arranjo que favorecia os poderosos da cidade.

Com duas ou três dezenas de pessoas sem identidade ou direitos civis, muitas coisas ficavam mais fáceis. Quando cobaias humanas eram necessárias para algum experimento, ali havia vários candidatos. Quando algum dos cidadãos mais predatórios sentia ânsia de matar, ali havia alvos disponíveis.

Além disso, muitos daqueles homens e mulheres eram vítimas favoritas dos duendes.

Os primeiros sem-teto de Santo Ossário eram loucos. Depois de repetidas abduções, as mentes não resistiam, e a demência cobrava seu preço. No entanto, os captores não pareciam se importar, e continuavam chegando para tirá-los do tempo e realizar experimentos. Ao longo dos anos, o padrão se manteve – pessoas sendo abduzidas até a loucura, tornando-se indigentes; indigentes sendo abduzidos. Não era de bom tom eliminar os brinquedos do povo de Arcádia, então os Strauss permitiam que eles vivessem.

Recentemente, a comunidade havia inchado. Duas famílias e um punhado de solitários haviam se juntado, fugindo de caçadores novos na cidade.

Uma das famílias foi levada pela paranoia do pai, convencido de que seus nomes constavam num banco de dados de futuras vítimas de assassinos em série. Ele apontava alguns desaparecimentos recentes como evidência de que não

estavam em segurança. Tirou os filhos e a esposa de casa poucas horas antes de a residência ser invadida por três homens misteriosos. Os outros recém-chegados tinham histórias parecidas. Eram pessoas que notaram estar sendo vigiadas por colegas de trabalho, que haviam encontrado câmeras ocultas em casa e escapado por pouco da faca de um estranho.

Entre esses, estava Abel.

Depois de ser visto invadindo o prédio da Strauss e ter sido considerado um criminoso, Abel Montague encontrara asilo no acampamento. Estava lá há poucos dias, mas já era amplamente conhecido como o garoto com os mantos ridículos. Pelo lado bom, ali ninguém estranhava suas histórias, e muitos tinham fantasias ou realidades ainda mais absurdas. Abel estava quase confortável, por isso não hesitou em segurar Nicole pelo braço, dizendo:

– Venha! Venha! Temos que operá-la, ou vai ser encontrada!

– Me solte! – ela puxou o braço, desequilibrando-o.

Abel caiu sentado.

Sua expressão dava pena: estava claro nos olhos brilhantes e no lábio inferior trêmulo que ele esperava ser o herói que resgataria Nicole. Mas ela não parecia estar gostando de ser agarrada e arrastada.

Nicole ofereceu a mão para ajudá-lo a se erguer.

– Você é o irmão de Emanuel, não é? Como se chama mesmo?

– Abel – num murmúrio envergonhado.

Os sem-teto juntavam-se agora ao redor da garota, do esquisito fantasiado e de Cornélius. Este último era um dos líderes da comunidade. Alguém que podia confiscar uma garrafa plástica cheia de cachaça e tomar uns goles. Alguns olharam para ele em busca de uma decisão. Então, um velho aproximou-se mancando. Arrastava um dos pés, enfaixado com trapos.

– Você foi levada pelos alienígenas? – ele perguntou.

Nicole quis dizer que não eram alienígenas: duendes, plebeus de Arcádia, segundo Astarte. Mas ela mesma chamara-os de médicos esqueletos, e uma coisa era tão plausível quanto a outra.

– Sim.

– Então o garoto tem razão. Eles vão encontrá-la. Você precisa ir embora.

As presenças ao redor transformaram-se em figuras ameaçadoras. Nicole viu que dois ou três habitantes do acampamento tinham pedaços de pau ou objetos metálicos.

– Isso é mau, menina – disse Cornélius. – É muito mau. Se você foi abduzida e eles estão caçando-a, não podemos fazer nada.

– Não cheguem perto de mim – ela rosnou.

– Não! – Abel tomou a frente. – Ela pode ser operada.

Alguns riram.

– Você realmente gosta de inventar histórias, rapaz – disse Cornélius. – Chegou há poucos dias e já acha que conhece tudo.

– Vocês mesmos falaram sobre o que Moira pode fazer.

– Acordar a velha bêbada já seria um milagre.

– Podemos tentar...

– *Calem a boca!* – Nicole gritou.

Acostumados à intimidação, vários deles encolheram-se. Um deixou cair sua arma improvisada.

– O que estão falando? – ela disse, com mais calma.

– Você tem um implante, Nicole – Abel começava a adquirir o fervor que só surgia quando explicava suas teorias. – Se foi abduzida, devem ter colocado um implante na base de sua nuca. E eles podem usar isso para rastreá-la.

Por instinto, a garota tocou a nuca. Não sentia nada ali.

– Essa parte é verdade – disse Cornélius. – Eles quase nunca perdem a chance de implantar essa coisa.

– E quem é Moira?

– Uma bêbada – Cornélius respondeu.

– Moira costumava retirar os implantes – disse Abel, ignorando o outro. – Eles me contaram. Talvez possa ajudá-la.

– Ou talvez essa pirralha possa atrair os caçadores para cá – exclamou alguém, do fundo.

Olharam para Cornélius, em busca de uma decisão. Ele torceu a boca, indeciso, mas Nicole cortou:

– Levem-me até essa mulher.

Nada.

– O que estão esperando? Levem-me até ela!

Abel fez um gesto para que a garota o seguisse. Apressou-se pelo terreno cheio de caliça, pilhas de tijolos, carcaças de carros, latões. Atrás dele, Nicole e uma pequena procissão de curiosos e céticos. Chegou até um casebre afastado, todas as aberturas cobertas por camadas sucessivas de jornais, papelão, sacolas plásticas desfeitas.

A porta do lugar, se é que podia ser chamada assim, era feita de cortinas de plástico sobrepostas. A luz e o frio noturno não penetravam: lá dentro, escuridão espessa e abafada. Nicole pensou em usar o celular como lanterna, mas havia

deixado-o no apartamento. Abel então fez surgir uma minúscula lanterna a pilha, que produzia luz fraca e amarelada. Uma pequena montanha de garrafas plásticas vazias escorava uma das paredes de madeira e papelão. Numa cama feita de plástico, retalhos de tecido, jornais, pedaços de espuma e papéis amassados, prostrava-se uma figura que mal tinha forma humana.

– Quem está aí? – Moira balbuciou, pronunciando cada palavra com dificuldade.

Abel sussurrou uma história resumida daquela mulher. Moira fizera parte das primeiras gerações de sem-teto. Estava lá há mais tempo que Cornélius. Quando jovem, tinha a habilidade inexplicável de fazer cirurgias nos outros habitantes do acampamento, inspirada por alguma força mística. Diziam que costumava retirar os implantes das vítimas de abdução, e ela mesma fora abduzida quando criança. Por sua idade e status mítico dentro da comunidade, Moira recebia presentes – comida, materiais para reforçar sua casa e principalmente álcool.

Os sussurros do rapaz eram reverentes, impressionados. Mas tudo não passava de histórias. Nicole teve a reação que todos tinham com ele: duvidou. Era muito mais lógico descartar aquilo como fantasias de alguém que se vestia de elfo. Abel agarrara-se à nova crença com tenacidade infantil, como se houvesse crescido ouvindo aquelas histórias e tivesse provas de veracidade.

– Quem está aí? – repetiu a mulher.

– Moira, você não me conhece – disse Abel. – Mas estou trazendo uma paciente. Nicole recebeu um implante. Você precisa operá-la.

Nada.

Moira havia adormecido de novo. A luz da lanterna de Abel diminuiu de intensidade, sinalizando que logo iria se apagar.

Nicole soube então que era preciso decidir. O tempo deixara de fazer sentido há muito: quando ainda estavam na estrada, fugindo dos guardas da Strauss. Ela sentia conhecer Felix e Astarte desde sempre, sentia que o último contato com eles fora uma vida atrás. A distorção se intensificou com a prisão da qual havia escapado. Ainda tinha as memórias de três meses e meio com Augusto Strauss, mesmo sabendo que tudo ocorrera em poucos dias. Assim, as viradas súbitas daquela noite não a deixavam abalada. Chegou a um acampamento de sem-teto há minutos ou horas ou dias, não fazia diferença. Ouviu a história de Moira há trinta segundos, ou há muitos anos. Não havia dificuldade em aceitar novas informações ou mudanças repentinas, quando uma intimidade construída com meses de convívio revelou-se nada mais que uma mentira.

Era preciso decidir. Como antes, no mosteiro, era preciso escolher entre a vida

mundana, material e lógica ou a realidade mística e inexplicável. Se um casamento, um trabalho e um apartamento eram ficção, por que uma mendiga milagrosa não podia ser verdade?

A lanterna se apagou. Abel ficou mexendo no botão, como se pudesse fazê-la funcionar de novo.

– Tudo bem – disse Nicole.

Ela não precisava de luz. Não precisava enxergar ou raciocinar.

Deu um passo à frente e ajoelhou-se ante o corpo prostrado de Moira.

Astarte tentara explicar-lhe uma ou outra vez a consciência por trás das disciplinas élficas. Ariman, o grão-mestre de Ynilaguenne, tinha falado sobre a concentração sem mente ao contar a história de Leonhard Strauss e dos monges que haviam defendido a fortaleza. No sonho que compartilhara com Astarte, ela estivera num mundo sem tempo, sem espaço, que não podia ser compreendido – apenas aceito.

Astarte e Ariman diziam: era preciso deixar-se ser uma ferramenta, e então impor a própria vontade ao mundo. A lógica material falhava naqueles assuntos – nunca serviu para protegê-la das abduções nem a compreender seu pai.

Assim, Nicole abandonou a si mesma. Deixou de pensar, descartou o que fazia sentido. Ajoelhou-se em frente a Moira, no escuro. Fechou os olhos e respirou, tentando abrir-se para a vontade do mundo.

Naquele instante, era apenas alguém que aguardava o tratamento, fosse qual fosse. Não interferia, não desejava, não fazia o menor esforço. Teve a impressão de que algo acontecia inconscientemente, mas parecia estar tão longe que a sensação mal foi registrada. Era como um rio imaterial fluindo através do corpo e da mente. Ela não resistia, deixava que o futuro acontecesse da forma natural.

Então o futuro aconteceu.

Nicole, passiva e entregue, era uma paciente. A correnteza do mundo fluiu por aquele casebre, preenchendo as lacunas do destino. Nicole era uma paciente, e Moira podia ser apenas uma médica.

A mulher ergueu-se com um grunhido. Abel mexeu freneticamente na lanterna, mas as pilhas tinham acabado. Não importava: não havia necessidade de luz.

– Minha tesoura – ordenou Moira, com voz engrolada.

Abel ficou de joelhos, tateou o chão e os montes de entulho. Acabou encontrando o que procurava, quando não estava procurando. Esbarrou em uma única perna de tesoura enferrujada. Estendeu-a cegamente, e Moira agarrou-a sem hesitar.

Não era preciso luz, não era preciso visão. Era preciso apenas utilizar o princípio com o qual aquela mulher operara durante tantos anos: deixar-se ser a médica, e deixar o mundo agir por suas mãos.

Moira segurou a cabeça de Nicole com dedos firmes. Forçou-a para baixo, expondo a nuca. Encostou a ponta da perna de tesoura na pele da garota, e empurrou.

O sangue brotou do ferimento. Moira começou a espalhá-lo com o polegar. Isso, de alguma forma, deteve o sangramento, e ela fez um corte mais fundo, exploratório. Nicole continuava parada, de joelhos, com a cabeça curvada. Não sentia coisa alguma. Moira alargou o corte. Enfiou os dedos.

– Arrá! – exclamou, risonha.

Cutucou a carne com a ponta da tesoura, tateou mais um pouco. Então, usando a unha para ajudar na precisão do movimento, conseguiu segurar uma espécie de pedra, pouco maior que a cabeça de um alfinete. Puxou, e a coisa desgrudou-se de Nicole.

Segurando as abas de pele uma contra a outra, Moira esfregou o talho com o dedão, a tesoura na boca. Aos poucos, a pele cicatrizou.

Moira então segurou as têmporas de Nicole com as duas mãos e fez um movimento brusco, empurrando a cabeça da garota e fazendo com que ela olhasse em sua direção.

– Está curada!

Nicole pareceu emergir de um sono infinito. Havia se passado um minuto. Havia se passado um ano. Ela estava em uma fuga desesperada. Ela nasceu naquele casebre, e passou a vida ali. O tempo não tinha significado, e a consciência voltando parecia estragar o momento sublime de entrega.

– Estou grávida? – falou, em voz pequena.

Moira tocou sua barriga. Cutucou-a algumas vezes, apertou.

– Não.

– Obrigada.

Segurou o pulso de Nicole. Abriu sua mão e depositou na palma a minúscula pedra. O implante.

Então desabou de volta à cama, roncando imediatamente.



Nicole surgiu da porta do casebre, encontrando todo o acampamento reunido à volta. Logo atrás, Abel – olhos arregalados como uma criança que vira um

fantasma. Nicole caminhou alguns passos e exibiu o implante.

– A cirurgia foi um sucesso! Moira é uma curandeira élfica.

Houve um burburinho de assombro. Duas pessoas quiseram ver a pedra mais de perto. Um sem-teto ainda guardava seu próprio implante, de anos atrás. Comparando-o, viu que eram idênticos.

Os experimentos dos médicos esqueletos faziam um pouco mais de sentido. A influência de Arcádia durante toda a sua vida encaixava-se um pouco mais. E, pelo menos segundo os mendigos, agora ela não podia ser rastreada.

O cheiro não importava: Nicole respirou fundo, porque estava livre.

Ao expelir o ar dos pulmões, ouviu as hélices de um helicóptero. Então foi ofuscada por um holofote.

– *Entregue-se, Nicole Manzini!* – disse uma voz amplificada.

E outra logo completou:

– *Venha com o papai.*



– Posso pedir-lhe um conselho? – disse Astarte.

Felix ergueu os olhos para ele, admirado. Terminou de amarrar os coturnos.

– Sobre o quê?

– Mulheres.

O bigodudo riu.

– Está sem sorte, meu amigo. Mulheres não são minha especialidade.

O elfo fez um esforço para rir também. Mas o nervosismo não deixava. Vestiu a cota de malha finíssima, ocupou-se de ajustar as fivelas.

– Fale – disse Felix Kowalski.

– Estou fazendo a coisa certa?

O humano deu de ombros.

– De qualquer forma, você não precisa vir comigo – disse Astarte. – Fique e enfrente os soldados. É seu objetivo desde o início.

– Não vou deixá-lo sozinho, seu idiota.

Astarte demorou alguns segundos para formular o que queria dizer em português. Então achou a frase perfeita:

– Esta é minha idiotice.

– Sua idiotice é minha idiotice.

O elfo sorriu.

– Os monges precisam de nós – Astarte retomou, sério.

– Não posso negar isso.

– Então...

– Então talvez fizesse mais sentido ficar aqui e lutar junto de Ariman e os outros. Defender Ynilaguenne. Colocar as prioridades na ordem certa.

– Estou cometendo um erro.

Felix terminou de checar uma das armas e colocou a mão no ombro do elfo.

– Você tem escolha, Astarte?

Não.

Entre ficar e defender Ynilaguenne ou partir atrás de Nicole, o curso de ação correto e lógico era evidente. Mas não era o que ele faria. Por alguma razão, não tinha escolha.

Iria atrás de Nicole, porque assim era o mundo. Assim era ele mesmo.

Os helicópteros pretos cercaram o mosteiro, ao mesmo tempo em que Astarte e Felix Kowalski entravam no túnel subterrâneo, rumo a Santo Ossário.

Capítulo 27
Fuga de Santo Ossário

OS SEM-TETO ESPALHARAM-SE EM CORRERIA, ante a luz e o barulho do helicóptero. Não adiantava: em dez segundos, cinco agentes da Gladius já desciam por uma escada de corda. Em terra, apontavam os fuzis, rendiam os esfarrapados. Deixavam-nos de joelhos no chão, com as mãos atrás da cabeça.

O holofote cegou Nicole.

A luz direta no rosto forçou-a a se proteger com o antebraço. Ela começou a recuar. Sobrepondo o som do rotor do helicóptero, a voz de Salomão Manzini, amplificada por um megafone:

– *Chega de fugir, Nicole. Obedeça ao seu pai.*

Então ela correu, e eles atiraram.

Ela seguia sem conseguir divisar nada ao redor, tentando não tropeçar nos montes de lixo. Esforçava-se para adivinhar onde estavam os soldados e torcia numa esperança vã de que não a atingissem com balas. Não havia para onde fugir, e isso foi confirmado quando esbarrou em um corpo alto e rijo.

Sentiu o pulso ser agarrado com força, o braço torcido para trás das costas. Tentou se desvencilhar, mas a pegada era férrea. O outro braço foi imobilizado, um chute atrás dos joelhos derrubou-a.

– Você é nossa, Nicole – disse Emanuel Montague.

Ela piscou, os clarões coloridos desfazendo-se aos poucos diante dos seus olhos. O holofote não a perseguia mais, mas só agora recuperava a visão. A cena em volta era de desespero: todos rendidos, ajoelhados como ela mesma, sob a mira dos homens de preto. Salomão aproximando-se, uma faca comprida na mão e um sorriso enorme no rosto.

– A Rainha tem um plano para você, minha filha. Estamos juntos. Ficaremos juntos para sempre.

Santo Ossário pertencia a eles. Santo Ossário atraíra-a de volta. Quando ela teve chance de escapar do próprio tempo, acabou voltando a Santo Ossário.

A ponta da faca de Salomão tocou seu rosto.

– O que fazemos com estes, senhor? – disse um dos mercenários.

– Matem-nos – ordenou Emanuel.

Estouro, clarão e cheiro de pólvora.

Os habitantes do acampamento gritaram, tentaram correr, mas as balas dos fuzis detinham seus passos.

E então, um estrondo enorme.

O calor e o deslocamento do ar fizeram com que muitos fossem jogados para trás. O mundo encheu-se de luz alaranjada, um ruído horrendo, que preenchia a cabeça. Estilhaços voaram por todos os lados. Nicole desabou no chão; Emanuel deu uma cambalhota, evitando cair também.

O helicóptero tinha explodido ainda no ar. Então girou, criando uma espiral de chamas, e chocou-se no solo com um novo estrondo.

– Comam essa, desgraçados! – rugiu Felix, descartando o lança-foguetes.

Um dos mercenários estacou, quando uma flecha brotou no visor do capacete. Agarrou a seta com as duas mãos, tentando arrancá-la do rosto. Então outras atingiram-no no pescoço e no tornozelo, derrubando-o. Os outros mercenários, recuperando-se da explosão, começaram a correr, flechas cravando-se nas costas, mãos, virilhas. Salomão deu um salto ágil, desmentindo o físico débil, e foi atingido na coxa por uma seta.

Astarte pulou do prédio em construção, surgindo das sombras. Reluzindo de suor pelo fogo, os cabelos dourados voando para trás pelo vento da hélice e da explosão.

– Sua luta é comigo, Emanuel.



– Obrigado, minha senhora – Emanuel fez uma prece rápida.

Astarte tinha expressão pétrea e feroz, a postura impecável do arqueiro, com os pés bem separados, numa base sólida. O arco na mão direita, a esquerda pairando sobre uma das aljavas que trazia na cintura. Carregava uma de cada lado, e uma terceira às costas. Também nas costas levava duas espadas longas e recurvadas, cruzadas dentro das bainhas, os cabos projetando-se acima dos ombros. Vestia uma levíssima cota de malha – uma armadura feita de um trançado de metal, flexível e resistente, forjada segundo ancestrais técnicas élficas. As calças eram seda entremeada com folhas e gavinhas vivas. As botas eram couro forte, retirado de animais abatidos com a disciplina e respeito dos caçadores élficos. Equipamento de Ynilaguenne; parte dele com milhões de anos

de idade, preservado desde a época em que um escravo humano tomara para si a missão de salvar o que havia sido bom naquela raça decadente.

– Sua Rainha não vai ajudá-lo, lacaio – disse Astarte.

E disparou.

O movimento das mãos e dos braços foi um borrão de velocidade e morte. Num segundo a flecha estava encaixada na corda do arco, que então foi puxada, os músculos do peito do elfo trabalhando num estirão rápido. Uma explosão de força, tensionando o arco ao máximo. Então a flecha voou, certeira, contra a testa de Emanuel.

O humano girou para o lado, e num instante apoiava-se sobre as mãos. Usou o impulso para chutar a flecha, desviando-a. Continuou o movimento circular, voltando a ficar com os pés no chão. Enquanto Astarte encaixava e disparava outra flecha, ele enfiou as mãos no paletó, retirando a máscara de ouro e a faca.

– Enquanto continuar renegando sua origem, você será fraco, príncipe. Eu sou o Dragão, e não posso ser vencido.

Colocou a máscara sobre o rosto.

Astarte sentiu sua vontade sendo avassalada pela mente do inimigo. Um minúsculo erro, uma rajada de vento gerada pela explosão, um estilhaço errante fizeram a seta errar o alvo, passando inofensivamente a um centímetro da cabeça do outro. O mundo dobrava-se ao desejo de Emanuel Montague, no estado de concentração imaculada. A máscara de ouro ajustou-se ao rosto, fixando-se sem que nada a prendesse, e a faca tornou-se a mais bela espada élfica, longa e recurvada. O paletó elegante rebrilhou, adquirindo reflexos dourados semelhante a escamas. Os papéis amassados, plásticos descartados e montículos de entulho no chão giraram ao redor de Emanuel, como se ele formasse um ciclone. O solo e o ar estremeceram com a energia de Arcádia, a magia pura da realidade alimentando-o com poder.

O Dragão investiu, correndo e cruzando a distância até Astarte em dois segundos. Os pés mal tocavam o chão, a leveza da disciplina élfica vencendo as leis naturais. Golpeou com a espada, num círculo vasto, mortal. Astarte deu um passo ligeiro para a frente, escapando do fio da arma. Ergueu o joelho para bloquear o antebraço do inimigo, detendo o golpe no meio. Esticou os dedos da mão esquerda e atacou como se a mão fosse uma serpente, buscando os pontos vitais que paralisariam Emanuel.

Encontrou não carne e nervos, mas uma superfície rígida como pedra. O impacto reverberou por toda a mão, enviando uma onda de agonia pelos dedos. Emanuel transformara sua pele e carne em armadura: era uma técnica difícil,

exigente, que tornava o corpo quase invulnerável a certos ferimentos. Poucos a dominavam, e nem mesmo Vyslanna era capaz de executá-la sem esforço.

Astarte recolheu a mão ferida, mas Emanuel já atacava de novo. Sem endireitar o corpo, girou, aplicando um chute titânico. O calcanhar atingiu o queixo do elfo como uma marreta. Astarte foi arremessado para trás. Controlou o movimento, transformando-o em uma cambalhota, apoiando-se no punho fechado. Pulou de novo, ficando com os pés no chão. Ignorou a dor ao escolher uma nova flecha e encaixá-la na corda do arco.

O chão à volta de Emanuel foi atacado por balas que atingiam qualquer alvo, exceto ele mesmo.

– Eu *errei*? – esbravejou Felix.

Emanuel deu um passo na direção do elfo, ignorando todo o resto.

– O poder da realidade é meu. Nada neste mundo pode me ferir. Vocês são insetos ao meu redor. Minha vontade os governa.

Novas rajadas de fuzil passaram ao largo.

Felix notou que não seria capaz de atingir o janota; melhor concentrar-se nos soldados.

Astarte fizera um bom estrago, mas ele conhecia os ex-colegas da Gladius: mesmo enquanto vivos não seriam detidos por meia dúzia de flechas.

O líder daquele grupo retirou o capacete, expondo o crânio descarnado. As cavidades oculares eram vazias, de uma escuridão sem fim. A boca sem lábios ou gengivas era uma espécie de riso, uma zombaria tétrica. Mas ele se movia com a mesma precisão e técnica que tivera em vida: fez um gesto rápido, sinalizando para os comandados cercarem o alvo. Recuou, virado para Felix, disparando rajadas protetoras com o fuzil.

O bigodudo correu agachado. Pulou para trás da carcaça de um carro, parte do entulho no acampamento.

– Como é ser um dos capachos dos Strauss? – provocou Felix, gritando de trás da cobertura.

– Você sempre foi indisciplinado – respondeu o morto-vivo, já escondido atrás de um casebre mais resistente.

Dois mercenários surgiram dos lados de Felix, apontando as armas. Ele rolou pelo chão, afastando-se e disparando como uma mangueira. Então a armadilha que deixara sob a carcaça ativou-se: uma bomba explodiu, enviando pedaços da lataria nos mortos-vivos de preto.

Felix correu, sob uma chuva de balas, até um muro baixo, semiconstruído. Saltou sobre ele e recarregou.

– No início pensei que fossem vítimas inocentes – gritou, fazendo-se ouvir por cima do alarido. – Mas foram voluntários!

– Somos soldados muito melhores.

– Estão lambendo as botas dos Strauss e da gerência.

– Ninguém foi atrás de você, Felix. Ninguém o forçou a participar. Devia ter ficado quieto.

– Poderíamos ter resolvido tudo isso numa mesa de bar, se vocês não tivessem se metido com os meus amigos.

Tristan. Lucinde. Thierry.

Nicole. Astarte.

Eles iriam pagar.

Felix surgiu de trás do muro, encontrando o mercenário que rastejava em sua direção. Cravejou-o com quatro balas de escopeta. Os outros apareceram atrás das coberturas, respondendo fogo. Felix atirou-se para baixo, mas no meio do movimento sacou uma pistola Desert Eagle e acertou um tiro preciso na cabeça de um dos ex-companheiros.

Então surgiram outras duas luzes no céu. O barulho rítmico e ensurdecedor de dois conjuntos de hélices girando. Mais dois helicópteros.



Nicole arrastava-se no chão, tentando se manter a salvo das balas e das lâminas. Em seu caminho, o sangue dos primeiros sem-teto que haviam morrido no ataque. Fechou os olhos e prosseguiu.

Abriu-os de novo, buscou um lugar seguro. O tiroteio dominava o acampamento, e qualquer segurança era uma ilusão. Quando viu os outros dois helicópteros chegando, esperou que Astarte e Felix soubessem o que fazer, porque suas próprias opções eram cada vez mais limitadas. Olhou em volta, tentando ao menos localizar seu pai, mas Salomão Manzini não estava em parte alguma.

Mas conseguiu enxergar Abel.

O rapaz estava ferido. Difícil ver onde; seus mantos escondiam o corpo, e só mostravam que o sangue vazava por algum lugar, numa mancha cada vez maior. Sentado no chão, ele tentava se arrastar para longe, mas havia algo macabro preso a suas roupas. Um dos mercenários fora partido em dois. E agora metade do torso, com o braço esquerdo e a cabeça, mantinha-se ativo. A mão segurava o manto de tecido sintético, fazia força para puxar Abel. O crânio sem capacete

tentava mordê-lo, a única forma de ataque que ainda lhe restava.

Sem raciocinar o que era mais lógico ou seguro, Nicole ficou de pé. Correu até Abel.

– Solte-o!

E chutou a cabeça morta-viva, com toda a força.

Desequilibrou-se, sentiu os músculos reclamarem com o estirão súbito, mas afastou a coisa e quebrou-lhe alguns dentes.

– Solte-o! Solte-o!

Chutou e pisoteou até que a mão largou Abel para tentar agarrar a perna da garota. Com um chute final, Nicole fez o morto-vivo rolar para longe. Ofegando, suando, viu-o arrastar-se, a mão puxando o que restava do corpo, de volta para perto deles.

– Fuja! – ela virou-se para Abel um instante.

– Mas...

– Fuja! Salve-se!

Ele obedeceu, mas não sem antes perceber algo que caíra no chão durante a luta de Nicole com o morto-vivo. Apanhou o objeto – era uma espécie de pergaminho. Andou com dificuldade, a mão no ventre.

Nicole olhou em volta, quase em desespero. Localizou algo onipresente no acampamento: uma garrafa de álcool forte e barato. Antes a maior das preciosidades, agora era descartada em nome da sobrevivência. Correu até ela, abaixando-se numa tentativa atabalhoada de se proteger dos tiros. Agarrou-a, e então sentiu seu peito se encher de coragem.

Andou até o fogaréu da explosão do helicóptero, com mais confiança. Escolheu um pedaço de tábua, destroço de um dos casebres, e enfiou-o nas chamas. A madeira ateou fogo de imediato. Então caminhou, decidida, sem temer os tiros, até o morto-vivo que se arrastava.

Despejou a bebida sobre ele, mantendo-se longe de sua mão.

– Meta-se com alguém do seu tamanho, covarde.

E encostou nele a chama.

Levou apenas um segundo para que o álcool fosse consumido, e então o inimigo começou a arder. Agitava-se, retorcia-se, mas as chamas o recobriram.

Então os cabelos de Nicole voaram por causa do vento das hélices. Os tiros se multiplicaram, e ela correu em busca de cobertura.



A lâmina de Emanuel cortou o rosto de Astarte, traçando uma comprida linha vermelha. O elfo chutou, mas foi bloqueado pela mão do inimigo. Uma estocada que perfuraria o estômago forçou-o a recuar.

Os dois andaram em círculos, encarando-se. Atrás, as chamas, o tiroteio, os helicópteros.

– Sua rebeldia é inútil, Astarte – disse Montague, por baixo da máscara. – Você é um pirralho ingrato, e só vai conseguir a morte de seus companheiros. Agora mesmo o mosteiro secreto está sendo destruído.

O elfo ficou em silêncio. Tentava manter a concentração, em busca de uma falha no adversário. Poderia ser a postura ou a mente – qualquer abertura que lhe permitisse atacar com sucesso.

– A Rainha domina Arcádia. Eu domino Santo Ossário. Tudo está sob nosso controle, não há para onde fugir.

Girando, um em volta do outro.

– Em breve, dominaremos de novo a Terra. Desta vez, não haverá outras raças. Os elfos reinarão supremos, como sempre deveria ter sido.

Astarte estacou.

– Uma eternidade de prazer e perfeição. Nada além das artes e disciplinas élficas. Harmonia com a natureza, dedicação à beleza. O mundo estará certo mais uma vez.

Num relâmpago, Astarte puxou uma flecha, encaixou-a, retesou a corda, disparou.

E Emanuel sentiu a agonia de uma lâmina perfurando-lhe as costas. Um segundo de incompreensão: a flecha viera da frente; quem estava atacando-o por trás?

– Quem disse que *você* é o Dragão, fedelho? – rosnou Salomão Manzini.

A flecha de Astarte acertou Emanuel no peito.

Sangrando dos dois ferimentos, Emanuel saltou, evitando uma nova seta e virando-se para encarar o Estripador das Hortênsias.

Salomão ainda tinha uma flecha cravada na coxa, mas conseguia andar. Segurava uma faca longa que resplandecia aço e sangue. A devoção manifestava-se em seus movimentos precisos, na agilidade e delicadeza dos passos. A vontade de Salomão não fazia frente à de Emanuel – mas sua presença fora ignorada por tempo suficiente.

– Você é meu servo! – trovejou o homem mais jovem. – Um peão! Um verme!

– A deusa não quer isso! – gritou Salomão Manzini. – Não quer um garoto afetado. A deusa quer loucura e sangue! Natureza e massacres! Meu exército de

caçadores está vindo, e nós vamos trazer Arcádia. Do *meu* jeito!

Um rugido intenso, como se uma dezena de feras houvesse sido libertada de jaulas. Emanuel abriu os braços, estufando o peito, e um brilho dourado surgiu ao redor. Astarte disparou duas flechas, mas elas se desviaram – poderia ser a ventania das hélices, ou o simples poder em volta do Dragão. Salomão foi arremessado para trás. Emanuel parecia estar maior. Havia um aspecto de serpente em seus movimentos, em seu próprio corpo.

– *Você não tem exército!* – a voz ribombante preencheu o ar. – *Você não conhece a Rainha! Você não é nada!*

Saltou dez metros. Aterrissou antes que Salomão percebesse e, num golpe que ele nem foi capaz de ver, decepou-lhe as duas mãos.

O sangue esguichou, abundante. Salomão estava mudo de horror.

– Eu sou o Dragão! – proclamou Emanuel. – O maior campeão da Rainha! Maior que Leonhard Strauss, maior que o príncipe dos elfos!

Astarte corria ao largo, disparando flechas. Uma delas atingiu Emanuel no ombro, e ele urrou mais uma vez. Então fez um gesto amplo com o braço, e as setas incendiaram-se no meio da trajetória, transformando-se em cinzas.

– Eu sou o senhor da espada, da máscara e do cubo! São meus os labirintos e os enigmas! O mundo me obedece!

Golpeou com a espada no ar – quando Astarte notou, Emanuel estava perto dele, e o golpe acertou-lhe no peito. A cota de malha abriu-se num talho, da pele brotou sangue. Ele não vira Emanuel se deslocar, ou então o humano não havia percorrido a distância no mundo físico. Apenas estava onde deveria estar, para que o golpe tivesse sucesso.

Astarte andava para trás, mas o outro se mantinha sempre à mesma distância, atacando, cortando, arrancando sangue. Num lampejo de consciência extrema, possível apenas no estado de concentração sublime, Astarte percebeu o padrão que se formava no acampamento. As chamas crepitavam de forma ordenada. Os cadáveres se espalhavam em pontos específicos. Os detritos e destroços haviam sido jogados em locais precisos. Os casebres complementavam o que era um quebra-cabeças élfico, um padrão ritualístico. Acompanhá-lo com os olhos era como desvendar o cubo do Dragão, era como percorrer o labirinto até Ynilaguenne. O mundo se moldava de acordo com o poder de Arcádia, como se respondesse a um magnetismo sobrenatural.

Então:

– Vamos fugir! – gritou Felix, de um amplificador.



O corpo de um dos mercenários despencou do helicóptero, enquanto o bigodudo tomava o controle da aeronave. Havia só mais um lá dentro. Antes que chegasse a Felix, ele descarregou uma pistola na cabeça do ex-colega. A coisa continuava viva, mas estava cambaleando e tateando.

– Mais difícil enxergar assim, não é mesmo?

Felix fez o helicóptero adernar. Sem conseguir se segurar, o morto-vivo tombou para fora da porta aberta.

– Venham! – repetiu, pelos amplificadores do helicóptero. – Vamos fugir!

O segundo helicóptero ainda pertencia aos mercenários, e disparou a metralhadora giratória contra ele. Felix fez o veículo subir, evitando a rajada, e atirou em resposta, mantendo o inimigo longe. Tentava divisar Nicole e Astarte no solo – a confusão da luta, a fumaça, o brilho do fogo e do sobrenatural escondiam-nos.

Mas notou quando gavinhas, galhos retorcidos e trepadeiras de dezenas de metros brotaram, destroçando o que restava dos casebres e atacando todos à volta.



– Vocês são meus! – berrou Salomão.

O acampamento transformara-se num padrão ritualístico, com a destruição e a morte desenhando um diagrama élfico, o poder de Arcádia fluía em cada vértice, cada ângulo, cada marco. Salomão não estava morto, embora o sangue jorrasse de seu corpo em quantidades absurdas.

Por isso, foi capaz de percorrer parte do labirinto.

Estendeu os braços e sentiu a energia fluir dentro de si. Primeiro, um fluxo etéreo, penetrando pelas solas dos pés e sendo projetado pelos cotos sanguinolentos que eram seus pulsos. Depois, adquirindo forma material: plantas brotavam do chão, minúsculas, microscópicas, perfurando os sapatos, a pele. Atravessando as pernas de maneira sublime. Alargando-se através de seu corpo, deformando-o. Mas ele permanecia vivo. Sentindo-se ser preenchido pela natureza selvagem, Salomão urrou, e de sua boca aberta surgiram gavinhas, galhos, folhas, flores. As plantas cresceram metros e metros em um segundo, chicoteando como tentáculos. Então invadiram o interior de seus braços

estendidos. Brotaram pelos cotos, formando mãos e dedos verdes e marrons, logo crescendo na mesma velocidade extrema. As mãos vegetais ganharam o tamanho do poder de Arcádia, o alcance de dezenas de metros, a força da magia.

Os dedos-tentáculos destruíram os casebres num gesto. Chocaram-se contra o prédio semiconstruído, destroçando uma viga e fazendo a estrutura vir abaixo, numa gigantesca nuvem de poeira e destroços. O estrondo mascarou todo o resto, os helicópteros voaram às cegas. Mas as vozes de Salomão e Emanuel permaneciam audíveis, claras, como se fossem superiores ao mundo.

– Os Strauss são fracos! – gritou Salomão, apesar das plantas que emergiam da garganta. – Fui o Dragão sem precisar de nada disso!

As mãos colossais alcançaram Nicole. Os galhos e gavinhas enrolaram-se em volta dela, prendendo-a, erguendo-a como se fosse uma boneca. Salomão puxou-a para si num gesto. Com a outra mão, enrolou Emanuel, deixando algumas gavinhas para amarrar Astarte.

Num instante, Nicole estava a vinte centímetros dele, berrando.

– Você é minha princesa. Ficaremos juntos, e traremos a Rainha.

Chamas surgiram no Estripador das Hortênsias.

Ele urrou de dor. Emanuel abriu os braços, desvencilhando-se. A mão que o agarrara ardia. O Dragão saltou e golpeou com a espada, fazendo um corte profundo no estômago de Salomão. Folhas e flores brotaram do talho, como se fossem sangue.

Astarte continuava preso, mas teve força suficiente para romper as gavinhas que seguravam os seus braços. Sacou uma das espadas e cortou as que prendiam os tornozelos. Pulou e atacou Emanuel, conseguindo fazer um corte fundo em seu flanco.

O Dragão virou-se para ele e agarrou-lhe o pulso. Num movimento brusco, partiu seu cotovelo.

Uma nova explosão sacudiu o ar: o helicóptero dos mercenários queimava. Felix manobrou sua própria aeronave no meio da fumaça e das nuvens de poeira do prédio desabando. Voou baixo, espalhando a ventania por todos os combatentes. Salomão voltou-se para ele. Então Felix fez mira e disparou.

A metralhadora giratória do helicóptero atingiu a figura monstruosa do Estripador das Hortênsias, mesclando sangue e plantas.

Salomão deu um tabefe com a mão que ainda ardia, acertando o helicóptero em cheio. Destruiu a metralhadora, fez o veículo girar, desordenado, até que Felix controlasse-o. O vidro da cabine se espatifou, banhando o ruivo com estilhaços.

– Venham! – disse mais uma vez, a voz amplificada. – Vamos fugir!

Nicole estava presa nos dedos-tentáculos de seu pai. Salomão estava quase destroçado, mas ainda vivo. Emanuel chutou Astarte, derrubando-o. Então preparou a espada para um golpe final.



Astarte caiu para trás. O tempo parou.

Desde o início, estivera em concentração absoluta, mas até então apenas conseguira manter o ritmo com Emanuel. Agora, com o braço quebrado, inúmeros ferimentos, caído e vulnerável enquanto o inimigo postava-se em guarda para atacar uma última vez, viu o mundo como via com adversários inferiores: lento.

O helicóptero voava baixo. Felix fazia-o adernar, inclinava-se, com metade do corpo para fora, estendendo a mão. Salomão, quase morto, ainda agarrava Nicole. Emanuel exibia a postura perfeita da esgrima, o movimento que não falharia.

Astarte sentia a vontade de Emanuel soterrando a sua própria, transformando-o em derrotado.

E via Nicole presa.

Voltou-se para o Dragão. O movimento das pernas, deixando o corpo ereto, veio sem que ele tomasse consciência. A mente do elfo se expandiu, forte, indo de encontro à vontade do inimigo. Era possível vencer Emanuel. Ele estava ferido e ocupado com Salomão. Sua base tinha o centro de gravidade levemente deslocado – não o bastante para causar um erro, mas o suficiente para que o maior espadachim de Arcádia pudesse bloqueá-lo. Astarte ainda tinha a espada e estava de pé. Era possível vencer, concentrando-se em Emanuel.

Mas Nicole estava presa.

Astarte saltou.

Um dos braços pendia, mas o outro golpeou com perfeição. Puxou a espada e, no mesmo movimento, descreveu o corte. A cabeça de Salomão Manzini voou solta, e de seu pescoço brotou uma fonte de plantas coloridas.

Os tentáculos em volta de Nicole se afrouxaram. Ela começou a cair, mas a mão forte de Felix segurou-a.

– *Astarte!* – gritou a garota.

Estendeu a mão para o elfo. Ele, ainda no ar, esticou-se para ela. Deixou a espada cair e, por um instante, seus dedos se tocaram.

Então Nicole viu a espada de Emanuel surgir através do estômago de Astarte, perfurando a cota de malha e atravessando o corpo do elfo.

Astarte soltou uma golfada de sangue. O helicóptero ganhou altitude. Felix puxou Nicole para dentro, enquanto ela berrava e tentava se desvencilhar.

O Dragão e o príncipe pousaram – o humano de pé, o elfo prostrado. Emanuel pisou sobre as costas de Astarte e puxou a espada. Rugiu sobre o corpo inerte do inimigo, em triunfo.

O helicóptero preto sumiu na noite.

PARTE III
O castelo de Nicole

Capítulo 28
Kalashnikov

À NOITE, TODOS DE PRETO no galpão do comando central.

A Gladius estava reunida.

– Senhores, o inimigo tem poderes que não conhecemos por completo – disse o coronel. – Todos devem estar familiarizados com o relatório do cliente, mas o cliente é um civil. Não confiamos em civis para fazer o reconhecimento, então estejam preparados.

– Eles vão nos ameaçar com buquês de flores? – alguém levantou a mão.

– Vão nos derrotar com o poder do amor? – disse outro.

O galpão foi tomado de risadas.

– Mantenham essa confiança, moças, mas não fiquem convencidos demais – o coronel interrompeu as piadas. – Sim, eles são monges que usam armas de mil anos atrás. Mas o último relato confiável de engajamento contra um inimigo comparável data de 1683. Quero cautela, quero eficiência, quero eliminação de todos os alvos. Sem brincadeiras, sem vídeos para a internet. Entendido?

Um grito de aprovação de todos ao mesmo tempo.

– Esta missão é importante para o pessoal lá de cima – o coronel retomou. – Não estamos desestabilizando regimes no deserto, senhores. Nosso cliente pagou por nossa reabilitação. Foi para isso que fomos treinados. A gerência ficará satisfeita se apresentarmos um sucesso pleno.

A mítica entidade conhecida como “a gerência” lidava com apenas duas coisas: dinheiro e resultados. Ninguém jamais vira um dos diretores, ninguém sabia se eram ex-militares ou só executivos. No entanto, qualquer menção à gerência atraía atenção imediata. Se você cometesse um erro e a gerência demonstrasse interesse, era o fim de sua carreira. Se você se destacasse a ponto de ser notado pela gerência, era garantia de promoção. A gerência não se importava com captura de terroristas ou supressão de movimentos populares – isso era problema dos clientes. Importava-se com o que fazia diferença real. Dinheiro e poder. Se a gerência achava que uma fortaleza cheia de monges

primitivos fazia diferença, os agentes acreditavam. O envolvimento de todo o quadro da Gladius provava que o assunto era sério.

– Uma pergunta, meu comandante – disse um soldado.

O coronel mandou que falasse.

– Por que vamos equipados com essa sucata?

O armamento designado para a missão era vasto e, como sempre, complementado pelo que cada agente pagava do próprio bolso. Contudo, centrava-se em velhos fuzis de assalto AK-47.

A Gladius dispunha das armas mais modernas do mundo. Muitas vezes, testava em campo protótipos. Carregar os fuzis típicos de rebeldes, guerrilheiros e bandidos estava abaixo deles.

– Como eu disse, nosso objetivo aqui é eficiência – explicou o coronel. – Nosso inimigo não usa blindagem, não dispõe de veículos. Não precisamos de grande poder de fogo. Precisamos, sim, de uma arma confiável.

Todos assentiram.

A AK-47 não era impressionante. Não rendia boas fotos, não dava aos soldados a aparência de matadores futuristas. Mas tinha uma grande vantagem: funcionava.

Eles não sabiam como seria o combate. Não sabiam quais condições teriam de enfrentar, levando-se em conta os poderes sobrenaturais do inimigo. A AK-47 resistia à areia do deserto, à umidade da selva, ao frio do ártico. Suportava qualquer intempérie, podia ser consertada rapidamente, mesmo por soldados usando luvas. Como uma arma de quase setenta anos, foi há muito ultrapassada em precisão e potência. Mas era fiel como a melhor das esposas.

– Ou estão dizendo que precisam de mais do que isso para matar um bando de faquires armados de arco e flecha? – provocou o coronel.

O contingente reunido riu.

– Vão até lá e ponham os desgraçados no chão, senhores. Vocês não vão falhar, não vão fraquejar, não vão demonstrar piedade. Porque são profissionais. O que somos, mocinhas?

– *Gladius!* – responderam todos.

– Vão, vão, vão! Mostrem-lhes o inferno!

Os agentes fecharam os capacetes, escondendo os crânios. Ergueram-se e correram para os helicópteros, sob gritos de entusiasmo e incentivo dos sargentos.



– Ouvi dizer que eles precisavam passar por um labirinto para chegar até aqui – falou um dos agentes, observando o mosteiro de Ynilaguenne pela porta aberta do helicóptero. – Bando de civis burros.

As aeronaves negras sobrevoavam a floresta, e já estavam quase sobre o mosteiro. Os mercenários conduziam a última checagem de equipamento, antes de pular para a ação. Sentiam o vento da altitude e das hélices puxando por todos os lados. Havia três helicópteros de ataque Apache, armados com metralhadoras giratórias sob o nariz e mísseis nas laterais, mas estavam ali apenas como reforço. Os demais eram modelos Black Hawk e transportavam tropas.

A Gladius não dependia de helicópteros para poder de fogo aéreo. O ruído dos jatos aproximou-se rápido, e todos exclamaram entusiasmo quando os dois aviões bombardeiros B-1B Lancer passaram por eles, sobrevoando o mosteiro.

A companhia possuía apenas aqueles dois, e mesmo isso era um risco. Armamento pessoal, veículos terrestres e até mesmo helicópteros chamavam menos atenção que aviões de combate. Sua presença no espaço aéreo brasileiro tivera de ser negociada com altos escalões que não interessavam nem um pouco aos soldados. O importante era que os pilotos fizessem seu trabalho.

Os bombardeiros abriram compartimentos e largaram sua carga mortal. Duas bombas caíram sobre Ynilaguenne, criando uma explosão gigantesca. Transformaram o escuro da noite, enchendo a floresta de bolas de fogo. Os agentes urraram em aprovação.

Apenas os oficiais preocupavam-se com a maneira como a fortaleza inimiga fora localizada. Sabiam que estivera oculta durante séculos pela magia élfica. Um implante místico em uma garota possibilitara um ritual de rastreamento, e o resto era a simples adaptação de um ataque comum.

Os computadores das aeronaves e dos capacetes tiveram de ser atualizados com muitas linhas de código ritualísticas, obtidas a partir do feitiço de Salomão Manzini. As bombas haviam sido cobertas com padrões élficos, para garantir a precisão. Enfim, não importava se a camuflagem era mundana e tecnológica ou sobrenatural e mística – a Gladius encontrava o inimigo onde estivesse.

Duas torres do mosteiro desabaram sob o bombardeio. Os aviões descreveram uma curva longa, preparando-se para voltar à base, e deram sinal de aprovação para os oficiais. Antes que as bolas de fogo arrefecessem totalmente, os helicópteros começaram a descer, os agentes preparados para saltar ou escalar as

escadas de corda. Os helicópteros de ataque circulavam o mosteiro, prontos para disparar fogo de supressão.

– Desembarque autorizado – disse uma voz no rádio. – Ataquem o inimigo à vontade.

Então os helicópteros despejaram os mercenários, e as AK-47 começaram a cantar.



Um esquadrão penetrou no mosteiro através de uma abertura lateral, produzida pelo desabamento de uma muralha. Dois agentes jogaram granadas flashbang, seguidas por duas de fragmentação. Então invadiram, os fuzis apontados para todos os lados. Foram recebidos por cinco monges – um deles ensanguentado, os outros ilesos. Não deram ordens de rendição: começaram a atirar.

Os agentes dividiram-se em dois grupos, indo abrigar-se atrás de alguns escombros enquanto os colegas mais atrás lhes davam cobertura, disparando. Um dos monges girou os braços em rápidos movimentos circulares, e uma súbita lufada de vento ergueu os escombros que recobriam o chão, criando uma proteção contra as balas. Elas ricochetearam, mas o fogo contínuo de dois lados venceu a magia. O peito do monge foi trespassado. Seus companheiros dispersaram-se, mas foram detidos por rajadas. Um deles encaixou uma flecha em um arco com velocidade espantosa, disparou no exato instante em que um dos agentes expunha a cabeça para atirar. Plantou a seta no meio do visor, quebrando-o.

Em resposta, mais tiros.

A escolha dos fuzis mostrou-se acertada. O ataque dos monges provocava aquelas ventanias, chuvas de destroços e poeira que poderiam fazer engasgar armamentos mais temperamentais. A boa e velha AK-47 não reclamava, mesmo sob a punição do ambiente, seu barulho rítmico como uma gargalhada.

Outro esquadrão veio por trás, disparando. Dois monges tombaram, e os demais foram pegos no fogo cruzado.

– Padrão, padrão – disse um sargento. – Área segura. Avancem!

A Gladius corria pelas passagens labirínticas de Ynilaguenne. A arquitetura deveria confundir quaisquer invasores, deixá-los perdidos, mas as bombas haviam se encarregado de acabar com a maior parte do efeito. Eles desceram à cozinha, precedidos por explosões. Dominaram os dormitórios, chutando a porta de cada cela e fuzilando o interior antes mesmo de enxergar quem estava lá

dentro.

– Líder azul, responda – começou um sargento.

Então, atrás dele, um estrondo. Uma parede explodiu, e através dela voou um agente – corpo mole, alquebrado. O mercenário chocou-se com a próxima parede, então foi ao chão. Através do rombo, surgiram duas monjas; uma realizando as Formas Sublimes, a outra com uma flecha pronta no arco.

O esquadrão virou-se. A primeira monja, ainda descrevendo as Formas, movimentou o ar, num pequeno redemoinho ao redor da flecha da companheira. Ela então disparou, e o projétil foi acompanhado de um ciclone. Os mercenários foram arremessados para trás.

Ergueram-se rápido, atirando para proteger os companheiros enquanto buscavam uma posição vantajosa. Mas então as duas monjas chutaram as paredes, ao mesmo tempo. Um ruído contínuo, como um terremoto, e então rachaduras se espalharam pelas muralhas. O teto desabou atrás delas e atrás dos agentes, selando todos num corredor exíguo.

– Estamos juntos para o resto de nossas vidas – disse uma das mulheres.

As vidas de todos ali acabaram rápido.



Cinco esquadrões penetraram no cemitério, enquanto os olmos ardiam. Haviam recebido a informação de que aquele era o centro do mosteiro, o local de maior poder, e estavam preparados para tudo.

Alguns tinham flechas cravadas no rosto ou no pescoço, cortes fundos no peito ou no estômago. Mas, de acordo com o procedimento de reabilitação, continuavam ativos. Os monges, no entanto, morriam. A Gladius havia deixado um rastro de corpos até o cemitério. Invadiram ao mesmo tempo por todas as entradas e também por cima, prontos para encontrar o maior contingente inimigo.

Mas só havia uma pessoa.

Mesmo com as ordens de não hesitar, eles não conseguiram puxar os gatilhos. Lá estava um único homem, e nem mesmo vestia as túnicas dos outros. Usava apenas um tecido enrolado sobre a pélvis. Era um velho magriço de pele escurecida. Seu braço esquerdo apontado para cima e aparentemente paralisado. Ele tinha os olhos fechados e respirava com calma.

– Atirem! – ordenou um sargento.

Mas ninguém obedeceu.

Os agentes não sabiam por que não conseguiam fazer um movimento simples. Eram incapazes de mexer os dedos sobre os gatilhos. Não podiam sacar granadas e arremessá-las. Eram capazes apenas de observar aquele ancião tranquilo, que nem parecia notar sua presença.

O velho ergueu uma perna.

Então outra.

Ficou flutuando no ar. Cruzou os tornozelos enquanto levitava, ficando em posição de lótus. O braço ainda erguido.

– Neutralizem o alvo!

Mas nem mesmo os sargentos acreditavam na própria ordem.

– Líder branco, o que está acontecendo? – disse uma voz no comunicador. – Responda, líder branco, qual é a situação?

E o sargento surpreendeu-se pela própria resposta, mas só havia uma palavra a ser dita:

– Paz.

O ancião continuava flutuando, os agentes continuavam com os fuzis apontados. Os olmos continuavam ardendo, e era impossível fazer qualquer coisa. A presença daquele velho impedia qualquer agressão.

– *O quê*? – exclamou um dos agentes.

Começou a arranhar o próprio elmo, em desespero. Em seguida, outro ao lado fez o mesmo. Em outro esquadrão, um soldado retirou o capacete.

– O que ele está fazendo?

Algo terrível acontecia: a pele e a carne voltavam ao rosto daqueles homens.

– *Solicitamos reforço imediato, solicitamos reforço imediato.*

Todos caíram no chão, tomados por dor e coceira, prazer e agonia, enquanto músculos, tendões, órgãos e nervos voltavam a crescer. Os fuzis esquecidos: eles não tinham qualquer pensamento de luta, nenhuma intenção agressiva. Logo, não conseguiam nem mesmo chamar reforços.

Porque naquele lugar não havia mais agressão, segundo a vontade de Dilliollath, o ancião do mosteiro de Ynilaguenne.

E, sem agressão, não havia mais mortos-vivos.

Se algum daqueles agentes fosse capaz de concentrar-se naquilo, veria que o ancião estava diminuindo. E também se tornando translúcido. Dilliollath parecia estar *menos ali,* enquanto os mercenários recobravam a vida.

Um deles começou a chorar, subitamente maravilhado com o cheiro da natureza lá fora, mascarado pela fumaça e pelo sangue.

Dilliollath estava quase invisível, pouco maior que um boneco. Os

mercenários erguiam-se, retirando capacetes e coletes, expondo a pele recém-formada, perplexos com as sensações recuperadas.

O velho mantinha-se flutuando em posição de lótus, com os olhos fechados, o braço esquerdo erguido.

Então sorriu.

E abaixou o braço.

O centro do mosteiro desabou. Toneladas de pedra vieram abaixo, soterrando os agentes da Gladius ressucitados. Os olmos foram derrubados, e tombaram sobre eles com fúria flamejante.



– Ninguém escapou – disse o coronel. – Mas parecem poucos.

A manhã viu as fileiras de cadáveres de monges e as ruínas do mosteiro de Ynilaguenne. Cinco esquadrões haviam sido perdidos no centro da fortaleza, mas a operação não podia ser classificada como nada além de um sucesso. Nenhum alvo escapara. Estavam todos ali, estirados para exame em glória de sangue.

Mas eram menos de quarenta. A fortaleza tivera espaço e celas para pelo menos duzentos ocupantes.

– Talvez fossem mesmo poucos – sugeriu um tenente. – Essa informação nunca chegou até nós.

Uma ordem ancestral e secreta. *Fazia* sentido que fossem poucos. Mas o resultado incomodava. Numa operação que só podia ser bem-sucedida se todos os objetivos tivessem sido atingidos plenamente, a incerteza era perigosa.

Ao longo dos próximos dias, equipes exploratórias garantiram que não havia rotas de fuga alternativas ou túneis subterrâneos ocultos. Todas as passagens haviam sido descobertas pela Gladius durante a operação. A gerência teria de ficar satisfeita, e por isso os agentes também ficariam.

Sob o sol, o mosteiro de Ynilaguenne era apenas uma ruína – 37 cadáveres, algumas paredes de pé e muitos escombros.

E, no meio dos escombros, bem no centro da destruição, uma grande flor desabrochando.

Capítulo 29
À deriva

POUSARAM O HELICÓPTERO NO MEIO do nada, entre dois bosques.

– A não ser que você queira continuar voando – disse Felix. – Fugir daqui para sempre.

Nicole não respondeu. Apenas saiu do veículo e abrigou-se atrás de uma árvore, tapando os ouvidos.

Felix suspirou, também sem falar. Eles precisavam se livrar do helicóptero, e isso significava uma explosão. O ruivo juntou-se a ela, abraçando-a para que ambos se firmassem. Então houve o estrondo terrível, seguido do impacto do ar fervente, balançando as árvores. Há poucas horas, explosões como aquela tinham feito parte da luta da qual ela fora resgatada.

A luta em que Astarte fora derrotado.

Os joelhos de Nicole fraquejaram.

– Temos que continuar, garota. O inimigo pode estar logo atrás.

Ela achou que não conseguiria. A dor nos pés e nas pernas já se transformara em dormência. Nicole sentia-se repleta de um enjoo brutal, que se espalhava do estômago ao resto do tronco, dificultava todos os movimentos, retumbava na cabeça. Junto com a náusea, o pensamento repetitivo, rítmico, que pulsava em um crescendo, até transbordar em palavras:

– Ele foi derrotado por minha causa. Pode estar morto.

– Esqueça isso. Caminhe.

As pernas começaram a se mover por vontade própria. Quando ela conseguia concentrar-se na ardência física, em vez da agonia mental, era um alívio: durante alguns segundos, quase esquecia que Astarte fora vencido porque ela hesitara no último instante, preferindo a vida mundana ao treinamento élfico.

Era punição. Nicole julgava merecer a dor.

Eles andaram até amanhecer, depois continuaram até o meio-dia, em silêncio. Ela alguns passos atrás de Felix, que examinava o terreno, investigava rastros, apurava os sentidos para detectar sinais de perigo. À tarde, o ruivo decretou que

precisavam descansar. Ela não argumentou; sentou-se contra uma pedra e adormeceu de pronto. Foi assaltada por sonhos desencontrados – cenários otimistas, lembranças de culpa. Felix ia tocar em seu ombro para acordá-la. Antes que ele encostasse, ela despertou num repelão. Ainda estava claro, não dormira nem duas horas. Súbito, a memória de estar na cama de Augusto Strauss, contra a vontade e com memórias alteradas, veio com a força de um chute. Ela desabou em soluços.

Mas não disse nada.

Já era madrugada quando pararam de novo.

– Coma – ordenou Felix, estendendo um pedaço da carne de algum bicho que havia caçado.

– Estou sem fome.

– Coma.

Ela obedeceu. Tinha gosto de cinzas.

Mais uma hora e meia de sono. Partiram de novo antes do nascer do sol.

Gastaram alguns dias evitando os agentes da Gladius – Felix notava a proximidade através de marcas sutis na vegetação. Não conversavam; Nicole mantinha-se cabisbaixa e pessimista. Felix examinou-a em busca de ferimentos – encontrou pouca coisa além de pele esfolada e cortes superficiais. Ela deixou que ele aplicasse curativos simples. Não esboçava qualquer reação ao mundo.

Já perdera a conta dos dias quando, num acampamento noturno, Felix anunciou:

– Estamos fora de perigo.

Sem resposta. Ele continuou como se não estivesse falando com uma pedra:

– A Gladius estava rondando a região. Não sei se estavam realmente atrás de nós, ou se era apenas uma vistoria geral. Mas não vejo sinais deles desde anteontem. Devem ter voltado à cidade.

Nicole lembrava vagamente de ouvir barulho de hélices. Mas não sabia se eram memórias dos últimos dias, do combate no acampamento ou do cerco ao casarão, mais de vinte anos atrás. Soldados, helicópteros, fugas e tiros confundiam-se no passado e no presente. A história de sua vida era uma pintura abstrata, borrões de violência surgindo em qualquer lugar – imprevisíveis, inevitáveis.

Silêncio.

– Nicole, vou explicar o que estamos fazendo. – Felix mexia na pequena fogueira. – Vou dizer o que vai acontecer nos próximos dias, porque sei que você vai conseguir lidar com isso. É adulta, não vai se comportar como uma criança

desesperada. Vai ser racional e fria.

Nada.

– Vamos encontrar os monges de Ynilaguenne.

Ela olhou para ele, o que representava mais resposta do que geralmente demonstrava.

– Não posso voltar ao mosteiro – disse Nicole. – Levo o desastre comigo.

Felix continuou mirando-a nos olhos. Não foi até ela, não a abraçou, não fez preâmbulos. Não lhe segurou a mão ou tocou o ombro. Apenas falou:

– Não existe mais mosteiro, Nicole. Astarte e eu saímos quando a Gladius estava chegando.

E ela não chorou. Não gritou. Não crispou as mãos.

Sorriu.

– Minha culpa.

– Não é, e não importa. Você precisava saber, porque vamos encontrar os monges, e eles não têm mais mosteiro.

– Foi minha culpa, Felix – ela ainda sorria. Saber aquilo era uma agonia deliciosa, a confirmação de tudo, uma coroa de razão. – Eu tinha um implante na nuca. Eles podiam me rastrear. Encontraram o mosteiro através de mim.

Uma das razões para abandonar a vida na Europa tinha sido preservar aqueles à volta. Não adiantou: os outros sofriam por estar perto dela, mesmo em Santo Ossário.

Nicole tinha os olhos meio arregalados, ar perdido. Estava desorientada diante daquela enorme tragédia, e abria um vago sorriso. Felix não tentou trazê-la à razão. Tratou-a como a guerreira que sabia que era:

– Ainda tem esse implante? – perguntou.

– Não.

– Então não importa. Descanse. Daqui a pouco voltamos a caminhar.



No dia seguinte, um monge saltou da copa de uma árvore, bem à frente dos dois.

– Estivemos observando-os por três dias – disse o rapaz trajando a túnica de folhas. – Não foram seguidos. Venham comigo.

O acampamento era enorme; abrigava quase uma centena e meia. Mas estava tão mesclado à vegetação e à geografia que seria possível passar ao largo e não notá-lo. Todos os olhos acompanharam Nicole e Felix quando eles entraram na clareira. Os irmãos e irmãs de Ynilaguenne mantinham uma rotina semelhante à

do mosteiro. Alguns cozinhavam, outros limpavam. Alguns treinavam, outros cuidavam dos feridos.

E havia muitos feridos. Unguentos e pomadas feitos com ingredientes naturais emplastravam cortes e hematomas. Braços e pernas quebrados eram imobilizados com ataduras e talas feitas de plantas. Curandeiros descreviam gestos de significado místico frente aos pacientes. Com toques em pontos específicos do corpo, regulavam e direcionavam o fluxo da energia de Arcádia.

Ariman ergueu-se de onde estava, junto a uma maca, para recebê-los. Um dos assistentes seguia-o. Nicole notou que o outro – Dilliollath, o ancião que dera início a tudo – não estava em parte alguma.

– Estamos bem – disse o grão-mestre, a título de cumprimento. – Dilliollath usou de magia para que fugíssemos pelos olmos. Não vimos o que houve com o mosteiro.

– Não precisam ver – disse Felix. – Eu conheço a Gladius. Não restou nada.

Nicole afastou-se, apática e muda. Vagou entre os irmãos. Vários a abraçaram. Ela não devolveu os gestos, ficou de braços moles. Nenhum deles dirigiu-lhe um olhar acusatório. Nenhum a atacou ou chamou-a de fraca. Percebendo isso, ela franziu o cenho.

Ao vê-la, Cellianna interrompeu os exercícios e correu. Tomou-a nos braços e apertou-a contra o peito.

– Você está viva! – a monja deu um riso de felicidade. – Temi pelo que pudesse ter acontecido, *osellë*!

Cellianna chamara-a de *osellë*. Uma novata, ainda experimentando a vida monástica. Ela tivera a chance de ser uma irmã plena, mas preferiu seguir com Astarte. Tivera a chance de ser treinada, mas achou-se louca e escolheu a banalidade.

Não sou osellë. *Não sou nada*.

Uma intrusa. Pior até mesmo do que aqueles que visitavam o mosteiro e não aguentavam as privações e a simplicidade. Esses, pelo menos, afundavam de novo ao mundo além-labirinto e deixavam Ynilaguenne em paz.

Ela foi a única a trazer bombas e fuzis ao mosteiro.

– Onde está Eandoralla? – perguntou Nicole, sem devolver a alegria ou o abraço.

Era a outra colega de catre. Uma das amigas mais próximas que ela fizera naqueles curtos dias monásticos. Cellianna sorriu com tristeza e candura. Afagou seu rosto.

– Eandoralla escolheu ficar, *osellë*. Ela se sacrificou.

Outra pontada de dor e êxtase. A amiga morrera por sua causa. Assim como as amigas da vida anterior, vitimadas por lendas urbanas. Assim como os namorados cujas mortes sempre seriam consideradas boatos improváveis. Eandoralla morrera por passar perto de Nicole Manzini.

– Eu não sou *osellë*, Cellianna. – E empurrou a outra com gentileza, afastando-se. – Sou um câncer.

Assim como Eandoralla ficara para trás, muitos outros. Ela notava algumas ausências, embora não tivesse decorado todos os nomes e rostos nos poucos dias em Ynilaguenne. Ouvia na mente as palavras de Felix (*Não restou nada*) e imaginava os olmos queimando, tombando. Lembrava-se de Dilliollath, da história do mosteiro, e sentia o peso daquela morte maior que qualquer outro. Dilliollath, talvez o ser mais antigo e mais belo sobre a Terra. Que sobreviveu milhões de anos, que passou pelas guerras entre deuses ancestrais. Que viu renascer a raça humana, ressurgir a civilização, apenas para tombar devido à interferência de uma garota que há pouco tempo dizia não se importar com a humanidade.

– Astarte? – perguntou Cellianna, incerta.

– Eu o condenei.

Então Nicole deu-lhe as costas.

– *Osellë*! – chamou Cellianna.

Mas Nicole ignorou-a. Queria ser desprezada. Queria que vissem como era na verdade, que notassem a nuvem negra ao seu redor.

Voltou ao grão-mestre. Puxou a manga de sua túnica com violência. Ariman se virou.

– Por que permitem que eu caminhe entre vocês?

Ele franziu o cenho, intrigado. Felix apertou os lábios, para se conter e não falar nada.

– Por que não estão reunidos à minha volta, fazendo um tribunal élfico ou coisa assim? – insistiu Nicole. – Por que Cellianna me chama de *osellë*?

– Porque você é uma *osellë* – Ariman respondeu com simplicidade. – Ainda não se tornou uma irmã plena. Ainda não tem um nome élfico.

– Sou sua inimiga!

– Mesmo? Bem, se você diz, então acredito. Faça algum ato hostil, para que possamos responder à altura.

Então, Nicole deu-lhe um sonoro tapa no rosto.

– Eandoralla morreu por minha causa! Muitos outros também! O mosteiro de Ynilaguenne foi destruído. *Eu provoquei a morte de Dilliollath.*

Ariman olhou-a.

E começou a rir.

Nicole estremeceu. A mente e o corpo pareceram entrar em curto. Por um instante, foi como se a realidade se esfacelasse. Ela quase esperava desmantelar-se como uma boneca, porque não havia lógica naquilo.

Ariman ria.

– Acha mesmo que pode comandar de tal forma a vontade do mundo, *osellë*? – o monge balançava a cabeça. – Então abdicarei de meu posto. Você deve ser grã-mestra!

Ela não tinha sensação em nenhuma parte do corpo. Olhava aquilo como se assistisse a um filme. Mal se lembrava de onde estava.

– Você aprenderá a impor sua vontade sobre o mundo – Ariman continuou. – Mas ainda está muito longe disso, lamento informar. E não conheço ninguém capaz de moldar o destino de tal forma. Nem mesmo nossa inimiga, a Rainha da Beleza, pôde dobrar o grande Dilliollath!

– Eu...

– Não seja pretensiosa, Nicole.

Silêncio.

– Você é um pedregulho no rio, *osellë*. A correnteza se molda à sua forma, empurra-a e responde à força que você exerce. Mas só. O rio continua. Você não pode mudar o curso sozinha. Não pode impedir o fluxo. Sinta a correnteza do mundo ao redor. Foi isso que aconteceu, assim como sempre acontece.

Nicole não respirava.

– Astarte foi derrotado por minha causa.

– Nisso posso acreditar.

Ela apertou os dentes.

– Sua vontade *é* capaz de sobrepujar a vontade do príncipe dos elfos, *osellë*. Você é forte, e sua mente muda o destino de Astarte. Mas ele também muda o seu, então esse duelo pertence a vocês dois.

– Ele ainda pode estar vivo. Preciso salvá-lo.

– Imagino que sim.

Ainda faltava algo.

– Eu não... – ela hesitou.

Ariman ficou quieto, esperando.

– Eu não provoquei tudo isso?

– Você é só uma pedra no rio, *osellë*.

Nicole sentiu uma barreira desmoronar ao seu redor. Todas as sensações

chegaram ao mesmo tempo. Ela foi tomada por uma súbita e enorme consciência de quem era, de onde estava, de que aquela era a vida. Sentiu cada dor no corpo, cada cheiro e cada imagem. A exaustão varreu-a como uma onda. Suas pálpebras tiveram o peso do mundo, e ela amoleceu. Ariman apanhou-a nos braços, enquanto Nicole adormecia.

O grão-mestre colocou-a sobre um leito de folhas, onde ela entregou-se a um sono perfeito, sem sonhos.

Capítulo 30
Cerco

SANTO OSSÁRIO BRILHAVA.

Era a única ocasião em que os olhos do país e do mundo voltavam-se para a cidade. A época em que os lojistas corriam para aumentar os preços, os desocupados vestiam roupas pitorescas para que os turistas tirassem fotos e lhes dessem gorjetas. Todos sorriam nas ruas, pois sempre havia o flash de uma máquina fotográfica despontando, a chance de um lucro adicional surgindo. Viajantes falando outros idiomas e comprando lembrancinhas, fascinando-se com a cidade das hortênsias. Todos jurando um dia ter ali uma casa onde passar a velhice, todos tentando aprender palavras e costumes locais e aparecer na televisão.

Junto com os turistas, vinham as infinitas equipes de reportagem. Seguiam a mesma pauta há décadas: um retrato da vida tranquila em Santo Ossário, um trecho mostrando os carros que paravam para dar passagem a pedestres, uma rápida entrevista com alguma vovó que fazia chocolates artesanais desde a juventude. Uma visita à Fortaleza da Memória e às demais ruínas, às fábricas de doces. Cada canal escolhia uma família que possuísse uma relíquia dos monges, relatando a história passada de pai para filho. As redes mais ambiciosas montavam reproduções fictícias do que deveria ter sido a vida monástica dentro da Fortaleza da Memória.

E, além de tudo, havia as celebridades.

Perseguir celebridades tornava-se o esporte oficial de Santo Ossário, de dois em dois anos. Equipes de tevê patrulhavam as ruas à paisana, em carros, na tentativa de obter uma filmagem exclusiva. Rapazes e moças solteiros espreitavam, tentando conquistar algum coração famoso.

O Festival de Cinema de Santo Ossário atraía toda a beleza do mundo, e por isso a cidade brilhava. Naquele ano, as paradas de ônibus e vitrines estavam adornadas com pôsteres de filmes clássicos de Hollywood, com frases: “Passou por aqui.” De fato, quase todos aqueles atores haviam passado por Santo Ossário

décadas atrás. Quase todos aqueles filmes haviam sido exibidos no teatro Ada Strauss. O festival contava com *premières* e retrospectivas, em sessões diferentes. Além do principal cinema da cidade, parques eram adaptados com arquibancadas e enormes telas, exibindo filmes ao ar livre, de graça, sob o ar noturno e o cheiro da natureza.

Em busca do dinheiro dos turistas e das celebridades, centenas de artistas de rua também infestavam Santo Ossário. Não era incomum deparar-se com um malabarista sobre um monociclo, ou um mímico com o rosto pintado de branco, seguindo alguma vítima e imitando seus maneirismos. Em qualquer outro lugar, aquele ambiente seria um viveiro de ladrões e vigaristas.

Mas Santo Ossário era segura.

Mesmo os moradores dos maiores centros urbanos, acostumados à paranoia, logo aprendiam que as bolsas não estavam em risco. As multidões eram bem-comportadas. Podia-se contar dinheiro à vista de todos, usar joias ou guardar a carteira no bolso de trás. Naquele ano, especificamente, todos se sentiam mais tranquilos, pois uma firma internacional de segurança privada fora contratada, trabalhando de perto com a polícia.

– O que o senhor está achando de Santo Ossário? – perguntou uma repórter, que poderia ser qualquer uma, em qualquer rua.

– É linda! – entusiasmou-se um turista de outro estado, que poderia ser qualquer um, hospedado em qualquer hotel. – Estou pensando em me mudar para cá.

– Vai trocar a cidade grande pelo interior, então?

– Quando me aposentar, vou morar perto das hortênsias!

– E a segurança?

– É fantástica! Para onde quer que a gente olhe, há um guarda vigiando. O festival está de parabéns.

A mesma repórter (ou outra, em mais uma das infindáveis matérias idênticas veiculadas todos os dias) entrevistou o delegado Custódio Dutra.

– Como tem sido a parceria com uma firma de segurança particular?

– Ótima – disse o policial. – Os agentes da Gladius são profissionais corretos. Prestam uma ajuda inestimável durante esta época.

– E quantos crimes já foram registrados desde o início do Festival de Cinema?

– Nenhum.

Maravilhada, a repórter olhou para a câmera e fez um comentário espirituoso sobre a paz dessa pequena cidadezinha no interior.

As matérias eram complementadas com a presença dos próprios agentes da

Gladius. Os repórteres tentavam entrevistá-los:

– Desculpe, senhora. Não posso tirar o capacete ou falar. Estou de serviço.

Havia filmagens deles em patrulha e elogios à sua performance, como se a repórter fosse a narradora em um filme:

– Estes homens vieram do mundo todo, e não querem aparecer. Não precisam de fama. A única coisa que eles querem é deixar você mais seguro. Uma salva de palmas aos heróis de Santo Ossário.

A Gladius estava presente em quase todas as reportagens. Os agentes apareciam ao fundo das matérias sobre os turistas. Escoltavam as celebridades que chegavam em comboios de carros blindados ou através do heliporto, já que o aeroporto mais próximo ficava fora da cidade. Ladeavam a atual presidente do braço cultural da Fundação Strauss. Acompanhavam Emanuel Montague em jantares, festas e reuniões. Revistavam repórteres e convidados antes que entrassem em alguma das mansões para uma função oficial do Festival de Cinema.

Todos os principais rostos nacionais e internacionais já haviam chegado. Houve então um grande banquete, reunindo as celebridades, os Strauss, algumas autoridades de Santo Ossário e Emanuel. Realizado em um pavilhão montado especialmente para o evento, contava com cobertura de diversas redes de televisão. O pavilhão estava cercado por uma multidão de fãs em delírio, mantidos sob controle pelos seguranças de preto. Repórteres tiravam fotos e atacavam os famosos com um turbilhão de perguntas e microfones.

O estonteante casal Suzanne Langlois e Brent Taylor, conhecido por generosos atos de caridade, aproveitou o momento para se manifestar.

– O que estamos vendo aqui é o potencial realizado – disse Suzanne, em inglês. – As pessoas falam que o Brasil é um país do Terceiro Mundo, mas esta é uma iniciativa que orgulharia as maiores nações. A Fundação Strauss cumpre seu papel para tornar o mundo melhor.

O banquete era beneficente. Cada convidado pagava um custo extravagante, mas todos os fundos arrecadados destinavam-se à construção de escolas para crianças em áreas carentes.

– Obrigada à Fundação Strauss, por se juntar a esta luta – completou Suzanne. Então, em português: – Viva Santo Ossário!

Os fãs entraram em frenesi. A beldade cegou-os com um sorriso e tomou o braço do marido.

Suzanne Langlois e Brent Taylor apertaram a mão de Emanuel, sob as vistas da Gladius. Também o famoso diretor Connor Matranga, a jovem diva Lily

Claire, todos os membros da banda Six Toes e muitos outros. A mesa era como um ajuntamento de capas de revistas. Tantos rostos célebres que as fortunas reunidas superariam o PIB de diversos países.

Era a nata da sociedade. A elite. A beleza.

Emanuel estava satisfeito.

Ele não era o astro ali. Mesmo entre os organizadores, deixava os holofotes para os outros Strauss. Não temia que algum membro da família dissesse qualquer coisa inapropriada, tomasse qualquer atitude imperfeita. Cada um deles fora programado por uma série de rituais realizados por Emanuel na semana anterior. Eram como extensões de sua própria personalidade. Não tinham mais pensamento independente.

Se pudesse fazer isso com o mundo todo, Emanuel seria um homem feliz. Acabaria com a sujeira, a petulância, a falta de subserviência e polidez. Mas não importava – a beleza do mundo estava em Santo Ossário, e em breve a sociedade humana daria lugar a uma nova era de glórias élficas.

Emanuel checou as horas. Pediu licença a Mauren – como se tivesse alguma consideração pela garota – e retirou-se pela saída dos fundos. Ali havia somente um punhado de fotógrafos, na esperança de apanhar alguma celebridade. Tiraram algumas fotos dele, mas não importava. Emanuel sorriu e partiu para outra obrigação.

A cidade estava cheia, superlotada. Os quartos nos hotéis haviam se esgotado há muito, alguns moradores fizeram de suas casas pensões improvisadas. As ruas estavam tomadas por forasteiros de todos os lugares, com todos os sotaques.

Quem notaria que bem ali estava acontecendo uma das maiores reuniões de caçadores de todos os tempos?

Emanuel chegou à festa particular e começou a apertar as mãos dos iluminados.



– O Caroneiro – apresentou-se o homem. – Especialidade: mulheres profissionais na faixa dos quarenta.

– Muito prazer – disse Emanuel.

O Caroneiro não teve qualquer pudor em contar sua história, a infância que – talvez – o distorceu e o motivou a ser um assassino. Muitos caçadores eram tímidos, às vezes paranoicos. Alguns temiam contato com outras pessoas, ou tinham nojo de apertar mãos. O Caroneiro, contudo, era um tipo loquaz e

simpático. Com pouco menos de 30 anos, era um dos mais jovens ali. As calças jeans surradas e os tênis de lona emprestavam-lhe uma aparência ainda mais juvenil. Contou sobre seus hábitos e sobre as fotos e troféus que guardava das vítimas.

A reunião dos caçadores não era nem de perto tão glamorosa quanto o banquete das celebridades. Mas Emanuel sabia que tinha igual importância – e, para ele, era muito mais instigante. Muitos daqueles eram vermes, como foi Salomão Manzini, mas outros estavam quase à sua altura. Havia o Homem de Cera, que se recusava a tocar em qualquer pessoa sem luvas protetoras, comia apenas o que ele mesmo levava em embalagens esterilizadas e possuía uma verdadeira biblioteca de "troféus" preservados em resina. Havia a Sedutora, com uma cruzada pessoal contra os homens que não tratavam esposas e filhas com a dedicação que ela achava adequada. Era uma das únicas mulheres entre os caçadores.

Outros caçadores eram-lhe apenas indiferentes. Coração Solitário marcava encontros com mulheres através de um famoso site na internet, então as matava. O Enfermeiro acabava com o sofrimento de pessoas doentes – ele mesmo as diagnosticava, ainda que os pacientes afirmassem estar saudáveis. Cupido arranjava "noivos" para a mãe há muito falecida.

E havia lá algumas figuras célebres. Caçadores estrangeiros, atraídos pela fama do Estripador das Hortênsias e pelas promessas de liberdade e vítimas em Santo Ossário. Quatro alemães formavam o grupo conhecido como "a Vanguarda", que filmara um macabro vídeo que circulava nas piores partes da internet. Um caçador norte-americano que nunca havia sido apanhado, embora seus crimes tivessem dado origem a um punhado de filmes de Hollywood. E duas celebridades do mundo das vítimas – um cantor australiano de sucesso e um membro da família real inglesa.

A maioria não era cultista. Mas todos sabiam que, entre os caçadores, havia uma seita discreta. Mesmo os mundanos respeitavam o culto à Rainha, e todos recebiam o apelido de "iluminados". Havia alguns poucos servos de outras raças e deuses ancestrais, com menos tradição de apadrinhamento da caça. Embora seus patronos tivessem sido inimigos na pré-história, a irmandade dos caçadores falava mais alto, e todos conviviam em paz no subsolo que Emanuel havia preparado para recebê-los.

Era difícil agradar quase uma centena de convidados com preferências tão diferentes, mas ele usara suas habilidades de anfitrião para chegar a um meio-termo razoável. O Cálice escolheria um ambiente forrado de papel filme, sob

luzes estroboscópicas. Por outro lado, Coelho Sapeca gostaria de um ambiente fofo e macio, decorado com figuras clássicas de desenhos animados. Mas Emanuel conseguiu deixar todos satisfeitos com o porão semelhante a uma masmorra. A meia-luz proveniente de tochas emprestava um ar sinistro a tudo. Os serviçais vestiam trajes de couro, com máscaras negras que lhes cobriam os rostos. Afinal, todos os assassinos em série aceitavam a classificação de "caçadores". Imaginavam-se temidos e poderosos. Uma sala ameaçadora alimentava as fantasias, e ninguém reclamou.

Os caçadores circulavam entre si, trocando impressões e reconhecendo o trabalho uns dos outros, quando Emanuel postou-se contra uma parede e bateu com uma colher em sua taça, solicitando atenção.

– Meus amigos – disse. – Gostaria de agradecer por sua presença. Este é um dos maiores encontros de nossa fraternidade em toda a história, e orgulho-me de fazer parte disso.

Tais reuniões não eram desconhecidas. Havia alguns grupos esporádicos, como a Vanguarda ou os espíritos atendidos por Jonas Zarco na fazenda – mas eram diferentes. Os verdadeiros encontros de caçadores independentes eram raros. Apenas um punhado comparava-se ao que Emanuel realizara. Uma convenção nos Estados Unidos, há algumas décadas, e um notório clube romano, mais de dois mil anos atrás.

Secretamente, Emanuel julgava que mesmo esses empalideciam. Em Santo Ossário formava-se, até onde ele sabia, o primeiro exército de caçadores da história.

– Não me lembro de seu pseudônimo – disse alguém, mais à frente.

– Nunca usei um – sorriu Emanuel. – Sempre cacei com meu próprio nome. Mas agora sou o Dragão.

Murmúrios.

O Dragão era uma figura lendária entre os caçadores. Muitos haviam utilizado o nome, ao longo dos anos – a maioria sem qualquer ligação com a Rainha, ou mesmo conhecimento do que a alcunha significava. Mas os mais bem informados sabiam que o Dragão ressurgia de tempos em tempos, sempre se destacando entre os assassinos com poderes sobrenaturais. Quase ninguém ali ignorava a existência de tais capacidades, mas em geral eram discretas e débeis. O Dragão, por outro lado, sempre apresentava poderes notáveis, era invariavelmente um lutador temível. Salomão Manzini trouxera a figura do Dragão de volta ao topo da cultura da caça – mas nem mesmo ele clamava-o como único nome de guerra.

– Conquistou o título do Estripador das Hortênsias? – quis saber um dos convivas.

Emanuel controlou-se.

– Salomão Manzini nunca foi o Dragão. Possuía dois dos objetos, alguns poderes. Mas seu fracasso é a prova de que nunca chegou à plenitude.

Mais burburinho. Quase todos ali eram fãs de Salomão. Ansiavam por vê-lo. Ele era mais um colega popular do que uma celebridade. Alguém que conhecia todos, tinha todos os contatos, alguém cuja obra era admirada. Nenhum outro havia inspirado tanto os caçadores como o Estripador das Hortênsias. Era um divulgador daquela arte, responsável pelo seu surto de popularidade. E especialista numa área muito específica e respeitada: o abuso ritualístico.

– Onde está Salomão?

– Morto.

Silêncio. Alguns dos mais sensíveis começaram a chorar, mas Emanuel estava preparado.

– A obra de Salomão Manzini trouxe-os a Santo Ossário – disse o Dragão. – Ele foi um dos maiores servos da Rainha da Beleza – sentiu asco por mentir – e morreu a seu serviço. Agora irei lhes mostrar aquilo pelo qual o Estripador das Hortênsias deu a vida.

Duas servas puxaram uma cortina pesada, revelando uma escadaria que conduzia para baixo. Eles já estavam no subsolo, mas o complexo aprofundava-se ainda mais, pelos degraus iluminados por tochas. Foi um longo tempo até que todos descessem, mas enfim chegaram a um salão maior, dominado por uma única figura enjaulada.

Astarte estava vestido na cota de malha maltratada, com os cortes da batalha. Pulsos e tornozelos presos em coleiras de ferro, pescoço ligado aos quatro membros por correntes esticadas. Uma mordaça metálica sobre a boca, uma espécie de máscara de ferro tapando-lhe a visão. O braço quebrado tinha sarado, deixando apenas uma cicatriz.

Uma exclamação se espalhou por entre os caçadores.

– Este é um elfo, meus senhores. O príncipe dos elfos. Para os servos da Rainha, uma criatura sagrada. Para os cultistas dos outros deuses, o maior dos prêmios. Todos devem admirar o troféu que Salomão Manzini capturou. Ele morreu para que Astarte fosse nosso.

Eles examinaram o prisioneiro com assombro e curiosidade.

– Podemos brincar com ele? – entusiasmou-se alguém.

– O príncipe não é um brinquedo. Não é uma vítima. Mas sua presença aqui

nos traz liberdade. Astarte é nosso, e por isso poderemos caçar em Santo Ossário sem temer as consequências. Nunca seremos incomodados pelo mundo lá fora. Não precisaremos esconder nossas faces.

Alguns estavam ajoelhados, entoando cânticos ritualísticos.

– Como tudo isso vai acontecer?

– Esta manhã verá a última aurora de nossa vulnerabilidade – disse Emanuel. – Daqui a algumas horas, ninguém mais poderá nos tocar.

Eles rodeavam Astarte, que tentava se debater.

– Amanhã começa a temporada de caça? – perguntou um grandalhão.

– A temporada já foi aberta. A partir de amanhã, as presas não terão mais para onde fugir.

Deixando as promessas suculentas propagarem-se pelos convidados, Emanuel puxou uma chave de dentro do paletó. Destrancou a mordaça de ferro. A boca de Astarte estava ferida, e a primeira coisa que ele disse foi:

– Onde está Nicole?

Algumas dezenas de caçadores se interessaram. Nicole Manzini agora era o mais próximo que poderiam chegar do Estripador das Hortênsias, e muitos rezavam para que se mostrasse uma sucessora à altura do pai.

– Nicole Manzini já não tem mais importância – disse Emanuel, para os caçadores. – Ela cumpriu sua função. Trouxe o príncipe até nós. Então...

– *Então podemos caçá-la* – foi interrompido por alguém.

Ela poderia ser uma namorada, uma vítima, uma caçadora.

– Não vou jurar vingança – disse Astarte. – Não vou ameaçá-lo caso você toque nela. Porque Nicole não vai permitir que isso aconteça. Ela sempre venceu sua laia. Se esperam uma vítima, preparem-se para uma surpresa.

Emanuel desferiu um soco violento contra o queixo do elfo.

– A Rainha já triunfou, príncipe. Todos já estão condenados.

– Nicole e Felix fugiram. E nem mesmo você e seus assassinos podem resistir a um bombardeio de armas terrenas.

O rosto de Emanuel se iluminou.

– Vejam, meus amigos! Vejam a ingenuidade de nosso prisioneiro! Ele acha que há chance de fuga. Chance de intervenção.

Aproximou-se de Astarte.

– Já falei, Alteza. A partir desta manhã, seremos invulneráveis. Ninguém irá entrar ou sair de Santo Ossário.

Fechou de novo a mordaça.

– Estarão todos presos – e abriu um sorriso – *conosco.*



O território do município de Santo Ossário era vasto. Englobava parte da serra, várias fazendas da região. O museu de Jonas Zarco, uma boa área de floresta e até mesmo o terreno onde ficava o mosteiro de Ynilaguenne. Por isso, foram necessárias muitas cabeças. Cabeças de vítimas, mortas por Salomão, por Emanuel, pelos demais caçadores ao longo de semanas. O Dragão recolhera os cadáveres. Armazenara-os em salas secretas em um prédio da Strauss. Quase fora descoberto por Abel, mas no final tudo correra perfeitamente. As cabeças foram recolhidas naquela manhã, numa colheita tétrica, e agora eram distribuídas ao redor de Santo Ossário.

Cada uma fincada em um poste, em intervalos regulares, por toda a fronteira que demarcava os limites do município. Do alto dos helicópteros, agrimensores da Gladius garantiram que cada poste fosse cravado no ponto exato.

Quando a obra acabou, o ar tremeluziu em volta de Santo Ossário. A energia de Arcádia envolveu a cidade.



Uma família avançou pela estrada, para fora dos limites do município, dentro do carro.

Um segundo depois, entravam de volta, passando pelo pórtico onde se lia BEM-VINDO A SANTO OSSÁRIO – A CIDADE PARA ONDE TODOS VOLTAM. Não se lembravam de qualquer intenção de ir embora. Estavam prontos para comprar suvenires e perseguir atores famosos.

– Estamos aqui com a vovó que faz chocolates artesanais há mais de cinquenta anos – disse uma repórter, microfone em punho. – Dona Bernardete, conte para nós como começou esse amor pelo chocolate.

Nem repórter, nem equipe e nem vovó notavam que as transmissões não iam a lugar algum. Os sinais de tevê não deixavam Santo Ossário. Ninguém estranhava que as notícias do mundo lá fora se repetissem todos os dias. Ninguém percebia que nenhum e-mail chegava de fora da cidade, que nenhuma página na internet era atualizada, que nenhum jornal vinha da capital.

Os caçadores tomaram as ruas.

Haviam entrado em Santo Ossário e trancado a porta.

Capítulo 31
Escola de combate

NICOLE MERGULHOU NUM SONO SEM sonhos.

Mas então como Astarte surgiu?

Ela foi despertada pela luz, e então achou que continuava dormindo. Como em todos os pesadelos, esperava ver Astarte sangrando, curvado sob a lâmina de Emanuel ou transformado em general inimigo.

Mas abriu os olhos e enxergou Astarte acima dela, com um sorriso sério, envolto em luz de todas as cores, a mão estendida. Vestido na belíssima cota de malha élfica, mas sem as marcas e rasgões do combate no acampamento. Ela se ergueu sobre os cotovelos e olhou em volta. Era noite, a clareira estava parada.

Mais que parada: estática.

Uma mariposa congelada no ar, em pleno voo. Duas sentinelas paralisadas nos postos. Um irmão que saltava de um galho de árvore preso no tempo, sem tocar o chão. O vento não soprava, nenhum animal fazia seu barulho noturno. As folhas não farfalhavam.

A luz ao redor de Astarte expandiu-se, tomando todo o ambiente. Ele descia em direção a ela, vindo de cima, vindo de lugar algum. Nicole sentiu-se ficar mais leve, até que flutuava. Haviam posto um cobertor feito de folhas secas sobre ela, e seu corpo atravessou-o sem esforço ou dificuldade. Mais leve, mais leve, o coração acelerando. Astarte mais próximo, sem que a distância entre os dois fizesse sentido, o tempo e o espaço deixando de existir.

Ela conhecia aquela sensação: estava sendo abduzida.

O terror tomou conta de Nicole. Não experimentava aquilo desde a estrada para Santo Ossário, uma vida atrás. O que vinha a seguir, ela sabia desde a infância, era dor e experimentos, impotência e os médicos esqueletos. Ela estaria paralisada, horas ou dias teriam passado quando fosse devolvida, embora experimentasse apenas minutos.

Mas daquela vez não eram os médicos esqueletos.

E ela estendeu a mão – continuava capaz de se mover.

– Venha comigo – disse Astarte.

– É você mesmo?

– Sim e não.

O espaço entre os dois era ínfimo. Era infinito.

– O que está acontecendo? O que é isto?

– Você tem uma escolha, Nicole. A escolha de todo discípulo. Pode compreender ou pode aprender. Estou aqui e não estou. Se você quiser se tornar uma arqueira, venha comigo.

A luz ao redor de Astarte dominava tudo. Ela não tocava mais o chão, não estava mais deitada. Flutuava, e não flutuava – pois não havia ar ou mesmo espaço vazio. Apenas o nada acima e abaixo. A luz e Astarte, e ela mesma.

Completou o movimento e segurou a mão do elfo.



– Onde estamos? – disse Nicole.

– Aqui.

Onde quer que fosse, era outro lugar. O céu era azul e perfeito. O ar era frio, o sol iluminava de forma impecável, construía as sombras com perfeição. Uma planície estendia-se até o infinito, incluindo montanhas, floresta, um lago. Nicole sabia, de alguma forma, que a planície não era limitada pelo resto da geografia. Não se interrompia para dar lugar à montanha, mas acolhia-a. No centro da planície, ajoelhados e sentados sobre os próprios calcanhares, apenas os dois. Arcos à frente, flechas dispostas ao lado, de forma ordenada e metódica. As cordas, ainda não presas, enroladas em espirais de beleza aleatória. Se o vento quisesse carregá-las, elas não resistiriam, e nem elfo nem humana tentariam impedi-lo. Se tal fosse a vontade do mundo – qualquer que fosse aquele mundo – assim seria.

– E o que é aqui? – ela insistiu.

– Não sei.

Nicole virou-se, ergueu uma sobrancelha.

Astarte devolveu o olhar. Sem tentar compreendê-la ou sondar os seus motivos. Apenas seriedade absoluta, confiança plena. Quando ele falou, não havia emoção.

– Se quiser continuar, este é o último espaço para questionamentos, Nicole. Depois disso, só haverá nós dois, o mundo e os arcos.

– Muito bem, então vou aproveitar. Onde estamos?

– Não sei – ele respondeu mais uma vez, e seu rosto não possuía qualquer traço de falsidade. – Finalmente entendi o erro que vinha cometendo desde que cheguei à Terra. O erro de um iniciante. Eu tentava explicar e compreender o mundo, em vez de deixar que ele fluísse por mim. Tentava impor a ele minha vontade, sem que eu mesmo me tornasse um canal para a vontade dele. Tive de refazer minha jornada mental. Cheguei então a um lugar que não conheço. Não sei onde estamos, e é por isso que estamos aqui. Seja a Terra ou Arcádia, ou um intermediário ou outro mundo qualquer, aqui estamos. Se este mundo quiser se mostrar para nós, estaremos abertos a vê-lo e ouvi-lo.

Pausa.

– Entendeu mais alguma coisa? – ela mordeu o lábio.

– Sim – disse Astarte. – Entendi que a sua vontade molda a minha, e parei de resistir.

– Você lembra quando assistimos ao filme no parque? – O rosto dela corou.

– Lembro.

Silêncio.

– Você está livre? – disse a garota.

– Em certo sentido, sim. Mais livre do que estive desde que descobri que meu mestre Harallad era um traidor.

– Isso é uma metáfora, não uma resposta.

– Já é o começo do aprendizado. Não existe diferença entre a metáfora e o que ela representa. A Terra é uma metáfora da realidade, que é Arcádia. Se você aceitar a verdade, será uma arqueira.

– Mas seu corpo físico continua preso.

– Meu corpo físico continua cercado por grilhões, em poder de Emanuel Montague, em Santo Ossário. Não está mais preso, porque estou aqui com você.

– Como conseguiu isto?

– Não sei – dessa vez, Astarte sorriu. – Não separei corpo e mente. Estou aqui inteiro, de alguma forma, e também estou lá. Não quero compreender isto, só deixar que aconteça. Sei apenas que estar em dois mundos simultaneamente foi o primeiro truque que *eles* me ensinaram, para que eu fosse treinado fora do tempo.

– Então você não pode surgir no mundo físico e matar todos.

– Não se preocupe com o mundo físico ou a morte. Você não está na Terra, e não irá matar. Você está aqui para aprender a disciplina élfica do tiro com arco.

Ela ficou um tempo respirando.

– Você me abduziu.

– Graças a você. Se não tivesse me mostrado que era possível, eu nunca teria feito.

– Então também pode abduzir Felix? Ariman? Levá-los para perto de você, para ajudá-lo?

– Nicole, aqui treinaremos a arquearia. Se quiser fazer outra coisa, faça. Se quiser aprender, fará apenas isso.

– Para ajudá-lo!

– Se tiver essa intenção, é melhor voltar, porque nunca aprenderá. Esqueça o propósito e a utilidade. Esqueça a finalidade.

Silêncio.

– Minha finalidade é um dia assistir a outro filme com você.

– A minha também – disse Astarte. – Mas precisamos esquecer isso.

Havia algo implícito que afirmava que aquilo nunca mais aconteceria.

– Você deseja aprender a arquearia élfica, Nicole?

– Sim.

– Então o tempo para perguntas acabou.



– Ouça a primeira lição: o verdadeiro mestre arqueiro nunca dispara uma única flecha.

Ela permaneceu um tempo tentando absorver aquilo, mas era obscuro demais. Tentou entender a frase por diversos ângulos, mas não conseguia chegar ao âmago. No fim, decidiu-se por um significado:

– Está querendo dizer que o mestre arqueiro é uma figura pacífica? Que não usa de violência?

Não parecia correto. Primeiro porque Astarte disparava flechas e matava inimigos. Segundo porque a intuição lhe dizia que aquela interpretação não se cravava no verdadeiro significado, como uma flecha deve se cravar no alvo. Parecia apenas resvalar na superfície.

Astarte olhou-a.

– Enquanto continuar tentando entender, nunca aprenderá. As disciplinas élficas não podem ser captadas pelo intelecto. Ao menos não da forma com que você está acostumada. Aceite o que eu disse, pare de relutar contra o que as coisas são.

Antes, o comentário do elfo provocaria uma resposta sarcástica, e esse foi o primeiro instinto de Nicole. Mas ela estava lá (onde quer que “lá” fosse) para ser

treinada, então se forçou a levar as palavras dele a sério. Para ser uma arqueira, não deveria tentar entender a disciplina da forma com que estava acostumada. Ele não dissera que ela estava acostumada com o erro, apenas que aquele aprendizado era diferente.

Toda a vontade de retrucar desapareceu.

– Observe – disse Astarte.

Ele se ergueu devagar. Já havia selecionado uma flecha, que estava próxima ao arco desencordoado. Terminou então de levantar-se, em um movimento deliberado, metódico. Apoiou o arco no chão, puxou-o para baixo, curvando-o, e encordoou-o. Astarte tomou a flecha que selecionara, descreveu uma espécie de dança ao encaixá-la na corda. Ergueu o arco acima da cabeça, abaixou-o enquanto puxava a corda. Durante esse processo, os pés, as mãos, a cabeça e cada parte do corpo tinham deveres específicos, moviam-se com precisão. Era uma coreografia ritualística. Quando Astarte terminou de puxar a corda, a flecha quase na altura dos olhos, seu corpo parecia relaxado, ao mesmo tempo em que arco e arqueiro estavam na tensão máxima. O vento soprou pela corda retesada, e o barulho resultante foi musical, quase produziu palavras. Ele ficou assim por longos instantes.

Súbito, os dedos se abriram, soltando a flecha. O projétil voou reto e firme, indo se cravar com força no alvo, um disco de palha e folhas mortas a dezenas de metros de distância.

– Agora você.

Nicole ficou surpresa. Tentou absorver cada parte da coreografia, mas era impossível decorar tudo com uma única observação. Fez um esforço para lembrar-se das inúmeras vezes em que o vira atirando. Procurou desacelerar as versões rápidas da dança do tiro que possuía arquivadas na memória; o que ele fazia com os pés, para onde olhava em cada momento.

– Não busque o tiro fora de você, Nicole. Pedi que observasse o meu tiro, e que fizesse o seu próprio. Por favor, dispare agora.

Ela assentiu.

Estava vestida com uma versão marcial da túnica dos monges de Ynilaguenne. Tinha sua própria cota de malha élfica, ainda mais leve e flexível que a de Astarte, além de botas macias e braçadeiras resistentes. Quando chegou àquele mundo, já estava vestida assim. Da Terra, conservava apenas os óculos.

Nicole ergueu-se vagarosamente, sem uma fração da graça do elfo. Também já havia escolhido uma flecha, e apanhou-a. Percebeu que o arco não estava encordoado, devolveu a flecha ao local de descanso.

– Comece de novo.

Ela voltou a se ajoelhar. Ergueu-se, pegou o arco. Forçou-o para baixo, grunhindo pelo esforço de fazê-lo se curvar, para que pudesse encordoá-lo. A madeira, embora flexível, era forte, e ela começou a suar. Experimentou vários ângulos, diversas abordagens para conseguir curvá-lo. Enfim, por força bruta, obteve uma curvatura aceitável, e apressou-se em encaixar a corda antes que perdesse o momento. Então, ofegando de leve, apanhou a flecha, encaixou-a e posicionou a arma acima da cabeça.

Fez o movimento para abaixá-lo e puxar a corda, mas viu que não conseguia. Os nós dos dedos ficaram brancos, os braços ficaram vermelhos pelo esforço. Mas ela era incapaz de fazer a corda recuar mais. Não conseguia flexionar a haste.

Desistiu.

– Respire – disse Astarte. – Fique calma e observe o que estava fazendo.

Ela tentou obedecer, controlando a impaciência. Olhou os pés, os braços, a flecha. Por fim, deteve-se no arco.

A corda não estava bem encaixada, e sim presa pelo pequeno laço em sua ponta ao meio da haste. Com pressa, Nicole não vira que não havia posicionado-a bem.

Astarte levantou, pediu para que ela lhe emprestasse o arco, do jeito que estava. Então fez o movimento de puxar a corda, com toda a força. Não conseguia.

– Ninguém tem força suficiente para disparar com um arco mal preparado – disse o elfo. – Se a corda não está presa da maneira correta, se a arma não foi montada como deveria, no máximo conseguiremos nos ferir tentando dispará-la. Pense nisso.

O arco não tinha consciência, ele continuou. O arco era um prolongamento da mão e da vontade do arqueiro. Quando puxar a corda mostrava-se difícil demais, isso era o arco comunicando-se com Nicole. Mais ainda: como a arma não tinha consciência, era Nicole comunicando-se. Bastava ouvir, e o erro estaria claro. Sem que o arco (a mão e a vontade) estivesse pronto, nem a maior força do mundo faria o disparo.

– Comece de novo.

Ela ajoelhou-se, ainda cansada. Seu pescoço doía, a tensão ardida espalhando-se do ombro à base do crânio. Tentou relaxar. Então começou a erguer-se.

– Comece de novo.

Ela estacou, surpresa.

– Você ainda está sentindo as dores da última falha. Não começou de novo, ainda está no último disparo. Aquele falhou, então é claro que este falhará também. Enquanto estiver no disparo que falhou, não conseguirá progredir. Esteja *neste* disparo. Comece de novo.

Nicole fechou os olhos, fazendo os músculos relaxarem. Controlou a respiração, para diminuir os batimentos cardíacos.

– Não pedi para que corrigisse o último disparo. Isso é impossível. Saia de lá. Comece de novo.

Ela abriu os olhos e recomeçou a dança, já mal lembrando o que deveria fazer. Então o vento soprou pólen em seu nariz, causando uma coceira insuportável. Ela controlou-se para não espirrar e não desviar a mão, mas fechou os olhos, balançou a cabeça e desconcentrou-se. Quando percebeu, estava com o arco encordoado. Virou-se, ficando com uma base que julgava sólida e semelhante à de Astarte. Ergueu o arco, abaixou-o.

Disparou.

Enquanto o alvo de Astarte ficava a dezenas de metros, o de Nicole postava-se à distância de duas flechas. Mesmo assim, ela errou.

Voltou a sentar.

Astarte fez uma mesura.

– O que aconteceu aqui? – disse ele.

– Eu errei.

– É claro. Mas isso não é surpreendente. Você sempre errará.

Ela sentiu um choque ao ouvir o comentário. De novo abafou o desejo de mandá-lo para o inferno. Tentou achar algum sentido naquilo, além do óbvio.

– Você sempre errará – ele repetiu. – Mesmo quando a flecha cravar-se onde você mirava, estará errando, e esse será o erro mais perverso, que irá cegá-la para os acertos. Porque...

– Um mestre arqueiro nunca dispara uma única flecha – ela completou a frase, de repente.

Ele ficou olhando-a, inescrutável.

– Mas ainda não entendi o que isso significa – disse Nicole. – Só completei porque sabia o que você ia dizer. Agi como um papagaio, não sabia o que estava falando.

– Ótimo – disse Astarte. – Mas volto a perguntar: o que aconteceu aqui?

– Eu errei.

– E por que fiz uma mesura?

– Respeito por eu ter tentado?

– Nunca respeitarei suas tentativas. Enquanto estiver tentando, estará indo contra a disciplina élfica. Pode conseguir outras coisas dessa forma, mas nunca será uma arqueira enquanto tentar. Eu não fiz uma mesura a você. Fiz uma mesura ao que se manifestou em um ínfimo instante do tiro.

Ela ficou um tempo parada, repassando os movimentos na mente.

– O vento tocou seu nariz, carregando pólen – esclareceu Astarte. – O mundo apanhou-a e impediu que *tentasse* encordoar o arco. Então ele foi encordoado de forma perfeita. *Algo* se manifestou nesse momento, e foi isso que saudei. Sempre que isso se manifestar, saudaremos, pois é a verdadeira arquearia élfica.

Nicole lembrou-se do momento da puxada. Tinha sido relativamente fácil, pois o arco estava bem encordoado. O ato de encordoá-lo também não fora difícil. Não provocara dores ou exigira força excessiva. De fato, em todo o processo, o único momento que ela não conseguia lembrar era aquele – que fora perfeito. Tinha memória apenas da coceira no nariz, do vento interferindo. Não fazia ideia de onde haviam estado as mãos ou pés.

– Comece de novo.

Mais uma vez, ela ergueu-se e fez os movimentos da dança. Contudo, nenhum vento providencial distraiu-a. Teve dificuldade para encordoar o arco, confundiu-se com a postura para erguê-lo e abaixá-lo. Fez mira cuidadosa no alvo e soltou a corda. A flecha se desviou para longe.

– Por que errou?

– Porque sempre errarei – sem pensar.

– Bom! Comece de novo.

A mesma dança, o mesmo resultado.

– Observe mais uma vez.

Astarte então descreveu a dança. Fez todos os movimentos, ficou com o arco retesado. Longos instantes, e então minutos. E então Nicole já não sabia mais quanto tempo. Ele permanecia parado, sem tremer, como se não fosse esforço algum manter-se naquela posição de máxima tensão. Ela sabia que não deveria se fixar na resistência muscular ou nos ângulos dos braços, então tentava achar qual seria o alvo correto da atenção.

Súbito, a flecha disparou. Acertou a flecha que já se encontrava cravada no alvo, dividindo-a ao longo de toda sua extensão.

Astarte sentou-se.

– O que aconteceu aqui? – ele perguntou.

– A flecha acertou o alvo.

– Ótimo! Você tem as respostas certas. Por que não consegue aplicá-las a seus

próprios tiros?

Ela não entendia nada.

– Pense no que falou – disse Astarte.

– “A flecha acertou o alvo.”

Silêncio.

Por minutos.

Ou horas.

– A *flecha* acertou o alvo – disse Nicole, de súbito. – Não falei que *você* acertou.

– Porque não acertei. Mesmo que um objeto pontiagudo houvesse se cravado na palha, eu teria errado, se tivesse disparado. Eu sempre erro, sempre errarei. O mestre arqueiro nunca dispara uma única flecha.

– Então...?

– *Algo* dispara.

A *coisa* inescrutável que passava através do arqueiro e disparava podia ser chamada de energia, espírito, vontade do mundo. Mas as palavras serviam apenas para a comunicação imperfeita entre dois seres. Aquilo que disparava não tinha nome, apenas *era*. O mestre arqueiro não puxava a corda, não abria os dedos. Deixava que *algo* o fizesse. Sobretudo o momento do disparo: enquanto a flecha fosse liberta pela vontade do atirador, seria algo falho, sem significado. O arqueiro não tinha vontade própria no momento do disparo.

O arqueiro não disparava.

Algo disparava.

– Você já conhece a natureza do erro, e teve um vislumbre da perfeição – disse Astarte. – Deixaremos os arcos por enquanto. Iremos praticar a dança.



Ela teve certeza de que semanas ou meses se passavam na prática dos movimentos. Mas os dias e as noites não pareciam obedecer a qualquer padrão. Algumas manhãs acabavam tão logo o primeiro exercício fosse feito, transformando-se em escuro estrelado. Outras se estendiam por repetições infindáveis da coreografia, o sol recusando-se a completar o trajeto. A fome e o sono manifestavam-se de forma imprevisível, nublando ainda mais o passar do tempo.

A sensação era mesmo estar fora do tempo, num lugar em que tais convenções perdiam qualquer significado. Ela ficava cansada quando imaginava que a noite

já estaria próxima, como se a fadiga fosse atraída por aquele pensamento. E, é claro, isso parecia afastar o anoitecer ainda mais. Apenas quando esquecia o cansaço ele ia embora, e a noite chegava rápido.

Nesses dias ou semanas ou meses, cada ínfimo gesto da dança era praticado. O pé direito ao se erguer, então o esquerdo. O ângulo em que os joelhos deveriam estar dobrados. A posição de cada dedo a cada instante. O ritmo exato da flexão de cada músculo. O ritmo, em especial, era difícil. Astarte disparava como um relâmpago, e também vagarosamente. Era preciso coordenar os movimentos como quem toca um instrumento musical. Quando o ritmo certo era atingido, a velocidade poderia ser aumentada ou diminuída, sem que o todo se perdesse.

Quando dominava uma parte do processo, Nicole sentia-se invadida por um misto de força e entusiasmo. Via-se plena de capacidade e poder. Qualquer cansaço evaporava, e ela sabia, sem precisar de confirmação, que fizera o gesto correto.

– Isto é um ritual – disse Astarte, certa vez. – A dança antes do disparo é um quebra-cabeças. É um labirinto. Completando uma parte com perfeição, você canaliza a energia de Arcádia, mesmo que apenas uma pequena parcela. Por isso a disciplina élfica é poderosa. E por isso é perigosa.

Sem tocar no arco, continuaram por tempo infindável. Nicole esquecia que sequer existia um arco. Ignorava a finalidade daqueles exercícios, como se apenas dominar a dança fosse um fim por si só.

– Ótimo! – disse o elfo. – A arte genuína não conhece fim nem intenção. Enquanto você tiver intenção, um desejo posterior, uma ânsia a ser saciada, nunca aprenderá.

– A arquearia é uma arte?

– É arte porque é um fim em si mesma. A arquearia é uma disciplina, uma maneira de fazer parte do mundo. Não é uma luta, exceto talvez a luta do arqueiro consigo mesmo. Por isso você tem sucesso quando esquece que deseja aprender a atirar, e fracassa quando tem essa finalidade em mente. A dança, e o tiro como um todo, *é*, e isso basta. Então é arte. É o canto de uma cigarra e o cair da chuva. Algo que acontece porque acontece, que é porque é. Porque assim é o mundo.

O treinamento progrediu até que os arcos foram reintroduzidos. Não mais arcos verdadeiros, mas simulacros, feitos de madeira muito flexível, que não guardava a tensão necessária para um bom disparo. Serviam para a prática do encordoamento, para que a firmeza e pujança não intimidassem o aluno. A dança progredia, incorporando um passo a mais a cada dia ou semana ou mês. Depois

que o encordoamento já fora englobado e dominado, a flecha passou a ser encaixada. E então o arco erguido, e então abaixado, a corda puxada.

E de novo.

E de novo.

Certo dia, Nicole completou a dança, terminando com a flecha de treino na altura dos olhos, e sentiu-se invadida por mais energia do que jamais sentira. Viu o mundo como em câmera lenta. Achou que seria capaz de pisar sobre a grama e não dobrar uma única folha. As cores mostravam-se mais brilhantes. A textura do ar era mais clara, cada sensação nítida.

Ela achou que poderia fazer tudo, até mesmo disparar uma flecha.

– *Não!* – disse Astarte.

Mas ela disparou.

A seta cravou-se no meio do alvo. No meio do alvo de Astarte, distante e desafiador.

Nicole piscou e começou a rir.

– Consegui!

O elfo foi até ela, carrancudo, e arrancou-lhe o arco das mãos. Então o levou ao joelho e quebrou-o.

– Não acredito que fez isso – disse ele.

Nicole estremeceu de raiva. Quando notou, a energia havia abandonado-a. As cores eram mortiças, o ar era pastoso.

– Mas eu acertei!

– Repita e veja seu erro.

Ela balançou a cabeça.

– Certo, *eu* não acertei. Mas a flecha foi ao alvo! Eu senti a energia, então *algo* disparou.

Ele nunca estivera tão sério.

– Não trate aquilo que buscamos e reverenciamos com descaso. Não ache que pode compreendê-lo ou capturá-lo. A vontade do mundo manifestou-se apenas uma vez desde que começamos a treinar.

Quando o vento soprara pólen em seu nariz.

A sensação não fora nem de perto tão atraente. Não fora um sentimento de força. Apenas um espirro.

– O que foi isso, então? – disse Nicole.

– Isso – o elfo fez uma pausa – foi o início da corrupção.

Ela deu um passo para trás.

– Ensinei-lhe um ritual antes que atingisse a concentração perfeita e

abandonasse a intenção, por dois motivos. O primeiro, e mais prosaico, é que não estamos na Terra ou em Arcádia, e aqui você não pode fazer mal a ninguém. O segundo, e mais importante, é que acreditei que não fosse trair meu ensinamento.

– Mas eu...

– *Nunca* mais dispare, até que eu ordene. Você realizou o ritual corretamente, mas o ritual é apenas um conjunto de movimentos. Um assassino ou um louco pode realizá-lo, se conseguir decorar a sequência certa. Um ritual não é especial. Pode ser um quebra-cabeças ou linhas pintadas em uma parede.

Ela não falou.

– A arquearia, contudo, não é apenas um ritual. *Incorpora-o*, mas é muito mais. Caso você se entregue ao poder fácil antes de dominar a arquearia, nunca passará de uma aprendiz perigosa.

Silêncio.

– Por que você quebrou o arco?

– Porque ele foi um erro. Tornou a corrupção acessível. A partir de agora, vamos recomeçar.

– Sem arco?

– Sem arco, sem dança. Esqueça a arquearia. Vamos aos princípios básicos.



Com efeito, não havia mais arcos. Nem sequer os movimentos coreografados. Apenas humana e elfo, um de frente para o outro. Para ilustrar os ensinamentos, Astarte escolhera algumas flores e plantas. Mas, segundo ele mesmo, poderia ser qualquer coisa.

– A arquearia élfica não tem como objetivo resultados práticos ou prazer estético. Qualquer manifestação no mundo físico é consequência, deve ser secundária e desimportante para o verdadeiro mestre. A arquearia é a união do arqueiro com o mundo, é consciência e entrega. É quando ele deixa de tentar e passa a permitir que tudo ao redor *seja*.

Nicole assentiu.

– Antes que eu penetrasse nas disciplinas élficas – continuou Astarte –, quando era apenas uma criança, as montanhas e os rios nada mais eram que montanhas e rios. Quando aderi às disciplinas élficas, na juventude, as montanhas não eram mais montanhas, nem os rios eram mais rios. Mas, quando compreendi as disciplinas élficas, na maturidade, as montanhas eram só

montanhas. E os rios, apenas rios.

Ela ficou pensando nisso um tempo.

– Você já não vê o mundo com olhos ignorantes – disse o elfo. – Já enxerga as montanhas e rios como plenos de significado, manifestações de *algo* que nos rodeia. Precisa dar o próximo passo. Esqueça o significado! Apenas aceite. O mundo mostra-se a você. Quando parar de apertar os olhos ou mudar de ângulo, conseguirá enxergá-lo.

Ela compreendia aquilo racionalmente, mas era difícil aceitar num nível mais profundo. Deveria parar de ver uma montanha ou rio como um instrumento para o aprendizado, e também não ficar cega para o que eram. Devia deixá-los fluir por ela, sem que houvesse interferência.

Na teoria, era fácil.

– Vamos fazer um exercício – disse Astarte. – Quero que corrija meu arranjo.

Ele tomou as flores e plantas que selecionara antes. Inspirou e arranjou-as em uma espécie de buquê, de forma apressada, sem olhar para o que fazia. Em alguns instantes, elas se encontravam em harmonia, como se sempre houvessem estado naquelas posições.

– Vamos. Corrija.

Nicole aproximou a mão, mas então afastou-a. Notou que, com o movimento que faria para adequar o arranjo a seu senso estético, derrubaria um caule. Os ângulos eram perfeitos. O equilíbrio era frágil e ao mesmo tempo rígido.

Não havia o que corrigir.

– Não fui eu que as arranjei – disse Astarte.

– *Algo* arranjou – ela terminou a frase.

Então o elfo vendou-a. Entregou-lhe algumas flores e plantas e, sem que ela mesma visse as cores ou formas, mandou que as arranjasse.

Nicole tomou-as nas mãos, mexeu uma vez, então parou.

Retirou a venda.

– Corrija.

Mais uma vez, era impossível.

Astarte fez uma mesura. Nicole imitou-o.

– *Algo* se manifestou aqui, porque você era incapaz de interferir no arranjo. Mas é fácil convencer-se disso, já que não podia ver as cores das plantas em suas mãos. Quando convencer-se de que não pode interferir no tiro, será uma arqueira.

Passaram semanas repetindo aquele exercício. Primeiro, Nicole vendada. Depois, enxergando. Era mais difícil deixar que o mundo fluísse quando ela via

as cores e as potenciais combinações, mas enfim conseguiu. E mais uma vez e outra, até que quase sempre era capaz de abster-se durante o arranjo, deixar que *algo* harmonizasse as flores. A cada vez que isso acontecia, os dois faziam uma mesura, saudando a coisa que guiava as mãos dos mestres.

– Já sei onde estamos – disse Nicole, certo dia.

– Onde?

– Não sei.

Ele sorriu.

Aquela contradição era a resposta certa. Estavam fora do tempo, fora do espaço. Qualquer tentativa de compreender o lugar seria falha. Então a compreensão era não compreender, apenas deixar que aquilo existisse. Não estavam no tempo ou no espaço, mas cercados por *algo*, e finalmente Nicole aceitou isso.

– Pegue o arco.



Sem mais arcos de treinamento. De volta ao primeiro dia, quando ela usara um arco de combate verdadeiro.

– Observe.

Ele fez a dança, posicionou-se, a flecha voou.

– Agora você.

Ela fez a dança, mas o arco era rijo demais. Repetiu e repetiu, encordoando-o de novo e de novo. A cada vez, tentava (e às vezes conseguia) abandonar o tiro anterior.

– Não tenho força suficiente – disse Nicole. – Achei que o treinamento iria envolver corridas, flexões de braço, carregar pedras, essas coisas.

– É impossível treinar o corpo dessa forma em tão pouco tempo. Para isso teríamos de voltar à Terra. Eu mesmo passei por esse treinamento em Arcádia, mas na Terra fui criado já pronto. Apenas alguém como Felix, que devotou a vida a aprimorar capacidades físicas, pode alcançar esse nível. Portanto, você, mais do que ninguém, precisará abrir-se para que *algo* encordoe o arco e atire.

De novo e de novo.

Até que – por compreensão filosófica ou condicionamento muscular – ela era capaz de encordoá-lo.

Disparava, e invariavelmente errava.

– De novo.

E de novo.

E de novo.

– Você está disparando! Pare! Já sabe que nunca acertará!

Então, ela decidiu que precisava haver uma técnica para aquilo. Ao abaixar o arco, manteve os dedos e o polegar mais relaxados, deixando a corda puxá-los, a tensão gradual fazendo-os escorregar. Por fim, sem que ela fizesse um movimento, a flecha disparou.

– De novo, por favor! – disse Astarte, sério.

Radiante de alegria, Nicole não notou que ele não saudara. Repetiu a dança, puxou a corda. Relaxou os dedos e deixou que a flecha e a tensão do objeto se encarregassem do tiro.

Astarte levantou-se devagar. Com a cabeça baixa, foi até ela e tomou-lhe o arco.

– Mais uma vez sou obrigado a fazer isso.

– O que...?

– Você pode tentar me enganar. E talvez consiga. Mas nunca enganará a si mesma, e certamente não enganará aquilo que flui ao redor e você ignora.

– Eu não disparei! A flecha voou sozinha!

– Enrede-me com palavras tanto quanto quiser. Você sabe que essa não é a verdade. Não buscamos relaxamento e descuido, mas a tensão máxima, quando os dedos se abrem deliberadamente, mas sem nossa interferência. Talvez eu seja um péssimo mestre, mas esta foi a maior ofensa que você poderia ter feito.

Ela não sabia como reagir.

– Não há atalhos – disse Astarte. – Vamos tentar uma última vez. Mas voltaremos ao começo.

De tudo.

Capítulo 32
Fachada

AO VIVO.

A repórter estava sorridente. Ao redor, hortênsias, em mais uma tarde fria e ensolarada de Santo Ossário. Ela apresentou a inserção em fala cadenciada, então dirigiu o microfone para o homem ao lado – um morador da cidade, que também sorria muito e não sabia para onde olhar.

– Como o senhor se sente – disse a repórter – com todas essas estrelas na cidade?

Antes que ele pudesse responder, um vulto surgiu por trás. Agarrou o microfone, empurrou o entrevistado. Era uma mulher na casa dos quarenta, ofegante e pálida. Olhos vermelhos e inchados, cabelo desgrenhado.

– *Mataram meu filho!* – ela berrou para a câmera. – Estão dizendo que ele foi viajar, mas é mentira! Meu filho está morto, e eles querem esconder tudo! Mandem ajuda! Há assassinos em Santo Ossário! Há...

– Perdão, senhora – interrompeu-a o agente de preto.

Com a manzorra, segurou o ombro da intrusa. Dominou-a sem dificuldade, tirou-lhe o microfone da mão. Prendeu seus pulsos com uma espécie de algema plástica. Antes que a repórter e o entrevistado pudessem ter reação, a louca foi levada embora, ainda gritando:

– Eles estão nos matando! Avisem o governo!

Logo foi posta na traseira de uma caminhonete preta, que então arrancou. As pessoas detiveram-se, tentando entender. Mas tudo não demorara mais que alguns segundos, e ninguém conseguiu montar um quadro claro do que se passara.

– Você pegou tudo isso? – disse a repórter para o câmera, numa quebra de protocolo televisivo.

Estavam ao vivo, e ela aguardou um sinal da produção sobre o que fazer. Mandaram que prosseguisse, como se houvesse acontecido.

– Pois é, essas coisas acontecem – ela retomou em voz jornalística. – Então, o

que o senhor sente quando há tanta emoção logo aqui na sua cidade natal?

– É uma alegria muito grande – disse o entrevistado.

Ninguém cortara aquela cena, é claro. Porque aquele sinal não ia para lugar algum. Nem a repórter, nem o câmera e nem ninguém sabia que Santo Ossário estava isolada do mundo, selada por uma cerca mística feita a partir das vítimas dos caçadores.

O sinal de TV não saía da cidade. Comunicações exteriores eram simulacros criados pelo ritual, repetições banais de coisas esperadas. A repórter recebia a ordem de prosseguir, depois os parabéns por mais uma entrevista bem-sucedida. Os cidadãos recebiam os mesmos e-mails de sempre – as correntes com avisos falsos, as piadas repetidas à exaustão. Todos forjados artificialmente, a partir do que cada um esperava receber. O pedido de socorro da mãe que perdera o filho não atingiu um único ouvido fora da cidade.

E, mesmo dentro da cidade, aqueles que a ouviram tiveram só pena. Era mesmo triste que a simples ausência do garoto provocasse um colapso nervoso em uma senhora normalmente tão pacata. Ainda bem que a Gladius estava lá para ajudar.



– Mãe, não deixa eles me levarem – implorou a garota, mais uma vez.

Já não tinha mais voz para gritar. O que saiu foi um choramingo fraco, doído, tornado ainda mais frágil pelas lágrimas escorrendo nas bochechas encharcadas. Ela não conseguia mais controlar o choro.

E a mãe também começou a chorar. Seu marido abraçou-a, emprestando-lhe força.

– Se você não tivesse feito aquela cena, não seria preciso – disse o homem. – Nós iríamos levá-la, mas você não quis. Agora acompanhe os agentes; eles têm mais o que fazer.

Dois grandalhões de preto estavam na sala de estar, bloqueando a porta, logo atrás da menina.

– Eu sei o que vi, pai! Eles morreram.

A mãe começou a soluçar. Dizia apenas:

– O que vamos fazer? O que vamos fazer?

O pai ainda tentava dialogar:

– Você precisa de ajuda. Está doente, e esses senhores vão levá-la para o hospital.

– *É o manicômio judiciário!* – ela berrou. – Eles vão me trancar com os assassinos, porque eu sei o que está acontecendo!

– A polícia nunca faria isso, querida – acalmou-a, com condescendência triste.

Recebendo permissão tácita, os dois agentes imobilizaram-na e apanharam a mala. Abriram a porta e começaram a arrastá-la para a caminhonete negra.

– Espere! – disse a mãe, e correu para interrompê-los.

O rosto da garota se encheu de esperança.

– Diga que você sabe da verdade, filha. Que os nossos vizinhos não morreram, só foram viajar. Que o seu namorado só não quer mais falar com você. Que tudo está normal. Você deve saber disso, em algum lugar bem aí no fundo.

A resposta foi um urro sem palavras, e ela foi levada embora.

O pai e a mãe assistiram à caminhonete sumindo ao dobrar a esquina. Entraram em casa e fecharam a porta.

– Ainda bem que a Secretaria da Saúde dobrou a dose da medicação – disse a mulher. – Estou precisando.



Uma hora depois, aquele casal recebeu a visita de um novo agente da Gladius. Em tom firme mas educado, o homem de preto solicitou que nenhum deles comentasse o ocorrido com qualquer pessoa. Abriram uma exceção para sua filha, esvaziando uma ala inteira do manicômio judiciário Ulisses Lombroso, para que ela pudesse ser tratada perto de casa. Afinal, ninguém levaria uma adolescente para o meio dos loucos perigosos. Se a história vazasse, seria um escândalo – e a menina teria de ser levada para outro município, com um hospital psiquiátrico que pudesse atendê-la. Marido e esposa concordaram, assinando um documento que endossava a inofensiva mentira.

Inúmeras famílias tiveram experiências parecidas. Filhos, pais, mães sendo levados para receber tratamento. Cada uma achava ser um caso único. Não suspeitavam de que o Ulisses Lombroso estivesse inchando com cidadãos que notavam o massacre gradual que acontecia na cidade.

Houve uma família que contrariou a diretriz de silêncio. Tentaram visitar um filho internado. No dia seguinte, os vizinhos ficaram sabendo da incrível sorte daquela gente, premiada com um cruzeiro no exterior. Ninguém estranhou que houvessem ido embora de um dia para o outro, sem fazer as malas.

Em cada casa, em cada local de trabalho, os soldados se faziam presentes, garantindo que os cidadãos tomassem os remédios – agora em dose dobrada.

Havia a instrução enfática de que o programa de medicação devia ser mantido longe dos olhos e ouvidos dos turistas, e especialmente das celebridades. Os forasteiros maravilhavam-se com o interesse da Gladius pelo povo de Santo Ossário, abordando cada pessoa com gentileza e fazendo checagens diárias de impressões digitais em aparelhos.

No meio do burburinho, das luzes brilhantes, das câmeras e dos sorrisos hollywoodianos, ninguém notava o que estava acontecendo. Ninguém via que os cidadãos em fila frente aos postos e agentes da Gladius não estavam em segurança.

Estavam sob controle.

Assim como ninguém via os postes macabros ao redor do município, ou as covas rasas em terrenos baldios.

Com a explosão de vida noturna para os forasteiros, não havia mais a música do toque de recolher. Mas o povo de Santo Ossário sabia que, a menos que trabalhassem em boates, cinemas e outros entretenimentos, deviam ficar em casa depois das 21h. Deixar a cidade para os outros.

Aproveitando a última hora antes que precisassem voltar ao lar, vários cidadãos comiam na lanchonete da Velma. Como sempre ocorria durante o Festival de Cinema, o lugar estava lotado, cada mesa abrigando um número excessivo de cadeiras, os clientes no balcão acotovelando-se em busca de espaço. Velma contratara alguns temporários para atender à demanda extra. Carregando bandejas e auxiliando o cozinheiro, esses empregados de emergência corriam pela lanchonete, vestidos em ternos que simulavam o início da carreira dos Beatles.

– Delegado! – surpreendeu-se Velma, entre o anotar de um pedido e outro. – Nunca vejo o senhor por aqui.

Custódio Dutra era um homem simples. Não costumava frequentar a lanchonete, com seus ambientes decorados, cardápios cheios de nomes esquisitos e funcionários fantasiados. Mas era cada vez mais difícil interagir com o povo da cidade, então abriu uma exceção naquele dia. Sentou-se junto ao balcão, após Thales Veracruz afastar-se um pouco para dar-lhe espaço. Do outro lado, estava Adelaide, a prostituta que ele tantas vezes gentilmente prendera.

– Um café, por favor, Velma.

Ela começou a desfilar os nomes estrangeiros dos exóticos cafés (*Somebody Put Something in My Drink, Milky White Way, Early Morning Rain*), além de chás (*Pennyroyal Tea*), mas:

– Café, Velma.

Ela serviu.

Thales puxou conversa, mas ele respondeu com monossílabos, franzindo o cenho para o café preto. Também tinha um nome temático, que ele se recusou a ouvir. Então Adelaide tocou seu braço:

– O que houve?

Em resposta, um grunhido.

– Vamos, delegado. Somos amigos há quanto tempo? Conheço o senhor. O que houve?

Ele estava na lanchonete porque era difícil falar com o povo em outros lugares. E agora se recusava a falar quando perguntavam. Não fazia sentido.

– As coisas estão erradas – disse, por fim.

– O quê? – perguntou Thales Veracruz.

Suspiro.

– Tudo. Você não acha?

O juiz de paz pensou um pouco. “Tudo errado” era algo quase alienígena em Santo Ossário. Nunca *tudo* estava errado. No máximo uma ou duas coisas, logo corrigidas.

– O Festival de Cinema é um sucesso – Thales deu de ombros. – Vendi duas casas nos últimos dias. Há grande incentivo à educação desde a tragédia no laboratório. Não vejo muitas coisas erradas.

Custódio grunhiu.

– Esses remédios...

– Eu também não gostava – Velma meteu-se na conversa, enquanto anotava um pedido. – Mas estou bem mais tranquila desde que passamos a tomar. Principalmente depois que dobraram a dosagem. De manhã acordo descansada, não me preocupo durante o dia... Talvez eu estivesse mesmo estressada.

O pior, Custódio raciocinava, era que ele *também* se sentia assim. Dormia bem, permanecia calmo o tempo todo. Nenhuma papelada ou discussão com a esposa causavam nervosismo. Aliás, mal discutia com a esposa. Estavam ambos serenos, razoáveis. Ouviam instruções, não se revoltavam com coisas pequenas. Até mesmo a presença da Gladius, que no início fora-lhe estranha, agora era um alívio. Poupava infinitas dores de cabeça.

Por estar tudo tão bem, algo parecia errado.

Tudo estava bem.

Então *tudo* parecia errado.

– Muita coisa acontecendo ao mesmo tempo – disse o delegado. – O acidente. Logo depois, o festival.

Embora ele apontasse os eventos como motivo de estranheza, os outros logo começaram a falar sobre os benefícios que cada um trazia. Até mesmo o trágico acidente dera início a obras de caridade.

– E não é só isso – Custódio interrompeu-os. – Logo após a explosão no laboratório, a noite foi estranha.

– Claro – disse Adelaide. – Foi uma tragédia.

– Mais estranha ainda.

Vários policiais haviam se ausentado. Ele mesmo não foi chamado assim que a explosão ocorrera – ficou sabendo apenas através de vizinhos. Não encontrou diversos subordinados; nem em casa nem na delegacia ou em parte alguma. Mais tarde, eles afirmaram estar ajudando a conter os danos, mas ninguém se lembrava de vê-los. Além disso, os seguranças particulares da Strauss S.A. haviam tomado as estradas em um verdadeiro comboio. Coroando a noite, o assassino que fugira do Ulisses Lombroso revelara-se uma farsa, na qual ele caíra direitinho.

Estranhezas demais. Logo em seguida, a proposta de contratar a Gladius, os remédios, o toque de recolher. Muita coisa que não se podia mencionar. Muita gente que sumia sem explicações.

E o mais estranho: ele continuava calmo.

A própria calma inquietava-o. Ele se obrigava a desconfiar. Os instintos não apontavam nada errado, era preciso usar o raciocínio para enxergar com clareza que tudo aquilo era alarmante.

– Tome cuidado – disse Thales Veracruz, brincalhão. – Ontem mesmo uma senhora teve um chilique, achou que o filho tinha morrido. Agora está no manicômio.

Isso tranquilizou Custódio: o manicômio era o lugar para ajudar quem passava por problemas desse tipo. A única preocupação era manter tudo longe dos forasteiros. Se eles soubessem, seria ruim para o turismo.

– Espere – disse o delegado. – É um manicômio *judiciário.*

Não fazia sentido mandar uma mãe que sofreu um ataque de nervos para o meio dos criminosos inimputáveis ou semi-imputáveis.

Então por que ele estava tão *tranquilo*?



Abel Montague apressou-se em se esconder, assim que o delegado ergueu-se do balcão para deixar a lanchonete. Estivera perto de uma janela, tentando ouvir as

conversas lá dentro em meio à música e ao burburinho. Os comentários de Custódio Dutra haviam acendido uma chama dentro dele, algo que ele mal ousava permitir a si mesmo: esperança.

Se mais alguém desconfiava, nem tudo estava perdido.



Depois da lanchonete, Custódio Dutra decidiu passar na delegacia. Não era necessário, mas uma verificação rápida de que tudo continuava bem poderia fazer com que a racionalidade inquieta se adequasse às emoções brandas. Cruzou as ruas cheias de turistas e cidadãos já se recolhendo, adentrou o prédio. Estava aberto, é claro, porque os turistas podiam precisar de orientações. Cada um dos policiais de plantão recebera permissão especial para trabalhar à noite.

Os homens cumprimentaram-no, estranhando a presença. Ele checou papelada aleatória. Olhou a detenção, onde apenas o bêbado Enzo ocupava uma das celas. Dirigiu-se à sala de arquivos – apenas por costume, para ter algo a fazer. Enfiou a chave, mas encontrou a porta destrancada.

Lá dentro, um soldado da Gladius olhava alguns papéis, de costas. Ao ouvir a porta abrindo, o homem fechou o capacete e virou-se.

– O que está... – começou o delegado.

– O senhor não vai chegar em casa a tempo – interrompeu o agente. – Por favor, retire-se.

Indignação aflorou dentro de Custódio.

Então se dissipou.

Ele *sabia* que aquilo era um desrespeito. Mas não conseguia reunir qualquer agressividade. Antes que notasse, já havia começado a obedecer. Deteve-se.

– O que está olhando? – disse Custódio.

– Verificações rotineiras, delegado. Não se preocupe.

Ele não se preocupava.

Isso era estranho.

Tentou outras abordagens, mas via-se incapaz de confrontar aquele homem. A explicação “verificações rotineiras” esgotava qualquer argumento.

– Como conseguiu entrar? – o delegado perguntou, débil. Então, amenizando ainda mais o que dissera, respondeu ele mesmo: – Os rapazes deixaram que entrasse.

– Não foi preciso. Temos a chave.

Tinham a chave. Custódio não sabia disso.

– Agora vá para casa, por favor.

Obedeceu.

Mas naquela noite, ao contrário de todas as outras desde que começara a tomar os comprimidos, não conseguiu dormir.

No início da madrugada, despertou sem motivo. Não teve um pesadelo. Nenhum barulho o acordou. Ao lado, a esposa repousava. Ergueu-se, andou pela casa. Tomou um copo d'água. Entrou no quarto do filho, que também dormia em paz.

Incapaz de pegar no sono, o delegado decidiu quebrar a lei.

Vestiu-se, entrou no carro e partiu para a delegacia.



Mesmo a vida noturna já arrefecera àquela hora. Os turistas estavam nos quartos de hotel ou enfurnados em boates, das quais só sairiam de manhã. As celebridades estavam em pequenas fortalezas feitas de assessores e guarda-costas. O delegado achou ter visto um grupo de vultos esgueirando-se por uma ruela escura. Entrou com o carro na contramão, mas não enxergou nada. Devia ter imaginado.

Estacionou atrás da delegacia. Entrou pela porta dos fundos. Verificou as celas, onde Enzo ainda dormia. Então foi se anunciar aos rapazes. Não era saudável entrar de surpresa em um local onde se usava armas.

Encontrou os dois únicos policiais de plantão dormindo, esparramados nas cadeiras. Roncavam alto. O revólver de um deles quase caindo do coldre. Custódio fez menção de acordá-los com um discurso indignado, mas então se deteve.

Que mal havia?

Quando já se preparava para voltar, percebeu o absurdo da situação. O absurdo de seus próprios pensamentos.

Se ele fosse um criminoso, poderia entrar sem qualquer dificuldade. Poderia *matar os dois* sem encontrar resistência. Seria difícil imaginar uma situação mais arriscada, uma conduta mais repreensível para qualquer agente da lei.

Então por que não estava indignado?

– Algo está errado comigo – disse Custódio, para si mesmo.

E sabia que deveria sentir medo. Sabia que não podia confiar na própria mente, e isso era a coisa mais aterrorizante que podia imaginar.

Mas não sentia nada.

Forçou-se a conferir a pistola no coldre de ombro, por baixo do paletó. Andou pela delegacia, em círculos, como um animal enjaulado.

Ouviu um barulho.

Regozijou-se quando foi invadido pela adrenalina. Havia *alguma* reação em seu interior, afinal de contas. Sacou a pistola e correu para o saguão de entrada do prédio, ficando atrás do balcão.

– Parado – sussurrou, como se tivesse medo de acordar os subordinados ou ser apanhado violando o toque de recolher.

Abel Montague ergueu as mãos.

E o delegado guardou a pistola, quase decepcionado. No final, tanto nervosismo só pelo garoto maluco.

– Você – balançou a cabeça. – O que está fazendo aqui, Abel?

O rapaz estava imundo. Os mantos verdes tinham manchas de lama. Os cabelos estavam opacos. A única orelha de elfo era mantida no lugar com fita adesiva.

– Não sabia que o senhor estava aqui – disse Abel. – Vai me prender?

– Pode abaixar as mãos – disse, com cansaço.

O outro obedeceu. Ficou examinando os policiais adormecidos. Então Custódio Dutra lembrou-se de que Abel era procurado.

– Vai me prender? – repetiu Abel.

– Não sei.

O delegado empertigou-se, assumiu o ar de autoridade que se esperava dele.

– *Eu* faço as perguntas. O que está fazendo aqui?

– O senhor também está notando algo errado. Ou não estaria fora de casa a esta hora.

– *Responda, Abel.* Se achava que seria preso, por que veio até aqui?

O rapaz fantasiado olhou-o com mais tristeza e sinceridade do que ele achava possível. Deu um meio riso.

– Porque Enzo vai morrer hoje – respondeu. – Mesmo que eu fosse preso, não poderia deixar isso acontecer. Então vim avisar os policiais.

Mas eles estavam dormindo.

– Você não está se ajudando, Abel. Enzo está em segurança, na cela. Por que acha que ele vai morrer?

– Não apenas morrer – corrigiu-se. – Vai ser assassinado.

– Fale com clareza!

Abel engoliu em seco.

– Há dezenas de assassinos na cidade, delegado. Eles estão nos caçando, e esta

noite um deles virá pegar Enzo.

Custódio Dutra andou até Abel. Agarrou-o pelo braço e sacudiu-o, como se pudesse fazer respostas caírem de dentro dos mantos.

– Pare com essas loucuras! Suas histórias já não são mais bonitinhas. Não existem assassinos na cidade.

– Então quem matou tanta gente?

– Que gente, seu maluco?

– *As pessoas desaparecidas! As que foram viajar, decidiram morar em outras cidades ou nunca apareceram nos hotéis! As que foram armazenadas no prédio da Strauss!*

O delegado soltou-o. Deu um passo para trás.

– O que...

– Todos aceitam que está tudo bem, mas eu sei a verdade! – Abel começou, com o fervor e coragem que só adquiria com determinados assuntos. – E o senhor também suspeita, mesmo que continue fingindo. Há matadores do mundo inteiro em Santo Ossário, e ninguém consegue notar, porque estão dopados demais.

– Esse é o maior absurdo que já ouvi.

Mentira: o maior absurdo era ver policiais dormindo em serviço e achar natural, ele pensou.

– Já falei que existe uma lista de alvos! – Abel não se deteve. – Eles nos colocam em ordem, determinam quem é mais dispensável. Então abrem a porta para os assassinos.

– Quem tem essa lista, Abel?

– Meu irmão.

O delegado jogou as mãos para cima.

– Sempre seu irmão! Por que não esquece...

– *Cale a boca!* – Abel berrou. – Cale a boca! Vocês são todos idiotas! Não conseguem ver o que está à frente. Meu irmão, que todos idolatram, é responsável por dezenas de assassinatos!

– Abel...

– Chega! Se não vai acreditar em mim, me mate ou me prenda! Vamos todos morrer logo, de qualquer jeito!

Custódio agarrou-o pela roupa, pronto para algemá-lo.

Mas então ambos ouviram uma chave girando na porta dos fundos.

– *Eles chegaram* – sussurrou Abel.



Na verdade, só um.

Assim que o barulho da chave foi ouvido, esqueceram a discussão. O delegado esqueceu que deveria prender o suspeito, o rapaz esqueceu que mais uma vez era chamado de louco. Como se houvessem combinado, ambos correram para se esconder. Custódio guiou Abel para a sala dos arquivos. Através de uma minúscula fresta na porta, ambos puseram-se a espiar e ouvir.

Passos.

Uma pessoa, apenas. Não corria, não pisava duro. Não calçava coturnos.

Passos suaves.

– Isso é idiotice – disse o delegado, de repente.

Não havia por que se esconder dentro da própria delegacia. *Obviamente* a história dos assassinos era um delírio. Fosse quem fosse, Custódio poderia abordá-lo, exigir explicações. Começou a se erguer, mas Abel segurou-o.

– Por favor – sussurrou. – Não vá.

A expressão no rosto do garoto dava pena. Ele estava implorando, à beira das lágrimas.

– Eu...

– O senhor pode achar que sou louco, mas sei que não faz por mal. Não quero que morra. Por favor, não vá.

De qualquer forma, ambos haviam gritado, segundos antes. Quem quer que fosse o intruso, certamente os ouvira. Não fazia sentido se esconder.

Mas o rosto de Abel não mostrava nada além de súplica e preocupação.

– Certo.

Voltou a espiar pela fresta.

Pé ante pé, uma figura atravessou o corredor.

Usava sapatos macios e coloridos. Roupas folgadas, também em cores berrantes. O rosto pintado de branco, nariz de plástico vermelho e redondo.

Uma grande faca nas mãos.

Pé ante pé, passou à vista dos dois, em direção ao saguão de entrada.

– Estavam brigando? – disse o estranho, em voz cantarolante. – Não briguem. Vamos dar boas risadas.

Custódio e Abel entreolharam-se. Havia dois policiais de plantão naquela noite. O intruso vestido de palhaço julgou que eram os culpados pela gritaria.

Um ronco.

– O quê? – disse o palhaço.

Então o delegado surgiu atrás, no instante em que ele via ambos os homens dormindo. Ao mesmo tempo em que o invasor percebeu que devia haver outras pessoas na delegacia, Custódio Dutra apontou-lhe a pistola e gritou:

– Parado!

Mas o homem vestido de palhaço não ficou parado. Virou-se com rapidez inumana e arremessou a faca contra o delegado. Atingiu-o no peito. Não muito fundo, mas o suficiente para que a mira se desviasse. Custódio disparou a pistola, o tiro atingiu o teto.

O assassino pulou sobre ele. Em um segundo, já agarrava o cabo da faca, e o delegado caía para trás.

– Disseram para matar só um – ele falou, em tom zombeteiro. – Mas a piada é mais engraçada com mais gente, não? Outros vieram ao picadeiro, e vamos todos brincar!

Arrancou a lâmina do peito do delegado. Estava montado sobre ele, preparando mais um golpe. Custódio encostou a pistola em sua barriga. Antes que conseguisse um tiro à queima-roupa, o assassino segurou seu pulso. Com um movimento fácil, quebrou-o. O delegado gritou de dor e a pistola girou no chão.

– Não achou graça? – enfiou a faca no peito de Custódio. – Mas agora não vai resistir!

Ergueu a arma para o terceiro golpe.

Um estouro tomou conta da delegacia. O palhaço caiu para trás, varado por um tiro.

Com a pistola do delegado fumegando na mão, Abel Montague tremia.

Capítulo 33
A arte cavalheiresca

– PERGUNTO MAIS UMA VEZ – disse Astarte. – Você quer ser uma arqueira élfica?

– Sim – Nicole respondeu.

– Entende que, para tudo, há um sacrifício? Entende que a maneira como vê o mundo não pode perdurar? Que ambas as coisas não podem coexistir na mesma mente?

– Sim – uma mentira parcial.

Nicole duvidava de que sua mente não pudesse comportar qualquer conjunto de ideias. Achava, em segredo, que poderia continuar a mesma e também ser diferente. Que haveria dentro dela espaço para a arqueira élfica e a personalidade de sempre.

Astarte olhou-a.

Os dois estavam há tanto tempo juntos e sozinhos que ela era capaz de ler suas percepções, assim como ele lia as dela. Então o elfo percebeu que Nicole mentia, e ela percebeu que ele notava. Mas, Astarte falou mais de uma vez, os seres vivos dependiam de algo falho, chamado *comunicação.* A interação entre duas pessoas, mesmo mestre e discípula, não era perfeita como o fluxo ao redor do arqueiro. Como a vontade do guerreiro élfico sobre o mundo e sob ele.

Então tinha de aceitar a mentira. Ela notava, ele notava que ela notava.

– Vou perguntar uma última vez, e aceitar o que me disser. Sabendo que esta é a última tentativa, e que um sacrifício enorme é necessário, deseja ser uma arqueira élfica?

– Sim.

E o sacrifício não seria apenas dela.

Astarte estaria abrindo mão do que mais desejava. Precisava ser assim.

Abriria mão da mulher que conheceu, por quem o turbilhão em seu interior se agitava. Depois que dessem aquele passo decisivo, não haveria mais Nicole.

O elfo colocou as mãos na cabeça da garota, tocando somente com as pontas dos dedos. Olhou-a nos olhos. A expressão de um mestre. Ela estava prestes a

perder algo, ele também. Então fez o menor dos movimentos, gerando uma sensação que Nicole não soube definir, e tudo ficou escuro.

No lugar que não era, no *não espaço* que compartilhavam durante o treinamento, não havia antes e depois. Nicole e Astarte existiam em *algo*, e a vontade do guerreiro élfico existia em comunhão com aquilo, empurrando e cedendo, comunicando e respondendo ao fluxo perfeito. Por isso, com um gesto minúsculo, ele fez com que a humana despencasse num vazio negro, fosse tomada por um formigamento, e então ardência. Nicole caía e caía, até que parou, mas sentia-se impulsionada para frente.

Não enxergava, não ouvia. Nem mesmo tinha tato no sentido a que estava acostumada, mas a sensação de ardência permanecia e aumentava, como se captada por um conjunto diferente de sensores. E ela tinha a impressão frenética de uma corrida sempre adiante; ao mesmo tempo em que estava parada e chamava algo para si. Corria em direção a si mesma, e então chegou ao objetivo. Encontrou-se e tornou-se completa. Naquele momento sublime, teve um lampejo da perfeição do tiro: ela viajando e esperando, ao mesmo tempo. Quando atingiu o alvo que era ela mesma, passou a *existir.*

E então cresceu.

A partir daquela junção de duas coisas, transformou-se, maravilhada com cada complexidade nova. Flutuava em algo morno, ganhando tato gradualmente. Adquiriu um corpo, obteve visão e audição, a sensação de uma luz avermelhada à volta. Então foi expulsa para um lugar gelado e áspero, e viu-se separada de algo que era parte de si.

Nicole se lembrava de toda a vida anterior, mas também via o mundo pela primeira vez. Era o mundo da planície e das montanhas, o *não lugar*. Descobriu cada sensação, adquiriu coordenação motora nos braços e pernas e dedos, porque era um bebê. Astarte não estava lá, mas de alguma forma ela existiu, sobreviveu, cresceu. Então, quando conseguiu dar o primeiro passo, ele voltou.

Ela mal era capaz de coordenar os movimentos básicos, mas ele mandou que ficasse ajoelhada e quieta, e observasse. Ela obedeceu. Ele realizou a dança, encordoou o arco, ergueu-o e abaixou-o. Disparou.

– Agora você.

Desajeitada, ela tentou imitar os passos. Caiu.

– De novo.

Ela se lembrava de já haver feito isso alguma vez. Mas era outra vida, algo que não interferia no que estava fazendo agora. E, com a mente jovem e livre, ela logo esqueceu o fracasso. Foi capaz de recomeçar do zero, como se nada tivesse

ocorrido.

– De novo.

A cada repetição, ela iniciava sem apego ao que fizera antes. Tinha toda a vida pela frente, para aprender o que quer que fosse. Não possuía vícios ou noções arraigadas. Era um campo limpo para espalhar a disciplina élfica, e concentrava-se dia após dia em sua prática.

A meditação tomava a maior parte do tempo, e era tão natural que parecia uma brincadeira. Não era preciso forçar-se a nada, não era preciso exercer vontade. Apenas deixar-se vazia, aberta para o mundo. Combinava isso com a dança, e eram os movimentos mais naturais que poderia haver, óbvios em sua simplicidade. Não era preciso pensar para realizá-los, pois sempre haviam estado lá.

Ela já estava maior, e Astarte ensinou-a a enxergar. Ou, antes, não deixou que desaprendesse a enxergar. Na primeira infância, via as coisas com olhos de assombro, sendo assaltada por todas as formas, todas as cores, apreendendo tudo e captando tudo. Ouvia cada barulho pela primeira vez, e por isso prestava atenção, ficava aberta para cada nuance. O mestre não permitiu que perdesse isso. Então, quando começaram a praticar a técnica de expandir os sentidos, foi fácil.

Ela aumentava a visão, a audição, o olfato, o paladar, o tato – ao ponto do insuportável, quando o mundo invadia-a de tal forma que sentia estar se afogando. Tão perplexa e indefesa quanto um bebê. Então, tamanha era a quantidade de estímulos, um anulava o outro. Ela passava a existir num vácuo de sensações, no qual seria incapaz de comandar os próprios atos.

Por isso, *algo* comandava.

E ela cresceu ainda mais, e o mestre colocou um arco em suas mãos. A dança incorporou-o, o encordoamento e o encaixe da flecha. O movimento de erguê-lo, a puxada na corda.

Então o disparo.

Quase todo disparo era sublime. Ela não disparava – *algo* disparava. Era a vontade do mundo manifestando-se através de Nicole. Mestre e discípula saudavam a coisa desconhecida, o que quer que fosse.

Ela amadureceu disparando, realizando a dança, expandindo e anulando os sentidos. Então, quando já era adulta, Astarte falou:

– Começaremos a parte mais difícil. Você vai aprender a impor sua vontade, sem lutar contra a vontade do mundo.

Foram anos (ou dias, ou horas) para que o conceito se alojasse na mente. Era

simples compreendê-lo no nível mais superficial, mas vivê-lo e aplicá-lo parecia impossível. Nicole conseguia deixar-se vazia, um receptáculo para o mundo dirigir o disparo. Expandir a própria vontade, fazê-la *ser* a vontade do mundo e então deixar o mundo fazer o disparo – isso era difícil.

Ela realizava a dança, fazia cada passo de maneira perfeita.

Mas, no momento decisivo, soltava a corda, e disparava.

– Você continua atirando – disse Astarte. – Não faça isso. Não faça nada. Apenas deixe que o disparo ocorra.

– Se eu não exercer vontade, posso deixar que o processo aconteça sem mim – ela retrucou. – Mas, impondo a minha vontade, sempre disparo. Não sei como combinar ambos.

– Não se trata de combinar ambos. Você não deve fazer *nenhum dos dois.*

Mais erros. Ela emergia do vácuo quando disparava. Eram seus dedos que soltavam a corda, sua mente que dava a ordem.

– Acompanhe-me – disse o elfo.

Foi para trás dela, pousou as mãos sobre as da pupila, os braços sobre os de Nicole. Então dirigiu os movimentos, quase sem tocá-la. Apenas sugerindo, da forma mais sutil, os passos certos.

– Faça o alvo ser um alvo. Ele só será o alvo se a flecha acertá-lo. Faça a flecha ser certeira. Transforme a vontade do mundo na sua.

Eram passos que ela já conhecia. Nenhuma novidade, nada surpreendente. Mas, entregue a outra decisão, ela não abriu os dedos. Não fez o movimento – *algo* fez.

Deixou que o disparo ocorresse, pensando apenas em como o mundo deveria ser.

A seta cravou-se bem no meio do alvo. Ambos saudaram.

– Nada fiz – disse Astarte. – *Você* expandiu sua vontade. *Você* deixou o tiro ocorrer. Bastou desprender-se de intenção.

– Você estava junto, então era fácil. Eu sabia que não precisava me preocupar com mais nada. Mas preciso conseguir sozinha.

Ele sorriu.

– Você nunca estará sozinha. O mestre estará sempre com você. Porque não significo nada aqui, apenas atuo como mais um condutor para o fluxo, para *algo.* No momento em que deixar-se ser a ferramenta do disparo perfeito, não terá mais mestre, e nunca estará separada dele. O fluxo estará sempre com você, e este é o mestre verdadeiro.

Mais tiros.

Mais fracassos.

– Se devo expandir minha vontade, isso significa meus sentimentos? – disse Nicole. – Posso canalizar minha vontade em desejo de matar o inimigo, destruir o alvo? Devo odiá-lo?

– Nunca – Astarte foi solene. – Quando uma flecha é disparada, não podemos pensar no alvo como um inimigo. O alvo é o mundo do arqueiro, é o que o define. Se o mundo for um inimigo, se você odiá-lo, estará em um estado de angústia. Entenda o alvo. Sinta-o. Faça-o ser um *alvo.* Se ele for isso, nunca irá se esquivar, e procurará a flecha.

Porque a flecha só era flecha quando era disparada contra o alvo.

O alvo só era alvo quando era atingido.

Fazendo com que essas coisas *fossem*, ela garantia o sucesso do disparo.

Então, um dia, Nicole acordou antes de Astarte. Ainda estava escuro. Ela realizou a dança, encordoou o arco, selecionou uma flecha ao acaso. Sem perceber, decidiu que acertaria. Os dedos se abriram sem que ela notasse. Então apanhou outra, encaixou-a. Ergueu e abaixou o arco, e de novo a seta voou.

Quando o sol nasceu, havia cinco flechas cravadas bem no centro do alvo. Uma delas dividindo outra longitudinalmente.

Nicole olhou para trás, e Astarte estava acordado, observando. Ela abriu um sorriso luminoso quando ele saudou os tiros.

– Não! – disse o elfo. – Não fique feliz com o sucesso, nem fique triste com o fracasso. Você nada tem a ver com ambos. Apenas permitiu que aquilo que não entendemos agisse através de você.

O elfo então ordenou que ela atingisse uma mosca. Algo que a humana nem era capaz de enxergar, à distância.

– Não consigo.

– É claro que não consegue.

Pausa.

– Mas *algo* consegue – Nicole completou.

Então encaixou a flecha, puxou a corda e disparou, de olhos fechados.

Antes que o projétil completasse seu voo, ela começou a andar para recolher o alvo abatido. Apresentou a Astarte a mosca despedaçada pela flecha.

– O que aconteceu aqui? – perguntou o elfo.

– Fui uma arqueira. Através de minha vontade, fiz com que a mosca fosse um alvo. Não precisei vê-la, porque meus olhos são insignificantes para isso. Não havia outro caminho que a flecha pudesse tomar.

Ele sorriu. Ambos saudaram.

– Já não sou mais seu mestre.

– Eu sei.

Então, um olhar de tristeza infinita tomou conta do rosto de Astarte. Ele sabia que esse dia chegaria. Já havia chegado, há muito, mas agora precisaria ser externado.

– Qual é seu nome, guerreira?

Todos os irmãos de Ynilaguenne tinham nomes élficos. Era algo ritualístico, simbólico, representava a vida anterior deixada para trás. No caso de Nicole, seria mais grave: ela renascera para absorver a disciplina élfica. Sacrificara a si mesma. Astarte sacrificara a relação que tivera com ela, vendo-a refazer-se em uma nova perspectiva e passando pelo processo impiedoso de enxergá-la crescer.

O que quer que fossem antes, já não eram mais.

– Qual é seu nome? – ele repetiu.

Então ela sorriu.

De alguma dobra entre a túnica e a cota de malha, retirou os óculos. Pousou-os sobre o nariz e disse:

– Nicole.

Ele ficou sem fôlego.

– Desculpe, Astarte. Menti para você. Talvez não devesse haver espaço na minha mente para a disciplina élfica e também para todas as outras bobagens. – Pausa. – Mas há.

Ela deu um passo à frente.

– Ainda sou a mesma. E você anda muito afetado.

O rosto de Astarte se iluminou com alegria infinita. A ideia de que *não perdera* o que já considerava perdido, de que a personalidade dela não sumira em nome do treinamento, era quase boa demais para ser contemplada.

Mas então ele se lembrou do propósito de tudo aquilo.

– Vou salvá-lo, Astarte.

– Não foi para isso que treinamos.

– Não interessa. Vou salvá-lo, e está decidido.

– Como você pode aprender tanto e não aprender nada ao mesmo tempo?

– Sou humana, lembra?

Eles ficaram parados, calados. Havia em Nicole uma leveza que quase anulava o peso sombrio no elfo. Então, sem falar coisa alguma, ela voltou ao que era conhecido e confortável.

O tiro.

A corda se estendeu até o arco atingir a envergadura perfeita. No mesmo gesto,

os braços abaixaram-no, mantendo a posição. A flecha ficou quase à altura dos olhos. Os dedos de Nicole já estavam calejados, experientes em segurar a corda e a flecha encaixada. Ela estava acostumada à tensão máxima sem esforço, com total tranquilidade naquele mundo fora do mundo. No tempo fora do tempo.

Quando disparou, Nicole sentiu a mente tomada por um clarão. Haviam existido fora do tempo, fora do espaço. Ela então lembrou – ou reviveu – o início de tudo, antes de conhecer Astarte, antes de voltar a Santo Ossário. Quando ainda estava na universidade e ausentara-se, sem que ninguém percebesse, para um momento exatamente como aquele. Uma vida exatamente como aquela.

A flecha cravou-se no alvo.

E ela sabia o que estava por vir. Mesmo assim, repetiu os passos, porque presente, passado e futuro não existiam. As ações apenas *eram*, sem ordem, sem sequência.

Os dois aproximaram os rostos simultaneamente, como se obedecessem a um comando. No tempo fora do tempo, foi um instante enlouquecedor, antes de os lábios se tocarem. A proximidade deixava-os sentir o calor um do outro, notar o que o olfato só percebia quando muito perto, e tornava possível entreouvir as batidas do coração de outra pessoa. Uma entrega que abria mão de todas as defesas, todas as máscaras. O efeito era de uma eletricidade estática.

Os lábios quase se tocando.

– Nicole! – gritou Astarte.

Ambos saltaram, quando uma explosão separou-os. Emanuel atacava o mundo fora do mundo, escoltado por um pelotão da Gladius.



Ela emergiu na floresta.

Na Terra.

Os cheiros eram rudimentares; os sons, simplórios. As cores eram mortiças; as sensações, grosseiras. Assim que esteve de novo no mundo físico, Nicole sentiu o tempo agindo. A pele envelhecendo e soltando células, as coisas mudando ao redor.

No corpo, a túnica e a cota de malha que usara no *não lugar*. Na cintura, uma aljava. Nas mãos, um arco élfico. No rosto, o velho par de óculos.

Correu para a clareira, onde estavam os monges de Ynilaguenne.

– Quanto tempo perdi?

Felix abraçou-a. Mal haviam começado a procurá-la. Poucas horas haviam se

passado desde a abdução. E havia um milhão de perguntas, sobre como ela adquirira o equipamento e onde estivera, mas Nicole não permitiu:

– Vamos salvar Astarte.

Capítulo 34
A prisão sem muros

– MAS JÁ PASSA DO toque de recolher! – disse Adelaide.

– Não importa – Abel usou voz firme, incomum para ele. – Por favor, venha comigo. Já estão nos esperando.

A prostituta de rosto gentil pediu que ele entrasse. Adelaide morava em uma casa pequena, longe do centro. Abel Montague tivera de arriscar-se para chegar lá, atravessando a cidade. Mal capaz de dirigir em condições normais, dirigira com os faróis desligados, duas vezes foi obrigado a guinadas bruscas para evitar uma patrulha da Gladius. Entrou na sala de estar de Adelaide, tremendo como se fosse aquela a pior provação da noite.

– Você estava foragido – ela murmurou.

– É tudo uma conspiração – disse Abel, em um gemido de dar pena. De onde quer que viesse a confiança que demonstrara segundos atrás, parecia ter se esvaído.

A prostituta olhou-o com incredulidade e cansaço. Conspirações; as mesmas histórias de sempre.

– Você precisa se vestir e vir comigo – gaguejou o rapaz.

Adelaide ficou parada por um tempo, incerta. Abel nunca parecera perigoso. Mas, quando se convertera de excêntrico em fugitivo, tornara-se mais alarmante. E continuava achando-se perseguido por forças invisíveis.

– O que você quer, Abel?

– Que me acompanhe – em voz sumida.

– É perigoso?

– Sim – ele murmurou, com franqueza desconcertante. – Mas é mais perigoso não fazer nada.

Mais longos instantes avaliando-o. Será que, no passado, ela estivera tão errada sobre o caráter do garoto?

Decidiu que não:

– Aonde vamos?

– Delegacia.

Afinal, ela sempre sabia quando alguém tinha bom coração.

Não demoraram muito. Ele estacionou nos fundos. Entraram furtivamente. Em algumas horas, o sol nasceria, e então seria impossível esconder o que acontecia ali.

Adelaide seguiu Abel até as celas e encontrou vários rostos conhecidos. Thales Veracruz, o juiz de paz e dono da imobiliária. Velma, a dona da lanchonete, com o fiel cozinheiro. Enzo, o bêbado. As trigêmeas Salazar, inofensivas exceto pela obsessão por Elvis Presley. Os dois policiais de plantão naquela noite. O homem que escondia chifres sob o chapéu – chamado de "Menino Diabo" em sua terra natal.

O delegado Custódio Dutra, segurando uma pistola com a mão que não estava ferida.

E, no meio de todos, estendido no chão e preso por algemas, um desconhecido, vestido com roupas de palhaço. O ferimento de bala no peito fora tratado da melhor forma possível sem acesso a um hospital.

– Esse homem vai morrer! – disse Adelaide.

– Antes ele tentou nos matar – respondeu Abel.

Era um ajuntamento improvável como "conselho da cidade". Mas envolver autoridades além do delegado traria problemas. Talvez não pudessem confiar no prefeito ou nos detentores de altos cargos públicos. De resto, quem mandava na cidade eram os Strauss e Emanuel Montague.

Que eram a origem daquilo tudo.

– O que está acontecendo? – insistiu a mulher.

– Abel salvou a minha vida – disse Custódio Dutra.

O rapaz olhou para o chão, envergonhado.

– Diga seu nome – Abel conseguiu coragem para exigir, tentando disfarçar o embaraço.

O prisioneiro gemeu.

– Rei do Riso – disse, por fim. – Escolho os que parecem mais engraçados. Coleciono suas roupas e objetos pessoais.

– Seu nome verdadeiro! – rosnou Custódio.

O assassino manteve-se estático, com um sorriso tenso.

– Ele não responde – disse Thales, gaguejando. – Só fala que se chama – engoliu, com medo – Rei do Riso. E recita essas... esses... essas manias.

– Quem é ele? – disse Adelaide. – O que são essas coisas que falou?

– É um caçador – Abel manifestou-se com voz firme. – Um assassino em

série. Rei do Riso é seu apelido. Desde que saí para buscá-los ele só repete suas vítimas preferidas e o que coleciona delas.

Os demais cidadãos já sabiam daquilo. Abel os havia tirado de casa, enquanto o delegado montava guarda, para que vissem com os próprios olhos o prisioneiro que invadira a delegacia com a intenção de matar Enzo – e quase fizera outras vítimas. Mesmo assim, ao escutar de novo a verdade, alguns se descontrolaram. Thales achou que fosse chorar.

– Essas são as mesmas histórias... – começou Adelaide.

– Esqueça – cortou o delegado. – Eu confio no garoto.

Ela franziu o cenho.

– Pense em todas as loucuras que Abel já falou, Adelaide. Agora imagine que é *tudo verdade.*

O rapaz vestido em mantos de elfo começou a tremer ainda mais – de emoção por finalmente obter reconhecimento, de medo por confrontar o caçador. Custódio tomou-lhe a pistola, apontou-a para Rei do Riso.

– Repita para minha amiga o que você nos contou – ordenou o delegado para o assassino.

– Explicar a piada acaba com a graça.

– *Acha graça em morrer?* – Custódio gritou.

Aparentemente, achava: o assassino tentou gargalhar, apesar do ferimento no tórax. Engasgava, mas seus olhos lacrimejavam de riso.

– Deviam ver suas caras agora! Pegamos todos direitinho!

– Ele foi chamado à cidade por Emanuel Montague – explicou Velma. – Está aqui junto com muitos outros assassinos. Eles estão...

– Estão nos caçando – completou Abel.

Adelaide levou as mãos à boca.

Através dos deboches do caçador e dos relatos dos cidadãos, ela soube de tudo. Da conspiração dos Strauss. Da lista de vítimas de Emanuel. Rei do Riso explicou que, com o povo trancado em casa à noite, os caçadores podiam invadir as residências e divertir-se em paz.

– Somos protegidos pela Gladius – o assassino ofegou, entre risadinhas. – Podemos fazer o que quisermos.

O cozinheiro da lanchonete chutou-o.

– Não me sinto tão nervoso desde que comecei a tomar os remédios – disse.

– Eu também não – acrescentou o Menino Diabo.

– Estão tendo reações naturais – falou Abel. – Estão com medo, com raiva. Menos calmos. Não sei como o tal remédio funciona, mas parece que demora

algumas horas para fazer efeito.

De fato: embora a sonolência fosse grande, uma vez despertos, eles eram capazes de reações emocionais genuínas. Durante o dia, quando ficavam ativos e tinham contato com outras pessoas, eram dóceis como ovelhas. Propensos a obedecer a ordens e encarar qualquer coisa com naturalidade. O toque de recolher fazia sentido – trancava-os nas únicas horas do dia em que tinham probabilidade de se rebelar.

– Desculpe, Abel – disse Adelaide. – Devíamos ter acreditado em você.

O rapaz desfez-se num acesso de gagueira. A interação social era mais apavorante que o caçador. Todos ali o viam com outros olhos. Não mais um pária fantasiado, não mais um bandido. Alguém que sempre disse a verdade, e sempre foi injustiçado.

– O que fazemos com ele agora? – perguntou Thales, apontando para o assassino.

– Esperem! – cortou Abel, a fluência impulsionada pelo fervor.

Seu coração bateu mais forte, mais rápido. Ele sentiu a boca secar, a pele ficar gelada. Virou-se para o matador. Não acreditava no que iria dizer.

Mas disse:

– Isso não é tudo. Conte o resto.

Até mesmo o delegado ergueu uma sobrancelha. Até onde ele sabia, aquilo *era* tudo.

– Não sei nada – o prisioneiro chiou, com desprezo.

– Como foi tão rápido ao atacar o delegado? – Abel pareceu crescer com a indignação. – Como conseguiu quebrar seu pulso?

– Sou só um palhaço.

– Essas coisas acontecem – disse Custódio. – Em uma situação de perigo, a adrenalina...

– *Não acontecem!* – Abel interrompeu com um grito.

Por um segundo, temeram-no quase tanto quanto o assassino.

– Vocês duvidaram de mim todos esses anos, mas eu tinha razão – Abel controlou a voz. – Agora o mínimo que podem fazer é me escutar. O que ele fez não foi natural. Não foi adrenalina.

Silêncio.

– Foi poder místico.

E então os perdeu. As mesmas expressões a que estava acostumado: decepção, pena, cansaço. A postura que se adotava com um louco inofensivo, mas entediante.

– É verdade – disse Enzo.

Todos se viraram para ele.

– Eu vejo um pouco do que acontece na sarjeta de Santo Ossário. Há um tempo, bebi com um mendigo que dizia ter encontrado Abel. Ele contou sobre coisas sobrenaturais que mataram um bando de sem-teto. E sobre como eles gritavam o nome de uma tal Rainha. Disse que viu um elfo.

– Enzo, esse homem devia estar bêbado – falou Adelaide. – *Você* está bêbado.

– Desde 1973, mas isso não vem ao caso. Sei o que ouvi. E, se Abel tinha razão em tudo até agora, por que não acreditar nele só mais um pouco?

Porque aquilo era loucura, argumentaram vários. Psicopatas na cidade eram perturbadores. Mas poderes sobrenaturais eram impossíveis.

– O senhor acha mesmo que tudo que ocorreu aqui foi normal? – disse Abel, encarando o delegado. – Não acha que ele se moveu rápido demais? Que era forte demais?

Custódio Dutra engoliu em seco. Repassou os eventos da noite: estivera com a pistola apontada para o invasor, o dedo no gatilho. Antes que pudesse atirar, o outro havia se virado e arremessado a faca. Então saltara sobre ele, derrubara-o, arrancara a lâmina e golpeara-o num instante. Quebrara-lhe o pulso com os dedos, sem esforço.

Talvez – *talvez* – um grandalhão com treinamento extenso em artes marciais conseguisse algo parecido. Mas no meio do círculo de cidadãos estava um sujeito magro.

Era estranho.

Julgar o estranho como normal fizera com que a cidade fosse tomada por loucos e mercenários.

– Diga a verdade – o delegado engatilhou a pistola e apontou-a para o prisioneiro, usando a mão esquerda. – Diga a verdade ou eu atiro.

– Não sei de nada!

Então, Abel tomou a frente:

– Estamos todos esperando uma performance. Mas você é incapaz de nos entreter.

O assassino grunhiu. Estremeceu, controlando-se.

– Isso é muito entediante – interveio Thales, num lampejo de bravura.

Rei do Riso gritou, incapaz de resistir.

– É a maior piada de todas! – disse, em um berro. – Vi um elfo! Orelhudo, com cabelos dourados.

– Diga quem ele era! – falou Abel. – Qual seu nome?

– Astarte – com reverência. – O príncipe dos elfos. Filho da Rainha da Beleza.

As trigêmeas Salazar desmaiaram ao mesmo tempo, foram amparadas por outros cidadãos.

– Você é um cultista! – acusou Abel. – Admita!

– Sou um iluminado – os olhos do homem se arregalaram. – Venero a Rainha e recebo sua bênção.

O grupo se desfez em burburinho. Não havia nenhuma prova, mas as esquisitices de Abel Montague confirmavam-se mais e mais a cada instante. Até as vestimentas ridículas adquiriam algum sentido, quando o prisioneiro falava na existência de um elfo real. Mesmo que fosse loucura, era uma loucura compartilhada. Mesmo que houvesse outra explicação, havia um fundamento. Alguns se assombravam, prontos a rever conceitos básicos e aceitar que o sobrenatural existia. Outros racionalizavam, mas admitiam que ouvir Abel levava à verdade.

Foram interrompidos por um celular tocando.

Era o aparelho do delegado.

Ele tirou-o do bolso e atendeu. Não pôde dizer uma palavra, antes que a voz conhecida falasse, do outro lado:

– Você não está em casa.

Era Emanuel Montague.

– Já sei de tudo que está acontecendo! – rosnou Custódio. – Vou informar o resto do país.

– Não vai. Estamos todos trancados em Santo Ossário.

– O quê?

– Por que não está em casa?

– Todos estão comigo, Emanuel. Você não vai escapar impune.

– Todos? Até mesmo sua esposa e seu filho?

Gelo.

– Estou vendo-os dormir agora mesmo – continuou Emanuel, em voz suave. – E você, onde está junto com os outros cidadãos, delegado? Não pode ser a lanchonete, porque está vazia. Será então a imobiliária? Não, muito longe. Ah! A delegacia.

A expressão de Custódio informava o terror em seu peito.

– Rei do Riso deve estar com vocês. Isso significa que o bêbado ainda está vivo?

– Não sei do que está falando.

– Não me insulte, seu porco revoltante. Devem estar todos reunidos na

delegacia. Talvez junto com meu irmão? Ele sempre parece estar por perto quando algo irritante acontece.

– Abel está foragido.

– Não, não está. Você é um covarde e um mentiroso. Abel não foi capaz nem mesmo de morrer direito, tamanha é sua obstinação em me incomodar. Ele deve estar aí, com vocês.

Custódio Dutra não soube o que dizer.

– Eis o que vai acontecer, delegado. A Gladius já está chegando, e vocês têm duas opções. Podem ser teimosos. Então suas famílias saberão que vocês todos *foram viajar.* Ou podem ser obedientes. Nesse caso, os agentes da Gladius serão gentis. Vocês passarão por um período de repouso no manicômio e voltarão revigorados, com uma dose adicional de medicação.

– Deixe meu povo em paz.

– *Meu* povo – chiou Emanuel. – Este é meu povo. Minha cidade. A Gladius está chegando, e você não pode fazer nada.

Som de carros se aproximando. Um helicóptero.

Custódio Dutra desligou o telefone, jogando-o no chão.

– Emanuel? – disse Abel Montague.

– E a Gladius – respondeu o delegado.

O som dos motores se aproximava cada vez mais.

– Sei para onde podemos fugir! – disse Abel. Então remexeu dentro do manto e exibiu um pergaminho dobrado. – Peguei este mapa de Nicole Manzini. Ele me lembrou algo da minha infância.



Antes.

Abel Montague tinha 7 anos. O irmão mais velho ficou doente certo dia – o que era estranho, porque Emanuel nunca adoecia. Mas naquele dia adoecera, e faltou à escola. O próprio Abel não teve mesmo privilégio. Depois do almoço, foi colocado no ônibus escolar e teve uma tarde inteira de aprendizado. Voltando para casa, o ônibus foi atrasado por um pequeno acidente, que provocou um dos raros engarrafamentos em Santo Ossário. Mais tarde, descobriu-se que o freio de um carro falhara, e que o acidente, mesmo pequeno, matara o motorista. Mas, com 7 anos, Abel não sabia de nada daquilo. Sabia apenas que, enquanto esperava, ficava com mais e mais fome. Estava escurecendo.

Sorte tinha Emanuel, que não precisara ir à aula naquele dia.

Enfim, Abel chegou ao apartamento. Esperava que a mãe estivesse preocupada com a demora, mas não houve nenhuma manifestação. Bateu à porta repetidas vezes, sem resposta. Então vasculhou a mochila em busca da chave que lhe haviam confiado. Ele não deveria usá-la, a não ser em último caso – o pai e a mãe não desejavam que a perdesse, ou que acabasse esquecendo a porta aberta. Mas aquele era um último caso, pois ninguém vinha atender.

Então ele destrancou a porta e entrou.

Silêncio total no apartamento. Àquela hora, o telejornal deveria estar preenchendo o ar com notícias tediosas. Mas a tevê estava desligada. Nem o pai nem a mãe vieram recebê-lo. Ele avançou pela sala de jantar, e a mesa não estava posta. Seguiu pelo corredor que levava aos quartos. Encheu os pulmões para chamar a família, mas alguma intuição lhe disse que era melhor ficar quieto. Espiou o quarto de Emanuel – também vazio.

Então chegou ao banheiro.

A porta estava entreaberta. Ele olhou pela fresta. Primeiro achou que finalmente encontrara todo mundo, mas logo soube a verdade.

Enxergou o pai. Sentado no chão. Com um horrendo corte na garganta.

Abel ousou empurrar a porta um centímetro. Foi capaz de ver a mãe, na mesma posição. Morta.

Um cheiro forte de água sanitária invadiu suas narinas como um soco. Mais um centímetro de abertura, e teve ângulo para ver Emanuel, ajoelhado, terminando de limpar o sangue do chão. As facas de cozinha estavam dispostas sobre o balcão da pia.

Afastou-se.

Anos mais tarde, Abel iria se perguntar por que não gritara. Por que não caíra no chão, chorando e esperneando, ao saber que seus pais estavam mortos e que Emanuel era o culpado. Imaginaria como soubera aquilo instantaneamente, apesar de nunca ter questionado a capacidade do irmão mais velho de cometer tais atos. Imaginaria até mesmo como possuía aquela clareza sobre a morte, como pudera ter noção tão completa de que nunca mais veria o pai ou a mãe. Mais tarde, ele imaginaria tudo aquilo.

No momento, não.

A enormidade do que ocorrera varreu qualquer emoção. Nenhuma reação seria suficiente. Então ele apenas entendeu como aquele ato colocava em perspectiva muitas coisas ao longo dos anos, e que nada nunca mais seria igual.

Além disso, soube que precisava se esconder para ficar vivo.

Não deu sinal de sua presença. Recuou devagar, tendo cuidado para que os

tênis não fizessem barulho. Refez o trajeto pelo apartamento, até atingir a sala de jantar.

E lá estava uma mulher.

Era a mulher mais bela que ele já vira. Idade indefinida – podia tanto ser sua mãe quanto uma adolescente. Os cabelos loiros eram infinitos, os olhos reuniam todas as tonalidades mais bonitas. O vestido era feito de muitos tecidos coloridos e joias brilhantes. As orelhas eram compridas e pontudas. Abel aproximou-se, e ela não esboçou reação. Olhava à frente, como se estivesse tentando enxergar o que Emanuel fazia lá no banheiro. Então Abel estendeu a mão, que atravessou a moça, como se fosse um fantasma. Reparou que ela era quase transparente, parecia não estar lá de todo.

Mas a mulher sorria. E, com esse sorriso, transmitia uma aprovação muda para o que ocorria naquele apartamento. Por isso Abel soube que era perigosa.

Temendo que a mulher de alguma forma pudesse notá-lo, redobrou a furtividade. Abriu a porta da frente, saiu e fechou-a em silêncio. Foi se esconder num depósito de produtos de limpeza do prédio – sabia que, se ficasse no corredor, seria visto por algum vizinho, que faria perguntas e bateria na porta.

Bastou enxergar o irmão na tarefa banal e macabra de limpar o banheiro do sangue de seus pais e notar a aprovação daquela mulher etérea para que Abel compreendesse que não havia como deter Emanuel. Se algum vizinho se metesse, também morreria. Isso estava de alguma forma claro na expressão diligente do jovem matador, na perfeição sincrônica como tudo ocorrera naquele dia.

Abel soube que Emanuel era um assassino.

Escondido no depósito, esperou, medindo o tempo através da fome. Quando o estômago já acusava que horas haviam se passado, saiu do esconderijo. Foi até a porta do apartamento e esmurrou-a, fazendo o barulho mais alto que podia. Emanuel *tinha* de ouvir. *Não podia* ser apanhado desprevenido, ou iria matá-lo também. Era importante fingir total inocência e ignorância. Quando já escutava os passos do irmão se aproximando, enfiou a chave na fechadura, anunciando sua chegada aos berros.

Entrou no apartamento, deparou-se com Emanuel.

– Estou com fome! – anunciou, fingindo tão bem quanto podia.

Emanuel mediu-o com olhar frio.

– Chegou agora?

– Teve um acidente na rua – disse o menino. – Um engarrafamento. Me atrasei.

Silêncio.

Emanuel barrava o caminho. A porta da frente estava fechada atrás de Abel. Não havia para onde fugir.

Pelo menos a mulher das orelhas compridas tinha ido embora.

– Não tem comida – disse Emanuel. – O pai e a mãe foram viajar.

Abel forçou um sorriso.



A professora notou a mudança de comportamento.

Abel sempre foi esperto e comunicativo. Tinha muitos amigos. Mas, nos últimos dias, estava retraído e nervoso. Ela chamou o menino num canto e perguntou se estava tudo bem em casa.

A resposta que ele queria dar era: “Meu irmão matou meus pais.”

Mas não teve coragem. Sabia que a professora, a polícia, o mundo não poderiam fazer nada contra Emanuel Montague. Ele era um aluno exemplar, destaque nos esportes, querido de colegas e professores. Preocupado com o irmãozinho, levava-o até a porta da sala de aula todos os dias, e todos os dias vinha pegá-lo para que os dois viajassem juntos no ônibus escolar. Emanuel Montague era invencível, todos confiavam nele. Desde o assassinato, parecia ter se tornado ainda mais encantador.

Então Abel levou um bilhete para casa, alertando os pais sobre a mudança na postura do filho. Deveria trazê-lo assinado no dia seguinte.

– Você não pode falar nada sobre o que está acontecendo – disse Emanuel, na mesa da cozinha, enquanto forjava as assinaturas.

– Posso dizer que o pai e a mãe estão viajando.

– O que eu disse?

– Que não posso falar nada – respondeu Abel.

– *Nada.*

No outro dia, entregou o bilhete assinado.



A ausência do casal seria sentida pelos outros adultos. Por isso, certo dia Emanuel sentou-o à mesa e falou:

– Vamos dizer que o pai e a mãe nos abandonaram. Vão tentar nos mandar para a casa de parentes ou para orfanatos. Você vai ter que me obedecer para que

a gente continue junto.

Continuar junto de Emanuel era a última coisa que Abel desejava. Mas tinha medo de contrariá-lo.

Houve inspeções da polícia, que nunca conseguiu encontrar os corpos. Houve audiências num tribunal, e ele recitou tudo que Emanuel mandara. Muitas sessões com psicólogos e encontros com o resto da família.

Mas Abel sabia que, se fossem morar com os avós ou tios, os parentes morreriam. Assim, mentiu com desenvoltura, declarou seu amor pelo irmão mais velho. Ambos contaram a história comovente do jovem de 14 anos que cuidara dele durante aqueles meses de abandono – o estado de Abel, bem alimentado e bem cuidado, era prova de como Emanuel fazia um bom trabalho. Numa decisão inédita, o juiz emancipou Emanuel Montague, colocando Abel sob sua guarda.

– Agora somos só nós dois. Para sempre.

O caso foi noticiado no país inteiro. Emanuel recebeu doações. Toda a comunidade de Santo Ossário uniu-se para ajudá-lo. O esforço e dedicação do jovem, unido a seu brilhantismo acadêmico e charme irresistível, conquistavam o coração de todos. Emanuel foi visitado por adultos importantes, membros da famosa família Strauss, que se comoveram e prometeram-lhe uma bolsa de estudos quando chegasse a época da faculdade. Assistentes sociais vinham visitá-los de tempos em tempos, sempre encontrando tudo perfeito e elogiando o adolescente exemplar.

Até que Emanuel voltou a matar. Desta vez a vítima era uma garota que Abel não conhecia.

Ele olhou pelo buraco da fechadura do quarto, e lá estava, mais uma vez, a mulher das longas orelhas.

Ainda mais etérea do que antes. Quase invisível. As paredes do apartamento eram tomadas por linhas luminosas, cruzando-se e dobrando-se em ângulos perturbadores. Como um diagrama ou labirinto. Como um manual para um quebra-cabeças.

Nos seriados de televisão, os detetives desvendavam crimes, encontravam culpados. Abel não entendia como seu irmão era imune à lei, como podia cometer assassinatos perfeitos.

Outras garotas morriam. Quando isso acontecia, o apartamento se transformava. Havia o perfume de flores. Os labirintos surgiam nas paredes. Depois de alguns assassinatos, Emanuel começou a ser visitado mais e mais pelos Strauss.



Essa rotina durou pouco mais de três anos. Emanuel permaneceu como um astro na cidade. Receberia uma bolsa para estudar no exterior, presente da Fundação Strauss.

E Abel estava ansioso, porque achava que finalmente estaria livre. Com 10 anos de idade, não lhe interessava onde ficaria – desde que fosse longe do irmão.

Notou que Emanuel olhava-o com uma espécie de interesse científico, profissional. Parecia planejar algo.

Então, Abel compreendeu: não ficaria livre.

Seria morto.

Quando percebeu isso, foi tomado pelo pavor – algo mais extremo e mais desesperado que o medo. Foi até o diretor do colégio – a maior autoridade que conhecia – tremendo, mal conseguindo falar.

– Meu irmão matou nossos pais – disse, e desabou em prantos.

– Por que está me dizendo isso, Abel?

Ele já era um garoto estranho há pelo menos três anos, desde o sumiço do casal. Não era inteligente e sociável como Emanuel.

Nenhuma autoridade acreditou em suas palavras. Consideraram que o garoto precisava de alguma assistência psicológica. Houve reuniões com assistentes pedagógicos e com o próprio Emanuel, que chorou, magoado.

Ninguém acreditava.

Abel não sabia o que fazer. Vira Emanuel adquirindo novas facas. O dia em que ele viajaria para conhecer a futura universidade se aproximava. Sentado, em terror absoluto, tentando copiar o que a professora escrevia no quadro, Abel notou que a porta da sala de aula se abria. Achou que era Emanuel vindo buscá-lo, mas outra figura surgiu.

Um homem de idade indefinida. Às vezes, parecia mais velho que seu avô; outras, tão jovem quanto Emanuel. Emitia um leve brilho, sorria bastante e tinha orelhas compridas.

Olhou bem nos olhos de Abel e sinalizou com o dedo para que o garoto fosse até ele. Abel hesitou, sabia que não podia abandonar a aula. Mas então olhou em volta, e todos pareciam estar congelados no tempo. O estranho chamou-o de novo.

Abel pulou da cadeira e atravessou a sala. Quando chegou à porta, o estranho tomou sua mão e conduziu-o pelo corredor da escola.

– Quem é você?

Ele sorriu.

– Se eu falar, você não vai entender – disse o homem. – Lembra-se da mulher que aparece no apartamento?

Abel fez que sim.

– Sou um pouco parecido com ela. Mas *muito* menos poderoso.

Os dois saíram da escola. Nesse momento, o tempo voltou a andar. O mundo descongelou-se. As pessoas recomeçaram a caminhar e falar, os carros voltaram a buzinar.

– Para onde estamos indo? – disse Abel.

– Comprar algumas coisas importantes.

– Por quê?

– Seu irmão tem uma amiga. Sabe por que ele fez o que fez?

Abel disse que não.

– Por sua mestra – disse o estranho. – Emanuel não sabia que estava fazendo isso por ela, mas ela escolheu-o.

– Ele é mau por causa dela?

– Não. Sempre foi – expressão de pesar. – Mas talvez tivesse esperado mais um pouco se a Rainha não tivesse notado-o. Talvez escolhesse outras vítimas para começar. De qualquer forma, não importa. Emanuel tem uma amiga, então acho que você também precisa de um amigo, e é por isso que estamos passeando.

Andavam pelas ruas, o garoto segurando a mão do homem. Ninguém parecia notar a aparência engraçada que ele tinha.

– Nós vamos lutar contra essa Rainha?

– Não, Abel. Se ela nos notasse, morreríamos. É melhor ficarmos bem escondidos. Por enquanto, vamos tentar salvar a sua vida.

Entraram numa loja de fantasias.

Existiam somente duas na cidade. Na primeira, o estranho não encontrou o que procurava. Na segunda, enfim, ergueu um conjunto de roupas verdes, em tamanho infantil. Exibiu-o para Abel.

– Vista isso.

O menino obedeceu. Foi até o provador e trocou de roupa. Quando saiu, o estranho fixou orelhas de borracha às suas.

Estavam agora bastante parecidos.

– Você sabe que fantasia é essa, Abel?

Havia diversos personagens infantis que aquela roupa poderia imitar.

– É uma fantasia de elfo. Você deve ser um elfo, entendeu? Nunca deixe de vestir as roupas de elfo. Então estará a salvo de Emanuel. Continuará vivo.

O estranho levou mais uma fantasia, idêntica à primeira, para ser usada quando a outra sujasse. Abel estranhou que ele não precisasse pagar pelas roupas, mas de qualquer forma não entendia muito bem as transações financeiras dos adultos.

– E agora vou lhe mostrar outra coisa, Abel. Um lugar muito especial. Mas você não deve visitá-lo, a não ser que algo muito, *muito* ruim vá acontecer. Promete?

– Prometo.

O estranho levou Abel pela mão até um local escondido de todos.



Quando Emanuel chegou em casa, rugiu de fúria, perguntando por que o irmão fugiu da escola.

Então notou o que Abel vestia.

Bem parado no meio da sala de jantar, ele estava fantasiado e sorridente.

– Sou um elfo!

Os anos de fingimento em nome de Emanuel o haviam ensinado a simular qualquer emoção. Principalmente a mascarar o medo.

– Onde conseguiu isso?

– Um estranho me deu – disse o garoto. – Porque eu sou um elfo. Agora sempre vou me vestir assim!



De madrugada, Abel ouviu o irmão ao telefone:

– Não posso matá-lo. Ele apareceu vestido de elfo. É um sinal da Rainha, ela tem algum plano.

Estavam falando dele. O coração de Abel bateu forte de apreensão, e ao mesmo tempo estava eufórico por ter garantido a própria sobrevivência.

– Preciso ficar em Santo Ossário – continuou Emanuel, ao telefone. – Não posso mais viajar. Preciso ficar aqui cuidando dele. Vocês preferem matar alguém tocado pelos elfos? Ou quem sabe deixá-lo aqui, onde ele vai revelar tudo que sabe?

Abel controlou-se para não dançar de felicidade. Ficaria vivo! Bastava usar a fantasia, e ficaria vivo.

– Então não posso aceitar, senhor Strauss. O culto à Rainha é mais importante.

Ao longo dos anos, Emanuel garantiu sua sobrevivência, sustentando Abel enquanto seguia em uma trajetória de sucesso.

Abel Montague nunca deixou de se vestir de elfo. Também nunca perdeu o interesse pelas atividades sinistras do irmão. Quando adulto, foi capaz de desvendar muitas delas – investigando e observando Emanuel.

Nunca ninguém acreditou em suas acusações.

Até aquela noite, na delegacia.



Agora.

O helicóptero já sobrevoava o prédio. De repente, ouviram o barulho da porta dos fundos sendo aberta com um chute. Velma deu um berro agudo. Os dois policiais empertigaram-se e engatilharam as armas. Continuava o som das hélices e dos motores, mas surgiu um agente da Gladius na frente de todos eles, apontando o fuzil e ordenando:

– Parados!

Abel não raciocinou: jogou-se sobre o mercenário. A rajada de balas perfurou seu manto, mas não chegou a feri-lo. Ele colidiu com o agente, e foi como bater em uma parede sólida. Os policiais dispararam, em pavor e instinto, embora a mira estivesse prejudicada pelo próprio Abel. Alguns tiros atingiram o alvo, sem causar dano aparente.

Mas uma bala ricocheteou no capacete.

O agente da Gladius moveu a cabeça para trás, e Abel agarrou-se na proteção. Arrancou-a e mostrou a todos o crânio descarnado do morto-vivo.

Custódio Dutra aproveitou a distração para correr e agarrar-se no fuzil. Mais uma rajada – perfurou a parede, inofensiva. Os policiais aproximaram-se, gritando e atirando, até que se abriu um rombo no crânio da monstruosidade. Alguns cidadãos uniram-se ao delegado, e conseguiram arrancar o fuzil do inimigo.

Custódio Dutra então disparou, com a mão esquerda.

E continuou disparando.

Esvaziou o fuzil, deixando o mercenário fumegando. Ele se movia com dificuldade, mas estava vivo.

Ou quase.

Enquanto isso, o barulho do helicóptero era ensurdecedor, e mais agentes

chegavam de todos os lados, por terra.

O delegado Custódio Dutra olhou para Abel em busca de uma solução. As outras alternativas visíveis eram captura ou morte.

– Este mapa me lembrou de algo da minha infância – repetiu o rapaz.

Há muitos anos ele não pensava no lugar aonde o estranho o levara naquele dia. E como recebera a ordem de nunca mais voltar lá, a lembrança daquele cenário foi sendo cada vez mais negligenciada, abandonada no fundo da mente. Nem mesmo quando era perseguido pela polícia ocorreu-lhe fugir para lá. Apenas ao examinar o mapa de Nicole a sua memória foi despertada, e traços naquele lugar começaram a ficar mais nítidos na mente de Abel.

Não era só a sua vida que estava em jogo. O delegado, Adelaide, Velma, Enzo... Todos estariam condenados.

Então, guiado pelos ângulos e direções que aprendera quando criança, Abel Montague liderou os cidadãos de Santo Ossário até um bueiro. Sumiram lá dentro, enquanto os agentes da Gladius invadiam a delegacia com fuzis em punho.

Capítulo 35
Troia

ENFIM O GRANDE DIA, E todos continuavam ignorantes.

Santo Ossário funcionava como se tudo fosse prosperidade e glamour. O frisson da presença dos atores imaculado pelos assassinatos, pela lei marcial, pelo isolamento místico. Todos só enxergavam os flashes das câmeras e os pôsteres de filmes. Ouviam as fofocas das celebridades e os sotaques dos visitantes. Se alguém notava aquilo por tempo suficiente para questionar a influência dos remédios, calava-se.

O único detalhe incomum era a lanchonete fechada. E a ausência do delegado. A imobiliária sem dono. As portas de estabelecimentos cerradas, os proprietários desaparecidos sem explicações.

Enquanto servas ajustavam o smoking, aquele era o único pensamento que perturbava Emanuel Montague.

– Eles não podem ter desaparecido – disse, para o fone de ouvido *bluetooth* preso na orelha. – *Nós* desaparecemos. *Eles* são encontrados.

– Vasculhamos toda a cidade – disse o coronel da Gladius, do outro lado. – Há um limite para o que podemos fazer sem chamar atenção demais. Dê a ordem, e vamos chutar portas, montar campos de contenção, tatuar cidadãos com números de série. Já fizemos isso muitas vezes... Mas não há como manter a fachada.

Emanuel fez uma careta.

– Não – disse, com os braços abertos, enquanto as abotoaduras eram fixadas. – Estamos a poucas horas do ponto culminante. Não devemos alertar nossos convidados.

– Muito bem, senhor.

– Mas eles são apenas humanos, coronel – bufou o Dragão. – Gente patética, sem treinamento. Como podem se esconder de vocês?

– Não podem – o outro retrucou. – Ninguém se esconde de nós. Com certeza estão recebendo ajuda externa. Talvez sobrenatural.

Emanuel deixou a sugestão pairar um tempo.

– Nós controlamos o sobrenatural aqui – decretou, por fim. – Invadimos até mesmo o mundo em que Astarte treinava Nicole Manzini. Seu ex-colega, contudo, continua vivo.

– Felix Kowalski é bom, mas não tão bom – a voz do coronel ficou tensa, mesmo que as cordas vocais estivessem mortas. – Talvez sozinho pudesse escapar de nós. Mas não pode conduzir uma dúzia de idiotas sem deixar rastros.

As servas vestiram-lhe o fraque. Ele moveu os braços para ajustá-lo, então se deteve na própria imagem no espelho. Deveria estar impecável – era a noite mais importante de sua vida.

A noite mais importante da vida de qualquer um, desde que os elfos haviam deixado o mundo, tantos milênios atrás. Seria uma ocasião para eclipsar até mesmo a vitória de Leonhard Strauss na Fortaleza de Aubeleine e o nascimento de Wolfgang. Quando, no futuro, a sagrada raça élfica contasse sua história, o próprio Leonhard seria um coadjuvante no relato glorioso de Emanuel Montague, o humano que definiria o destino da Terra e de Arcádia. E aquela noite seria um marco eterno.

O início de uma nova era.

No entanto, havia cidadãos desaparecidos e um caçador capturado. O assassino conhecido como Rei do Riso relatara-lhe o modo como fora feito prisioneiro na delegacia. Como haviam extraído dele as informações.

A única coisa que não fazia sentido era o sumiço daquela gente. Todo o resto não passava de contratempos irritantes.

Não importava – se ele deixasse os inferiores ocuparem sua mente, cometeria algum erro.

– Esqueça os fugitivos, coronel – disse Montague. – Concentre-se no plano.

Com um comando de voz, encerrou a ligação. Frente a uma ocasião tão monumental, não podia distrair-se com o gado. Havia todas as preparações místicas, e também os detalhes materiais. Perdera alguns minutos na conversa com o oficial da Gladius, e já surgiam inúmeras ligações em outros aparelhos. Atrizes com exigências de última hora, assessores indignados por algum detalhe, celebridades menores tentando ter o seu minuto de fama.

Emanuel respondeu a cada uma. Resolveu cada problema. Com voz encantadora, deixou cada convidado feliz. As exigências foram atendidas, ou então substituídas por algo mais realista, que acabava agradando ainda mais. Os assessores foram aplacados, recebendo migalhas e acreditando que eram tesouros. Os invejosos foram amaciados.

O evento era uma tapeçaria intrincada, e Emanuel trançava cada fio, fechava

cada nó. Não poderia haver falhas – um ritual devia ser sempre preciso.

Assim, as horas voaram até o momento em que ele entrou na limusine e desembarcou em frente ao teatro Ada Strauss.

O tapete vermelho já fora estendido. Uma espécie de cerca dourada delimitava a passarela pela qual transitariam os mais belos do mundo. Fotógrafos, jornalistas e fãs aglomeravam-se dos dois lados, sendo mantidos sob controle por agentes da Gladius. Emanuel saiu do carro com Mauren Strauss. Ofereceu o braço, ela pousou a mão, e assim cruzaram o caminho até as portas do teatro. Foram fotografados, mas não era um terço da atenção que as verdadeiras celebridades receberiam. Mauren sorria muito. Chegaram a ser detidos por uma repórter, que quis saber curiosidades sobre o casamento vindouro. Após uma ou duas frases, continuaram e adentraram o teatro. Lá já estavam alguns membros da família Strauss, além de diversos agentes da Gladius, fazendo a segurança. O palco estava pronto, cortinas vermelhas escondendo a enorme tela de cinema. Havia muitas cadeiras, que receberiam os convidados, e também espaço amplo para circular, ser visto, interagir.

Pois aquela era a grande noite do Festival de Cinema de Santo Ossário. A noite da premiação, quando todos estariam presentes. Quando um prédio da cidade brilharia mais que qualquer outro no mundo. Quando a beleza da Terra estaria concentrada num teatro no interior do Brasil.

– Nervosa? – perguntou Emanuel, para Mauren, quando se sentaram ao lado dos parentes.

– Um pouco – ela sorriu.

Não era uma resposta real – Mauren não tinha mais personalidade ou pensamento próprio do que qualquer outro Strauss. Mas era um comentário apropriado. Sinal de que a boneca funcionava direito.

– Não fique – Emanuel tranquilizou-a. Ele apreciava a encenação. O ritual era importante, os passos certos davam ordem ao mundo, e ele gostou de tratá-la como se não estivesse controlada. – Você vai se divertir, e todos vão adorá-la.

Emanuel pediu licença e dirigiu-se aos bastidores. Além de espectador, era um organizador, e precisava garantir que tudo corria bem. Os peões que faziam o trabalho braçal de iluminação e toda a preparação do evento agiam em modo automático, com olhos mortiços. Assim como os servos da mansão, tinham ainda menos independência que os Strauss. Mal eram capazes de articular algumas frases.

Ele verificou que a Gladius guarnecia uma porta crucial, atrás das cortinas, e ficou satisfeito.

O som da multidão gritando lá fora sinalizou que os primeiros atores chegavam. Ele olhou as horas: tudo corria perfeitamente conforme o cronograma. Foi abordado por outros organizadores, que lidavam com as minúcias dos horários e com o balé das caminhadas no tapete vermelho e acomodação nos lugares de honra. Era cercado por aqueles insetos nervosos o tempo todo, manejava-os com elegância.

Quando o primeiro casal de celebridades adentrou o teatro, Emanuel estava lá para recebê-los, como se fosse capaz de existir em vários lugares ao mesmo tempo. Cumprimentou-os, fez com que se sentissem bem-vindos. Para aqueles dois, o Festival de Cinema de Santo Ossário adquiria um status superior ao das maiores premiações do mundo.

Então o segundo casal, e o terceiro. A multidão berrava de felicidade, os fotógrafos deleitavam-se nas poses dos famosos. Os repórteres faziam entrevistas ao vivo, sem suspeitar que as transmissões não chegavam a lugar algum.

À medida que o tempo avançava, aumentava o calibre da fama. Os mais notórios começavam a chegar, reluzindo de orgulho, beleza e atenção, para o frenesi do público. O sol já havia sumido, mas a noite permanecia tão iluminada quanto o dia, pelo brilho intermitente dos flashes. Holofotes descreviam uma dança no céu – mesmo quem não estava reunido frente ao teatro era lembrado de que a maior festa da cidade estava acontecendo.

E ninguém suspeitava, mas as luzes moviam-se em padrões muito específicos.

Como um diagrama.

Como um labirinto.

E então o teatro estava lotado. Os convidados andaram por dentro do prédio, cumprimentando uns aos outros, sendo vistos e dando os parabéns aos Strauss. Emanuel recebeu cada um deles. Enfim estavam todos sentados, sorrindo sob as câmeras que filmavam suas reações. Trocando comentários espirituosos com outros exemplares perfeitos da raça humana.

As luzes se apagaram.

– *Senhoras e senhores, sejam bem-vindos ao encerramento do Festival de Cinema de Santo Ossário* – disse a voz suave vinda das caixas de som.

Aplausos no escuro.

Algumas gargantas se apertaram, alguns convidados estavam nervosos. A premiação era uma honraria – e todos aqueles afeitos à fama amavam as honrarias. Ao longo dos últimos dias, os filmes haviam sido exibidos, os jantares haviam sido realizados, as festas haviam gerado alegrias e ressacas. Aquele era o

desfecho, o ponto culminante do festival, e estava prestes a começar.

As cortinas se abriram, dando início a mais aplausos. Então, um holofote iluminou o centro do palco.

A luz banhou um único homem. Era possível distinguir apenas a silhueta curvada, os braços abertos, agradecendo a atenção de modo teatral. Alguns ficaram intrigados, pois deveria haver dois apresentadores.

Então a figura empertigou-se e deu um passo à frente. O palco se iluminou, e lá estava Emanuel Montague.

Murmúrios. Ninguém esperava aquilo. Não sabiam que um dos organizadores iria discursar.

Mas sorriam.

Haviam sido treinados para sorrir sempre.

Emanuel deu mais um passo, alcançando o microfone montado em um pedestal. Cada movimento era preciso, cada gesto era elegante. Com físico esculpido, rosto de obra de arte, cabelos impecáveis e roupa magnífica, rivalizava com qualquer um dos convidados. Não parecia fora de lugar no palco – dominava-o, como se tivesse nascido lá.

– Senhoras e senhores, permitam-me que me apresente.

Seu sorriso era confiante, os olhos pareciam deter-se em cada pessoa na plateia ao mesmo tempo.

– Sou Emanuel Montague, e tenho a honra de recebê-los esta noite.

Aplausos. Primeiro hesitantes, em seguida entusiásticos.

– Imagino que devem estar se perguntando por que venho até vocês, no lugar dos apresentadores que esperavam. É porque esta é a maior noite de nossas vidas. Então irei lhes mostrar algo.

Dessa vez, apenas aplausos incertos.

– Senhoras e senhores, sejam bem-vindos ao mundo da beleza.

Então deixou o palco por uma saída lateral. As cortinas se abriram de todo, revelando a tela. As luzes se apagaram, e o projetor começou a funcionar, exibindo o último filme.



Um engasgo coletivo tomou os convidados. A prova da dominação dos Strauss foi a complacência: continuavam sorrindo.

A tela iluminou-se com imagens terríveis. Tortura e assassinato. Em preto e branco ou a cores, a morte descortinava-se no esplendor do cinema. As vítimas

multiplicavam-se em tomadas sucessivas. Cortes secos levando de uma cena a outra, mostrando o sangue e o horror.

Urros e exclamações tomaram conta do público. Os atores e famosos ergueram-se, indignados. Ninguém permanecia nas cadeiras, com exceção dos Strauss. As celebridades correram para as saídas, fúria e choque estampados nos rostos.

Mas encontraram a Gladius.

– Volte para seu lugar, madame.

Alguns tentaram empurrá-los, mas os agentes eram rochas imóveis. Os convidados receberam coronhadas. Ficaram sob a mira de fuzis, para que se comportassem direito.

Na tela, a morte.

Na plateia, o pânico. Correria, gritos, armas apontadas.

Emanuel voltou ao palco, sendo banhado pelas imagens. Tomou o microfone.

– Bem-vindos à verdadeira beleza, senhoras e senhores! O que veem aqui é o futuro e a verdade. Bem-vindos à nova era!

Através da lateral do palco, oito agentes da Gladius surgiram, arrastando uma estrutura metálica sobre rodas. Era uma espécie de gaiola móvel, que prendia os braços e pernas do único ocupante, mantendo-o de pé.

– Este é seu príncipe! – anunciou Emanuel, apresentando Astarte como se fosse o vencedor de um prêmio. – Este é o príncipe do futuro!

A gritaria quase soterrava as palavras. Os convidados estavam em desespero, tentando achar uma saída aberta. Rendidos pelas armas, chorando com as coronhadas.

– Alegrem-se, pois vocês são a beleza terrena! Alegrem-se, pois sua beleza é agora oferecida à Rainha! Orgulhem-se, senhoras e senhores, pois são o último sacrifício.

Havia uma porta atrás do palco, guarnecida pela Gladius. Daquela porta havia saído Astarte, preso na estrutura metálica.

Da mesma porta, emergiram os caçadores.

Eles ganharam o palco, surgindo de trás da tela que exibia depravações. Gargalharam e seguraram facas, e então jogaram-se às vítimas.

Os rostos mais famosos do mundo transformaram-se em máscaras de pavor. As vozes que haviam interpretado diálogos célebres desfizeram-se em berros, enquanto o exército de assassinos tomava o teatro Ada Strauss. Todas as saídas barradas, todas as rotas de fuga guarnecidas por mercenários. Uma cantora com vários discos de platina passou à frente do palco, correndo, sendo perseguida por

um matador com um cutelo.

O metal encontrou os corpos mais desejados do mundo. O sangue jorrou no teatro.

Dois atores grandalhões e atléticos juntaram-se, determinados a reagir. Atacaram um caçador franzino, coberto por uma roupa colante de látex preto. Um deles agarrou seus braços, na tentativa de tirar-lhe a faca, o outro correu para trás, aplicando uma chave no pescoço. No entanto, não conseguiram sequer movê-lo. Apesar de magro, o homem demonstrou força surpreendente – enfiou a faca no primeiro, deu uma cabeçada para trás, atingindo o nariz do segundo.

As celebridades tinham guarda-costas, que foram dominados e mortos sem demora pela Gladius. Alguns apenas ficavam parados, com o olhar vidrado, como os assessores, organizadores, contrarregras e demais trabalhadores do evento. Os Strauss assistiam a tudo com sorrisos nos rostos, fascinados, aplaudindo. Mesmo enquanto eram atacados.

A família que dominava Santo Ossário morreu ali, entregando diversas gerações no sacrifício supremo à Rainha.

– Aceite a beleza da Terra, Majestade! – exclamou Emanuel Montague, erguendo os braços. – Tudo isto pertence à senhora! Venha a nós! Traga seu mundo!

Astarte, preso na jaula de ferro, assistia em horror.

Seus pulsos estavam envoltos em algemas grossas, presas à estrutura metálica por barras resistentes. Os tornozelos também fixos da mesma forma. Havia uma espessa coleira de metal ao redor do pescoço, e o peito exibia faixas de metal cruzadas, igualmente ligadas à gaiola. Uma espécie de focinheira cobria-lhe a boca e o queixo, atuando como uma mordaça. A testa era segura através de um capacete aberto, impedindo qualquer movimento com a cabeça.

Ele só podia olhar.

– Beba do hedonismo, meu príncipe – sussurrou Emanuel. – Veja o que fizemos por você.

O elfo se esforçava para reagir de alguma forma. Mas nenhuma disciplina de Arcádia seria capaz de romper aquela prisão. Astarte expandiu os sentidos, inundando-se de devassidão, na tentativa de anulá-los e ao menos concentrar-se para ter alguma chance.

Mas viu-se incapaz.

– Tudo isto é seu. Esta é a verdade. Esta é a nova era.

Os assassinos festejavam. O carpete bebia sangue, o interior do teatro preenchido pelo cheiro ferroso. Era excessivo. Astarte não conseguia se

concentrar. Por mais que houvesse treinado, mesmo conhecendo a natureza do inimigo, aquele espetáculo estava vencendo-o.

Os cultistas estavam cumprindo seu objetivo.

– Ouça-nos, Majestade! – proclamou Emanuel, voltando a elevar a voz. – Veja-nos! Eu sacrifico a beleza terrena em seu nome! Venha tomar posse de seus escravos!

Então, no meio do sangue, algo se moveu.

Os caçadores não viram, ocupados com a matança. As celebridades não viram, tentando fugir. Os agentes não viram, pois tinham ordens e não se desviavam delas.

Mas os dois homens no palco notaram. Astarte, com pavor ainda maior. Emanuel, com beatitude e êxtase.

O sangue borbulhou, e dele surgiu um caule verde.

Então uma pequena folha.

A gavinha hesitou, então disparou para cima, crescendo com rapidez vertiginosa, o caule engrossando até um tronco. Atingiu o teto e destroçou-o, brotando galhos, folhas e flores de todos os tipos.

– A Rainha nos ouve! – gritou Emanuel. – Arcádia está vindo!

O teatro tremeu. Duas árvores quebraram o chão, nascendo em um instante, sob os cadáveres de atores célebres. Ergueram os corpos em seu crescimento desenfreado. As copas se expandiram para cobrir o que restava do teto do teatro, verdes e vermelhas. De seus troncos e também do sangue no chão brotaram trepadeiras, cipós, gavinhas, procurando as vítimas, recobrindo o teatro com natureza e sangue.

– Eu tinha razão! – comemorou Emanuel Montague. – Encontrei o erro de Salomão Manzini. Fiz o sacrifício correto!

O Estripador das Hortênsias fez algo parecido há mais de vinte anos. Sacrificou um ator, um expoente da beleza terrena.

E Emanuel especulou que essa tinha sido a razão do fracasso.

Não bastava *um* sacrifício de beleza.

Era preciso sacrificar *todos* os maiores expoentes da beleza na Terra.

Era preciso envolver toda a vaidade terrena, todo o circo que a acompanhava. Não só um casarão e uma morte: era preciso um festival, uma exaltação da beleza que seria destruída.

Lá fora, os turistas, cidadãos e repórteres fugiam e gritavam. A noite foi tomada de tiros e berros vindos do teatro. Então a árvore rompeu o teto, e as plantas assassinas surgiram pelas janelas e portas. Moldavam o teatro Ada

Strauss em uma nova forma.

As paredes do prédio ruíam, sendo substituídas por madeira, folhas, carne e ossos. A estrutura transformava-se em uma fortaleza élfica, de beleza terrível e crueldade sufocante. Infinitas cores misturavam-se em decorações magníficas. A multidão que se reunira para chegar perto dos ídolos via-se hipnotizada por aquela estética. As combinações de matizes eram mais harmoniosas do que qualquer obra humana. Os ângulos eram perfeitos, de alguma forma mais precisos do que a matemática seria capaz de criar. Descreviam labirintos, formavam quebra-cabeças que exigiam ser resolvidos.

E, lá dentro, a morte.

Suzanne Langlois, uma das maiores atrizes do mundo, tirou os sapatos e correu entre as fileiras de assentos do teatro. Os músculos moldados para estética impulsionavam-na com rapidez, e o pânico emprestava força. Viu seu marido morrer e decidiu que, de alguma forma, escaparia daquele destino. Saltou com agilidade de que nunca precisara, esquivou-se de um furador de gelo, alcançou as escadas laterais do palco.

Viu que Emanuel Montague distraía-se por um momento com o prisioneiro. Subiu os degraus em um segundo, enfiou-se atrás da tela, certa de que iria fugir.

Um assassino vestido numa jaqueta de couro muito surrada, com uma máscara esportiva, avançava em sua direção, caminhando.

Devagar.

E ela corria. Evitou escorregar numa poça de sangue, embrenhou-se numa floresta de vigas, andaimes e estruturas de metal. Sempre veloz, sempre atenta.

Olhou para trás, e o assassino estava mais perto. Caminhando. Lentamente.

Berrou para o nada, acelerou ainda mais. Notou um aglomerado de fios e cabos a tempo de não tropeçar, viu uma porta aberta – não estava barrada pela Gladius.

Parte do teatro tombou a alguns metros, logo substituída por um bosque que crescia entrelaçado em si mesmo. Suzanne Langlois fez uma guinada brusca, evitando os escombros, e alcançou a porta.

Olhou para trás, e o caçador estava a alguns passos de distância.

E ainda caminhava sem pressa. Um passo, depois o outro.

Ergueu um facão.

A atriz jogou-se pela porta aberta. Deparou-se com um lance de escadas para baixo. Rolou por elas, encolhendo o queixo e protegendo a cabeça com os braços. Chegou ao final e sentiu dores que sinalizavam algum osso quebrado. Mas não deu importância, era movida pela adrenalina. Virou-se para a esquerda

e a direita, viu que estava em uma espécie de masmorra, iluminada apenas por tochas. Correu, o vestido prendeu num gancho e rasgou-se. Mas ela continuou, veloz.

Olhou para trás, e o assassino estava em seus calcanhares.

Sempre caminhando.

Então Suzanne Langlois compreendeu.

Corria, e era alcançada por um matador que andava sem pressa. Entrava em um ambiente desconhecido, escuro, talvez sem saída. Por mais que corresse, por menos erros que cometesse, *algo* a transformava em uma vítima.

Por mais rápida que fosse, não conseguia fugir.

No último instante de vida, ela entendeu que naquele lugar os assassinos estavam onde precisavam estar, para cumprir seu papel. Ela sempre estaria na posição para ser mais uma vítima. Não entendia o que significavam as árvores, a transformação do teatro – mas sabia que a vontade daqueles matadores dominava o ambiente.

Ali havia assassinos e havia vítimas. Estava claro quem era quem, e o que deveria acontecer.



Enquanto a fortaleza élfica se formava, Astarte estremecia. Seus olhos reviraram. Ele relutava. Forçava-se a permanecer consciente, pois sentia Arcádia cada vez mais perto.

– Não resista – disse Emanuel. – Você sabe o que deve acontecer. Este é *seu* domínio. Para isso você nasceu. Para isso foi treinado.

Os olhos do elfo se acenderam com luz dourada.

– *Sim!* – exclamou Emanuel. – Deixe Arcádia fluir por você, filho de dois mundos! Complete o portal!

A luz nos olhos do elfo tocou as plantas e deu-lhes vigor redobrado. O crescimento acelerou ainda mais. Os espirros de sangue se iluminaram, formando as linhas e ângulos dos labirintos élficos.

Ele fechou os olhos com força. Abriu-os de novo, e não mais brilhavam. Astarte tremia, suava, num esforço gigantesco. Algo acontecia dentro dele. Sentia-se ligado a dois lugares, dois mundos. Sentia-os ficando mais próximos.

E sentia que era a ligação entre ambos.

– Não há nada que você possa fazer – disse Emanuel. – Entregue-se. Você é o campeão e o elo. Você é um elfo nascido na Terra. Seu destino sempre foi trazer

Arcádia até nós.

Se antes Emanuel relutara, tentara apresentar a si mesmo como o grande campeão da Rainha, agora admitia o que sempre soube: Astarte era a peça crucial. A criação do príncipe dos elfos não foi um acaso. Sua presença nos dois mundos foi planejada e necessária. Emanuel odiou aquele filho ingrato, invejou-lhe a posição e o amor da Rainha. Mas nunca perdeu de vista o objetivo, a finalidade do Projeto Adônis.

Os olhos de Astarte foram mais uma vez tomados pela luz dourada.

– *Astarte* – o elfo ouviu.

Uma voz feminina, delicada, bela além de qualquer descrição. Uma voz musical, hipnótica, sedutora e terrível.

– *Entregue-se, meu filho.*

À medida que a fortaleza terminava de se formar, que os últimos expoentes da beleza terrena eram sacrificados, *ela* estava mais próxima. Astarte ouvia sua voz.

Então o mais tênue sussurro foi ouvido também no mundo material. Os ouvidos humanos sangraram. Emanuel foi o único a permanecer incólume, embora chorasse de orgulho.

– Ela se aproxima!

Astarte parou de tremer.

Arregalou os olhos, e sua luz sublime preencheu quase todo o ambiente. Delineava as plantas e a carne, em cada detalhe terrível. Iluminava todos os ângulos, apagando as sombras e deixando tudo mais nítido, mais vivo.

Mais real.

Arcádia era a realidade, e a realidade chegava perto.

Vendo o elfo estático, sem resistência, Emanuel enfiou a mão no paletó e retirou a máscara de ouro e a faca. Colocou a máscara sobre o rosto. A faca tornou-se uma espada. Então fez surgir uma chave e destrancou a focinheira de Astarte.

O prisioneiro continuou parado. Não mais suava, não mais gemia de esforço.

Emanuel abriu uma das algemas, liberando o braço direito do elfo. Ele movimentou-o algumas vezes e estendeu a mão.

Emanuel fez um gesto, e dois agentes da Gladius arrastaram uma atriz para o palco. Uma das poucas ainda vivas. A jovem chorava e balbuciava, incoerente. Colocaram-na frente ao príncipe.

Emanuel depositou a espada do Dragão na mão estendida de Astarte. Ele agarrou o cabo com força. Moveu-se e deixou a ponta da arma encostada na garganta da moça.

– *Não, não, por favor...* – ela implorava.

Ele recolheu o braço, preparando o golpe.

Então o estendeu, numa estocada perfeita.

No mesmo instante, flechas gêmeas cravaram-se nas nucas dos agentes que seguravam a atriz. Ambos caíram, soltando-a. Ela desabou também, e a lâmina zuniu por sobre sua cabeça.

– *Acorde!* – gritou Nicole.



Nicole Manzini disparou as duas flechas em sequência rápida, e elas se alojaram nos alvos quase ao mesmo tempo. Saltou de uma reentrância no teto, girando o corpo no ar e encaixando uma nova flecha na corda do arco. Pousou suavemente sobre o encosto de uma cadeira e gritou:

– *Acorde!*

No palco, a atriz desabou, mole, e a espada passou inofensiva sobre sua cabeça. Os dois agentes ergueram-se de um salto e viraram-se, já apontando os fuzis e varrendo a área onde a garota estava.

Astarte piscou, e a luz desapareceu de seus olhos. A espada tornou-se de novo uma faca.

As mãos de um dos agentes no palco explodiram em sangue negro quando Felix Kowalski mostrou-se, disparando uma escopeta.

– Saiam de perto dele, energúmenos!

Astarte tentou golpear Emanuel com a faca, mas seu corpo ainda estava preso. Ele não conseguia concentrar-se; o antebraço foi bloqueado e ele foi facilmente desarmado. A espada surgiu nas mãos de Emanuel Montague.

– Já é tarde demais – sussurrou o Dragão.

Três mercenários correram em zigue-zague atrás de Nicole, atirando. Ela saltou, desviando-se das balas, pousando com as pontas dos pés em sucessivos encostos das cadeiras destruídas. Então dobrou os joelhos e pulou até uma das imensas árvores. Ficou por um instante na horizontal, desafiando a gravidade, as solas dos pés contra o tronco. Nessa fração de segundo, disparou, atravessando a perna de um dos agentes e derrubando-o. Usou o impulso para saltar da árvore no instante em que as balas atingiam o tronco, já encaixando mais duas flechas na corda e deixando-as voar.

– *O que está fazendo?* – gritou Astarte.

– Não é óbvio? Salvando você!

Felix surgiu atrás de uma pilha de escombros. Disparou um lança-foguetes contra um grupo de mercenários e voltou a esconder-se. Em meio ao caos, movia-se como uma sombra, rastejando e rolando na destruição.

Os caçadores estavam por toda parte, mas não conseguiam acompanhá-lo com os olhos. Quando uma explosão apanhou três deles, espalharam-se e correram.

– Não se preocupe, Astarte! – gritou Nicole, disparando o arco, sempre em movimento. – Já estou chegando!

– *Não!* – a voz do elfo saiu áspera, desesperada. – Vá embora!

Um caçador saltou para Nicole, grunhindo, com um machado e um avental lavado em sangue. Ela recuou, também saltando, e perfurou seu peito com uma flecha. O homem brandiu o machado, mas ela mergulhou para a frente, passando por cima dele. Pousou e, em menos de um segundo, estava virada para o assassino, agachada e com o arco pronto. Disparou, e o homem tombou com as pernas moles.

– Salve-se, Nicole! – suplicou Astarte. – Felix, tire-a daqui!

– Nem pensar, amigão – disse o ruivo.

As plantas continuavam a brotar, mas quase toda a arquitetura macabra estava concluída. O teatro ainda contava com algumas paredes originais, mas a maior parte era formada de matéria vegetal. As flores desabrochavam em cada canto. Os gritos, ordens, desabamentos e tiros compunham uma sinfonia de pandemônio.

Nicole deu uma cambalhota no ar e segurou-se com as pernas em um galho alto, de cabeça para baixo. A árvore ainda crescia, e ela foi levada para cima, enquanto disparava contra o palco.

Uma, duas, três flechas certeiras. Emanuel cortou a primeira no ar, esquivou-se da segunda, agarrou a terceira com a mão.

– *Astarte* – ouviu-se uma voz musical preenchendo o teatro.

– Nicole, por favor! – grunhiu o elfo, com esforço descomunal. – Vá embora!

– Foi para isso que você me treinou!

– Não – ele disse, com voz fraca. – Não para me salvar.

– Bobagem.

E correu sobre os galhos, saltando quando a distância entre cada um era grande demais. Pousava mesmo nos mais finos, sem curvá-los demais. Parecia não ter peso, andar como o vento. E sempre puxando a corda e soltando-a, encaixando as flechas e atirando.

Emanuel fez um gesto, e o ar ao redor brilhou. As setas de Nicole espalharam-se para todos os lados.

– Belo truque – disse a garota. – Será que consegue fazer de novo?

Então, com uma cambalhota, ela pousou no palco.

– Afaste-se! – urrou Astarte.

Uma flecha já encaixada, mirada no peito de Emanuel.

Soltou a corda.

E então o tempo desacelerou.

Nicole sentiu-se avassalada por algo que, de início, não soube identificar. Uma certeza acachapante de derrota, uma confiança mórbida no próprio fracasso.

Era a vontade de Emanuel Montague soterrando a sua. O mundo dobrando-se à mente do Dragão, impedindo que ela acertasse, que fosse vitoriosa. Nicole estava no estado de concentração perfeito, consciente de tudo e ao mesmo tempo cega e surda. Percebendo os arredores pelo fluxo que passava através de si. E, naquele momento que parecia se estender por horas, notou uma ausência.

Sentia a vontade de Emanuel.

Sentia uma outra, mais vaga e também mais forte, permeando tudo – a Rainha.

Mas não sentia a vontade de Astarte.

– Nicole, não! – ele falou em câmera lenta, cada sílaba tomando um tempo enorme.

Astarte não estava concentrado. Não se abria para o mundo e não impunha sua mente. Astarte focava todos os esforços apenas para não deixar que *outra* vontade o dominasse por completo.

Emanuel Montague golpeou-a com a espada. Ao contrário de todo o resto, ele não parecia vagaroso. Movimentava-se com rapidez – cortou duas vezes antes que ela conseguisse fazer a primeira defesa.

Nicole saltou para longe, sangrando no estômago e no rosto, e finalmente o mundo voltou ao normal. De repente, viu suas próprias flechas, que estavam paradas no ar ao redor de Emanuel, virando-se e voando contra ela. Precisou de toda a agilidade que aprendera com o elfo para esquivar-se. Ainda assim, foi atingida nas costas.

– Vá embora, Nicole! – Astarte implorou. As palavras entrecortadas. Os olhos reviravam-se, e nesses momentos ele era obrigado a calar-se. – Não a treinei para me salvar!

Ela prendeu um agente da Gladius num tronco de árvore, enquanto se abaixava para evitar uma rajada de fuzil. Disparou mais uma vez contra o palco, mas a flecha desviou-se e foi se cravar longe.

– *Treinei-a para me vencer* – disse o elfo.

Então seus olhos foram tomados pela luz dourada.

Os fachos gêmeos iluminaram o teatro, gerando ainda mais vida. O brilho começou a se tornar intolerável.

– *Astarte* – disse a voz da Rainha.

Um último estrondo sacudiu o teatro Ada Strauss. Uma imensa rachadura no chão abriu-se em uma cratera, de onde brotaram toneladas de galhos e flores, como se o inferno emergisse à Terra na forma de um jardim. Então a estrutura se assentou.

A fortaleza estava pronta.

A luz que vinha de Astarte tomou conta de tudo.

O elfo usou a única mão livre para abrir as trancas do outro pulso. Do pescoço, da cintura, da testa e dos tornozelos. Não tinha chave, mas fazia movimentos específicos com os dedos, e as fechaduras respondiam.

Mesmo assim, Nicole não sentia sua vontade. Era *outra* vontade agindo através dele.

Livre, Astarte deu um passo à frente.

Seis agentes da Gladius enxamearam ao redor da garota. Felix surpreendeu um grupo por trás com um lançador de granadas de repetição. Nicole aproveitou a distração para se afastar. Mas Emanuel olhava para ela, através da máscara de ouro, e tinha uma adaga na mão esquerda. Arremessou a lâmina, que girou e foi cravar-se no ombro da arqueira.

– *Obedeça, meu filho* – disse a voz da Rainha.

Asarte posicionou as mãos e os pés.

Moveu-os devagar, em padrões semicirculares. Então, deu arrancadas abruptas. Ataques e defesas, o corpo todo em uma coreografia marcial, uma dança ritualística de luta e magia.

Ele descrevia as Formas Sublimes, e a luz dourada passou a emanar de todo o seu corpo.

– *Arcádia!* – rugiu Emanuel, o Dragão.

No teto da fortaleza, brotaram novas flores. Era uma cornucópia, um buquê e um jardim infinito. Espécies nunca vistas na Terra. Cada uma mais bela, mais nítida, mais *real* do que tudo que existia no mundo físico. Em cada flor, um ponto de luz dourada, como um vaga-lume.

Astarte brilhou ainda mais, transformando todos em silhuetas. Apenas as flores mostravam-se com clareza.

Então o jardim se abriu.

Só havia dourado no interior da fortaleza, mas um círculo começou a se expandir no interior da concentração floral. Primeiro, do tamanho de um punho.

Então, com meio metro de diâmetro. Logo, um, dois, três metros, e aumentando. O teto era tomado por aquele círculo.

Ele mostrava uma imagem linda, idílica. Campos magníficos, montanhas imponentes, mares bravios, lagos plácidos. Uma cidadela no meio de tudo, envolta em nuvens.

– O portal está aberto! – exclamou Emanuel Montague.

E, de Arcádia, veio o primeiro cavaleiro élfico.

Ouviu-se um guincho, então o som das asas monumentais. Um brado de guerra no idioma musical. O guerreiro vestido em uma magnífica cota de malha élfica surgiu montado em um grifo, brandindo uma espada longa. As orelhas compridas mostravam-se atrás do cabelo castanho, os olhos ferozes brilhavam de contentamento.

O portal para Arcádia estava aberto. A invasão começou.

As portas da fortaleza se abriram. A luz dourada despejou-se para a noite de Santo Ossário. Os galhos espalhavam-se da estrutura macabra ao resto da cidade. As multidões corriam ou ajoelhavam-se em reverência. O cavaleiro élfico atravessou a porta, a montaria fechando as asas para passar pela abertura estreita. Ganhou os céus da Terra, pela primeira vez em milhões de anos. Descreveu um giro sobre os prédios e mergulhou para baixo, sobre um grupo que fugia apavorado. Deixou a lâmina esticada e decapitou três humanos, porque podia.

– Vamos embora, Nicole! – a voz de Felix fez-se ouvir, no meio do alarido.

O interior da fortaleza de novo mostrava-se parcialmente. A luz dourada ainda ofuscava, mas silhuetas e contornos eram visíveis. Nicole conseguia enxergar Astarte fazendo as Formas Sublimes, Emanuel ajoelhado em reverência.

Do portal no teto, emergia uma nova guerreira élfica, montada em um unicórnio de guerra trajado em armadura metálica. Mesmo em meio ao caos, cada travessia era um esforço, a passagem de cada elfo não era trivial. Mas eles estavam vindo, com feras e lâminas, com arcos e crueldade.

– *Não tardarei, meus filhos* – disse a voz da Rainha.

Nicole já não sabia mais se fuzis eram disparados contra ela, se lâminas de assassinos tentavam encontrá-la. Saltava e esquivava-se sem notar, sem pensar, deixando o fluxo agir através de si. Raciocinava o desastre, a condenação da cidade e do mundo. Não sentia a dor dos cortes e perfurações – os rasgos na calça terrena, na cota de malha élfica.

A tentativa de resgate foi atabalhoada, apressada. Astarte implorara para que ela não tentasse. Mas Nicole não podia ficar parada, especialmente com as novas habilidades, então não tivera escolha – assim como ele não tivera, antes. Ela

sabia que era uma jogada desesperada, que a chance de sucesso era mínima. Por isso recusara a ajuda dos monges de Ynilaguenne. Não quisera comprometer tudo que restava da ordem num golpe ensandecido.

E agora se julgava idiota por ter feito isso.

Se a chance de sucesso foi mínima antes, o que era agora? Os monges e os mercenários já haviam lutado no mosteiro, e ela quis evitar uma repetição do confronto. Mas de que adiantava? Antes, ela desejava resgatar Astarte, e no caminho estavam Emanuel e a Gladius. Agora precisaria deter uma invasão já em progresso, as tropas de Arcádia começavam a chegar.

– Vamos, Nicole! – gritou Felix, de novo.

Ela não respondeu. Correu até a frente do palco. Emanuel viu-a e golpeou o ar com a espada, impulsionando uma lâmina de vento e cortando-a de longe. Mas Nicole não se deteve. Escolheu uma flecha com cuidado.

Uma nova lâmina de vento, que a atingiu no flanco.

Nicole encaixou a flecha e disparou.

Emanuel surgiu no ar sobre ela, e a garota sentiu a vontade do Dragão soterrando-a. Por pouco não foi pega pelo golpe monumental – saltou para trás, enquanto a energia da espada abria um rombo no chão.

A flecha de Nicole voou e acertou o alvo – um tronco atrás de Asarte. Raspou o rosto do elfo e tirou sangue.

– Agora sim! – ela disse.

Emanuel voltou-se ao príncipe ferido.

A arqueira então pulou para longe. Correu para a porta, esquivando-se de lâminas e balas, magia e garras.

Nicole e Felix saíram da fortaleza, perseguidos pela Gladius, vendo ao longe os guerreiros elfos que voavam e cavalgavam por Santo Ossário. Não havia fuga, não havia para onde ir.

Mas então ouviram:

– *Por aqui!*



A flecha raspou a face de Astarte, indo cravar-se no tronco atrás dele. No meio de um gesto das Formas Sublimes, ele se virou, obtendo o mais rápido vislumbre do que o atingiu.

E piscou.

Deixou o corpo amolecer e caiu, como uma marionete cujas cordas fossem

cortadas. O brilho dourado apagou-se. O portal continuou aberto, no teto, e dele saíam as tropas da Rainha.

Mas Astarte despertara.

Porque, atrás dele, estava cravada uma flecha.

Uma flecha que ele mesmo havia disparado certa vez. Que ela havia disparado quando eles passaram uma vida inteira sozinhos, num lugar que não era lugar, durante um tempo que não era tempo.

A flecha impulsionada pelo tiro que haviam dado juntos, mãos sobre mãos. Com os mesmos movimentos, a mesma intenção. A flecha que era os dois unidos, era os momentos que haviam compartilhado.

Ferido por aquela flecha, Astarte sentiu sua vontade expandir-se, afastando a mente da Rainha. Sozinho, não conseguiria resistir.

Mas não estava sozinho.

Capítulo 36
Cidade invisível

– *Por aqui!*

Nicole e Felix ouviram o chamado de fuga e jogaram-se em um bueiro, contra toda a lógica.

Era impossível esconder-se ali. A corrida não os levara a mais de quinze metros da fortaleza. Estavam à vista dos inimigos. O pipocar dos fuzis acompanhou-os, em meio ao ronco furioso do asfalto e das paredes rachando e desabando à volta. Sob tudo isso, o resfolegar dos caçadores ainda sedentos, o guincho de um grifo, a melodia marcial de um grito de guerra élfico. Não havia saída, estavam mortos. Mas, ao ouvir um chamado, correram, sem se importar com a impossibilidade, e jogaram-se bueiro abaixo.

Bastava uma granada e estariam perdidos. Bastava que os inimigos os seguissem naquele mergulho cego. Mas, assim que caíram pelo bueiro, a gravidade puxou-os em uma direção inesperada.

Nenhuma que conhecessem. Caíram num ângulo estonteante, que de alguma forma não pertencia à geometria da Terra.

Aterrissaram em chão alagado. Estavam em um túnel de esgoto, alto e largo. Mesmo que tivessem cruzado poucos metros, ouviam os ruídos dos perseguidores muito atrás, abafados por meia dúzia de paredes.

À frente, Abel Montague. O rosto iluminado pela lanterna que carregava – a única fonte de luz ali.

– Rápido! – disse o rapaz vestido em mantos esfarrapados. – Ainda não estamos seguros!

Os três então correram pelo esgoto. Nicole e Felix seguiram sem questionar, sem pensar. O túnel continuava numa linha reta, mas Abel virou-se para um lado e jogou-se na direção de uma parede. Sumiu por uma abertura que nenhum dos dois havia notado. Uma abertura sutil, discreta, em um ângulo também vertiginoso, como o do bueiro. O túnel de esgoto deu lugar a algo muito mais elaborado: Nicole reconheceu a maneira como os caminhos se cruzavam, a

precisão com que se conectavam.

Era um labirinto élfico.

Abel teve de parar, escorando-se na parede. Seu rosto estava esverdeado, suava muito. Felix também estava abalado, mas o treinamento ajudava a controlar a desorientação. Apenas Nicole mantinha-se firme. Sentia o desconforto daquela combinação de direções e vértices, mas não estava tonta. Talvez o labirinto não fosse próprio para a mente de um humano – mas sua mente já não era de todo humana.

– Vamos – disse a garota. – Pode haver algum elfo nos perseguindo.

Felix rilhou os dentes e continuou. Abel tentou tomar a frente, mas Nicole tranquilizou-o. Fechou os olhos um instante, deixando o mundo mostrar-lhe o caminho, e liderou.

Após a segunda esquina, Felix teve de parar. Abel deteve-a.

– Já estamos salvos... – falou, ofegante.

– Há elfos lá fora, Abel. Uma invasão.

Falavam como se todas aquelas informações fossem esperadas. Como se não fossem surpreendentes. Na urgência, nada parecia chocar qualquer um deles. Àquela altura ninguém poderia supor que ainda viviam no mundo comum, ninguém achava que para tudo haveria uma explicação racional.

– Isto está escondido dos elfos. – Abel empertigou-se. – Escondido de todos. Até mesmo da Rainha.

Ela arregalou os olhos.

– Você conhece mais do que eu esperava – disse Nicole.

Abel desconsiderou o comentário:

– Vários de nós estão refugiados. Não sei o que vai acontecer agora, mas conseguimos salvar alguns.

Felix aproximou-se deles de novo, segurando as têmporas.

– Explicações depois – decretou o ruivo. – Mesmo que não haja ninguém nos nossos calcanhares, não é bom ficar parado. Devemos seguir para algum lugar, e quero chegar logo.

Continuaram.

Logo, o túnel de esgoto mostrou-se seco. Depois de uma curva, tornou-se mais estreito e apertado, sinuoso e serpenteante. A lanterna deixou de ser necessária, pois pequenas flores fosforescentes brotavam aqui e ali. Então, raízes grossas passaram a surgir da pedra, como se ela tivesse sido moldada ao seu redor. As raízes aumentaram em volume, multiplicaram-se, até que recobriam o túnel por completo.

– Plantas demais não são bom sinal ultimamente – grunhiu Felix.

– Não há perigo – disse Nicole. – Não sinto nada. Nenhuma vontade hostil.

Abel apenas olhou para ela e sorriu.

Continuaram, e o túnel abriu-se para uma vasta caverna. Então outra e outra – algumas com pequenas cachoeiras, com árvores frutíferas nascendo saudáveis mesmo sem a presença do sol. A luz já era tão brilhante quanto o dia, proveniente das flores cintilantes e de inúmeros cristais. O cheiro era perfumado, a temperatura era agradável. Felix mostrava-se tenso, desconfiado, mas Nicole sabia que era algo diferente. Algo élfico, mas de alguma forma não maligno.

A última caverna se abriu, gigantesca. Continha um bosque alto, um pequeno lago. Alguns animais e várias pessoas.

Lá estava o povo de Santo Ossário.

Ou pelo menos os poucos que Abel e seu grupo haviam conseguido salvar.

Talvez uma centena de cidadãos. Alguns trabalhavam; cozinhando, construindo abrigos, lavando roupas. Outros pareciam perplexos demais para fazer qualquer coisa. Muitos olharam para os recém-chegados. Um garotinho viu-os e foi correndo chamar o delegado.

– Que lugar é este? – perguntou Nicole.

Abel inspirou fundo antes de dizer:

– O coração de Santo Ossário.



Nicole atravessou metade da caverna, passando pelos cidadãos em suas tarefas ou ócio nervoso. Vestida na cota de malha élfica, com o arco na mão e a aljava à cintura, era quase ameaçadora. Os ferimentos deixavam claro que era uma guerreira. Aquele ambiente lembrava um paraíso na Terra, mas as pessoas estavam tão apreensivas que podia ser o purgatório. Alguns rostos conhecidos viravam-se, evitando contato visual com ela e com Felix.

O primeiro a apresentar-se para eles foi Cornélius, o sem-teto que conhecera no acampamento:

– Nicole! Você continua viva!

Apertou a mão da garota. Ela viu alguns dos sem-teto que haviam sobrevivido ao ataque da Gladius.

– Você também – Nicole sorriu, como cumprimento.

– Por pouco, mas não importa. Abel nos salvou. Devo minha vida a ele.

O rapaz gaguejou e engasgou. Começou a tossir, e o tempo que demorou para

se recobrar anulou a dramaticidade do elogio.

Logo, Nicole e Felix chegaram ao delegado Custódio Dutra, que se reunia com alguns policiais e outras figuras notórias da cidade. Velma, a dona da lanchonete. Thales Veracruz. Adelaide.

– O pior aconteceu – anunciou Abel, para a cúpula reunida. – Estamos sob uma invasão sobrenatural. Os caçadores atacaram.

– Nicole Manzini! – Thales abriu um sorriso. – Sempre soube que voltaria a nós!

Nicole e Felix se entreolharam. Mesmo com a batalha e a explosão sobrenatural de horas atrás, aquilo era desconcertante. Todos os lados precisariam de explicações.

– Posso contar tudo que está acontecendo – interrompeu Nicole. – Mas quero entender onde estamos.



A história de Nicole não era animadora, e ela não poupou os detalhes macabros. Aqueles que não tivessem estômago para ouvi-la também não teriam para ver o que se passava na cidade. Santo Ossário não era mais lugar para fechar os olhos e tirar fotos pitorescas.

– Aí está – ela completou. – Abel tem razão; estamos em meio a uma invasão de Arcádia. Uma deusa deve estar chegando, se ainda não chegou. E é mais maligna que todos os outros.

Preparada para a torrente de incredulidade, ela se surpreendeu quando ninguém questionou.

– É tarde demais para negar qualquer coisa – suspirou o delegado. – Não entendo como tudo isso pode acontecer, mas está acontecendo. Este lugar não deveria existir, mas estaríamos mortos se Abel não tivesse nos trazido até aqui.

O rapaz baixou os olhos, constrangido mesmo em meio ao inferno.

– É bom que exista uma rota de fuga – disse Nicole. – Ou pelo menos que possamos ficar escondidos um bom tempo. Porque o inimigo está lá fora, e não podemos contar com ninguém.

Se houvesse como fugir ou esconder-se, poderiam resistir.

– Esqueça – disse Abel. – Não há rota de fuga, e não podemos ficar aqui por muito tempo.

Ela franziu o cenho.

– O lugar está diminuindo – o rapaz explicou.

Estavam lá há dias. No início, parecia o refúgio ideal. O complexo de túneis e a imensa caverna haviam sido revelados a Abel durante a infância, pelo estranho cujo nome ele nunca conhecera, para que fossem usados quando a necessidade fosse suprema. O momento se mostrara, e por alguns dias de alívio indescritível parecia que todos estavam em segurança. O ar nunca acabava, a comida nunca se esgotava. Musgo que crescia nas árvores era usado como unguento em feridas, que cicatrizavam com rapidez sobrenatural. O delegado estivera seriamente ferido antes de chegar ali, mas os ossos quebrados e as perfurações no peito já haviam sarado.

Mesmo que tivessem de ficar lá por anos, era melhor que enfrentar os assassinos. Liderados pelo delegado e instruídos por Abel, eles salvaram inúmeras pessoas. A família de Custódio e tantas outras. Os sobreviventes do acampamento de sem-teto. Todos que podiam localizar com rapidez e convencer sem demora.

Parecia um paraíso.

Mas, após alguns dias, estava menor.

Abel não sabia explicar o que ocorria – e possuía a maior noção, entre todos, sobre onde estavam. O fato é que a caverna diminuíra. Um túnel sumira. Uma caverna menor reduzira-se ao tamanho de um punho. Apreensivos, contaram as árvores em uma área de alguns metros quadrados, fizeram uma marcação em cada uma. Na manhã seguinte, uma delas havia desaparecido.

O refúgio estava sumindo.

– O que significa “o coração de Santo Ossário”, Abel? – disse Nicole. – O que é isto?

– Bem... – a voz do rapaz foi se apagando. – Na verdade, não sei.

Ele relatou tudo sobre o estranho que lhe mostrara a rota de fuga. Sobre a primeira vez que vira o refúgio, quando criança. Mas nunca soube quem era o desconhecido, nem o nome do lugar.

– Por que chamá-lo assim, então? – disse Felix.

– Não sei – repetiu Abel. – Parece correto, só isso.

Nicole assentiu.

– Então *é* o coração de Santo Ossário – ela falou. – De alguma forma, você se abriu para o fluxo do mundo, Abel. Não pode confiar apenas na mente racional para entender o que se passa. Se você *sabe* que este é o coração de Santo Ossário, então *é*.

Mas estava diminuindo.

– Tem certeza de que não é uma armadilha da Rainha? – disse Felix.

– Tenho – Nicole decretou. – Aqui não há decadência e maldade. Posso sentir a *vontade* deste lugar, Felix. E é como a vontade do mosteiro. Como...

Como a vontade de Astarte.

– Os elfos não eram degenerados, no início – disse a garota. – Sabemos que existia algo bom na raça, na cultura. Isto deve ser um resquício. Um bastião contra o poder da Rainha.

– E agora que a Rainha está chegando... – Felix murmurou.

– ...o bastião está sendo destruído.

O refúgio não deixava de ser perturbador. Algumas pessoas tinham a mente afetada pela estranheza de tudo, pelos espaços maiores por dentro do que por fora, pela vida no subterrâneo florido. Alguns, tendo visto o sobrenatural lá fora, temiam o poder de Arcádia, mesmo trabalhando a seu favor.

Contudo, ali estavam protegidos. Há poucas horas Nicole tinha emergido de um combate. Ainda guardava na mente a cena tétrica no teatro Ada Strauss, e olhando em volta sentia-se revigorada, tranquilizada. O coração de Santo Ossário, fosse o que fosse, abrigava-os e protegia-os. No passado, ela revoltara-se contra a cidade, achara que tudo de maligno provinha de lá.

Naquele momento, sentiu uma dor no peito ao imaginar que o coração de Santo Ossário arrefecia e sumia, frente à chegada da Rainha da Beleza.

– Precisamos fazer alguma coisa – disse Nicole.

Eram as palavras que alguns deles queriam ouvir. Felix de imediato pediu um relatório sobre as armas disponíveis. O delegado, notando um homem mais afeito a revólveres do que a filosofias, logo se juntou a ele em confabulação. Ordenou que os policiais trouxessem todas as poucas armas que haviam recuperado, as caixas de munição que haviam conseguido contrabandear. Havia duas escopetas tiradas da delegacia e uma espingarda de caça, propriedade de um cidadão.

Nicole sorriu, levantou-se.

– Nada disso vai nos ajudar.

– O que vai ajudar, então? – quis saber Felix.

– *Algo.*

Ela afastou-se, sumindo em meio às árvores, saindo da vista de todos.

Capítulo 37
Alvorecer da primavera

AMANHECEU EM SANTO OSSÁRIO. O céu encheu-se de matizes purpúreos, vermelhos, alaranjados.

E ficou assim.

A beleza do sol nascente foi congelada, e ninguém lembrava há quantos dias o teatro Ada Strauss se transformara na Fortaleza da Primavera. Há quantos dias a vitrine de alegria dera lugar ao horror.

O tempo não mais corria, a eternidade havia chegado, os elfos dominavam a cidade.

A brisa às vezes era fresca, às vezes morna. Carregava o perfume das flores. Os milhares de árvores que haviam nascido em Santo Ossário desde aquela noite ostentavam copas cheias, verdejantes, cujas folhas farfalhavam compondo uma música natural. Os carros estacionados em cada meio-fio, cada espaço aberto, estavam cobertos de vegetação. O asfalto rachava ante a fúria gradual da natureza. Nas ruas, os únicos veículos terrenos eram os blindados e caminhonetes da Gladius, em rondas constantes.

De resto, transitavam cavalos garbosos, unicórnios delicados.

Carruagens puxadas por humanos.

Uma enorme floresta dominava a cidade. Pássaros nunca vistos na Terra cantavam nos galhos. As janelas de vidro eram quebradas para dar passagem a troncos grossos, as paredes de tijolos desabavam frente ao poderio de Arcádia. Santo Ossário era uma cidade mágica, onde a rudeza da humanidade dava lugar à perfeição élfica.

Emanuel surgiu em uma sacada frontal da Fortaleza da Primavera. Ficava bem no centro da construção, acima do que costumava ser o telhado do teatro. Sob os pés, um tapete firme mas confortável de madeira e folhas. Os vitrais eram feitos de seiva perfumada e endurecida, mais translúcidos e finos do que qualquer criação humana. Os ossos das vítimas decoravam as amuradas da sacada, cercados por tulipas, orquídeas e flores sem nome. As torres erguiam-se acima,

ostentando estandartes élficos que tremulavam. Aquele era um lugar majestoso para inspecionar a cidade. Ali Emanuel sentia-se senhor de tudo que via, imaginava-se prestes a fazer um pronunciamento, como um rei.

Mas só havia uma Rainha, e ela chegaria logo.

Abaixo, as portas da fortaleza se abriram para dar passagem a mais um grupo de guerreiros elfos vindos do portal no interior do prédio. Apesar das sensações terrenas rudimentares, das formas imperfeitas que existiam no mundo material, todos os recém-chegados marchavam com entusiasmo. Pisavam forte, como se estivessem testando o chão. Inspiravam o ar perfumado com Arcádia.

Em busca da época de glória há muito perdida. Em busca da juventude da raça élfica, quando haviam dominado a Terra junto com as outras raças sagradas.

No início, fora difícil controlar os elfos. Assim como o cavaleiro aéreo que chegara cortando cabeças, a maioria desejava caçar e destruir. Enxergavam um humano e logo o reduziam a retalhos – de propósito ou involuntariamente. Havia humanos em Arcádia, mas já eram escravos, já conheciam seu lugar. Há muitos milênios a raça élfica não experimentava o prazer de dobrar novas vítimas, de quebrar-lhes o espírito e observar enquanto tentavam resistir. Na Terra havia humanos novos, que nunca haviam visto um elfo. Eram bilhões, e Santo Ossário era só um aperitivo. Assim, Emanuel teve de refrear os impulsos de seus senhores, cuidar para que não chacinassem *todos* os habitantes. Afinal, matar era divertido.

Mas escravos eram úteis.

Assentiu com a cabeça enquanto centenas de escravos humanos puxavam a parede de um prédio rachado. Os cabos resistiram e a estrutura veio abaixo, soterrando vários deles e erguendo uma enorme nuvem de poeira. A construção já fora comprometida pela natureza frenética que tomara a cidade, mas era preciso completar o serviço. Destruir o que era humano, para que em seguida as belíssimas construções élficas tomassem seu lugar. Ele podia imaginar um palácio de mármore e cristal ali. Um templo, talvez, ou um simples bosque onde homens sábios pudessem meditar.

Os escravos haviam caído ante o impacto da demolição. O chicote de um elfo estalou. Ele recostava-se em um divã feito de folhas, e casualmente punia os humanos. Dois agentes da Gladius postavam-se com armas em punho, prontos para transformar qualquer preguiçoso em um exemplo.

Os fuzis e veículos dos mercenários eram alguns dos últimos resquícios da civilização humana que Emanuel permitia. Eram necessários, por enquanto, mas logo seriam relíquias do passado, assim como todo o resto daquela sociedade.

Quando Santo Ossário fosse aberta e as tropas élficas investissem contra os exércitos terrenos, nenhum míssil ou metralhadora, nenhum avião ou casamata resistiria. Como preparação, ele decretara que as demolições fossem feitas através da pura força bruta. Nenhuma máquina seria usada – os escravos tinham de aprender a trabalhar com as próprias mãos, pois esse era o futuro.

O presente.

Dois grifos montados sobrevoaram a fortaleza. Difícil dizer se eram patrulhas ou apenas elfos gozando do domínio daqueles seres. Ele conseguira a cooperação de seus senhores para vasculhar a região em busca dos foragidos – especialmente Nicole Manzini e Felix Kowalski. Mas até agora não tivera sucesso. E, de qualquer forma, os elfos obedeciam apenas aos próprios caprichos. Ele administrava e coordenava aquele início de era dourada, aquele primeiro bastião de beleza e harmonia, mas prestava deferência à raça mais bela. Não podia dar-lhes ordens, e nem desejaria essa blasfêmia.

– Seu povo mostra-se obediente, Lorde Dragão – disse uma voz musical atrás dele.

Num instante, Emanuel virou-se e fez uma mesura. Perdera o nome humano; era agora o Lorde Dragão, um guerreiro honrado da Rainha Titânia. Mas curvava-se a todos os elfos. Buscou na mente o nome daquele guerreiro.

– Todos os humanos obedecerão, Visconde Eralvass.

O elfo aproximou-se, vindo de dentro da fortaleza. Conduzia uma humana magra por uma corrente presa a uma coleira de ferro. Ofereceu a mão para que Emanuel beijasse, e o Dragão obedeceu. Deu um suspiro de enfado, e com um gesto permitiu que o outro se erguesse.

– Já escolhi o local onde irei me estabelecer – disse Eralvass.

– Alegro-me, Vossa Graça.

– As coisas mudam muito rápido neste mundo, Lorde Dragão. Os continentes deslocaram-se desde minha última passagem. Foi enfadonho localizar meu antigo castelo.

Invariavelmente, os recém-chegados expressavam desejo de reclamar seus antigos domínios. Examinavam mapas e globos, descobrindo quais civilizações haviam ousado se erguer ali durante sua ausência. E, quase sem exceção, surpreendiam-se com a quantidade de mudanças, com a velocidade do mundo material. Faziam planos grandiosos para a aniquilação das nações que usurpavam os territórios.

– Desejo apenas ter certeza – continuou o elfo – de que não haverá nenhum problema...

Emanuel sorriu. Sabia o que Eralvass queria dizer, e nunca forçaria um de seus senhores a vocalizar o medo. O elfo nobre vira as armas humanas em ação, e desejava certificar-se de que nenhuma delas podia fazer frente aos exércitos de Arcádia.

– Vossa Graça pode me acompanhar e ver por si mesmo – com uma mesura.

Humano, elfo e a escrava na coleira desceram as escadarias de plantas da Fortaleza da Primavera. Emanuel levou Eralvass até um dos pátios internos, onde guerreiros elfos praticavam as Formas Sublimes frente a soldados da Gladius.

– Fogo! – ordenou um cavaleiro de Arcádia.

Os mercenários dispararam os fuzis. Uma das rajadas foi detida pelas mãos ágeis de um elfo, que agarrou cada uma das balas no ar. Outro fuzil, no entanto, mostrou o resultado ideal: o gatilho foi apertado, e nada aconteceu.

– Ótimo – disse Emanuel.

A vontade de um guerreiro elfo, especialmente em um local tão imbuído do poder de Arcádia, deveria ser capaz de sobrepujar o próprio mundo material. Fuzis não disparavam, bombas não explodiam. Por enquanto era impossível garantir que cada embate entre forças humanas e élficas transcorresse daquela maneira, mas o princípio comandaria a invasão. Se os humanos resistissem, lutariam com os corpos, com lâminas e arcos – como era honrado. Suas máquinas e truques falhariam em contato com as tropas de Arcádia. A presença da Rainha, quando finalmente chegasse, poderia varrer qualquer resistência, é claro. Mas os elfos não desejavam a deusa envolvida na batalha, como não haviam desejado isso nas guerras ancestrais.

O guerreiro élfico Eralvass desejou então passear pela cidade mais uma vez, e Emanuel conduziu-o à saída. Passaram pelo salão central da fortaleza, sob o portal. A passagem brilhou, e mais dois guerreiros emergiram. Eralvass reconheceu-os, e os três cumprimentaram-se como antigos irmãos em armas. Saíram juntos para divertir-se com os humanos, observar o trabalho escravo, voar com as montarias por aqueles céus imperfeitos.

Emanuel foi deixado para trás, ainda curvado. Ergueu-se apenas quando os três sumiram pelas portas frontais. Eralvass deixara ali a escrava na coleira. Emanuel deu-lhe uma ordem, que a mulher foi cumprir, amedrontada.

Ele subiu por outra escadaria, em direção à sala do trono.



Astarte debateu-se contra as amarras. Elas não cederam daquela vez, como não haviam cedido nas outras centenas ou milhares de vezes. Conseguiu apenas ferir os pulsos e tornozelos.

Mas derrubou a coroa da própria cabeça, o que foi uma minúscula vitória moral.

O clangor do objeto de ouro no chão foi recebido pelos humanos à volta com reverência. Todos se prostraram, venerando a coisa. A coroa era adornada com joias e folhas vivas, reluzia e refratava a luz.

– Ergam-se! – rugiu o príncipe. – Vocês são humanos! Deveriam me odiar!

Sem reação.

Ele voltou a se debater no trono, mas os ferimentos de poucos instantes atrás já haviam se fechado. Era uma luta inglória, sem fim e sem propósito. O trono restaurava seu corpo em velocidade estarrecedora, não permitia que houvesse qualquer mácula na pele do príncipe. Era feito de plantas vivas, cristal, metais preciosos. Imenso e majestoso, mas empalidecia ao lado de outra estrutura.

O trono de pétalas da Rainha da Beleza erguia-se acima do assento do príncipe. Emanava brilho próprio. Sobre ele, repousava uma coroa monumental, bojuda, feita com cristais de todas as cores e finíssimas gavinhas verdes. A coroa e o trono aguardavam a chegada de Titânia, quando então Arcádia estaria completa na Terra.

– *Astarte* – disse a voz musical.

O príncipe berrou, tentou abafar a voz da deusa. Mas era inútil – os sussurros da Rainha eram mais altos que qualquer outra coisa. Preencheram a sala do trono. Os ouvidos dos escravos sangraram; três deles morreram de êxtase. Havia dois guerreiros élficos fazendo a guarda de honra de Astarte, e ajoelharam-se ante a manifestação divina. Astarte ouvia seus pensamentos, assim como fora em Arcádia. Tentava bloqueá-los, pois a devoção a Titânia enojava-o.

A Rainha estava cada vez mais perto. Todos os habitantes de Arcádia podiam senti-la se aproximando. Em breve o portal seria suficiente para permitir sua passagem.

– *Você foi derrotado mais uma vez, meu filho. Por que insiste? Por que não aceita que o único triunfo é ao meu lado?*

– Vou vencê-la. Vou matá-la e expulsar suas tropas deste mundo.

A risada límpida da deusa tilintou pelo salão. Aquele local era decorado com as flores mais belas, cortinas de pétalas róseas que emitiam música ao serem tocadas por brisa imaterial. A música transformou-se em riso, acompanhando a Rainha.

– Ninguém é capaz de me vencer, Astarte.

– Seus melhores guerreiros já morreram em minhas mãos. Venci Harallad, Rhaewodd, Vyslanna, Yaslar, Seandros.

– E, no entanto, é incapaz de vencer-me. Você é um guerreiro, Astarte. Eu sou uma deusa.

Ele lembrou da sensação de esmagamento no palácio, em Arcádia. Da presença da Rainha em tudo. De como fora capaz de resistir ao chamado apenas despertando na Terra.

Se ela chegasse à Terra, como resistir? Como qualquer um, elfo ou humano, poderia deixar de se curvar?

– Você mostra-se rebelde, e eu o acolho. Ataca meu campeão, e entrego-lhe um trono. Tenta quebrar suas algemas de ouro, e curo seus ferimentos. Você está repleto de ódio, Astarte. Mas em mim só há amor.

– Fala isso para os escravos?

Mais uma vez, o riso. A zombaria era insuportável. Ele se sentia estúpido, bronco. Envergonhado de si mesmo. Os humanos prostravam-se no chão.

– Não é preciso falar nada para humanos. Continua achando que são como nós? Ainda pensa que são capazes de sentir a mesma dor, experimentar os mesmos sentimentos? Acha que o amor de um elfo pode sequer ser compreendido por um humano?

Ele não respondeu.

– Não há amor pelos humanos, assim como não há piedade. Ou mesmo ódio. Os humanos não merecem nada disso, Astarte. Amar um humano é como amar uma mosca. Odiar um humano é como odiar um pedregulho em que você tropeça.

– Ah, mas eu odeio seu campeão humano. Emanuel Montague morrerá por minha flecha.

– Posso entregá-lo a você. Mais tarde, quando estiver maduro. Pode matá-lo, não me importo. Ele não significa nada. Este mundo não significa nada.

– Então por que invadi-lo? – perguntou quase num tom de súplica.

– Porque eu quero, Astarte. Porque posso. A Terra deve ser nossa, porque somos melhores.

– Pertenço muito mais à Terra do que a Arcádia – rosnou.

– Acredite nisso, se quiser. Sua rebeldia é impotente, sua raiva é muda. Você irá se tornar um adulto, como todos nós. Então entenderá que somos puros, bons e belos. Aceitará que você mesmo é um ser supremo, em harmonia com a natureza. E saberá que ninguém se equipara a você.

Astarte tentou controlar a mente, mas lembrou-se de quem se equiparava a ele. Nicole surgiu em seus pensamentos. Nicole, agora uma guerreira élfica, mestra no tiro com arco. Nicole, que ele treinara para vencê-lo, se o pior acontecesse e ele se dobrasse à vontade da Rainha.

– *Esqueça a humana, Astarte.*

Sentiu as veias repletas de gelo.

– Fique longe dela!

– *Ela não é única. Já existiram outras iguais. Quando esta cidade foi fundada, havia uma mulher chamada Sibille Strauss.*

Astarte ficou mudo, tentando negar o que sabia ser verdade.

– *Sempre houve uma princesa, meu filho. Uma mulher tocada por Arcádia, que atrai a magia para si. O folclore de uma era acontece ao seu redor. Em outras épocas, uma princesa era tida como um oráculo, uma sacerdotisa ou uma bruxa. Sua humana nada mais é do que isso. Teve um papel importante* – uma pausa cheia de amor terrível. – *Trazê-lo até mim.*

– Silêncio!

– *Mas...*

– Cale a boca!

– *Mas, uma vez que cumpra seu papel, a princesa morre.*

Astarte deu um urro desarticulado. No mosteiro, ouvira a história da fundação de Santo Ossário, de Leonhard e Sibille Strauss. Ela era mesmo parecida com Nicole – vivenciara as lendas de seu tempo, tinha uma ligação inata com Arcádia. Experimentara arrebatamentos que, na época atual, seriam chamados de *abduções*.

E morrera após cumprir seu papel: levar a família à Fortaleza de Aubeleine e dar à luz Wolfgang Strauss.

– *Uma humana é menos que nada, Astarte. Bastaria esperar um século, e ela morreria por si só. Você treinou-a, mas nada conseguirá com isso. O que pode uma humana fazer contra nós?*

– Ela pode...

– *Você transformou-a em arma, não?*

Terror.

– *No fundo, você é um elfo, Astarte. Tomou uma humana para si e transformou-a numa ferramenta. Não existe nada de importante além de elfos, e você sabe disso. Resista o quanto quiser. Está amadurecendo. Está aprendendo.*

Um frenesi de negação, de justificativas para si mesmo. Treinara Nicole para vencê-lo – mas isso era certo?

Passos menos delicados anunciaram a chegada de um humano.

Emanuel Montague curvou-se ao príncipe.



– Posso senti-la – disse Emanuel, um sorriso de êxtase no rosto.

A voz da Rainha desvanecera-se, mas as emanações permaneciam no ambiente. Qualquer um que já tivesse experimentado a beatitude de uma interação com ela sabia reconhecer o rastro de maravilha e perfeição.

O Dragão curvou-se de novo, à mera sugestão de que a Rainha tivesse tocado aquele lugar há pouco. Notou a coroa do príncipe no chão. Apanhou-a e pousou-a sobre a cabeça de Astarte.

– Pergunte a seus senhores o que ela fala sobre os humanos, Emanuel – rosnou o elfo. – Você não é *nada* para a Rainha. Ela não o ama. Não o considera melhor que os outros.

– Eu sei – ele respondeu, apertando os lábios.

Astarte ficou mudo.

– Há muito fiz as pazes com meu lugar na nova era, Alteza. Sou apenas um humano. Inferior por nascença. Já cobicei seu lugar, já odiei sua ingratidão. Hoje aceito o que me cabe. Meu dever é cumprir a vontade dela. Nada mais.

– Você também morrerá!

– Não exijo nada em troca de minha devoção. Saber que a raça humana será esmagada e escravizada já é recompensa suficiente. E mesmo isso só me é dado pela graça da Rainha.

Nada no rosto do Dragão, exceto sinceridade. Ele não alimentava ilusões. Como um escravo que ama a escravidão, queria servir.

E só.

– Vossa Alteza já foi derrotada tantas vezes – disse Emanuel. – Em Santo Ossário. No local em que treinou Nicole Manzini.

– Ela vai matá-lo. Vai *me* matar. Ela vai triunfar onde eu falhei.

– Nicole Manzini não pode me matar, pois minha vida pertence apenas à Rainha. E ninguém irá triunfar sobre ela – disse, com serenidade total. Então indagou: – Vossa Alteza teve mais algum contato com a humana?

O silêncio de Astarte era mais um desafio impotente.

– Não há problema. A resposta não é importante. Eu desejava apenas saber onde ela se esconde. Imagino que esteja com os outros fugitivos.

Então Emanuel sacou a faca, que se tornou espada. Matou um escravo.

– Não! – urrou Astarte.

– Responda-me, por favor, Alteza. Onde está Nicole Manzini e os outros fugitivos?

– Não sei.

Outra morte.

– *Não sei! Eu a treinei, mas não sei onde se escondeu!* – gritou.

Emanuel enfiou a espada no peito de mais um humano.

– É a verdade! – gritou o elfo.

– Eu sei, Alteza. Desejava apenas demonstrar o que ocorre com os humanos, quando a vontade da Rainha é contrariada.

Astarte suava. Mal tinha ânimo para forçar as algemas, faria qualquer coisa para minimizar as mortes.

– Talvez sejamos derrotados – disse o elfo, entre dentes. – Mas você *vai* morrer.

– Como falei, minha vida e minha morte pertencem à Rainha. Já fui capaz de vencê-lo, porque Vossa Alteza desafiou a Rainha. Mas isso não está mais em jogo. Minha morte não é importante. Porque nós *já vencemos.*

O fervor nos olhos daquele homem não dava espaço para dúvida.

– O portal já foi aberto – continuou o Dragão. – E não há como fechá-lo. O plano definitivo para trazer Arcádia à Terra não admite falhas, e já foi cumprido. Vossa Alteza já fez sua parte, servindo como elo entre os dois mundos. O portal despeja mais e mais guerreiros, mais e mais tropas. Quando nossas fileiras estiverem cheias, abriremos Santo Ossário, e os elfos atacarão a humanidade.

Astarte berrou sem palavras. Moveu-se como um animal, mas nem mesmo a coroa caiu da cabeça. Quis achar que não passava de uma bravata, que a derrota não era tão absoluta, mas não percebia qualquer brecha.

Se o portal não podia ser fechado, era apenas questão de tempo até que Arcádia contasse com todas as tropas. Até que a própria Rainha fosse capaz de atravessar. Mesmo que houvesse resistência, bastava que os elfos esperassem, e todos os humanos morreriam. O mundo material permaneceria cego para a cidade isolada, ignorante da invasão em progresso.

– Já vencemos – repetiu Emanuel Montague.

No salão de entrada da fortaleza, através do portal, um batalhão emergiu. O número de passageiros aumentava, as fileiras élficas inchavam. Logo, não apenas guerreiros e montarias, mas poderosos artefatos mágicos e até mesmo topografia e vegetação atravessavam para a Terra. O tamanho permanecia o mesmo – a magnitude e poder que ele podia transportar cresciam.

Quanto tempo até permitir a passagem de uma deusa?
Enquanto isso, Astarte estava preso.
E derrotado.

Capítulo 38
O coração e a correnteza

ERA IMPOSSÍVEL FICAR ISOLADA. MESTRES elfos e monges terrenos talvez pudessem desfrutar do luxo de imensas florestas virgens ou montanhas solitárias, mas Nicole teve de se contentar com o bosque na caverna subterrânea, de onde ainda podia ouvir as conversas dos refugiados.

Não fazia mal – a disciplina élfica deveria funcionar numa ilha deserta tanto quanto em uma avenida movimentada.

Ela expandiu os sentidos, captando cada som com precisão, sentindo cada cheiro em sua complexidade total, enxergando cada inseto e folha em seus contornos nítidos. Avassalada pelas sensações, notou a percepção se nublando: a audição tapada por ruído branco. O olfato saturado por fragrâncias pungentes. A visão embotada por psicodelia colorida. Então os sentidos se anularam.

E só restava a percepção sem sensações, guiada pelo mundo.

Ela sentou naquele bosque com uma pergunta na mente:

O que fazer?

Mas logo a esqueceu.

Não havia nada em seus pensamentos. Apenas vazio sublime, preenchido pelo fluxo daquele lugar e de outros. A respiração regular juntava-se a duas curtas palavras élficas, repetidas à exaustão, até perderem todo o significado e tornarem-se um som indistinto. Um foco sem propósito, um caminho levando a lugar nenhum.

Estando em lugar nenhum, Nicole estava mais uma vez isolada.

E sentiu tudo ao redor – não com os sentidos falhos do corpo, mas com a percepção sublime que não dependia dela mesma.

A impressão foi de paz. Harmonia. Não havia hostilidade ali. Não havia a Rainha. Nenhuma sensação de supremacia, nada que sugerisse perigo. A mente era como a água de um riacho, moldando-se ao que estava à volta. Se houvesse maldade, ela estaria indefesa. Mas, como sempre, abrir-se para o fluxo dava resultados. Naquele momento, Nicole era uma detetive: investigando a si

mesma, encontrava a verdade. Abrindo-se à verdade, recebia as revelações.

Então ela sentiu a primeira sugestão de desconforto.

Houve um instinto (muito humano, instantâneo e logo suprimido) de proteger-se, fechar-se. Diante de uma ameaça, a resposta natural da maioria era defesa, recuo, agressão. A resposta mais primitiva e feroz era não deixar que qualquer coisa chegasse perto.

Ela sabia que era a resposta errada.

Percebeu o perigo e abriu-se para ele. Continuou como a água – mas, como a água, não permitiu que nenhum obstáculo a quebrasse. Foi tomada pela sensação avassaladora de beleza. Beleza capaz de enlouquecer, beleza intolerável para um humano. De forma gentil, sem agressão e sem medo, recobriu aquele elemento com sua própria vontade, assim como a água recobria a pedra sem quebrá-la. E, assim como a pedra submersa passava a fazer parte do riacho, a vontade do mundo passou a ser a vontade de Nicole. A beleza intolerável foi eclipsada.

Somos quem está procurando, disse alguém.

Não era som, mas comunicação perfeita, através do fluxo. Era *algo* falando com ela, assim como *algo* disparava o arco.

Nicole se ergueu, devagar, casual. Espreguiçou-se e bateu a terra da calça jeans.

– Pode vir comigo – disse para Abel.

O rapaz estivera escondido. Não notara que ela o percebera. Mas, naquele momento, Nicole percebia tudo.

Ela começou a andar, ele seguiu-a.



Depois do bosque, havia outro túnel. Ninguém o havia notado, em todos aqueles dias. Haviam percorrido o bosque inúmeras vezes, sem perceber que a caverna não era o âmago do complexo. Havia outro lugar, mais brilhante e mais profundo, mais secreto e mais perigoso.

Nicole e Abel seguiram pelo túnel, e logo se depararam com uma cornucópia de galhos e raízes, flores e folhas. Ao contrário dos túneis que haviam levado à grande caverna, aquele aumentava gradualmente. De início, eles mal podiam ficar de pé no interior. Após alguns minutos, já se sentiam numa catedral. Estalactites pendiam do teto altíssimo. As flores tornavam-se cada vez maiores. Nuvens de pólen envolviam-nos em opacidade perfumada. Quando o túnel se abriu para uma nova caverna, cada flor era quase tão grande quanto uma pessoa.

E as árvores eram ainda maiores.

As raízes eram grossas como os túneis do esgoto onde eles haviam estado antes. Os troncos eram colossais, e elas se estendiam a uma altura impossível, dentro de um subterrâneo que não fazia sentido. Eram muitas árvores, de diferentes tipos, dispostas num semicírculo. As raízes monumentais entrelaçavam-se, penetravam a pedra, recobriam toda a superfície da caverna. O lugar era iluminado por flores brilhantes de muitos tipos, cores conflitantes.

Abel teve de proteger os olhos; a impressão de beleza era forte demais. Não havia dúvida que se originava ali.

– Respondi ao seu chamado – disse Nicole.

As árvores estremeceram. As folhas farfalharam com vento vindo de lugar algum.

Você é uma humana que não reluta, disse algo. *Você sabe existir aqui.*

– Fui treinada por um elfo – ela falou, com simplicidade.

Não exigia respostas. Sentia a correnteza do diálogo como o fluxo da vontade do mundo.

Há apenas mais um aqui capaz de interagir conosco.

Abel soube que falavam sobre ele.

– Quem são vocês? – perguntou Nicole.

Somos o coração de Santo Ossário. Somos este lugar, e neste lugar moramos. Somos o que ainda não é a Rainha. Viemos do início, ficamos fortes com Dilliollath e seus monges. Agora nos preparamos para deixar de existir.

Cada palavra era dita por uma voz diferente. E, embora houvesse vozes, não eram os ouvidos que as escutavam. Eram vibrações sentidas de maneira mais profunda, em um lugar secreto, sob a consciência. E não falavam o idioma élfico – ou idioma algum. Nicole e Abel percebiam aquelas palavras numa língua que entendiam mais do que qualquer outra. Sentiam algumas vozes mais próximas deles mesmos, mais semelhantes ao que seriam capazes de produzir.

– Alguns de vocês são humanos – constatou a garota.

Somos impressões de criaturas. Algumas foram humanas. Outras, élficas. Membros de outras espécies, de raças que a humanidade nunca viu. Somos impressões dos lugares e das ruínas. Dos desejos e do horror. Somos Santo Ossário que não é da Rainha, e somos formados por tudo que já existiu aqui.

– Está errado – disse Nicole, para a surpresa de Abel.

Até mesmo as vozes pareceram se surpreender. Mas ela continuava simples, falando de forma direta. Não confrontava, não resistia. Corrigiu a sabedoria ancestral daquelas entidades, como a água que flui da única forma possível. A

correnteza nunca era errada, apenas *era*, e assim também era Nicole Manzini.

– A Rainha *faz* parte de Santo Ossário – disse a garota. – A cidade foi fundada por causa dela. O coração de Santo Ossário também deve pertencer à Rainha.

Silêncio. A própria vontade do mundo pareceu silenciosa, quieta, imóvel.

Nicole falava a verdade – uma verdade que talvez nem mesmo aquele lugar conhecesse. Apenas um tolo negava a maldade, ignorava a destruição, tentava evitar a morte. Apenas um tolo fechava os olhos para o inevitável.

Nicole não negava: a Rainha *fazia* parte de Santo Ossário.

Mas outras coisas e pessoas também faziam.

No coração de Santo Ossário estava o povo pitoresco e bem-humorado, mas também as pessoas mesquinhas e preconceituosas. Estava o elfo Ynilaguenne e seu ex-escravo, Dilliollath; mas também Leonhard e Sibille Strauss. Estavam os desejos de muitas gerações que só queriam viver em paz e alcançar a felicidade, mas também os delírios de Salomão Manzini.

Tudo aquilo era o coração de Santo Ossário.

– E eu aceito o que vocês são – disse Nicole.

A caverna se moveu, como se suspirasse.

Estamos diminuindo. A Rainha cada vez mais é Santo Ossário, sozinha. Logo não restará nada de nós.

– Logo a Terra será dominada e escravizada.

Há anos protegemos este humano chamado Abel Montague, pois seu irmão havia sido escolhido pela Rainha. Ele veio até nós apenas agora. Há pouco que possamos fazer, antes que não exista mais o coração de Santo Ossário.

– Deve haver algum poder élfico! – Abel deu um passo à frente. – Alguma disciplina. Vocês podem nos ensinar...

– Santo Ossário não é isso, Abel – Nicole virou-se para ele. – Não vê? Eles não são elfos. São impressões de elfos e de humanos. De animais, prédios, ruas. Somos eu e você. E meu pai, e Emanuel, e todos os outros. *Nós* somos Santo Ossário.

Assim como a água, que podia ser dividida – mas, uma vez reunida, era de novo uma só.

O poder e a estranheza da cidade talvez tivessem se originado na presença do trono de pétalas da Rainha, há milhões de anos. Talvez o lugar já tivesse significado mesmo antes. Esse significado fora reafirmado e renovado, reconstruído com engenho e suor, com amor e sangue. Pelos monges, pelos Strauss, pelos elfos, pelos Manzini. Mesmo que o poder se originasse no trono de pétalas, agora havia a lanchonete de Velma. Mesmo que alguém tivesse

construído um laboratório no qual criar um príncipe, outras pessoas haviam erguido a Fortaleza de Aubeleine.

– Nós aceitamos tudo isso – disse Nicole. – Aceitamos *vocês*, coração de Santo Ossário. Já sabemos como resistir a nosso inimigo.

– Já? – Abel gaguejou.

– *Não vamos* resistir. Se lutar contra eles é impossível, não vamos lutar. *Seremos* Santo Ossário. Se eles quiserem Santo Ossário, deverão *ser* como nós.

A vontade da Rainha é poderosa, Nicole Manzini. Não deixa espaço para mais nada.

– Eu sei – respondeu a garota. – Por isso, vamos precisar de tudo que temos. Por favor, quero Santo Ossário aqui. Santo Ossário inteira. Todos que tiverem a vontade necessária e puderem ajudar.



No meio da floresta, Ariman, grão-mestre do mosteiro de Ynilaguenne, ouviu o chamado.



Nicole emergiu radiante do bosque. O sorriso e a postura relaxada não sugeriam a situação desesperadora. Como se estivesse sob o sol, depois de receber a melhor notícia de sua vida – não no subterrâneo secreto, abaixo da invasão. Atrás dela, Abel num misto de beatitude e exaustão. Úmido de suor, cabelo desgrenhado, olhos vidrados.

Felix correu para encontrá-los.

– Isso vai virar hábito, menina? – repreendeu o bigodudo. – Sempre vai desaparecer em jornadas místicas? Preferia quando você sumia para visitar seu pai e confrontar fazendeiros assassinos.

Por um instante, ele temeu que o gracejo tivesse ido longe demais, mas ela abraçou-o. Totalmente desarmada, invulnerável a uma piada ruim.

– Droga, Nicole. Agora, sempre que você some, volta com alguma iluminação espiritual.

– Não existe iluminação espiritual, Felix – ela disse, ainda sorrindo. – As árvores são só árvores. A serra é só a serra. Santo Ossário é só Santo Ossário.

Ela mesma achou graça. Ele tocou em sua testa, como se procurasse por sinais de febre.

– Está maluca?

– Segundo alguns.

Então ele também começou a rir. No meio daquilo tudo, ela se lembrava do que ele dissera, uma vida atrás, quando se apresentara como carpinteiro, do lado de fora do casarão dos Manzini.

– Espero que a piada seja boa – disse o delegado Custódio Dutra. – Porque eu adoraria dar umas boas risadas antes de morrer lá em cima.

– Não vamos morrer – disse Nicole, subitamente séria.

– Não? – Felix ergueu-lhe uma sobrancelha.

– Na verdade, vamos. Um dia. Muitos de nós muito em breve. Mas isso não importa. Continuaremos sendo Santo Ossário.

Um pequeno grupo se reunia em torno deles.

– Nem todos nós recebemos um curso intensivo de filosofia élfica, garota – disse Felix. – Você vai ter que ser mais clara.

Ela respirou fundo. Olhou em volta, como se estivesse maravilhada com a paisagem da caverna.

– É impossível para simples humanos derrotar mercenários mortos-vivos de elite – Nicole começou. – Sem falar de guerreiros élficos! O plano da Rainha culmina com varrer todas as nações da Terra. Devemos presumir que ela está preparada para coisa bem pior que o armamento que temos aqui.

– Espero que isso esteja indo a algum lugar.

O ajuntamento em volta de Nicole aumentava gradualmente.

– Um contra um, não temos chance. Mas não vamos enfrentá-los um contra um. Vamos fazer com que eles enfrentem a cidade.

Silêncio.

– Santo Ossário é a cidade para onde todos voltam – disse Nicole, com um sorriso triste. – Eu nunca quis voltar para cá. Desejava ficar longe. Mas acabei de volta, porque Santo Ossário é *forte*. Existe um coração de Santo Ossário, que Abel encontrou quando criança, e que encontrei agora mesmo. *Nós* fazemos parte do coração de Santo Ossário.

Estreitou os olhos.

– E eles também. Por isso sempre dominaram a cidade. Sempre impuseram sua vontade sobre a nossa. Agora precisamos que a *nossa* vontade seja mais forte. Não posso pedir para que Enzo vença um guerreiro elfo. – O bêbado de repente viu todos os olhares em si. – Mas posso pedir para que ele tenha *vontade* de preservar a cidade.

Ela parou, hesitando antes de falar:

– *Nossa* cidade. Feita por *nós*.

Alguns bateram palmas, houve estremecimentos de entusiasmo. Os mais jovens gritaram, mas o discurso tinha um público estranho. Desde as ancestrais trigêmeas Salazar até o esquisito Menino Diabo, nenhum deles era um soldado, pronto para pegar em armas ante a motivação de um comandante.

– Precisaremos lutar – disse Nicole. – E não será bonito. Não será perfeito. Será sangrento e doloroso. Mas isso não importa, porque vamos nos abrir à vontade do mundo e impor a ele nossa vontade.

– O que fazemos agora? – disse o delegado.

– Agora – olhos em todos – aprenderemos a respirar.



Abel foi o primeiro a receber os monges de Ynilaguenne. Encontrou Ariman e Cellianna em um dos túneis. Conduziu-os até a caverna principal, tropeçando de ansiedade. Todos os irmãos sobreviventes do confronto com a Gladius estavam ali, com túnicas e armas. Encontraram o povo de Santo Ossário em posições variadas – sentados, contemplando o lago ou alguma árvore, exercitando-se ou apenas parados, de olhos fechados. Nos últimos dias, aquelas pessoas tentavam absorver os princípios das disciplinas élficas – nunca seriam guerreiros, mas podiam aprender as bases sobre impor sua vontade ao mundo.

Nicole correu ao encontro da amiga e do grão-mestre. Abraçou-a e fez para ele uma mesura de discípula.

– Você não devia ter partido sozinha para salvar Astarte – disse Ariman.

– Foi o que aconteceu, mestre. Mas agora estamos aqui.

– Muito profundo – disse Cellianna – vindo de uma *osellë* que há pouco nem sabia amarrar a própria túnica.

Elas riram. Porque, mesmo frente à batalha, não havia nada errado em rir.

A caverna já estava bem menor. Mal acomodava todos os refugiados, e tornou-se pequena ao receber os monges. No entanto, a presença plácida daqueles homens e mulheres afetou o comportamento e o espírito de todos: uma onda de calma recobriu o esconderijo, e tornava-se difícil até mesmo ter medo.

– As árvores e o vento nos disseram para vir até aqui, Nicole – falou Ariman. – No caminho, investigamos um pouco a cidade acima.

A expressão não deixava dúvidas quanto ao estado de Santo Ossário.

– Não estou preocupada – Nicole respondeu. – Sei que vamos deter a Rainha. E, se não conseguirmos, isso será o que terá acontecido, e não vamos espernear

como crianças.

Ariman assentiu, com um sorriso pequeno. Nicole parecia até mesmo mais alta.

– Preciso que me ajudem a ensiná-los – a garota suspirou. – Dependemos da vontade deles para vencer. E vamos precisar de arcos.



O coração de Santo Ossário cedeu a si mesmo para fabricar arcos e flechas. Com a reverência necessária, os monges cortaram as árvores do bosque. Quando já não restava mais nenhuma, Nicole e Abel notaram que já não havia a entrada para a outra caverna, que abrigara as árvores gigantescas.

Os monges de Ynilaguenne construíram arcos e flechas e entregaram-nos aos cidadãos. Instruíram-nos sobre como respirar, sobre como enxergar o mundo. A maioria nunca conseguiria dominar sequer os rudimentos de tudo aquilo. Mas, se um mero punhado captasse algo, já seria uma pequena vitória.

Se todos tivessem a vontade necessária, a vitória seria imensa.

E a caverna diminuiu mais e mais, até que os refugiados não cabiam nela. Dividiram-se entre os túneis, as cavernas menores, que também foram sumindo. O lago deixou de existir. O teto tornou-se tão baixo que as estalactites tocaram o chão. As cachoeiras secaram, as árvores pararam de dar frutos. Os animais desapareceram.

– A Rainha está chegando mais perto – disse Felix, sentando-se ao lado de Nicole.

Ela terminava de encaixar pontas metálicas em algumas flechas. Estava sentada, sozinha, em uma caverna que mal tinha espaço para três pessoas. A iluminação era parca, pois as flores também desapareciam.

– Acha mesmo que vai dar certo? – disse o ruivo.

– Não estou mentindo para eles – Nicole deu de ombros. – Mentir não faz parte da visão de mundo élfica. Não se deve negar o que existe. *Pode* dar certo. *Podemos* vencer. Mas, se formos derrotados, precisamos receber isso com a mesma naturalidade da vitória. Ou então não restará nada da cultura élfica.

– Um homem mais cínico do que eu poderia dizer “ao diabo com a cultura élfica, quero sobreviver”.

– Mas, se não restar nada, a Rainha vai triunfar por completo. Ficaremos com um embate entre a humanidade das bombas atômicas e a Rainha da Beleza.

Parecia mesmo um futuro sombrio.

– Você sabe que não estou fazendo seus exercícios de respiração e comunhão com a natureza – disse Felix, após algum tempo.

– *Você* pode lutar com eles individualmente. Espero que use armamento pesado e vingue-se por Tristan, Lucinde e Thierry.

– Você me conhece tão bem.

Desarrumou o cabelo dela.

– E você, menina? – de repente, sério de novo. – E Astarte?

Ela ficou um longo tempo sem responder.

– Espero que ainda seja possível salvar Astarte – disse, por fim. – Espero que a vontade da Rainha ainda não seja tão forte sobre ele. Astarte disse que eu era uma pessoa horrível, assim que nos conhecemos. Conversou comigo sobre a índole humana e sobre chocolate. Viajou comigo. Competiu comigo para preparar café da manhã no mosteiro. Surgiu no meu sonho, e eu surgi no dele. Me salvou. Treinou comigo...

– Não precisa dizer mais nada.

Pausa.

– E isso foi metade do que perguntei – disse Felix. – E você, Nicole?

Ela deu de ombros.

– Você gosta de filmes de terror?

– Alguns – respondeu o bigodudo.

– Geralmente, em filmes de terror, resta uma última personagem no final, certo? Uma garota que o assassino não consegue matar, dotada de muita sorte ou protegida pelos roteiristas.

– Certo.

– Todos nós temos um papel a cumprir. Só nos resta aceitar esse papel, a vontade do mundo, e tentar dobrá-la à nossa própria vontade. Eu notei o que sou, Felix. Sou a última garota, aquela que vai sofrer até o final nas mãos do monstro.

– Isso quer dizer que você vai sobreviver?

– Se a vontade de Emanuel e da Rainha não for mais forte. Porque ele não está preocupado com clichês de Hollywood, e tenho quase certeza de que não há cinemas em Arcádia.

Os dois deram uma risada curta, sem humor.

– Tudo até agora se baseou nisso – disse Nicole. – Foi a vontade de meu pai que o transformou em um líder cultista capaz de sequestrar um astro e provocar o maior crime da história da cidade. Foi a vontade de Emanuel que conquistou as armas e os poderes do Dragão. Foi a vontade dos caçadores que os tornou monstros invencíveis, independente de capacidades físicas. Agora, resta a minha

vontade. Eles ainda não me pegaram, e sou a última garota.

Se fosse a vontade do mundo.

Se fosse a vontade de Santo Ossário.



Eles não tiveram escolha sobre quando marchar para enfrentar o inimigo. De hora em hora, as cavernas e túneis diminuíam, até que os fugitivos viram-se em um túnel de esgoto comum. Então, com arcos, flechas, revólveres e uma espingarda de caça, com confiança e vontade, dúvida e terror, subiram às ruas da cidade tomada.

– Santo Ossário é nossa! – gritou Nicole, sob o guincho dos grifos no céu do alvorecer. – Em frente!

Capítulo 39
O código humano

ELES NÃO SE ESCONDERAM, NÃO se esgueiraram.

Marcharam com pistolas, arcos e lâminas por sua cidade. Nicole à frente, ao lado de Ariman, o grão-mestre do mosteiro de Ynilaguenne. Atrás, os monges, expressões tranquilas de quem não teme a morte e não teme a vida. E os cidadãos de Santo Ossário, temerosos da derrota, mas mais temerosos ainda de não fazer nada. Segurando armas que mal sabiam usar com mãos que nunca haviam treinado, cercados por uma aura de determinação.

– Santo Ossário! – gritou Nicole. – Erga-se contra seus algozes!

A ínfima coluna andou por uma ruela irregular. Havia uma grande rachadura no meio do asfalto, afundando o solo. Do pequeno vão, nascia vida vegetal abundante. A calçada e o meio-fio erguiam-se, dificultando a passagem. As casas de cada lado inclinavam-se umas na direção das outras. O único pequeno prédio daquela via era mantido inteiro apenas pela quantidade monumental de gavinhas e cipós que o atravessavam.

A brigada destreinada, desesperada e ávida por justiça cruzou a rua destroçada e ganhou uma larga avenida que havia sido transformada num circo de beleza e horrores. Sob o eterno alvorecer élfico, árvores gigantescas brotavam do calçamento, destroçando-o. Humanos acorrentados a elas trabalhavam com picaretas para quebrar o resto da calçada e libertar as flores que cresciam por baixo. Outros estavam mortos.

Dois lordes elfos supervisionavam, espadas e chicotes na mão. Ladeados por um punhado de agentes da Gladius.

Todos se voltaram à turba liderada por Nicole, emoldurada pela luz crepitante das tochas.

– Localizamos Nicole Manzini – disse um sargento mercenário para o comunicador no capacete.

– Saiam da minha cidade – ordenou a garota, puxando uma flecha e encaixando-a na corda do arco.

Os dois elfos tomaram a frente. Um deles postou-se em guarda com a espada, o outro abaixou os braços e começou a rir. Os escravos humanos pararam de trabalhar, olhando com incerteza o desenrolar daquilo.

O elfo que gargalhava notou, sua expressão mudou para a fúria em um instante. Num gesto rápido, estalou o chicote no rosto de um escravo. Então surgiu uma flecha em sua têmpora.

– *Mandei irem embora!* – rugiu Nicole.

E começaram os tiros.

Os agentes da Gladius avançaram e abriram fogo. Nicole saltou, evitando as balas enquanto virava-se de cabeça para baixo em pleno ar. Disparou três flechas antes de aterrissar, acertando as mãos e joelhos dos mercenários. Caiu atrás deles, frente ao segundo elfo.

– Ataquem! – ordenou.

O lorde que ela encarava golpeou com a espada, e tudo que ela pôde ver foi o reluzir do aço. Mas não enxergava com os olhos, não escutava com os ouvidos. Sentiu a intenção do ataque e a vontade do inimigo; abaixou-se numa esquiva ágil, a lâmina zuniu inofensiva sobre a cabeça. O segundo golpe veio em seguida, de cima para baixo, perfurando o local onde ela estivera. Mas então Nicole já se jogara para trás, deslizando no chão de asfalto e folhas. Tinha o arco preparado, com duas flechas encaixadas. Disparou e acertou no peito do lorde.

O inimigo deu um urro gutural, sentindo raiva, dor e incredulidade. Cambaleou, ainda movimentando a espada. Nicole ergueu-se com uma cambalhota, saindo do caminho de mais um corte da lâmina élfica.

Aquele guerreiro não acreditava nos ferimentos que acabara de sofrer. Mas Nicole nunca duvidou do que faria – pois sua vontade transformou-a em vencedora, e forçou o adversário a ser uma vítima.

A multidão compacta despejando-se da ruela era um alvo ideal para os fuzis dos inimigos. Eles puxaram os gatilhos, e as armas lançaram uma rajada de balas. Mas os cidadãos correram para os lados, embrenhando-se nas plantas e nas ruínas. Eles *sabiam* que não seriam atingidos, sabiam que o fim não seria nas mãos daqueles forasteiros que estavam em *sua* cidade.

Os cidadãos se dispersaram, e a Gladius deparou-se com os monges de Ynilaguenne.

Ariman não precisou dar um comando: como se fossem um, os irmãos fizeram um gesto circular, um pedaço das Formas Sublimes. Então projetaram as mãos para a frente, em uníssono, e uma onda avassaladora de vento e pressão chocou-se contra os soldados. Eles foram arremessados para trás, chocando-se com as

árvores e os destroços de carros e prédios. Eram mortos-vivos, e simples tiros e flechas não eram capazes de detê-los. Mas os ossos se quebravam em mil pedaços, os crânios se partiam, entre o ar projetado e a dureza dos obstáculos.

A onda de energia também atingiu o elfo ferido, mas Nicole saltou por sobre ela, evitando-a. O lorde de Arcádia foi se juntar a seus aliados, indo de encontro aos destroços com um impacto violento. Quando a energia se dissipou, estavam todos inertes.

A garota segurou-se num galho de árvore e disparou uma flecha. Atingiu uma das correntes dos escravos, partindo-a.

– Vocês podem ser livres! Venham conosco, se quiserem lutar.

Um homem jogou-se no chão, incerto do que fazer. Uma mulher tomou sua picareta e começou a golpear as correntes.

– Santo Ossário é nossa! – repetiu Nicole. – Não iremos nos dobrar a nenhum elfo!

Cerca de dez escravos se juntaram ao bando. Alguns levavam as picaretas como armas. Outros haviam pegado pedaços de asfalto, ou das próprias correntes. Um deles apanhou a espada de um lorde morto, brandindo-a com sede de vingança.

Os cidadãos se reuniram de novo, correndo em direção à macabra Fortaleza da Primavera. Nenhum havia se ferido, porque todos tinham certeza de que sairiam ilesos.

Custódio Dutra, o delegado, aproximou-se de Nicole. Ofegava e suava, mas continuava por impulso de sua vontade – e da vontade do povo. Carregava a espingarda e tinha um revólver enfiado na cintura, e iria proteger sua família e a dos outros.

– Quantas vezes mais eles podem fazer isso? – disse Custódio, indicando os monges.

– Não vamos depender dos irmãos – Nicole falou entre dentes. – Logo iremos nos separar.

Correram pela avenida, evitando os carros semidestruídos que se espalhavam no asfalto. O caminho era perfumado, tomado por nuvens de pólen, sombras e cores vivas.

Dois grifos guincharam no céu. A turba não estava escondida, e agora fora localizada. Eles estavam cercados. Logo, a avenida foi tomada pelo tropel de cavalos.

Havia um matagal à frente, e ele se abriu, respondendo à vontade da nova leva de inimigos que chegava. Nicole e seu bando viram os cavaleiros élficos:

guerreiros magníficos, montados em enormes cavalos. Trajavam armaduras completas, reluzentes de ouro e prata, cravejadas de joias, entremeadas com folhas vivas e botões de rosa. Os elmos eram esculpidos como cabeças de animais. Os cavalos também ostentavam armaduras, e flâmulas pendiam de estandartes. Eles galoparam em direção a Nicole e os outros, lanças compridas em riste, prontos para perfurar e retalhar.

Atrás deles, algo ainda mais impressionante.

Seis parelhas de unicórnios de guerra puxavam uma imensa carruagem élfica. As rodas do veículo tinham mais de dois metros de altura. Sobre ele, uma linda elfa preparava-se para arremessar uma lança, enquanto outra, mais baixa mas igualmente feroz, guiava os animais.

– Ariman! – gritou Nicole. – Saiam daqui!

Ante a ordem da garota, os monges sumiram.

Alguns saltaram para entre os prédios, outros correram para os becos. Outros respiraram fundo e, no instante seguinte, apenas não estavam mais lá. Em questão de segundos, todos os habitantes de Ynilaguenne tinham ido embora, e só restavam os habitantes de Santo Ossário.

– O que você fez? – gritou o delegado.

– Agora não temos escolha – Nicole respondeu em voz baixa.

Alguns cidadãos tentaram fugir. Imitaram os monges, buscaram as mesmas saídas. Um homem correu para um beco. Foi atingido por uma lança élfica.

Santo Ossário, parada na avenida, tremia, aguardando a carga.

– Este lugar é nosso! – gritou Nicole, disparando o arco.

A flecha da garota atingiu um dos unicórnios de guerra, alojando-se em sua testa. O magnífico animal desabou, fazendo os outros atrás de si tropeçarem. Então as seis parelhas embolaram-se em um pandemônio; a carruagem virou e arremessou as duas ocupantes.

– Atirem! – gritou o delegado. – Façam alguma coisa!

Os cidadãos dispararam pistolas e revólveres. Puxaram as cordas dos arcos, sem força para realizar o movimento da forma certa. Arremessaram pedras e o que mais tivessem nas mãos. Pois não tinham escolha.

Não sabiam o que estavam fazendo. E, sem saber o que estavam fazendo, não dispararam.

Algo disparou.

Os cavaleiros élficos galoparam incólumes, mas então um deles foi atingido no peito por uma bala. O cavalo de outro tropeçou em uma rachadura no asfalto e tombou, prendendo-o sob o corpanzil.

Eles avançaram em carga. Quando passaram pelos cidadãos, conseguiram matar apenas dois. Os cavaleiros olharam incrédulos suas lanças sem sangue.

– Esta batalha não se decide pelas armas – disse Nicole. – Mas pela vontade.

E disparou.

Santo Ossário berrou e avançou contra os cavaleiros. Cada cidadão certo de que sobreviveria, confiante na própria vitória. Cada um deles era um guerrilheiro, um herói libertador – e, como tal, não teria morte inglória. Eles avançaram sobre os cavaleiros e derrubaram-nos dos cavalos, enquanto Nicole sentia a vontade coletiva avassalando os inimigos.

As duas elfas da carruagem correram para ela, com lanças em punho. Cada guerreira arremessou uma, da qual Nicole se desviou com saltos. Então, chegando perto, seguraram as armas com as duas mãos, e tentaram trespassá-la.

Nicole jogou o arco para cima. Agarrou as duas lanças e puxou forte, arrancando-as das inimigas. Inverteu as empunhaduras e perfurou os estômagos. Ambas caíram.

Os corpos dos inimigos estavam no chão, em meio ao cheiro de flores e pólvora. Nicole foi até os cidadãos.

Alguns choravam.

Doze guerreiros de Santo Ossário haviam morrido. Entre eles, o cozinheiro da lanchonete. Velma cobria o rosto com as mãos, tentando esconder as lágrimas. As trigêmeas Salazar, anciãs cuja única colaboração havia sido caminhar com os outros, haviam ficado para trás. Dos escravos recém-libertados, sobravam apenas três.

A vontade da multidão triunfou, mas não sem custo. Eles se depararam com um mero punhado de elfos, e uma quantidade enorme de pessoas que havia sido liquidada. Nicole sentiu que fraquejavam.

– Vamos continuar – disse a garota.

– Não somos soldados! – berrou Thales Veracruz, de repente. – Não vê? Tivemos sorte, e tivemos os monges nos protegendo. Mas não podemos fazer isso. Não sabemos lutar!

– Não precisam saber – ela falou, observando os arredores, esperando um novo ataque a qualquer momento. – O mundo lutará por vocês. As balas acertarão os alvos, os prédios cairão sobre os inimigos. Basta que vocês *sejam* os libertadores de Santo Ossário.

– Estou cansada dessas besteiras – disse Velma, a raiva impulsionada pela dor. – Isso não significa nada! Você sobrevive, e nós vamos para o abate, como ovelhas.

Nicole apertou os lábios. Mantinha-se em estado de concentração, mas era difícil.

– É verdade – Abel interrompeu, inesperadamente. – Não somos soldados.

Nicole virou-se para ele, pronta para retrucar. Mas então foi tomada por um sentimento de confiança plena. Se queria que os cidadãos dobrassem o mundo à sua vontade, precisava abrir-se para o destino.

Então não resistiu. Não questionou Abel.

Começou a andar em frente, sabendo que seria seguida. Satisfeita com qualquer resultado.

– Não somos soldados! – repetiu o rapaz. – Você é a dona da lanchonete. Enzo é o bêbado, Thales é o juiz de paz. Custódio é o delegado e eu sou o esquisito de quem vocês têm pena. Somos moradores de uma cidade tranquila no interior, onde nada de ruim acontece. *É isso que somos.*

E, se recuassem, deixariam de ser.

– Se fôssemos soldados, seríamos derrotados pela Gladius, pelos elfos, pelos caçadores! Mas somos cidadãos de Santo Ossário. Vocês conseguem imaginar um futuro em que Adelaide não faça seus bolos? Em que o Menino Diabo não use um chapéu?

Ninguém conseguia.

– Por isso, tudo *vai* voltar a ser como antes.

Nicole sentiu o mundo ao redor agitando-se. Uma onda de renovação originava-se atrás dela. Era ótimo que os guerreiros não entendessem bem o que ocorria. Era ótimo que não soubessem como era difícil abrir-se e aceitar o que acontecia, a despeito das improbabilidades. Se compreendessem tudo isso, seriam como o arqueiro iniciante, que sempre errava.

Na ignorância total, pelo menos alguns podiam ser como o mestre arqueiro, que deixava o mundo agir através de sua mão.



A Gladius contava com agentes treinados nas mais diversas situações. Eram capazes de escalar montanhas sob condições adversas para atacar uma base inimiga em silêncio. De penetrar em território hostil saltando de aviões em grandes altitudes, abrindo os paraquedas quando o solo já se aproximava perigosamente. De operar no deserto e no ártico.

Mas nenhum deles era tão experiente em guerra na selva quanto Felix Kowalski.

O ruivo adquiriu seu conhecimento num impiedoso curso na Amazônia, ministrado pelo Exército brasileiro. Tinha colegas das forças armadas do mundo todo, e vários haviam desistido antes do final. Adquiriu a marca de honra de todos os formandos: as cicatrizes nos ombros, quando havia sido "abraçado" pela onça que servia de mascote. Ninguém era melhor que Felix.

Santo Ossário era uma selva, e ele estava em casa.

Longe de Nicole, longe dos cidadãos e dos monges, esgueirava-se entre a vegetação cerrada. Escolheu os trechos mais fechados, com menor visibilidade. Avançava pouco a pouco – rastejando quando necessário, em corridas curtas e silenciosas quando possível. Chegou a passar a menos de dez metros de três elfos que bebiam vinho servido por escravas humanas. Sabia que aquelas criaturas possuíam uma sintonia com a natureza talvez superior à sua. Mas nem mesmo os elfos foram capazes de notá-lo. Talvez Nicole dissesse que era porque ele concentrava-se e projetava a vontade, mesmo que de forma inconsciente. Felix preferia acreditar no bom e velho treinamento, nos truques e técnicas que aprendera na Amazônia e que usara tantas vezes no Exército e na Gladius.

Agora, essas mesmas técnicas serviriam para pôr fim aos antigos companheiros.

Felix demorou horas para chegar ao objetivo. Ouvia tiroteios, estrondos e trombetas de guerra ao longe. O ribombar de prédios caindo e asfalto rachando. Mantinha a cabeça fria: nada daquilo interessava, por enquanto.

Pois ele chegou à base da Gladius em Santo Ossário.

Ficava quase fora do perímetro urbano, mas agora tudo se confundia. A cidade era uma grande floresta, e os terrenos mais afastados, cheios de mato e árvores, haviam se juntado ao resto. Era fácil identificar a base porque de lá saíam sucessivos helicópteros. A área fora fechada com uma cerca de arame farpado. No interior havia muitos veículos e uma enormidade de barracas. Algumas eram verdadeiros pavilhões; feitas de tecido branco, continham depósitos, refeitórios, salas de reuniões. Ele conhecia a estrutura, mas nunca vira uma daquele tamanho.

Mais um helicóptero levantou voo, soprando a ventania das hélices para todos os lados, fazendo uma barulheira que abafava os sons do combate longínquo. Era um Black Hawk, usado como transporte de tropas. Felix olhou pelos binóculos eletrônicos e calculou que deveriam ser alguns dos últimos agentes disponíveis. Havia poucas sentinelas, a base estava quase vazia. A Gladius rumava em massa para o grande confronto no final daquela missão derradeira.

Continuou aproximando-se devagar, rastejando. Perto da base, a vegetação

tornava-se mais escassa, mas ainda havia diversos esconderijos para alguém como ele.

Então, houve um surto de crescimento.

Todas as flores desabrocharam ao mesmo tempo. Os cipós estenderam-se de forma desordenada, as trepadeiras dispararam por todos os lados e enredaram-se em si mesmas. Os troncos subiram aos céus e engrossaram. Perfume avassalador tomou conta do ar, e não vinha apenas das flores. Como a memória de um cheiro, parecia vir de dentro, da própria mente. Felix ficou cego por um instante, os olhos tomados de cores misturadas e belas imagens psicodélicas.

E enxergou uma mulher. A mais bela mulher que já vira. Com longos cabelos dourados, sorriso perfeito e orelhas pontudas projetando-se da cabeça magistral.

– *A Rainha* – murmurou para si mesmo.

Não havia dúvida: a Rainha se aproximava. Ele viu as sentinelas mortas-vivas levando as mãos à cabeça, e aproveitou o momento para correr até lá.

Acompanhando as raízes e a grama que cresciam de maneira caótica, camuflou-se enquanto corria. Pulou sobre a cerca, esgueirou-se atrás de uma sentinela que se recuperava, ergueu-se e segurou seu capacete. Torceu-lhe o pescoço, partindo-o. O outro mercenário virou-se, já começando a dar o alarme e atirar, mas Felix enfiou-lhe uma faca sob o capacete. Então usou o peso do corpo para derrubá-lo no chão, e arrancou a proteção da cabeça. Agarrou o cabo da faca e completou o movimento, decapitando o morto-vivo. A primeira sentinela cambaleava, mas talvez ainda conseguisse falar. Felix plantou um pequeno explosivo e fugiu quando o estrondo deu cabo dos dois.

A base estava em alerta, mas ele já estava longe. Continuou nas sombras, em silêncio, passando ao largo dos guardas que se moviam em patrulhas rápidas para investigar. Os poucos agentes que restavam saíam das tendas, entrando em ação. Ele aproveitou a confusão para evitar todos, sempre usando a floresta como cobertura.

Enxergou o grande pavilhão central, do qual saíam quatro soldados. Como ele esperava.

Penetrou na enorme tenda de comando. Com a saída daqueles quatro, estava desguarnecida, exceto por um homem. Felix arrastou-se lá dentro por vários minutos, mantendo-se longe da vista do único ocupante, escondendo-se atrás de um arbusto recente ou uma árvore recém-nascida. Por fim, ergueu-se, fazendo barulho para a figura de costas.

Era um agente, vestido no mesmo uniforme de todos os outros. A única diferença era a insígnia de coronel e a distinção que indicava seu poder de veto

sobre aquela missão.

Além disso, carregava uma maleta negra algemada ao pulso esquerdo.

Virou-se para Felix com uma pistola Desert Eagle. O ruivo apontava-lhe um moderno fuzil israelense TAR-21.

– Você não pode imaginar que sua chegada foi uma surpresa – disse o coronel.

– Surpresa ou não, você morre da mesma forma.

O pavilhão estava quase vazio, exceto por uma mesa e algumas cadeiras, meia dúzia de computadores e um grande contêiner no centro. Entre a Gladius, o lugar era conhecido como sala de controle. Cada base temporária possuía um pavilhão naqueles moldes, e cada missão importante recebia um oficial com aquelas responsabilidades. O homem não era conhecido de Felix, mas seria possível deduzir sua personalidade e a confiança que a gerência tinha nele apenas por seu dever.

– Você sabe que morrer não é problema para mim – disse o coronel.

Felix ficou calado.

Eram todos mortos-vivos. Todos haviam sido submetidos ao procedimento ritualístico que os tornara máquinas de combate ainda mais obedientes, eficazes e precisas. Mas nenhum oficial designado para aquela função teria problemas em morrer, mesmo quando ainda eram humanos. Fora o que Felix descobrira durante as investigações sobre Tristan, quando se tornou um agente renegado.

Em cada missão importante da Gladius, havia alguém com uma maleta, que possuía um código para avisar a gerência de que um cliente traíra a companhia ou passara a representar demasiado risco. Ativar esse código chamava extração por todos os meios disponíveis – abrindo fogo contra o próprio cliente, se necessário. Mas a cidade estava selada do resto do mundo, e não havia quem pudesse realizar extração.

O único código na maleta que ainda valia alguma coisa era o que ativava a imensa quantidade de explosivos no interior do contêiner.

Pois, caso a segurança da agência como um todo fosse posta em risco, sempre havia um oficial responsável por explodir a base. Alguém que deveria sacrificar a si mesmo e todos os colegas, destruindo documentos, veículos, equipamentos, arquivos e agentes. Era o dever de um fanático.

Apenas os oficiais de mais alta patente deveriam saber daquilo. Mas Felix Kowalski descobrira muitos segredos da Gladius.

– Os outros soldados estão me procurando – disse o ruivo. – Você está sozinho.

– Você é humano. Uma bala na cabeça, e deixa de ser um problema.

– Tudo isso vale a pena? Por quem? Pelo cliente? Pela gerência?

O coronel deu um riso cadavérico.

– Por que todos entraram nesse negócio? – A condição de morto-vivo dava ao tom zombeteiro um ar fúnebre. – Porque é divertido. Esta missão é *muito* divertida. O resto não importa.

– A gerência sabe o que está acontecendo aqui?

– Quem você acha que *é* a gerência, soldado?

Ele não tinha resposta.

– São apenas investidores – o coronel falou. – Acionistas. Um conselho de diretores, como em qualquer companhia. A Gladius é a melhor porque eles nos veem como investimentos. Recursos. Como deve ser.

E não era preciso falar: aqueles investidores haviam decidido que o lucro a ser gerado compensava liquidar todos os recursos. Acabar com a empresa, depois de um último pico nos retornos. Então concentrar-se em outras ações, outros investimentos. Dando a barris de petróleo e computadores pessoais a mesma consideração que tinham para com os agentes.

Desde o início, a Gladius estivera condenada. Haviam entrado naquela missão para nunca mais sair.

– Agora largue o rifle.

Felix obedeceu.

Levou as mãos para trás da cabeça. O coronel continuava com a pistola apontada.

– Você é um idiota – disse o morto-vivo. – Por que acha que vou poupar sua vida?

– Não acho.

Então Felix ativou o detonador que trazia oculto na nuca, e o chão explodiu sob os pés do coronel. O corpo animado misticamente desfez-se em fragmentos.

– Mas sou o melhor em guerra na selva e infiltração – ele sorriu. – E você nem notou quando entrei aqui e instalei essa bomba.

Tempo suficiente para espezinhar: correu para a maleta e abriu-a com algumas pancadas, antes que os outros agentes chegassem. Usando os códigos dentro da valise, abriu o contêiner, e chegou ao objetivo.

Minutos depois, decolava com um helicóptero de ataque Apache, evitando o fogo da Gladius.



Os monges de Ynilaguenne saltaram dos prédios em ruínas, das árvores com oito andares de altura, das pilhas de carros, atravessando o ar como se não pesassem nada. Em cada rosto, a expressão era de calma: não se alteravam, não odiavam o inimigo. A batalha do guerreiro élfico era consigo mesmo, e eles executavam cada movimento tanto pela perfeição e arte quanto pelo resultado.

Mais de uma centena de lutadores vestidos em túnicas desceu sobre as tropas da Gladius, reunidas em torno da Fortaleza da Primavera.

– É o inimigo! – disse um capitão, no comunicador. – Atirem à vontade!

Três helicópteros que circundavam a área voltaram-se para o emaranhado de árvores e abriram fogo com as metralhadoras giratórias sob os narizes. Alguns monges foram apanhados na barragem de tiros. Os demais caíram ilesos, aterrissando levemente e já correndo para o ataque.

Os soldados recuaram em bloco, um ao lado do outro numa linha de tiro contínua, indo proteger-se atrás dos inúmeros escombros e plantas gigantescas perto da fortaleza. O fogo combinado dos fuzis dava cobertura para a retirada, enquanto os monges avançavam com saltos e acrobacias, esquivando-se e evitando a chuva de balas. Havia um espaço exíguo entre o arco de cada fuzil. Aqueles agentes eram treinados para não permitir que nenhum centímetro restasse entre a área coberta por duas armas disparando, mas os guerreiros de Ynilaguenne encontravam brechas.

Mais quatro foram varados pelas balas, mas seus companheiros continuaram.

Súbito, dobrando uma esquina, três veículos blindados surgiram em alta velocidade. Eram altos, a lataria protegida por camadas grossas de metal. Havia frestas estreitas por onde se projetavam canos de armas. Um deles exibia um canhão no topo; os outros dois possuíam enormes metralhadoras .50.

Abriram fogo.

O canhão disparou, e o obus voou sob um clarão em direção aos monges. Na fração de segundo antes do impacto, quinze deles viraram-se e começaram a realizar as Formas Sublimes, girando as mãos uma sobre a outra. O ar tremeluziu em um domo largo em volta dos guerreiros de Ynilaguenne, e a coisa deteve-se no ar.

Os monges continuaram com os movimentos. O projétil virou-se, tremendo e rangendo como se resistisse, e então foi disparado de volta contra o blindado.

A explosão lançou o veículo em uma cambalhota para cima. Ao mesmo tempo, trinta monges fizeram outro gesto, como se empurrassem o ar. Canalizaram a pressão causada pela explosão e a própria energia do ambiente, expandindo o impacto e fazendo com que os outros dois blindados voassem, indo desabar

pesadamente sobre o asfalto e as árvores.

Os demais monges chegaram aos soldados da Gladius, encontrando-os com chutes voadores, socos certeiros, golpes de espadas.

– Nossas armas não estão funcionando! – desesperou-se um oficial nos comunicadores, ignorando a típica linguagem militar. – Aqui eles são mais fortes!

Em seguida, foi calado por um soco que estilhaçou o visor do capacete e quebrou seu pescoço.

Santo Ossário estava tomada por Arcádia. Parte do plano da Rainha envolvia o domínio sobre a tecnologia terrena. Exércitos humanos não conseguiriam ferir as tropas dos elfos.

Assim, naquele lugar repleto de magia, a Gladius também era quase incapaz de ferir os monges.

Súbito, todos os combatentes estacaram. As árvores, já gigantescas, cresceram ainda mais. Estenderam-se rumo ao céu, como se quisessem perfurar as nuvens. Galhos brotaram às centenas de cada tronco monumental, enredando-se numa única copa monstruosa. Um helicóptero foi apanhado na fúria da natureza, a fuselagem perfurada pelos galhos que cresciam, as hélices presas e então destroçadas por folhas, caules, cipós. As flores desabrocharam aos milhares, cuspindo nuvens de pólen suficientes para preencher ruas inteiras. Dois prédios ruíram na hora. O asfalto sob um grupo de monges abriu-se numa cratera, derrubando-os no abismo.

E todos, monges e mercenários, ficaram paralisados de agonia. Muitos choravam, pois experimentavam a maior beleza de suas vidas. Sentiam um perfume avassalador – dois irmãos morreram sufocados, os pulmões repletos do veneno delicioso.

Todos viram o gigantesco rosto de mulher surgir por apenas um segundo, sobreposto à Fortaleza da Primavera.

A Rainha chegava perto.

A Gladius aproveitou a confusão para recuar. Os monges erguiam-se, sua vontade de repente soterrada por aquela presença terrível. Um deles abandonou os companheiros, correndo para juntar-se às tropas inimigas.

Cellianna, vendo os irmãos e irmãs desorientados, não disse uma palavra. Ficou de pé sobre uma base sólida e começou a realizar as Formas Sublimes. Ao lado, Geallassant, o irmão que se juntara ao mosteiro durante a Segunda Guerra Mundial, imitou-a. E então outros e outros. Movimentando-se naquelas coreografias que escondiam defesas e ataques, gestos ritualísticos cheios de

significado. Não para combater, não para realizar magia – para proteger-se contra a vontade de uma deusa que se aproximava de Santo Ossário.

Aos poucos, todos os monges realizavam as Formas Sublimes, às portas da fortaleza inimiga. Com aqueles padrões conhecidos, praticados, que focalizavam as mentes e ocupavam os corpos, eles se mantiveram ali. Os dois helicópteros que sobrevoavam voltaram-se para eles, e os canos das metralhadoras chegaram a girar. Mas nenhuma bala foi disparada. Os mísseis chegaram a estremecer, tentando ser lançados. Mas continuaram fixos. As armas terrenas recusavam-se a funcionar.

Então, segundo uma ordem, os helicópteros dispersaram-se, evitando o emaranhado de galhos e cipós por pouco.

Porque a cavalaria aérea dos elfos chegava.



– Não vamos recuar! – gritou Nicole. – Não vamos correr! Vamos caminhar por *nossa* cidade!

Os cidadãos de Santo Ossário cerravam os olhos, rilhavam os dentes. Muitos estavam ajoelhados, quase metade havia largado as armas. Alguns rolavam pela calçada rachada e florida, jogavam-se nos canteiros de hortênsias que haviam se transformado em mata alta. Já estavam acompanhados de algumas dezenas de escravos libertos, mas agora eles não adiantavam de nada.

Todos estavam preenchidos – corpo e mente – pela imagem magnífica e intolerável da beleza suprema. Nicole via o rosto da Rainha, os cabelos dourados, os olhos profundos, com inúmeras cores em harmonia infinita. Via o sorriso, o colo, as mãos delicadas e gentis. Mesmo que enxergasse a destruição que a Rainha causava, naquele momento tinha *certeza* de que ela era bondosa, que sua expressão não escondia nenhuma malícia. Tudo que a garota mais desejava era unir-se à deusa. Enxergava em sua face semelhanças com Astarte, e sentia afinidade instantânea, compulsão por amá-la.

– Continuem! – urrou, apesar de si mesma. – Estamos chegando! Não desistam!

O chamado foi inútil para os escravos libertos. Com os espíritos e força de vontade já quebrados pelos senhores élficos, poucos resistiram àquela aproximação. Correram, perdendo-se em meio às ruas e à floresta. Nicole olhou para trás e viu que Adelaide estava estirada no chão. O delegado tentava reanimá-la, mas seus olhos estavam vidrados, e ela não respirava.

Morreu de assombro.

Morreu de amor pela Rainha.

Então Abel Montague passou à frente de Nicole, caminhando com dificuldade.

O rapaz não falava qualquer coisa. Não tentava expressar o que sentia nem contagiar os outros. Apenas dava um passo dolorido depois do outro, trincando os dentes e fazendo uma careta de esforço. Fechava os olhos, como se o progresso exigisse toda a sua energia, não restando mais nada nem mesmo para os sentidos.

Nicole acompanhou-o.

Os outros seguiram. Deixaram os escravos enlouquecidos, as vítimas da fúria súbita e os companheiros caídos para trás, e seguiram. Ninguém conseguia dizer nada. Uma única palavra seria capaz de sugar a força de que precisavam para continuar.

Enfim, enxergaram a Fortaleza da Primavera, enquanto os elfos montados em grifos desciam sobre os monges de Ynilaguenne. Uma barragem de flechas e lanças era cuspida da cavalaria aérea. Os cavaleiros mergulhavam para emergir com espadas ensaguentadas.

Do meio da floresta, surgiram vinte elfos a pé. Metade começou a realizar as Formas Sublimes, enquanto os outros se dividiam entre disparar flechas e avançar com lâminas.

Os monges só podiam se defender.

Nicole sacou uma flecha e disparou-a, acertando o pescoço de um guerreiro elfo que chegava para matar um monge. Contudo, dois grifos descreveram um semicírculo no ar e investiram contra ela e a turba – um cavaleiro disparando flechas, outro de lança em punho.

Dois cidadãos caíram, os peitos varados pelas setas. Os dois grifos mergulharam, e os cidadãos jogaram-se para todos os lados, tentando escapar da fúria. Mas a lança e as garras mataram mais dois defensores.

Os cidadãos desesperados não precisavam de ordens: flechas, balas, paus e pedras voaram. Nicole rolou no chão e atirou, acertando a barriga de uma das feras aladas. Mas sabia que aquilo era insuficiente. A vontade da multidão estava fraquejando. Eles estavam vendo amigos, vizinhos e familiares caindo, ficando pelo caminho, e começavam a não mais acreditar na própria vitória. A aproximação da Rainha selara ainda mais o destino.

E agora havia aquele contingente de elfos barrando a passagem.

Ela se ergueu de um salto. Ao mesmo tempo em que mirava uma flecha sem olhar, virou a cabeça para os monges, à distância. Numa comunicação sem

palavras ou gestos, sem acordo e sem falhas, encontrou os olhos do grão-mestre Ariman.

E tudo foi dito, sem que precisasse ser dito. Os dois compartilharam de uma conexão mais profunda que mera comunicação humana ou élfica. Ambos entenderam o que ocorreria, interpretaram ao mesmo tempo a vontade do mundo.

– Santo Ossário! – Nicole gritou. – *Vamos!*

E começou a correr em direção à fortaleza.

A turba acompanhou-a. Uma única pessoa hesitou, tentando proteger-se dos grifos, e foi morta por um elfo, com uma flechada na cabeça.

Nicole correu, e Santo Ossário correu junto, sem dar importância para a passagem impedida pela batalha, para a mortandade que os aguardava.

Os monges de Ynilaguenne pararam de se defender. Como se fossem um só, fizeram o mesmo gesto curto, simultaneamente.

Todos abriram os braços, num movimento brusco, espalmando as mãos para os lados. Uma onda de energia e vento projetou-se para a esquerda e a direita.

Era um furacão, levando asfalto, plantas, carros e escombros. A onda tinha centenas de metros de altura. Apanhou os cavaleiros aéreos e os guerreiros a pé. Formou um ciclone, e os próprios monges foram apanhados, sendo arremessados para todos os lados.

Ficaram vulneráveis. Assim que os elfos se recuperaram, aproveitaram para um novo ataque. Mas, enquanto isso, formou-se um corredor, e Santo Ossário atravessou-o correndo, rumo à Fortaleza da Primavera.

Nicole ouviu um helicóptero se aproximando. Viu Ariman saltando entre as árvores e prédios arruinados, afastando-se dos irmãos. Tentou não pensar no que aconteceria.



Os cidadãos de Santo Ossário chegaram às portas da fortaleza inimiga. Atrás, a batalha entre elfos e monges rugia. A construção de plantas e horror erguia-se à frente.

Então as portas se abriram, e surgiram os caçadores.

Nicole achava que isso iria acontecer. Os elfos controlavam a cidade. A Gladius mantinha a ordem, enfrentava as ameaças menores. Ela achava que os caçadores estariam dentro do bastião, como uma linha de defesa em sacrifício, caso alguém chegasse até lá. Afinal, a fortaleza era o local mais protegido.

Contava com Emanuel Montague.

E talvez com Astarte.

E talvez com a Rainha.

Ela sentiu a vontade de Santo Ossário inflamar-se quando os portões deram passagem àqueles humanos repulsivos. Eram grandalhões e musculosos, ou pequenos e franzinos. Eram homens e mulheres. Usavam armas terrenas ou élficas.

Mas eram todos a mesma coisa.

– Lixo com lâminas – grunhiu o delegado.

Aqueles eram os estrangeiros que haviam chegado para estragar a cidade. Os cidadãos viam-se avassalados pelo sobrenatural, por soldados mortos-vivos. Mas não fraquejavam na presença de assassinos humanos.

Custódio Dutra disparou a espingarda, acertando um deles no peito, e então começou o combate.

Os assassinos caíram sobre os cidadãos. Santo Ossário recebeu-os com espadas, pedras, arcos. Dois policiais fizeram mira e descarregaram pistolas nos caçadores, derrubando três. Velma cravou uma espada no peito do Caroneiro, o assassino que caçava mulheres de sua idade. Thales Veracruz, o juiz de paz e dono da imobiliária, rugiu como um guerreiro. Derrubou um caçador com as mãos nuas.

As capacidades sobrenaturais dos matadores enfraqueciam-se, pois a vontade de Santo Ossário transformava os cidadãos em heróis vingadores.

Abel ficou paralisado um instante, mas Nicole puxou-o pela manga do manto. Ela abriu caminho a flechadas enquanto ele brandia um cajado de forma desajeitada e tentava proteger-se.

– Se quiser mesmo fazer isso, não pode ter dúvidas.

– Eu quero! – gritou Abel. – Eu *vou!*

Então rilhou os dentes, e seguiu Nicole Manzini para dentro da Fortaleza da Primavera.



As portas se fecharam atrás dos dois. Eles se viram no primeiro salão, no ambiente macabro e belíssimo. Foram recebidos por dois guerreiros elfos.

Nicole disparou o arco, a flecha partindo a corda do arco inimigo, então se alojando em seu peito. Virou-se numa cambalhota no ar, evitando as flechas do segundo. Um novo tiro cravou-se no pescoço do elfo remanescente, matando-o.

Mas ela só tinha olhos para o portal no teto.

O contorno de flores cercava uma paisagem sublime e magnífica. Do outro lado do portal, via-se Arcádia: as florestas perfeitas, as pradarias serenas, os castelos delicados e inexpugnáveis. Os mares de ondas esculturais, rugindo com música. Tudo terrivelmente harmonioso, e tudo empalidecendo perto da impressão que emanava.

A deusa.

Nicole e Abel foram mais uma vez tomados pela visão do rosto magistral. A vida fora transformada em obra de arte, e o resultado era Titânia, a Rainha da Beleza.

Ela estava mais e mais perto.

Nicole viu um longo fio de cabelo dourado emergindo do portal.

– Rápido!

Eles cruzaram o salão, subiram as escadas. A Fortaleza da Primavera era um labirinto, e a arquitetura tétrica confundia os sentidos. Mas ela não usava sentidos mundanos, apenas o instinto que lhe dizia onde estava Astarte.

Cruzaram por mais um guerreiro elfo, que morreu sob as flechas de Nicole. Escravos humanos encolhiam-se nos cantos, e a vontade da Rainha era forte demais para que a garota exercesse qualquer poder sobre eles.

A vontade da Rainha, e outra.

A vontade do Dragão.

As portas da sala do trono abriram-se ante Nicole Manzini, com o arco retesado. Logo atrás, Abel, olhos arregalados e rosto suarento.

O lugar estava deserto, exceto por dois ocupantes. Não havia escravos, não havia guarda de honra. Apenas Astarte, preso com algemas de ouro no magnífico trono.

E Emanuel Montague, o Dragão, de pé com o rosto coberto pela máscara de ouro. Espada em punho.



– Eu sou o elo! – exclamou Astarte. – Mate-me!

Nicole mantinha o arco apontado para Emanuel.

– Você já foi derrotada uma vez, Nicole – disse o Dragão. – O poder de Arcádia é meu, e agora a Rainha se aproxima. Tenho sob meu comando os exércitos élficos e o maior guerreiro de todos. Por que acha que pode triunfar?

– Eu não sou o melhor de todos – grunhiu Astarte. – A melhor é Nicole.

Havia um sorriso dolorido em seu rosto.

Então Emanuel saltou.

A sala do trono respondeu ao ataque. Gavinhas projetaram-se do chão, adquirindo espinhos no mesmo instante. Cada espinho era afiado como uma navalha, e eles golpearam como tentáculos, cortando a garota. Emanuel caiu com a espada num corte gigantesco, que Nicole evitou por pouco, numa pirueta para trás. A parede se transformou em uma mão feita de plantas, tentando arranhar suas costas. Nicole deteve-se no último instante para não ser atingida.

E foi tomada mais uma vez pela imagem da Rainha.

– Ela está chegando! – Emanuel rugiu de triunfo.

A sala do trono começava a ser invadida por longuíssimos fios de cabelo dourado.

Nicole disparou a flecha contra Emanuel. A seta deteve-se no ar, antes de chegar nele. Então a madeira brotou em gavinhas e flores, caindo no chão. Emanuel apenas fez um gesto com a espada, sem nem mesmo virar-se para a garota, e surgiu um corte longo e sangrento no estômago de Nicole.

Os fios dourados avançavam. O perfume sufocava. O rosto da Rainha podia ser visto em cada canto. Semelhanças com seus olhos, seu queixo, seu sorriso adivinhadas em uma centena de padrões aleatórios.

– Mate-me! – implorou Astarte.

E então seus olhos reviraram-se.

Os olhos totalmente brancos apagaram a expressão do príncipe. Emanuel fez um gesto, e as algemas de ouro se abriram.

Astarte ergueu-se. As gavinhas sanguinolentas entregaram-lhe duas espadas, o arco e a aljava.

– E o que *você* está fazendo aqui? – disse Emanuel, voltando-se ao irmão.

Abel Montague tremia.

Nicole pôde ver o sorriso da Rainha na parede, com clareza. O vermelho de sangue e pétalas formava seus lábios com perfeição. Os fios dourados reluziam pela sala.

Astarte disparou contra a garota.

A flecha alojou-se no peito de Nicole, do lado direito. Ela grunhiu. Segurando o arco na mão, mas com a guarda baixa, avançou ao príncipe dos elfos.

Astarte tinha o arco apontado, mas não conseguia disparar.

– Mate-a! – rugiu Emanuel.

Então Abel se jogou sobre ele.

O rapaz agarrou seu irmão, numa velocidade que não possuía. Emanuel

comandava o poder de Arcádia, comandava aquela sala, mas foi abalroado pelo irmão caçula, vestido em mantos fajutos de tecido artificial, berrando de raiva.

Por um segundo, sua vontade foi avassalada pela de Abel. E não era só Abel, mas o pai e a mãe dos dois. Naquele instante, ele possuía a vontade de Santo Ossário, e segurou o irmão com força inumana.

– *Por quê?* – rugiu Abel.

Emanuel desequilibrou-se, cambaleou para trás.

Abel enfiou a mão dentro do paletó do inimigo, achou o que procurava.

– *Isto é meu!* – disse, brandindo o cubo. – *Eu encontrei-o!*

Em fúria cega, sem enxergar o que fazia, guiado pelo instinto e pelo mundo, Abel começou a mover o quebra-cabeças. A sala agitou-se, brilhou com ângulos ritualísticos. As gavinhas enlouqueceram, golpearam para todos os lados. Os fios de cabelo da Rainha iluminaram-se com ainda mais energia.

Emanuel foi enredado e preso pelos cipós.

Astarte apontava o arco para Nicole, mas não disparava. Lutando contra as gavinhas que tentavam segurá-la, ela encostou o peito na flecha do príncipe, e deu mais um passo. Tirou o braço de Astarte do caminho, aproximou-se. A flecha que já estava cravada nela tocou o peito do elfo, mas ela não se importou. Avançou ainda mais, empurrando a seta para dentro de si, o rosto a centímetros dele.

– Você não é *isto* – disse. – Não é isto, e não vou matá-lo. Mesmo que tenha me treinado para que eu o matasse, não vou. Porque sou Nicole, e não obedeço às suas ordens.

Empurrou as mãos de Astarte para os lados.

– Você é Astarte, e não obedece à Rainha.

Encostou-se nele, fazendo a flecha atravessar seu peito e surgir do outro lado. Grunhiu de dor, mas não se importava. Sentia a vontade de Emanuel, a vontade de Astarte, a vontade da Rainha, e não se importava. Apenas sua vontade triunfaria.

– Você é Astarte, e você me ama.

Então beijou-o.

Emanuel cortou as gavinhas que seguravam-no. Abel manipulava o cubo freneticamente, com expressão alucinada. Novos tentáculos vegetais envolveram o Dragão, envolveram Nicole e Astarte. Eles estavam ainda com os lábios colados um ao outro, como se esquecessem do caos e da morte ao redor. As gavinhas tiraram-nos do chão.

O corpo de Emanuel reluziu com escamas douradas. Ele fez um gesto largo; de

repente Abel estava a seu alcance. Emanuel preparou um golpe com a espada. Abel tinha lágrimas nos olhos, mas não de medo.

Apenas fúria.

– *Nunca tive medo de você!* – gritou o rapaz.

Abel não se encolheu, não se protegeu. Abriu o peito, em desafio ao irmão mais velho. Em zombaria à dominação de uma vida inteira. Gritou que não tinha medo, e Emanuel golpeou.

A lâmina do Dragão decapitou Abel Montague.

Astarte piscou, e seus olhos voltaram ao normal. Ele, Nicole e Emanuel estavam suspensos pelas gavinhas. O casal foi separado. O cubo rolava no chão, emitindo brilho cegante, enquanto o cadáver de Abel tombava.

A parede externa da sala do trono se abriu, revelando a cidade do outro lado. Emanuel, Nicole e Astarte foram arremessados pelas gavinhas, voando pelos ares rumo ao asfalto, selva e ruínas lá embaixo.

Girando no ar, Nicole viu que a Gladius recuava para dentro da fortaleza. Enxergou o helicóptero se aproximando rápido.

Abel morreu vitorioso. Seu desafio ressoara com o cubo, com a energia na sala do trono. Com o triunfo de Nicole sobre a vontade da Rainha.

Capítulo 40
A Guerra das Hortênsias

NICOLE ATERRISSOU SUAVEMENTE NA BEIRA da chapa de asfalto que havia se erguido ao redor de uma cratera. Astarte segurou-se num galho alto, girou, pousou em outro; saltou e caiu em uma gigantesca raiz, a dez metros da garota. Emanuel rodopiou no ar, e as árvores formaram uma plataforma de galhos para segurá-lo.

No chão, cadáveres de monges, cidadãos de Santo Ossário, caçadores, elfos, soldados da Gladius. Alguns blindados e dois helicópteros queimavam e fumegavam nas proximidades. Nicole viu os mercenários adentrando a Fortaleza da Primavera através de portões laterais que se abriam, enquanto os cidadãos sobreviventes recuavam, arrastando os feridos. Os monges faziam um perímetro defensivo, tentando manter ao longe alguns grupos de elfos e ao mesmo tempo proteger-se do fogo da Gladius. Mais da metade dos guerreiros de Ynilaguenne havia morrido.

Dez grifos circulavam sobre os combatentes, os cavaleiros disparando flechas. A floresta se agitava por todos os lados, sinalizando que mais elfos chegavam.

Nicole mordeu o lábio: o importante era que a Gladius entrasse na fortaleza.

– Espero que você tenha um plano – disse Astarte, em voz alta.

– Eu tenho – ela respondeu. – Mas não é bom.

Não era bom.

Era o único.

Conversando e planejando com Felix, antes do ataque, ela previu: os mercenários não teriam muito poder contra os monges de Ynilaguenne. Haviam enfrentado-os em outra circunstância, quando os irmãos só queriam fugir. Ali, num ambiente em que a magia era superior, seriam mais úteis contra a milícia destreinada de Santo Ossário.

Quando Nicole enviou os cidadãos à fortaleza, esperava que a Gladius recuasse em peso ao interior, para defendê-la. Todo o plano dependia de que ela conseguisse libertar Astarte. Dependia de que os elfos estivessem ocupados com

os monges, com ela mesma e com o príncipe. Dependia de que Emanuel Montague saísse da fortaleza.

Dependia de que a vaidade da Rainha decretasse que a Gladius fosse proteger a estrutura. Que ela se recusasse a entregar o novo trono a humanos mal armados.

Assim, de acordo com o que Nicole e Felix tinham previsto, a Gladius foi destacada para dentro da Fortaleza da Primavera. Os helicópteros inimigos se aproximavam, mas o que interessava a ela era um helicóptero em particular.

– Não podemos mais aguentar! – gritou o delegado, arrastando o Menino Diabo sob o braço.

Ele tinha um corte fundo no estômago, deixava um rastro de sangue pela rua. Estava sem chapéu, os pequenos chifres à mostra. Era uma figura heroica.

Cornélius, o líder dos sem-teto, mancava, com um corte na perna. Velma ajudava Thales Veracruz a recuar, mas o homem tinha uma faca cravada nas costas e parecia a ponto de morrer. Outros tantos cidadãos mal conseguiam andar, ou gritavam para seus entes queridos mortos.

– Eles são nossos agora – disse Nicole, confiante. – Recuem!

Os elfos surgiram do meio das árvores, saltando dos galhos, correndo pelas sombras, ziguezagueando na rua ensanguentada. Era como se desaparecessem e surgissem no instante seguinte, em outro lugar, tamanha era a rapidez e agilidade. Os monges, ainda recuperando-se do ataque anterior, não hesitaram em correr para encontrá-los, jogando pés, punhos, lâminas e flechas como as armas perfeitas que eram. Entregando as vidas no combate aos invasores.

– Ariman não está com eles – disse Astarte.

Nicole apenas dirigiu-lhe um olhar significativo.

Então não havia mais tempo para olhares; os cavaleiros aéreos atacaram.

Os dois primeiros mergulharam com lanças sobre Astarte, em sincronia. Assim como todos os combatentes élficos, estavam em estado de concentração, e por isso Astarte quase não conseguia detectar pensamentos. Mesmo assim, não era concentração perfeita, e parte das intenções vazava, era ouvida por ele.

O príncipe saltou, girando no ar e pousando sobre uma lança em riste. O inimigo arregalou os olhos, surpreso pelo movimento. Astarte sacou uma flecha, encaixou-a, retesou a corda e disparou – equilibrado sobre a lança, antes que o outro pudesse ter qualquer reação. A flecha acertou a testa do cavaleiro. Ele despencou do grifo. Astarte montou sobre a fera alada.

O grifo guinchou e agitou-se. Ganhou altitude e rodopiou como um parafuso, tentando derrubar o novo cavaleiro. Astarte não precisou segurar-se com força

nas penas e pelo, não precisou relutar contra a criatura. Apenas, com tranquilidade absoluta, disse:

– Calma. Fique calmo. Somos aliados agora. Somos guerreiros contra os mesmos inimigos, na mesma batalha.

Ele havia sido treinado por Yaslar, o maior caçador de Arcádia. Nunca encontrara um grifo que não se curvasse à sua vontade.

A fera acalmou-se, endireitou-se no ar, descreveu uma curva larga para encarar os antigos aliados.

O segundo cavaleiro que atacara Astarte vira-se sem alvo, de repente. A lança passou incólume, e ele deu as costas a Nicole por um segundo. A garota aproveitou a chance e cravou duas flechas. O elfo gritou de dor, segurou forte as penas do grifo, fazendo a fera protestar, mas forçou que ele se virasse. Então, depois de um meio círculo, ficaram de frente à humana e investiram pelo ar contra ela. O cavaleiro berrava, sangrava, e por isso Nicole não gastou outra flecha.

Abaixou o arco e os braços. Fechou os olhos e esperou. Sentiu a presença do inimigo mais perto, mais perto.

Quando a lança quase tocava nela, Nicole ergueu a mão, segurou a arma, girou-a. O elfo, desequilibrado, caiu da montaria. Ela saltou, e num instante estava montada no grifo.

Astarte voava entre os outros cavaleiros, ouvindo pensamentos, evitando flechas, descrevendo evoluções entre as asas inimigas. Três circundaram-no, voando em eixos diferentes. Pareciam estar ao mesmo tempo em todos os lados, em cima e embaixo. Os inimigos retesaram os arcos e dispararam, uma barragem de flechas surgindo de todas as direções, buscando o príncipe, entremeando-se de forma a tornar a esquiva impossível.

O grifo de Astarte virou-se e ele despencou em queda livre. As flechas passaram ao redor da fera – apenas uma atingindo seu corpo musculoso.

Astarte, sem medo da queda, olhos fechados, girou no ar, retesou a corda do arco e disparou. A flecha perfurou a garganta de um elfo. Mais um tiro certeiro no coração. Então o grifo mergulhou e apanhou-o, antes que ele se chocasse com o solo.

Nicole surgiu nas alturas, sentada sobre a montaria aérea sem segurar-se, sem tentar manter o equilíbrio. Não fazia a menor ideia de como cavalgar aquele animal, então agia como o arqueiro cego: deixava *algo* cavalgar por ela, entrava em comunhão com a vontade do mundo, que era sua vontade e a da fera.

Disparou o arco, alvejando um elfo no peito. Mais dois tiros, e o cavaleiro caiu

morto.

Lá embaixo, os monges lutavam contra os elfos. Cellianna resistia com bravura, um braço quebrado, vertendo sangue pelo nariz e pela boca, enfrentando dois elfos armados de espadas. Ela bloqueava os antebraços dos inimigos com os joelhos, numa dança defensiva que mal permitia que pisasse no chão. Então, num salto curto, girou e encontrou o rosto de um elfo com o pé, jogando-o longe. O segundo trespassou-a com a espada, mas ela não se deteve – usou o braço que lhe restava para segurar os cabelos do inimigo e aplicou-lhe uma cabeçada violenta, quebrando seu nariz.

Nicole e Astarte cruzaram-se no ar. Os cavaleiros aéreos se dispersaram, porque cinco helicópteros de ataque chegavam.

Nenhum deles era o que Nicole esperava.

Os fios dourados estendiam-se para fora da Fortaleza da Primavera, recobrindo as ruas e tingindo tudo com uma luminescência macabra. Os escombros formavam padrões aleatórios que sugeriam traços da Rainha. Os incêndios pela cidade tinham estranhas semelhanças com o brilho dos olhos da deusa. O formato de suas mãos surgia no rastro de prédios e árvores desabados, nas ruas terraplanadas pela fúria da natureza.

Nas nuvens, o sorriso dela. O alvorecer exibia cores magníficas, intoleráveis, ecoando sua beleza.

A Rainha estava próxima.

– Não me abandone agora! – gritou Nicole.

– Nunca! – Astarte respondeu, e disparou uma flecha em um dos cavaleiros que se afastavam.

Os helicópteros da Gladius abriram fogo contra eles. Nicole não temia aquelas armas terrenas, mas surpreendeu-se quando uma metralhadora giratória mirou e acertou sua montaria. Ela se jogou a tempo de evitar a rajada, segurando-se em um cipó, saltando para um galho, o tempo todo seguida pelo impacto das balas. Aquilo não deveria estar acontecendo.

Então viu Emanuel, acima, gesticulando movimentos ritualísticos.

A floresta respondia ao Dragão. A energia de Arcádia se curvava à vontade dele. Os padrões que atuavam no campo de batalha estavam sendo moldados por aquele homem, que agora permitia que chumbo e explosivos funcionassem contra as disciplinas élficas.

– *Astarte!* – Nicole gritou.

– Vencer esse tipo de armas foi a primeira coisa que aprendi na Terra.

Ele avançou para o primeiro helicóptero, montado no grifo, arco em punho.

Disparou uma flecha, que se alojou certeira no rotor das hélices. Elas giraram mais devagar, desordenadas, então engasgaram. Houve um pequeno estouro, o helicóptero girou e desabou, explodindo de encontro a uma árvore.

O segundo pássaro de metal negro voou pelo lado de Astarte, disparando a metralhadora. O príncipe evitou os tiros, fazendo o grifo adernar para o lado. Então endireitou-o numa fração de segundo, no exato instante em que a janela lateral do helicóptero alinhava-se com a mira do arco. Disparou, a flecha quebrou a janela, perfurou o capacete do piloto e enterrou-se em seu crânio. O mercenário perdeu o controle da aeronave, que se chocou com outra, ambas explodindo.

O quarto helicóptero já estava voltado para Astarte. Disparou dois mísseis, que vieram na direção do príncipe. Astarte respondeu com o arco – acertou uma flecha, depois outra, e os dois mísseis explodiram no ar. Avançou pela bola de fogo e fumaça, de repente surgindo muito perto do helicóptero. Sacou uma das espadas, arremessou-a. O metal élfico quebrou o vidro blindado, decapitando o piloto.

Astarte esquivou-se das hélices mortais, fazendo o grifo cair para o lado, enquanto o helicóptero se espatifava contra os troncos monumentais. Restava a última aeronave – ele fez a fera alada acelerar em sua direção, mas o piloto tentava fugir. Astarte disparou flechas contra a cauda do helicóptero, e então todos ouviram o som de jatos.

Lá embaixo, enfrentando dois elfos, Nicole gelou.

Aqueles não eram helicópteros.

Eram os dois aviões bombardeiros que a Gladius possuía. Que havia usado para destruir o mosteiro de Ynilaguenne.

Sem pensar no que fazia, ela assobiou, tendo certeza de que um grifo iria responder. Com efeito, uma das feras mergulhou até ela, apanhando-a nas garras enquanto ela defendia um golpe de espada.

O último helicóptero afastava-se, voando com dificuldade pelas flechas cravadas nos rotores e no tanque de combustível, mas os bombardeiros já estavam em alcance.

– *Protejam-se!* – Nicole berrou para os monges, mas a voz foi abafada pelo som ensurdecedor dos jatos.

Duas bombas caíram em frente à fortaleza, engolindo os monges num mar de fogo e destroços. Na plataforma feita de galhos, Emanuel Montague gesticulava, moldando a forma da explosão, poupando os elfos e a própria fortaleza, imolando apenas os guerreiros de Ynilaguenne.

Nicole e Astarte emergiram das margens da coluna de fogo que havia se erguido. A garota agora sentia com clareza o horrível ferimento no peito, sofrido na sala do trono. O elfo tinha os cabelos chamuscados, cortes por todo o rosto e corpo. Seu grifo estava sangrando.

Os bombardeiros já davam meia-volta, prontos para outra incursão.

– São dois – disse Nicole.

– Somos dois – Astarte sorriu.

Avançaram contra os aviões de guerra, mas a garota temia. Temia pela perfuração no peito, pela montaria enfraquecida, pela velocidade das aeronaves inimigas, pela intervenção de Emanuel. Temia pelos irmãos de Ynilaguenne, lá embaixo. Pelos cidadãos. Por Felix, e pelo helicóptero que nunca chegava.

– *Osellë!* – ouviu, de repente.

No chão, Cellianna acenava. Estava sangrando, um braço pendendo. Um corte no estômago ao qual certamente não sobreviveria. Cercada por irmãos mortos.

– Osellë, *venha aqui!* Obedeça à sua irmã mais velha!

Nicole fez o grifo mergulhar para Cellianna, enquanto Astarte avançava.

A fera se aproximou, e a monja não teve forças para um salto completo. Atingiu metade da altura desejada, e o grifo segurou-a com as garras. Nicole ajudou Cellianna a montar.

– O que você vai fazer? – disse a garota.

– Salvar a sua pele, é claro. Afinal, você é só uma *osellë* que nem sabe amarrar um nó direito.

Astarte, confiando em Nicole, aproximava-se em rota de colisão com um dos aviões. Já enxergava o compartimento sob a aeronave se movimentando, pronto para soltar outra bomba. Então fez o grifo adernar para a direita, levemente para baixo. Saltou da fera, ao mesmo tempo sacando a espada e deixando-a acima da cabeça. O metal élfico rasgou o jato e a asa do avião, que saiu de controle.

Chocou-se com a floresta, numa imensa explosão – o combustível e as bombas juntando-se para criar um domo de fogo. Astarte caiu rolando numa colina feita de carros empilhados, coberta por um tapete de folhas e flores. A espada estava arruinada, e ele perdeu-a no caminho, mas havia cumprido seu dever.

Enquanto isso, Nicole e Cellianna avançavam para o segundo avião.

– Você não precisa fazer isso – disse Nicole.

– Já estou morta – Cellianna sorriu. – E morrer nunca me incomodou.

Abraçou a amiga, sobre o grifo.

– Prometa-me uma coisa – disse Cellianna. – Vocês dois farão tudo isso valer a pena.

– Prometo!

Elas estavam em rota de colisão com o bombardeiro. Então, usando as últimas forças, Cellianna saltou do grifo, usando o impulso e a inércia para voar com os dois pés estendidos na direção da cabine da aeronave.

As duas pernas se quebraram, enquanto os pés estilhaçavam o vidro, fazendo seu corpo todo entrar cabine adentro, chocando-se com o piloto. O maior chute de sua vida, o maior chute já desferido por um estudante das disciplinas élficas. Partiu inúmeros ossos do piloto, que perdeu o controle do avião.

O bombardeiro mergulhou de encontro às árvores, sem deixar cair a segunda bomba. Explodiu, destruindo os mercenários em seu interior e a monja que se sacrificara.

Nicole notou que seu grifo se entregava. Sentia lágrimas escorrerem pela face, embora lutasse para manter a mente vazia.

Fez a montaria pousar, já de arco em punho. Astarte corria para juntar-se a ela. Os elfos que haviam enfrentado os monges de Ynilaguenne agora se voltavam para eles. Os mercenários da Gladius começavam a sair da fortaleza, pois Emanuel ainda garantia que as armas terrenas funcionassem.

Mas os mercenários não eram os únicos a usar tecnologia: Nicole tinha um pequeno comunicador preso ao ouvido. Um dispositivo que não se manifestara até então, porque se destinava a apenas uma pessoa.

– Tudo certo aí, garota? – disse Felix.



– Corra! – disse Nicole, puxando Astarte pelo braço.

Ele não entendia, mas obedeceu. Os elfos vinham atrás, atirando flechas e brandindo lâminas. Alguns já haviam recuperado os grifos, chamado corcéis e unicórnios de guerra.

– Felix, pode haver outro jeito – disse Nicole, no comunicador, na última hora.

– Este *é* o outro jeito, menina. Agora só quero ouvir uma coisa.

Ela ficou muda.

– Diga que eu tinha razão – o riso na voz do bigodudo era audível.

No helicóptero, Felix riu alto. Ao lado, Ariman, o grão-mestre de Ynilaguenne, não entendia a piada, mas sorria de satisfação e paz. A aeronave mergulhava em alta velocidade rumo à Fortaleza da Primavera, contendo uma quantidade de explosivos suficiente para varrer todos os agentes da Gladius, na eventualidade de que uma missão fosse comprometida além de qualquer

salvação.

E isso acontecera – mas quem havia tomado a decisão não era a gerência. Era um soldado, acostumado a pegar em armas e tomar cerveja com todos os outros, antes que eles tivessem se tornado malditos mortos-vivos.

Felix operava o helicóptero, falando com Nicole. Mantinha um olho no objetivo à frente e outro na fotografia que havia prendido com fita adesiva sobre os controles da aeronave. A fotografia com ele mesmo, Tristan, Lucinde e Thierry. No verso, “Traga-o de volta inteiro”.

Sua família.

Ariman movimentava-se com precisão, sem perder o equilíbrio dentro do helicóptero que oscilava. Realizava as Formas Sublimes, concentrado em um resultado muito específico. Através de sua vontade e do poder de Arcádia, alterava o mundo ao redor daqueles explosivos.

Para que afetassem o centro do poder élfico.

– Diga que eu tinha razão! – repetiu Felix.

– Você tinha razão sobre tudo! – disse Nicole, no rádio.

A Gladius começava a sair da fortaleza, mas era apenas o início. A grande maioria dos agentes ainda estava lá dentro. Alguns apontaram para o helicóptero que vinha em rota de colisão.

– Sobre tudo! – exclamou o ruivo. – Sobre os LPs de heavy metal ao contrário, sobre os açougueiros canibais, sobre os programas infantis ritualísticos! Sobre as conspirações governamentais, sobre os mortos-vivos! Sobre o yetis!

– Obrigada, Felix – disse Nicole.

– Sobre o que significa ter uma foto como esta.

Então o helicóptero se chocou com a Fortaleza da Primavera, ao mesmo tempo em que Felix Kowalski acionava o detonador. A explosão foi ouvida por toda a cidade. Varreu árvores, fez prédios desabarem, transformou em poeira os mercenários de preto. Enviou elfos voando para todas as direções.

Nicole e Astarte foram arremessados pela pressão do ar fervente. Esquivaram-se da chuva de destroços e estilhaços em chamas.

Ergueram-se para contemplar uma ruína e um incêndio, onde antes havia o trono da Rainha e do príncipe.

O portal agora pairava no ar, em meio ao fogo e à fumaça. De toda a estrutura, restava apenas o contorno de flores, ligadas ao solo por bizarras raízes.

Os cabelos da Rainha emergiam do portal. Ao redor do elfo e da humana, folhas transformavam-se em joias, imitando as decorações do vestido da deusa. As colunas de fumaça adquiriam a forma de seus dedos. O sol, no eterno

alvorecer, era idêntico a seus olhos. Eles sentiam a vontade de Titânia como um pântano em que se afogavam aos poucos. Como uma avalanche que vinha para soterrá-los.

Emanuel Montague saltou da plataforma nas árvores. Com a espada em punho e a máscara de ouro cobrindo o rosto, postou-se diante das chamas, diante do portal.

– Eu sou o verdadeiro campeão dela! – proclamou o Dragão. – Matarei os últimos inimigos, vencerei a batalha em seu nome!

Sua senhora chegava. O poder a que ele servia era forte.

– O que você falou é verdade? – disse Nicole, de repente.

– O quê? – Astarte não entendeu.

– Que sou melhor que você.

Ele sorriu.

– Claro que não, convencida. Ainda tem muito que aprender. Só disse aquilo por piedade.

– Vamos ver, Alteza.

Retesaram os arcos.



Dispararam ao mesmo tempo.

Emanuel rugiu, o som de sua voz fazendo tremer as construções arruinadas, abalando as árvores. Como o rugido de um dragão. As flechas de Astarte e Nicole vieram certeiras contra ele, mas um movimento quase invisível da espada foi suficiente para cortar ambas em pleno ar. O elfo e a humana correram para lados opostos, saltando de ruína em ruína, destroço em destroço, evitando as áreas que ainda queimavam. Como um só, sacaram flechas e deixaram-nas voar, pela frente e por trás do inimigo.

Emanuel girou, golpeou o vazio com a espada, e o ar ao seu redor transformou-se em uma lâmina tão afiada quanto o aço élfico. Um pequeno tornado envolveu-o, partindo as flechas. Ele saltou dez metros para cima, recolhendo o braço da espada em prontidão para atacar, a outra mão em forma de garra, à frente do corpo. Caía em direção a Nicole, que julgava o alvo mais fraco. Em menos de um segundo estaria sobre ela. A garota fez mira e disparou duas vezes, as flechas desviando-se frente à vontade do Dragão. Emanuel então fez um movimento de velocidade estonteante, projetando a espada para a frente. Mas foi surpreendido por Astarte, que rolava no chão, surgindo abaixo dele.

O elfo chutou com os dois pés, atingindo o queixo do Dragão, protegido pela máscara. Emanuel foi jogado para trás, mas caiu de pé, inabalado. Nicole disparou de novo. Emanuel abaixou-se, esquivando-se da flecha. Ao mesmo tempo desferiu um soco no chão.

Uma onda de impacto projetou-se em linha reta a partir do golpe. O asfalto destroçado e as raízes explodiram numa trajetória veloz. Nicole fez menção de saltar, mas foi atingida antes que conseguisse. A onda arremessou-a para longe, castigando-a com uma centena de fragmentos, além da força projetada do soco de Emanuel.

Ela caiu mole, de costas, metros para trás. Astarte controlou-se para não examinar como ela estava. Investiu contra Emanuel, tentando aproveitar a brecha.

Transpôs a distância entre os dois com alguns passos, transformando-se em um borrão de rapidez. Já não tinha mais as espadas, então o atacou com um soco, esticando o corpo todo e girando o quadril para reunir força.

Emanuel segurou o punho de Astarte e torceu-o, obrigando o elfo a acompanhar o movimento para não quebrar o pulso. Então o Dragão girou o braço com violência, arremessando Astarte contra uma árvore.

Nicole surgiu atrás dele, segurando uma flecha como se fosse uma adaga. Golpeou-lhe as costas, mas Emanuel virou-se antes que ela completasse o movimento curto. Agarrou-a pelo pescoço e preparou uma estocada com a espada.

A garota tentou se livrar; em uma fração de segundo via a ponta da arma chegando frente ao rosto. Conseguiu apenas erguer a mão, e a lâmina de Emanuel trespassou-a. O sangue escorreu farto, mas Nicole forçou-se a fechar o punho, segurando a espada enquanto causava ainda mais dano a si mesma. Sorriu com dentes sangrentos e olhos arregalados para Emanuel Montague, usou as pernas para agarrar seu tronco, e então Astarte atacou-o por trás.

O elfo disparou o arco, finalmente atingindo as costas do inimigo. Um instante depois, acertou-lhe um chute violento na nuca. Emanuel desequilibrou-se, ainda agarrando Nicole pelo pescoço. Girou e conseguiu se desvencilhar dela, arremessando-a contra o elfo e abrindo um talho horrendo em sua mão. Os dois defensores de Santo Ossário se chocaram, rolando pelos destroços, enquanto Emanuel saltava para trás.

– Não podem me vencer! – trovejou o Dragão. – O esforço de minha vida inteira culminou nisto. Cada passo, cada evento. Era meu destino trazer de volta a glória da raça élfica!

Nicole e Astarte se ergueram. Ambos feridos, mas ela estava pior. Incapaz de mover a mão direita, o peito ainda vertendo sangue da flechada sofrida na fortaleza.

– Eu passei *duas* vidas me preparando para isso, desgraçado – disse a garota. – Você é só um escravo.

Emanuel urrou, fez um gesto largo com os dois braços.

As árvores titânicas caíram ao redor deles, os troncos tentando acertá-los. Astarte e Nicole saltaram, evitando as quedas, mas a floresta guardava fúria especial e rancorosa contra os dois, nas mãos de Emanuel Montague. As flores se chocavam com o asfalto, as rachaduras faziam padrões ritualísticos, os incêndios lembravam a forma da Rainha.

E eles sentiam aquela presença avassaladora. Cada vez mais, acreditavam ser mártires, campeões condenados. Sentiam estar numa batalha desesperada, sentiam não ter chance de vencer.

A vontade de Emanuel e da Rainha triunfava sobre eles.

Nicole tentava mexer a mão direita, mas o horrível corte impedia. Ela sentia a dor latejar, enviando agonia braço acima, misturando-se com a dor do ferimento no peito. Parte do corpo estava anestesiada, ela já estava tonta – por confusão ou perda de sangue. Era impossível disparar um arco; o melhor que podia fazer era esquivar-se.

De repente:

– *Por que só ele consegue fazer isso?* – gritou Nicole.

Um tronco do tamanho de um edifício de dez andares desabou entre os dois, com um estrondo monumental, errando-os por pouco. Nuvens de fumaça, poeira e pólen misturavam-se, obscurecendo a visão.

– O quê? – disse Astarte.

– Por que só ele consegue comandar a floresta?

– Nunca fui treinado em magia!

E ela pensou:

Não interessa.

Nicole parou de saltar. Aterrissou em uma elevação feita de asfalto, alvenaria, metal e madeira. Levantou o braço direito com esforço infinito, fazendo todo o corpo responder em agonia. Fechou o punho esquerdo, ergueu um dos joelhos. Então descreveu um largo movimento circular, um ataque e uma defesa codificados.

Eram as Formas Sublimes.

– Nicole, cuidado!

– Não.

Não teria cuidado. Não iria mais se defender.

Iria apenas realizar aquilo que Emanuel parecia fazer com tanta naturalidade.

Uma árvore aproximava-se dela. Astarte saltou para o lado, tomou impulso, pulou para o tronco desabando. Então de novo, para um galho mais alto, esperando que Nicole soubesse o que fazia.

Ao redor da garota, uma massa gigantesca de gavinhas brotou do chão. Projetou-se de encontro à árvore que caía, amarrando-a, enredando-a, prendendo-a.

O tronco gigantesco ficou estático, a dois metros da cabeça dela.

Astarte caiu sobre Emanuel, disparando o arco e já preparando um chute. Duas flechas em rápida sucessão – a primeira bloqueada por um galho que se movia de vontade própria, a segunda obrigando o Dragão a esquivar-se. O chute foi aparado com o antebraço, e então Emanuel golpeou com a espada, atingindo Astarte no flanco. A cota de malha élfica foi cortada, o sangue surgiu pelo talho.

Um segundo golpe com a espada obrigou Astarte a recuar. Ele se abaixou para esquivar-se do terceiro, mas foi lento demais. Emanuel enganou-o, fazendo-o crer que atacaria o pescoço, então mudando a empunhadura e estocando seu peito. A ponta da arma enfiou-se no músculo do elfo, perigosamente perto do coração. Astarte deu-lhe um soco para se afastar, mas Emanuel desviou com facilidade. O príncipe saltou para trás, sacando flechas em rápida sucessão. Disparou duas, três, quatro, cinco vezes. Emanuel cortava as flechas, esquivava-se, deixava que passassem incólumes ao redor.

Astarte pousou num galho alto e viu Emanuel sacando algo de dentro do paletó.

O Dragão sacou uma pistola. Antes que o elfo conseguisse raciocinar, o outro já apertava o gatilho. A explosão diante do cano da arma misturou-se com o brilho da magia de Arcádia, e as balas vieram certeiras como flechas élficas.

– O verdadeiro campeão da Rainha é humano! – disse Emanuel. – Arcádia e a Terra curvam-se a mim!

Astarte esquivou-se de um tiro, o segundo atingiu-o no ombro. O terceiro, na mão, fazendo espirrar sangue. O quarto, no rosto – ele caiu para trás.

Emanuel virou-se, sentindo a presença de Nicole nas proximidades.

A garota ainda realizava as Formas Sublimes, do melhor jeito que o corpo castigado conseguia. As plantas erguiam-na, levando-a para perto de Emanuel. Serena, como se não visse o inimigo, ela continuava descrevendo os movimentos ritualísticos. O Dragão fez um gesto, mas a floresta não respondeu. Os galhos

rangeram, estremeceram, incertos sobre quem era seu mestre.

Então Emanuel foi atingido por uma pedrada.

– Saia de nossa cidade! – gritou Velma, o penteado bufante em frangalhos, o rosto ferido e marcado de lágrimas. – Santo Ossário não é sua! Vá embora!

O delegado Custódio Dutra apontou a espingarda.

– Você está preso, Emanuel.

Cornélius também tinha pedras nas mãos. Os policiais apontavam pistolas, a mira incerta pelo pavor. Enzo, o bêbado, aproximava-se furioso, segurando um cano de ferro.

– Vocês não são como eu – disse Emanuel, cheio de desprezo. – Vocês são...

– Humanos – Nicole completou.

O Dragão fez um novo gesto, mas mais uma vez a floresta não respondeu. Nicole continuava com as Formas Sublimes, e o poder de Arcádia era disputado em um cabo de guerra entre os dois. Custódio Dutra disparou, e também os policiais. As balas passaram longe de Emanuel, mas os cidadãos não eram varridos com tanta facilidade. Assim, o Dragão saltou na direção deles, pronto para cometer a indignidade de matá-los com a espada.

Mas Astarte surgiu em sua frente.

Emanuel estacou, quase se desequilibrando, enquanto o povo corria e se dispersava. O elfo sorriu, exibindo uma bala entre os dentes, as gengivas sangrando. Ergueu a mão, e outra bala estava em seus dedos, a pele esfolada e queimada, a mão sanguinolenta.

– O campeão da Rainha da Beleza usa uma pistola? – Astarte cuspiu a bala, zombeteiro. – Que prosaico.

E desferiu um soco monumental em Emanuel, atingindo-o em cheio no peito. O Dragão voou vinte metros, deu de encontro a um dos poucos prédios que continuavam de pé. Atravessou a parede, continuou voando, atravessou sucessivamente até que fosse arremessado para o outro lado da construção. Caiu rolando, mas logo se ergueu. Astarte e Nicole saltavam até ele.

Emanuel urrou. O sol do alvorecer brilhou com dourado puro. A floresta cresceu de novo, uma nova leva de flores, ainda mais magníficas e coloridas. O perfume era sufocante. O rosto da deusa tomava o céu.

Astarte ousou olhar para trás – pelo portal, já saíam os dedos delicados e monstruosos da Rainha. Ao mesmo tempo gigantescos e delgados. Era a mão mais bela que ele já vira.

Emanuel correu para eles. Tanto Astarte quanto Nicole tentaram discernir onde ele iria atacar, mas o Dragão estava em todos os lugares ao mesmo tempo. Perto

de cada um dos dois, de alguma forma. Golpeou com a espada; elfo e humana sofreram cortes, rolaram pelos destroços.

Nicole fez um gesto com a mão ferida, provocando espasmos de dor, e um tronco cresceu onde Emanuel estava, obrigando o Dragão a saltar para longe. Era um momento de alívio da barragem de ataques. O único que tinham.

– Use em mim o que você usou na fazenda! – gritou Nicole.

Astarte olhou para ela sem entender.

– Não pense, Astarte, apenas faça! *Você* me ensinou isso! Ela está próxima, nós estamos morrendo!

Emanuel já chegava de novo.

Astarte saltou em direção a Nicole, com as mãos abertas, os dedos estendidos. Golpeou a têmpora, as coxas, o tronco, os ombros.

Deu tempo para que o Dragão atingisse-o com um corte monumental nas costas.

Nicole rolou por uma ribanceira feita de destroços. Estava cega, surda, anestesiada. Não tinha controle de braços e pernas.

Nada podia fazer.

Emanuel desferiu outro golpe em Astarte, mas o príncipe bloqueou seu antebraço. Afastou-se e disparou o arco. A flecha deixou de existir antes de chegar a Emanuel.

Nicole nada podia fazer. Não contava com nenhum sentido.

Podia perceber apenas a vontade e o fluxo do mundo. Era incapaz de relutar, incapaz de resistir.

Assim, não podia mais lutar.

Mas *algo* lutava.



Nicole surgiu atrás de Emanuel com um salto monumental, sem esforço. Não sentia que era incapaz de mover a mão direita, e a coisa que lutava através dela não parecia se importar. Sacou uma flecha, encaixou-a na corda e disparou.

Atingiu Emanuel nas costas.

Astarte viu aquilo e sentiu-se inflamado de orgulho. A vontade da Rainha dominava tudo ao redor, mas o triunfo de Nicole – ainda que momentâneo – era mais forte. A vitória dela dava-lhe a certeza de sua própria vitória. Ele sabia que, juntos, não podiam falhar.

Disparou, e a flecha atingiu Emanuel no rosto. A máscara de ouro rachou ao

meio. Cada pedaço caiu para um lado, revelando uma face atônita.

Nicole continuava disparando, forçando o Dragão a se esquivar. Ele gesticulou para a floresta, que respondeu para protegê-lo, mas as flechas ignoravam cada obstáculo. Astarte também atacava, disparando em rápida sucessão, mantendo-o ocupado. Emanuel só podia se defender.

O rosto da Rainha fez-se visível no portal.

– *Astarte* – sua voz foi ouvida.

A agonia deliciosa daquele tom musical tomou a mente do elfo. Ele disparava contra Emanuel, mas o Dragão conseguiu bloquear as flechas. Nicole, atrás, fazia os tiros mais perfeitos – porque não era ela que atirava. O mundo transformava Emanuel em alvo.

Grunhindo, Astarte tentava focalizar os olhos no Dragão. Tentava achar uma brecha na defesa, uma falha definitiva na esquiva.

Tocou a aljava, e só lhe restava uma flecha.

Encaixou-a na corda do arco. Fez mira, procurando onde estava o erro, tentando proteger-se da vontade da deusa. Então, subitamente, compreendeu uma verdade fundamental.

Todos os tiros que já havia feito – que ele ou *algo* haviam feito – tinham um momento em comum. O instante logo antes que a corda fosse solta, o ponto sem retorno, o momento definitivo. Não só os tiros eram assim – tudo que ele jamais fizera possuía um momento como aquele.

Um momento em que acerto ou erro eram decididos.

Porque, secretamente, ele e todas as pessoas em Arcádia ou na Terra *decidiam* triunfar ou fracassar. Naquele momento.

Mesmo um mestre arqueiro, rendido a que *algo* atirasse, possuía um momento em que sua vontade poderia ser suprema ou inferior. E a falha, por mais que todos os seres em todos os mundos escondessem isso de si mesmos, era uma escolha.

Para triunfar, bastava decidir.

Naquele clarão de entendimento, Astarte tomou a decisão da vitória. Soltou a flecha sem nem mesmo dar-se conta da própria vontade. Alheio a tudo, foi o condutor para o fluxo, e disparou o tiro mais perfeito de sua vida.

A flecha enterrou-se fundo no estômago de Emanuel, antes que ele visse o que acontecia.

O Dragão caiu de joelhos. O ferimento da flecha parecia pequeno, perto de tudo que aqueles combatentes haviam sofrido. Mas era mortal, porque assim fora decidido. Súbito, Emanuel Montague viu-se incapaz de segurar a espada.

Deixou-a cair, sob dedos frouxos. A arma retiniu no chão, tornando-se uma faca.

Astarte correu para se aproximar dele, mas ouviu:

– *Meu filho.*

A angústia deslumbrante fez com que caísse de joelhos, com as mãos na cabeça. Emanuel correu para longe, tão bem quanto podia com a flecha cravada. Esgueirou-se para o meio de duas colinas de destroços.

Nicole, cega e surda, estava de pé, alheia a tudo.

Puxou uma flecha, encaixou-a. Ergueu o arco acima da cabeça e abaixou-o, retesando a corda, deixando-a na tensão máxima. Sem dor, sem esforço. Então os dedos soltaram a corda.

E *algo* atirou.

A flecha voou, fez uma curva para embrenhar-se entre os montes de ruínas onde Emanuel se escondera. O Dragão sentiu aquele projétil de vontade chegando perto. Teve tempo para virar-se, e foi atingido de novo.

A flecha de Nicole perfurou seu esterno. Emanuel Montague caiu para trás, sem conseguir se mover.

O arco foi solto das mãos de Nicole. Astarte arrastou-se até ela, fazendo força como se a vontade da Rainha puxasse-o fisicamente. Ergueu-se com dificuldade e golpeou a têmpora de Nicole, as coxas, os ombros, o peito, devolvendo-lhe os sentidos.

Os dois se olharam.

Sentiam a vontade de Emanuel fraca, ao longe. Sem trocar uma palavra, ampararam um ao outro, indo até o Dragão.

Ele ainda respirava. Nicole e Astarte ergueram-no. Emanuel gemeu. Levaram-no à frente do portal.

Os cidadãos de Santo Ossário surgiram atrás deles. Temerosos, hesitantes.

– Você foi derrotado – disse Nicole para o Dragão. – Está morrendo. Seus tesouros foram destruídos.

Em resposta a isso, Astarte mostrou-lhe a faca-espada. Apoiou a lâmina em uma pedra e pisou forte. Partiu-a, num retinir metálico, os dois pedaços reluzindo ao sol do amanhecer.

– Não resta mais nada do Dragão, Emanuel – disse o elfo.

– *Por favor* – ele disse, em voz fraca. – *Devolvam-me a ela.*

A face ofuscante da Rainha surgia no portal.

– Você é o ponto culminante disso tudo – falou Nicole. – Não se preocupe. *Será* devolvido.

Astarte aproximou-se ainda mais, desafiando o poder do portal. Agarrou

Emanuel pelo paletó.

– Santo Ossário, vejam o que fizemos com os invasores! – disse Nicole. Todos os cidadãos sobreviventes se reuniam ali, e a maioria dos escravos. Pouco mais de uma dezena de monges havia restado, e também se juntavam ao redor dos dois combatentes. – Expulsamos eles de *nossa* cidade!

– Fora daqui – disse Astarte, com desprezo, para Emanuel Montague.

– E você também, forasteira – Nicole ordenou na direção da Rainha.

Astarte jogou Emanuel para dentro do portal. O rosto da Rainha desvaneceu-se, enquanto o último sopro de vida deixava o corpo de seu último campeão.

Santo Ossário gritou em triunfo, e a vontade daqueles cidadãos empedernidos floresceu. Mais forte que qualquer assassino, que qualquer invasor.

Muito mais forte que uma deusa.

Capítulo 41
O último lar

Os defensores seguravam tochas e pedras. Arcos e flechas. Canos e lâminas élficas. Um punhado havia agarrado armas deixadas para trás pela Gladius, e desses meia dúzia talvez até soubesse usá-las. Os sobreviventes de Santo Ossário eram um único povo – não importava se antes fossem cidadãos ou turistas. Haviam sido escravizados, aterrorizados. Haviam visto suas famílias morrerem, serem aprisionadas.

E agora recuperavam a dignidade. Postavam-se de cabeça erguida, ao redor de Nicole e Astarte.

– Isto é Santo Ossário – sorriu a garota.

– Somos nós – disse o elfo.

– Astarte?

Ele olhou em seus olhos.

– Estou perdendo muito sangue.

As pernas fraquejaram um instante, o elfo amparou-a. Ele mesmo estava fraco, e mal conseguiu sustentar o peso. Pessoas desconhecidas e conhecidas, cidadãos e monges vieram ajudar. Logo surgiu alguém que afirmava ser um enfermeiro, mas Nicole não deixou que cuidassem dela além do básico. Havia casos piores. Havia toda uma cidade para ser vasculhada em busca de feridos.

– E ainda não estamos seguros – disse Astarte.

A Rainha havia recuado do portal, afastada pela vontade do casal e dos sobreviventes. Mas impressões dela ainda estavam por tudo, como se aguardassem em emboscada. Num momento de distração, notava-se o sorriso no formato de uma cratera. Quando a visão se embaçava pelo cansaço, uma pilha de carros reluzia com os tons de suas joias.

O portal continuava aberto, e ela não foi derrotada. Eles haviam dado tudo de si para vencer seu exército, seu campeão. Agora estavam em farrapos e quase mortos – e ainda havia a passagem para Arcádia, onde a deusa tinha uma eternidade inteira para aguardar e atravessar.

– O que vamos fazer? – disse Nicole.

Ela quase já sabia. Adivinhava o destino inevitável, mas uma voz firme cortou o raciocínio:

– Vamos reunir o que restou desses degenerados e expulsá-los daqui – disse o delegado Custódio Dutra.

Ainda havia elfos. Não guardavam uma fração da majestade anterior. Espiavam os humanos com olhos arregalados e movimentos incertos. Aos poucos, foram surgindo de trás das árvores, do meio dos escombros, de uma dezena de esconderijos. Tão acovardados e encurralados quanto os humanos haviam estado em Arcádia. Elfos não estavam acostumados à derrota. Não estavam acostumados a um verdadeiro teste. Ver suas forças esmagadas pela raça que consideravam inferior transformara-os em ovelhas. Mesmo com sinais da deusa por perto, eles sentiam a vontade da Rainha recuando, e seus próprios espíritos diminuindo, espremidos sob a mira de armas. Astarte ouvia os pensamentos amedrontados.

– Fora! – gritou Velma, ameaçando um elfo com uma espada. – Esta cidade é nossa!

E assim os elfos retornaram pelo portal, sob a vista daquela gente simples e talvez simplória, cuja vida até pouco tempo atrás se resumira a televisão e fofocas de cidade interiorana. Custódio Dutra, Enzo, Cornélius, Velma, Thales Veracruz e tantos outros os observavam, com coragem que nunca sabiam ter existido, porque nunca fora necessária. Talvez morressem dali a algumas horas, porque os ferimentos eram graves.

Mas não importava – naquele momento, eram vitoriosos.

Quando o último elfo cruzou de volta a Arcádia, algumas flores murcharam. O sol elevou-se um pouco, sinalizando que o alvorecer não era eterno. A presença e a vontade da Rainha recuaram mais.

Mas, é claro, não era o último elfo.

Restava Astarte.

– Ela pode voltar, Nicole – ele disse para a garota. Todos ouviam. – Ela *vai* voltar. Para os elfos, o domínio sobre a Terra acabou há um piscar de olhos. Eles se acham os senhores do mundo. Dos dois mundos.

– Eu sei – Nicole segurou suas mãos.

A mão direita, enfaixada às pressas pelo tal enfermeiro, não tinha movimento, mas o contato das ataduras era tão delicioso quanto uma carícia.

– Eles não podem mais ter filhos, não é mesmo? – A garota mordeu o lábio inferior. – Você é o último filho de Arcádia. Matou os maiores guerreiros da

Rainha. Nós enfraquecemos as tropas e quebramos os objetos do Dragão. Eles não podem invadir com tanta facilidade.

– Ela é uma deusa, Nicole.

Nicole conhecia a verdade. O que não a impedia de rebelar-se contra o inevitável, como sempre fizera.

– Ela é uma deusa – repetiu Astarte. – Nada que fizemos aqui representa qualquer coisa para ela. Emanuel era apenas um guerreiro imbuído com seu poder. Se um dia ela decidir caminhar sobre a Terra...

Nem mesmo as maiores forças mundanas seriam capazes de detê-la. Nem mesmo o poderio de todas as nações. Apenas outro deus profano poderia enfrentá-la – e uma guerra daquele tipo levaria a outra devastação em escala planetária. Outra onda de destruição da qual o mundo levaria milhões de anos para se recuperar.

A única coisa que havia impedido a Rainha da Beleza de atravessar para o mundo físico fora o isolamento de Arcádia.

Mas agora havia um portal aberto, que ninguém fazia ideia de como fechar.

– Temos algum tempo, pelo menos, não é? – disse Nicole, com um sorriso triste, uma decepção antecipada.

– Ela tem a eternidade.

– Pode haver um meio de fechar o portal! Algum livro, algum ritual perdido.

– Onde?

O maior depósito de conhecimento sobre Arcádia em Santo Ossário estivera no casarão dos Manzini – destruído. O mosteiro de Ynilaguenne continha conhecimento, mas também não restava nada, e os irmãos mais antigos haviam se sacrificado na batalha. Poderiam vasculhar as mansões dos Strauss. A casa de Emanuel Montague. Mas sabiam que a Rainha não revelava mais do que o necessário aos servos.

Não havia por que ensinar-lhes como reverter o ritual.

Talvez não houvesse como revertê-lo. Afinal, no passado os dois mundos eram ligados. O isolamento nunca foi ordem natural.

E o portal continuava aberto, com uma deusa sorrindo do outro lado.

Nicole virou-se para o povo. Alguns já adivinhavam o que ela iria dizer. A maioria apenas observava, repleta de orgulho ou escondendo o temor. Tentando compreender ou aceitando o turbilhão.

– Nossa inimiga é invencível – disse a garota. Deu de ombros e ajeitou os óculos, como se fosse uma pessoa comum. – E não há nada que nos separe dela. A Rainha está em nosso quintal, e a porta está aberta.

Era uma metáfora que todos entendiam, por terem vivido com os caçadores à solta. A Rainha era a maior caçadora de todas, e qualquer impressão de segurança era ilusória.

– Mesmo isolada durante milhões de anos, ela foi capaz de enviar sonhos e visões à Terra. Foi capaz de imbuir cientistas com as fórmulas para criar um elfo! Seus mais reles plebeus podiam abduzir humanos, realizar experimentos dolorosos.

Silêncio. Apenas o crepitar dos incêndios e o ranger da cidade em ruínas.

– O que ela fará com nosso mundo sem barreira alguma?

Os casais se abraçaram. Pais e mães seguraram forte os filhos. Monges respiraram fundo e empertigaram-se, acostumados ao dever árduo.

Astarte tomou a palavra:

– Até hoje, apenas duas coisas conseguiram fazer frente à Rainha. Deuses tão malignos quanto ela, que também desejam nos torturar e escravizar.

– E Santo Ossário – completou Nicole.

Santo Ossário fizera frente à Rainha. Pelo poder de Arcádia ou pela vontade dos defensores, houvera naquela pequena cidade uma gente capaz de rechaçá-la.

– Somos tudo que resta entre a Rainha e a Terra – disse Nicole. Então demorou para continuar: – E nossa cidade está isolada do mundo.

Havia uma cerca mística em volta de Santo Ossário, feita pelos próprios inimigos. Nenhuma informação entrava ou saía. Ninguém era capaz de atravessar para o mundo exterior; nem mesmo as tropas élficas. O plano da Rainha envolvera reunir as forças ali, até que houvesse poder e contingente para esmagar toda a civilização humana.

Santo Ossário estava isolada, presa com o inimigo.

O resto do mundo estava protegido.

– Temos uma escolha – disse Nicole. – Podemos *permanecer* assim. Continuar aqui, vigilantes. A última linha de defesa da Terra. Ou podemos quebrar a cerca, e esperar que outras pessoas resolvam o problema.

Os monges andaram como um só, postando-se ao lado do casal. Os cidadãos murmuraram entre si. Súbito, Thales Veracruz elevou a voz:

– Escolha? Não há escolha alguma!

Todos voltaram-se para ele.

– Aqui é nosso lar. É a cidade para onde todos voltam. É claro que não vamos abandonar Santo Ossário! O que pode haver de tão interessante no resto do mundo, afinal?

Velma desabou em lágrimas e abraçou-o. O delegado assentiu, sem palavras,

para Nicole.

Ela segurou forte a mão de Astarte.

– Tem certeza? – disse o elfo. – Você nunca quis ficar aqui.

Ela balançou a cabeça.

Nicole nunca mais iria embora. Nunca concluiria o mestrado, nunca realizaria seus planos. Nunca mais teria a vida que construíra com tanto esforço – e que havia desmoronado na Europa, duas eternidades atrás. Nunca mais escaparia da pequena cidade pitoresca, das pessoas que conheciam seu nome, da terra onde passara a infância. Da humanidade.

– Bem, eu salvei o mundo – Nicole sorriu. – É alguma coisa, não?

– Eu ajudei – disse Astarte.

– Talvez. Um pouco.

Abraçaram-se.

– Eu sempre quis ficar aqui – o elfo sussurrou em seu ouvido. – Apenas não sabia.

Então se colocaram lado a lado e puseram-se a realizar as Formas Sublimes.

Pois ninguém sabia como fechar o portal – mas Astarte foi criado com o poder de expandi-lo.

Sob o olhar assombrado do povo, Nicole Manzini e Astarte fizeram movimentos ritualísticos, e o portal cresceu. O contorno de flores aumentou de tamanho, as cores se multiplicaram, o perfume tornou-se mais intenso. A paisagem de Arcádia ficou mais e mais clara do outro lado, mostrando toda a perfeição terrível, que os ameaçava para sempre.

– Vai haver alívio algum dia? – perguntou Nicole, em voz baixa.

– Acho que não – Astarte respondeu.

O portal crescia, e Arcádia ficava mais nítida. Com Arcádia, tudo que ela significava: beleza, opressão, harmonia, magia e eternidade. Um formigamento inexplicável tomou conta de todos ali, quando o tempo parou de correr em Santo Ossário, congelando-os na idade em que estavam. Eles se preparavam para um cativeiro eterno e autoimposto.

O portal aumentou no céu, substituiu as nuvens e as cores do alvorecer. Então as bordas da passagem alcançaram a cerca ao redor do município, e um brilho dourado tomou a visão. A passagem uniu-se à cerca. Não seria possível derrubar uma sem derrubar a outra.

O próprio poder de Arcádia manteria a Rainha afastada, do outro lado.

Santo Ossário existiria para sempre entre os dois mundos. Uma barreira feita de magia e sacrifício, de pessoas sem alternativa e outras que naquilo haviam

encontrado um propósito. Uma barreira feita de vontade, de coragem contra um inimigo avassalador.

No final, Nicole e Astarte desabaram nos braços um do outro. Ofegaram, até que uniram-se em um beijo sublime. O primeiro que trocavam sem que estivessem sob ataque, sem que estivessem em um sonho.

Seu primeiro beijo real, sem que o futuro estivesse incerto.

O futuro estava mais certo do que nunca.

– Será que *nós* podemos invadir o outro lado? – disse Nicole, com um sorriso matreiro.

– Você gostaria de fazer isso?

Havia inimigos em Arcádia. Talvez, um dia, eles encontrassem condições de levar a luta até lá. Caçar os caçadores.

– Depois – ela falou, com um suspiro. – Agora estou cheia de dores, e só quero ficar com você.

– Você é uma pessoa horrível – sorrindo.

– E você me ama mesmo assim.

Beijaram-se de novo, em meio às ruínas e incêndios. Sobre os escombros e sob a maravilhosa terra dos elfos, onde uma deusa vingativa esperaria para sempre a chance de voltar.

Capítulo 42
A solução do enigma

AQUELA ERA A ETERNIDADE.

O sol se erguera há muitos meses, ou então há poucas horas. Não era mais alvorecer na cidade entre os mundos. A floresta recuara, mas então se mantivera estática. As pessoas haviam reconstruído seus lares, formado novas vidas e remendado vidas antigas.

Um momento era igual ao outro. O tempo não fazia sentido, quando tudo era para sempre. Santo Ossário compreendia os elfos. Assim, os cidadãos passaram o início da eternidade erguendo casas e prédios, recolhendo escombros.

E principalmente escavando tumbas.

Os caídos eram incontáveis, e a cidade era mesmo um ossário. Um cemitério, como os do centro da Fortaleza de Aubeleine e do mosteiro de Ynilaguenne. Covas nos jardins místicos – amigos e inimigos, defensores e assassinos. Aqueles mortos seriam para sempre os companheiros dos cidadãos, entre Arcádia e a Terra. Num tempo que não era tempo, num mundo que não era mundo.

Em número talvez ainda maior, havia os mortos de quem nada restava. Que haviam deixado só recordações. Os sobreviventes se esforçavam para se lembrar de cada um e registrar nomes, fossem quem fossem. Também esses cadáveres feitos de memória recebiam tumbas.

Nicole e Astarte mais uma vez visitavam um cemitério de lembranças.

O passo unido já era rotina. Estavam acostumados a caminhar daquela forma, com os dedos entrelaçados e os passos sincronizados. O que antes era extraordinário em um sonho, agora era realidade eterna. E, por ter custado tão caro, cada instante era precioso.

A união trazia conforto enquanto eles liam os nomes nas lápides:

Ariman.

Cellianna.

Abel Montague.

Não havia cerimônia que pudesse explicar o sacrifício ou amenizar a perda. A única coisa que podiam fazer era lembrar, e saber que nada tinha sido em vão.

– Você preferiria nunca ter despertado na Terra? – disse Nicole, de repente.

Astarte olhou-a por longos segundos.

– Se eu nunca tivesse despertado, nunca teríamos nos conhecido – falou.

– Não foi isso que perguntei. Se pudesse escolher, teria ficado em Arcádia, ignorando a verdade? Preferiria que não houvesse tanta morte?

Não havia pressa para a resposta. Continuaram andando.

Encontraram as tumbas e memoriais para aqueles que haviam morrido longe:

Yaslar.

Rhaewodd.

Vyslanna.

Seandros.

Harallad.

– Não adianta esbravejar contra o que *é* – disse Astarte. – Isto aconteceu. Somos arqueiros, e não relutamos.

O arqueiro aceitava. O arqueiro reconhecia a vontade do mundo, e deixava que fluísse por ele. Para o arqueiro, não havia tristeza.

– Para não sentir a tristeza de ter perdido tanta gente, é preciso abrir mão da felicidade de tê-los conhecido – Nicole retrucou. – Sem tristeza no erro, sem alegria no acerto. Talvez seja difícil demais.

E continuaram.

Chegaram à tumba mais dolorosa. Nicole achava que, pela eternidade, sentiria a falta daquele homem:

Felix Kowalski.

Durante um tempo enorme, olharam as letras na lápide. O bigode ruivo aparecia em suas lembranças. Parecia absurdo que nunca mais ouviriam sua voz forçando-lhes bom senso ou despejando teorias.

– Saudade é relutar contra o mundo – Nicole falou, recordando o sonho que os dois haviam compartilhado, antes das grandes batalhas.

Então se agachou e recolheu algumas flores do chão. Havia flores de todos os tipos em Santo Ossário, e todas eram perfeitas. Ao largá-las sobre o túmulo de Felix, Nicole viu que o arranjo era sublime. Irretocável, pois a autora não fora ela – *algo* as arranjara.

O arranjo floral explicava o que os humanos chamavam de “saudade”. Aquele não era um conceito élfico. Ao dispor as flores, Nicole foi invadida por uma onda de paz e alívio. Como praticante das disciplinas élficas, ela não tinha apego

ou raiva ao que acontecia. Apenas sentia o mundo fluir por si, com a perfeição que só era alcançada abandonando-se as tentativas.

– Conheci a felicidade por ter despertado na Terra – disse Astarte. – Era onde você estava. Não pertenço a nenhum dos mundos. Pertenço a você. Você é o mundo para mim, Nicole, você é o fluxo. Você dispara meu arco, e estou completo quando me abro à sua vontade.

– Isto não é felicidade – disse Nicole. – É algo maior.

Era um estado perfeito. Algo que não podia ser expresso ou percebido, que apenas *era*, e era maior do que tudo.

O memorial perdeu o ar de melancolia, e eles trocaram um beijo pleno. Mais do que paixão, uma entrega que transcendia o tempo. Começou antes de se conhecerem, e iria até a eternidade.

Mais à frente, uma última tumba. Evitada por todos, e principalmente por ela.

– Quer voltar para casa? – disse Astarte.

– Desta vez, não – Nicole mordeu o lábio. – Vamos continuar.

Todos haviam recebido memória em Santo Ossário. Eles seguiram e, ao contrário das visitas anteriores, não havia tensão em Nicole. Enfim, enxergaram a lápide:

Salomão Manzini.

Ao abraçar as disciplinas élficas, o arqueiro abria mão da dor da perda.

E do ódio contra os inimigos.

Pela primeira vez, Nicole não sentiu coisa alguma ao ler o nome do pai. Não havia perdão nem rancor. Apenas o que *era.* O vento soprou, empurrando algumas flores para a tumba de Salomão. Um arranjo perfeito.

Os dois sentiram Santo Ossário fluir por eles. Não havia raiva, apenas harmonia. Não havia morte, não havia vida: havia *algo.*

Havia Santo Ossário e seus guardiões.

Nicole e Astarte ficariam ali eternamente. Sem alguns dos maiores sonhos, mas também sem bombas atômicas. Sem cultistas e assassinos, sem lordes traidores e palácios macabros. Guardando para sempre; para sempre de arco em punho e corda retesada. Paz na tensão máxima, sem esforço, até que *algo* disparasse. O inimigo estaria à espreita, mas eles estariam ali.

Entre Arcádia e a Terra, entre o horror e a felicidade.

Entre Santo Ossário e o amor.

Agradecimentos

COMO TODO LIVRO, ESTE FOI uma jornada longa – e às vezes difícil. Contudo, não foi uma jornada que tive de trilhar sozinho. Ingratos não servem nem para serem sacrificados a deuses malignos, então vamos lá.

Obrigado a Raphael Draccon, Carolina Munhóz e todo o pessoal da Fantasy/Casa da Palavra. Seus comentários, dicas e até puxões de orelha foram fundamentais, e com certeza esta obra não seria a mesma sem eles. A Rafael e Guilherme Dei Svaldi, por me apoiarem durante tanto tempo. A Marcelo Cassaro, Rogerio Saladino e J.M. Trevisan, por alavancarem o início da minha carreira. Ao prof. Assis Brasil, por ser um mentor que sempre está comigo.

Obrigado a Eduardo Spohr, por toda a ajuda ao longo dos anos e pelos conselhos valiosos. A PH Santos, por ser meu guia on-line e amigo fiel off-line. A Emília Giuliani, por, mesmo longe, estar comigo na semana do copydesk.

Obrigado a Álvaro Freitas, pelas dicas da língua élfica. A Felipe Picon, pela orientação sobre manicômios. A Gustavo Brauner, pela descrição da vida acadêmica. Mais uma vez a Guilherme Dei Svaldi, pela aula de estrutura empresarial. Quaisquer erros ou omissões nesses elementos são culpa minha ou necessidade estética do livro – nunca falhas dos meus consultores.

E, é claro, muito obrigado a todos os leitores. A todo mundo que se interessa, comenta no site, divulga ou apenas se diverte com os livros. Aos blogueiros, resenhistas e podcasters. Vocês são a pedra fundamental disso tudo.

É isso. No próximo livro, vamos para bem longe de Santo Ossário. Até lá!